

CHARLOTTE BRONTË

Villette



 PEDRAZUL
EDICIÓN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Notadamente autobiográfico, *Villette* foi o último romance publicado em vida por Charlotte Brontë. Nele, ela atingiu o auge de seu poder artístico. É o trabalho mais completo e profundamente sentido da autora, superando até mesmo *Jane Eyre* em aclamação da crítica. O livro é narrado por Lucy Snowe, que foge da Inglaterra e de um passado trágico para se tornar preceptora e, mais tarde, professora de inglês em um pensionato francês dirigido por Madame Beck, na cidade fictícia de Villette. Lá, ela inesperadamente confronta seus sentimentos de rejeição, saudade, abandono e luta pelo amor de um homem. Apesar da adversidade e da decepção, Lucy sobrevive para contar a visão irrestrita da jornada de uma vida turbulenta, uma viagem de uma mulher sozinha, os sentimentos conflituosos por dois homens tão diferentes como o fogo e o gelo, Monsieur Paul Emanuel e doutor John Graham Bretton, e um futuro incerto.

Sumário

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[CAPÍTULO XIV](#)

[CAPÍTULO XV](#)

[CAPÍTULO XVI](#)

[CAPÍTULO XVII](#)

[CAPÍTULO XVIII](#)

[CAPÍTULO XIX](#)

[CAPÍTULO XX](#)

[CAPÍTULO XXI](#)

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[CAPÍTULO XXV](#)

[CAPÍTULO XXVI](#)

[CAPÍTULO XXVII](#)

[CAPÍTULO XXVIII](#)
[CAPÍTULO XXIX](#)
[CAPÍTULO XXX](#)
[CAPÍTULO XXXI](#)
[CAPÍTULO XXXII](#)
[CAPÍTULO XXXIII](#)
[CAPÍTULO XXXIV](#)
[CAPÍTULO XXXV](#)
[CAPÍTULO XXXVI](#)
[CAPÍTULO XXXVII](#)
[CAPÍTULO XXXVIII](#)
[CAPÍTULO XXXIX](#)
[CAPÍTULO XL](#)
[CAPÍTULO XLI](#)
[CAPÍTULO XL](#)
[APÊNDICE / GLOSSÁRIO](#)
[FICHA CATALOGRÁFICA](#)

CAPÍTULO I

Bretton

Minha madrinha morava em uma linda casa na cidade limpa, elegante e antiga de Bretton. A família do seu marido tinha morado lá havia gerações, e, acredito, devido a isso, o nome do lugar também era *Bretton*. Na verdade, eu não sei se foi coincidência, ou porque algum ancestral remoto havia sido um personagem bastante importante, o suficiente para legar seu nome à sua terra.

Quando eu era uma menina ia a *Bretton* cerca de duas vezes por ano e sempre adorava as visitas. A casa e seus moradores me agradavam de forma especial. As grandes salas tranquilas, os enormes e aconchegantes quartos, a disposição dos móveis, as largas janelas que davam luminosidade a casa, a varanda voltada para uma rua antiga e acolhedora, que parecia ser a morada dos domingos e feriados – tão tranquila era a sua atmosfera e tão limpo o seu pavimento –, essas coisas me agradavam muito.

Uma criança em um lar de pessoas adultas é geralmente muito mimada e eu era muito bem cuidada pela senhora Bretton, que havia ficado viúva e com um filho antes de eu a conhecer. Seu marido, um médico, tinha morrido enquanto ela era ainda uma jovem mulher.

Nas minhas lembranças, ela não era jovem, mas ainda era bonita, alta, bem-feita de corpo, e, apesar de morena demais para uma inglesa, trazia sempre no rosto a vivacidade dos alegres olhos negros e a tenacidade da saúde. As pessoas lamentavam que ela não tivesse fornecido a cor de sua pele ao filho, cujos olhos eram azuis – muito penetrantes ainda na infância – e a cor de seu longo cabelo que os amigos não se atreviam a especificar como dourado, salvo quando refletidos pelo sol. Entretanto, ele ainda herdava características da sua mãe, como os bons dentes, a estatura (ou a promessa dela, pois ele ainda estava em fase de crescimento), e, o que era melhor, a boa saúde e o espírito calmo e estável, que são melhores do que uma fortuna para quem os possui.

No outono de um ano que, no momento, não me recordo, eu estava hospedada em *Bretton*. A minha madrinha tinha me buscado pessoalmente

para ficar com ela. Na época, eu vivia com uns parentes com os quais estava fixada minha residência. Eu acredito que ela previa claramente certos eventos de que eu não suspeitava, sendo que uma leve suspeita seria suficiente para me transmitir imensa tristeza. Fiquei muito feliz com aquela atitude, pois me fez mudar de ambiente e de companhia.

O tempo sempre fluía sem problemas para mim ao lado da minha madrinha. Não era tumultuado, porém suavemente, como o fluir de um rio através de uma planície. Minhas visitas a *Bretton* se assemelhavam à estada do sedento junto a um agradável rio com frondosas árvores, cujas sombras cobriam ambas as margens, e campos ornamentados de lírios durante todo o ano.

Não havia variedade, nem a emoção dos acontecimentos importantes, mas eu gostava da paz e procurava tão pouco estímulo, que quando eles surgiam quase sentia perturbação, e eu ansiava que ela se fosse e se mantivesse bem distante.

Um dia chegou uma carta inesperada e seu conteúdo causou surpresa à senhora *Bretton*, e alguma preocupação. A princípio pensei que fosse da minha casa, e fiquei inquieta, trêmula, esperando uma notícia desastrosa. Contudo, nenhuma referência foi feita e a nuvem pareceu passar.

No dia seguinte, no meu retorno de uma longa caminhada, ao entrar em meu quarto, encontrei uma mudança inesperada. Além de minha cama francesa em seu recesso escuro, apareceu em um canto outra pequena cama, coberta com lençol branco. E, além da minha cômoda de mogno, vi um pequeno baú de pau-rosa. Fiquei imóvel, olhei e refleti:

“De quem serão essas coisas e o quê isto quer dizer?” – perguntei a mim mesma. A resposta era óbvia. “Um segundo hóspede estava chegando. A senhora *Bretton* esperava outros visitantes.”

Quando desci para jantar, seguiram-se as explicações. Disseram-me que em breve eu teria uma menina como companheira: a filha de um amigo e parente distante do falecido doutor *Bretton*. Disseram-me, ainda, que a menina tinha acabado de perder sua mãe. Embora, na verdade, acrescentou em seguida a senhora *Bretton*, a perda não fora tão grande como pareceu à primeira vista. A falecida senhora *Home* (acho que era esse o nome) tinha sido muito bonita, mas uma mulher leviana e descuidada, que tinha negligenciado sua filha, desapontado e desiludido o marido. Assim, longe de ter sido agradável, aquele casamento resultara numa separação – por mútuo

consentimento, e não depois de qualquer processo legal. Logo depois desse acontecimento, minha madrinha tinha me explicado que a senhora Home, tendo se excedido em um baile, contraíra um resfriado, uma febre e morrerá subitamente. Seu marido, naturalmente um homem sensível, abalado pela notícia repentina, convenceu-se, então, de que havia agido com excessiva severidade e que a sua falta de paciência e indulgência haviam contribuído para apressar-lhe o fim. Ele culpou-se a ponto do seu estado mental ser seriamente afetado. Os médicos insistiram na ideia de que uma viagem seria um bom remédio, e, portanto, a senhora Bretton se ofereceu para tomar conta de sua filhinha.

– Espero – acrescentou a minha madrinha, concluindo – que a criança não seja como a mãe, a mulher mais tola e frívola com quem um homem sensato poderia ter se casado. Porquanto – disse ela – o senhor Home é um homem sensato, embora não muito prático. Ele gosta de ciência e passa a metade da sua vida em um laboratório tentando experimentos, coisa que aquela leviana não poderia compreender nem suportar, e, na verdade – confessou a minha madrinha – eu mesma não suportaria um homem assim.

Em resposta a uma pergunta minha, informou-me, ainda, que o seu falecido marido costumava dizer que o senhor Home tinha herdado aquela aptidão científica de um tio materno, um sábio francês, pois parece que ele era de origem mista, francesa e escocesa, e tinha parentes que agora viviam na França.

Naquela mesma noite, às nove horas, um criado foi enviado ao encontro da diligência em que era esperada a pequena hóspede. A senhora Bretton e eu ficamos sentadas sozinhas na sala de visita à espera dela. John Graham Bretton estava ausente em uma visita a um de seus colegas de escola que vivia no campo. A minha madrinha lia o jornal enquanto esperava, eu costurava. Era uma noite chuvosa, o temporal açoitava os vidros das janelas e o vento parecia irritado e inquieto.

– Pobre criança! – dizia a senhora Bretton de vez em quando. – Que tempo para viajar! Eu gostaria que ela estivesse aqui em segurança. Tomara que não aconteça nenhuma desgraça.

Um pouco antes das dez, a campainha anunciou o retorno de Warren. Tão logo a porta foi aberta, corri para o *hall*. Havia ali uma mala e algumas caixas. Ao lado delas, uma pessoa que devia ser a ama da menina, e ao pé da escada, estava Warren com um pacote nos braços envolto num xale.

“Será que é a criança?”, eu indaguei. Warren passou por mim e eu ia abrir o xale para dar uma olhada no rosto, mas ela foi mais rápida e agarrou ao ombro de Warren.

– Coloque-me no chão, por favor – disse uma vozinha, quando Warren abriu a porta da sala de estar – e tire esse xale – continuou a menina, extraindo com sua mãozinha o que a prendia, e, com uma espécie de pressa exigente, tirou o grosseiro embrulho que a cobria. A criatura que agora apareceu fez uma tentativa hábil para dobrar o xale, mas era grande e pesado demais para ser manuseado por aquelas mãos e braços. – Dê-o a Harriet, por favor – disse ela. – Ela pode guardá-lo.

Livre do xale, a menina virou-se e fixou os olhos na senhora Bretton.

– Venha aqui, querida, disse a senhora. – Deixe-me ver se você está fria e molhada. Com esse temporal, não me admira se estiver tiritando de frio. Venha se aquecer no fogo.

A criança avançou rapidamente. Sem o xale, ela parecia muito franzina, devia ter uns cinco a seis anos, no máximo, mas se via que tinha feições perfeitas: era bonita, educada e desembaraçada. Sentada no colo amplo da minha madrinha, ela parecia uma boneca. Seu pescoço, delicado como cera, os cabelos cacheados e sedosos, aumentavam a semelhança. Pensei quieta em meu canto.

A senhora Bretton falava meigamente enquanto ia aquecendo as mãos, braços e os pés da criança. A menininha, inicialmente, olhava para a minha madrinha com olhar melancólico, mas logo um sorriso despontou em seus lábios. A senhora Bretton, geralmente, não era uma mulher carinhosa. Até com seu filho, que ela adorava, raramente agia de forma sentimental, muitas vezes o contrário, mas quando a estranha pequena lhe sorriu, ela a beijou e perguntou: – Qual é o nome da minha pequena?

– Missy.

– Mas, além de missy?

– Polly, é como me chama o papai.

– Será que a Polly vai gostar de morar comigo?

– Para sempre, não; mas até o papai voltar para casa. Papai foi embora – ela balançou a cabeça de forma expressiva.

– Ele vai voltar para buscar a sua Polly – disse a minha madrinha.

– Será que ele vai, senhora? Tem certeza de que ele vai voltar?

– Eu acho que sim.

– Mas, a Harriet pensa que não. Pelo menos durante muito tempo. Ele está doente.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela tirou a mão da senhora Bretton e fez um movimento para deixar seu colo, mas como a senhora Bretton tentou segurá-la, então ela disse:

– Por favor, eu gostaria de ir. Posso sentar em um banquinho.

A senhora Bretton colocou-a no chão suavemente. A menininha foi em busca de um banquinho e levou-o para um canto onde a sombra era profunda, e sentou-se. A senhora Bretton, apesar de severa em questões graves, era até mesmo uma mulher categórica, muitas vezes permitia ninharias: deixou a criança fazer como desejava. Ela me disse: – Não faça caso no momento. Deixe-a lá em seu canto. Está aborrecida.

Eu, porém, fiquei atenta. Vi Polly descansar seu pequeno cotovelo nos joelinhos e a cabeça na mão; eu a observava e a vi tirar do bolso de sua saia um lenço e depois a ouvi chorar. Outras crianças, magoadas e em sofrimento e dor, choram em voz alta, sem vergonha ou contenção, mas aquele choro era baixo. Soluçava baixinho, tão baixo que a senhora Bretton não a ouvia e não testemunhava a sua emoção, o que foi até bom. Pouco depois, uma voz vinda do canto exigiu: – Toque o sino para chamar Harriet.

Eu toquei e a ama veio.

– Harriet, gostaria de me deitar. Você deve perguntar onde é a minha cama – disse a criança, pouco amável.

Harriet deu a entender que já se informara.

– Pergunte se você pode dormir comigo, Harriet?

– Não, missy – disse a ama. – Você vai compartilhar o quarto com aquela jovem senhora – e apontou para mim.

Missy não deixou seu assento, mas eu vi seus olhos me procurarem. Depois de alguns minutos em silêncio, ela saiu do seu canto.

– Desejo-lhe, minha senhora, uma boa-noite – disse ela à minha madrinha, mas passou por mim muda.

– Boa noite, Polly – eu disse.

– Não há necessidade de nos desejar boa noite, pois vamos dormir no mesmo quarto – com esta resposta ela desapareceu da sala. Ouvimos Harriet oferecendo-se a levá-la para cima. – Não é preciso – foi novamente a resposta. – Não é preciso, não é preciso – e seu pequeno passo cansado soou pela escada.

Quando fui para a cama, uma hora mais tarde, encontrei-a ainda acordada. Tinha arrumado seus travesseiros, de modo a apoiar a sua pequena pessoa em uma postura sentada: suas mãos, uma dentro da outra, descansavam no lençol, numa atitude nada infantil. Abstive-me de falar com ela por algum tempo, mas pouco antes de apagar a luz, eu recomendei que se deitasse.

– Daqui a pouco – foi a resposta.

– Mas está muito frio, missy.

Ela tirou uma minúscula peça de roupa da cadeira, ao lado da caminha que mais parecia um berço, e com ela cobriu os ombros. Deixei-a fazer como queria. Ouvindo um tempo depois na escuridão, percebi que ela ainda chorava; um choro contido, dominando-se.

Ao acordar com a luz do dia, um barulho de água escorrendo chamou a minha atenção. Lá estava ela, sobre um banquinho perto do lavatório, inclinando com dificuldade o jarro (que ela não conseguia levantar), de modo a derramar a água na bacia. Estava curiosa para ver como ela se lavava e se vestia tão pequena, atarefada e silenciosa. Era evidente que ela não fora acostumada a executar a sua própria *toilette*^[1]. Os botões, colchetes e ilhós ofereciam dificuldades que ela vencida com uma perseverança que valia a pena testemunhar. Dobrou sua camisola, alisou cuidadosamente a roupa de cama e retirou-se para um canto do quarto onde a cortina branca não permitia que eu a visse. Ficou imóvel. Ergui-me da cama momentaneamente para ver o que ela estava fazendo. De joelhos, com sua testa dobrada em suas mãos, percebi que ela estava rezando.

Sua ama bateu na porta. Ela levantou-se.

– Estou vestida, Harriet. Vesti-me sozinha, mas não me sinto arrumada. Arranje-me melhor.

– Por que se vestiu sozinha, missy?

– Silêncio! Fale baixo, Harriet. Senão vamos acordar a menina (referindo-se a mim, que estava deitada com os olhos fechados).

– Vesti-me sozinha para aprender para quando você for embora.

– A missy quer que eu vá?

– Quando você está zangada, quero muitas vezes que vá embora, mas, agora não. Amarre a minha faixa reta e penteie-me melhor, por favor.

– A faixa está muito bem, missy.

– Deve ser amarrada novamente. Aperte-a, por favor.

– Pronto. Quando eu for embora, você deve pedir a ajuda daquela jovem para se vestir.

– De forma alguma.

– Por quê? Ela é uma jovem muito bonita e simpática. Espero que você seja boazinha para com ela, missy, e não mostre o seu mau gênio.

– Ela não deve vestir-me em nenhum caso.

– Você é muito engraçada.

– Você não está passando o pente em linha reta através do meu cabelo, Harriet, assim não vai ficar liso.

– Ai, você é difícil de agradar. Está bem assim?

– Muito bem. Onde eu devo ir agora que estou vestida?

– Vou levá-la para o café da manhã.

Dirigiram-se para a porta, mas a menina parou.

– Oh! Harriet, eu queria tanto que esta casa fosse do papai! Eu não conheço essas pessoas.

– Seja boazinha, missy.

– Eu sou boa, mas sofro aqui – e colocou a mão no coração, gemendo:

– Papai! Papai!

Levantei-me para ver esta cena, enquanto elas ainda estavam no quarto.

– Diga bom dia para a jovem – ditou Harriet. Ela disse: – Bom dia, e seguiu a ama.

Naquele mesmo dia Harriet a deixou temporariamente para ir visitar amigos que moravam nas vizinhanças.

Quando descii, encontrei Paulina (a criança era chamada de Polly, mas o seu nome completo era Paulina Mary) sentada à mesa ao lado da senhora Bretton. Diante dela, havia uma caneca de leite e um pedaço de pão na mão, em cima da toalha de mesa: ela não estava comendo.

– Não sei como vamos lidar com essa pequena criatura – disse a senhora Bretton para mim. – Não come nada, não gosta de nada, e por sua aparência, passou a noite em claro.

Expressei minha confiança nos efeitos do tempo e da bondade.

– Se vier a ter simpatia por alguém desta casa, ela se conformará, mas se isso não ocorrer? – respondeu a senhora Bretton.

CAPÍTULO II

Paulina

Alguns dias se passaram e parecia que ela não estava disposta a simpatizar-se com ninguém da casa. Ela não era exatamente impertinente ou caprichosa e estava longe de ser desobediente, mas, seria quase impossível encontrar uma criatura menos propícia ao conforto e tranquilidade. Estava sempre melancólica, era muito pouco provável encontrar diante de nossos olhos alguém mais triste do que ela. Nenhum rosto sulcado de um exilado adulto, ansiando pela Europa dos antípodas poderia demonstrar sinais mais legíveis de nostalgia ou doença que se formaram naquele rosto infantil. Ela parecia envelhecer de forma sobrenatural. Eu, Lucy Snowe, juro-me inocente de uma imaginação exagerada e inventiva. Mas, sempre que, abrindo a porta de uma sala, a encontrava sentada em um canto sozinha, com a cabeça apoiada na pequena, parecia-me que a sala não era habitada, porém assombrada.

E, novamente, nas noites de luar, ao acordar, via sua figura branca e notável, em sua camisola, ajoelhada ereta na cama, rezando como uma entusiasta católica ou metodista – alguma fanática precoce ou santa prematura – eu nem sabia quais pensamentos se passavam por minha mente, mas eles correriam o risco de ser pouco mais racionais e saudáveis que os daquela criança.

Raramente escutei alguma palavra de suas orações, pois eram, na maioria das vezes, sussurradas: às vezes, de fato, elas não eram nem sussurradas, mas expressas sem palavras. As raras frases que chagavam ao meu ouvido ainda carregavam o peso da dor: – Papai, oh meu querido papai! Isso, eu percebi. Era uma ideia fixa, de uma natureza única, como uma monomania, que eu sempre considerei o pior infortúnio com o qual um homem ou uma mulher podem ser amaldiçoados.

Como tudo aquilo acabaria, se tivesse continuado sem controle, só pode ser conjecturado. Mas, aconteceu, no entanto, uma mudança repentina.

Numa tarde, a senhora Bretton, persuadindo-a de sua condição habitual

em um canto, colocou-a sentada na janela. Para ocupar a sua atenção, disse-lhe para ficar olhando os pedestres e contar quantas mulheres desceriam a rua num certo intervalo de tempo. Ela ficou sentada com indiferença, mal olhando, e sem contar, quando – meus olhos estavam fixos nos dela – testemunhei em suas íris e nas suas pupilas uma transfiguração surpreendente. Esses súbitos e perigosos temperamentos – sensíveis, como são chamados – oferecem muitos espetáculos curiosos para aqueles a quem um temperamento mais frio garante uma não participação em caprichos e extravagâncias.

O olhar fixo e pesado tremeu e, então, brilhou como fogo. A testa pequena desanuviou-se. As características triviais e abatidas iluminaram-se. O semblante abatido e desanimado desapareceu, e em seu lugar apareceu uma súbita ansiedade, uma expectativa intensa.

– É ele! – foram suas palavras.

Como um pássaro ou uma seta, ou qualquer outra coisa rápida, ela desapareceu da sala. Como abriu a porta para a rua, eu não posso dizer. Provavelmente encontrou-a aberta, ou talvez Warren estivesse em seu caminho e, obedecendo à ordem da menina, que seria suficientemente impetuosa, sentindo-se intimidado, resolvera atendê-la. Eu – observando calmamente pela janela – a vi, em seu vestido preto e avental trançado, precipitar-se até a metade da rua, e, quando eu estava indo avisar à senhora Bretton de que a criança tinha fugido como louca e era preciso, imediatamente, ir atrás dela, avistei-a ser apanhada e levantada no colo, diante dos olhares curiosos dos transeuntes. Um cavalheiro tinha feito isso, e, agora, cobrindo-a com sua capa, avançava para devolvê-la à casa de onde ele a tinha visto sair.

Cheguei à conclusão de que ele iria entregá-la aos cuidados de uma criada e retirar-se. Mas, ele entrou e, tendo demorado um pouco embaixo, subiu a escada.

Sua recepção imediatamente provou que ele era conhecido da senhora Bretton. Ela o reconheceu, cumprimentou-o admirada, mas, parecia confusa e agia como se tivesse sido apanhada de surpresa. Seu olhar e seus modos demonstravam certa censura. Contudo, em resposta a isto, ele explicou:

– Não pude evitar isto, minha senhora. Descobri que era impossível deixar o país sem ver com os meus próprios olhos como ela estava.

– Mas o senhor vai abalá-la ainda mais. Ela já estava começando a se

adaptar – disse a senhora Bretton, o que não era, de fato, uma verdade. Contudo, eu a compreendia. A menina teria que passar por todo aquele sofrimento inicial novamente.

– Eu espero que não. E como está a querida Polly do papai?

Esta pergunta foi dirigida a Paulina, enquanto ele se sentava e a colocava delicadamente no chão diante dele.

– Como está o papai da Polly? – ela respondeu, apoiando-se sobre os joelhos e olhando para o rosto do pai.

Não foi uma cena ruidosa, com choro e nem prolixa, o que eu fiquei grata, pois talvez emocionasse a todos nós. Contudo, foi cheia de afeto e que, justamente porque a taça não espumava ou transbordava furiosamente, mais nos oprimia. Em todas as ocasiões de expansão desenfreada, ou irreprimida, um sentimento de desprezo ou ridículo vem para alívio do espectador cansado; por isso considere sempre mais onerosa essa espécie de sensibilidade a qual se dobra, um escravo gigante sob a influência do bom senso.

O senhor Home era um homem de feições duras. Talvez eu devesse dizer que ele era um homem severo. Sua frente era contristada, seus malares eram marcados e proeminentes. O seu rosto era bastante escocês, mas havia sentimento em seus olhos que, naquele momento, dominava seu rosto.

O sotaque do Norte harmonizava com sua fisionomia. Ele era ao mesmo tempo altivo, bonito e acolhedor. Ele estava com a mão sobre a cabeça erguida da criança, então, ela disse: – Dá um beijinho na Polly.

Ele a beijou. Eu queria que ela soltasse um grito histérico, para que eu pudesse obter alívio e pôr-me à vontade. Ela, porém, não fez barulho. Parecia ter conseguido o que queria, tudo o que desejava para ficar contente.

Na aparência, não se assemelhava com o pai, e ainda assim ela era de sua raça. Contudo, o seu temperamento fora herdado do pai, preenchido a partir dele, como se o conteúdo de um garrafão fosse despejado em um copo.

Indiscutivelmente, o senhor Home sabia dominar-se, no entanto, ele possuía fortes sentimentos, mas secretamente.

– Polly – disse ele, olhando para a sua menina. – Vá ao *hall*, você verá o casaco do papai sobre uma cadeira. No bolso, encontrará um lenço. Traga-o para mim.

Ela obedeceu, foi e voltou com destreza e agilidade. Ele estava conversando com a senhora Bretton quando ela retornou e aguardou com o

lenço na mão. Era uma linda imagem vê-la com sua estatura pequena, pura e bem-cuidada junto aos joelhos do pai. Vendo que o pai continuava conversando, aparentemente inconsciente de seu retorno, ela tomou sua mão, abriu os dedos sem que eles resistissem, colocou neles o lenço, e fechou-os um por um. Ele ainda parecia não vê-la ou sentir sua presença, mas pouco depois, suspendeu-a para seus joelhos. Ela aninhou-se contra ele, e, embora nenhum deles olhasse nem falasse ao outro durante a hora que se seguiu, eu acredito que ambos sentiam-se satisfeitos.

Durante o chá, os movimentos e comportamento da criança deram-me, como de costume, ocupação completa para os olhos. Primeiro dirigiu-se a Warren, sobre a disposição das cadeiras.

– Coloque a cadeira do papai aqui e a minha perto da dele, entre a do papai e a da senhora Bretton. Devo servir seu chá.

Ela tomou seu lugar e acenou com a mão para o pai.

– Fique perto de mim, como se estivéssemos em casa, papai.

E, novamente, como ela interceptou seu copo de passagem, colocou leite e adoçou: – Eu sempre fiz isso pelo senhor em casa, papai. Ninguém poderia fazê-lo tão bem, nem mesmo o senhor.

Durante a refeição, ela continuou suas atenções: eram até um pouco absurdas. A pinça de açúcar era muito grande para uma de suas mãos, e ela teve de usar as duas para manejá-la. O peso da leiteira de prata, dos pratos com as torradas, da própria xícara e do pires, era excessivo para a sua força, mas ela encarregou-se de tudo com destreza, mesmo diante de sua força insuficiente. Ela levantava uma coisa, passava outra, e, felizmente, sem quebrar nada. Sinceramente falando, eu achei que ela foi um pouco intrometida e sem modos, mas seu pai, cego como outros pais, parecia perfeitamente contente em deixá-la fazer por ele, e ainda maravilhosamente encantado por seus serviços.

– Ela é o meu consolo – ele não poderia deixar de dizer à senhora Bretton. Aquela senhora tinha seu próprio enlevo, em uma escala muito maior, e, no momento, ausente, por isso ela simpatizava com seu ponto fraco.

Este “enlevo” entrou em cena no decorrer daquela noite. Eu sabia que aquele dia tinha sido definido para o seu retorno, e estava ciente de que a senhora Bretton estava esperando-o a qualquer momento. Estávamos sentados em volta do fogo, depois do chá, quando Graham se juntou ao nosso grupo: eu deveria dizer, que ele veio desfazê-lo, pois a sua chegada fez um

alvorço, e então, como Graham estava em jejum, houve que preparar o que comer. Ele e o senhor Home conversavam como velhos conhecidos. Da menina, ele não tomou conhecimento por um tempo.

Depois da refeição e de responder às inúmeras perguntas de sua mãe, ele afastou-se da mesa para a lareira. Em frente dele estava sentado o senhor Home e, em seus braços, a criança. Quando eu digo criança, utilizo um termo inadequado e indescritível – um termo que sugere qualquer imagem em vez da criaturazinha, agora, recatada, vestida de luto e com uma blusa branca, que só poderia ter servido a uma boneca de bom tamanho.

Paulina estava sentada em uma alta cadeira em frente a uma mesa, na qual estava a sua caixa de trabalho de madeira envernizada. Segurava um fragmento de um lenço e tentava fazer-lhe uma bainha. Perseverantemente enfiava uma agulha, que em seus dedos pareciam quase espeto, furando-se de vez em quando, marcando o tecido com pontos vermelhos de sangue, estremeando ocasionalmente quando a arma perversa – que ela não dominava – infligia-lhe um profundo ferimento provocando uma dor maior que as habituais, mas ainda em silêncio, diligente, absorvida, como uma mulherzinha.

Graham era naquele tempo um rapaz de dezesseis anos, simpático, bonito e de ar cético ou desconfiado. Digo de ar cético, não realmente porque fosse de caráter pérfido, isto é, desleal, mas porque o epíteto me parece adequado para descrever o caráter celta (não saxão) da sua boa aparência. O seu cabelo ruivo ondulado, a sua simetria flexível, seu sorriso frequente e não lhe faltavam fascinação nem sutileza (em nenhum sentido ruim). Contudo, era naquela altura um rapaz mimado e caprichoso.

– Mãe – disse ele, depois de contemplar por algum tempo, em silêncio, a criaturazinha engraçada, e quando a ausência temporária do senhor Home da sala o aliviou de certo acanhamento meio risonho – que era tudo o que sabia de timidez:

– Mãe, eu vejo uma jovem na sala a quem eu nunca fui apresentado.

– Uma menina em casa, eu suponho que você quis dizer. A filha do senhor Home – respondeu a sua mãe, séria.

– Na verdade, minha senhora – respondeu Graham. – Eu considero a sua expressão muito pouco cerimoniosa. Miss Home, diria eu, se me aventurasse a falar da donzela a quem me refiro.

– Agora, Graham, eu não quero que infurnize a criança. Não pense que

vou deixar que a aborreça.

– Miss Home – prosseguiu Graham, indiferente ao protesto de sua mãe.
– Eu poderia ter a honra de me apresentar, já que ninguém parece disposto a prestar-me esse serviço? Seu criado John Graham Bretton.

Ela olhou-o severamente. Ele levantou-se e curvou-se muito gravemente à sua frente. Ela, contudo, deliberadamente colocou o dedal, a tesoura e o trabalho sobre a mesa e desceu com cuidado da sua cadeira e, fazendo uma saudação respeitosa, com seriedade indizível, disse:

– Como é que o senhor está?

– Eu tenho a honra de estar na perfeita saúde, apenas um pouco fatigado com uma viagem apressada. Espero que a senhora esteja bem?

– Otimamente – foi a ambiciosa resposta da pequena, que agora parecia aspirar voltar ao local em que estava anteriormente; ao ver, contudo, que isso não poderia ser feito sem uma escalada e esforço – um sacrifício que não se deveria nem pensar – e desprezando qualquer ajuda na presença de um estranho jovem cavalheiro, ela abandonou a cadeira alta por um banquinho. Foi em direção a esse banco que Graham arrastou a sua cadeira.

– Eu espero, minha senhora, que esta residência, a casa de minha mãe, lhe pareça um lugar conveniente para morar.

– Não muito, eu quero ir para casa.

– Um desejo natural e louvável, minha senhora, mas ao qual, não obstante, farei o meu melhor para me opor. Espero ser capaz de tirar de si um bem precioso chamado distração, que a minha mãe e a Miss Snowe não me proporcionam.

– Vou ter que ir com o papai, em breve. Não devo ficar muito tempo na casa de sua mãe.

– Sim, sim, você vai ficar comigo, eu tenho certeza. Eu tenho um pônei em que você deve montar e uma infinidade de livros com gravuras para lhe mostrar.

– Você vai morar aqui agora?

– Vou. Agrada-lhe isso? Você gosta de mim?

– Não.

– Por que não?

– Eu acho o senhor meio esquisito.

– Meu rosto, minha senhora, o que me disse?

– Seu rosto, tudo no senhor me desagrada. Tem cabelos longos e uma

cor estranha...

– Cabelo ruivo, por favor. A minha mãe o chama de ruivo ou dourado, e assim fazem todos os amigos dela. Mas, mesmo com os meus cabelos longos e vermelhos (e agitou-os numa espécie de troféu, pois ele próprio sabia muito bem que era de cor leonina e orgulhava-se da tonalidade), não posso ser mais estranho do que a senhoria.

– Chama-me de esquisita?

– Certamente.

Depois de uma pausa:

– Eu acho que eu deveria ir para a cama.

– Uma criatura pequena como você já deveria estar na cama há muitas horas. Mas, provavelmente, sentou-se na expectativa de me ver.

– Não, de fato.

– A senhora certamente desejava desfrutar do prazer de minha companhia. Sabia que eu estava voltando para casa e quis esperar para me ver.

– Fiquei por causa de papai e não pelo senhor.

– Muito bem, Miss Home. Em breve, ainda serei seu favorito, preferido mesmo antes do seu paizinho, eu diria.

Ela desejou boa-noite à senhora Bretton e a mim. Pareceu hesitar se Graham merecia a mesma atenção, quando ele a levantou com uma mão e a colocou sobre os ombros. Ela viu-se elevada no espelho sobre a lareira. A rapidez, a liberdade, o desrespeito deste gesto foram demais.

– Que vergonha, senhor Graham – era seu grito indignado. – Coloque-me no chão imediatamente! –, e quando estava de pé novamente, ela continuou: – Eu me pergunto o que o senhor pensaria de mim se o tratasse dessa forma, levantando-o com minha mão (e ergueu aquele poderoso membro), como Warren levanta o pequeno gato.

CAPÍTULO III

Os Companheiros

O senhor Home permaneceu em *Bretton*. Durante sua visita nada o persuadia a ir embora: passava o dia sentado em frente à lareira, às vezes silencioso, outras conversando com a senhora Bretton, cujo diálogo era adequado ao seu estado de espírito. Ouso até dizer, um tipo de homem de humor mórbido, nada simpático. A senhora Breton não era desagradável, porém não se mostrava demasiadamente compreensiva, mas sensata para não o contradizer. As suas palavras até tinham um toque maternal, pois era mais velha e podia permitir-se a essa postura.

Quanto a Paulina, a criança se mostrava às vezes, feliz, outras completamente muda, ora ocupada, ora vigilante. Seu pai pegava-a no colo, frequentemente, e lá ficava até convencer-se que o fatigava, ocasião em que dizia:

– Papai, coloca-me no chão. Vou cansá-lo com meu peso.

E a pesada carga se deslizava para o tapete ficando ali, ou num baixo banco, aos pés do pai. Nestas horas, a caixa branca de trabalho e o lenço salpicado de escarlate entravam em ação. Aquele lenço, ao que me parece, foi concebido como uma lembrança para o pai, e devia ser concluído antes de sua partida, conseqüentemente, o trabalho da costureira era rigoroso.

À noite, Graham voltava ao teto materno (seus dias eram passados na escola), e trazia-nos certa animação aumentada pelas cenas quase certas entre ele e Paulina.

Uma postura distante e arrogante, por parte de Paulina, tinha sido o resultado da indignidade cometida por ele na primeira noite de sua chegada. A resposta habitual, quando ele se dirigia a ela, era:

– Eu não posso atendê-lo, tenho outras coisas em que pensar. E quando ele perguntou: – Que coisas?

– Trabalho.

Graham se esforçava para chamar sua atenção, abrindo sua escrivaninha e exibindo o seu variado conteúdo: selos, brilhantes cartões de

cera, canivetes, uma miscelânea de gravuras – algumas delas alegremente coloridas – que ele tinha acumulado ao longo do tempo. Essa poderosa tentação não era totalmente inútil: seus olhos infantis, furtivamente levantaram de seu trabalho, e observaram de relance para a escrivanhinha, rica em imagens espalhadas. Uma gravura de uma criança brincando com um cão caiu no chão.

– Que lindo cãozinho! – disse ela, encantada.

Graham, prudentemente, não tomou conhecimento de seu interesse. Pouco depois, saiu de seu canto e aproximou-se para observar o tesouro mais de perto. Os grandes olhos e as orelhas compridas do cão, e o chapéu de penas da criança eram irresistíveis.

– Que bela figura! – foi sua crítica favorável.

– Bem, se gostou, pode ficar com ela – disse Graham.

Ela hesitou. O desejo de possuí-la era forte, mas se aceitasse seria um compromisso de dignidade.

– Não – ela colocou-a na mesa e virou-se.

– Então, Polly, você não a quer?

– Eu prefiro não aceitá-la. Obrigada.

– Devo dizer-lhe o que vou fazer com a gravura se você recusá-la?

Ela virou-se um pouco para ouvi-lo.

– Vou cortá-la em pedacinhos para acender o fogo.

– Não!

– Mas o farei.

– Por favor, não faça isso.

Graham pareceu irredutível ao ouvir a súplica. Pegou a tesoura na cesta de trabalho da sua mãe.

– Aqui vai – disse ele, fazendo um gesto ameaçador. Ameaçou cortar a cabeça de Fido e o nariz de Harry.

– Não! Não! Não!

– Então venha cá depressa ou cortarei em pedaços o que tanto deseja.

Ela hesitou, demorou, mas obedeceu.

– E agora, vai aceitá-la de bom grado? – perguntou ele, quando ela estava diante dele.

– Sim. Por favor.

– Mas, a Miss terá que me pagar por ela. Não a quis antes, agora ela não sairá de graça.

– Quanto?

– Um beijo.

– Dê-me primeiro a gravura – Polly parecia bastante desconfiada. Graham deu-lhe a imagem. Então, ela fugiu como uma pequena devedora, correu para o pai e se refugiou em seu joelho. Graham a seguiu, fingindo enfurecido. Ela escondeu o rosto no colete do senhor Home.

– Papai, papai, manda-o embora!

– Eu não vou ser mandado embora – disse Graham.

Com o rosto ainda escondido, ela estendeu a mão para mantê-lo afastado.

– Então, vou beijar a mão – disse ele, mas naquele momento, aquela mãozinha delicada fechou o punho e pagou-lhe com uma pequena moeda, que não era beijo.

Graham, que não falhava em sua astúcia, recuou fingindo estar bastante desconcertado e atirou-se em um sofá com a cabeça contra a almofada, e fingia sentir dor. Polly, percebendo seu silêncio, o espreitava de longe. Seus olhos e rosto estavam cobertos com as mãos.

Ela virou-se sobre o joelho de seu pai, e observou demorada e ansiosamente o seu inimigo. Graham gemeu.

– Papai, qual é o problema? – ela sussurrou.

– É melhor perguntar a ele, Polly.

– Ele está ferido? – Graham soltou um segundo gemido mais alto.

– Ele faz um barulho como se estivesse ferido – disse seu pai.

– Mãe – sugeriu Graham, debilmente –, eu acho que é melhor chamar um médico. Oh, meu olho!

Novamente o silêncio, apenas quebrado pelos suspiros de Graham.

– E se eu ficar cego? – disse Graham.

Seu pequeno algoz não podia suportar aquela ideia e, imediatamente, correu para onde ele estava.

– Deixe-me ver seu olho. Eu não queria machucá-lo, apenas acertar a sua boca e eu não acho que bati muito forte...

Apenas o silêncio como resposta. O rapaz fingia muita dor. Contorcia-se e agitava-se.

– Eu sinto muito, eu sinto muito mesmo!

Depois sucederam a comoção, soluços e choro.

– Para de aborrecer a criança, Graham – disse a senhora Bretton.

– É tudo brincadeira, meu amor. Ele está encenando – gritou o senhor Home.

E Graham mais uma vez a suspendeu, colocando-a em seus ombros, e ela, novamente, o castigou. Enquanto lhe puxava a barba, mais parecendo uma juba de leão, chamou-lhe de: “a pior pessoa, mais vilã, mais rude, o pior ser que jamais existira”.

Na manhã do dia da partida do senhor Home, ele e sua filha tiveram uma conversa no vão de uma janela. Ouvi parte dela:

– Eu não poderia arrumar a minha mala e ir com o senhor, papai? – ela sussurrou, sinceramente.

Ele balançou a cabeça.

– Eu seria um problema para o senhor?

– Sim, Polly. Infelizmente eu não posso levá-la ainda.

– Por que eu sou pequena?

– Porque você é pequena e frágil. Somente as pessoas crescidas e fortes podem viajar. Mas, não fique triste, minha menina, senão parte o meu coração. O papai, em breve, vai voltar para junto de sua Polly.

– Na verdade, na verdade, não estou triste de todo.

– A Polly não quer ser o motivo da tristeza do papai, não é?

– Não, papai.

– Então a Polly deve ficar alegre, não chorar na despedida e não se afligir depois. Ela deve olhar para frente e encontrar algo novo e pensar que vai voltar a ver o papai, e, enquanto isso, tentar ser feliz. Ela pode fazer isso?

– Ela vai tentar.

– Eu vejo que ela saíra vencedora. Adeus, então. É hora de ir.

– Já? Agora mesmo?

– Agora mesmo.

Ela levantou os lábios trêmulos. Seu pai chorou, mas ela, eu observei, não o fez. Tendo colocado-a no chão, ele apertou a mão de todos e partiu.

Quando a porta da rua se fechou, ela caiu de joelhos junto a uma cadeira com um grito:

– Papaizinho!

Era um gemido baixo e longo, como se dissesse: “Por que me abandonaste?” Durante o tempo que se seguiu, percebi que ela conhecia a agonia e o desespero. Naquele breve intervalo de sua vida infantil, vivenciava emoções que alguns nunca iriam sentir; estava em seu destino, havia de ter mais instantes como aquele, se vivesse. Ninguém falou. A senhora Bretton, que era mãe, derramou uma lágrima ou duas. Graham, que estava escrevendo, levantou os olhos e olhou para ela. Eu, Lucy Snowe, mantive-me contrita e calma.

A pequena criatura, assim deixada a si mesma, fazia por si o que nenhum outro poderia fazer: lutava contra uma sensação intolerável de sofrimento. Todavia, pouco depois, em algum grau, o reprimiu. Naquele dia, ela não iria aceitar consolo de ninguém, nem no dia seguinte. Depois, tornou-se mais calma.

Na terceira noite, quando ela se sentou no chão, cansada e calada, Graham, entrando, tomou-a suavemente e não lhe disse nenhuma palavra. Ela não resistiu, e aninhou-se em seus braços, como se estivesse fatigada. Quando ele se sentou, ela deitou a cabeça nele, e, em poucos minutos, adormeceu. Ele levou-a para cima e colocou-a na cama. Eu não fiquei surpresa quando, na manhã seguinte, a primeira coisa que ela perguntou foi:

– Onde está o senhor Graham?

Aconteceu que Graham não havia aparecido para o café da manhã. Ele tinha alguns exercícios escolares para fazer e pediu à mãe que lhe enviasse uma xícara de chá à sala de estudos. Polly se ofereceu para levá-la. Ela precisava se ocupar com alguma coisa, cuidar de alguém. A xícara foi confiada a ela, pois, embora inquieta, era também cuidadosa. Como a porta da sala de estudos ficava em frente à sala de jantar, os meus olhos seguiram-na.

– O que você está fazendo? – ela perguntou, parando na soleira da porta.

– Escrevendo – respondeu Graham.

– Por que não vem tomar café da manhã com sua mãe?

– Estou muito ocupado.

– Você quer o café da manhã?

– É claro.

– Há de tê-lo – respondeu ela, prestativa.

Ela depositou a xícara sobre o tapete, como um carcereiro que põe o

jarro de água de um prisioneiro na cela e recuou. Pouco depois voltou.

– O que você quer para comer?

– Algo bom. Traga-me algo particularmente agradável. Assim se tornará uma gentil e amável mulherzinha.

Ela voltou para a senhora Bretton.

– Por favor, senhora, envie algo bom ao seu filho. O que de melhor tiver.

– Escolha para ele, Polly. O que meu filho deve comer?

Ela escolheu uma parte de tudo o que havia de melhor na mesa, e, em breve, voltou com um pedido sussurrado por alguma compota que não estava lá. Tendo conseguido isso, no entanto, (porque a senhora Bretton não recusava nada àqueles dois), ouviu-se pouco depois Graham elogiá-la efusivamente, prometendo que, quando ele tivesse uma casa própria, ela seria a sua governanta e, talvez, se ela mostrasse habilidade culinária, sua cozinheira. Como ela não voltou, fui procurá-la e a encontrei comendo o seu desjejum frente a frente com Graham. Com exceção da compota, que ela delicadamente se recusou a tocar, talvez com receio, suponho, de que pudesse parecer que fora buscar tanto por causa dele como por sua (ela constantemente dava provas desses delicados escrúpulos), ela comia de tudo que havia levado ao moço.

A convivência assim iniciada não foi dissolvida rapidamente, ao contrário, parecia que o tempo e as circunstâncias serviam mais para cimentá-la do que afrouxá-la. Incrível como aqueles dois, de alguma forma, encontravam muito que dizer um ao outro, mesmo sendo diferentes em idade, sexo, ocupações... Quanto a Paulina, observei que sua personalidade nunca se mostrava inteiramente com os demais da casa, exceto com o jovem Bretton. Uma vez acostumada e adaptada a casa, mostrou-se suficiente tratável com a senhora Bretton. No entanto, era perfeitamente capaz de ficar sentada num banquinho aos pés da anfitriã o dia todo, aprendendo a sua tarefa, cosendo ou desenhando figuras com um lápis em uma ardósia, e nunca mostrar qualquer vislumbre de sua originalidade, nem um único brilho de suas peculiaridades e da natureza do seu temperamento. Deixei de observá-la em tais circunstâncias, pois não era nada interessante. Mas, no momento em que Graham batia à porta à noite, uma mudança se via, imediatamente. Ela corria para a frente da escada, normalmente para acolhê-lo com uma reprimenda ou uma ameaça.

– Você não limpou seus sapatos corretamente no capacho. Vou contar à sua mãe.

– Ah, minha pequena intrometida! Você está aí?

– Sim. E você não pode me alcançar: estou mais alta do que você (e espreitava-o por entre as grades do corrimão, pois a sua pequena estatura não permitia que olhasse sobre eles).

– Polly!

– Meu querido menino! (era um dos termos que ela adotara para tratá-lo, em imitação à mãe do rapaz).

– Estou quase desmaiando de cansaço – declarava Graham, apoiando-se na parede do corredor em aparente exaustão. – O doutor Digby (o diretor da escola) arrasou-me com excesso de trabalho. Venha aqui embaixo ajudar-me com os livros.

– Ah! Você é esperto!

– Não, Polly, é verdade. Estou tão fraco como se tivesse vindo correndo da escola até aqui. Desça.

– Seus olhos são silenciosos como os do gato. Você pode saltar.

– Saltar? Nada disso! Vem cá e ajude-me.

– Talvez eu até vá, mas tem que me prometer que não vai me tocar, não vai me levantar e não vai me girar até eu ficar zozza.

– Eu? Eu não poderia fazê-lo! Não tenho forças para nada – disse Graham, afundando-se em uma cadeira.

– Então, coloque os livros no primeiro degrau e se afaste três metros.

Como ele obedecia, ela descia cautelosamente, sem tirar os olhos do débil Graham. É claro que, com a sua aproximação, Graham sempre se preparava para uma nova e brusca vitalidade. O jogo de traquinagens era certeza absoluta. Ocorriam brincadeiras e gritarias desordenadas. Às vezes, ela ficava com raiva, noutras, permitia passar por essas situações sem problemas, e podíamos até ouvi-la dizendo enquanto subia as escadas:

– Agora, meu caro, vai tomar o seu chá. Tenho certeza de que você precisa comer alguma coisa.

Era muito engraçado observá-la, sentada ao lado de Graham, enquanto ele comia. Na sua ausência, sua personalidade era calma, mas com ele, a mais inquieta e obsequiosa possível. Muitas vezes eu desejei que ela se importasse consigo mesma e se mantivesse tranquila, mas não, esquecia-se de si diante dele. Nunca seu amigo estava suficientemente bem servido, nem bem

cuidado. Ele era mais do que O Magnífico, em sua estima. Ela ia, gradualmente, reunindo diversos pratos diante dele, e, quando se poderia supor que ele tinha tudo o que poderia desejar, ela procurava descobrir algo mais:

– Minha senhora, ela sussurrava para a minha madrinha, – acho que o seu filho gostaria de um pedaço de bolo, daquele que está ali (apontando para o armário). A senhora Bretton, normalmente, não gostava que se servissem bolos durante o chá, mas ela insistia: – Só um pedacinho (mostrava com os dedinhos minúsculos), só para ele que vai à escola. Eu e Miss Snowe não precisamos, mas ele certamente iria gostar.

Graham gostava e muito e quase sempre conseguia comê-lo. Para fazer justiça, ele teria compartilhado com prazer uma parte com ela, a quem muito devia. Contudo, isso, nunca lhe foi permitido. Insistir era irritá-la para o resto da noite. Ficar em seu joelho, monopolizar a sua conversa e atenção, era a sua recompensa e não uma parte do bolo.

Com curiosa prontidão, ela adaptava-se aos assuntos que interessavam a Graham. Alguém poderia pensar que aquela criança não tinha mente ou vida próprias, mas precisava, necessariamente, viver, mover-se, e ter seu ser em outra pessoa. Agora que seu pai lhe fora tirado, ela aninhava-se a Graham e parecia sentir por seus sentimentos: existir na sua existência. Ela aprendeu, rapidamente, os nomes de todos os seus colegas de escola, suas características, tais como ele as descrevia. Uma única descrição de um indivíduo parecia suficiente para que ela decorasse. Nunca esquecia ou confundia suas identidades. Conversava com ele toda uma noite sobre pessoas as quais ela nunca tinha visto e parecia imaginar sua aparência, maneiras e temperamentos. Alguns ela aprendeu a imitar: um professor, que era a aversão do jovem Bretton, e, que me parece, tinha algumas excentricidades, que ela apanhou em um momento de imitação de Graham, e ensaiou e repetia para divertimento do amigo, o que, no entanto, a senhora Bretton desaprovou e proibiu.

Os dois raramente discutiam, mas uma vez houve uma ruptura e os sentimentos dela receberam um grave choque.

Um dia Graham, por ocasião do seu aniversário, convidou alguns amigos, rapazes de sua idade, para um jantar. Paulina interessou-se muito pela chegada desses amigos. Tinha ouvido falar deles com frequência, pois estavam entre aqueles a quem Graham mais se referia. Depois do jantar, os

jovens cavalheiros foram deixados sozinhos na sala de jantar, onde logo se formou uma boa dose de barulho. Ao passar pelo corredor, encontrei Paulina sentada sozinha no degrau mais baixo da escada, com os olhos fixos nos vitrais brilhantes da porta da sala de jantar, onde se refletia uma luz brilhante. A sua pequena fronte estava enrugada demonstrando ansiedade.

– O que você está pensando, Polly?

– Nada especial, apenas desejava que aquela porta fosse de vidro transparente para que eu pudesse ver através dela. Os rapazes parecem tão alegres e eu queria estar lá com o Graham e ver os seus amigos.

– O que te impede de ir?

– Eu tenho medo, mas acha que posso tentar? Posso bater na porta e pedir para que me deixem entrar?

Eu pensei que talvez eles não se opusessem de tê-la como companheira, e, portanto, encorajei-a.

Ela bateu muito fraco para ser ouvida, mas na segunda tentativa a porta se abriu e a cabeça de Graham apareceu. Ele parecia animado, mas impaciente.

– O que você quer macaquinha?

– Ficar com você.

– Sério? Não estou preocupado com você. Vai falar com mamãe ou com a Miss Snowe e pedir-lhes para levá-la para a cama – a cabeça ruiva e o rosto corado desapareceram. A porta fechou-se bruscamente. Ela ficou chocada.

– Por que ele falou assim comigo? Ele nunca falou assim antes – disse ela, triste. – O que eu fiz?

– Nada, Polly, mas Graham está ocupado com seus amigos de escola.

– E ele gosta mais deles do que de mim? Vira-me as costas agora que eles estão aqui!

Conjecturei em consolá-la para melhorar a situação inculcando-lhe algumas dessas máximas da filosofia, das quais eu tinha sempre razoável provisão, prontas para aplicação. Ela, no entanto, deteve-me ao levar as mãos em seus ouvidos às primeiras palavras que proferi, e depois foi deitar-se no tapete com o rosto contra o chão. Nem Warren nem a cozinheira puderam arrancá-la daquele estado de abatimento. Deixaram-na ficar naquela posição até que ela decidisse por si só levantar e subir.

Graham esqueceu-se de sua impaciência naquela mesma noite e foi

abordá-la como de costume, quando seus amigos se foram. Entretanto, ela arrancou-se das suas mãos, seus olhos faiscavam de mágoa. Negou-se a desejar boa-noite e, sequer, olhou para ele. No dia seguinte, ele também a tratou com indiferença e ela parecia uma pedra de mármore. Um dia depois, ele tentou fazer as pazes, querendo saber qual era o problema, mas Paulina parecia ainda muito magoada e seus lábios continuaram descerrados. É claro que Graham não poderia sentir qualquer ressentimento, a luta era demasiada desigual em todos os sentidos. Ele, portanto, tentou acalmá-la persuadindo-lhe a falar:

– Por que está tão irritada e magoada com Graham, Polly? O que eu fiz para te machucar tanto, minha menina? Perdoa-me.

Foi com lágrimas que ela lhe respondeu. Ele afagou-a demoradamente e eram amigos novamente. Mas, ela era o tipo de pessoa que não esquecia facilmente tais acontecimentos. Percebi que nunca, depois daquela rejeição, ela o procurou, seguiu-o, ou de qualquer forma solicitou a sua atenção. Certa vez, eu pedi a ela que levasse um livro ou alguma outra coisa a Graham quando ele estava trancado na sala de estudos.

– Vou esperar até que ele saia – disse ela, orgulhosamente. – Eu não quero dar-lhe o incômodo de se levantar e abrir a porta.

O jovem Bretton tinha um pônei favorito no qual muitas vezes ele montava. Da janela ela sempre via a sua partida e a sua chegada. O seu desejo era montá-lo e passear pelo pátio, mas longe dela pedir semelhante coisa. Um dia, ela desceu ao pátio para vê-lo apear, apoiada contra o portão, brilhava nos olhos o desejo de cavalgar.

– Vem, Polly, quer dar um passeio? – perguntou Graham, meio indiferente. Creio que para ela o tom saiu excessivamente indolente.

– Não, obrigada – disse ela, virando-se com extrema frieza.

– Está certa disso? – prosseguiu ele –, tenho certeza de que iria gostar.

– Não pense que eu me importo com isso – foi a resposta.

– Isso não é verdade. Você disse a Lucy que desejava dar um passeio.

– Lucy Snowe é uma fofqueira – eu a ouvi dizer (sua articulação imperfeita era a coisa menos precoce que ela tinha), e com isso, ela entrou na casa. Graham, vindo logo depois, falou para sua mãe: – Minha mãe, essa criatura é cheia de esquisitices, mas eu ficaria triste sem ela, pois me diverte muito mais do que você ou Lucy Snowe.

– Miss Snowe – disse Paulina para mim (ela já tinha o hábito de,

ocasionalmente, conversar comigo quando estávamos sozinhas em nosso quarto à noite). – Você sabe em que dia da semana eu gosto mais de Graham?

– Como eu poderia saber de algo tão estranho? Existe um dia da semana em que ele é diferente dos outros seis?

– É óbvio! Não vê? Não sei como não pode perceber isso! Ele é formidável aos domingos! Está o dia inteiro em casa, calmo, tranquilo e à noite é tão amável.

Esta observação não era totalmente infundada: ir à igreja, por exemplo, mantinha Graham tranquilo aos domingos, e, à noite, ele entregava-se, geralmente, a uma espécie de passatempo sereno, embora um pouco apático, em frente à lareira da sala. Tomava posse do sofá e costumava chamar Polly.

Graham não era como os outros rapazes da sua idade. Não gostava só de ação, pelo contrário, era capaz de alguns intervalos de contemplação. Sentia prazer na leitura e a sua biblioteca não fora montada ao acaso ou de forma totalmente indiscriminada. Havia na sua escolha vislumbres de preferência característica e até mesmo gosto instintivo na escolha minuciosa. Raramente, é verdade, comentava sobre o que lia, mas eu o vi sentar e refletir muitas vezes.

Polly ajoelhava-se perto dele, sobre uma pequena almofada ou tapete, e começava uma conversa murmurada, quase inaudível. Eu ouvia pequenos trechos do diálogo. O seu teor, na verdade, tinha alguma influência boa, delicada e mais fina do que a de todos os dias e parecia acalmar Graham em tais ocasiões, pois seus modos eram mais gentis.

– Você aprendeu algum hino esta semana, Polly?

– Eu aprendi um muito bonito, com quatro versos. Devo cantá-lo?

– Cante, então, bem baixinho.

Ela cantarolava o hino com uma voz doce e Graham fazia as suas considerações e dava-lhe uma lição de recitação. Ela era rápida em aprender e em imitar, e, além disso, seu prazer era agradar a Graham. Mostrou-se uma perfeita aluna. Após o hino costumava fazer alguma leitura, talvez um capítulo da Bíblia. Nesta parte, raramente era necessário fazer alguma correção, pois ela sabia ler muito bem qualquer simples narrativa. E, quando o assunto era de seu interesse e que pudesse compreender, a sua expressão era algo notável. José lançado na cisterna, a vocação de Samuel, Daniel na cova dos leões eram as suas passagens favoritas. Do episódio sobre José ela parecia compreender perfeitamente o sentido.

– Pobre Jacó! – dizia ela, às vezes, com os lábios trêmulos. – Como ele amava seu filho José! Tanto... – uma vez ela acrescentou – como eu te amo, Graham. Se você morresse (ela reabriu o livro, procurou o versículo, e o leu), – eu recusaria ser consolada, e chorando desceria até a sua sepultura.

Com estas palavras, ela abraçou Graham com seus braços pequenos, puxando para si a sua cabeça encaracolada. Posso lembrar-me como se fosse hoje, pois o ato impressionou-me de forma estranha pela inesperada demonstração de afeto. Era como ver um animal perigoso, apenas meio domesticado, sendo acariciado imprudentemente. Não que eu temesse que Graham fizesse algum mal a ela, mas eu pensei que ela incorria no risco de ser impacientemente afastada, o que seria para ela quase pior do que um golpe. No entanto, estas manifestações foram transmitidas de forma passiva. Às vezes, eu via uma espécie de admiração complacente da parte dele. Uma vez ele disse: – Você gosta de mim quase tanto como se você fosse minha irmãzinha, Polly.

– Oh! Eu gosto de você – disse ela. – Eu gosto muito de você.

Não foi possível estudar aquela personagem por muito tempo. Ainda não havia completado dois meses que ela estava em Bretton, quando chegou uma carta do senhor Home. Ele estava instalado no continente entre seus parentes maternos, pois, como a Inglaterra lhe tornara totalmente desagradável, ele não pensava em voltar para tão intolerável lugar, determinação que, talvez, durasse muitos anos e, certamente, desejava que sua menina fosse se juntar a ele imediatamente.

– Eu me pergunto como ela vai receber esta notícia. – disse a senhora Bretton, ao acabar de ler a carta. Eu também não sabia e coube a mim comunicá-la.

Reparando na sala de visitas, uma parte calma da casa onde ela gostava de ficar sozinha, e onde ela podia ser implicitamente confiável, pois não tocava em nada, ou quase nada, pelo menos não sujava aquilo em que tocava, encontrei-a sentada, como uma pequena odalisca, em um sofá, meio escondida, próxima à janela, nas sombras que se formavam pelas cortinas. Ela parecia feliz, todos os seus utensílios de trabalho estavam ali: a caixa de costura de madeira branca, um pedaço ou dois de musselina e um ou dois rolos de fita para transformar em chapéu de boneca. A boneca, devidamente vestida com sua roupa de dormir, estava em seu berço – e ela embalava-a como se a fizesse dormir, com um ar de perfeita crença nisto –, ao mesmo

tempo em que tinha os olhos presos num livro de gravuras, que estava aberto em seu colo.

– Miss Snowe – disse ela em um sussurro. – Este é um livro maravilhoso! Candace... (nome da boneca batizada por Graham, pois, de fato, sua face escura, tinha um aspecto da Etiópia). – Candace está dormindo agora e eu posso lhe contar a história. Só temos que falar baixinho para que ela não acorde. Graham me deu este livro e fala sobre países distantes, muito longe da Inglaterra, onde nenhum viajante pode chegar sem percorrer milhares de quilômetros sobre o mar. Nesses países vivem homens selvagens, Miss Snowe, que usam roupas diferentes da nossa. De fato, alguns deles quase não usam roupas, mas não há problema, porque lá eles têm o clima muito quente. Aqui, nesta imagem, há milhares de pessoas reunidas em um lugar desolado, um deserto, em torno de um homem de preto, um bom homem inglês, um missionário que está pregando debaixo de uma palmeira (ela mostrou-me uma figura). – Aqui estão outras gravuras mais estranhas – continuou: – Há a maravilhosa grande muralha da China e aqui é uma senhora chinesa, com o pé menor que o meu. Há um cavalo selvagem da Tartária, e aqui, mais estranho de tudo, é uma terra de gelo e neve, sem campos verdes, bosques ou jardins. Nesta terra, eles encontraram alguns ossos de mamute: mamutes não existem agora. Você não sabe o que era, mas eu posso lhe dizer, porque Graham me contou. Uma poderosa criatura, tão alta como esta sala e tinha uma tromba tão comprida quanto este corredor, mas Graham pensa que eles não eram ferozes, carnívoros. Ele acredita que se eu encontrasse um em uma floresta ele não iria me matar, a menos que eu entrasse em seu caminho, pois dessa forma, esmagar-me-ia entre os arbustos, como eu poderia pisar em um gafanhoto num campo de feno, sem saber.

Assim, ela continuava a falar.

– Polly – eu interrompi. – Você gostaria de viajar?

– Ainda não – foi a resposta prudente. – Mas, talvez, daqui a vinte anos, quando eu for crescida, uma mulher tão alta quanto à senhora Bretton, vá viajar com Graham. Pretendemos ir à Suíça e escalar o Monte *Blank* e algum dia vamos navegar até a América do Sul e ir até o topo do *Aconcágua*.

– Mas, não gostaria de viajar agora se o seu papai fosse com você?

A resposta, que demorou alguns segundos, mostrou uma dessas mudanças inesperadas de humor que lhe eram peculiares.

– Por que fala essas idiotices? – perguntou ela. – Por que você

menciona papai? Quem é o papai para você? Eu estava apenas começando a ser feliz e não estava pensando muito nele e agora, pronto, terei que começar tudo de novo.

Seu lábio tremeu. Apressei-me a divulgar o fato de uma carta ter sido recebida e mencionar as instruções dadas para que ela e Harriet fossem imediatamente ter com seu querido papai.

– E agora, Polly, você não está contente? – acrescentei.

Ela não respondeu. Olhou-me com gravidade e seriedade. Deixou cair o livro e de balançar a boneca.

– Não gostaria de ir ver o seu paizinho?

– É claro – respondeu ela, finalmente, com a forma incisiva com a qual, em geral, usava para falar comigo, aliás, bem diferente da maneira que empregava com a senhora Bretton, diferente, por sua vez, da forma especial dedicada a Graham. Eu queria saber mais sobre o que ela pensava, mas ela não iria conversar mais. Saiu apressadamente para falar com a senhora Bretton de quem recebeu a confirmação da minha notícia. O peso e a importância dos fatos conservaram-na calada e séria todo o dia.

À noite, no momento em que ouvi, lá embaixo, a entrada de Graham, ela estava ao meu lado. Mexia na fita de um medalhão que eu usava no pescoço e tirava e colocava o pente em meu cabelo. Enquanto assim se ocupava, Graham entrou:

– Diga a ele agora – ela sussurrou. – Diga-lhe que estou indo embora.

Enquanto tomávamos o chá, fiz a solicitada comunicação. Graham, que por acaso, naquele dia estava muito preocupado com alguma competição na escola, mal prestou atenção. Por isso, a notícia teve que ser dita duas vezes antes que ouvisse, e mesmo assim, apenas ocupou-se dela, momentaneamente.

– A Polly vai embora? Que pena! Vai me fazer falta o meu querido ratinho. Terei muito a perder: ela deve voltar, mamãe.

E, apressadamente, engoliu seu chá, pegou uma vela, uma pequena mesa e seus livros, e enterrou-se nos estudos.

O “ratinho”, no entanto, o seguiu e deitou-se no tapete aos seus pés com o rostinho voltado para o chão. Calada e imóvel manteve-se naquele lugar e naquela posição até a hora de dormir. Em dado momento, vi Graham, totalmente inconsciente de sua proximidade, empurrá-la com o pé inquieto. Ela recuou um centímetro ou dois. Um minuto depois, a minúscula mão

moveu-se do rostinho, onde ficara pressionada, e suavemente acariciou o pé do desatento Graham. Quando a ama a chamou, ela levantou-se e partiu muito obediente, mas antes desejou que tivéssemos uma boa noite.

Eu não vou dizer que temia ir para a cama uma hora mais tarde. Entretanto, fui na inquieta expectativa de não encontrar aquela criança num sono tranquilo. A advertência do meu instinto foi cumprida. Eu mal havia entrado no quarto quando a vi fria e acordada, empoleirada como um pássaro branco do lado de fora da cama. Eu também não sabia como abordá-la, pois Polly não podia ser tratada como qualquer outra criança. Ela, no entanto, me abordou. Quando fechei a porta e coloquei a luz sobre a penteadeira, ela virou-se para mim com estas palavras: – Eu não posso, não consigo dormir, e, desta maneira, não consigo viver.

Eu perguntei o que lhe afligia.

– Uma grande dor – disse ela, num murmúrio comovente.

– Devo chamar a senhora Bretton?

– Isso é uma completa tolice – foi sua resposta impaciente, e, na verdade, eu sabia que se ela ouvisse os passos da senhora Bretton, se aninharia quieta, como um rato, debaixo das cobertas. Embora esbanjasse as suas excentricidades comigo, por quem nunca professava uma sombra de afeto, ela nunca mostrava à minha madrinha um vislumbre de seu eu interior: para ela, Polly não passava de uma menininha dócil, um pouco pitoresca, diferente das demais garotinhas da sua tenra idade. Observei-a, tinha as faces avermelhadas, os olhos brilhantes, dilatados e dolorosamente inquietos. Neste estado, era óbvio, que eu não podia deixá-la assim até o amanhecer.

– Gostaria de dar, novamente, boa noite a Graham? – indaguei. – Ele ainda não foi para o seu quarto.

Ela, imediatamente, estendeu os braços para que eu a levantasse. Enrolei-a num xale, e levei-a de volta à sala de visitas. Graham estava saindo.

– Ela não consegue dormir sem lhe ver e lhe falar mais uma vez. Ela não gosta da ideia de deixá-lo – disse eu.

– Eu a mimei muito – disse ele, tirando-a de mim com bom humor e beijando seu rostinho quente e os lábios ardentes. – Polly, você agora gosta mais de mim do que do seu papai?

– Eu gosto de você, mas você não se importa comigo – ela sussurrou.

Ele assegurou-lhe do contrário e, novamente, a beijou e devolveu-a a mim. Eu a levei para o quarto, contudo, pela sua expressão triste, continuava

aflita. Senti muita pena dela.

Quando eu pensei que ela pudesse me ouvir, eu disse: – Paulina, você não deve lamentar que Graham não se importe com você tanto quanto você se importa com ele. Tem que ser assim.

Os seus olhos curiosos, erguidos para mim, perguntaram por quê.

– Porque ele é um rapaz e você uma garotinha. Ele tem dezesseis anos e você tem apenas seis. Seu temperamento é alegre, forte e você é o contrário.

– Mas eu o amo tanto. Ele devia me amar um pouquinho.

– Ele gosta de você. É seu amigo. Você é a favorita dele.

– Eu sou a favorita de Graham?

– Sim, mais do que qualquer outra criança que eu conheça.

Esta garantia conseguiu acalmá-la e ela sorriu na sua angústia.

– Mas... – continuei eu: – Não se aflijas, não espere muito dele, ou então ele vai começar a achá-la pegajosa, chata e então estará tudo acabado.

– Tudo acabado – ecoou dos seus lábios suavemente. – Então eu vou ser boa. Vou tentar ser muito boa, Lucy Snowe.

Coloquei-a na cama.

– Será que ele vai me perdoar dessa vez? – ela perguntou, enquanto eu me despia. Assegurei-lhe que sim. Que, por enquanto, ele não estava de forma alguma perdido para ela, que ela só tinha que ter cuidado no futuro.

– Não há futuro – disse ela. – Vou-me embora, Lucy. Nunca mais o verei novamente. Como voltarei a vê-lo depois que deixar a Inglaterra?

Dei a ela uma resposta encorajadora. A vela se extinguiu, passou-se uma tranquila meia hora. Eu pensei que ela tivesse dormindo, quando a sua pequenina forma branca se ergueu da cama e perguntou: – Você gosta de Graham, Miss Snowe?

– Se gosto dele? Sim, um pouquinho.

– Só um pouquinho? Você gosta dele como eu?

– Creio que não. Não, não tanto como você.

– Você gosta muito dele?

– Eu já lhe disse que gosto dele um pouquinho. Para que gostar dele tanto assim? Ele é cheio de falhas.

– Ele tem falhas?

– Todos os meninos têm.

– Mais do que as meninas?

– Muito provavelmente. Os sábios dizem que é loucura pensar que

existe alguém perfeito, deve-se ser amigável com todos e não adorar ninguém.

– Você é uma pessoa sábia?

– Eu quero dizer para você tentar ser assim. Esforço-me para ser sensata. Vá dormir agora, Polly.

– Eu não consigo dormir. Você não tem dor aqui (colocava a mãozinha em seu peitinho) quando pensa que terá que deixar Graham, pois sua casa não é aqui?

Querida, Polly – disse eu. – Você não deve ficar tão triste, pois em breve vai estar com seu papai. Esqueceu-se dele? Você não quer mais ser sua companheira?

Silêncio mortal seguiu-se a esta pergunta.

– Polly, vá para a sua cama e tente dormir um pouco – insisti.

– Minha cama está fria – disse ela. – Não consigo esquentá-la.

Percebi que ela tremia. – Venha para cá – disse eu, sem ousar esperar que ela aceitasse, pois Polly era uma criaturazinha caprichosa e especialmente esquisita comigo. Ela veio, no entanto, de imediato, como um pequeno fantasma deslizando sobre o tapete.

Coloquei-a em minha cama e aqueci-a em meus braços. Ela estava gelada e tremia nervosamente. Afaguei-a por um logo tempo. Agora mais calma, se sentindo, talvez, amada, protegida e aquecida, ela finalmente adormeceu.

“Uma criança muito original, única”, pensei, contemplando à luz intermitente do luar, o seu rostinho adormecido. Enxuguei, cautelosamente, com meu lenço, as pálpebras brilhantes e sua face umedecida. “Como passará ela por este mundo e esta vida? Como suportará os choques, as repulsas, as humilhações e desolações, que os livros, e minha própria razão me dizem estar reservados a todos os humanos?”

Ela partiu no dia seguinte ao amanhecer. Mesmo tremendo como uma folha, quase aos prantos, ela dominou suas emoções no momento da despedida.

CAPÍTULO IV

Miss Marchmont

Ao deixar *Bretton*, o que fiz algumas semanas após a partida de Paulina – pensando que nunca mais pisaria nas suas antigas e calmas ruas – retornei para casa, depois de ter estado ausente seis meses. Poderiam suspeitar de que eu, naturalmente, estivesse feliz por voltar ao seio da minha família. Bem! A amável conjectura não faz mal e não pode, portanto, ser contrariada. Longe de dizer, melhor, na verdade, vou permitir que o leitor me imagine, durante os oitos anos seguintes, como uma barca vagando adormecida pelo tempo, num porto calmo como o espelho – com o timoneiro estendido no pequeno convés, com o rosto voltado para o céu, de olhos fechados, mergulhada, se quiser, numa longa oração. Um grande número de mulheres e meninas passa a vida dessa maneira. Por que eu também não passaria?

Imagine-me, então, ociosa, feliz, estendida em uma plataforma acolchoada, aquecendo-me ao sol constante, abalada por suaves brisas. No entanto, não pode ser ocultado que, nesse caso, devo de alguma forma ter caído no mar, ou melhor, deve ter havido um naufrágio. Eu também me lembro de um tempo – um longo tempo – de frio, de perigo, de contenção. Ainda hoje, quando eu tenho pesadelos, sinto em minha garganta a fúria e o sabor salgado das ondas e a sua pressão gelada em meus pulmões. Sei que houve uma tempestade e não durou apenas uma hora, nem um dia. Por muitos dias e noites nem o sol nem as estrelas apareceram; lançamos com nossas próprias mãos os utensílios para fora do navio; uma dura tempestade abateu-se sobre nós, toda a esperança de que deveríamos ser salvos fora levada. Por fim, o navio estava perdido e a tripulação toda morta.

Tanto quanto me recordo, eu não reclamei com ninguém sobre esses problemas. De fato, com quem eu poderia reclamar, pois há muito eu perdera contato com a senhora *Bretton*? Impedimentos, causados por outros, tinham, anos atrás, rompido as nossas relações. Além disso, o tempo trouxe mudanças para ela também: a grande propriedade que lhe fora deixada como depositária para o filho, e que tinha sido principalmente investida em um

empreendimento acionário, tinha sido reduzida, dizia-se, a uma fração de seu original montante. Graham, segundo rumores, havia adotado uma profissão e tanto ele quanto a mãe tinham partido de *Bretton*. Suponha-se que estavam em Londres. Assim, não me restou possibilidade de dependência dos outros. Eu dependeria de mim mesma.

Eu não era de natureza ativa e de forma alguma tinha um temperamento confiante, mas pelas circunstâncias, estas características foram impostas a mim, como acontecia a milhares de pessoas. Quando Miss Marchmont, uma senhora solteira das redondezas, mandou me chamar, eu obedeci na esperança de que ela me atribuísse alguma tarefa que eu pudesse empreender.

Miss Marchmont era uma mulher de fortuna e vivia em uma linda residência, mas era uma inválida reumática que não podia mexer os pés nem as mãos. Estava assim impotente há vinte anos. Vivia no andar de cima de sua casa. A sua sala de estar era adjacente ao seu quarto de dormir. Eu tinha ouvido falar muitas vezes de Miss Marchmont e de suas peculiaridades (tinha fama de ser excêntrica), mas até então, nunca tinha visto nada.

Encontrei uma mulher de face enrugada, cabelos grisalhos, áspera pela solidão, amarga pela longa aflição e sofrimento, irascível e, talvez, exigente. Parecia que uma criada, ou melhor, dama de companhia, que tinha cuidado dela durante muitos anos, estava prestes a se casar e ela, sabendo da minha sorte enlutada, tinha mandado me buscar com a ideia de que eu poderia substituí-la. Ela fez a proposta para mim depois de chá, quando estávamos as duas sentadas junto à lareira.

– Não vai ser uma vida fácil – disse ela com franqueza –, pois eu preciso de muitos cuidados e atenção e você vai ficar muito tempo confinada nesta casa. No entanto, talvez, em contraste com a vida que tem levado ultimamente, possa lhe parecer tolerável.

Eu refleti. É claro que deveria parecer-me tolerável, argumentei interiormente, mas de alguma forma, por alguma estranha fatalidade, eu sabia que seria muito difícil. Viver ali, fechada, observando seu sofrimento diário – talvez sendo alvo do seu temperamento – através de tudo o que estava para vir da minha juventude, enquanto tudo o que tinha ido embora tinha passado, para dizer o mínimo possível, sem felicidade. Meu coração sucumbiu por um momento, mas, então, reviveu, pois, embora eu me forçasse a imaginar os males, creio que era demasiado prosaica a idealizar e, conseqüentemente, a exagerá-los.

– Minha dúvida é se terei forças para esse trabalho – observei.
– Esse é também o meu escrúpulo – disse ela –, porque me parece fatigada.

Era verdade. Eu me vi no espelho, no meu vestido de luto, desbotado, profundas olheiras escuras ao redor de olhos tristes. No entanto, eu pensei pouco naquele lúgubre espetáculo. A praga, eu acreditava, era principalmente externa: eu ainda sentia a força nas fontes da vida.

– O que mais tem em vista? Alguma coisa?

– Nada claro ainda, mas eu posso encontrar algo.

– Talvez esteja certa. Tente o seu próprio método, então, se ele não tiver êxito, tente o meu. A chance que eu estou lhe oferecendo será mantida por três meses.

Sem dúvida achei amável da sua parte e expressei a minha gratidão. Enquanto eu falava, sobreveio-lhe uma crise de dor. Tratei-a e cuidei dela com todo esmero. Fiz as necessárias aplicações, de acordo com suas instruções. Passada a crise, ela ficou aliviada, e uma espécie de intimidade já estava formada entre nós.

Eu aprendi, pela forma como ela suportara o ataque, que era uma mulher firme, paciente (paciente à dor física, embora, talvez, por vezes irritável sob a influência da gangrena mental). Pela boa vontade com que eu a socorri, ela descobriu que poderia influenciar a minha simpatia e decisão. Dessa forma, mandou me chamar no dia seguinte. Por cinco ou seis dias sucessivos, ela pediu a minha companhia.

Nestes dias, convivendo com ela, adquiri um conhecimento mais profundo. Enquanto ela revelava as falhas e excentricidades, ao mesmo tempo, tive uma visão de um caráter que eu podia respeitar. Severa e até mesmo sombria como ela às vezes era, eu podia tratá-la e sentar-me ao seu lado com a calma que sempre nos advêm quando compreendemos que os nossos modos, presença e contato, ajudam a acalmar as pessoas as quais servimos.

Mesmo quando ela me repreendia – o que ela fazia de forma muito severa – era de tal forma que não me humilhava e não deixava nenhum ressentimento. Era mais como uma mãe irascível ralhando à filha, que uma patroa dura repreendendo uma empregada. Repreender, na verdade, ela não podia, embora pudesse, ocasionalmente, atacar. Além disso, mesmo feroz, nunca lhe faltava bom senso. Com a dedicação, em breve, um crescente

sentimento de apego começou a apresentar-me sob um novo aspecto a ideia de ficar com ela como companheira. Mais uma semana, eu tinha concordado em permanecer.

Assim duas salas quentes e fechadas tornaram-se o meu mundo e uma idosa inválida a minha patroa, a minha amiga, o meu tudo. O seu serviço era o meu dever; a sua dor, meu sofrimento; seu alívio, a minha esperança; a raiva, o meu castigo; seu respeito, a minha recompensa. Esqueci-me de que havia campos, bosques, rios, mares, um céu em constante mudança fora da janela embaçada do vapor daquela sala doente. Quase me sentia feliz por esquecer. Tudo dentro de mim se tornou reduzido à minha sorte. Dócil e sossegada pelo hábito, disciplinada pelo destino, eu não exigia caminhadas ao ar livre. O meu apetite não pedia mais que os frugais pratos servidos à doente.

Além disso, ela me deu a originalidade de sua personalidade para estudar, como a firmeza de suas virtudes, vou acrescentar, o poder de suas paixões para admirar; a sinceridade de seus sentimentos para confiar. Todas essas coisas ela tinha e nelas eu me agarrei.

Por essas coisas eu teria vivido com ela por vinte anos, se por vinte anos a mais a sua vida de resistência tivesse sido prolongada. Mas, outro decreto fora escrito. Parecia que eu deveria ser estimulada a agir. Deveria ser instigada, incitada, impulsionada, impelida e forçada a ser ativa. O meu bocado de afeição humana, que eu valorizava como se fosse uma pérola sólida, havia de derreter-se em meus dedos e escoar-se dali como uma dissolução do granizo. Meu pequeno dever que eu adotara deveria ser arrancado de minha consciência facilmente satisfeita. Eu quisera negociar com o destino, escapar a possíveis grandes sofrimentos, submetendo-me a toda uma vida de privações e pequenas dores. O destino, contudo, não se aplacaria assim; nem a Providência sancionaria a preguiça e a covarde indolência.

Certa noite de fevereiro, recordo-me bem, chegou uma voz à casa de Miss Marchmont, ouvida por cada habitante, mas traduzida, talvez, apenas por um. Depois de um inverno calmo, as tempestades deram início à primavera. Eu tinha deitado Miss Marchmont e estava sentada junto à lareira, a costurar. O vento gemia nas janelas, tinha lamentado todo o dia, mas, agora, à medida que a noite se aprofundava, ganhara um novo tom, afiado, penetrante, quase articulado ao ouvido. Um lamento triste e desconsolado

para os nervos vibrava em cada rajada.

“Oh! Cala-te! Cala-te! Silêncio!”, disse eu em minha mente perturbada, soltando o meu trabalho e fazendo um esforço em vão para cobrir os ouvidos ao grito sutil e penetrante. Eu já tinha ouvido aquela voz antes e a observação forçada obrigara-me a formar uma teoria sobre o que ela pressagiava. Três vezes no decurso da minha vida os acontecimentos me tinham ensinado que aqueles sons estranhos na tempestade, aquele choro inquieto, desesperado, denotavam a aproximação de um estado da atmosfera desfavorável à vida.

Doenças epidêmicas, eu acreditava, eram muitas vezes anunciadas por um ofegante, atormentado, lamuriento vento leste. Daqui, concluo eu, surgiu a lenda do *Banshee*. Supunha, também, eu tinha notado – mas não sou filósofa suficiente para saber se havia alguma ligação entre as circunstâncias – que ouvimos, muitas vezes, ao mesmo tempo perturbações vulcânicas em partes distantes do globo, rios que inundam as margens, estranhas marés altas fluindo furiosamente em baixas zonas costeiras. “O nosso mundo”, eu disse para mim mesma, “parece estar, em tais ocasiões, enfurecido e desordenado. O fraco entre nós murcha ante o fôlego destemperado que ele expira dos vulcões fumegantes.”

Eu escutava e tremia. Miss Marchmont dormia.

Por volta da meia-noite, a tempestade se acalmou. Eu senti a mudança do ar, tornou-se mais vivo. Levantei-me e fui à janela. Abri a cortina, olhei, e enxerguei nas estrelas a viva centelha de uma geada cortante.

Afastando-me da janela, meus olhos encontraram Miss Marchmont acordada, levantando a cabeça do travesseiro e me olhando com uma seriedade incomum.

– Está uma noite bonita? – ela perguntou. Respondi afirmativamente.

– Eu imaginei – disse ela –, porque eu me sinto tão forte, tão bem. Levanta-me, Lucy. Eu me sinto jovem esta noite – ela continuou: – jovem, alegre e feliz. E se a minha doença se curasse e eu viesse ter ainda a saúde? Será que estou ainda destinada a apreciar a saúde? Seria um milagre, Lucy!

“Estes não são dias de milagres”, pensei para mim mesma, espantada ao ouvi-la falar assim. Ela prosseguiu recordando o passado e parecendo invocar os acontecimentos, lembrar seus incidentes, cenas e personagens com vivacidade singular.

– Eu amo a minha memória nesta noite – disse ela: – Prezo-a como a minha melhor amiga. Ela só agora está me dando um enorme prazer. Ela está

trazendo de volta para o meu coração realidades cheia de vida e calor. Não meras ideias vazias, mas aquilo que foi outrora realidade e que há muito julgava morto, deteriorado, dissolvido, misturado no pó da sepultura. Eu possuo agora apenas as horas, os pensamentos, as esperanças da minha mocidade. Revivo o amor da minha vida, meu único amor, quase o único afeto, porque eu não sou uma mulher particularmente boa, eu não sou amável. Contudo, eu tive meus sentimentos, fortes e concentrados e esses sentimentos tinham o seu objeto, o que, por ser único, me era tão querido, não como a maioria dos homens e mulheres que dissipam seus afetos em inúmeros objetos. Enquanto eu amava, e enquanto eu era amada, que doce era a minha existência! Que ano glorioso, eu me lembro, quão brilhante ele volta à minha mente! Que adorável primavera cheia de vida e que verão quente e feliz! Que luar macio prateando as noites de outono, que vigor de esperança sob as águas geladas e os campos cobertos de geada do inverno! Naquele ano, o meu coração viveu com o coração de Frank. O meu nobre Frank, o meu fiel Frank, o meu bom Frank! Muito melhor do que eu e bem superior em todas as coisas! Ele era muito mais elevado. Posso agora ver e dizer isto: se poucas mulheres sofreram o que eu sofri ao perdê-lo, poucas terão sido felizes como eu fui com o seu amor. Era um amor muito superior ao vulgar e eu não tinha dúvidas sobre seu amor e sobre Frank. Era um amor que não só fazia feliz àquela a quem era oferecido, mas honrava-a, elevava-a e a protegia. Deixe-me perguntar agora, exatamente nesse momento, quando minha mente está tão estranhamente clara. Deixe-me refletir, por que foi tirado de mim? Por qual crime fui eu condenada, após doze meses de felicidade, a suportar trinta anos de tristeza?

Depois de refletir, ela continuou: – Eu não sei. Não posso ver a razão. Direi com sinceridade o que eu nunca tentei dizer antes. Deus inescrutável! Seja feita a Tua vontade! E neste momento eu acredito que a morte vai me restaurar a Frank. Eu nunca acreditei nisso até neste momento.

– Ele está morto, então? – eu perguntei em voz baixa.

– Minha querida – disse ela. – Numa feliz noite de véspera de Natal, eu vesti-me esperando o meu noivo, que muito em breve seria meu marido. Ele viria naquela noite para visitar-me. Sentei-me para esperá-lo. Posso reviver agora aquele momento. Revejo o crepúsculo de neve que entrava pela janela em que a cortina não estava abaixada, porque eu a projetei para vê-lo chegar a cavalo pela estrada branca. Vejo e sinto a luz do fogo que me aquecia

suavemente; revejo-me em meu vestido de seda mostrando caprichosamente a minha imagem num espelho. Eu vejo a lua flutuar numa calma noite de inverno, branca e fria, sobre uma massa escura de arbustos e da relva prateada do jardim. Esperei com alguma impaciência no meu pulso, mas sem qualquer dúvida de seu amor por mim em meu peito. Na lareira, as chamas haviam morrido, mas era uma massa brilhante ainda. A lua subia, mas ainda era vista da janela. O relógio aproximava-se das dez, ele raramente demorava tanto, mais uma ou duas vezes ele tinha demorado até a essa hora.

Uma pequena pausa, um suspiro, e ela continuou: – Será que vai falhar comigo uma vez? Não, nem mesmo por uma vez, e agora ele estava vindo, e vindo rápido para recuperar o tempo perdido. Frank! Meu furioso cavaleiro, disse eu, interiormente, ouvindo com prazer, embora com ansiedade, o galope que se aproximava. Você será repreendido por isso. Vou lhe dizer que é a minha vida que está colocando em perigo, pois o que é seu é meu, num sentido mais querido e mais terno. Lá estava ele. Eu o vi, mas acho que havia lágrimas em meus olhos, minha visão estava turva. Eu vi o cavalo, eu ouvi o barulho das suas patas. Eu vi pelo menos uma massa, eu ouvi um clamor. Era um cavalo? Ou o que era aquilo, pesado, arrastando-se na relva? Como eu poderia dizer o que era aquilo que o luar me mostrava? Ou como eu poderia expressar o sentimento que passou em minha alma? Eu, Lucy Snowe, permaneci calada, apenas escutando. Meus olhos estavam rasos de lágrimas e minha garganta doía, mas eu me continha – Miss Marchmont falava, falava...

– Eu só podia correr para fora. Era um animal grande, realmente, o cavalo preto de Frank, estava tremendo, ofegante, bufando diante da porta, raspando a pata no chão. Um homem segurava-o: Frank, como eu pensava.

– Qual é o problema? Eu exigi. Thomas, meu próprio criado, respondeu dizendo bruscamente: – ‘Vá para casa, senhora’. E, em seguida, chamou a outra criada que veio correndo da cozinha como se convocada por algum instinto. – ‘Ruth, leva a patroa para a casa’. Mas, eu estava de joelhos na neve, ao lado de algo que estava lá, algo que eu tinha visto arrastado pelo chão, algo que suspirou, que gemeu no meu peito e que eu ergui, puxando-o para mim. Ele não estava morto, ele não estava completamente inconsciente. Eu tinha-o. Mandei que o levassem para dentro e recusei a receber ordens e afastar-me dele. Tentavam afastar-me, empurraram-me. Tinham começado a querer tratar-me como criança, como sempre se faz às pessoas feridas. Mas, eu não cedi o lugar a ninguém, exceto ao cirurgião, e depois que ele fez o que

podia, eu levei o meu Frank para morrer em meus braços. Ele teve força para me apertar nos seus braços, ele teve afeto para falar o meu nome, ele me ouviu quando orei por ele bem baixinho, curvada sobre si, sentia que a minha ternura e carinho o confortavam.

– ‘Maria’ – disse ele. – ‘Estou morrendo no Paraíso’. Ele deu seu último suspiro com palavras de confiança para mim. Quando a aurora da manhã de Natal rompeu, o meu Frank estava com Deus.

– E isto – acrescentou ela: – Aconteceu há trinta anos. Eu tenho sofrido desde então. Duvido que eu tenha feito melhor uso de todas as minhas desgraças. Os temperamentos brandos e bons ter-se-iam aperfeiçoado na dor, até a santidade; os fortes e maus ter-se-iam tornado demônios; quanto a mim, fui apenas uma desgraçada e egoísta.

– A senhora fez muito bem – disse eu, pois ela se destacou por sua esmola liberal. Era uma grande benfeitora.

– É verdade que eu não neguei dinheiro onde ele poderia aliviar a dor. E daí? Isto não me custou nenhum esforço ou qualquer sacrifício. Mas, creio eu, que a partir de hoje vou ser melhor. Estou prestes a entrar em um estado de espírito para encontrar-me com o Frank. Você vê que eu ainda penso mais em Frank do que em Deus, e, a menos que me seja levado em conta que, amando-o tanto, por tanto tempo, e de forma exclusiva, eu não tenha pelo menos blasfemado contra o Criador, pequena é a minha chance de salvação. O que pensa de tudo isso, Lucy? Seja meu capelão, e diga-me.

A esta pergunta eu não poderia responder: eu não tinha palavras. Ela, porém, pareceu pensar que eu lhe tinha respondido.

– Muito bem, minha filha. Devemos reconhecer que Deus é misericordioso, mas nem sempre compreensível para nós. Devemos aceitar a nossa própria sorte, qualquer que seja, e tentar tornar feliz a dos outros. Bem, amanhã vou começar por tentar fazer você feliz. Vou me esforçar para fazer algo por você, Lucy, algo que vai beneficiá-la quando eu estiver morta. A minha cabeça dói agora, pois falei demais, contudo ainda estou feliz. Vá para a cama. O relógio marca duas horas. Que egoísmo meu mantê-la aqui tão tarde! Mas, vá agora, não se preocupe mais comigo. Sinto que vou descansar.

Ela se recompôs para dormir. Eu também me retirei para a minha cama atrás do biombo, na sala onde fora feita de seu próprio quarto. A noite passou em silêncio. Calmamente e sem dor lhe deve ter sobrevivido a morte. De manhã encontrei-a sem vida, quase fria, mas com o rosto calmo e

imperturbável. Seu entusiasmo de espírito anterior e mudança de humor foram o prelúdio de um ataque, suficiente para cortar o fio de uma existência tão martirizada pela aflição.

CAPÍTULO V

Uma Nova Página

Minha senhora estava morta. Sem Miss Marchmont eu, mais uma vez, estava sozinha e precisava procurar outro trabalho e um lugar novo para morar. Nessa altura, eu devia estar um pouco, muito pouco, abalada dos nervos. Admito que eu não tinha bom aspecto, muito pelo contrário, estava magra, pálida e com os olhos fundos. Como alguém que não dormisse durante a noite, como uma serva exausta pelo trabalho ou como uma pessoa desempregada e sem lugar para morar. Dívida, no entanto, eu não tinha, nem estava muito pobre, pois, embora Miss Marchmont não tivesse tido tempo para me beneficiar como dissera na sua última noite, ainda assim, após o funeral, o meu salário foi devidamente pago por um primo de segundo grau dela, o herdeiro, um homem com ar avarento, de nariz comprimido e fronte estreita, que, na verdade, segundo eu ouvi dizer muito tempo depois, acabou um sovina completo: flagrante contraste com sua generosa parenta e uma afronta à sua memória, abençoada até hoje pelos pobres e necessitados.

Eu possuía quinze libras, a saúde, embora desgastada, não estava arrasada, o mesmo podendo dizer de meu espírito. Podia ainda, em comparação com muitas pessoas, ser considerada numa posição invejável. Contudo, ela era, ao mesmo tempo, um tanto embaraçosa, como eu senti, com alguma intensidade, em um determinado dia, igual a um da semana seguinte em que teria de deixar a minha morada, embora eu não tivesse com outra prevista.

Neste dilema eu fui, como um último e único recurso, visitar e consultar uma velha criada da família, outrora a minha ama, agora empregada em uma mansão, não muito longe da de Miss Marchmont. Passei algumas horas com ela, que me consolou, mas não sabia como me aconselhar. Ainda sem saber o que fazer, deixei-a no crepúsculo. Uma caminhada de duas milhas estava diante de mim. Era uma noite clara e fria. Apesar de minha solidão, da minha pobreza e da minha perplexidade, o meu coração, fortalecido pelo vigor de uma mocidade, que não contava ainda com vinte e

três verões, pulsou ligeiro e forte.

Ele não era um coração débil, estou certa, ou eu teria tremido naquela caminhada solitária, que passava por campos, sem nenhuma aldeia, nem fazenda, casa ou simples cabana. Eu deveria ter fraquejado com a ausência da lua, pois só as estrelas, com a sua luz fraca, guiavam os meus passos através do caminho. Teria desanimado ainda mais com a presença inusitada daquilo que nessa noite brilhou no Norte, um mistério em movimento – a Aurora Boreal. Contudo, essa solene desconhecida inspirou-me de outras formas, não através de meus medos. Ao contrário, parecia trazer-me um novo poder, novas forças. A brisa que soprava trouxe-me uma nova energia. Com ela, um pensamento ousado nasceu em minha mente e ela se fortaleceu para retê-lo.

“Deixe este deserto”, julguei ouvir. “Saia daqui”.

“Para onde?” Foi a minha pergunta.

Eu não tinha muito para onde olhar; desta província, no rico e plano interior da Inglaterra, vi mentalmente ao meu alcance o que eu nunca tinha visto com os meus olhos: eu vi Londres.

No dia seguinte, voltei a procurar a minha antiga ama e comuniquei-lhe o meu plano.

A senhora Barrett era uma mulher sombria, porém prudente. Embora conhecesse pouco mais do mundo do que eu, criteriosa como era, não me acusou de ter perdido o juízo. Na verdade, eu tinha uma maneira muito séria e particular de fazer as coisas, maneira essa que várias vezes antes me tinha sido útil como uma boa capa de lã com capuz, uma vez que, graças a esse temperamento, eu tinha podido fazer impunemente, e até mesmo com aprovação, coisas que, se praticadas com um ar irracional, teriam feito algumas mentes considerar-me uma sonhadora e fanática.

A empregada foi lentamente propondo algumas dificuldades, enquanto ela preparava casca de laranja para compota, quando uma criança passou correndo pela janela e entrou pulando na sala. Era um lindo menino, e enquanto ele dançava, rindo para mim – pois nós não éramos estranhos, na verdade eu conhecia a sua mãe –, coloquei-o no meu joelho. Por muito diferente que fossem, agora, as nossas posições sociais, a mãe desta criança e eu tínhamos sido colegas de escola, quando eu era uma menina de dez anos e ela uma jovem de dezesseis. Lembrava-me dela, de boa aparência, mas sem brilho, em uma classe mais atrasada que a minha.

Eu estava admirando os lindos olhos negros do menino, quando entrou

a mãe, a jovem senhora Leigh. Que formosa e simpática mulher se tornara aquela jovem bondosa e gentil, mas pouco inteligente! O casamento e a maternidade tinham provocado uma mudança nela, como eu já vi mudar outras ainda menos promissoras do que ela. Ela havia se esquecido de mim. Eu também havia mudado muito, mas não, eu temo, para melhor. Não fiz nenhuma tentativa para lembrar-lhe daquela época, afinal, por que eu deveria? Ela vinha buscar seu filho para acompanhá-la em uma caminhada, e atrás dela vinha uma ama carregando um bebê. Eu só mencionei o fato, porque, dirigindo-se à ama, a senhora Leigh falou francês (uma pronúncia péssima, por sinal, e com um sotaque incorrigivelmente ruim, novamente lembrando-me dos tempos da escola), e eu descobri que a mulher era estrangeira. O menino também conversava em francês. Quando todo o grupo se retirou, a senhora Barrett comentou que sua jovem senhora tinha trazido consigo aquela ama estrangeira, havia dois anos, em seu retorno de uma viagem ao continente; que era quase tão bem tratada como uma governanta e não tinha nada a fazer, a não ser sair com o bebê e falar francês com o menino Charles, e, acrescentou a senhora Barrett: – Diz ela que há muitas inglesas em muitas famílias estrangeiras, tão bem colocadas como ela.

Eu guardei aquela informação casual, como as donas de casa cuidadosas armazenam farrapos aparentemente inúteis, para os quais o seu instinto previdente antecipa alguma utilidade algum dia. Ao deixar a minha antiga ama, ela me deu o endereço de uma pousada antiquada, porém respeitável na cidade, a qual, segundo ela, meus tios costumavam frequentar em dias anteriores.

Indo para Londres, eu corria menos risco e demonstrava menos desenvoltura do que o leitor possa pensar. De fato, a distância era de apenas cinquenta milhas. Os meus recursos eram suficientes tanto para me levar até lá, para me manter alguns dias, e também para me trazer de volta, se eu não encontrasse qualquer incentivo para ficar. Eu considerava a viagem como umas férias curtas, permitidas por uma vez a uma pessoa cansada de trabalhar e não como uma aventura de vida ou morte. Não há nada como atribuir a tudo uma importância modesta: agindo assim, conserva-se a mente e o corpo tranquilos, enquanto grandes expectativas só podem causar-lhes frustrações e são até capazes de causar uma febre.

Cinquenta milhas eram, então, um dia de viagem. Cerca de nove horas de uma noite chuvosa de fevereiro, cheguei a Londres.

Meu leitor, eu sei, não iria me agradecer por uma reprodução elaborada das primeiras impressões poéticas ao chegar a Londres. Ainda bem, pois eu não tinha nem tempo e nem disposição para acalentar tal fato. Cheguei numa noite escura, inóspita e chuvosa, a uma Babilônia e a um deserto, cuja vastidão e estranheza punham à prova, no mais alto grau, quaisquer faculdades de raciocínio claro e constante autocontrole com que, na ausência de faculdades mais brilhantes, a Natureza poderia ter me presenteado.

Quando saí da diligência, a estranha linguagem dos cocheiros e de outros homens que por ali andavam pareceu-me tão estranho como uma língua estrangeira. Eu nunca tinha ouvido o idioma Inglês assim tão corrompido. No entanto, consegui compreender e ser compreendida, o suficiente para que me levassem até a velha estalagem da qual eu tinha o endereço. Que difícil, que opressiva, que complicada me parecia a minha viagem. Em Londres, pela primeira vez; numa estalagem pela primeira vez; fatigada da viagem; confundida com a escuridão; paralisada pelo frio; desprovida de experiência ou conselhos sobre o que dizer e como agir e, ainda por cima, forçada a seguir em frente.

Confidenciei o assunto ao bom senso. Contudo, o bom senso estava tão confuso e perturbado como todas as minhas outras faculdades, e foi apenas sob o impulso de uma inexorável necessidade que ele cumpria espasmodicamente a sua missão. Assim, compelido, pagou ao bagageiro. Considerando a crise, eu não o culpei muito por se deixar ser extremamente enganado. Pediu um quarto, chamou timidamente a camareira, e, o que é pior, suportou, sem ser totalmente vencido, um estilo altamente arrogante de comportamento da camareira, quando esta apareceu.

Lembro-me de que essa camareira era um modelo de beleza e elegância de cidade grande. Tão exuberantes eram suas vestimentas, sua cintura marcada, sua touca que eu me perguntava como elas tinham sido fabricadas. Seu discurso tinha um tom que parecia, na sua fluência afetada, censurar a minha modéstia. Seu traje elegante e ostensivo desprezava o meu simples traje de campo.

“Bem, não há nada a fazer”, pensei, “e, depois, a situação e as circunstâncias são novas para mim, hei de melhorar”.

Mantive-me tranquila em relação à criada arrogante, tratando-a com cortesia e, posteriormente, fazendo o mesmo para com o garçom, um homem com aspecto de padre, vestido de preto com o colarinho branco. Obtive deles,

dentro em pouco, certa civilidade. Acredito que no início eles pensaram que eu fosse uma criada, mas em pouco tempo eles mudaram de opinião e ficaram em dúvida, uma atitude hesitante, entre afetamento e polidez.

Dominei o meu espírito até ter bebido algo quente, ter me aquecido junto à lareira e ter-me fechado no meu próprio quarto. Mas, quando sentei ao lado da cama e descansei minha cabeça e os braços sobre uma almofada, uma opressão terrível apoderou-se de mim. Toda a minha situação caótica ergueu-se à minha frente como uma alma do outro mundo. Senti-me desolada, quase vazia de esperança. O que eu estava fazendo ali sozinha em Londres? Que faria eu no dia seguinte? Quais as minhas perspectivas de vida? Que amigos eu tinha ali? De onde vim? Para onde devo ir? O que devo fazer?

Molhei o travesseiro, meus braços e meu cabelo com lágrimas abundantes. Um negro intervalo de amargos pensamentos se seguiu àquela explosão. Entretanto, eu não me arrependia do passo dado, nem desejava voltar atrás. Uma forte, porém vaga persuasão de que era melhor seguir do que olhar para trás, e de que eu podia prosseguir (de que o caminho, embora mais estreito e difícil que parecesse no momento, com o tempo deveria se abrir) predominava sobre todos os outros sentimentos. A certeza dessa influência silenciosa me acalmou e, finalmente, tornei-me suficientemente tranquila para ser capaz de fazer as minhas orações e ir dormir.

Eu tinha acabado de apagar a vela e de me deitar, quando um som profundo e baixo ecoou na noite toda. No início, eu não o identifiquei. Mas, depois de ter soado a décima segunda tremenda badalada, eu pensei: “Estou à sombra da Catedral de São Paulo.”

CAPÍTULO VI

Londres

O dia seguinte era primeiro de março, e, quando acordei, suspendi a cortina, e vi o sol que lutava bravamente através da névoa. Acima de minha cabeça, dos telhados das casas, imponente, quase à altura das nuvens, eu vi uma massa redonda, solene, azul-escura e obscura – a cúpula. Enquanto eu olhava, o meu eu interior mudou, o meu espírito moveu quase livre as suas asas sempre acorrentadas. Eu tive uma súbita sensação como se eu, que ainda nunca vivera realmente, estivesse, finalmente, prestes a saborear a vida. Nessa manhã a minha alma cresceu tão rapidamente quanto a cabaça de Jonas.[\[2\]](#)

“Eu fiz bem em vir”, pensei, procedendo a me vestir com rapidez e cuidado. “Gosto do espírito desta grande Londres que eu sinto e vejo ao meu redor.” Quem, senão um covarde, iria passar toda a sua vida em aldeias e para sempre abandonar suas faculdades à ferrugem da voraz obscuridade?

Vestida, descí. Eu não estava mais desgastada e esgotada da viagem, contudo sentia-me revigorada. Quando o garçom chegou com meu café da manhã, consegui abordá-lo, serenamente, e até alegre. Tivemos uma conversa de dez minutos, no decorrer da qual nos tornamos conhecidos, o que me foi útil.

Ele era um homem idoso, de cabelos grisalhos, e, ao que me parecia, havia vinte anos em que trabalhava ali. Quando tomei conhecimento dessa informação, eu tinha certeza de que ele deveria se lembrar dos meus dois tios, Charles e Wilmot, que, quinze anos atrás, eram frequentes visitantes da estalagem. Mencionei seus nomes, ele recordava deles perfeitamente e com respeito. Depois de informá-lo sobre o meu parentesco, o tratamento dirigido a mim, doravante, foi claro e favorável. Ele disse que eu era parecida com o meu tio Charles. Eu acho que ele falou a verdade, porque a senhora Barrett costumava dizer a mesma coisa. Uma pronta cortesia agora substituiu o seu antigo costume desconfortavelmente duvidoso. Para o futuro, eu não ficaria mais sem uma educada resposta às minhas perguntas.

A rua para a qual se voltava a janela da minha pequena sala de estar era estreita, perfeitamente tranquila, e limpa. Os poucos transeuntes eram apenas como se vê em cidades do interior: não se via nada de formidável. Eu tinha certeza de que poderia aventurar-me sozinha.

Depois do desjejum, sai com uma euforia que não me era peculiar. No meu coração, eu sentia uma alegria e até uma presunção. Passear sozinha em Londres parecia, por si só, uma aventura. Pouco depois, encontrei-me na clássica *Paternoster Row*. Entrei numa loja de um livreiro, mantida por um tal de Jones, e comprei um pequeno livro, uma pequena extravagância que eu mal podia pagar, mas eu pensei que um dia iria dá-lo ou enviá-lo à senhora Barrett. O senhor Jones, um austero homem de negócios, estava atrás de sua mesa e parecia um dos mais importantes, e eu um dos mais felizes seres da humanidade.

Foi milagroso o que vivi naquela manhã. Encontrando-me diante da catedral de São Paulo. Adentrei-a, subi à cúpula e avistei de lá Londres com o seu rio, suas pontes, suas igrejas. Vi o antigo Palácio de *Westminster*, e os verdes *Temple Gardens*, iluminado pelo sol, e um céu azul alegre, de início de primavera, e, entre eles, uma bruma suave, não muito densa.

Descendo, andei ao acaso, por onde a oportunidade pôde me levar. Sentia um êxtase de liberdade e prazer. Caminhando sem rumo penetrei – não sei como – no coração latente da cidade. Eu vi e senti Londres. Entrei na *Strand*, fui até *Cornhill*, misturei-me na vida que passava e atrevi-me aos perigos da travessia e das encruzilhadas. Fazer isso, e fazê-lo completamente sozinha, me deu, talvez, um irracional, porém verdadeiro prazer. Desde aqueles dias, eu passei a gostar muito mais da cidade. Passei a enxergar de forma diferente o *West End* – seus parques e suas praças. A cidade pareceu-me muito mais séria: os seus negócios, a sua pressa, o seu rugido e seus pontos turísticos. No *West End* a pessoa pode se divertir, mas na cidade vive-se intensamente.

Finalmente, exausta, quase a desmaiar e faminta, pois havia anos em que eu não sentia uma fome tão saudável, retornei, cerca de duas horas, à minha escura, velha e silenciosa estalagem. Jantei dois pratos simples com carne e legumes. Ambos me pareceram excelentes. Tão diferentes dos pequenos e delicados pratos que a cozinheira de Miss Marchmont preparava para a sua bondosa patroa e para mim, cuja aparência não poderia despertar em nós duas o apetite de uma pessoa só.

Encantadoramente cansada, deitei-me em três cadeiras, pois o modesto quarto não possuía um sofá, e adormeci. Quando despertei, refleti por duas horas seguidas.

O meu estado de espírito e todas as circunstâncias incitavam-me a favorecer uma nova decidida e ousada, – e por que não, desesperada –, linha de conduta. Eu não tinha nada a perder. Indescrevíveis dissabores de uma desolada existência passada refreavam meu retorno. Se eu falhasse no que agora tencionava tentar, quem sofreria com isso a não ser eu mesma? Se eu morresse longe da Inglaterra – ia dizer longe de casa –, mas eu não tinha casa. Então, quem daria por minha falta ou choraria por mim?

Eu podia sofrer, contudo estava acostumada com o sofrimento. A própria morte, em si, não tinha para mim os terrores que tem para aqueles a quem a vida acaricia, cuida e ampara. Sempre pensara na morte com um olhar tranquilo. Serenamente. Preparada, então, para quaisquer consequências, tracei o meu plano.

Naquela mesma noite, eu obtive de meu novo amigo, o garçom, informações a respeito de embarcações para certo porto continental: *Boue-Marine*. Tomada a decisão, não havia mais tempo a perder. Naquela mesma noite, eu tinha que reservar a minha vaga. Poderia, de fato, ter esperado até o dia seguinte para ir a bordo, mas não quis correr o risco de me atrasar.

– É melhor ir de uma vez, minha senhora – aconselhou o garçom. Eu concordei com ele e depois de pagar as minhas despesas e reconhecer os serviços de meu amigo a uma taxa que eu sei agora que foi principesca, e que aos seus olhos deveria ter parecido um absurdo (e, de fato, enquanto eu guardava o dinheiro, ele deu um sorriso leve que mostrou a sua opinião sobre o *savoir-faire* da doadora), foi buscar-me uma condução. Para o cocheiro, ele também me recomendou, dando-lhe ao mesmo tempo instruções para que me conduzisse ao cais e não me deixasse entre os barqueiros, coisa que o cocheiro prometeu observar, mas falhou na sua promessa. Pelo contrário, ofereceu-me como uma oblação, me serviu como um assado suculento, fazendo-me descer no meio de uma multidão de barqueiros.

Esta foi uma crise desconfortável. Era uma noite escura. O cocheiro imediatamente partiu, logo que recebeu sua tarifa. Os barqueiros iniciaram uma luta por mim e minha bagagem. Ainda neste momento ouço os seus juramentos que abalaram a minha filosofia mais do que fez aquela noite, o isolamento, ou a estranheza da situação. Um deles colocou as mãos na minha

bagagem. Eu olhei em silêncio e esperei, mas quando outro colocou as mãos sobre mim, eu escapei ao seu toque, saltei imediatamente para um barco e exigi, austeramente, que a minha bagagem fosse colocada à minha frente, o que foi instantaneamente feito e o proprietário do barco, que eu havia escolhido, tornou-se um aliado e remou tirando-me dali.

O rio estava negro como uma torrente de tinta. Em alguns trechos, luzes das construções adjacentes refletiam na água. Navios balançavam em seu seio. O barqueiro remou para vários navios e eu, à luz da lanterna, lia seus nomes pintados em grandes letras brancas sobre um fundo escuro. “*The Ocean*”, “*The Phoenix*”, “*The Consort*”, “*The Dolphin*”, foram passados um após outro, mas o meu navio era o “*Vivid*” e parecia que estava mais para baixo.

Continuamos a deslizar pela água negra. Eu pensei no Estige e em Caronte conduzindo uma alma solitária à Terra das Sombras. Em meio à cena estranha, com um vento frio soprando no meu rosto e as nuvens de chuva da meia-noite caindo sobre a minha cabeça, com dois remadores rudes como acompanhantes, cujos insanos juramentos ainda torturavam os meus ouvidos, eu me perguntava se eu era miserável ou estava aterrorizada. Eu não era nem uma coisa nem outra. Muitas vezes na minha vida eu me senti muito mais miserável em circunstâncias relativamente seguras. “Como é isso?”, perguntava a mim mesma. “Parece que estou animada e corajosa, em vez de estar deprimida e apreensiva”, eu não podia explicar.

O *Vivid* surgiu na noite escura. Branco e brilhante.

– Aqui está – disse o barqueiro, e, imediatamente, exigiu seis xelins.

– Você pede muito – eu disse. Ele afastou-se do navio e jurou que não me embarcaria, enquanto não lhe pagasse. Um jovem, o criado de bordo, como descobri depois, estava olhando do navio, e sorria prevendo uma discussão. Para desapontá-lo, eu paguei. Por três vezes naquela tarde eu tinha dado coroas quando deveria ter dado xelins, mas eu me consolava com a reflexão: “É o preço da inexperiência.”

– Eles te enganaram? – perguntou o comissário de bordo exultante quando cheguei a bordo. Eu respondi, fleumaticamente, que “eu sabia que o fariam”, e desci.

Uma mulher forte, bonita e vistosa estava na cabine das senhoras. Pedi-lhe que me indicasse o meu beliche. Ela olhou diretamente para mim, duramente e murmurou algo sobre ser incomum passageiros embarcarem

àquela hora e parecia disposta a ser menos que cortês. Que expressão ela tinha. Tão formosa, insolente e egoísta!

– Agora que estou a bordo, vou certamente permanecer aqui – foi a minha resposta. E continuei: – Vou incomodá-la apenas para que me indique o meu beliche.

Ela obedeceu, mas mal-humorada. Tirei a touca, arranjei as minhas coisas e deitei-me. Eu já havia vencido algumas dificuldades. Uma espécie de vitória já fora conquistada. O meu espírito desamparado, sem âncora e sem casa havia suportado alguns infortúnios e, pôde, novamente, repousar um pouco. Eu chegara até o *Vivid*, nenhuma ação adicional seria exigida de mim, mas depois... Oh! Eu não me atrevia a olhar para o futuro. Deprimida, exausta, mergulhei num sono aflito, como se fosse um transe.

Como para incomodar-me, a criada de bordo conversou a noite toda, não comigo, mas com o jovem criado, seu filho, sem dúvida, pois era a sua própria imagem. Ele entrava e saía da cabine o tempo todo. Discutiam, zangavam-se. Fizeram isso por umas vinte vezes ao longo da noite. Ela disse que estava escrevendo uma carta para casa – para o pai, segundo ela. Lia as passagens em voz alta, sem se dar conta da minha presença, talvez acreditasse que eu estivesse dormindo. Várias daquelas passagens aparentemente continham segredos de família, e, referiam-se, especialmente a uma Charlotte, uma irmã mais nova que, pelo conteúdo da epístola, parecia estar à beira de um casamento romântico e imprudente. Veemente foi o protesto desta senhora mais velha contra a terrível união. O filho ria da correspondência de sua mãe com desprezo. Ela a defendia e enfurecia-se com ele. Formavam uma dupla estranha.

Ela poderia ter uns 39 a 40 anos. Era rechonchuda e florescia como uma menina de 20. Dura, forte, vaidosa e vulgar. A mente e corpo pareciam, igualmente, de bronze e imperecíveis. Imaginei que ela deveria ter vivido desde a infância em lugares públicos e, na sua juventude, pôde, muito provavelmente, ter sido uma garçonete.

Pela madrugada, o discurso mudou para um novo tema: os Watsons – certa família de passageiros conhecida e, pela qual, ela tinha grande estima por conta do lucro considerável que lhe dava. Ela disse: “Era quase uma pequena fortuna para ela sempre que esta família fazia a travessia”.

Ao amanhecer, todos estavam em tumulto, e ao nascer do sol os passageiros vieram a bordo. Foi barulhenta a acolhida dos Watsons pela

criada de bordo e grande o alvoroço feito em homenagem a estes. Eles eram em número de quatro: dois homens e duas moças. Além deles, só havia outro passageiro – uma jovem senhora, escoltada por um langoroso cavalheiro, embora distinto. Os dois grupos ofereciam um acentuado contraste. Os Watsons eram pessoas ricas, sem dúvida, pois tinham aquela confiança que a riqueza fornece. As mulheres, ambas jovens, uma delas notável quanto à beleza física, vestiam-se rica e alegremente, e de forma mais disparada e absurdamente possível, tendo em vista as circunstâncias. Seus chapéus com flores brilhantes, capas de veludo e vestidos de seda pareciam mais adequados a um parque ou a um passeio do que a um convés úmido de um navio. Os homens de baixa estatura, de aparência nada excepcional, eram gordos e vulgares. O mais velho, que não possuía sequer um traço de beleza e era ainda por cima mais obeso e vulgar, eu logo descobri, era o marido – recente, eu suponho, pois ela era muito jovem – da moça bonita. Profundo foi o meu espanto perante esta descoberta, e, ainda mais intensa surpresa, quando eu percebi que, em vez de se sentir desesperadamente infeliz com tal união, ela se mostrava alegre até ao delírio. “Sua risada”, pensei, “deve ser apenas o frenesi do desespero”.

Eu estava quieta e solitária contra o costado do navio, ainda com aqueles pensamentos ressonando em minha mente, quando ela se dirigiu a mim. Uma total estranha, com um banco desmontável em sua mão e com um sorriso, cuja leviandade me intrigou e assustou, embora mostrasse dentes perfeitos, ofereceu-me aquele objeto. Recusei, é claro, com toda a cortesia de que fui capaz. Ela afastou-se, num passo saltitante, como se dançasse, descuidada e alegre. Ela parecia bem-humorada, mas o que a fez casar com um indivíduo, que era, pelo menos, mais parecido com um barril de petróleo do que com um homem?

A outra passageira, com o acompanhante, era ainda bastante menina, muito bonita e parecia simpática. O seu vestido floral era muito simples, seu chapéu de palha sem adornos e um grande xale desgastado, porém graciosamente posto sobre os ombros, formavam um simples conjunto que qualquer Quaker aprovaria. Embora simples, ela estava muito bem.

Antes de o cavalheiro a deixar, eu o observei lançando um olhar perscrutador sobre todos os passageiros, como se quisesse averiguar em que grupo ela seria deixada. Foi com um olhar insatisfeito que ele tirou os olhos das senhoras com as flores brilhantes, e olhou para mim, e então ele falou

com sua filha, sobrinha, ou o que quer que fosse. Ela também olhou em minha direção, e torceu ligeiramente o lábio formoso. Poderia ter sido eu mesma, ou pode ter sido o meu traje de luto familiar, que provocou o sinal de desprezo, provavelmente, ambos.

Um sino tocou, seu pai (eu depois soube que era seu pai) a beijou, e voltou para a terra. O navio partiu.

Estrangeiros dizem que só as moças inglesas podem viajar sozinhas e, no fundo, admiram a confiança e ousadia dos pais ingleses encarregados de sua educação. Quanto às *jeunes miss*, alguns acham que a sua intrepidez masculina é *inconvenant*, outros as consideram como vítimas passivas de um sistema educacional e teológico que desenfreadamente dispensa adequada vigilância. Se esta jovem, em particular, era do tipo que pode com segurança ser deixada sem vigilância eu não sei, ou, antes, eu não o sabia, mas logo se viu, porém, que a dignidade da solidão não era do seu gosto. Ela passeou duas ou três vezes pelo convés para trás e para frente. Olhou com um ar azedo de desdém para as sedas e veludos ostentados pelas outras jovens, e para os *ursos* que as acompanhavam, e, finalmente, se aproximou de mim e falou:

– Gosta de uma viagem marítima? – foi sua pergunta.

Expliquei-lhe que meu gosto pelas viagens pelo mar ia, pela primeira vez, ser posto à prova, pois eu nunca havia feito uma.

– Oh! É encantador – gritou ela. – Eu invejo-lhe a novidade. As primeiras impressões, você sabe, são tão agradáveis. Agora, eu já fiz tantas, que me esqueci completamente da primeira. Sinto-me entediada perante o mar e tudo isto.

Não pude deixar de sorrir.

– Por que você riu de mim? – ela perguntou, com um franco mau humor que me agradou mais que todo o resto.

– Porque você é tão jovem para estar entediada sobre qualquer coisa.

– Eu tenho dezessete anos – respondeu um pouco ofendida.

– Dificilmente olhando para você eu daria dezesseis. Você gosta de viajar sozinha?

– Bah! Eu não me importo com isso! Já atravessei dez vezes o canal sozinha, mas então eu cuido para nunca ficar só. Eu sempre faço amigos.

– Você dificilmente irá fazer muitos amigos nesta viagem, eu acho – olhei para o grupo dos Watsons que, rindo, faziam um grande barulho no

convés.

– Não com aqueles homens e mulheres odiosos – disse ela: – Essas pessoas deveriam viajar na terceira classe. Você vai para a escola?

– Não.

– Para onde você vai, então?

– Eu não tenho a menor ideia, pelo menos, para além do porto de *Boue-Marine*.

Ela olhou-me, em seguida, e logo continuou indiferente.

– Eu estou indo para a escola. Oh, em quantas escolas estrangeiras eu tenho estado nessa minha vida! E, ainda assim, sou extremamente ignorante. Eu não sei nada, nada deste mundo, eu lhe asseguro. Exceto tocar e dançar lindamente e, é claro, sei falar francês e alemão. Somente falar, pois eu não leio e nem escrevo bem. Você imagina que, num dia desses, queriam que eu traduzisse uma página de um livro fácil de alemão para o inglês, e eu não fui capaz. Papai ficou mortificado. Disse que era como se o senhor de Bassompierre, o meu padrinho, que paga todos os meus estudos, tivesse jogado fora todo o seu dinheiro. E, então, nas outras matérias como: História, Geografia, Aritmética, e assim por diante, sou também um bebê. E dizem que escrevo muito mal inglês, erro na ortografia e na gramática. É o que me dizem. De quebra, eu esqueci completamente a minha religião. Eles me chamavam de protestante, mas realmente não tenho certeza se eu sou ou não uma. Não sei bem a diferença entre catolicismo e protestantismo. No entanto, não me importo com isso. Em *Bonn*^[3] eu era luterana! Querida *Bonn*! Encantadora *Bonn*! Onde havia tantos alunos bonitos! Toda menina bonita em nossa escola tinha um admirador. Eles sabiam as nossas horas de passeio, e quase sempre passavam por nós. Costumávamos ouvi-los sempre dizer: *Schönes Mädchen*^[4]. Eu estava excessivamente feliz em *Bonn*!

– E onde está agora? – eu perguntei.

– Oh! Em... *Chose*^[5] – disse ela.

Agora, Miss Ginevra Fanshawe (era o nome desta jovem) só empregou a palavra *chose* no esquecimento temporário do nome real. Era um hábito que ela tinha: – *chose* entrava a todo momento em sua conversa como substituto conveniente para qualquer palavra que não lhe ocorresse, em qualquer idioma que ela estivesse falando no momento. As moças francesas, muitas vezes, faziam a mesma coisa e com elas adquirira aquele costume. Neste caso, contudo, descobri que *chose* queria dizer Villette, a grande capital do grande

reino de Labassecour[6].

– Você gosta de Villette? – eu perguntei.

– Os nativos, você sabe, são intensamente estúpidos e vulgares, mas há algumas boas e agradáveis famílias inglesas por lá.

– Você está em uma escola?

– Sim.

– Uma boa escola?

– Oh, não! Horrível, mas eu saio todos os domingos e não me preocupo com as *maîtresses*[7], nem com os *professeurs*[8], nem com as *élèves*[9] e mando as lições *au diable*[10] (não ousou dizer esta palavra em inglês, você sabe, mas soa muito bem em francês); e, assim, eu fico charmosa... Você está rindo de mim outra vez?

– Não. Estou sorrindo dos meus próprios pensamentos.

– Em que pensas? – perguntou ela e sem esperar por uma resposta, continuou: – Agora, diga-me, para onde você está indo mesmo?

– Para onde o destino me levar. Preciso ganhar a vida onde eu possa encontrar trabalho.

– Ganhar a vida? – e com consternação: – Então é pobre?

– Pobre como Jó.

Depois de uma pausa.

– Bah! Que desagradável! Mas, eu sei o que é ser pobre. Somos pobres o suficiente lá em casa. Papai, mamãe e todos nós. Papai é chamado de capitão Fanshawe. Um oficial reformado com metade do salário, porém de boa família. Alguns de nossos parentes são pessoas importantes. Mas, o meu tio e padrinho, De Bassompierre, que vive na França, é o único que nos ajuda. Paga os estudos das meninas. Tenho cinco irmãs e três irmãos. Daqui a pouco devemos nos casar, com senhores idosos, suponho, com dinheiro: papai e mamãe tratam disso. Minha irmã Augusta está casada com um homem aparentemente muito mais velho do que o papai. Augusta é muito bonita, não no meu estilo, porém morena. Seu marido, o senhor Davies, teve febre amarela na Índia, e, é ainda da cor de um guinéu, mas é rico. Augusta tem a sua carruagem e a sua casa. Todos nós achamos que ela fez muito bem. Agora, isso é melhor do que *ganhar a vida*, como você diz. A propósito, você é inteligente?

– Não. Não em tudo.

– Você sabe tocar, cantar, fala três ou quatro idiomas?

– De maneira nenhuma.
– Ainda acho que você é inteligente – uma pausa e um bocejo: – Vai enjoar?

– Eu não sei e a menina?

– Oh! Imensamente! Tão logo vejo o mar eu começo a sentir-me mal. Tenho de ir para baixo. E não quero chamar aquela gorducha odiosa criada de bordo! *Heureusement je sais faire aller mon monde*^[11] – e desceu.

Não demorou muito para que os outros passageiros a seguissem. Durante toda a tarde fiquei sozinha no convés. Quando me lembrei do clima tranquilo, e até mesmo feliz, em que eu passei essas horas, e, ao mesmo tempo, da posição em que me fora colocada, seus perigos – alguns diriam sem esperança – eu refleti: “Paredes de pedra não fazem uma prisão, nem barras de ferro, uma jaula.”

Dessa forma, pensando assim, o perigo, a solidão, um futuro incerto não são males opressivos, desde que o corpo esteja saudável e as faculdades mentais sãs, enquanto, principalmente, a liberdade nos empresta suas asas e a esperança nos guia por sua estrela.

Eu não estava doente, não enjoiei até muito tempo depois que passamos Margate, e com profundo prazer aspirei a brisa do mar. Com divino deleite contemplei as agitadas ondas do canal, as aves marinhas nos cumes das ondas, as brancas velas distantes, o céu tranquilo, embora enevoadado pendendo sobre tudo. No meu devaneio julguei ver o continente europeu como uma vasta terra de sonho, muito longe. O sol estava sobre ele, fazia da longa costa uma linha de ouro. Finos rendilhados de uma cidade, com a sua reluzente torre brilhando sob a neve, bosques espessos, montanhas serrilhadas, macias pastagens e um rio suave de fluxo serpenteante formavam a paisagem. Como pano de fundo, estendia-se um céu solene e azul-escuro e, grandioso como uma promessa imperial, com suaves tons de encantamento, dominava de Norte a Sul, num arco encurvado por Deus, um arco de esperança.

Esqueça tudo isso, se quiser, leitor – ou melhor, deixe-o e tira daí uma máxima moral, uma aliteração: “*Devaneios são delírios do demônio.*”

Desci ao camarote, pois estava me sentindo muito enjoada. Por azar, o beliche de Miss Fanshawe era ao lado do meu, e, lamento dizer, ela atormentou-me com seu implacável egoísmo durante todo o tempo que durou o nosso enjoo. Nada poderia exceder aos seus queixumes, sua lamúria e mau

humor. As Watsons, que também estavam muito enjoadas, e que a criada de bordo tratava com desavergonhada preferência, eram estoicas em comparação a ela. Muitas vezes, de uns tempos para cá, tenho notado em pessoas de temperamento fútil e frágil estilo de beleza, como Ginevra Fanshawe, uma incapacidade de suportar sofrimento. Parece azedar-se com a adversidade. O homem que se casar com uma mulher assim deverá estar preparado para garantir-lhe uma existência iluminada. Indignada, finalmente, com sua irritante impertinência, pedi-lhe, secamente, para que ela *segurasse a língua*. A censura fez-lhe bem e era evidente que ela não gostava menos de mim por isso.

Quando a noite escura caiu, o mar escapelava-se. Ondas maiores batiam fortes contra o navio. Era estranho refletir que a escuridão e a água estavam em torno de nós e sentir o navio sulcar diretamente em seu caminho intransitável, apesar do barulho das ondas, do ruído e do vendaval. Artigos de mobiliário começaram a cair sobre nós e tornou-se necessário a amarrá-los em seus lugares. Os passageiros ficavam cada vez mais agoniados. Miss Fanshawe declarou, com gemidos, que ela queria morrer.

– Ainda não, querida – disse a criada de bordo. – Estamos quase chegando ao porto.

De fato, um quarto de hora depois a calma caiu sobre todos nós e cerca da meia-noite, a viagem terminou.

Fiquei triste. Sim, bateu-me um arrependimento. Acabara o meu descanso e recomeçavam as minhas severas dificuldades. Quando subi ao convés, o ar frio e a carranca da noite pareciam repreender-me por minha presunção em estar onde eu estava. As luzes do porto estrangeiro brilhando em volta pareceram-me como inumeráveis olhos ameaçadores. Amigos dos Watsons vieram a bordo dar-lhes as boas-vindas; uma família inteira de amigos cercou e levou Miss Fanshawe. Eu... mas, eu não ousava, nem por um só momento me debruçar sobre comparação de posições.

No entanto, para onde eu deveria ir? Tinha de ir, obviamente, para algum lugar. A necessidade é implacável. Quando dei a gorjeta à criada, ela pareceu surpresa ao receber de mim uma moeda de maior valor do que os seus cálculos grosseiros, provavelmente, a tinham feito supor. Eu disse:

– Poderia ter a amabilidade de indicar-me uma estalagem respeitável e sossegada onde eu possa passar esta noite?

Ela não só me deu a direção necessária, mas pediu um carregador que

tomasse conta de mim e não da minha mala, porque esta tinha ido para a alfândega.

Eu segui aquele homem ao longo de uma rua grosseiramente pavimentada, iluminada agora por um brilho intermitente da luz da lua. Ele conduziu-me a estalagem. Ofereci-lhe seis *pence*, o que ele se recusou a tomar; supondo que não era o suficiente, eu mudei para um *xelim*. *Ele*, porém recusou novamente, falando de forma bastante acentuada em uma língua desconhecida para mim. Um garçom, vindo para frente da estalagem, onde uma lâmpada iluminava, me lembrou, em um péssimo inglês, que o meu dinheiro era moeda estrangeira, não valia ali.

Eu lhe dei uma *libra* para trocar. Resolvido este pequeno incidente, eu pedi um quarto. Comer eu não podia, pois estava ainda enjoada, nervosa e todo meu corpo tremia. Quão profundamente feliz eu fiquei quando, finalmente, a porta do pequeno quarto se fechou. Mais uma vez eu podia descansar, embora a nuvem da dúvida, sobre o que eu faria no dia seguinte, pairasse negra sobre a minha cabeça: eu sabia que haveria necessidade de um esforço mais urgente, pois o perigo das provações estava mais próximo e a luta pela existência seria grave.

CAPÍTULO VII

Villette

Na manhã seguinte, eu acordei com mais coragem. A debilidade física já não me perturbava a razão. O meu espírito havia revivido e a minha mente estava pronta e clara. Acabava de me vestir, quando alguém bateu à porta. Eu disse:

– Entre – esperando a camareira, ao passo que um homem rude entrou e me disse:

– Dê-me as suas chaves, Miss.

– Para quê? – perguntei.

– Dê! – disse ele, impaciente, quase as arrancando das minhas mãos.

Ele acrescentou: – Tudo bem! Já vem aí a sua bagagem.

Felizmente, tudo se saiu bem. Ele era da alfândega.

Onde eu poderia tomar o meu café da manhã eu não poderia dizer, mas eu comecei, não sem hesitação, a descer.

Observei agora, o que eu não tinha notado na minha extrema fraqueza, na noite passada, que a estalagem era, na verdade, um grande hotel. E, enquanto descia, lentamente, a larga escadaria, parando em cada degrau (pois tinha, estranhamente, pouca pressa em descer), olhei para o teto, para as paredes pintadas ao redor, para as amplas janelas que enchiam a casa de luz e para o mármore estriado que eu pisava (pois os degraus eram todos de mármore), e, tudo isso contrastando com a modéstia do quarto atribuído a mim, as dimensões do armário, eu senti vontade de filosofar.

Maravilhava-me a sagacidade demonstrada pelos criados em relacionar as instalações com o hóspede. Como poderiam os garçons, criados de estalagens e do navio e, em todos os lugares, num relance, dizer em poucas palavras que eu, por exemplo, era um ser sem importância social e com pouco dinheiro? Era evidentemente que eles o sabiam. Eu via muito bem, que todos eles me avaliavam, mais ou menos, no mesmo valor fracionário. O fato pareceu-me curioso, e, embora eu

quisesse ocultar a mim mesma o que ele indicava, consegui, contudo, manter a coragem.

Tendo, finalmente, chegado a um grande salão, cheio de brilho da claraboia, consegui dirigir-me àquilo que supus ser a sala do café. Não posso negar que, ao entrar eu tremia um pouco. Sentia-me incerta, solitária e miserável. Desejava ardentemente ao céu saber se estava fazendo certo ou errado e sentia-me inclinada à última hipótese, sem poder evitá-la. Atuando com o espírito e a calma de uma fatalista, sentei-me a uma pequena mesa, em que o garçom me trouxe o café da manhã. Tomei aquela refeição em um estado de espírito que não iria me favorecer a digestão. Havia muitas outras pessoas em outras mesas. Eu me sentiria um pouco mais feliz se entre eles eu pudesse ter visto qualquer mulher, no entanto, não havia uma sequer. Todos os presentes eram homens. Entretanto, ninguém parecia pensar que eu estava fazendo nada de estranho. Um ou dois cavalheiros olharam para mim algumas vezes, mas nenhum me fixou inoportunamente. Eu suponho que se havia algo excêntrico na minha atitude, eles a explicavam com esta palavra “*anglaise!*” [12]

Terminado de tomar o café da manhã, eu tive que partir. Em que direção? *Vá para Villette*, disse uma voz interior; inspirada, sem dúvida, pela lembrança desta sentença leve, proferida descuidadamente e ao acaso por Miss Fanshawe, quando ela me dava adeus: – Eu gostaria que você fosse ter com a Madame Beck. Ela tem umas pequenas de quem você poderia cuidar. Ela precisa de uma preceptora inglesa, pelo menos estava querendo uma há dois meses.

Eu não sabia quem era Madame Beck e onde viveria. Tinha perguntado, mas a pergunta nem fora escutada. Miss Fanshawe, chamada às pressas por seus amigos, deixou-me sem resposta. Eu presumi que ela residisse em *Villette*. Então eu iria para *Villette* que ficava a cerca de quarenta milhas de distância. Eu sabia que eu estava me agarrando em frágeis palhas, mas no fundo do poço em que eu estava, teria até agarrado em teias de aranha. Depois de informar-me sobre os meios de transporte para *Villette*, e assegurado um lugar na diligência, parti no impulso deste plano, deste esboço de projeto. Antes de se pronunciar sobre a precipitação deste procedimento, leitor, olha para o ponto de onde eu parti. Considera o deserto que eu tinha deixado e o pouco que arriscara: o

meu jogo era daqueles em que o jogador tem pouco a perder e, contudo, pode ganhar.

Eu sei perfeitamente que não tenho temperamento de artista. Entretanto, talvez possua qualquer coisa da habilidade dos artistas de tirar o melhor partido do prazer presente, isto é, quando é do meu agrado. Eu gostei daquele dia, embora viajássemos lentamente, embora estivesse frio e embora chovesse. A estrada em que percorríamos era um tanto nua, plana e sem árvores. Estreitos canais viscosos margeavam a estrada como cobras verdes meio entorpecidas. Salgueiros aparados ladeavam campos planos, cultivados como hortas. O céu também era monotonamente cinzento, a atmosfera estava estagnada e úmida. Ainda em meio a todas essas coisas deprimentes, a minha imaginação florescia e o meu coração estava banhado pelo sol. Estes sentimentos, no entanto, foram bem reprimidos pela secreta, porém constante consciência da incessante ansiedade que espreitava o meu prazer, como um tigre agachado numa selva espreita sua vítima. A respiração do predador não me saía dos ouvidos. O seu coração, feroz, batia ofegante junto ao meu. Ele não se mexia em seu covil, mas eu podia senti-lo. Eu sabia que ele esperava apenas o pôr do sol para saltar, enraivecido, de sua emboscada.

Eu esperava que chegássemos a *Villette* antes do anoitecer e que, assim eu poderia escapar da mais profunda vergonha que a obscuridade agravava quando aportamos a uma meta desconhecida. Contudo, com o nosso lento progresso e longas paradas – o denso nevoeiro e chuva miúda – a escuridão, quase palpável, tinha caído sobre a cidade no momento em que ganhamos seus subúrbios.

Tanto quanto eu podia enxergar à luz da lâmpada, eu sei que passamos por um portão onde ficavam os soldados. Então, tendo deixado para trás a lamacenta *Chaussée*,^[13] trotamos sobre um pavimento de superfície estranhamente áspera e pedregosa. Num *bureau*,^[14] a diligência parou e os passageiros desceram. A minha primeira preocupação foi procurar a minha bagagem, uma questão suficientemente pequena, mas importante para mim. Entendendo que era melhor não ser inoportuna e não demonstrar excessiva ansiedade sobre a bagagem, mas esperar e observar em silêncio a entrega de outras malas até vir a minha e, então, reclamá-la, prontamente, pus-me à parte. Os meus olhos fixaram àquela parte do veículo em que eu tinha visto a minha mala com

segurança pouco retraída, sobre a qual pilhas de sacos adicionais e caixas foram amontoados. Um por um, eu vi estes sendo removidos, descidos e logo agarrados.

Eu tinha certeza de que a minha seria por esta altura visível: mas não foi. Eu tinha amarrado o cartão com o meu nome com um pedaço de fita verde, que eu reconheceria imediatamente. Nenhuma fita verde, porém, era perceptível. Cada pacote foi removido. Toda bagagem fora tirada, todos os baús e embrulhos de papel-marrom foram retirados. Vi com visão distinta que não restava um guarda-chuva, capa, bengala ou simples chapéu. E a minha maleta, com minhas poucas roupas, poucos livros de bolso e a carteirinha com o que restava das quinze libras, onde estava?

Faço agora esta pergunta, mas eu não a pude fazer então. Eu não pude dizer o que quer que fosse, pois eu não sabia uma única frase de francês. E era francês, apenas francês que se falava agora à minha volta. Que havia eu de fazer? Aproximei-me do condutor, coloquei minha mão em seu braço e apontei para uma mala, daí para o telhado da diligência e tentei exprimir o caso com as mãos e olhos. Ele não me compreendeu, agarrou a mala indicada e estava prestes a içá-la para o veículo.

– O que está fazendo com a minha mala? – disse uma voz em bom inglês e depois, corrigindo: – Qu'est-ce que vous faites donc? Cette malle est à moi.[\[15\]](#)

Mas, eu tinha ouvido a língua materna, o que alegrou meu coração, e me virei:

– Senhor – disse eu, apelando para o desconhecido, sem, na minha aflição, reparar, sequer, como ele era. – Eu não sei falar francês. Posso suplicar-lhe para perguntar a este homem o que ele fez com a minha mala?

Sem discriminar, no momento, que espécie de rosto era aquele para o qual os meus olhos estavam levantados, senti, na sua expressão, talvez, surpresa ao meu apelo, certa dúvida sobre a sensatez da interferência.

– Pergunte-lhe, por favor, eu faria o mesmo por ti.

Eu não sei se ele sorriu, mas perguntou gentilmente, isto é, disse num tom educado: – Que tipo de mala era a sua?

Eu a descrevi detalhadamente, incluindo na minha descrição a fita verde. Imediatamente ele se apoderou do condutor e eu senti, pela

torrente do francês que se seguiu, que ele o sondava totalmente. Pouco depois, voltou-se para mim.

– O homem disse que ele estava sobrecarregado, e confessa que ele removeu sua mala depois que você o viu colocar, e deixou para trás em *Boue-Marine*, com outros embrulhos. Ele prometeu, no entanto, enviá-la amanhã. Portanto, depois de amanhã você vai achá-la segura neste departamento.

– Muito obrigada – disse eu, mas o meu coração se afundou. Entretanto, o que havia eu de fazer? Provavelmente, aquele inglês teria notado o desfalecimento na minha face, pois me perguntou gentilmente: – Tem alguns amigos nesta cidade?

– Não. E eu não sei para onde ir.

Houve uma pequena pausa, no curso da qual, como ele se voltasse para a luz de uma lâmpada acima dele, vi que ele era um homem jovem, distinto e bonito. Poderia ser um lorde por tudo o que eu sabia. A natureza lhe tinha feito o suficiente para um príncipe, pensei. Seu rosto era agradável. Tinha um ar altivo, mas não arrogante. Viril, mas não em excesso. Eu estava consciente de que não havia razão para continuar procurando ajuda de alguém como ele, um completo estranho. Mas, ele me deteve:

– Todo o seu dinheiro estava na sua bagagem? – ele perguntou.

Que grata eu fiquei por ser capaz de responder com a verdade:

– Não. Eu tenho bastante na minha bolsa (pois tinha quase vinte francos) para me manter em uma estalagem modesta e tranquila até depois de amanhã. Mas, eu sou uma estranha em *Villette* e não conheço nada aqui.

– Eu posso dar-lhe o endereço da estalagem que lhe convém – disse ele – e não fica muito longe daqui. Com a minha indicação você vai encontrá-la facilmente.

Ele arrancou uma folha de seu livro de bolso, escreveu algumas palavras e deu para mim. Eu achei-o prestativo, e quanto a desconfiar dele, duvidar do seu conselho, ou do seu endereço, creio que teria mais depressa duvidado da Bíblia. Havia bondade em seu semblante e honra em seus olhos brilhantes.

– O caminho mais curto será seguir o *Boulevard* e atravessar o parque – continuou ele, – Mas, como é muito tarde e está muito escuro

para uma senhorita passar pelo parque sozinha, eu a levarei até lá.

Ele começou a caminhar e eu o segui através da escuridão e da chuva fina que caía sobre nós. O *Boulevard* estava deserto, o lodo cobria todo o caminho e a chuva escorria de suas árvores. O parque estava escuro como breu. Na dupla escuridão das árvores e do nevoeiro, eu não podia ver o meu guia. Apenas podia seguir suas pisadas, mas não sentia o menor medo. Creio que teria seguido seus passos leais através de uma noite sem fim e até o fim do mundo.

– Agora – disse ele, quando o parque foi percorrido: – Você vai por esta rua larga até encontrar uns degraus iluminados por duas lâmpadas. Desça e encontrará, logo abaixo, uma rua mais estreita. No final desta rua encontrará a sua estalagem. Eles falam Inglês, assim acredito que acabaram as suas dificuldades. Tenha uma boa noite.

– Boa noite, senhor – disse eu: – Aceita os meus sinceros agradecimentos.

E nos separamos.

A lembrança de seu rosto, que tinha uma simpatia desconhecida, o som de sua voz nos meus ouvidos, voz que revelava um caráter de um cavalheiro tanto para os fracos e necessitados, quanto para os fortes e belos, foram durante muito tempo uma espécie de estímulo para mim. Ele era um verdadeiro *gentleman*.

Apressadamente continuei através de uma magnífica rua, com uma grande praça, com casas maravilhosas, entre as quais se destacava a grandiosa silhueta de uma ou mais construção que eu não poderia dizer se seriam palácios ou igrejas.

Ao passar por um pórtico, dois homens de bigodes saíram subitamente de trás das colunas. Fumavam charutos e pelos trajes viam-se implícitas pretensões ao posto de cavalheiros. Porém, coitados! Eram na alma perfeitos plebeus. Falavam com insolência, e por mais depressa que eu andasse, acompanharam-me o ritmo seguindo-me por longo tempo. Finalmente, encontrei uma espécie de patrulha e meus temidos caçadores desistiram. Contudo, quando pude recuperar a calma notei que eles tinham me levado a além do meu trajeto. Eu não sabia mais onde estava. A escadaria a qual eu deveria descer há muito tempo deveria tê-la passado. Intrigada, ofegante, com todos os meus pulsos em agitação inevitável, eu não sabia para onde me virar. Era terrível pensar em

encontrar novamente aqueles barbudos, simplórios e sarcásticos seres. Todavia, eu tinha que retornar e procurar os degraus.

Finalmente, cheguei a um antigo e gasto lance de escadas, e, tendo por certo que estas deveriam ser as indicadas, desci-as. A rua em que elas me levaram era realmente estreita, mas não continha nenhuma estalagem. Continuei a vaguear. Numa rua muito tranquila e relativamente limpa e bem pavimentada, vi uma luz acesa sobre a porta de uma casa bastante grande, com um andar mais elevado do que aqueles que a cercavam. Talvez aquela fosse finalmente a estalagem. Apressei-me. Meus joelhos tremiam e sentia-me completamente esgotada.

Não era, porém, uma estalagem. A placa de bronze embelezava a larga porta. Nela, uma inscrição: *Pensionnat de Demoiselles*,[\[16\]](#) e por baixo, um nome, *Madame Beck*.

Arrepiei-me. Cerca de uma centena de pensamentos vieram à minha mente em um momento. No entanto, eu não planejei nada e nada considerei, não havia tempo. A Providência dizia-me: *Pare aqui, esta é a sua estalagem*. O destino me tomou em sua mão forte, dominou a minha vontade, dirigiu as minhas ações. Toquei a campainha.

Enquanto esperava, eu não quis refletir. Olhei fixamente para a rua de pedras, em que resplandecia a luz da lâmpada. Contei-as, observei as suas formas, o brilho da umidade em seus ângulos. Toquei novamente. Finalmente vieram abrir. A boa criada com uma bonita touca estava diante de mim.

– Posso ver Madame Beck? – eu perguntei.

Eu acredito que se tivesse falado em francês, ela não teria admitido. Mas, como eu falava inglês, ela concluiu que eu era uma professora estrangeira vindo a negócios relacionados com o internato, e, mesmo àquela hora tardia, ela me deixou entrar, sem uma palavra de relutância, ou um momento de hesitação.

No momento seguinte, eu estava sentada em uma sala fria, com um brilhante salão, com um fogão de porcelana apagado, ornamentos dourados e piso polido. Um relógio de pêndulo, sobre o fogão, registrou nove horas.

Um quarto de hora se passou. Como o meu pulso batia apressadamente! Como eu sentia, alternadamente, frio e calor! Eu estava sentada com os olhos fixos na porta – enorme, articulada e com molduras

douradas – atenta, à espera que ela se abrisse. Até este momento tudo estava silencioso. Não se ouvia nem movimento de folhas, nem um rato agitado correndo pelo quintal. A porta branca estava fechada e imóvel.

– Você é inglesa? – perguntou, com má pronúncia, uma voz ao meu lado. Estremeci, de tão inesperado que fora aquele som, tão certa estava eu da minha solidão.

Nenhum fantasma, porém, estava ao meu lado, apenas uma mulher atarracada, maternal, com um grande xale, um roupão como agasalho e uma limpa touca de dormir.

Eu disse que era inglesa, e, imediatamente, estabeleceu entre nós uma notável vontade de conversação por parte de Madame Beck – (pois era Madame Beck em pessoa que havia entrado por uma pequena porta atrás de mim, e, calçando silenciosas pantufas, não me dei conta da sua presença) – que tinha esgotado todas as suas reservas de língua inglesa, quando dissera:

– É inglesa?

Ela alongava-se agora lagarmente, para o meu desespero, na sua própria língua. Eu respondia na minha. Ela me compreendia em parte, mas como eu não compreendia nada, embora fizéssemos as duas um barulho estrondoso (nunca, até o presente, ouvira ou imaginara qualquer coisa como a voz de Madame Beck), conseguíamos pouco progresso.

Pouco depois ela tocou um sino e solicitou à criada que chamasse uma especialista em língua inglesa. A ajuda chegou, em breve, na forma de uma *maîtresse*,^[17] parcialmente educada em um convento irlandês, e considerada uma perita no idioma inglês. Um blefe a tal *maîtresse* – *De Labassecour* dos pés à cabeça – e como ela assassinava a língua de *Albion*! No entanto, contei-lhe toda a história e ela traduziu. Eu disse a ela como eu tinha deixado o meu país com a intenção de estender o meu conhecimento e ganhar o meu pão e de como eu estava pronta para aceitar qualquer trabalho, contanto que não fosse nada errado ou degradante. Seria criada de crianças, ou dama de companhia e não recusaria nem mesmo trabalhos domésticos compatíveis com as minhas forças. Madame ouviu tudo e, analisando o seu semblante, eu quase acreditei que a história lhe conquistara o coração.

– *Il n’y a que les Anglaises pour ces sortes d’entreprises*^[18] – disse ela: – *sont-elles donc intrépides ces femmes là!* ^[19]

Ela perguntou o meu nome, a minha idade. Estava agora sentada olhando para mim. Um olhar que não tinha compaixão, pena ou interesse. Nunca um lampejo de simpatia ou sombra de piedade perpassou seu rosto durante a entrevista. Senti que ela não era pessoa que se deixasse levar por sentimentos: atenciosa, olhou-me fixamente consultando a sua razão e estudando a minha narrativa. Um sino tocou.

– Voilà pour la prière du soir![\[20\]](#) – disse ela e se levantou. Por intermédio de sua intérprete, ela pediu-me para que partisse e voltasse no dia seguinte, mas isso não me atendia. Eu não podia suportar novamente os perigos da escuridão e da rua. Com energia, embora, educadamente, eu disse, dirigindo-me a ela, pessoalmente, e não à *maîtresse*:

– Tenha certeza, senhora, de que, aceitando de imediato os meus serviços, os seus interesses serão atendidos. Encontrará em mim uma pessoa desejosa de merecer, pelo meu trabalho, o salário que eu ganhar. E, se me contratar, é melhor que eu fique aqui esta noite. Sem ter nenhum conhecimento em *Villette* e não conhecendo o idioma do país, como posso garantir uma acomodação?

– É verdade – disse ela, após ouvir a tradução. – Mas, pode ao menos, dar uma referência?

– Nenhuma.

Perguntou depois pela minha bagagem. Eu disse quando chegaria. Ela ponderou. Naquele momento, ouvimos no vestíbulo os passos de um homem dirigindo-se às pressas para a porta externa. (Vou continuar com esta parte da estória, como se tivesse compreendido tudo o que se passou. Mas, na verdade, naquele momento não havia entendido o diálogo, porém, mais tarde eu o ouvi traduzido).

– Quem sai agora? – exigiu Madame Beck, escutando os passos.

– *Monsieur* Paul – respondeu a professora. – Ele veio esta noite para dar uma lição de leitura à primeira classe.

– Pois é justamente o homem que, neste momento, eu mais desejaria ver. Chame-o.

A professora correu para a porta do salão. *Monsieur* Paul foi convocado. Ele entrou. Era um homem baixo, moreno, magro e de óculos.

– *Mon cousin*[\[21\]](#) – começou Madame. – Eu quero a sua opinião. Sabemos da sua habilidade para *ler* fisionomias. Use-a agora e leia esse rosto.

O homem fixou em mim os seus óculos. Uma resoluta compressão dos lábios e o enrugamento da fronte pareciam dizer que ele queria ver através de mim, e que um véu não o atrapalharia.

– Eu li – declarou.

– *Et vous dites qu'en?*[22]

– *Bien des choses*[23] – foi a resposta oracular.

– Más ou boas?

– Ambas, sem dúvida – prosseguiu o adivinho.

– Podemos confiar na palavra dela? – perguntou madame.

– Você está negociando um assunto de importância?

– Ela quer que eu a contrate como *bonne*[24] ou preceptora. Conta uma história cheia de integridade, mas não dá nenhuma referência.

– É estrangeira?

– Uma inglesa, como se pode ver.

– Ela fala francês?

– Nem uma palavra.

– E compreende?

– Não – respondeu a senhora.

– Pode-se, então, falar de maneira clara em sua presença?

– Sem dúvida.

Ele a olhou firmemente. – Você precisa de seus serviços?

– Poder-me-ia ser útil. Você sabe que eu estou revoltada com a senhora Svini.

Novamente ele me examinou. O julgamento, quando finalmente o pronunciou, foi tão indefinido quanto tudo que dissera.

– Contrate-a. Se o lado bom de seu caráter predominar, a ação trará a sua própria recompensa. Se o mau... – *Eh bien! Ma cousine, ce sera toujours une bonne oeuvre!*,[25] com um arco e um *bonsoir*,[26] este vago árbitro do meu destino retirou-se.

E Madame contratou-me naquela mesma noite. Pela bênção de Deus fui poupada de voltar à rua deserta, lúgubre e agressiva.

CAPÍTULO VIII

Madame Beck

Fui entregue aos cuidados da *maîtresse* e conduzida através de um corredor longo e estreito, a uma cozinha externa, muito limpa, mas muito estranha, pois parecia não conter nenhum meio de cozinhar. Não havia lareira e nem fogão. Eu não compreendia que a grande fornalha negra que ocupava um canto, substituía ambos, e com toda a eficiência. Certamente, o orgulho não havia ainda começado seus sussurros em meu coração. Contudo, senti uma sensação de alívio quando, em vez de ser deixada na cozinha, como eu esperava, fui levada para uma pequena sala interior chamada de um gabinete.

Uma cozinheira usando um casaco miúdo, saiote e tamancos, trouxe-me a ceia: uma carne desconhecida, servida com um molho estranho, um tanto ácido, porém agradável; batatas picadas, temperadas não sei com quê, vinagre e açúcar, creio eu; uma *tartine*^[27] com manteiga e uma pera cozida. Como estava faminta, comi e fiquei grata.

Após da *prière du soir*,^[28] Madame veio ver-me novamente. Pediu-me para segui-la até o andar superior. Passamos por uma série de estranhos dormitórios pequenos, que depois ouvi dizer que parte daquela casa, a mais antiga, havia sido um convento e por isso aquelas extravagantes celas. Continuamos em frente e passamos por um oratório – uma sala comprida, baixa e sombria, na qual havia um crucifixo da parede e onde duas velas pálidas deixavam um ténue clarão lúgubre – conduziu-me a um quarto onde três crianças dormiam em três pequenas camas. Uma lareira acesa tornava opressivo o ar deste quarto e, na tentativa de consertar a situação, havia um aroma, creio eu que seria mais conveniente dizer, um odor mais forte do que delicado. Um perfume, de fato, bastante surpreendente e inesperado, dada as circunstâncias. Uma combinação de fumo com alguma bebida alcoólica, em suma, um cheiro de uísque.

Próximo a uma mesa, sobre a qual remanescia uma vela quase no fim, que se derramava inutilmente no castiçal, estava sentada uma mulher robusta, espalhafatosamente trajada com um vestido de seda vistoso, de listas largas e

um avental barato, cochilando. Para completar o quadro e não deixar nenhuma dúvida quanto ao estado das coisas, uma garrafa e um copo vazio estavam ao lado da bela adormecida.

Madame contemplou aquele quadro notável com grande serenidade. Ela não sorriu nem fez cara feia, nenhum sinal de raiva, aborrecimento ou surpresa transtornou o aparente imperturbado aspecto grave. Ela sequer acordou a mulher!

Apontou calmamente para uma quarta cama e deu-me a entender que era a minha. Depois, tendo apagado a vela e substituído por uma lamparina, saiu por uma porta interior, que a deixou entreaberta e, que eu soube depois, era a entrada de seu próprio quarto. Um compartimento vasto, bem mobiliado, como era visível através da abertura.

As minhas orações, naquela noite, foram todas de agradecimento. Estranhamente, eu tinha sido conduzida desde a manhã e protegida de maneira inesperada. Mal pude acreditar que ainda não passaram quarenta e oito horas desde que eu havia deixado Londres, sem outro guardião, senão aquele que protege a ave migratória – sem outra perspectiva que não fosse a silhueta duvidosa e nublada da esperança.

Eu tinha o sono leve e, tarde da noite, subitamente, acordei. Tudo era silêncio, mas uma figura de branco estava no quarto – Madame, em seu vestido de dormir, movendo-se sem fazer qualquer ruído, visitou as três crianças, nas três camas, e aproximou-se de mim. Eu fingi que dormia e ela me estudou longamente. Seguiu-se uma pequena pantomima bastante curiosa. Eu ousei dizer que ela sentou-se um quarto de hora na beira da minha cama olhando para o meu rosto. Ela, então, aproximou-se, inclinou-se sobre mim; levantou, levemente, a minha touca e dobrou-lhe a borda, de modo a expor o meu cabelo e, em seguida, olhou para a minha mão, pousada sobre os lençóis. Feito isto, ela se voltou para a cadeira onde estava a minha roupa, aos pés da cama. Ouvindo-a levantá-las, abri os olhos com precaução, pois confesso que senti curiosidade de saber quão longe ia o seu gosto pela investigação.

Ela examinou cada peça, cada artigo foi inspecionado cautelosamente e minuciosamente. Eu adivinhei-lhe o motivo para tal procedimento: ela queria, a partir das minhas vestes, formar um julgamento sobre sua possuidora, a sua condição, meios e asseio. O fim era até justo, contudo os meios dificilmente justificáveis ou decentes. O meu vestido tinha um bolso, ela esvaziou-o, contou o dinheiro da minha bolsa; abriu o pequeno livro de apontamentos,

examinou, friamente, seu conteúdo e tirou de entre as folhas uma pequena trançada mecha de cabelos grisalhos de Miss Marchmont, que eu guardara como recordação.

Assim que ela viu um molho de três chaves, ela deu total atenção a ele. Uma era da minha mala, outra da caixa de trabalho e a última eu acabara de receber, era de uma mesa no pequeno gabinete. Madame, levando o molho com as chaves, retirou-se para o seu próprio quarto. Ergui-me, cautelosamente, da cama e segui-a com os meus olhos. Aquelas chaves, leitor, não foram restituídas antes de deixarem no *toailete* do quarto contíguo as suas impressões em cera. Depois de tudo ter sido feito com decência e ordem, a minha propriedade foi devolvida ao seu lugar e as minhas roupas foram cuidadosamente dobradas. De que natureza seriam as conclusões tiradas dessa busca eu não podia prever. Favoráveis ou não? Vã pergunta. O rosto de pedra de Madame (porque de pedra ela parecia no seu aspecto noturno) não dava qualquer resposta.

Cumprido o seu dever – eu sentia que aos seus olhos aquilo era um dever – ela se levantou, silenciosa, como uma sombra e se dirigiu para seu quarto. Da porta, voltou-se, fixando seus olhos na heroína da garrafa, que ainda dormia e ressonava profundamente. A senhora Svini (presumi que aquela era a distinta *anglicé* Hibernicé Sweeny),^[29] porém, os olhos de Madame Beck denunciavam uma resolução inabalável. Os castigos que ela aplicava às negligências podiam ser lentos, contudo, inexoráveis. Tudo isso era muito pouco inglês, realmente eu estava em uma terra estrangeira.

O dia seguinte me fez mais familiarizada com a senhora Sweeny. Parece que ela se apresentara à Madame Beck como uma senhora inglesa em más circunstâncias, natural de *Middlesex* e afirmando falar a língua inglesa com a mais pura pronúncia nacional, fora contratada.

Madame – que confiava em seus próprios métodos infalíveis para descobrir a verdade ao seu tempo – tinha uma singular intrepidez em contratar imediatamente quem quer que ela necessitasse dos serviços, como, de fato, parecia abundantemente comprovado no meu caso. Admitira a senhora Sweeny como preceptora de suas três filhas. Creio que não preciso explicar ao leitor que aquela senhora era, na realidade, natural da Irlanda. Quanto à sua categoria social eu não ousaria determiná-la. Ela declarava, ousadamente, que havia educado *a filha e o filho de um marquês*. Penso eu que ela poderia ter sido, possivelmente, um *cabide-on*,^[30] criada, ama ou

lavadeira de alguma família irlandesa. Falava uma língua sufocada, curiosamente carregada de pretensiosas inflexões *cockney*. Por fim, a senhora Sweeny tinha adquirido um guarda-roupa de duvidoso esplendor, vestidos de seda rija e cara, aparentemente feitos para outras proporções, que não aquelas que ora adornavam; chapéus com enfeites de boa renda e, o item principal no seu vestuário, o feitiço (sem este ela estava mais disposta à troca). Com ele, contudo, ela infundia certo respeito, fazendo calar os professores e as criadas, que, de outra forma, a tratariam com desdém que comumente tratavam os servos. Mas, a senhora Sweeny influenciava até a própria Madame Beck quando seus largos ombros ostentavam o preciso adorno – um verdadeiro xale indiano, *un véritable cashmere*,^[31] como dizia Madame Beck, com admiração e respeito. Tenho a certeza de que, sem aquele *cashmere*, ela não teria mantido o seu lugar por dois dias. Graças a ele, conservou-se no internato por um mês.

Mas, quando a senhora Sweeny soube que eu vinha substituí-la, então, ela se revelou. Enfureceu-se com Madame Beck com todas as suas forças. Depois veio em cima de mim com o seu peso concentrado. Madame suportou tão bem esta revelação e este castigo, que eu, por vergonha, tive que suportá-lo, pelo menos por compostura. Madame Beck ausentou-se da sala e, dez minutos depois, um agente da polícia estava entre nós. A senhora Sweeny e seus pertences foram removidos. Durante a cena, a testa de Madame não se enrugou e dos seus lábios não saíram uma palavra mais dura.

A demissão da senhora Sweeny e todo o caso foram resolvidos antes do café da manhã. A explosão de fúria da demitida, a chamada da polícia, a expulsão da rebelde, o *chambre d'enfants*^[32] – defumado e limpo, as janelas escancaradas e todos os vestígios da *talentosa* senhora Sweeny, até o fino perfume e a fragrância espiritual que lembrava a tão fatal e sutilmente a causa da sua ofensa – foram banidos da *rue Fossette*. Tudo isso, como eu disse, foi feito entre o momento em que Madame Beck saiu cedo de seu quarto e aquele em que ela, calmamente, sentou-se para se servir da sua primeira xícara de chá.

Cerca de meio-dia fui chamada ao quarto de Madame para vesti-la. Parecia que as minhas funções consistiam em um mesclado entre preceptora e criada de quarto. Até ao meio-dia ela andava pela casa apenas de roupão, xale e chinelos silenciosos. Como poderia a diretora de uma escola inglesa aprovar este costume?

Pentear-lhe os cabelos embarçou-me. Ela os tinha em abundância. A cor era uma mistura de ruivo com cinza, não havia fios brancos apesar dos seus quarenta anos. Vendo o meu constrangimento, perguntou:

– Você não tem sido uma *femme de chambre*^[33] em seu próprio país? E, tomando a escova de minha mão e pondo-me de lado, não brusca ou desrespeitosamente, arranjou-se ela própria. Para outros pormenores da *toilette*, guiava-me e ajudava-me sem menor indício de mau gênio ou impaciência. Foi esta a primeira e última vez que eu fui chamada para vesti-la. Dessa ocasião em diante, coube a Rosine, a porteira, esse dever.

Quando vestida, Madame Beck era uma personagem baixa e forte, ainda assim graciosa à sua maneira peculiar, isto é, com a graciosidade resultante das boas proporções. Sua pele era fresca e sanguínea, mas não era tomada da cor vermelha; os olhos azuis serenos; o seu vestido de seda preta assentava-lhe como só uma costureira francesa pode fazer um vestido. Tinha boa aparência, embora um pouco burguesa; burguesa, de fato, ela era. Eu não sei que harmonia permeava em toda a sua pessoa. E, contudo, o seu rosto oferecia também contrastes: suas feições não eram, de forma alguma, as que habitualmente se veem em junção com um rosto com tanto frescor e repouso. Seu perfil era severo; a testa alta, porém estreita, que expressava inteligência, e alguma bondade, mas nenhuma benevolência; olhos tranquilos, embora vigilantes, jamais deviam ter conhecido o fogo que se acende no coração ou a suavidade que dele flui. Sua boca era dura, um pouco sombria. Seus lábios eram finos. Quanto à sensibilidade e gênio, com toda a sua ternura e temeridade, eu sentia que Madame devia ser uma espécie de homem de saias.

Com o passar do tempo, eu descobri que Madame era algo mais em saias. O seu nome era Modeste Marie Beck, *née*^[34] Kint: deviam ter-lhe posto o nome de Inácia. Ela era uma mulher de caridade e praticava o bem. Nunca houve uma patroa que governasse com mais suavidade. Foi-me dito que ela jamais ralhou com a intolerável senhora Sweeny, apesar de sua embriaguez, desordem e negligência geral. Contudo, a senhora Sweeny teve que partir no momento que lhe foi conveniente. Disseram-me, também, que nunca encontrava falhas nos professores. No entanto, estes e os mestres eram constantemente substituídos. Desapareciam e outros preenchiam os seus lugares sem que ninguém soubesse explicar como.

O estabelecimento era tanto internato como externato. As alunas externas eram mais de cem e as internas cerca de vinte. Madame devia

possuir altos poderes administrativos: dirigia tudo isto juntamente com quatro professores, oito mestres, seis funcionárias e três crianças, entendendo-se ao mesmo tempo com os pais dos alunos e amigos das alunas; e isto sem esforço aparente, sem agitação, fadiga, febre ou qualquer sintoma de excitação indevida. Ela estava sempre ocupada, mas raramente apressada. É verdade que Madame tinha seu próprio sistema de gestão e regulamento. E era um excelente sistema; o leitor tem um exemplo naquele caso de esvaziar meu bolso e ler as minhas anotações particulares: vigilância e espionagem. Era esse o seu método.

Ainda assim, Madame sabia o que era honestidade e a apreciava, isto é, quando esta não interpunha entre seus ridículos escrúpulos ou atravessava o caminho da sua vontade e interesse. Ela tinha um respeito pela *Angleterre*, [35] e, quanto à *les Anglaises*, [36] de sua vontade, não teria mulheres de nenhum outro país em volta de suas filhas.

Muitas vezes, à noite, depois de ter conspirado, feito sua espionagem e recebido as informações dos espões, costumava subir ao meu quarto, com uma ruga de verdadeiro cansaço na fronte, e sentar-se e ouvir as crianças, que me diziam as suas pequenas orações em inglês: aquelas pequenas católicas foram autorizadas a dizer o *Lord's Prayer* [37] e o hino que começa por *Gentle* [38] Jesus nos meus joelhos, e, depois de tê-las deitado, costumava conversar comigo (em breve aprendi bastante francês para ser capaz de compreender e até mesmo responder) sobre a Inglaterra e as inglesas, e a razão porque ela gostava de citar a sua inteligência superior e a sua retidão mais real e confiável. Muitas vezes dava provas de bom senso; manifestava opiniões com cautela. Parecia saber que conservar as meninas num constrangimento desconfiado, numa cega ignorância e sob uma vigilância que não as deixasse nenhum momento ou um canto para isolamento, não era a melhor maneira de fazê-las crescer mulheres honestas e modestas.

Mas, ela declarava que qualquer outro método teria consequências desastrosas, se fosse empregado em crianças continentais: elas estavam tão habituadas à contenção, que o relaxamento, mesmo vigiado, seria fatalmente mal interpretado e daria lugar a abusos. Estava farta, costumava declarar, dos meios que ela tinha que empregar e, depois de discursar, muitas vezes com dignidade e delicadeza, costumava ir embora nos seus *souliers de silence* [39] e deslizar como uma alma do outro mundo pela casa, vigiando e espiando por toda parte, espreitando através de cada buraco da fechadura e ouvindo atrás

de cada porta.

No fim das contas, o sistema de Madame não era ruim, quero fazer-lhe justiça. Nada poderia ser melhor do que a sua organização para o bem-estar físico das alunas. Nenhum cérebro era sobrecarregado; as aulas foram bem distribuídas e incomparavelmente mais fáceis para as alunas. Havia liberdade para diversão e tempo para o exercício físico que mantinha as meninas saudáveis. A alimentação era boa e abundante: não se viam rostos pálidos nem franzinos na *rue* Fossette. Nunca Madame negligenciava um feriado. Dava-lhes muito tempo para dormir, vestir-se, lavar-se e comer. Em todas estas coisas, o seu método era fácil, liberal, salutar e racional. Muitas austeras professoras inglesas fariam bem imitá-la – e creio que muitos o fariam de bom grado, se os exigentes pais ingleses lhes permitissem.

Como Madame Beck dirigia por espionagem, tinha, naturalmente, a sua equipe de espões: ela sabia perfeitamente a qualidade dos instrumentos que empregava. Ela não tinha escrúpulos para empregar o mais sujo espião para um caso sórdido – lançando-o fora depois, como uma casca de laranja devidamente espremida. Era exigente na busca de metal puro para usos limpos, e, quando encontrava um instrumento sem ferrugem e sem sangue, tinha cuidado com a aquisição, mantendo-a em seda e algodão. No entanto, ai do homem ou a mulher que confiasse nela uma polegada além do ponto em que era seu interesse ser confiável: o interesse era a chave-mestra da natureza de Madame, a razão de seus motivos, o alfa e o ômega da sua vida. Vi apelarem aos seus sentimentos e a vi rir dos que apelaram, num misto de piedade e troça. Jamais alguém ganhou seu ouvido através desse canal, ou a demoveu de seus propósitos por esse meio. Pelo contrário, tentar comover-lhe o coração era o caminho certo para despertar a sua antipatia e fazer dela uma inimiga secreta. Era provar que ela não tinha coração para ser tocado. Era lembrar-lhe que ele era impotente e inoperante. Nunca a distinção entre a caridade e a misericórdia foi melhor exemplificada do que na sua pessoa. Embora desprovida de simpatia, possuía uma suficiência de benevolência racional. Dava da forma mais pronta para as pessoas que ela nunca tinha visto – dava, no entanto, às classes, e não ao indivíduo conhecido por ela. *Pour les pauvres*,^[40] ela abria a bolsa livremente – contra o *pobre*, que necessitasse da sua piedade, em regra, a mantinha fechada. Em esquemas filantrópicos para o benefício da sociedade, em geral, tomava alegremente parte (não sei explicar a razão, talvez, saiba, mas deixo o julgamento para o leitor).

Contudo, nenhuma dor particular a comovia, nenhuma força ou sofrimento concentrado num só coração tinha poder para penetrar no seu, nem a agonia no *Getsémani*, nem a morte no Calvário lhe teriam arrancado uma lágrima. Era uma mulher estranhamente fria neste sentido.

Digo mais uma vez, Madame Beck era uma mulher muito forte e hábil. Aquela escola oferecia-lhe uma esfera demasiada limitada para as suas capacidades. Ela deveria ter governado uma nação. Deveria ter sido líder de uma turbulenta assembleia legislativa. Ninguém poderia tê-la intimidado, irritado seus nervos, esgotado a sua paciência ou excedido a sua astúcia. Na sua pessoa, ela podia ter compreendido os deveres de um primeiro-ministro e de um superintendente da polícia. Sensata, firme, cética, reservada, astuta, sem paixão, atenta e inescrutável, sutil e insensível – além de perfeito decoro – o que mais poderia desejar?

O leitor sensível não imaginará que eu obtive todas as informações aqui condensadas para seu benefício em um mês ou em um semestre. Não! O que eu vi em princípio foi a próspera fachada de um grande e promissor estabelecimento educacional. Aqui estava uma grande casa, cheia de meninas saudáveis, alegres, enfeitadas e muitas delas até bonitas, adquirindo conhecimento através de um método assombrosamente simples, sem esforço algum ou inútil desperdício de energia. Lógico, os progressos eram lentos. Levavam a vida alegremente, sempre ocupadas, mas nunca oprimidas. Contudo, ali estava um corpo de professores e mestres, rigorosamente atarefado, visto que todo trabalho intelectual tinha que ser feito por ele, a fim de poupar as alunas, e, sobretudo, tendo as suas funções ordenadas de tal forma, que uns rendiam aos outros, em rápida sucessão, sempre que o trabalho era severo. Resumindo: uma escola estrangeira, cuja vida, movimento e variedade a tornavam um completo e encantador contraste com muitas instituições inglesas do mesmo gênero.

Atrás da casa havia um grande jardim que ficava colorido no verão. As alunas passavam a maior parte do tempo ao ar livre, entre roseiras e árvores frutíferas. Nas tardes sem chuva, era comum Madame sentar-se sob o vasto *berceau*^[41] coberto de vinha e mandar buscá-las, por classes, uma a uma, para se sentarem ao seu redor, costurando ou lendo. Enquanto isso, os professores iam e vinham, ministrando palestras curtas e animadas, ao invés de aulas e as alunas anotavam ou não conforme queriam, certas de que, no caso de negligência, poderiam copiar das colegas. Além do regular *jours de*

sortie[42] mensal, os dias santos traziam uma série de feriados durante todo o ano. Muitas vezes, numa clara manhã ou suave tarde de verão, as internas eram levadas a um longo passeio pelo campo, no qual eram mimoseadas com *gaufres e vin blanc*,[43] ou leite fresco e *pain*[44] ou *biscuit au beurre*[45] com café. Tudo isto parecia muito agradável e Madame, a bondade em pessoa. Os professores podiam ser piores, as alunas barulhentas, talvez, ásperas e difíceis demais, contudo, exemplos de saúde e alegria.

Assim se mostrava o belo quadro, visto através do encantamento da distância. Entretanto, chegou um momento em que a distância desapareceu para mim – quando eu fui chamada da minha torre de vigia do quarto das crianças, de onde, até então, eu tinha feito as minhas observações, e forçada a um convívio mais íntimo com este pequeno mundo da *rue* Fossette.

Um dia, como de costume, eu estava sentada lá em cima, ouvindo as lições de inglês das crianças e, costurando ao mesmo tempo um vestido de seda para Madame, quando ela veio e ficou andando, agitada, de um lado para outro pelo quarto com o ar absorto e preocupado que, às vezes, usava e que a fazia parecer tão pouco afável. Largando-se em uma cadeira à minha frente, ela permaneceu alguns minutos em silêncio. Désirée, a menina mais velha, estava lendo para mim algum pequeno ensaio da senhora *Barbauld* e eu a fazia traduzir corretamente do inglês para o francês para verificar se ela compreendia o que lia: Madame Beck escutava.

Pouco depois, sem prefácio ou prelúdio, disse-me, quase no tom de quem se faz uma acusação:

– A Miss era preceptora na Inglaterra?

– Não, Madame – disse eu, sorrindo: – Está enganada.

– É esta a primeira vez que ensina, isto é, o ensino às minhas filhas é a sua primeira experiência na área?

Assegurei-lhe que sim. Mais uma vez ela ficou em silêncio, porém olhando para cima, ao tirar o alfinete da almofada, encontrei-me um objeto de estudo. Madame fixava em mim os olhos e parecia considerar-me nos seus pensamentos, medindo a minha aptidão para um propósito, pesando o meu valor para certo plano. Antes disso, ela já perscrutara tudo o que eu tinha e acredito que se considerasse bem informada ao meu respeito. Mas, a partir daquele dia, no espaço de cerca de quinze dias, pôs-me à prova com novos testes. Escutava atrás da porta do quarto quando eu estava com as crianças; seguia-me a uma distância cautelosa quando eu saía com elas, escondendo de

modo a poder ouvir-me, sempre que as árvores do parque ou avenida ofereciam um razoável esconderijo. Tendo assim feito um rigoroso processo preliminar, deu um passo à frente.

Numa manhã, dirigindo-se a mim abruptamente e, simulando pressa, disse-me que se encontrava em um pequeno dilema. O senhor Wilson, o professor de Inglês, atrasara para dar a sua aula e ela temia que ele estivesse doente. As alunas estavam esperando na classe e não havia ninguém para dar a lição.

– Você se importaria em dar a elas um pequeno ditado só para não saírem por aí dizendo que perderam a aula de Inglês? – perguntou-me.

– Em classe, Madame? – eu perguntei.

– Sim, em classe, na segunda turma.

– Onde há sessenta alunas – disse eu, pois eu sabia o número e, com o meu usual hábito de covardia, encolhi-me em meu complexo de inferioridade como um caracol em sua concha e aleguei incapacidade e falta de prática como pretexto para escapar. Entregue a mim própria, infalivelmente, eu teria deixado escapar esta oportunidade. Sem espírito de aventura ou ambição prática, eu era capaz de sentar-me por vinte anos ensinando a cartilha a crianças, transformando vestidos de seda e fazendo vestidos para crianças. Não que verdadeira satisfação dignificasse esta enfatuada resignação: o meu trabalho não tinha nem encanto para o meu gosto, nem preenchia o meu interesse, mas parecia-me já uma grande coisa viver sem pesada ansiedade e liberta de provações íntimas. A ausência do doloroso sofrimento era a maior aproximação de felicidade que eu esperava conhecer. Além disso, eu parecia possuir duas vidas: a do pensamento e a da realidade e, contanto que a primeira fosse suficientemente nutrida com as estranhas alegrias fantasiosas, os privilégios da segunda poderiam limitar-se ao pão de cada dia, ao trabalho de todas as horas e ao abrigo de um teto.

– Venha – disse Madame, uma vez que eu me abaixei mais ocupada do que nunca sobre o corte de avental de uma criança.

– Deixe esse trabalho.

– Mas, a Fifine precisa dele, Madame.

– Pois a Fifine que continue precisando dele, porque eu preciso de você.

E, como, realmente, Madame precisava de mim e estava resolvida a ter-me – pois havia muito estava insatisfeita com o professor de Inglês, com suas

deficiências em termos de pontualidade e seu descuidado método de ensino – como, além disso, não lhe faltava resolução e atividade prática, quer faltassem em mim, ou não –, fez-me deixar, sem mais delongas, a agulha e o dedal, pegou-me pela mão e obrigou-me a descer as escadas. Quando chegamos ao *carré*,^[46] o vasto *hall* quadrado, entre a casa de habitação e o *internato*, ela deteve-me, soltou a minha mão e examinou-me. Eu estava afogueada e tremia dos pés à cabeça. Não sei bem, mas creio que chorava. Na verdade, as dificuldades diante de mim estavam longe de ser completamente imaginárias. Algumas delas eram, até, bastante reais; e a menor, não era, sem dúvida, a minha falta de domínio sobre o meio pelo qual eu seria obrigada a ensinar. Eu tinha, de fato, estudado francês desde a minha chegada a *Villette*, aprendendo a prática de dia e sua teoria em todos os momentos de lazer e à noite, em momentos de ócio, até a hora em que o regulamento da casa permitia luz acesa. Estava, porém, longe de ser capaz de confiar em minhas possibilidades de expressão oral corrente.

– *Dites donc* – disse Madame severamente: – *Vous sentez-vous réellement trop incapable?*^[47]

Eu podia ter dito que sim e voltado à obscuridade do quarto das crianças, me escondido ali, talvez, para o resto da minha vida. Olhando, porém, para Madame, vi na sua expressão qualquer coisa que me fez pensar duas vezes antes de responder. Naquele instante, ela parecia mais um homem que uma mulher. Uma força especial surgia em todos os seus traços e essa força não era o meu tipo de força. As emoções que ela despertava não eram de simpatia, nem cordialidade e nem de submissão. Não me senti calma, nem animada, mas também não me senti oprimida. Era como se ela me desafiasse: um desafio entre forças e dons opostos e eu sentisse, de repente, toda a desonra da minha timidez, da minha falta de coragem, da minha fraqueza de ânimo, da minha frouxidão, da minha covardia e da minha negligência para aspirar coisa melhor.

– Vai recuar ou avançar? – disse ela indicando com a mão, primeiro, a pequena porta de ligação com a casa de habitação e, em seguida, a grande porta dupla da sala de aula.

– *En avant* ^[48] – disse eu.

– Mas – prosseguiu ela, parecendo desanimar à medida que eu incandescia: – Tem força para enfrentar a classe ou está muito emocionada? – zombou ela, pois, de fato, não gostava das excitações nervosas.

Sem tirar os olhos daquele olhar duro, de cuja própria antipatia eu tirara a força e a determinação, eu falei:

– Não estou mais emocionada do que esta pedra – e bati com o pé na laje – ou que a senhora – acrescentei, devolvendo-lhe o olhar.

– Bom! Mas, preciso lhe avisar que estas não são meninas inglesas tranquilas e decorosas. *Ce sont des Labassecouriennes, grossier, franchises, brusques, et tant soit peu rebelles.* [49]

– Eu sei e sei também que, embora eu tenha estudado a sério o francês desde que cheguei aqui, ainda falo com hesitação, pouca precisão para poder fazer-me respeitar. Poderei cometer erros e expor-me ao ridículo e ao desprezo das mais ignorantes. Contudo, ainda quero dar a lição.

– Elas abusam sempre dos professores tímidos – disse ela.

– Também sei disso, Madame. Fiquei sabendo de como se rebelaram e perseguiram Miss Turner – respondi, lembrando-me da dolorosa história da pobre e sem amigos professora inglesa a quem ela tinha contratado e despedido em seguida de forma humilhante.

– *C'est vrai* [50] – disse ela, friamente. – Miss Turner não tinha mais domínio sobre elas do que uma criada de cozinha. Era fraca e hesitante. Não tinha tato, decisão, inteligência e nem dignidade. Miss Turner não servia de modo algum para estas garotas.

Não respondi, mas avancei para a sala de aula.

– Não deve esperar ajuda, nem de mim e nem de ninguém – disse Madame. – Elas lhe chamarão de incompetente se isso ocorrer.

Abri a porta, deixei que passasse à frente e a segui. Havia três salas de aula, todas grandes. A da segunda turma, onde eu devia entrar e dar a minha aula, era a maior: uma classe numerosa, turbulenta e infinitamente mais incontrolável do que as outras duas.

Em dias posteriores, quando conheci melhor o terreno, costumava pensar algumas vezes (se tal comparação me é permitida), que a tranquila, educada, dócil primeira turma era para a robusta, turbulenta e exuberante segunda turma, o que a Câmara dos Lordes é para a Câmara dos Comuns.

Olhei para aquela turma e percebi que muitas alunas eram mais do que meninas, eram mulherzinhas. Eu sabia que muitas delas eram de famílias nobres, tal como se entende a nobreza em *Labassecour*, e estava convencida de que nenhuma delas ignorava a minha situação na casa de Madame Beck. Quando subi para o estrado, uma plataforma ou um degrau acima do piso,

onde estavam a cadeira e a mesa do professor, vi à minha frente uma fileira de olhos e sobrancelhas que ameaçavam uma tempestade. Olhos cheios de insolência e rostos duros, tão insuscetíveis de corar, como o mármore. A mulher continental é um ser inteiramente diferente de a mulher insular da mesma idade e série. Eu nunca vi tais olhos e expressões faciais na Inglaterra. Madame Beck apresentou-me friamente, saiu da sala e deixou-me sozinha em minha glória.

Nunca esquecerei este dia (a minha primeira aula), nem todas as possibilidades que ele me abriu. De fato, comecei a ver bem a diferença que existe entre a *jeune-fille*[\[51\]](#) ideal dos poetas e dos romancistas e a dita “*jeune-fille*” tal como ela é na realidade.

Parece que três beldades titulares da primeira fila tinham predeterminado que uma *bonne d'enfants*[\[52\]](#) não lhes daria lições de inglês. Elas sabiam que já tinham conseguido expulsar professores detestáveis, sabiam que Madame mandaria embora, a qualquer momento, uma professora ou mestre que se tornasse impopular; sabiam que Madame nunca auxiliava um funcionário fraco a conservar o seu lugar; que, se ele não tivesse força para lutar, ou tato para agradar, estava perdido. Olhando para Miss Snowe se vangloriavam de uma vitória fácil.

Mesdemoiselles Blanche, Virginie e Angélique abriram a campanha contra mim com uma série de risinhos e sussurros. Estes logo aumentaram em murmúrios e pequenas risadas que ecoavam fortemente nas carteiras mais distantes. Esta revolta crescente, de sessenta contra um, logo se tornou bastante opressiva, pois o meu domínio do francês, além de limitado, era exercido em circunstâncias de cruel constrangimento.

Se, ao menos, eu tivesse tido a possibilidade de falar no meu próprio idioma, teria me feito ouvir, pois, em primeiro lugar, embora eu soubesse que parecia uma pobre criatura e, em muitos aspectos eu era, na verdade, a natureza tinha me dado o talento de me fazer ouvir quando despertada pela excitação ou emoção. Em segundo lugar, embora eu não tivesse fluência, mas apenas um débil e hesitante fio de linguagem em circunstâncias normais, sob estímulo, tal como aquele da massa rebelde, em inglês poderia ter proferido algumas frases prontas, estigmatizando o procedimento das jovens como ele merecia ser estigmatizado. Em seguida, com sarcasmo, temperado com desdenhoso desprezo para com as líderes, aliviado, talvez, com uma troça mais branda para as sagazes, (porém fracas e menos velhacas), parecia ser

possível refrear aquele rebanho selvagem e obrigá-lo, por fim, a estudar. Porém, apenas fui capaz de me dirigir a Blanche – *Mademoiselle* de Melcy, uma jovem baronesa – a mais velha, mais alta, mais bela e mais maliciosa –, parar diante da sua carteira, tirar-lhe debaixo da mão o caderno de exercício, voltar ao estrado, ler deliberadamente sua redação, que eu achei ignorante, e também, de propósito, rasgar em duas aquela folha suja, cujo conteúdo era inepto.

Momentaneamente, esta ação conseguiu atrair a atenção da turma e abafar o ruído. Apenas uma menina sozinha, lá no fundo, perseverou no motim com igual energia. Olhei para ela atentamente. Tinha uma face pálida, cabelo negro como a noite, sobrancelhas largas, feições decididas e olhos escuros, sinistros e rebeldes. Notei que ela estava sentada perto de uma pequena porta, que eu bem sabia, dava para um pequeno armário onde os livros eram guardados. Ela estava de pé com o objetivo de dirigir o tumulto com maior energia. Eu medi a sua estatura e calculei sua força. Pareceu-me um tanto alta e vigorosa; porém, se o conflito fosse rápido e o ataque inesperado, julguei que poderia vencê-la.

Avancei-me para o fim da sala, com um ar tão frio e indiferente quanto me era possível, em suma, *ayant l'air de rien*,^[53] empurrei levemente a porta e vi que ela não estava fechada. No instante seguinte, e com rapidez, eu estava voltada para ela. Mais um instante, ela estava dentro do armário e a chave no meu bolso.

Acontece que esta menina, Dolores de nome e catalã de raça, era o tipo de criatura, ao mesmo tempo temida e odiada por todas as suas cúmplices. O meu ato de justiça sumária foi bem visto pela turma: não houve uma única aluna que, no fundo do seu coração, não tivesse gostado. Dessa forma pouco usual me tornei popular entre elas que, imediatamente, se calaram. Um sorriso – não uma gargalhada – passou de carteira em carteira. E, quando voltei para o estrado, pedi delicadamente silêncio e iniciei a minha aula como se nada tivesse acontecido, as penas deslizavam sobre as páginas e o restante da lição foi como ordem e trabalho.

– *C'est bien*^[54] – disse Madame Beck, quando eu saí da aula, afogueada e um pouco cansada.

– Ça ira.^[55]

Ela estivera ouvindo o tempo todo.

A partir desse dia deixei de ser preceptora e passei a ser professora de

Inglês. Madame aumentou o meu salário, porém exigiu-me o triplo do trabalho que exigia do senhor Wilson, pela metade do preço.

CAPÍTULO IX

Isidore

Todo o meu tempo estava preenchido de forma proveitosa e benéfica, de modo que eu mal tinha um momento livre. Dividia-o entre ensinar aos outros e estudar com zelo o francês. No entanto, era muito agradável, pois eu sentia que fazia progressos, que não era mais a presa estagnada do mofo e da ferrugem, mas que polia as minhas faculdades e aguçava-as com o uso constante. Tinha diante de mim uma vasta e nova experiência.

Villette é uma cidade totalmente cosmopolita e nesta escola havia meninas de quase todas as nações europeias e de diferentes posições sociais. A igualdade é muito praticada em *Labassecour*, embora não de forma republicana, porém na essência. Nas carteiras do estabelecimento de Madame Beck a jovem condessa e a burguesa se sentavam lado a lado. Nem sempre se podia, pelo aspecto exterior, decidir qual era nobre e qual a plebeia, afora o fato de que esta última tinha maneiras, muitas vezes, mais francas e mais cortesias, enquanto a primeira era um arranjo imperceptível e airoso entre insolência e engano. Na condessa havia, quase sempre, uma mistura do fino sangue francês com a viscosidade do pântano: lamento dizer que o efeito deste fluido se mostrava, principalmente, na volubilidade mais oleosa com que a lisonja e a falsidade podiam fluir de uma língua e numa conduta vibrante e alegre, contudo perfeitamente insensível e hipócrita.

Para ser justa com todas as classes, as honestas aborígenes de *Labassecour* tinham também a sua parte em hipocrisia, mas era tão tênue e rasa que a poucos enganaria. Sempre que uma mentira se tornava necessária, era contada, ou mesmo inventada, de forma descuidada e numa naturalidade despreocupada sem a mínima repreensão da consciência. Na casa de Madame Beck, nenhuma pessoa, do auxiliar de cozinha à diretora se envergonhava de uma mentira. Ninguém se questionava e se punia sobre isso. Inventar poderia não ser exatamente uma virtude, mas era a mais perdoável das falhas. *J'ai menti plusieurs fois*^[56] era frase obrigatória da confissão mensal de todas as mulheres e meninas. O sacerdote ouvia-a calmamente e absolvía-as sem

relutância, pois era já esperado como certo. Se tivessem deixado de ir à missa, ou lido um capítulo de um romance, isso era pecado grave, crimes para os quais a repreensão e a penitência constituíam punição irremissível.

Enquanto ainda pouco consciente deste estado de coisas e ignorante dos seus resultados, entrei muito bem na minha nova fase de vida. Depois das custosas primeiras lições dadas em meio ao perigo e às margens do que parecia um vulcão moral que retumbava sob meus pés e expelia faíscas e fumaça quente nos meus olhos, o espírito eruptivo pareceu se acalmar. Minha mente estava inclinada ao êxito. Eu não podia suportar a ideia de ser frustrada por mero desafeto indisciplinado ou atrevida insubmissão nessa primeira tentativa de subir na vida.

Costumava ficar acordada até tarde da noite pensando em qual plano eu deveria adotar para ter nas mãos aquelas rebeldes e submeter permanentemente aqueles amotinados. Em primeiro lugar, eu via claramente que não podia esperar nenhuma ajuda de Madame Beck: o seu plano era manter uma popularidade ininterrupta entre as alunas às custas de toda e qualquer injustiça ou incômodo para os professores. Para um professor procurar o seu apoio, em qualquer crise de insubordinação, era equivalente a assegurar a perda de seu cargo. No contato com as alunas, Madame tomava apenas para si o que era agradável, amável e elogioso, exigindo rigidamente de sua equipe capacidade para resolver todas as crises. Portanto, agir com inadequada prontidão era tornar-se impopular. Assim, eu deveria me preocupar apenas comigo mesma.

Logo ficou claro como água para mim que aquela multidão grosseira não podia ser levada pela força. Tinha que ser incentivada e suportada com muita paciência. Com modos corteses eu mantinha a calma e impressionava-as. Uma ou outra centelha de sarcasmo lhes fazia bem. Uma docência severa e grave não podia com elas – elas não queriam suportar. Grande esforço ou uma demanda maior de deveres, pedido de atenção, incentivo à memória, à razão, eram imediatamente rejeitados. Numa situação em que uma menina inglesa, de capacidade mediana, docilidade e obediência, aceitaria calmamente um conteúdo, uma tarefa e se esforçaria para dominar e compreender, uma *Labassecourienne* riria na minha cara e rejeitá-lo-ia com a frase: – *Dieu, que c'est difficile! Je n'en veux pas. Cela m'ennuie trop.*^[57]

Uma professora que conhecesse o seu ofício na escola de Madame Beck substituiria, imediatamente, aquele conteúdo sem hesitação, discussão

ou censura. Suavizaria com extremo cuidado as dificuldades, reduzindo-as ao nível de seu entendimento e devolvê-lo-ia assim modificado, dissipando, então, os seus sarcasmos com impiedosa mão. Elas sentiriam o ferrão, estremeçeriam, talvez, um pouco, mas não levariam a mal este tipo de ataque, desde que a brincadeira fosse cordial e não ácida e lhes mostrassem, de forma clara, em grandes caracteres, para que lessem a sua incapacidade, ignorância e preguiça. Elas faziam motim por causa de três linhas adicionais numa lição, mas nunca as vi se rebelarem contra uma ferida infligida à sua autoestima. O pouco que tinham dessa qualidade foi treinado para ser esmagado e gostava mais da pressão de um salto firme do que de outra forma.

À medida que eu adquiria fluência e liberdade no francês e podia aplicar as mais nervosas expressões, adequadas a cada caso, as mais velhas e mais inteligentes, ao seu modo, começaram a gostar de mim. Notei que sempre que uma aluna era induzida a despertar em sua alma o sentimento de superar as colegas, causando ciúme, inveja, até uma honesta vergonha, a partir dessa data, estava conquistada. Se eu podia, uma vez ou outra, fazer com que suas orelhas, geralmente enormes, ardessem sob o cabelo brilhante e espesso, tudo corria relativamente bem. Pouco a pouco, pela manhã, começaram a ser colocadas flores sobre minha mesa. A título de gratidão por esta pequena e estranha atenção estrangeira, eu costumava, algumas vezes, passear com um seletto grupo durante o período do recreio. Durante as conversas, aconteceu, uma ou duas vezes, de eu tentar, sem que fosse algo intencionalmente premeditado, corrigir algumas de suas noções distorcidas de princípios. Certa vez, expressei as minhas ideias da indignidade e da infâmia da mentira. Em um momento de descuido, por acaso, eu disse que considerava a mentira e a falsidade piores do que a falta ocasional à missa. As pobres meninas estavam intimadas a transmitir aos ouvidos alheios tudo o que dissesse a professora protestante. Uma consequência edificante se seguiu ao meu deslize: algo invisível, indefinido, inominável surgiu entre mim e minhas melhores alunas: os buquês continuaram a ser oferecidos, mas a conversa, desde então, se tornou impraticável. Enquanto eu caminhava pelos jardins, ou me sentava sob o *berceau*, nunca mais uma menina veio sentar-se à minha direita, contudo, uma professora, como que por feitiço ou magia, surgia sempre à minha esquerda. Também, maravilhoso relatar, os sapatos silenciosos de Madame estavam ininterruptamente à minha volta, tão rápida, tão silenciosa e tão inesperada como um *zéfiro* errante.

Pouco tempo depois tomei conhecimento da *leitura* que tinham feito a respeito da minha situação espiritual. Uma interna, a quem eu havia prestado qualquer pequeno serviço, exclamou de forma um tanto ingênua, quando estava sentada ao meu lado:

– *Mademoiselle*, é uma pena que você seja protestante.

– Por que, Isabelle?

– *Parce que, quand vous serez morte, vous brûlerez tout de suite dans l’Enfer*[58].

– *Croyez-vous?*[59]

– *Certainement que j’y crois: tout le monde le sait; et d’ailleurs le prêtre me l’a dit.*[60]

Isabelle, que era uma criaturinha estranha e rude, acrescentou em voz baixa: – *Pour assurer votre salut là-haut, on ferait bien de vous brûler toute vive ici-bas.*[61]

Eu ri, como, aliás, era impossível fazer o contrário.

Será que o leitor esqueceu-se de Miss Ginevra Fanshawe? Se sim, eu devo apresentá-la novamente, como próspera aluna de Madame de Beck, pois tal era. Na sua chegada à *rue Fossette*, dois ou três dias depois da minha, encontrar-me não foi surpresa para ela. Miss Fanshawe devia ter bom sangue nas suas veias, pois nunca houve duquesa mais perfeita, eficiente e *nonchalante*[62] que ela: um fraco e passageiro sobressalto foi tudo que presenciei da sensação de espanto. A maioria de suas faculdades parecia estar na mesma débil condição: a sua simpatia e antipatia, amor e ódio eram uma mera teia de aranha. Contudo, tinha uma coisa em si que parecia forte e durável o suficiente: seu egoísmo.

Ela não era orgulhosa. Mesmo eu sendo uma simples *bonne d’enfants*, teria feito de mim uma espécie de amiga e confidente. Ela me incomodava com mil reclamações fúteis sobre a escola, brigas, economia doméstica, pois a comida não era do seu gosto e tampouco as pessoas que a rodeavam. Desprezava os professores e as colegas porque eles eram estrangeiros. Suportei por algum tempo suas queixas sobre o peixe salgado, os ovos cozidos da sexta-feira, a sua desfeita contra a sopa, o pão e o café. Finalmente, a minha cota de paciência oferecida por um tempo se esgotou e,

cansada do ressoar, tornei-me rabugenta e a coloquei em seu devido lugar: coisa que eu deveria ter feito logo no início, pois um puxão de orelha sempre lhe caíra bem.

Durante muito tempo eu tive que suportar suas exigências para trabalhar para ela. Seus vestidos, luvas, chapéus estavam muito bem cuidados, mas havia outros trajes que não estavam tão apresentáveis e necessitavam de consertos frequentes. Como ela odiava trabalhos com agulha, aliás, qualquer trabalho, costumava trazer-me suas meias e outros, em pilhas, para eu costurá-los. Como a complacência de algumas semanas ameaçava resultar numa permanente e desavergonhada trapaça, disse-lhe, por fim, claramente, que ela deveria pessoalmente costurar e consertar suas próprias roupas. Ela chorou ao receber essa informação e me acusou de ter deixado de ser sua amiga. Eu, porém, mantive a minha resolução e deixei que o histerismo passasse.

Não obstante estas fraquezas, e várias outras que não merecem ser mencionadas – mas que não eram próprios de um caráter refinado ou elevado –, que linda ela era!

Como estava encantadora quando descia aos domingos pela manhã! Bem-vestida, bem-humorada, com seu traje de seda lilás-pálido e com seus longos cachos repousando sobre seus ombros brancos. Ela sempre passava os domingo ou feriados com amigos que residiam na cidade, e, entre esses amigos, ela rapidamente me deu a entender que havia um que de bom grado se tornaria algo mais. Por vislumbres e sugestões me parecera, e pela animação geral de seus modos, em breve se tornou claro, que uma ardente admiração – talvez amor verdadeiro – estava à sua disposição. Ela chamava o seu pretendente de Isidore. Este, no entanto, ela dava a entender que não era o seu verdadeiro nome, mas aquele com que lhe aprazia batizá-lo – porque o próprio, dizia ela, não era “muito bonito”. Uma vez, quando comentava sobre a dedicação de Isidore, perguntei-lhe se ela o amava.

– *Comme cela?*^[63] – disse ela: – Ele é bonito, simpático e me ama, o que me diverte! *Ca suffit.*^[64]

Preocupada com aquele afeto repentino, até porque, conhecendo os seus gostos volúveis, eu passei a questioná-la para saber se o cavalheiro em questão seria aprovado por seus pais, e, especialmente, pelo tio, de quem, aparentemente, ela dependia. Ela, no entanto, confessou que aquilo tudo era muito duvidoso, já que ela não acreditava que Isidore tinha muito dinheiro.

- E encoraja-o? – eu perguntei.
- *Furieusement*, [65] por vezes – respondeu ela.
- Sem ter a certeza de que a deixarão se casar com ele?
- Oh! Como você é fora de moda! Tem cada ideia! Eu não quero casar.

Eu sou muito nova.

– Mas, se ele te ama tanto quanto você diz, e tudo acaba em nada no final, ele vai ser infeliz.

– É claro que ele vai quebrar seu coração. Eu ficaria até decepcionada se assim não fosse.

– Eu me pergunto se esse senhor Isidore é um tolo ou doido – comentei.

– Ele é doido por mim. Mas, é muito ajuizado nessas coisas, à *ce qu'on dit*. [66] A senhora Cholmondeley considera-o extremamente inteligente e diz que ele há de vencer pelo talento. Tudo o que eu sei é que, perto de mim, ele não faz outra coisa a não ser suspirar e que eu faço dele o que quero.

Desejando ter uma ideia mais precisa desse apaixonado Isidore, cuja posição parecia-me menos segura possível, eu pedi a ela para que o descrevesse para mim. Contudo, ela não pôde descrevê-lo. Ela não tinha nem palavras, nem a faculdade de juntá-las de modo a formar frases gráficas. Parecia, sequer, ter reparado bem nele: nenhum dos seus olhares, nenhuma das mudanças em suas feições lhe tinham tocado o coração ou permanecido em sua memória. Que ele era *beau, mais plutôt bel homme que joli garçon* [67] foi tudo o que ela pôde afirmar. A minha paciência, muitas vezes, me teria abandonado e o meu interesse desaparecido ao ouvi-la, se todas as indicações, todos os pormenores que ela citava não viessem a confirmar a minha opinião de que o amor de Isidore era oferecido com grande delicadeza e respeito. Informei-a muito claramente de que, em minha opinião, ele era bom demais para ela e afirmei, com igual clareza, a minha impressão de que ela era vaidosa e *coquette*. Ela riu, retirou os cachos de seus olhos e afastou-se em passo de dança, como se eu tivesse acabado de lhe fazer um elogio.

Os estudos de Miss Ginevra eram pouco melhor do que nominal. Havia somente três coisas que ela praticava a sério: música, canto e dança. Também bordava os lindos lenços de cambraia fina, pois não podia se dar ao luxo de comprar prontos. Ninharias, como as atividades de História, Geografia, Gramática e Aritmética, ela as deixava por fazer, ou pedia a outros que fizessem por ela. Grande parte do tempo era gasto em visitas. Madame, ciente de que a sua permanência na escola, agora, estava limitada a um certo

período que não seria prorrogado, quer ela fizesse progressos ou não, dava-lhe grande liberdade neste particular. A senhora Cholmondeley – sua *chaperonne*[68] – uma senhora alegre e elegante convidava-a sempre que tinha visitas em sua própria casa e, às vezes, levava-a aos serões em casas de pessoas de seu conhecimento. Ginevra aprovava em absoluto aquele procedimento. Havia apenas um inconveniente: estas saídas obrigavam-na estar bem-vestida e ela não tinha dinheiro para comprar variedade de vestidos. Todos os seus pensamentos se voltavam para esta dificuldade. Toda a sua alma se ocupava em encontrar expedientes para resolver este problema. Era admirável testemunhar a atividade de sua mente, que, de outra forma, era indolente. Neste ponto, a ousada intrepidez era estimulada pelo sentido da necessidade e desejo de brilhar.

Pedi, pois, ousadamente a ajuda da senhora Cholmondeley – corajosamente, não com ar de vergonha ou constrangimento –, mas neste esforço:

– Minha querida senhora Cholmondeley, não tenho nada adequado para vestir para a sua festa da próxima semana. A senhora deve me dar um vestido de *mousseline* e uma *ceinture bleu celeste*,[69] por favor, seja um anjo, sim?

A “querida senhora Cholmondeley” se rendeu ao primeiro pedido, mas, descobrindo que os pedidos aumentaram à medida que iam sendo atendidos, ela logo foi obrigada, como todos os amigos de Miss Fanshawe, a resistir ao abuso. Depois de um tempo não tive mais notícias de presentes da senhora Cholmondeley. Contudo, as visitas mantiveram-se e os vestidos absolutamente necessários continuaram a ser fornecidos. Do mesmo modo, muitos outros acessórios dispendiosos como: luvas, buquês e até mesmo bijuterias. Estas coisas, ao contrário do seu costume e até da sua natureza – pois, para ela nada era secreto – foram diligentemente mantidos fora da vista por um tempo. Porém, uma noite, quando ela estava indo para uma festa que exigia especial cuidado e elegância, não pôde resistir a ir ao meu quarto mostrar-se em todo o seu esplendor.

Estava bonita. Jovem, fresca, com uma delicadeza de pele e flexibilidade de corpo inteiramente à inglesa e que não foram encontradas na lista de encantos femininos continentais. Seu vestido era novo, caro e perfeito. Vi de relance que não lhe faltavam nenhum desses detalhes de acabamento que custam muito e que dão, ao conjunto, um ar de completude e bom gosto.

Observei-a dos pés à cabeça. Ela virou-se graciosamente para que eu pudesse vê-la de todos os ângulos. Consciente de seus encantos, ela estava no seu melhor humor. Os seus pequenos olhos azuis brilhavam alegremente. Ia dar-me um beijo, em sua forma colegial de mostrar seu contentamento, mas eu disse: – Alto! Venha me contar o porquê de toda essa magnificência – e mantive-a distante com meu braço para proceder a um exame mais frio.

– Como estou? – foi sua pergunta.

– Como está? – repeti eu. – Há muitas maneiras diferentes de “estar” e, palavra, eu não entendo a sua.

– Mas, diga-me. Como estou?

– Você está bem-vestida.

Ela não achou que o elogio foi bastante caloroso e começou a chamar a atenção para os vários pontos decorativos de seu vestuário.

– Olhe para esse *parure*^[70] – disse ela. – O broche, os brincos e as pulseiras. Ninguém na escola tem um conjunto assim, nem a Madame.

– Eu vejo todos eles. Houve uma pausa. – Foi o senhor Bassompierre que lhe deu essas joias?

– Meu tio não sabe nada sobre elas.

– Foram presentes da senhora Cholmondeley? – repeti a pergunta.

– Não. A senhora Cholmondeley é uma criatura mesquinha. Ela não me dá mais nada agora.

Não fiz mais perguntas e afastei-me abruptamente.

– Essa agora, velha rabugenta, velho Diógenes (estes eram os seus termos familiares quando discordávamos de alguma coisa). – Qual é o problema?

– Vá-se embora. Eu não tenho prazer em olhar para você e nem para a sua *parure*.

Por um instante, ela pareceu tomada de surpresa.

– E agora, Mãe Sabedoria? Eu não me endividei por isto. Quero dizer, pelas joias, as luvas e os ramos. Meu vestido certamente não está pago, mas irá para a conta do tio De Bassompierre, que irá pagá-lo junto com as demais contas: ele nunca repara nas parcelas, só olha para o total. É tão rico que não precisa se preocupar com alguns guinéus a mais ou menos.

– Você vai ou não? Eu quero fechar a porta... Genevra, as pessoas podem dizer que você está muito bonita com o seu vestido de baile, mas, aos meus olhos, nunca estará tão bonita como com o vestido de algodão e o

chapéu de palha que você usava quando a vi pela primeira vez.

– As outras pessoas não têm o seu gosto puritano – foi sua resposta com raiva. – E, além disso, não vejo que direito você tem de me fazer sermões.

– Certamente eu tenho pouco direito, e você, talvez, tenha menos ainda em vir pavonear-se em meu quarto como uma gralha com plumas de pavão emprestadas. Eu não tenho o menor respeito por suas penas, Miss Fanshawe, especialmente, pelas que chama de *parure*: coisas muito bonitas, se tivesse comprado com o seu dinheiro, aliás, ressalto, dinheiro que você podia poupar, mas nada bonitas nas presentes circunstâncias.

– *l'colcheiro est là pour attraper Mademoiselle Fanshawe!*^[71] – foi anunciado pela porteira e ela partiu.

O mistério da *parure* só foi esclarecido dois ou três dias depois quando ela chegou para me fazer uma confissão voluntária.

– Você não precisa ficar mal-humorada comigo – ela começou –, com a ideia de que eu estou endividando o papai ou o meu tio De Bassompierre. Garanto-lhe que tudo está pago, isto é, exceto os poucos últimos vestidos que tenho usado. Todo o resto está resolvido.

– Não? Aí que reside o mistério, considerando que a *parure* não foi dada pela senhora Cholmondeley, e que os seus próprios meios são limitados a alguns xelins, os quais eu sei que poupas cuidadosamente.

– *Ecoutez*^[72] – continuou ela, aproximando-se e falando em seu tom mais confidencial e adulator, pois mau humor era inconveniente para ela. Ela gostava que eu estivesse sempre disposta a falar e a ouvir, ainda que fosse para censurá-la e que a escutasse para lhe fazer troça. – *Ecoutez, chère grogneuse!*^[73] Vou lhe contar tudo e vai ver, não só como não há nada de mal, mas como tudo foi engenhosamente arranjado. Em primeiro lugar, tenho que sair. Foi meu próprio papai que disse que queria que eu conhecesse um pouco a sociedade, ver algo do mundo. Ele, particularmente, comentou com a senhora Cholmondeley, que, embora eu não fosse feia, tinha, contudo, um ar de colegial vulgar que era seu desejo que eu perdesse. Dessa forma, eu seria apresentada à sociedade aqui antes de fazer o meu *début*^[74] na Inglaterra. Portanto, se saio, preciso me vestir. A senhora Cholmondeley fez-se sovina e não quer me dar mais nada. Seria muito ruim fazer o meu tio pagar por todas as coisas que eu preciso: isso não se pode negar e está de acordo com suas pregações. Bem, mas *alguém* que me ouviu (inteiramente por acaso, eu lhe

asseguro) reclamando com a senhora Cholmondeley das minhas circunstâncias e dificuldades, de precisar de um ou dois acessórios, ficou encantado com a ideia de ser autorizado a oferecer-me alguma ninharia. Você devia ter visto a sua cara de *blanc-bec*,^[75] quando falou nisso pela primeira vez. Como ele hesitou e corou e positivamente tremia de medo de uma recusa.

– Basta, Miss Fanshawe. Creio que devo concluir que Isidore é o seu benfeitor. Que foi dele que você aceitou essa rica *parure; que é ele que fornece os seus bouquets* e as suas luvas?

– Você se expressa de uma maneira tão desagradável – disse ela –, que uma pessoa mal sabe como responder. O que eu quero dizer é que concedo, às vezes, que Isidore tenha o prazer e a honra de expressar a sua admiração, oferecendo-me uma bagatela.

– Agora, Ginevra, para falar a verdade simples, eu não entendo muito bem essas questões, mas creio que está fazendo algo muito errado, procedendo muito mal. Talvez, no entanto, tenha agora a certeza de que poderá casar com Isidore. Os seus pais e seu tio deram o seu consentimento, e, por sua parte, ama-o inteiramente?

– *Mais pas du tout*^[76] (recorria sempre ao francês quando ia dizer alguma coisa particularmente cruel ou perversa). – *Je suis sa reine, mais il n'est pas mon roi.*^[77]

– Desculpe-me, mas tenho que acreditar que essa linguagem é mera bobagem e faceirice. Não há nada de grande em você, mas está, contudo, se aproveitando da bondade e da bolsa de um homem por quem sente absoluta indiferença. Gosta muito mais de Isidore do que pensa ou do que quer confessar.

– Não! Eu dancei com um jovem oficial na outra noite de quem gosto mil vezes mais do que dele. Muitas vezes me pergunto por que eu sinto tanta frieza por Isidore. Todo mundo diz que ele é lindo e outras moças o admiram, mas, de alguma forma, ele me aborrece: deixe-me ver como é...

E pareceu fazer um esforço para refletir. Encorajei-a.

– Sim – disse-lhe eu. – Procure obter uma ideia clara do seu estado de espírito. Parece-me uma grande confusão, caótico como um saco cheio de trapos.

– É algo dessa forma! – exclamou ela, pouco depois. – O homem é demasiado romântico e dedicado e espera de mim mais alguma coisa do que

acho conveniente. Ele acha que eu sou perfeita: provida de todas as espécies de boas qualidades e sólidas virtudes, que eu nunca tive, nem pretendo ter. Mas, na sua presença eu tenho que ser tudo aquilo que ele espera para justificar a sua boa opinião sobre mim. E, isso cansa tanto uma pessoa! Ser ingênua e falar sensatamente, porque ele julga, realmente, que eu sou sensata. Estou muito mais à vontade contigo, velhota... Com você, querida *crosspatch*,^[78] rabugenta... que me toma pelo pior lado e sabe que eu sou *coquette*, ignorante, namoradeira, volúvel, tola, egoísta e todas as outras coisas doces que ambas concordamos fazerem parte do meu caráter.

– Tudo isso está muito bem – disse eu, fazendo um esforço extremo para preservar a gravidade e severidade, que corriam o risco de ser abaladas por esta estranha franqueza. – Mas, isso não altera esse negócio miserável dos presentes. Embrulhe-os, Ginevra, como uma menina boa e honesta, e devolva-os.

– Isso é o que eu não faço – disse ela, resolutamente.

– Então, você está enganando Isidore. É lógico que, ao aceitar seus presentes, dá-lhe a entender que, um dia, ele vai receber o equivalente em relação a vocês dois... a sua estima, por exemplo.

– Mas ele não vai – ela interrompeu. – Ele tem seu equivalente agora. O prazer de ver-me usá-los e é o bastante para ele, um simples *bourgeois*.^[79]

Esta frase, em sua arrogância, curou-me completamente da fraqueza temporária que me havia feito relaxar e adoçar meu tom e aspecto. Depois continuou:

– O que eu preciso agora é de gozar e de aproveitar a minha juventude e não pensar em me acorrentar, com votos ou promessas para este ou aquele. Quando, pela primeira vez, vi Isidore, eu pensei que ele poderia me ajudar a gozá-la. Eu acreditei que ele se contentaria em ter ao seu lado uma moça bonita e que nós brincaríamos como duas borboletas e seríamos felizes. Isso sim! Acho, por vezes, tão grave como um juiz, sentimental e pensativo. Bah! *Les penseurs, les hommes et profonds passionnés ne sont pas à mon goût*.^[80] O coronel Alfred de Hamal agrada-me muito mais. *Va pour les beaux fats et les jolis fripons! Vive les joies et les Plaisirs! A bas lês grandes passions et les sévères vertus!*^[81]

Ela esperava uma resposta a esta tirada, mas eu me calei.

– *J'aime mon beau colonel*^[82] – ela continuou: – *je n'aimerai jamais son rival. Je ne serai jamais femme de bourgeois, moi!*^[83]

Declarei-lhe, então, que era urgentemente necessário que o meu quarto fosse aliviado da honra da sua presença. Ela foi embora rindo.

CAPÍTULO X

Doutor John

Madame Beck era uma personagem singular, tinha um caráter muito forte, era tolerante com todo o mundo, exceto com alguns professores e com quem ousasse interferir em seus planos. Contudo, era a ternura em pessoa. Nem suas próprias filhas a desviavam de sua resignação. Era solícita para com família e vigilante pelos seus interesses e bem-estar. No entanto, nunca conhecera o desejo de pegar suas pequenas filhas no colo para beijá-las, abraçá-las e de lhes prodigalizar docemente uma carícia ou qualquer palavra de ternura.

Eu assisti, por algumas vezes, ela sentada no jardim, apreciando as filhinhas que passeavam num beco distante com TrINETTE, sua nova *bonne*. Em seu semblante lia-se cuidado e prudência. Sei que muitas vezes ela ponderava ansiosamente o que ela chamava de *leur avenir*,^[84] mas se a mais jovem, uma criança franzina e pálida, porém cativante, via-a por acaso e, fugindo da ama, corria, toda ansiosa, rindo ofegante, agarrasse aos joelhos da mãe, Madame estendia calmamente uma das mãos, de modo a evitar qualquer choque inconveniente da investida da criança: *Prends garde, mon enfant* ^[85] – dizia ela impassível. Depois a deixaria, pacientemente, ficar perto dela alguns momentos e, levantando-se, sem beijo ou sorriso, ou palavra carinhosa, e levava-a de volta a TrINETTE.

Seu comportamento para a filha mais velha era igualmente característico, mas de outra maneira. Esta era uma criança má. *Quelle peste que cette Désirée!*^[86] *Quel poison de cet enfant!*^[87] Tais eram as expressões que lhe eram dedicadas, tanto na cozinha como na sala de aula.

Esta criança, entre seus outros dotes, ostentava uma habilidade extraordinária na arte da provocação, muitas vezes dirigida à sua *bonne* e aos criados. Costumava subir, furtivamente, aos seus quartos, abrir-lhes as gavetas e caixas, roubar suas coisas e levá-las para o sótão. Noutras, maldosamente, rasgava-lhes suas melhores toucas e sujava-lhes seus melhores xales. Ela espreitava a oportunidade de ir ao guarda-louça da sala

de jantar, onde quebrava objetos de porcelana ou de vidro, ou ao armário da despensa onde ela saqueava as conservas, bebia o vinho tinto doce, quebrava garrafas e botijas e arquitetava um plano ardiloso, no qual, jogava a suspeita sobre a cozinheira e a ajudante de cozinha. Tudo isto via Madame, e, quando de qualquer delas recebia queixas, a sua única observação, proferida com inigualável serenidade, era: *Désirée a besoin d'une surveillance toute particulière.*^[88] Assim ela mantinha aquele promissor ramo de oliveira sempre ao seu lado. Nunca, creio eu, ela disse à filha, francamente, sobre seus erros ou lhe mostrou o resultado que aquelas falhas, hábitos, decorrentes teriam no futuro ou, as consequências destes para outras pessoas.

A vigilância deveria realizar toda a cura. Não realizou, evidentemente. Désirée foi mantida, de certo modo, afastada das criadas, mas agora arreliaava, importunava e furtava a própria mãe. Tudo que pertencesse à caixa de costura de Madame, à mesa de trabalho ou ao toucador, que ela pudesse colocar as mãos, roubava e escondia. Madame via tudo isto, mas fingia não ver: não tinha a retidão de espírito necessária para confrontar a criança com seus vícios.

Quando desaparecia um objeto, cujo valor tornava a sua restituição necessária, Madame fingia pensar que Désirée o tinha tomado por brincadeira e a pedia que devolvesse. Désirée não se deixava enganar facilmente: aprendera a usar a mentira em auxílio do roubo. Negava ter tocado no broche, no anel ou na tesoura. Continuando com o débil sistema, a mãe, calmamente, assumia um ar de crença e depois vigiava, incessantemente, a criança até que ela conseguia localizar seus esconderijos: um buraco no muro do jardim, alguma brecha ou fenda no sótão ou fora da casa. Após a descoberta, Madame enviava Désirée a uma caminhada com sua *bonne* e aproveitava sua ausência para roubar a ladra. Désirée, no entanto, provava bem de quem era filha, nunca deixando que seus modos ou fisionomia tráíssem o menor sinal de mortificação, ao dar pela falta.

A segunda filha, Fifine, diziam parecer-se com o falecido pai. Certamente, embora a mãe lhe tivesse legado seus olhos azuis e a face corada, não era dela que veio a sua moral. Era uma pequena honesta e alegre. Era também uma criaturinha impetuosa, apaixonada, vivaz e susceptível a fazer travessuras, a cada passo, e estas a colocavam em perigos e dificuldades. Certo dia, ela despencara do alto de uma íngreme escada de pedra, e, quando Madame, ouvindo o ruído (ela sempre ouvia todos os

ruídos), saiu da sala de jantar e a apanhou, disse, calmamente: – *Cet enfant a un os cassé.*[\[89\]](#)

No início, esperamos que este não fosse o caso. Foi, no entanto, apenas a verdade. Um bracinho roliço pendurado impotente.

– Vamos Miss – disse Madame, referindo-se a mim: – levá-la... *et qu'on Aille tout de suite chercher un fiacre.*[\[90\]](#)

Partiu, então, prontamente num *fiacre*, mas com admirável sangue-frio saiu para buscar um cirurgião.

Parece que não encontrou o médico da família em sua casa. Isso, porém, não importava. Ela procurou até encontrar um substituto e trouxe-o consigo. Enquanto isso, eu tinha cortado a manga do vestido da criança, despido-a e colocado-a na cama.

Nenhuma de nós, creio eu (quero dizer, a babá, a cozinheira, a porteira, personagens agora reunidos no pequeno quarto aquecido), olhou, minuciosamente, para o novo médico quando ele entrou. Eu, pelo menos, estava ocupada tentando acalmar Fifine, cujos gritos, pois ela tinha bons pulmões, eram terríveis. Esses gritos redobram de intensidade quando o estranho se aproximou da cama.

– Deixe-me – gritou ela, apaixonadamente, em seu inglês quebrado (porque ela falava inglês como as outras pequenas). – Eu não quero você. Quero o doutor Pillule!

– O doutor Pillule é muito meu amigo – foi a resposta, em um inglês perfeito –, mas está ocupado em um lugar três léguas daqui e eu vim em seu lugar. Então, agora, quando estivermos um pouco mais calmos, devemos tratar disso (apontou para o bracinho gordo). E, em breve, teremos o seu braço enfaixado e ele ficará como deve ser, no lugar certinho.

Dizendo isso, ele pediu um copo de água com açúcar, deu-lhe algumas colheradas do líquido doce (Fifine era uma gulosa, adorava doces e qualquer um poderia conquistar seu coração pelo paladar), prometeu que lhe daria mais depois de cuidar de seu braço e, prontamente, começou a trabalhar. Como necessitava de ajuda, pediu-o à cozinheira, uma mulher robusta, de braços fortes, mas ela, a porteira e a babá fugiram imediatamente. Não me agradava tocar naquele membro torturado, mas, pensando que não havia alternativa, estendi logo a minha mão para o que fosse preciso. Eu fora precipitada, pois Madame Beck estendera também a mão dela, que estava firme, enquanto a minha tremia.

– Ça vaudra mieux[91] – disse o médico, escolhendo a ajuda dela.

Ele mostrou sensatez na escolha. O meu estoicismo teria sido falso e forçado. O dela não era nem uma coisa nem outra.

– *Merci, Madame; très bien, très fort* – disse o médico quando terminou. – *Voilà un sang-froid bien opportun, et qui vaut mille élans de sensibilité déplacée.*[92]

Ele ficou satisfeito com a coragem de Madame e ela com o elogio. Era provável, também, que a aparência geral do médico, sua voz, seu rosto bonito, seus modos a impressionassem favoravelmente. Na verdade, quando se olhava bem para ele, quando trouxeram a luz, pois caía a noite, via-se que, a menos que Madame não fosse mulher, não poderia ser de outra forma. Aquele jovem médico (porque tinha a aparência de muito novo) não tinha, de forma alguma, aspecto comum. Sua estatura era imponente, sobretudo naquele quarto pequeno e no meio daquele grupo de pequenas mulheres. Seu perfil era bem marcado, fino e expressivo. Seus olhos olhavam de uma para outra com demasiada vivacidade, rapidez e frequência. Mas, o olhar tinha uma expressão agradável, demonstrava caráter, assim como a boca; o queixo grego era cheio, fendido e perfeito. Quanto ao sorriso, não se podia, de repente, decidir qual epíteto descritivo ele merecia. Havia nele qualquer coisa que agradava, mas algo, também, que trazia ao espírito todos os nossos pontos fracos, tudo o que podia deixar-nos sem defesa perante uma risada. Não foi o acaso que fez com que Fifine gostasse daquele sorriso e achasse afável, embora ele a tivesse machucado. Ela estendeu-lhe a mão para oferecer-lhe um amigável boa-noite. Ele deu um tapinha gentil em sua mãozinha e, então, desceu as escadas com Madame, ela falando em seu mais alto astral e volubilidade; ele, escutando com um ar misto de boa disposição, brincalhão, uma travessura inconsciente que me parece difícil de descrever.

Notei que, embora falasse bem francês, falava melhor inglês. Somado a isso, tinha uma compleição e uns olhos típicos dos ingleses. Notei mais: quando ele passou por mim à saída, virou o rosto em minha direção por um momento – não para se dirigir a mim, mas para falar com Madame – tão alto que eu tinha necessariamente de olhar para cima para o ver, uma lembrança que lutava para se formar na minha memória, desde o primeiro momento que ouvira a sua voz, tornou-se perfeitamente distinta.

Este era o mesmo cavalheiro a quem eu falara no *bureau*; que tinha me ajudado na questão da mala, que tinha sido meu guia através do parque

escuro e úmido. Ouvindo, quando ele passava no comprido vestíbulo, reconheci-lhe até os passos: eram os mesmos passos firmes e iguais aos que eu tinha seguido sob as árvores gotejantes.

Era de supor que a primeira visita do jovem cirurgião à *rue Fossette* seria também a última. Como o respeitável doutor Pillule era esperado em casa no dia seguinte, não havia nenhuma razão para que o seu substituto temporário novamente o representasse. Mas os fatos decretaram o contrário.

Doutor Pillule tinha sido chamado para ver um velho e rico hipocondríaco na antiga cidade universitária de *Bouquin-Moisi* [93] e, como ele mesmo havia lhe receitado uma viagem para mudança de ares, foi contratado para acompanhar o tímido paciente em uma excursão que levaria algumas semanas; só restava, portanto, ao novo médico continuar as suas visitas à *Rue Fossette*.

Muitas vezes, eu o via, pois Madame não queria confiar a pequena doente a Trinette e exigia-me que passasse grande parte do meu tempo no quarto das crianças. Creio que ele era hábil. Fifine recuperava-se rapidamente sob seus cuidados, no entanto, a sua convalescença não apressou a sua despedida do internato. O destino e Madame Beck pareciam aliados e ambos tinham decidido que o médico se familiarizasse perfeitamente com o vestíbulo, a escada privada e os quartos da *rue Fossette*. Mal Fifine lhe saiu das mãos, Désirée declarou-se doente.

Aquela criança possuía um verdadeiro gênio na arte da simulação, e cativada pelas atenções e indulgências de um quarto de doente, ela chegou à conclusão de que era exatamente o que lhe convinha. E foi para a cama. Representava bem e sua mãe melhor ainda, pois, embora o caso fosse transparente como o dia para Madame Beck, ela tratava-o com um ar surpreendentemente convicto da gravidade e de e boa fé.

O que me surpreendeu foi que o doutor John – era dessa forma que ele havia ensinado Fifine a chamá-lo e todos nós adquirimos dela o hábito de nos dirigirmos a ele dessa forma, até que se tornou costume estabelecido e ele não era conhecido por nenhum outro nome na *rue Fossette* –, pensava eu, consentisse tacitamente em adotar as táticas de Madame e caísse nas suas manobras. Ele traiu-se, de fato, um período de cômica dúvida, lançou um ou

dois rápidos olhares da filha para a mãe, permitiu-se um intervalo de autoconsulta, mas, finalmente, resignou-se com uma boa graça a fazer a sua parte na farsa. Désirée comia como um corvo, fazia travessuras na cama noite e dia, armava tendas com os lençóis e cobertores, deitava-se como um turco em meio a travesseiros e almofadas, divertia-se atirando seus sapatos em sua *bonne* e fazendo caretas para as suas irmãs – transbordava, em suma, de maldade e imerecida saúde. Só definhando quando Madame e o médico lhe faziam a visita diurna. Eu sabia que Madame Beck se sentia feliz, a qualquer preço, para manter sua filha na cama, impossibilitada de fazer suas maldades e fora do seu caminho. Mas, espantava-me que o doutor John não se faticasse com aquilo.

Todos os dias, com este simples pretexto, ele fazia pontualmente sua visita. Madame recebia-o sempre com a mesma solicitude, a mesma alegria e o mesmo ar admiravelmente simulado de preocupação para com sua filha. Doutor John prescrevia inofensivas receitas e olhava para a mãe com olhos astutos. Madame notava aqueles olhares trocistas, sem se ressentir. Tinha demasiado bom senso para isso. Flexível como o jovem médico parecia, não se podia desprezá-lo. Contudo, aquele papel de docilidade não era, evidentemente, adotado para obter favores de Madame. Embora gostasse de trabalhar no internato e se demorasse estranhamente pela *rue Fossette*, mostrava-se ali, independente, quase indiferente. E, contudo, mostrava-se também, muitas vezes, pensativo e preocupado.

Não me competia, talvez, observar o mistério da sua atitude, ou buscar sua origem ou intenção. No entanto, na minha situação, eu mal podia evitá-lo. Ele expunha-se à minha observação, concedendo à minha presença no quarto exatamente aquele grau de atenção e importância de que uma pessoa com meu aspecto exterior habitualmente espera, isto é, mais ou menos as que são dispensadas às inofensivas peças do mobiliário: cadeiras vulgares e tapetes de nenhum padrão marcante. Muitas vezes, enquanto esperava por Madame, costumava meditar, sorrir, observar ou escutar como um homem que pensa que está sozinho. Eu, entretanto, estava livre para me intrigar com suas expressões e movimentos, e pensar o que poderiam significar aquele interesse peculiar e dedicação especial – sem dúvida de uma estranheza peculiar e, inexplicavelmente, dirigidos por algum feitiço – que o ligavam a este semiconvento, escondido no centro de uma capital. Ele, creio, nunca se deu conta de que eu tinha olhos e, muito menos, um cérebro por trás deles.

Nem jamais teria descoberto se, um dia, enquanto ele estava sentado ao sol e eu lhe observava a coloração de seus cabelos, do bigode e compleição – o conjunto tinha um desses tons que a luz forte perigosamente realça (na verdade, lembro-me, que fui levada a comparar aquela cabeça luminosa com a “imagem de ouro” que o rei Nabucodonosor tinha levantado) –, uma ideia nova, súbita e assustadora não tivesse surgido à minha mente com excessiva força e poder de atração.

Ainda hoje não sei como eu olhei para ele. A força da surpresa e também da convicção fizeram-me esquecer de mim própria e só recuperei a consciência habitual quando vi que eu havia lhe despertado a atenção e que ele acompanhava os meus movimentos e expressão num pequeno espelho oval fixado no lado do recesso da janela que, com a ajuda do qual Madame muitas vezes, secretamente, espionava as pessoas andando no jardim. Embora de temperamento calmo e alegre, não lhe faltava certa sensibilidade nervosa que o fazia pouco à vontade sob um olhar direto e investigativo. Surpreendendo-me, assim, ele voltou-se e disse, num tom que, embora cortês, tinha secura bastante para marcar uma sombra de irritação e dar o que foi dito caráter de repreensão:

– *Mademoiselle* não me poupa. Como não sou vaidoso o suficiente para imaginar que são os meus méritos que atraem a sua atenção, concluo que seja algum defeito. Atrevo-me a perguntar. Qual?

Fiquei tão confusa e envergonhada, como o leitor pode supor, não, contudo, numa confusão irreparável, pois eu tinha a consciência que não fora por nenhuma incauta admiração nem por espírito de injustificável curiosidade que incorrera na repreensão. Eu não estava habituada a falar com ele. Deixando, pois, que ele pensasse o que quisesse e me acusasse do que lhe aprouvesse, retornei ao trabalho que tinha deixado, tamanha a surpresa, e mantive a minha cabeça baixa durante o resto da sua estadia. Há um perverso estado de espírito que mais se regozija do que se irrita com uma interpretação errônea dos nossos sentimentos e, nos meios em que nunca podemos ser justamente conhecidos, temos prazer, acho, em ser completamente ignorados. Qual é o homem honesto que, ao ser casualmente confundido com um ladrão não se sente mais envergonhado do que lisonjeado?

CAPÍTULO XI

O Gabinete da Porteira

Era verão e fazia muito calor. Georgette, a filha mais nova de Madame Beck, adoeceu de verdade, apanhou uma febre. Désirée, subitamente curada de seus males, foi, juntamente com Fifine, enviada para o campo para a casa da *Bonne-Maman*,^[94] como precaução contra o contágio. A assistência médica era agora realmente necessária e Madame, preferindo ignorar o retorno do doutor Pillule, que retornará havia uma semana, pediu ao seu concorrente inglês para continuar suas visitas. Uma ou duas internas queixaram-se de dores de cabeça, e, pareciam, por outros sintomas, compartilhar dos males de Georgette. “Agora, finalmente”, pensei eu, “terá que chamar de novo o doutor Pillule: a prudente diretora não vai permitir que um médico tão jovem trate das alunas.”

A diretora era muito prudente, mas sabia também ser intrépida e ousada. Apresentou então ao doutor John a parte do internato onde ficavam as instalações das alunas e entregou aos seus cuidados a bela e altiva Blanche de Melcy e a vaidosa e namoradeira Angélique, sua amiga. O doutor John, creio eu, testemunhou uma gratidão por esta prova de confiança. Aqui, no entanto, nesta terra de conventos e confessionários, uma presença como a sua não podia ser impunemente suportada num *pensionnat de demoiselles*. A escola fofocou, a cozinha sussurrou, a cidade espalhou o boato, os pais escreveram cartas e fizeram visitas de protesto. Madame, se fosse fraca, estaria agora perdida: uma dúzia de estabelecimentos de ensino rival estava pronta para explorar esse passo em falso – se mau passo fosse – para a sua ruína. Mas, Madame não era fraca, e, apesar de ser até um pouco jesuíta para o meu gosto, eu a aplaudi e a aclamei de todo o meu coração quando observei sua hábil atitude, suas inteligentes manobras, o caráter e sua firmeza nesta ocasião.

Ela recebeu os alarmados pais com bom humor e os colocou à vontade com graça e segurança na gestão do internato. Ninguém se igualava a ela, não sei se na pose, se na arte de assumir certa *rondeur et franchise de bonne*

femme,^[95] que, em várias ocasiões, alcançava o êxito completo e instantâneo, nas quais a gravidade severa e raciocínio sério provavelmente teriam falhado.

– *Ce pauvre Docteur Jean!*^[96] – dizia ela, rindo e esfregando alegremente as suas gordas mãozinhas brancas. – *Ce cher jeune homme! Le meilleur créature du monde* ^[97] – e continuava a explicar como ela própria o chamara para as suas filhas, que eram tão afeiçoadas a ele, que se punham a gritar só de se falar em outro médico; como julgava natural, desde que tinha confiança para si própria, ela pensou que era natural depositar essa confiança para os outros; e *au reste*,^[98] tratava-se do expediente mais temporário do mundo: Blanche e Angélique tiveram uma *migraine*;^[99] o doutor John tinha lhes feito uma prescrição. *Voilà tout!* ^[100]

As bocas dos pais calaram-se. Blanche e Angélique pouparam-lhe todos os restantes dissabores, cantando duetos em louvor ao seu médico e as outras alunas lhes faziam ecos, declarando que, quando estivessem doentes teriam o doutor John e mais ninguém como médico. Madame ria e os pais também. Os *Labassecouriens* deviam ter um sentido de progenitura muito desenvolvido, pelo menos, a indulgência com a prole era elevada. Na maioria das famílias a vontade das crianças era levada aos extremos dos limites. Madame ganhou, dessa forma, o crédito por ter agido em um espírito de parcialidade maternal e saiu do conflito ainda mais fortalecida, passando a ser, como diretora, mais querida do que nunca.

Até hoje eu não entendi completamente a razão de Madame ter arriscado o seu interesse para o bem do doutor John. Certamente que sei o que todos na casa diziam, incluindo alunas, professores e criadas: ela pretendia se casar com ele. Se fosse isso, a questão toda estava explicada. A diferença de idade parecia não constituir qualquer obstáculo aos seus olhos: Era para ser assim.

Deve-se admitir que as aparências não desmentiam totalmente esta ideia, tão obstinada parecia Madame em reter os serviços do médico, tão esquecida do ex-protegido, Pillule. Ela também se empenhava para recebê-lo pessoalmente nas ocasiões de suas visitas e eram sempre joviais, entusiásticos e benévolos os seus modos para com ele. Além disso, prestava por aquele tempo, uma cuidada atenção à sua *toilette* da manhã: o roupão, a touca e o xale, nas ocasiões de suas visitas matutinas, tinham sido aposentados. O doutor John a encontrava já com as tranças castanhas bem arranjadas, o

vestido de seda primorosamente talhado, lindas botas, em lugar das polainas silenciosas. Em suma, toda arrumada, como se fosse uma modelo, e fresca como uma flor.

Não creio, contudo, que sua intenção fosse além de querer mostrar a um homem muito bonito que ela não era uma mulher de toda feia; e feia não era, com efeito. Mesmo sem beleza de feições ou elegância de formas, ela agradava no conjunto. Sem mocidade e a graça inerente, tinha, ainda, o seu encanto. Nunca se cansava de olhar para ela, nunca era monótona, insípida, descorada ou sem sabor. Os cabelos frescos, os olhos de um azul moderado, as faces como a frescura dos frutos sadios, tudo isso agradava, com moderação, mas com constância.

Ela teve, de fato, ilusões de adotar o doutor John como marido, levá-lo para sua casa bem mobiliada, dotá-lo com suas economias – que se dizia que equivaleria a uma quantia razoável – e dar-lhe conforto para o resto de sua vida. Será que o doutor John suspeitava de tais intenções? Mais de uma vez o vi sair de sua presença com um meio-sorriso maroto nos lábios e o olhar com aquela vaidade masculina orgulhosa e lisonjeada. Com toda a sua simpatia e bondade, ele não era perfeito. Devia ser até muito imperfeito, se encorajava perversamente intenções a que não tencionava concretizar. Mas, não tencionaria ele realizá-las? As pessoas diziam que ele não tinha dinheiro e que vivia inteiramente da sua profissão. Madame – embora, talvez, quatorze anos mais velha que ele – era, contudo, esse tipo de mulher que não envelhece, não murcha e não se gasta. Era evidente que eles estavam em boas relações. Ele, talvez, não estivesse apaixonado, mas quantas pessoas jamais amam realmente, ou, pelo menos, se casam por amor neste mundo? De modo que esperávamos o desfecho.

O que ele esperava, eu não sei, nem o que observava, mas a peculiaridade de seus modos, o seu olhar vivo, ansioso, vigilante, absorvido nunca se cansava – antes se intensificava. Nunca ele estivera inteiramente dentro da minha observação e creio que cada vez mais se afastava dele.

Uma manhã, a pequena Georgette tinha tido mais febre e estava, por consequência, mais rabugenta. Chorava e nada a fazia parar. Achei que um medicamento, há pouco receitado, não lhe fizera bem e hesitava se devia continuar a dá-lo. Esperava com impaciência a vinda do médico para consultá-lo.

A campainha da porta tocou, ele entrou; tive a certeza disto porque eu

ouvi sua voz dirigindo-se à porteira. Era seu costume ir direto para o quarto das crianças – subindo três degraus de cada vez – e vindo sobre nós como uma alegre surpresa. Passaram cinco minutos e nada de ele aparecer. Dez, e eu não o vi e nem ouvi nada. O que estaria fazendo o doutor John? Possivelmente esperando no corredor lá embaixo. A pequena Georgette ainda gemia, apelando para mim em seu termo familiar: – *Minnie, minnie*, a menina tem dói-dói! – o que me despedaçava o coração.

Desci para verificar por que ele não subia. O corredor estava vazio. Para onde ele teria ido? Estaria com Madame na sala de jantar? Impossível! Ainda há pouco eu a deixara se vestindo no seu próprio quarto. Eu escutei. Três alunas praticavam seus deveres em três salas próximas: a sala de jantar, a de visitas, que era maior, e em outra menor. Entre elas havia apenas um corredor que levava ao quarto da porteira que tinha uma abertura que se dava para o vestiário das senhoras. Mais distante, no oratório, uma classe inteira de uma dúzia ou mais estava tendo uma aula de canto e entoando uma barcarola (creio que lhe chamavam assim), de que ainda recordo as palavras *Fraiche, brise e Venise*.^[101] Nestas circunstâncias, o que eu poderia ouvir? Muito, certamente, se isso pudesse ter alguma utilidade.

Sim. Eu ouvi um riso agudo, leviano, vindo do quarto da porteira. O som da risada saiu nítido pela porta entreaberta ao pé da qual eu estava; uma voz de homem num tom brando, profundo, suplicante, pronunciava algumas palavras das quais eu só peguei a exclamação:

– Pelo amor de Deus!

Então, depois de um minuto de silêncio, saiu o doutor John com os olhos brilhando, mas não de alegria ou triunfo. O seu belo rosto inglês estava muito corado, com um ar frustrado, torturado, ansioso, e, contudo, terno.

A porta aberta me serviu como uma proteção, mas ainda que estivesse no seu caminho, eu acredito que ele teria passado sem me ver. Qualquer, mortificação, alguma forte aflição lhe pungia a alma: ou melhor, para escrever agora as minhas impressões como eu as recebi na época, eu deveria dizer alguma tristeza, qualquer sentimento de injustiça. Não pensei que seu orgulho tivesse sido ferido, mas sim, magoado no seu afeto, cruelmente magoado, pareceu-me. Mas, quem fora a torturadora? Quem naquela casa teria esse poder? Madame, eu acreditava, estava em seu quarto. O gabinete de onde ele tinha saído era exclusivamente da porteira e ela, Rosine, uma francesinha sem princípios, embora bonita, era airoso, leviana, vaidosa e

mercenária e, pelo pouco que eu tinha visto do médico, aquele não parecia ser o tipo de mulher que ele escolheria. Mas, se não era Rosine a autora da provação pela qual ele parecia ter acabado de passar, quem era?

Enquanto eu pensava, sua voz saiu clara, embora um tanto acentuada, eclodiu em uma canção francesa que soou pela porta ainda entreaberta. Duvidando dos meus sentidos, espregitei. Lá estava ela, sentada à mesa, com um lindo vestido rosa que a enfeitava e um chapéu pequeno de renda. Nenhuma outra criatura, além dela, estava no quarto, com exceção de alguns peixes dourados em um globo de vidro, algumas flores em vasos e o amplo sol de julho.

Era um problema. Mas, eu precisava subir para perguntar sobre o medicamento.

O doutor John estava sentado em uma cadeira ao lado da cama de Georgette e Madame estava diante dele. A doente havia sido examinada e agora estava quieta na sua caminha. Madame Beck, quando eu entrei, estava discutindo a saúde do próprio médico, comentando alguma mudança real ou imaginária em sua aparência, acusando-o de excesso de trabalho e recomendando descanso e mudança de ares. Ele ouvia com bom humor, mas ria com indiferença dizendo que ela era *trop bonne* [102] e que ele se sentia perfeitamente bem. Madame apelou para mim e o doutor seguiu-lhe o movimento com um olhar lento que parecia exprimir sua surpresa por vê-la pedir a opinião de uma pessoa tão insignificante.

– O que você acha, Miss Lucy? – perguntou Madame. – Ele não parece mais pálido e mais magro?

Era raro eu proferir mais que monossílabos na presença do doutor John. Ele era o tipo de pessoa perante o qual eu preferia mostrar-me a coisa passiva e neutra que ele me julgava. Desta vez, no entanto, permiti-me responder com uma frase e, intencionalmente, significativa.

– Ele parece doente neste momento, mas talvez por uma causa passageira. Talvez o doutor John tenha tido algum aborrecimento.

Eu não posso dizer como ele recebeu estas palavras porque não olhei em seu rosto. Georgette começou, nesta altura, a perguntar-me em seu inglês estropiado, se ela podia tomar um copo de água com açúcar. Eu respondi-lhe em inglês. Pela primeira vez, creio, ele percebeu que eu falava sua língua; até então sempre havia me tomado por estrangeira, dirigindo-se a mim como *Mademoiselle* e dando-me as instruções necessárias sobre o tratamento das

crianças em francês. Ele parecia a ponto de fazer uma observação, mas pensando melhor, calou-se.

Madame recomeçou aconselhá-lo, ele balançou a cabeça, rindo, levantou-se, despediu-se com um cortês bom dia, mas com aquele ar indiferente de alguém a quem excessivas atenções não solicitadas entediavam.

Quando ele se foi, Madame sentou com o queixo apoiado na mão na cadeira em que ele tinha ocupado. Tudo o que era animado e amável havia desaparecido de seu rosto. Estava como uma pedra e séria, quase mortificada e triste. Suspirou. Um único suspiro, porém profundo. Uma sineta tocou alto chamando para as aulas da manhã. Ela levantou-se. Ao passar pela penteadeira, olhou para sua imagem refletida no espelho. Um único fio de cabelo branco destoava nas suas tranças castanhas. Arrancou-o. Na luz crua daquele dia de verão, seu rosto, embora ainda tivesse cor, via-se claramente que havia perdido o brilho da mocidade. E os contornos da juventude, onde estavam eles? Sagaz como ela era, talvez, tivesse lido nos olhos do médico o motivo da sua tristeza e intuía que não era ela a razão. “Ah, Madame! A senhora é forte e sensata, mas também conhece a fraqueza!” Nunca, até então, eu tivera pena de Madame, mas meu coração compadeceu-se dela quando ela se voltou tristemente do espelho. Uma fatalidade caíra sobre ela. A bruxa da decepção, do desapontamento acenava-lhe e sua alma rejeitou aquela intimidade.

Mas, e o gabinete de Rosine? Minha perplexidade a esse respeito ultrapassava a descrição. Abracei cinco oportunidades de passar por lá naquele dia, a fim de contemplar os seus encantos e descobrir o segredo da sua influência. Ela era bonita, jovem e usava um vestido bem feito. Todas excelentes qualidades e, suponho, amplamente suficientes para justificar, para qualquer mente filosófica, todo o sofrimento e desvario num homem jovem, como o doutor John. Ainda assim, eu não podia deixar de sentir um quase desejo de que o médico fosse meu irmão. Ou, pelo menos, de que ele tivesse uma irmã que pudesse repreendê-lo docemente. Eu disse um quase desejo. Quebrei-o e atirei-o para longe antes que se tornasse um desejo completo, descobrindo em tempo sua extravagância. “Alguém”, argumentei, “podia muito bem repreender Madame a propósito do seu jovem médico!” Contudo, para que serviria isso?

Creio que Madame censurava a ela mesma. Não se podia dizer que

se comportava fracamente ou agia, de qualquer forma, ridiculamente. É verdade que ela não tinha sentimentos tão fortes para superar, nem ternura que a fizesse miseravelmente triste. É verdade, igualmente, que tinha uma ocupação importante, um negócio real para preencher seu tempo, distrair os seus pensamentos e repartir os seus interesses. Era especialmente verdade que ela possuía um genuíno bom senso, que não é dado a todas as mulheres, nem a todos os homens, e, graças ao número de vantagens combinadas, conduzia-se com sabedoria... Comportava-se bem. Bravo! Mais uma vez, Madame Beck havia vencido! “Vi você lutar com um Apolo da sua predileção. Combateu bem e venceu!”

CAPÍTULO XII

A Caixa de Marfim

Atrás da casa da *rue* Fossette havia um jardim grande e belo. Se considerarmos que estávamos no coração de uma cidade, e que hoje parece agradável na minha recordação, isso é magnífico. Mas, o tempo, como a distância, empresta a determinadas cenas uma doce influência. Onde tudo ao redor são pedra, parede branca e pavimento quente, um arbusto se torna precioso e encantador, ainda mais um terreno todo fechado e plantado!

Havia uma história contada de pai para filho, de mãe para filha, de que noutros tempos a casa de Madame de Beck tinha sido um convento. Isso em anos passados, há quanto tempo eu não sei dizer, creio que alguns séculos, antes que a cidade estendesse por este quarteirão e quando ele era ainda todo de terra cultivada, alameda, reclusão, solidão profunda e arborizada, como convém ao cenário circundante de uma casa religiosa.

Conta-se que alguma coisa tinha acontecido neste local que, despertando medo e horror, tinha deixado uma herança de uma história de almas do outro mundo. Corria uma vaga história de uma freira de preto e branco que, às vezes, em algumas noites do ano, era vista em alguma parte na vizinhança. Contudo, o espírito devia ter sido obrigado a fugir, pois havia agora construções em todo o entorno. Mas, certas relíquias do convento, na forma de antigas e enormes árvores frutíferas, ainda consagravam o lugar e, ao pé de uma pereira, velha como Matusalém – quase morta, exceto por alguns ramos que fielmente renovavam o seu perfume na primavera e os seus frutos de mel pingentes no outono –, via-se raspando a terra musgosa, entre as raízes quase nuas.

Havia uma lenda, não confirmada e não acreditada, mas ainda propagada, de que esta era a entrada de um túmulo que aprisionava, nas profundezas desse solo – em cuja superfície crescia a relva e desabrochavam as flores –, os ossos de uma menina que um conclave monástico, da lúgubre Idade Média, tinha aqui enterrado viva, por algum pecado contra o seu voto. Era a sua sombra que os medrosos receavam ao longo de gerações – já depois

de o seu pobre corpo ser transformado em pó –, o seu hábito negro e o véu branco, pareciam, aos olhos tímidos, ter zombado do luar e das sombras, flutuando ao sabor do vento noturno, através das árvores no jardim.

No entanto, independentemente de insignificâncias românticas, aquele velho jardim tinha os seus encantos. Nas manhãs de verão eu costumava levantar cedo para apreciá-los sozinha. Nas noites estivais eu gostava de passear por ali solitária para esperar o encontro com a lua crescente; provar o beijo da brisa da noite; ou imaginar, mais que sentir, o frescor do orvalho que caía. A relva era verdejante, os passeios de cascalho eram cobertos de areia branca, os brancos nastúrcios apinhavam-se graciosamente junto das raízes corcovadas dos gigantes do pomar. Havia um caramanchão o sobre qual se espalhava a sombra de uma acácia. Havia outro, menor, mais escondido, situado nas vinhas que corriam ao longo de um muro alto e cinzento, onde as gravinhas se juntavam, em um nó de beleza com os jasmims e a hera com seus cachos em profusão.

Sem dúvida, durante o dia, quando a grande escola de Madame Beck saía desenfreada, e as externas e *pensionnaires* [103] se espalhavam lá fora, competindo com os habitantes do colégio de rapazes, num exercício descarado de pernas e pulmões, o jardim era, então, um lugar bastante trivial. Mas, ao pôr do sol ou à hora do adeus, quando as externas tinham ido para casa e as internas estavam sossegadas em seus estudos, era agradável passear nas vielas tranquilas e ouvir os sinos de Saint-Jean-Baptiste repicarem os seus sons suaves, doces e sublimes.

Eu passeava assim uma tarde e havia sido detida mais tempo do que o habitual, ao crepúsculo, pela calma profunda, o frescor suave, sentido a fragrância perfumada das flores que nenhuma luz do sol poderia conquistar, mas que agora respondia à persuasão do orvalho. Eu vi por uma luz na janela do oratório que a casa católica estava reunida para a oração da tarde, rito a que eu, como protestante, respeitava, mas que de vez enquanto me eximia.

“Um momento mais”, sussurravam a solidão e a lua de verão. “Fica com a gente: tudo está agora verdadeiramente tranquilo. Durante um quarto de hora a sua ausência não será sentida. A agitação e o calor do dia te fatigaram. Desfruta desses preciosos minutos!”

A parte de trás do internato, que ficava neste jardim, era sem janelas. Era como um paredão, em particular todo um lado que dava para uma longa linha de outra construção de igual forma: o internato do colégio de rapazes,

vizinho ao das moças. Esta parte era toda de pedra lisa, com exceção de certas brechas no sótão, uma parte que pertencia aos quartos de dormir dos criados e também uma janela para um andar mais baixo que diziam pertencer a um quarto ou escritório de um professor. Mas, apesar de seguro, o acesso a um beco que corria em paralelo com a alta parede desse lado do jardim, era proibido às alunas. Aquela área era chamada de *l'allée défendue*,^[104] e qualquer menina que ali colocasse seus pés, incorria num castigo severo, tão grave quanto o brando regulamento do estabelecimento de Madame Beck o permitia.

Os professores podiam ir ali impunemente, mas como o passeio era estreito e os arbustos negligenciados há anos, o mato era espesso – ramos e folhas de ambos os lados quase fechavam a passagem – os raios do sol dificilmente penetravam e esta área era raramente frequentada mesmo durante o dia e, depois do crepúsculo, era cuidadosamente evitada.

Desde a minha chegada no internato eu estava tentada a fazer uma exceção à regra. O isolamento, a própria tristeza do lugar, me atraía. Por muito tempo, o receio de parecer extravagante me conteve. Mas, aos poucos, à medida que as pessoas iam se acostumando comigo, aos meus hábitos, às minhas peculiaridades, às pequenas excentricidades que faziam parte da minha natureza – peculiaridades, decerto, não marcantes o suficiente para interessarem e, talvez, não bastante proeminentes para ofenderem, porém nascidas comigo e tão difíceis de separarem de mim, pois faziam parte da minha identidade e caráter – lentamente tornei-me uma frequentadora daquele caminho estreito e solitário. Fiz-me jardineira de algumas flores descoradas que cresciam entre os arbustos cerrados. Removi os restos de passados outonos, que atulhavam um assento rústico num dos extremos. Pedindo emprestados a Goton, a cozinheira, um balde de água e uma escova, limpei aquele banco. Madame me viu trabalhando e sorria com ar de aprovação: se sinceramente, ou não, eu não sei, mas parecia sincera.

– *Voyez-vous!* – exclamou ela –, *comme elle est propre cette demoiselle Lucie? Vous aimez donc cette allée, Miss?* ^[105]

– Gosto – disse eu. – É tranquilo e com sombra.

– *C'est juste* ^[106] – gritou ela com ar de bondade e, gentilmente, me recomendou que passasse lá o tempo que eu quisesse, acrescentando que, como eu não estava encarregada da vigilância, não precisava preocupar-me em passear com as alunas, pediu-me apenas que permitisse que suas filhas

fossem comigo para treinarem seu inglês.

Na noite em questão, eu estava sentada no banco escondido, coberto de bolor e fungos, ouvindo o que parecia ser sons distantes da cidade. Longe, na verdade, não eram, pois a escola estava situada no centro da capital e dali ao parque levava apenas cinco minutos, talvez escassos dez até os edifícios de esplendor palaciano. As ruas largas, bem iluminadas, ficavam muito perto e, naquele momento, transbordavam de vida: carruagens passavam por elas para os bailes ou para a ópera. Na mesma hora que tocava o toque de recolher para o nosso convento, que se extinguíam todas as luzes e baixavam as cortinas em volta de cada leito, a cidade alegre que nos rodeava era convocada para as distrações e prazeres.

Neste contraste, eu não pensava. O meu temperamento tinha poucos instintos alegres. Nunca tinha visto bailes ou ópera, e, embora tivesse ouvido descrevê-los muitas vezes e até desejasse vê-los, não era o desejo de alguém que espera partilhar de um prazer se puder atingi-lo. De alguém que se sentiria apta a brilhar numa esfera distante, se conseguisse, ao menos, chegar lá; não era uma forte aspiração de conseguir, nem fome de provar; era, apenas, o calmo desejo de olhar para uma coisa nova.

A lua subia no céu, não uma lua cheia, mas crescente. Eu a via através de uma abertura entre os ramos. Ela e as estrelas visíveis ao seu lado não eram estranhas para mim onde todo o resto era desconhecido: na minha infância as conhecera. Eu já tinha visto aquele sinal dourado recostando-se no azul, ao lado de um velho espinheiro, no topo de um antigo campo, na Velha Inglaterra, em dias há muitos passados, tal como agora se recostava ao lado de uma torre imponente de catedral, nesta capital continental.

Oh, a minha infância! Eu tinha sentimentos: passiva como eu vivia, calada como era, feia como parecia, podia realmente sentir, quando pensava no passado. Quanto ao presente, era melhor ser estoica; quanto ao futuro – um futuro como o meu –, inativa. E mantinha diligentemente em estado de catalepsia a sensibilidade do meu temperamento.

Na época, bem me lembro de tudo o que podia excitar-me: certos acidentes do tempo, por exemplo, eram quase temidos por mim, porque despertavam o ser que eu adormecia e provocavam um choro que eu não podia satisfazer. Uma noite, estalou uma trovoadas. Uma espécie de furacão abalou-nos em nossas camas. As católicas levantaram-se em pânico e rezaram aos seus santos. Quanto a mim, a tempestade tomou conta de mim

com uma tirania: fui brutalmente despertada e obrigada a viver. Levantei-me, vesti-me e, saltando a janela perto da minha cama, sentei-me em sua borda, com os pés sobre o telhado de um edifício adjacente inferior.

A noite estava chuvosa, selvagem e escura como breu. Dentro do dormitório, as outras se aglomeraram ao redor da lamparina, em consternação, rezando em voz alta. Eu não podia entrar: era irresistível o encanto daquela hora tempestuosa, selvagem, negra e cheia de trovões, entoando uma ode como nunca a linguagem pode dizer ao homem. Terrivelmente belo era o espetáculo das nuvens, rasgadas e trespassadas pelos raios brancos e encandeantes.

Depois, e durante as vinte e quatro horas que se seguiram, desejei, dolorosa e ardentemente, que alguma coisa viesse buscar-me para fora da minha atual existência e levar-me para cima e avante. Este desejo e todos semelhantes era necessário abatê-los, o que eu fazia, figurativamente, à maneira de Jael a Sísera, atravessando-lhe um prego na fronte. Ao contrário de Sísera, porém, eles não morriam; ficavam temporariamente atordoados e, de tempos em tempos, costumavam girar em roda do prego, com um ímpeto rebelde: então a fronte sangrava e o cérebro vibrava até ao âmago.

Nesta noite não me sentia tão rebelde, nem tão miserável. O meu Sísera dormitava tranquilamente na tenda; e, se a dor o torturava no seu sono, algo como um anjo – o ideal – ajoelhava ao seu lado, derramando bálsamo sobre a fronte ferida, segurando-lhe diante dos olhos fechados um espelho mágico, cujas visões solenes e doces eram repetidas em sonhos e, derramando sobre o adormecido, sobre a entrada da tenda, sobre a paisagem lá fora, um reflexo de seu manto e das suas asas de luar. Jael, a mulher dura, estava sentada à porta, compadecendo um pouco do seu prisioneiro, mas mais absorvida pela fiel expectativa do regresso de Héber. Por estas palavras quero eu dizer que a paz e a orvalhada doçura da noite me enchiam de esperança: não uma esperança de qualquer coisa definida, mas um sentimento geral de encorajamento e satisfação.

Não deveria semelhante disposição, tão doce, tão tranquila, tão inusitada, ser o prenúncio de algum bem? Ai de mim! Infelizmente, nenhum bem veio dela. Pouco depois, veio a rude realidade, má, vil e repelente, como o era frequentemente.

No meio da intensa quietude que dominava aquele beco, das árvores, do alto muro, ouvi um som: um rangido de uma janela se abrindo e fechando

(todas as janelas eram de dobradiças). Antes que eu tivesse tempo de olhar para cima e ver de onde era o andar, ou quem abrira, a árvore acima de mim balançou, como se tivesse sido atingida por um projétil, e um objeto qualquer caiu aos meus pés.

O relógio de *St. Jean Baptiste* havia badalado nove horas, o dia morria, mas ainda estava claro: a lua crescente ajudava pouco, mas o dourado profundo daquele ponto do céu onde se demorava o último raio de sol e a claridade cristalina de um amplo espaço lá em cima sustinham o crepúsculo de verão. Até no meu escuro pedaço de jardim eu podia, aproximando-me de uma abertura, ter lido o impresso de letras miúdas. Foi fácil ver, então, que o projétil era uma caixa, uma pequena caixa de marfim branco; sua tampa solta abriu-se na minha mão, lá dentro havia violetas que serviam de leito para um pedaço de papel cor-de-rosa muito dobrado, uma carta, na qual se lia: *Pour la robe grise*.[\[107\]](#) De fato, eu usava um vestido cinzento.

Bem. Tratar-se-ia de uma carta de amor? Coisa que eu tinha ouvido falar, mas, até então, não tivera a honra de ver ou tocar. Seria esse o tipo de coisa que eu tinha entre o indicador e o polegar?

Difícilmente, nem por um momento o supus. Os meus pensamentos não tinham concebido qualquer admirador. Todas as professoras sonhavam com um apaixonado; uma delas (mas era, naturalmente, muito crédula) acreditava em um futuro marido. Todas as alunas acima de quatorze anos conheciam algum noivo em perspectiva; duas ou três já estavam prometidas por seus pais, e tinha sido assim desde a infância. Mas, nunca as minhas especulações, muito menos minhas presunções, haviam permitido se penetrar no reino dos sentimentos e esperanças que tais perspectivas originam.

Se as outras professoras iam à cidade, passeavam nas avenidas, ou iam, simplesmente, à missa, era certo (segundo o que contavam) para encontrar-se com algum indivíduo do sexo oposto, cujo êxtase e olhar eram garantia de seu poder de impressionar e atrair. Eu não posso dizer que a minha experiência rivalizasse com a delas a este respeito. Eu ia à igreja e dava caminhadas e estou perfeitamente convencida de que ninguém se importava comigo. Não havia mulher ou moça na *rue Fossette* que não pudesse afirmar, e não afirmasse, ter recebido um lampejo de admiração dos olhos azuis do nosso jovem médico em um momento ou outro. Sou obrigada, no entanto, por mais humilhante que isso pareça, a excetuar a minha pessoa: pelo que me diz respeito, aqueles olhos azuis eram inocentes e calmos como o céu, de cuja

tonalidade eles pareciam irmãos. Então, aconteceu que eu ouvia as outras falarem, admirava-me muitas vezes da sua alegria, segurança e satisfação, mas nunca me dei o trabalho de olhar para o caminho que elas pareciam tão certas de pisar.

Aquilo, portanto, não era carta de amor. E foi na firme convicção do contrário que eu calmamente a abri. Dizia assim, e traduzo: “Anjo dos meus sonhos! Mil agradecimentos pelo cumprimento da promessa. Mal ousava esperá-la. Eu acreditei, de fato, que fosse gracejo da sua parte e, depois, parecia pensar que estava rodeada de perigos – numa hora tão difícil, o beco tão estritamente isolado e nele, muitas vezes, você me disse, que esse dragão da professora de Inglês *une véritable bégueule Britannique à ce que vous dites — espèce de monstre, brusque et rude comme un vieux caporal de grenadiers, et revêche comme une religieuse*” [108] (o leitor perdoará a minha modéstia em permitir que esse lisonjeiro esboço da minha amável pessoa mantenha o tênue véu da língua original). “Como está ciente” – continuava esta efusão preciosa – “o pequeno Gustave, por causa da sua doença, foi removido para um quarto de um professor, de forma que este quarto privilegiado, cuja janela tem vista para o pátio da sua prisão, foi oportuno. Aqui, eu, o melhor tio do mundo, sou admitido a visitá-lo. Com que emoção, aproximei-me da janela e olhei para o seu Éden – um Éden para mim, embora um deserto para você! – Como eu temia contemplar o vácuo ou o referido dragão! Como o meu coração palpitou de alegria, quando, por entre os ramos invejosos, eu vi o brilho de seu gracioso chapéu de palha e a ondulação do seu vestido cinzento, que eu reconheceria entre mil. Mas, por que, não quis olhar para cima, meu anjo? Foi cruel, pois me negou um raio desses seus olhos adoráveis! Com um só olhar teria me reanimado! Escrevo esta com grande pressa. Enquanto o médico examina o Gustave, aproveitei a oportunidade para colocá-la numa caixinha, juntamente com um buquê de flores das mais belas e, contudo, menos bela que a minha fada, o meu encanto! Sempre seu... bem sabe quem!”

“Eu também gostaria de saber quem”, pensei para comigo mesma. E este desejo se referia mais à pessoa para quem destinava aquele seletor documento que o seu autor. Talvez fosse do noivo de uma das alunas comprometidas, e, nesse caso, não havia grande mal, nem na ação e nem na intenção – apenas uma pequena irregularidade. Várias meninas, a maioria, de fato, tinham irmãos ou primos no colégio vizinho. Mas no *la robe grise, le*

chapeau de paille [109] estava seguramente uma pista, mas muito confusa para mim. O chapéu de palha era muito comum no jardim, além de mim, mais umas vinte o usavam. O vestido cinza não ia muito além, quase não deu nenhuma indicação. A própria Madame Beck usava agora frequentemente um vestido dessa cor. Outra professora e três internas tinham vestidos cinzentos, do mesmo tom e tecido do meu: era uma espécie de uniforme de todos os dias que, por acaso, estava na moda nessa altura.

Todavia, enquanto eu refletia, percebi que era hora de me recolher. As luzes moviam-se no dormitório anunciando que acabara a oração e que as alunas iam se deitar. Mais meia hora e todas as portas seriam trancadas e todas as luzes apagadas. A porta da frente, contudo, ainda estava aberta para deixar entrar, na casa aquecida, a brisa da noite de verão. Junto do gabinete da porteira, havia uma luz que iluminava o longo vestíbulo, com as portas duplas da sala de visita de um lado e a grande porta da rua ao fundo.

De repente, um toque rápido de campainha – rápido, mas não alto. Um tilintar cauteloso – uma espécie de secreto aviso metálico. Rosine disparou do seu gabinete e correu para abrir. A pessoa que ela admitiu ficou dois minutos conversando com ela: parecia haver uma hesitação, um atraso. Rosine veio à porta do jardim de candeeiro na mão. Parou nos degraus, levantou a luz, olhando em redor, vagamente.

– *Quel conte!* [110] – disse ela, com um riso coquete. – *Personne n’y a été.* [111]

– Deixe-me passar! – implorou uma voz que eu conhecia. – Só peço cinco minutos – e uma silhueta familiar, alta e imponente (como nós todas na *rue Fossette* a considerávamos) saiu da casa e passou entre os canteiros e caminhos. Era um sacrilégio a intrusão de um homem naquele lugar àquela hora, mas ele sabia que era privilegiado, e, talvez, confiasse na noite amiga. Vagueou pelo jardim, olhando de um lado para outro, perdeu-se em meio aos arbustos, pisoteou flores e quebrou galhos à sua procura. Finalmente, penetrou a área proibida, e ali eu fui encontrá-lo como um fantasma, suponho.

– Doutor John! Ela foi encontrada.

Ele não perguntou por quem, pois, com um olhar rápido, percebeu que eu a segurava em minha mão.

– Não a traia – pediu, olhando para mim como se eu fosse realmente um dragão.

– Ainda que eu fosse propensa à traição, não posso trair o que eu não sei – foi a minha resposta. – Leia a carta e você vai ver o quão pouco ela revela.

“Talvez o doutor já tenha lido”, pensei para comigo estendendo a caixa para ele. Eu não podia acreditar que ele tivesse escrito aquela carta. Dificilmente aquele seria o seu estilo, além disso, eu seria bastante tola para supor que ele teria algum escrúpulo em me chamar de semelhantes nomes. A sua própria atitude o defendeu, pois corou enquanto lia.

– Isso é realmente demasiado! É cruel, é humilhante – foram as palavras que saíram dos seus lábios. Pensei que era realmente cruel, quando lhe vi as feições tão alteradas. Não importava se ele merecia ou não censura; alguém me pareceu merecê-las mais que ele.

– O que você vai fazer sobre isso? – perguntou-me. – Vai dizer à Madame Beck o que encontrou e provocar um escândalo?

Eu pensei que deveria dizer à Madame e assim o comuniquei, acrescentando que não acreditava que houvesse qualquer escândalo. Madame era muito prudente para fazer barulho sobre um caso daqueles relacionado com o seu estabelecimento.

Ele permaneceu de olhos baixos, meditando. Ele era demasiado orgulhoso e honrado para me pedir segredo sobre um assunto que o meu dever, evidentemente, me mandava comunicar. Eu queria proceder bem e, contudo, detestava magoá-lo ou prejudicá-lo. Neste momento, Rosine espreitou pela porta aberta, ela não podia nos ver, embora eu pudesse vê-la perfeitamente entre as árvores: o seu vestido era cinza, como o meu. Esta circunstância, ligada aos fatos anteriores, sugeriu-me que talvez o caso, embora deplorável, fosse de um gênero que não me obrigasse a interferir. E eu disse, então:

– Se o doutor pode me garantir que nenhuma das alunas de Madame Beck está implicada neste caso, terei todo o prazer de evitar qualquer interferência. Leve a caixa, o buquê e a carta. Pela minha parte, de bom grado, esquecerei este assunto.

– Olhe – sussurrou ele, de súbito, enquanto sua mão agarrava o que eu lhe oferecia e, ao mesmo tempo, apontava por entre os galhos. Eu olhei. Vi Madame com seu xale, de camisola, roupão e seus chinelos, descendo suavemente os degraus e passeando, como um gato, pelo jardim. Dentro de dois minutos estaria junto do doutor John. Se ela era como um gato, ele não

assemelhava nada menos do que a um grande leopardo: quando desejava, nada poderia ser mais leve do que o seu passo. Ele espreitou, e quando ela virou uma esquina, ele transpôs o jardim em dois passos silenciosos. Quando ela reapareceu, ele já tinha desaparecido. Rosine o ajudou, interpondo imediatamente a porta entre ele e a sua caçadora. Eu também poderia ter fugido, mas preferi defrontar abertamente Madame.

Embora fosse meu costume frequente e bem conhecido passar o crepúsculo no jardim, contudo, nunca, até então, tivesse permanecido até tão tarde. Estava mais que certa que Madame dera pela minha falta, viera à minha procura e tencionava agora cair inesperadamente sobre a delinquente. Eu esperava uma repreensão. Não. Madame foi toda bondade. Não insinuou, sequer, um protesto, nem mostrou nenhuma sombra de surpresa. Com aquele seu tato habitual, que creio jamais fosse ultrapassado, afirmou, até, ter saído apenas para gozar *la brise du soir*.[\[112\]](#)

– *Quelle belle nuit!* [\[113\]](#) – exclamou ela, olhando para as estrelas. A lua tinha agora descido para trás da larga torre *St. Jean Baptiste*. – *Qu’il fait bon! Que l’air est frais!* [\[114\]](#)

E, em vez de me mandar entrar, reteve-me até para dar algumas voltas com ela pelo beco. Quando, finalmente, ambas entramos, ela apoiou-se afavelmente no meu ombro, ao subir os degraus da porta. Ao separarmo-nos, ofereceu a face aos meus lábios: – *Bon soir, ma bonne amie; dormez bien!* [\[115\]](#) – foi a sua amável despedida.

Daí a pouco, acordada ainda e pensativa na minha cama, me peguei rindo de Madame. A untuosidade, a brandura de seu comportamento, oferecia, a quem a conhecesse, a certeza de que uma suspeita de algum tipo ocupava o seu cérebro. De alguma abertura, ou ponto de observação, através de um galho afastado ou janela aberta, ela, sem dúvida, tinha visto um vislumbre, próximo, ilusório ou elucidativo, dos acontecimentos daquela noite. Perfeita como era na arte da vigilância, era quase impossível que tivesse sido atirada uma caixa para o seu jardim, ou que um intruso o tivesse atravessado para procurá-la, sem que ela, num ramo quebrado, sombra que passasse, pegada desconhecida, ou sereno murmúrio (e, embora o doutor John tivesse falado muito baixo nas poucas palavras que ele me dirigiu, eu pensava que o zumbido da sua voz de homem devia ter invadido todo o terreno conventual), sem que ela não tivesse tido a noção de que se passavam coisas extraordinárias em suas instalações. Que coisas, não podiam ela de

modo algum ver ou, por agora, descobrir? Mas, um misteriozinho deliciosamente velado tentava-a; e, no meio, toda envolvida em teias de aranha, não tinha ela, desastradamente metida no caso, como doidivanas que era, a Miss Lucy?

CAPÍTULO XIII

Um Espirro Acidental

No espaço de vinte e quatro horas que se seguiram à cena tratada no último capítulo, eu tive oportunidade de sorrir novamente, mas não de novo de Madame.

Villette possui um clima instável, embora não seja úmido como o de qualquer cidade inglesa. Uma noite de forte ventania seguida de um sol suave, e todo o dia seguinte foi de tempestade seca, escuro, enevoadado, embora sem chuva. As ruas estavam cobertas de areia e poeira que o vento trazia das avenidas. Não sei se, mesmo que houvesse um bom tempo, eu tivesse tentado passar alguns momentos da tarde – tempo consagrado ao estudo e recreio – onde eu tinha estado na noite anterior. O meu beco, e, de fato, todos os outros caminhos e arbustos no jardim tinham adquirido um novo interesse, mas não um interesse agradável. O seu isolamento e reclusão tornaram-se, agora, precários e a sua calma, pouco segura. Aquela janela da qual chovia bilhetes tinha vulgarizado o meu cantinho, outrora tão querido. E por toda parte as corolas das flores tinham adquirido visão; os nós dos troncos das árvores escutavam como ouvidos secretos.

Havia, contudo, algumas plantas que, com efeito, pisadas pelo doutor John no seu avanço apressado e negligente, eu desejava levantar, regar e fazer reviver. Ele também deixara algumas pegadas nos canteiros: mas essas, apesar do vento forte, encontrara, eu, um momento para apagá-las, de manhã muito cedo, antes que olhos humanos as descobrissem. Com uma espécie de contentamento pensativo, sentei-me à minha mesa, entregue ao meu alemão, enquanto as alunas punham em ordem as lições da tarde e as outras professoras costuravam.

O cenário da *etude du soir* [116] era sempre o refeitório, uma sala muito menor que qualquer uma das três salas de aula, pois aqui só as internas eram admitidas e estas eram apenas cerca de vinte. Dois candeeiros de luz frouxa pendiam do teto, sobre duas mesas. Quando

eram acesos, era sinal que chegara a hora de lagar os livros, assumir uma atitude grave, reforçar o silêncio geral para começar *la lecture pieuse*. [117] A dita *lecture pieuse* era, logo descobri, principalmente destinada à mortificação saudável do Intelecto, humilhação útil da razão, e constituía para o bom senso uma droga que ele digeriria devagar, em seu lazer, nutrindo-se dela. O livro usado (era sempre o mesmo e recomeçado sempre que se chegava ao fim) era um volume venerável, velhíssimo e cinzento como as montanhas e o Hotel de *Ville*.

Eu teria dado dois francos pela chance de ter esse livro entre as minhas mãos, voltar às suas sagradas e amareladas folhas, descobrir o título e investigar com meus próprios olhos as fantasias enormes que, como indigna herege, só me era permitido beber com os ouvidos perplexos. Este livro continha lendas dos santos. Santo Deus! (falo estas palavras com reverência) Que lendas eram aquelas! Que temíveis fanfarrões deviam ter sido aqueles santos (se foram eles que se vangloriavam daquelas façanhas ou inventaram aqueles milagres). Estas lendas, no entanto, não eram mais do que extravagâncias monásticas, sobre as quais uma pessoa se ria intimamente. Havia, além disso, assuntos eclesiásticos e as astúcias dos sacerdotes. Estas eram muito piores do que as do monastério. As minhas orelhas queimavam enquanto eu escutava, forçosamente, os contos de martírio moral infligido por Roma; os pavorosos alardes de confessores, que perversamente abusavam de seu ofício, arrastando à profunda degradação damas bem-nascidas, fazendo de condessas e princesas as mais atormentadas escravas sob o sol. Histórias como a de Conrad e Isabel da Hungria, repetidas uma e outra vez, com toda a sua horrível corrupção, repugnante tirania doentia e negra impiedade; contos que eram pesadelos de opressão, sofrimento e agonia.

Ouvi esta *lecture pieuse* durante algumas noites, o melhor e mais silenciosamente que pude: apenas uma vez parti, involuntariamente, as pontas da minha tesoura, enterrando-a na tábua carcomida da mesa. Por fim, as leituras me deixavam tão afogueada, batiam-me tanto as têmperas, agitavam-me o coração e o pulso e, depois, o meu sono era tão quebrado com fortes emoções, que eu não pude mais ouvi-la. A prudência recomendava doravante o rápido desaparecimento da minha pessoa no momento em que o velho livro criminoso aparecesse. Nenhuma *Mause Headrigg* jamais sentiu mais forte necessidade de depor contra o sargento

Bothwell, do que eu de dizer, francamente, o que pensava sobre a *lecture pieuse*. Contudo, consegui, de algum modo, controlar-me e, embora sempre que Rosine vinha acender as luzes, eu saísse rapidamente da sala, fazia-o também despercebidamente, aproveitando o momento de burburinho e desaparecendo enquanto as alunas guardavam seus livros.

Quando me ausentava era para penetrar na escuridão; não era permitido transportar as velas e a professora que abandonasse o refeitório, tinha apenas o vestíbulo sem iluminação, a sala de aula ou o quarto como refúgios. No inverno eu procurava as salas compridas e percorria-as em passo rápido, para me aquecer – feliz, se havia lua e se houvesse só estrelas, logo reconciliava com seu fraco brilho, ou, até mesmo com o eclipse total da sua ausência. No verão, nunca era bastante escuro e eu subia as escadas para o meu próprio quarto no dormitório, abria a janela (aquela sala era iluminada por cinco grandes janelas, tão grande como portas) e, inclinando-me para fora, olhava para a cidade, além do jardim, escutava a música de uma orquestra do parque ou da praça, mergulhando, entretanto, em meus próprios pensamentos, vivendo a minha própria vida, no meu próprio mundo calmo e sombrio.

Nesta noite, fugindo como de costume da hora da leitura daquele livro cinzento, eu subi as escadas, aproximei-me do dormitório e abri silenciosamente a porta, sempre cuidadosamente fechada e que, como todas as outras portas nesta casa, giravam nos gonzos bem untados. Antes de ver, sentir, que havia vida naquele local, geralmente vazio: não que houvesse agitação, respiração ou ruído, mas faltava o vácuo; a solidão não estava ali.

Todas as camas brancas – os *lits d’ange*,^[118] como eles eram poeticamente denominados – eram visíveis à primeira vista e todas estavam vazias, nenhuma dorminhoca estava em alguma delas. O som de uma gaveta cautelosamente se abrindo chegou aos meus ouvidos. Afastando-me um pouco para o lado, a minha visão abrangeu o espaço livre, que as cortinas não vedavam. Eu via, agora, o meu próprio toucador, tendo em cima uma caixa de trabalho e, por baixo, as gavetas.

Muito bem. Uma criaturinha troncuda, maternal, com um xale decente e a mais asseada das toucas de dormir, estava diante do meu toucador, atarefada, fazendo-me, aparentemente, a gentileza de “arrumar” o móvel. Estava aberta a tampa da caixa de trabalho e a gaveta superior.

Devida e imparcialmente cada gaveta foi aberta uma de cada vez: não houve um único artigo de seu conteúdo que não fosse tirado e desdobrado, um papel que não fosse examinado, uma única caixinha que não fosse aberta. E era extraordinária a destreza, o exemplar cuidado com que a busca era efetuada. Madame procedia como um verdadeiro ás, incansável e, contudo, sem precipitações. Eu não vou negar que foi com uma secreta alegria que eu a observei. Se eu fosse um cavalheiro, acredito que Madame teria achado graça aos meus olhos, tão jeitosa e arranjada que ela era em tudo o que fazia.

Os movimentos de algumas pessoas irritam por serem desastrados, os dela, entretanto, agradavam pela sua perfeição. Eu estava, em suma, fascinada, mas era necessário fazer um esforço para quebrar aquele encantamento. Eu precisava retirar-me sem ser notada. A investigadora podia virar-se e me ver. Teria havido uma cena e eu e ela teríamos chegado, com um choque brusco, a um conhecimento profundo uma da outra. Cairiam as convenções, varrer-se-iam os disfarces, eu teria olhado para os seus olhos e ela nos meus. Teríamos sabido que não poderíamos trabalhar mais juntas e ter-nos-íamos separado para sempre.

Qual a utilidade de semelhante catástrofe? Eu não estava com raiva, e não tinha o menor desejo de abandoná-la. Dificilmente encontraria outro empregador, cujo jugo fosse tão leve e, portanto, fácil de suportar. Eu gostava realmente de Madame pelo seu bom senso, não obstante dos seus princípios. Quanto ao seu sistema, não me fazia nenhum mal. Ela podia exercê-lo à vontade: nada poderia resultar daquela operação. Sem admirador e sem esperança de amor, eu estava tão segura contra os espiões, na pobreza do meu coração, como o mendigo dos ladrões, na magreza da sua bolsa. Voltei-me, então, e fugi, descendo as escadas tão rápida e silenciosamente como uma aranha que no mesmo instante descia pelo corrimão.

Como eu ri quando cheguei à sala de aula! Eu já sabia que ela tinha certamente visto o doutor John no jardim e eu sabia o que ela pensava. O espetáculo de uma natureza desconfiada, tão iludida por suas próprias invenções, divertia-me muito. No entanto, quando o riso morreu, uma espécie de ira nasceu em mim, seguida de amargura: era a rocha ferida e as águas de Meribá que se precipitavam. Nunca tinha sentido na minha alma um tumulto tão contraditório, como nessa noite, durante uma hora: a

dor e o riso, a tristeza e a cólera compartilharam o meu coração. Eu chorei lágrimas de fogo, não porque Madame desconfiasse de mim – não me importava com a sua desconfiança –, mas por outras razões. Pensamentos complicados e inquietantes perturbaram o meu repouso. Contudo, essa excitação desapareceu. A turbulência diminuiu. No dia seguinte eu era de novo Lucy Snowe.

Ao visitar as minhas gavetas, encontrei-as todas perfeitamente fechadas. O mais apurado exame não poderia descobrir mudança ou desarranjo aparente na posição de um único objeto. Os meus poucos vestidos estavam dobrados como eu os tinha deixado; um determinado raminho de violetas brancas, que me tinha sido silenciosamente oferecido por um estranho (um estranho para mim, pois nunca havíamos trocado uma só palavra), e que eu tinha secado e guardado, por causa do seu suave perfume, entre as dobras do meu melhor vestido, lá estava como eu o deixara; o meu lenço de seda preta, a minha *chemisette* de renda, as minhas golas não tinham uma ruga. Se ela tivesse amarrotado um único objeto, confesso que teria tido muito mais dificuldade em perdoá-la. Mas, encontrando tudo direito e arrumado, disse para comigo: “deixe o passado no passado. Estou ilesa. Para que hei de guardar ressentimento?”

Havia uma coisa que me intrigava, um enigma, cuja chave eu procurava quase tão diligentemente como Madame tinha procurado uma pista nas gavetas do meu toucador. Como foi que o doutor John, se não era ele o atirador da caixa no jardim, teria sabido que ela fora ali jogada e aparecido tão prontamente no local para procurá-la? Tão forte era o desejo de esclarecer este ponto, que comecei a alimentar um ousado plano: “por que não, se tiver oportunidade, pedir ao próprio doutor John que me explique esta coincidência?”

E, enquanto o doutor John esteve ausente, acreditei, realmente, que eu teria coragem de testá-lo com tal pergunta.

Georgette estava agora convalescente e o médico espaçava mais as suas visitas: de fato, tê-las-ia até dado por terminadas se Madame não lhe pedisse que viesse, de vez em quando, até a criança estar completamente bem.

Uma noite, ela entrou no quarto quando eu tinha acabado de ouvir a oração de Georgette, no seu inglês titubeante, e de colocá-la na cama. Pegando na mãozinha da criança, disse:

– *Cette enfant a toujours un peu de fièvre* [119] – E, logo depois, olhando para mim com um olhar mais vivo do que o habitual nos seus olhos tranquilos: – *Le docteur John l’a-t-il vue dernièrement? Non, n’est-ce pas?* [120]

É claro que ela sabia disso melhor do que qualquer outra pessoa na casa.

– Bem – ela continuou: – Eu vou sair, *pour faire quelques courses em fiancre*. [121] Vou chamar o doutor John e pedir-lhe que venha ver a criança. Quero que ele a veja esta noite, suas bochechas estão muito coradas e tem o pulso agitado: receba-o, quando ele vier, porque como lhe disse, não estarei em casa.

A criança estava perfeitamente bem, apenas quente pelo calor de julho. Que ele viesse receitar-lhe um remédio, seria tão necessário como mandar chamar um padre, para lhe ministrar a extrema-unção. Por outro lado, Madame raramente fazia compras, como ela chamou, ainda por cima, à noite. Além disso, esta foi a primeira vez que se ausentava de casa por ocasião de uma visita do doutor John. Todo o arranjo indicava algum plano, o que eu compreendia sem a menor ansiedade. “Ah! Ah! Madame”, pensei à luz do meu coração mendigo. “O seu juízo astuto está no caminho errado.”

Ela partiu, elegantemente vestida, em uma écharpe cara e certo *chapeau vert tendre*, [122] ousado quanto à sua cor, para qualquer compleição menos fresca que a sua, mas que a ela não ficava mal. Fiquei imaginando o que ela pretendia: se ela chamaria ou não o doutor John, e se ele viria realmente, pois podia ter outro compromisso.

Madame encarregara-me de não deixar Georgette dormir até que o médico chegasse: eu, portanto, estava suficientemente ocupada lhe contando histórias e em falar inglês que ela pudesse compreender. Eu gostava de Georgette, ela era uma criança sensível, meiga e amorosa. Mantê-la no meu colo ou levá-la em meus braços era para mim um prazer. Naquela noite, ela queria que eu colocasse a minha cabeça no travesseiro junto dela e, ainda, colocou os braços em volta do meu pescoço. O seu abraço e o seu rostinho aninhado ao meu quase me faziam chorar como uma dor cheia de doçura. Não abundava naquela casa bons sentimentos de qualquer espécie, e aquela gota pura de uma fonte tão suave penetrava fundo, conquistando o coração e fazendo-me encher os olhos de lágrimas.

Passou meia hora ou talvez uma: Georgette murmurou, na sua falinha meiga, que estava com sono. “E você deve dormir”, pensei, “*malgré maman et médecin*,[\[123\]](#) se eles não estiverem aqui dentro de dez minutos.”

Alto. Ouviu-se um toque na campainha e depois as pisadas, que fizeram ranger a escada pela rapidez com que deixaram os degraus para trás. Rosine introduziu o doutor John e, com uma liberdade de forma que não era totalmente peculiar, mas característica das criadas de *Villette* em geral, ficou para ouvir o que ele tinha a dizer. A presença de Madame a teria repellido de volta ao seu próprio reino do vestíbulo e do gabinete. Com a minha presença ou de qualquer outra professora ou aluna, ela não se importava nem um pouco. Elegante, arranjada e petulante, ela ficou de pé, com uma mão em cada bolso do seu avental alegre de costureirinha, olhando o doutor John, sem mais receio ou timidez que se ele fosse um quadro e não um homem de carne e osso.

Le marmot n’a rien, n’est-ce pas? [\[124\]](#) – perguntou ela, indicando Georgette com um gesto de seu queixo.

– *Pas beaucoup* [\[125\]](#) – foi a resposta, enquanto o médico receitava, às pressas, qualquer droga inofensiva.

– *Eh bien!*[\[126\]](#) – continuou Rosine, aproximando-se muito dele, enquanto ele guardava seu material. – E a caixa, encontrou-a? *Monsieur* saiu como um vento na outra noite; nem tive tempo de lhe perguntar.

– Sim. Encontrei-a.

– E quem a atirou, então? – continuou Rosine, dizendo muito livremente as palavras que eu própria gostaria de ter proferido, mas não tinha coragem para pronunciá-las. Como certas pessoas abrem caminho para um ponto que, para outras, parece inatingível!

– Isso pode ser o meu segredo – replicou o doutor John, secamente, mas sem sinal de altivez. Parecia compreender perfeitamente o caráter de Rosine, ou das *grisettes*.[\[127\]](#)

– Mas, enfim – continuou ela, nada envergonhada – *Monsieur* sabia que ela fora atirada, visto que veio procurá-la. Como sabia?

– Eu estava assistindo um paciente no colégio ao lado – disse ele – e vi quando ela caiu da janela de seu quarto. Por isso, vim buscá-la.

Que explicação simples! A carta aludia, na verdade, a um médico que, na ocasião, examinava Gustave.

– Ah! Ça! [128] – prosseguiu Rosine –, *il n’y a donc rien là-dessous: pas de mystère, pas d’amourette, par exemple?* [129]

– *Pas plus que sur ma main* [130] – respondeu o médico, mostrando a palma da mão.

– *Quel dommage!*[131] – respondeu a Grisette: – *Est moi à tout cela commençait à donner des idées.*[132]

– *Vraiment! Vous en êtes pour vos frais* [133] – foi a fria resposta do médico.

Ela fez beicinho. Amuou. O médico não pôde deixar de rir da “careta”, que ela fez. Quando ele ria, tinha algo peculiarmente bondoso e cordial em seu olhar. Vi sua mão dirigir-se para seu bolso.

– Quantas vezes você abriu a porta para mim dentro deste último mês? – questionou ele.

– *Monsieur* devia ter contado – respondeu prontamente Rosine.

– Como se eu não tivesse mais nada para fazer – tornou ele. Mas, eu o vi dar a ela uma moeda de ouro que ela guardou sem escrúpulos, correndo para abrir a porta, pois a campainha tocava agora de cinco em cinco minutos. As criadas vinham buscar as semi-internas.

O leitor não deve pensar mal de Rosine, em geral, ela não era má pessoa e não fazia a menor ideia de que houvesse algum mal em receber o que pudesse ter ou qualquer afronta em tagarelar como um papagaio com o melhor cavaleiro da Cristandade.

Eu tinha aprendido alguma coisa com a cena descrita, além do que dizia respeito à caixa de marfim: a saber, que não era o vestido de jacas cor-de-rosa ou cinzento, nem a dona do avental que embolsou a moeda, que poderiam roubar o coração do doutor John. Essas peças de vestuário estavam, obviamente, tão inocentes como o vestidinho azul de Georgette. Tanto melhor. Mas, quem era então a culpada? Qual era o motivo, a origem – a explicação perfeita de todo este caso? Alguns pontos estavam apurados, mas, quantos ainda permaneciam obscuros como a noite!

“No entanto” – eu disse para mim mesma – “não é da sua conta.” E, desviando os olhos da face em que, inconscientemente, os tinha fixado com um olhar questionador, olhei através da janela que dava para o jardim. O doutor John, entretanto, estava ao lado da cama calçando lentamente suas luvas e olhando para sua pequena paciente que fechava os olhos e abria a boquinha de lábios rosados com o sono que chegava. Eu

esperava que ele partisse como de costume, com uma rápida licença e um boa-noite mal articulado. No momento em que ele pegava no chapéu, os meus olhos estavam fixos nas casas altas que limitavam o jardim, vi aquela janela, já célebre, abrir-se cautelosamente e pela abertura projetou-se uma mão com um lenço branco, ambos acenavam. Eu não sei se o sinal recebeu resposta de algum ponto invisível da nossa própria moradia, mas, logo depois caiu da janela um objeto branco e leve, a segunda carta, por certo.

– Ali – gritei involuntariamente.

– Onde? – perguntou o doutor John, com energia, dirigindo-se para a janela. – O que é?

– Fizeram outra vez a mesma coisa – foi a minha resposta. – Acenaram com um lenço e qualquer coisa caiu – e eu apontava para a janela, agora fechada e hipocritamente vazia.

– Vá lá, imediatamente; apanhe-a e traga aqui – ordenou ele, acrescentando: – Ninguém reparará em você, mas eu seria visto.

Fui imediatamente. Depois de uma pequena busca, encontrei um papel dobrado, alojado no ramo inferior de um arbusto. Apanhei-o e trouxe-o direto para o doutor John. Desta vez, creio que nem mesmo Rosine me viu.

Ele imediatamente rasgou o papel em pequenos pedaços sem sequer lê-lo.

– Não é de modo algum culpa dela, deve lembrar-se – disse ele, olhando para mim.

– Culpa de quem? – perguntei eu.

– Você ainda não sabe, então?

– Nada.

– Não suspeita de ninguém?

– De ninguém.

– Se eu a conhecesse melhor, eu poderia ser tentado a arriscar alguma confiança e, assim, levá-la a proteger uma pessoa inocente e cheia de qualidades, mas um pouco inexperiente.

– Como uma dama de companhia? – perguntei.

– Sim – respondeu ele distraidamente. – Quantas armadilhas a rodeiam! – acrescentou, pensativo. E, agora, certamente, pela primeira vez examinava a minha face, ansioso, sem dúvida, para ver se alguma

expressão amável lhe daria garantias para recomendar aos meus cuidados e indulgência alguma criatura etérea, contra quem as forças das trevas conspiravam. Eu não sentia qualquer vocação especial para assumir a vigilância de criaturas etéreas, mas recordando a cena do *bureau*, pareceu-me que lhe devia gratidão: se eu podia ajudá-lo, então eu o faria e não me competia decidir como. Com a menor relutância possível, afirmei que estava disposta a fazer o que podia para proteger qualquer pessoa em quem ele estivesse interessado.

– Estou apenas interessado como espectador – disse ele, com admirável modéstia. – Por acaso conheço o caráter bastante inútil da pessoa que, da casa ao lado, invadiu por duas vezes a santidade deste lugar. Conheci na sociedade o objeto ao qual essas tentativas vulgares são destinadas. A sua requintada superioridade e gentileza natural deviam afastar dela qualquer impertinência. Não é assim, contudo, e inocente e sem malícia como ela é, eu guardá-la-ia do mal se eu pudesse. Pessoalmente, no entanto, nada posso fazer, não posso aproximar-me dela... – ele fez uma pausa.

– Bem, eu desejo ajudá-lo – disse eu – diga-me apenas como – e, apressadamente a minha mente percorria a lista das pessoas da casa, procurando identificar aquele modelo, aquela pérola de grande valor, aquela joia perfeita. “Deve ser Madame”, concluí. Só ela, entre todos nós, tem a arte de parecer superior. Mas, quanto a ser inocente, inexperiente, etc... o doutor John não precisa se preocupar com isso. No entanto, ele tem essa ideia e eu não vou contradizê-lo. Far-lhe-ei a sua vontade, o seu anjo será um anjo.

– Diga para onde devo dirigir a minha atenção – eu continuei com gravidade, embora sorrindo interiormente à ideia de fazer-me de *chaperonne* de Madame Beck ou a qualquer de suas alunas.

O doutor John era perceptivo e sentiu imediatamente, por instinto, o que nenhum espírito mais grosseiramente constituído teria detectado: que eu estava um tanto divertida com ele. O rubor subiu-lhe às faces; esboçando um sorriso, virou-se e pegou no chapéu. Ia sair. O meu coração sobressaltou-se.

– Eu vou te ajudar! – disse eu, ansiosa. – Farei o que deseja. Olharei por seu anjo, cuidarei dela. Diga-me apenas quem é.

– Mas, você já deve saber quem é – disse ele, com sinceridade,

falando muito baixo. – Tão imaculada, tão bondosa, impecável, tão indescritivelmente bela! É impossível que uma só casa contivesse duas como ela. Refiro-me, evidentemente...

Neste momento, a trava da porta do quarto de Madame Beck fez um súbito ruído, como se a mão que a segurasse tivesse uma ligeira convulsão. Ouviu-se a explosão de um espirro irreprimível.

Estes pequenos incidentes podem acontecer com o melhor de nós. Madame – excelente senhora – estava, então, a serviço. Tinha voltado para casa em silêncio, subido as escadas na ponta dos pés e estava em seu quarto. Se não tivesse espirrado, teria ouvido tudo e eu também. Mas, aquele espirro assustou o doutor John. Enquanto ele estava ainda assustado, ela entrou vivamente, composta, com a melhor e mais calma disposição. Nenhuma noviça nos seus hábitos teria duvidado de que ela acabava de chegar, nem teria admitido a ideia de que o seu ouvido estivera, pelo menos durante dez minutos, colado ao buraco da fechadura. Ela afetou espirrar novamente, declarou que estava com frio e começou a proceder com volubilidade e contar sobre suas compras. A sineta tocou para a oração e eu a deixei com o médico.

CAPÍTULO XIV

A Festa de Madame Beck

Assim que Georgette ficou boa, Madame mandou-a para o campo. Fiquei triste, eu amava aquela criança e a sua perda me fez mais infeliz do que antes. Mas, não devo me queixar. Eu vivia em uma casa cheia de vida, podia ter tido companhia e escolhi a solidão. O leitor pode até me achar estranha, confesso que muitas vezes o sou. Mas, neste caso, vou explicar a razão de ter preferido o isolamento. Cada uma das professoras, por sua vez, me deu abertura para uma amizade mais íntima e eu tentei com todas elas: uma eu descobri que era uma pessoa honesta, mas de mentalidade estreita, sentimentos grosseiros e uma egoísta. A segunda era uma parisiense, externamente requintada, mas de coração corrupto, sem uma crença, sem princípios e sem afeto. Depois de ter penetrado a crosta exterior do decoro, encontrava-se por baixo um lamaçal. Tinha uma paixão extraordinária por presentes, e, neste aspecto, a terceira professora, uma criatura sem personalidade e insignificante, se assemelhava muito com ela. Esta última possuía também outra qualidade distinta, a avareza. Tinha um amor exagerado pelo dinheiro. A visão de uma moeda de ouro punha-lhe nos olhos um clarão verde, digno de observar. Uma vez, como prova de um especial respeito, me levou até o andar de cima e, abrindo uma porta secreta, mostrou-me um tesouro – um monte de moedas, grandes, grosseiras – cerca de quinze guinéus em moedas de cinco francos. Ela adorava este tesouro, como um pássaro ama seus ovos. Eram as suas economias. Costumava vir falar-me sobre elas com um entusiasmo persistente e apaixonado, estranho de observar numa pessoa que não tinha ainda vinte e cinco anos.

A parisiense, por outro lado, era perdulária e devassa (por temperamento, quanto às ações, eu nada sei). Esta última qualidade mostrou-me a sua cabeça de serpente – espreitando cautelosamente – uma única vez. Pareceu-me um curioso tipo de réptil, a julgar pelo que vi. O que nela havia de novo aguçou-me a curiosidade: se ela tivesse saído ousadamente, talvez eu pudesse ter, filosoficamente, mantido firme e

observado friamente a coisa longa, desde a língua bifurcada à ponta da cauda escamosa, mas ela apenas rastejou entre as folhas de um romance ruim; e, ao se deparar com uma apressada e imprudente manifestação de ira, recolheu-se e desapareceu, sibilando. Desde aquele dia, odiou-me.

Esta parisiense estava sempre em dívida, pois comprometia antecipadamente o seu salário, não só em vestidos, mas em perfumes, cosméticos, doces e condimentos. Que frio e insensível Epicuro era em todas as coisas! Eu a vejo agora. Fina de rosto e de corpo, de complexão pálida, regular de feições e dentes perfeitos, lábios muito finos e um queixo grande e proeminente, olhos grandes, porém gelados, de um brilho, ao mesmo tempo suplicante e ingrato. Ela odiava mortalmente o trabalho e amava o que ela chamava de prazer: que era uma insípida, fria e estúpida dissipação de seu cérebro e de tempo.

Madame Beck conhecia perfeitamente bem o caráter dessa mulher. Uma vez falou-me dela com um misto de antipatia e indiferença. Perguntei por que ela a mantinha em seu estabelecimento. Ela respondeu claramente que “era do seu interesse fazê-lo”; e apontou um fato que eu já havia notado, ou seja, que *Mademoiselle* de St. Pierre possuía, em um grau quase único, o poder de manter a ordem entre as suas indisciplinadas alunas: certa influência petrificante a acompanhava e rodeava, sem ira, paixão, violência ou barulho. Mantinha-as sob controle. Valia pouco para transmitir conhecimentos, mas para uma vigilância rigorosa, disciplina e manutenção das regras, era inestimável.

– *Je sais bien qu'elle n'a pas de principes, ni, peut-être, de moeurs* – admitia, francamente, Madame, mas acrescentava com filosofia: – *son maintien en classe est toujours convenable et rempli même d'une certaine dignité; c'est tout ce qu'il faut. Ni les élèves ni les parents ne regardent plus loin; ni, par conséquent moi non plus.* [134]

Esta escola era um estranho mundo pequeno, travesso e barulhento. Faziam-se os maiores esforços para esconder as correntes com flores. Uma essência sutil de romantismo se infiltrava em todo o arranjo, uma larga indulgência sensual (se assim posso expressar) era autorizada para contrabalançar a severa opressão espiritual. Cada mente era criada na escravidão, mas, para evitar que a reflexão habitasse sobre este fato, aproveitavam-se e tirava-se partido de todos os pretextos para a recreação física. Ali, como em toda a parte, a Igreja se esforçava para criar os filhos

robustos no corpo, débeis em almas, gordos, corados, sãos, alegres, ignorantes, longe de quererem pensar, irracionais e longe de quererem questionar: “Comer, beber e viver!”, dizia ela. “Olhai pelos vossos corpos e deixai suas almas comigo. Eu as curo e as guio; garanto o seu destino final.” Uma pechincha, em que cada verdadeiro católico considerava-se um vencedor. Lúçifer oferece as mesmas condições... Tudo isto lhe darei se, prostrado, me adorares.” [135]

Nesta época – no alto verão – a casa de Madame Beck tornava-se um lugar tão alegre como uma escola poderia muito bem ser. Durante todo o dia as grandes portas e janelas estavam escancaradas: o sol parecia identificar com aquela atmosfera; as nuvens estavam longe, navegando sobre do mar, descansando, sem dúvida, à volta de ilhas como a Inglaterra – essa querida terra envolta de nevoeiro – mas inteiramente afastada do continente mais seco. Nós vivíamos mais no jardim do que dentro da casa. As aulas eram dadas e as refeições comidas embaixo de grande caramanchão. Além disso, havia um ar de preparação para as férias, que quase tornava a liberdade em abuso. Faltavam apenas dois meses para as férias de outono; antes disso, porém, um grande dia e uma importante cerimônia – o aniversário de Madame – seria celebrado.

A preparação desta festa competia, principalmente, a *Mademoiselle* St. Pierre, pois se supunha que Madame não sabia de nada, que estava desinteressadamente inconsciente do que se preparava em sua honra. Sobretudo, ela nunca sabia, nem suspeitava sequer, que se realizava anualmente na escola uma caixinha de doações (cobrada de toda a escola) para a compra de um lindo presente. O delicado tato do leitor omitirá, por favor, uma breve e secreta consulta sobre esse ponto no próprio quarto de Madame.

– O que você vai querer este ano? – perguntou a parisiense.

– Oh, não importa! Deixe isso pra lá! Deixe as pobres crianças guardarem seus francos – e Madame assumia um ar benigno e modesto.

A St. Pierre projetava o queixo, ela conhecia bem o coração de Madame, que ela chamava e sempre chamou de caretas aos seus ares de bondade. Nunca, por um só instante, fingiu sequer, respeitá-los.

– Rapidamente! – dizia ela, friamente. – Diga o que quer: joias ou porcelanas, tecidos ou pratos?

– *Eh bien! Deux ou tris cuillers et autant de fourchettes en argent.*

[136]

O resultado era uma linda caixa contendo pratas no valor de trezentos francos.

O programa do dia da festa compreendia na apresentação do presente, uma refeição no jardim, uma encenação dramática (cujos atores eram alunas e professoras), um baile e uma ceia. O efeito pareceu-me muito lindo, se bem me lembro. Zélie St. Pierre entendia destas coisas e realizava-as habilmente.

A peça era o ponto principal e requeria um mês de ensaio. A escolha dos atores exigia, igualmente, conhecimento e cuidado; então vinham as lições de elocução, de atitude e depois o cansaço dos incontáveis ensaios. Para isto, como é fácil supor, St. Pierre não bastava: eram necessárias outras capacidades e outra direção além da sua. Estas foram fornecidas na pessoa de *Monsieur* Paul Emanuel, professor de literatura. Nunca tive a sorte de assistir as lições histriônicas [137] de *Monsieur* Paul, mas, muitas vezes eu o via atravessar o carré (um pátio quadrado entre a casa de moradia e escola). Ouvi-o, também, nas tardes quentes a dar suas palestras com as portas abertas; e o seu nome com anedotas a seu respeito ressoava aos meus ouvidos a todo o momento.

Especialmente a nossa velha conhecida Miss Ginevra Fanshawe, que fora selecionada para um papel importante na peça, costumava, concedendo-me uma grande parte de seu lazer, salpicar o seu discurso com alusões aos seus ditos e feitos. Ela o considerava terrivelmente antipático e costumava professar-se horrorizada, quase em histeria, ao ouvir o som da sua voz e de seus passos. Era, sem dúvida, um homem pungente e austero. Mesmo para mim, ele parecia uma aparição dura, com seus cabelos negros cortados rente ao coro cabeludo, sua testa larga e pálida, o rosto fino, suas narinas largas e trêmulas, seu olhar profundo e o ar apressado. Era irritável também. Ouvíamos, muitas vezes, ele censurar com veemência o desastrado exército sob as suas ordens. Às vezes, a sua impaciência explodia com cólera sobre as atrizes amadoras, pela falsidade das suas concepções, frieza de sentimento e tosca interpretação.

– *Ecoutez* [138] – ele gritava e a sua voz ecoava pelo edifício como uma trombeta; e, quando, imitando-o, vinham as vozes de uma Ginevra, de uma Mathilde ou de uma Blanche eu compreendia o porquê do rugido de desprezo ou do feroz silvo de raiva que recompensava o pálido eco.

– *Vous n’êtes donc que des poupées?* – eu o ouvia trovejar. – *Vous n’avez pas passions, vous autres? Vous ne sentez donc rien? Votre chair est de neige, votre sang de glace! Moi, je veux que tout cela s’allume, qu’il y ait une vie, une âme!* [139]

Vã resolução! E quando ele, finalmente, descobriu que era vã, acabou subitamente com tudo. Até então, ele estava ensinando-lhes uma grande tragédia; rasgou-a em pedaços e veio, no dia seguinte, com qualquer futilidade cômica. Então, nesse gênero, fizeram melhor. Em pouco tempo gravaram tudo em suas cabecinhas redondas.

Mademoiselle St. Pierre presidia sempre as lições de *Monsieur* Emanuel e disseram-me que a delicadeza de seus modos, a sua atenção aparente, o seu tato e graça impressionaram favoravelmente aquele cavalheiro. Ela tinha, de fato, a arte de agradar por um determinado tempo a quem ela queria. Mas, este sentimento não era duradouro: em uma hora secava como o orvalho, derretia como neve ao sol.

A véspera da festa de Madame era tanto um feriado como o próprio dia. Era destinado a limpar, organizar e decorar as três salas de aula. Dentro da casa reinava a mais alegre confusão; nem em cima nem embaixo podia uma pessoa quieta e isolada encontrar descanso para a sola de seus pés e, conseqüentemente, de minha parte, eu me refugiei no jardim. O dia inteiro eu vaguei e sentei-me sozinha, encontrando calor no sol, abrigo entre as árvores, e uma espécie de companheiro em meus próprios pensamentos. Lembro-me bem de que nesse dia mal troquei duas frases com qualquer ser vivo. Não que me sentisse solitária, eu estava feliz por estar quieta. Para uma espectadora, era suficiente passar uma ou duas vezes pelas salas, observar as modificações que estavam sendo feitas, como estavam inventando os camarins, levantando um pequeno palco com os respectivos cenários, como *Monsieur* Paul Emanuel, juntamente com *Mademoiselle* St. Pierre, estavam dirigindo tudo e como um bando ansioso de alunas, entre as quais, Ginevra Fanshawe, trabalhava alegremente sob a direção deles.

O grande dia chegou. O sol nasceu quente e sem nuvens e assim se conservou até a tardinha. Todas as portas e janelas estavam abertas, o que dava uma agradável sensação de liberdade de verão e a liberdade mais completa parecia, com efeito, na ordem do dia. Professoras e alunas desceram para o café da manhã de roupão e papalotes; antecipando – com

prazer – as *toilettes* da noite. Pareciam ter prazer em permitir-se aquele luxo de desalinho, como anciãs que jejuam como preparação para um banquete. Cerca de nove horas da manhã, chegou um importante funcionário, o *coiffeur*.^[140] Por mais sacrilégio que pareça, fixou o seu quartel-general no oratório e ali, na presença de *bénitier*,^[141] da lamparina e do crucifixo, celebrou os mistérios da sua arte. Cada menina foi convocada para passar por suas mãos, saindo delas com a cabeça tão lisa como uma casca, interceptada por irrepreensíveis riscas brancas e envolta com tranças gregas que brilhavam como envernizadas. Eu tomei a minha vez, como as outras e mal podia acreditar em que me disse o espelho, quando, depois, olhei para ele para pedir informações: as profusas grinaldas de cabelos, em volta à testa, espantavam-me. Receava que não fosse todo meu e foram necessários vários puxões para me certificar do contrário. Eu, então, reconheci no *coiffeur* um artista de primeira linha, que, certamente, tirava o melhor partido dos materiais mais indiferentes.

Fechado o oratório, o dormitório se tornou palco de abluções; atavios e enfeites curiosamente elaborados eram vistos em todos os cantos. Para mim era e sempre será um enigma como elas conseguiam perder tanto tempo para fazer tão pouco. A operação parecia difícil, intrincada, prolongada: o resultado simples. Um vestido branco de musselina transparente, uma faixa azul (cores da Virgem), um par de luvas de pele brancas, ou cor de palha, tal era o uniforme de gala. E, para envergá-lo, todas as professoras e alunas perdiam três horas mortais. Embora simples, porém, deve-se convir que o traje fosse perfeito – perfeito no feitio, no corte e no frescor. Com todas as cabeças assim penteadas, vestidas com esmero, todas com requintada beleza e certo bom gosto, que ficava bem à graça cheia de contornos *Labassecourianos*, embora demasiado rígido para outro estilo mais flexível de beleza – o efeito geral era louvável.

Ao contemplar aquela massa diáfana, bem me lembro de me sentir uma mera mancha sombria num campo de luz. Eu não tinha coragem de colocar em mim um vestido branco transparente. Qualquer coisa leve, porém, eu tinha que usar, pois o tempo e as salas estavam demasiados quentes para que pudesse suportar um tecido pesado. Assim, procurei numa dúzia de lojas até encontrar uma espécie de crepe roxo-cinza, a cor,

em suma, da névoa, parda em uma charneca em flor. A minha *tailleuse* [142] tinha-o, amavelmente, feito o melhor que poderia, pois, como ela criteriosamente observou, era *si triste si, si peu voyant*, [143] que havia necessidade de se cuidar do feitio. Foi bom ela ter encarado assim o problema, pois eu não tinha flor, nenhuma joia para lhe dar realce; e, o que era mais, eu não tinha uma tez naturalmente corada.

Tornamo-nos esquecidos dessas deficiências na rotina uniforme de labuta diária, mas elas se impunham desagradavelmente nessas ocasiões em que a beleza figurava.

No entanto, mesmo neste vestido de sombrio, eu senti-me à vontade, vantagem que não teria desfrutado em qualquer coisa mais brilhante ou marcante. Madame Beck, de resto, fazia-me companhia: o seu vestido era quase tão discreto quanto o meu, exceto que ela usava uma pulseira e um grande broche brilhante de ouro com pedras finas. Encontramo-nos, por acaso, na escada, e ela me deu um aceno de cabeça e um sorriso de aprovação. Não que achasse que eu estava – circunstância com pouca probabilidade de atrair seu interesse – mas considerava-me corretamente e decentemente vestida e a *convenance la et la Décence* [144] eram as duas calmas divindades da devoção de Madame. Parou até, pousou-me no ombro a mão enluvada, que segurava um lenço bordado e perfumado e confidenciou ao meu ouvido um sarcasmo sobre as outras professoras (a quem acabava de elogiar).

– Nada é tão absurdo – disse ela – como *femmes mûres* [145] vestidas como meninas de quinze anos. *Quant à la. St. Pierre, elle a l'air d'une vieille coquette qui fait l'ingénue.* [146]

Tendo me vestido, pelo menos, duas horas antes de qualquer outra, eu senti prazer em ir não para o jardim, onde as criadas instalavam longas mesas, colocavam assentos e espalhavam toalhas em prontidão para o agrupamento, mas para as salas de aula, agora vazias, calmas, frescas e limpas; com as paredes pintadas, os assoalhos escovados e ainda molhados; flores adornando os recantos e tapeçarias penduradas embelezando as grandes janelas.

Retirando-me para a primeira sala, uma sala menor e mais bonita do que as outras e, tirando da estante envidraçada, da qual eu tinha a chave, um volume, cujo título havia despertado algum interesse, sentei-me para ler. A porta de vidro dessa sala dava para o grande caramanchão; ramos de

acácia acariciavam-lhe as vidraças, ao estenderem-se para abraçar uma roseira que florescia junto ao caixilho oposto. Nesta roseira, as abelhas zumbiam, ocupadas e felizes. Comecei a ler. Juntamente com o zumbido monótono, a sombra da folhagem, o frescor, a calma solitária do meu isolamento começaram a tirar o sentido do que eu lia, a visão de meus olhos e conduzir-me ao caminho da *rêverie* [147] para algum profundo vale da terra dos sonhos – justamente nesse momento, o toque mais agudo da campainha da porta chamou-me de volta à consciência.

A campainha tocara durante toda a manhã, pois operários, criadas, *coiffeurs* ou *tailleuses* iam e vinham em seus recados diversos. Além disso, havia uma boa razão para esperar que tocasse toda a tarde, uma vez que cerca de cem externas ainda estavam para chegar em carruagens ou *fiacres*: nem poderia ser esperado que se descansasse à noite, quando os pais e os amigos se reuniriam para a festa. Portanto, nestas circunstâncias, um toque – até mesmo um toque agudo – era um fato normal. Contudo, este toque em particular tinha um sotaque próprio, que escorraçou o meu sonho e fez cair o livro do meu joelho.

Inclinava-me para pegar o livro, quando, firmes, altos, diretos, através do vestíbulo, ao longo do corredor, em frente ao carré, através da primeira divisão, segunda divisão, sala grande, soaram passos rápidos, regulares e decididos. A porta fechada da primeira classe – o meu santuário – não ofereceu obstáculo, escancarou-se a um paletó e a um gorro, um par de olhos me fitou vagamente e depois mergulhou avidamente em mim.

– *C’est cela!* – disse uma voz. – *Je la connais: c’est l’Anglaise. Tant pis. Toute Anglaise, et, par conséquent, toute bégueule qu’elle soit — elle fera mon affaire, ou je saurai pourquoi.* [148]

Depois, com certa polidez (suponho que ele pensou que eu não tinha compreendido as anteriores indelicadezas) e no inglês mais execrável que jamais ouvi: – *Meess*. Tem que representar.

– Em que posso lhe ser útil, *Monsieur* Paul Emanuel? – eu perguntei em francês, pois ele se encontrava em um estado de grande excitação.

– Tem que representar. Não franza a testa, não pestaneje, não se faça de rogada. Eu li a sua fisionomia na noite em que chegou aqui. Vejo seus *moyens*. [149] Sabe representar, tem que representar.

– Mas como, *Monsieur*? O que quer dizer?

– Não há tempo a perder – ele continuou, agora falando em francês – e deixemo-nos de relutância, pretextos, *minauderies*.[\[150\]](#) Tem que representar um papel.

– No *vaudeville*? [\[151\]](#)

– No *vaudeville*. Exatamente.

Engoli em seco, horrorizada. O que aquele homem estava dizendo?

– Ouça! – disse ele. – Vou expor-lhe o caso e deve então me responder sim ou não, e, de acordo com a sua resposta, vou estimá-la para sempre.

O ímpeto mal reprimido de natureza irascível brilhava-lhe na face. Seus olhos faiscavam. Um caráter que os imprudentes, ou piegas, os insensatos, os hesitantes, os teimosos, os afetados e, acima de tudo, os inflexíveis podiam torná-lo, rapidamente, violento e implacável. Silêncio e atenção era o melhor bálsamo: eu escutei.

– Acontece que tudo vai por água abaixo – começou ele. – Louise Vanderkelkov adoeceu. Pelo que a sua ridícula mãe afirma. Tenho certeza de que ela poderia representar se quisesse, pois é apenas boa vontade que lhe falta. Ela tem um papel, como você sabe, ou não sabe, tanto faz. Sem esse papel não tem peça. Você tem somente algumas horas para decorá-lo. Não há uma única garota na escola que queira escutar a razão e representá-lo. Realmente, não é um papel interessante, e aquele vil *amour propre*,[\[152\]](#) essa baixa qualidade de que todas as mulheres têm em alto grau, revolta-se contra ele. As mulheres inglesas são as melhores ou as piores de seu sexo. *Dieu sait que je les détesté comme la peste, ordinairement*[\[153\]](#) (esta frase dita entre os infiéis dentes). Agora apelo para uma inglesa me salvar. Qual é a sua resposta, sim ou não?

Mil objeções ocorreram em minha mente. A língua estrangeira, o tempo limitado, a exposição pública... A inclinação recuava, a capacidade vacilava, o amor próprio (essa vil qualidade) tremia. “Não, não, não!”, diziam todos eles, mas, olhando para *Monsieur Paul* e vendo em seus olhos ardentes, ferozes e perscrutantes, uma espécie de apelo por trás de toda a sua ameaça, os meus lábios deixaram cair um: – *oui*.[\[154\]](#) Por um momento, o seu rosto rígido descontraiu num estremecimento de alegria: rapidamente recomposto, no entanto, continuou:

– *Vite à l’ouvrage!* [\[155\]](#) Aqui está o livro, aqui está o seu papel. Leia. E eu li... Ele não fez recomendações. Andava de um lado para outro,

franzia a testa e batia o pé. Ele fez, então, uma demonstração do papel. Eu o imitava diligentemente. Era um papel desagradável, de homem que tinha ridículas pretensões à elegância; um janota, peralta, casquilho, almofadinha e de cabeça vazia. Não se podia pôr nele nem o coração ou a alma: eu o odiei. A peça, uma bagatela, tratava principalmente dos esforços de dois rivais para ganhar a mão de uma linda *coquette*. Um dos apaixonados chamava-se *Ours*, um homem bom e corajoso, mas inculto, uma espécie de diamante bruto. O outro era uma borboleta, tão falso como eloquente.

Eu fiz o meu melhor – o que era ruim, bem sei e irritei *Monsieur Paul* que fumegava. Novamente, procurei fazer o melhor que pude. Eu presumo que ele creditou minhas boas intenções, ele professou estar parcialmente contente:

– *Ça Ira* [156] – exclamou ele e, como vozes começaram a soar no jardim, bem como o esvoaçar dos vestidos brancos por entre as árvores, ele acrescentou: – Você precisa sair daqui. Deve ficar sozinha para aprender isso. Venha comigo.

Sem que me fosse dado tempo para deliberar, vi-me arrastada, numa espécie de turbilhão, pelas escadas acima, até dois lances, ou melhor, na verdade, até três lances de escada (porque este homem feroso parecia conhecer, por instinto, o caminho para todas as partes). Fui levada para o sótão solitário e trancada. A chave ele levou.

O sótão não era lugar agradável. Eu acredito que ele não sabia o quanto era desagradável ou ele nunca me teria trancado lá dentro sem tão pouca cerimônia. No verão, estava quente como a África; no inverno, frio como a Groenlândia e também estava cheio de caixas de madeira e trastes inúteis. Vestidos velhos cobriam as paredes sem pinturas e teias de aranha cobriam o teto não varrido. Eu sabia que aquele lugar estava infestado por ratos, besouros e baratas. Havia ainda o boato de que a feira fantasmagórica do jardim havia sido visto ali. Uma escuridão parcial obscurecia uma extremidade, através da qual, como, por mistério mais profundo, pendia uma cortina encarniçada, cobrindo uma fileira de mantos de inverno, cada um pendurado em cabides, como um malfeitor na sua força. De entre aquelas capas e detrás da cortina, diziam ter saído a freira. Eu não acreditava nisto, nem o fato me perturbava. Mas, vi sair de lá um rato muito grande e negro. Além disso, vi muitos besouros negros

que pontilhavam o chão. Estas coisas me perturbavam mais, talvez, do que seria sensato confessar. O mesmo direi do pó, das madeiras serradas e do calor sufocante. A inconveniência, em breve, se tornaria intolerável se eu não tivesse encontrado meios para abrir e sustentar a claraboia, deixando, assim, entrar algum ar fresco. Debaixo desta abertura empurrei uma grande caixa vazia. Coloquei sobre ela uma menor, limpei a poeira de ambas, levantei meu vestido cuidadosamente (o meu melhor vestido como o leitor deve se lembrar e, portanto, objeto de legítimo cuidado) em torno de mim, subi para aquela espécie de trono improvisado e, uma vez sentada, iniciei a minha tarefa. Enquanto eu estudava o personagem não me esquecia de manter um olhar prudente sobre os insetos, principalmente, nos besouros e baratas, dos quais, creio eu, mais do que dos ratos, eu sentia um medo mortal.

A minha impressão, a princípio, era que eu tinha empreendido uma tarefa realmente impossível de realizar e decidi, simplesmente, fazer o meu melhor e resignar-me a falhar. Logo descobri, contudo, que um papel tão curto, numa peça tão pequena, não era impossível de se memorizar em algumas horas. Comecei a estudar em um sussurro e depois em voz alta. Perfeitamente segura da falta da audiência humana, representei o meu papel diante da bicharada do sótão. Uma plateia singular. Entrando em seu vazio, falsidade, frivolidade, e, com um espírito inspirado pelo desdém e pela impaciência, vinguei-me neste imbecil personagem, fazendo-o tão estúpido e tolo como eu podia.

Neste exercício, a tarde passou. O dia começou a declinar e eu, que não tinha comido nada desde o desjejum, comecei a sentir muita fome. Pensei, então, nos lanches que àquela hora estariam sendo devorados no jardim. Eu tinha visto no vestíbulo uma cesta cheia de pequenos *pâtés à la creme* que me pareceram melhores que todo o resto das iguarias. Um *pâté*, ou um pedaço de bolo, me pareceriam muito a propósito. E à medida que meu desejo por essas guloseimas aumentou, começou a parecer um tanto duro passar o meu feriado em jejum e na prisão. Afastado era o sótão da porta da rua e do vestíbulo, até a campainha era distantemente audível, assim como o rodar incessante das carruagens no pavimento. Eu sabia que a casa e o jardim estavam aglomerados e que tudo estava alegre e feliz lá embaixo. No sótão, começou a anoitecer: os besouros foram desaparecendo da minha vista, eu tremia com medo de

que eles marchassem sobre mim, subissem ao meu trono sem eu os ver e invadissem as minhas saias. Impaciente e apreensiva, recomecei a ensaiar o papel só para matar o tempo. Justamente quando eu estava concluindo, o demorado ruído da chave na fechadura chegou aos meus ouvidos – um som bem-vindo. *Monsieur* Paul, eu podia ver através do crepúsculo que era ele, pois havia ainda luz suficiente para mostrar a escuridão aveludada da sua cabeça e o marfim pálido de seu rosto. *Monsieur* olhou para dentro.

– Bravo! – gritou ele, segurando a porta aberta e permanecendo no limiar. – *J’ai tout entendu. C’est assez bien. Encore!* [157]

Hesitei por um momento.

– *Encore!* – tornou ele, severamente. – *Et point de grimaces! A bas La timidité!*[158]

Mais uma vez eu passei o papel, mas não tão bem como eu tinha dito sozinha, nem nada que se comparasse.

– *Enfin, elle sait* [159] – disse ele, meio insatisfeito. Então, ele acrescentou: – nestas circunstâncias não se pode ser exigente. Além disso – acrescentou: – Você ainda tem vinte minutos para a preparação. Até logo – e ele estava indo.

– *Monsieur* – eu chamei, tomando coragem.

– *Eh bien! Qu’est-ce que c’est, Mademoiselle?*[160]

– Eu estou com muita fome.

– Como “*Meess*” com fome? E o lanche?

– Eu não sei nada sobre isso. Estava aqui trancada. Lembra-se? – indignei-me.

– *Ah! C’est vrai* [161] – disse ele.

Em um instante, abdiquei de meu trono e o sótão foi evacuado. Uma repetição inversa do ímpeto que me trouxera para cima levou-me para baixo até a cozinha. Eu pensei que eu deveria ter ido para o porão. A cozinheira foi imperativamente intimada a trazer comida e eu ordenada a comê-la. Para a minha grande alegria, este alimento se limitou a bolo e café. Eu temia vinho e doces, que eu não gostava. Como ele adivinhou que eu gostaria de um *petit pâté à la crème* eu não posso dizer, mas ele saiu e conseguiu um para mim em alguma parte. Com considerável apetite, comi e bebi, guardando o *petit pâté* para o final. *Monsieur* Paul supervisionou minha refeição, quase me forçando a engolir mais do que

eu podia.

– *A la bonne heure!*[162] – exclamou ele, quando eu dei a entender que realmente não aguentava mais e, de mãos erguidas, implorei que fosse poupada de um último pãozinho em que ele tinha acabado de espalhar manteiga.

– Você deve estar pensando que eu sou uma espécie de tirano e Barba Azul, matando mulheres de fome no sótão, quando, na realidade, eu não sou nada disso. Agora, senhorita, você se sente com coragem e força para representar?

Respondi que assim o supunha, embora, na verdade, estivesse tão confusa que mal pudesse dizer como eu me sentia. Mas, este cavalheiro era do tipo daqueles que não se pode contradizer, a menos que se possua uma força suficiente para esmagá-lo de uma só vez.

– Venha, então – disse ele, oferecendo sua mão.

Eu lhe dei a minha e ele saiu com uma rapidez que me obrigava a correr ao seu lado, a fim de manter o ritmo. Na praça, ele parou um instante. Havia ali boa iluminação e as largas portas das classes, assim como as do jardim, estavam abertas: laranjeiras e altas flores em vasos ornamentavam estes portais em ambos os lados. Grupos de damas e cavalheiros, com trajes de noite, passeavam e conversavam entre as flores. A vasta perspectiva das salas de aula mostrava uma multidão ondulante, compacta, murmurando, toda cor-de-rosa, azul e branca. Havia lustres que ardiam por cima; ao fundo havia um palco, uma solene cortina verde e uma fileira de luzes.

– Não acha que está bonito? – perguntou o meu companheiro.

Eu queria dizer que sim, mas meu coração subiu-me à garganta. *Monsieur Paul* descobriu isso e me fez uma careta.

– Eu vou fazer o meu melhor, mas eu gostaria que tudo já tivesse acabado – disse; e depois perguntei: – Temos que atravessar aquela multidão?

– De maneira nenhuma. Eu arranjo melhor as coisas. Passaremos pelo jardim. Por aqui...

Em um instante tínhamos saído. A noite fresca me reanimou um pouco. Não havia lua, mas os reflexos das muitas janelas iluminavam claramente o pátio e até os becos. O céu estava límpido e grandioso com as suas estrelas cintilantes. Que doces são as noites do Continente! Quão

suave, balsâmica elas são! Nenhuma neblina do mar e nenhuma umidade fria: secas como o meio-dia e frescas como uma manhã.

Depois de cruzarmos o pátio e o jardim, chegamos à porta de vidro da primeira classe, que, nessa noite, estava aberta como todas as outras portas. Passamos e eu fui introduzida num pequeno gabinete que separava a primeira classe da grande sala. Este gabinete deslumbrou-me, pois estava todo iluminado; ensurdeceu-me, tão clamoroso estava com vozes; e sufocou-me, de tão quente e aglomerado.

– *De l'ordre! Du silence!* [163] – gritou *Monsieur Paul*. – Será o caos? – perguntava ele. E houve um silêncio. Com uma dúzia de palavras e outros tantos gestos, pôs fora metade dos presentes e obrigou o remanescente a entrar em filas. As que ficaram estavam todas em traje: eram os artistas e aquilo era o camarim. *Monsieur* me apresentou. Todas olharam e algumas reprimiram o riso. Foi uma surpresa: elas não esperavam que a inglesa representasse num *vaudeville*. Ginevra Fanshawe, lindamente vestida para o seu papel e fascinantemente bela, fixou em mim um par de olhos redondos como contas. No mais alto espírito, sem se perturbar pelo medo ou timidez, encantada pelo fato de brilhar diante de centenas de pessoas, a minha entrada pareceu transpassá-la de espanto no meio de sua alegria. Ela teria exclamado, mas *Monsieur Paul* a conteve, assim como as outras, em silêncio.

Depois de ter examinado e criticado a todas, voltou-se para mim: – Tem que se vestir para o seu papel.

– De se vestir de homem! – exclamou *Zélie St. Pierre*, avançando. E acrescentou, prestativa: – Eu própria a visto.

Vestir uma roupa masculina não me agradava e não me ficaria bem. Mas, como tinha consentido em aceitar o papel, não havia outro jeito. Contudo, ficaria com o meu vestido. Daria um jeito. *Monsieur Paul* podia tropejar, enraivecer-se: eu conservaria o meu vestido. Assim declarei, com uma voz tão firme na intenção, quanto era baixa e, talvez, vacilante.

Ele não tropejou, nem se enraiveceu como eu esperava. Ficou calado. Mas, *Zélie* interveio de novo.

– Ela faz um excelente homem pequeno. Aqui está o traje completo. Talvez esteja um pouco largo, mas eu arranjo isso. Venha, *chère amie, belle anglaise!* [164]

Zélie deu um risinho de escárnio porque eu não era *belle*. Pegou-me

na mão, ia arrastar-me para fora. *Monsieur* Paul estava impassível, neutro.

– Não deve resistir – continuou Zélie, pois eu resistia.

– Estragaria tudo. Tiraria a graça da peça, a alegria dos telespectadores, sacrificaria tudo por causa do seu amor próprio? Seria horrível. *Monsieur* não vai permitir isto? – e ela procurou-lhe o olhar. Eu igualmente procurei seu olhar. Ele olhou para ela e depois para mim.

– Pare – disse ele, devagar, detendo a *St. Pierre*, que continuava com os seus esforços para me arrastar. Todos esperavam a decisão. *Monsieur* estava aborrecido, mas não irritado. Eu compreendi isso e ganhei coragem.

– Não gosta desta roupa? – perguntou ele, apontando o traje masculino.

– Não me importo de vestir algumas peças, mas tudo não.

– Como será, então? Como aceita um papel masculino se vai para o palco vestida de mulher? Isso é uma peça de amadores, é verdade... um *vandeville de pensionnat*, posso admitir algumas modificações, mas tem que usar qualquer coisa que a anuncie como do sexo masculino.

– Está bem, *Monsieur*; mas há de ser do meu modo. Sabe que aceitei o papel para colaborar. Não quero que ninguém me meta nisto; não gosto de ser forçada. Deixe-me vestir.

Monsieur, sem mais palavras, tirou o traje da mão de *St. Pierre* e entregou-me. Deixou-me passar para a outra sala. Uma vez só, acalmei-me e comecei a me vestir. Conservando o meu vestido, pus simplesmente uma pequena jaqueta, um colarinho, uma gravata e um paletó de pequenas dimensões, tudo aquilo pertencia a um irmão de uma das alunas. Depois de desfazer as tranças, apertei os cabelos para trás e afastei-os da frente para os lados, coloquei o chapéu masculino, as luvas e saí. *Monsieur* Paul estava à espera, assim como as outras. Todos olharam para mim.

– Pode passar, afinal, trata-se de uma peça de *pensionnat* – disse ele, concordando. E depois acrescentou: – *Courage, mon ami! Un peu de sang froid... un peu d'aplomb, Monsieur Lucien, et tout ira bien.*[\[165\]](#)

St. Pierre zombou mais uma vez, com seu jeito frio de serpente.

A emoção tornara-me irritável e não pude deixar de lhe dizer que, se ela não fosse uma senhora e eu um homem, me sentiria disposto a desafiá-la.

– Depois da peça, depois da peça – disse *Monsieur* Paul. – Depois

eu reparto o meu par de pistolas com as duas e liquidarão a questão como quiserem. Será apenas a velha disputa entre a França e a Inglaterra.

Mas, aproximava-se agora o momento de começar a representação. *Monsieur* Paul, colocando-nos à sua frente, fez uma breve preleção, como um general dirigindo-se aos soldados. Eu não sei o que ele disse, a não ser que recomendou a todas que se compenetrassem da sua insignificância pessoal. Deus sabe o que eu julgava este conselho supérfluo para algumas de nós. Uma campanha retiniu de novo. Eu tinha que proferir as primeiras falas.

– Não olhe para o público, nem pense nele – segredou-me *Monsieur* Paul ao ouvido. – Imagine-se no sótão, a representar para os ratos – e desapareceu. O pano subiu. As luzes fortes, a longa sala, a multidão alegre... Eu pensei nos besouros negros, nas velhas caixas, nas mesas quebradas. Disse a minha fala mal, mas disse-a. O primeiro discurso foi o mais difícil. Revelou-me que o que eu temia não era bem o público, mas a minha própria voz. Composto de estranhos e desconhecidos, o público não significava nada para mim. Quando a minha língua se libertou e a voz recuperou seu tom natural, não pensei em mais nada, senão no personagem que eu representava... e em *Monsieur* Paul que estava à escuta, vigilante, nos bastidores.

Pouco a pouco, ganhando força, sentido nascer a energia necessária, tive calma suficiente para reparar nas outras atrizes. Algumas delas representavam muito bem, especialmente Ginevra, que fazia o papel de uma *coquette* entre dois admiradores. De fato, ela estava no seu papel. Observei que uma ou duas vezes, pelos seus modos, se mostrou mais interessada no almofadinha, o janota, o peralta que eu representava. Com tal ênfase e animação me distinguia, tais olhares lançava para o público atento e satisfeito, que para mim, que a conhecia, em breve se tornou evidente que ela representava para alguém; e, seguindo-lhe o olhar, o sorriso, o gesto, em breve descobri que ela tinha, ao menos, escolhido um alvo simpático e distinto. Interceptando em cheio essas setas, mais alto que os outros espectadores e, portanto, mais certo de recebê-las, estava, numa atitude tranquila, um vulto bem conhecido, o doutor John.

De qualquer modo, o espetáculo parecia sugestivo. Descobri nos olhos do doutor uma linguagem que me animou, embora não a entendesse: tirei daí uma história e incorporei-a no papel que

representava, misturei-a na corte que fazia a Genevra. No *Ours* – o personagem sincero e apaixonado –, vi o doutor John. Tive pena dele, como outrora? Não. Endureci o coração, fazendo-me seu rival. Eu bem sabia que era apenas um almofadinha, mas sabia também que, onde ele era rejeitado, eu sabia agradar. Agora, representava desejosa de vencer e conquistar e a isso eu estava decidida. Genevra secundou-me. Entre nós, quase mortificamos o papel do apaixonado, alijando-o por completo. No intervalo, *Monsieur* Paul disse que não sabia o que tinha me possuído e quase ralhou comigo.

– Fizeste melhor que no ensaio, mas está competindo com o outro e mudaste as falas – disse ele. – Está matando o outro personagem – eu também não sabia o que havia me possuído, mas fosse como fosse, o meu desejo era ofuscar o *Ours*, isto é, o doutor John. Genevra era só ternura. Que podia ser eu menos que gentil? Conservando o roteiro, não podia representá-lo todo, mas alterei o espírito do meu personagem. Sem coração, sem interesse, não podia representá-lo tão bem. Já que teria que representá-lo, temperei-o e, assim transformado, tornara-se mais saboroso e representei-o com gosto.

O que senti e fiz naquela noite, eu nunca imaginava. Não sonhava sentir a emoção que fluiu de mim. Fui levada ao êxtase, ao sétimo céu. Fria, relutante, apreensiva, aceitara aquele papel para ser agradável a outra pessoa. Dentro em pouco, entusiasmando-me, ganhei interesse e coragem, representei para agradar a mim própria. Contudo, no dia seguinte, quando pensei em tudo aquilo, reprovei em absoluto estas representações de amadores; e, embora satisfeita por ter agradado *Monsieur* Paul e experimentado as minhas próprias forças, tomei a firme resolução de nunca mais me deixar arrastar para semelhantes aventuras. Uma viva aptidão para a expressão dramática revelara-se como uma parte do meu caráter. Desenvolver essa nova faculdade poderia oferecer-me um mundo de prazer, mas de nada serviria para uma mera espectadora da vida: a força e o desejo deveriam ser postos de lado e eu os pus, prendi-os com um cadeado da resolução, que nem o tempo nem a tentação jamais abririam.

Logo que acabou a peça, e acabou bem, o colérico e arbitrário *Monsieur* Paul sofreu uma metamorfose. Passada a sua hora de responsabilidade de diretor da peça, pôs de lado a austeridade magistral,

ficou entre nós, falador, amável, apertou a mão de todas, agradeceu a cada uma separadamente e anunciou a sua resolução de que cada uma de nós seria seu par no baile. Quando pediu a minha promessa, respondi que eu não sabia dançar. Ele respondeu que “pelo menos uma vez na vida, eu teria de dançar.” E, se eu não tivesse me esquivado e me mantido longe da sua pessoa, teria sido obrigada a uma segunda exibição. Mas, eu já tinha representado bastante para uma noite. Era tempo de voltar a ser eu mesma e de retornar à minha vida habitual.

O meu vestido sombrio ficara bem no palco sob o paletó, mas destoaria numa valsa ou numa quadrilha. Retirando-me para um canto, de onde podia observar sem ser vista, o baile, os seus esplendores e os seus prazeres passaram diante dos meus olhos como um espetáculo.

De novo Genevra Fanshawe era a mais bela, a mais alegre das presentes. Foi escolhida para abrir o baile: linda, dançava com graça e sorria alegremente. Tais cenas eram os seus triunfos e ela era a filha do prazer. O trabalho e o sofrimento tornavam-na deprimida e indolente, fraca e lamurienta; mas a alegria abria as suas asas de borboleta, acendia as suas luzes, fazia-a reluzir como uma flor. Não gostava de comida e de bebidas vulgares; mas alimentava-se de cremes e sorvetes, como de mel um beija-flor. Vinho fino era seu elemento e bolo doce o seu pão de cada dia. Genevra faiscava de vida num salão de baile; em qualquer outra parte, murchava desanimada.

Não pense, leitor, que ela assim resplandecia apenas por causa de *Monsieur* Paul, seu par, ou que prodigalizava as suas melhores graças, nessa noite, em honra das companheiras ou dos pais ou avós que enchiam a praça e rodeavam o salão. Em circunstâncias tão insípidas e limitadas, com motivos tão frios, Genevra mal se teria dignado dançar uma quadrilha e logo o cansaço e o aborrecimento teriam substituído a sua animação e bom humor. Contudo, ela sabia de um fermento entre a massa do baile (em si, um tanto pesada) que dava leveza ao conjunto. Ela saboreava um condimento que lhe dava sabor. Ela enxergava razões que justificavam a exibição de seus melhores encantos.

Com efeito, no salão de baile, não se via um único espectador que não fosse casado e pai, exceto, *Monsieur* Paul, único cavalheiro autorizado a dançar com uma aluna, e essa exceção era lhe concedida, em parte, como costume há muito estabelecido, pois ele era parente de

Madame e gozava de sua absoluta confiança, em parte porque, por muito voluntarioso, irascível e parcial que fosse, era a honra personificada e podia confiar-lhe um regimento das mais belas e mais puras, na absoluta certeza de que nenhum mal lhes aconteceria na companhia dele. Muitas senhoritas não eram de modo algum inocentes, muito pelo contrário; mas *Monsieur Paul*, exatamente como não ousaria pisar-lhe propositadamente os calos, rir-se dele durante uma apóstrofe tempestuosa, ou falar alto quando alguma crise de cólera lhe cobrisse a face como a máscara de um tigre inteligente, ele podia dançar com quem lhe aprouvesse e ai de quem o fizesse perder o ritmo.

Outros eram admitidos ali como espectadores – com (aparente) relutância, através de pedidos, por influências, sob restrições, por difícil e especial concessão da bondade de Madame Beck, que toda a noite, com a sua vigilância pessoal, os conservava afastados no lado mais remoto, feio e lúgubre da praça – um pequeno bando de jovens, todos das melhores famílias, filhos crescidos de mães presentes e cujas irmãs eram alunas da escola. Toda a noite Madame estava a serviço desses jovens, atenta a eles como uma mãe, porém rigorosa como um dragão. Punha-lhes à frente uma espécie de cordão, que lhe suplicavam que lhes deixassem transpor para uma só dança com aquela bela loira, ou aquela morena bonita, ou *cette jeune fille magnifique aux cheveu noirs comme le jais*.[\[166\]](#)

– *Taisez-vous* – respondia Madame, heróica e inexoravelmente. – *Vous ne passerez pás, à moins que ce ne soit sur mon cadavre, et vous ne danserez qu’avec la nonnete du jardin*.[\[167\]](#) (referindo-se à lenda). E passeava majestosamente junto àquela fila desconsolada e impaciente, como um pequeno Bonaparte, com um vestido de seda cor de rato.

Madame conhecia alguma coisa desse mundo. Conhecia muito da natureza humana. Não creio que outra diretora em *Villette* tivesse ousado admitir um jovem cavalheiro dentro dos seus muros. Contudo, Madame sabia que, com essa tolerância, em ocasiões como o presente, só teria a ganhar.

Em primeiro lugar, os pais tornavam-se cúmplices, pois era apenas por sua interferência e mediação que eles eram admitidos. Em segundo lugar, a admissão daquelas cobras-cascavéis, tão fascinantes e perigosas, servia para realçar, precisamente, a mais forte característica de Madame – a de ser uma vigilante de primeira ordem. Em terceiro, a sua presença

fornecia um ingrediente muito picante à festa: as alunas sabiam-no e viam-no, e a vista de semelhantes maçãs de ouro brilhando ao longe, animava-as com um espírito que nenhuma outra circunstância podia ter acendido. O prazer das filhas estendia-se aos pais. O entusiasmo e a alegria circulavam rapidamente pelo salão. Os próprios jovens cavalheiros, embora refreados, estavam divertidos, pois Madame nunca permitiria que eles se sentissem aborrecidos. E assim a festa de Madame Beck assegurava um êxito desconhecido à festa de qualquer diretora da terra.

Notei que o doutor John foi o primeiro que, a princípio, pôde passear à vontade pelas salas. Havia nele um ar másculo, responsável, que redimia a sua mocidade e quase expiava a sua beleza. Mas, logo que o baile começou, Madame correu para ele.

– Venha cá, lobo, venha cá – disse ela, rindo. – Vem vestido de cordeiro, mas mesmo assim, tem de sair do redil. Venha. Tenho um belo zoológico de uns vinte na praça. Deixe-me colocá-lo entre a minha coleção.

– Mas, primeiro, deixe-me dançar uma vez com uma aluna à minha escolha.

– Pois tem o descaramento de me pedir uma coisa dessas! É loucura. *Sortez, sortez au plus vite.* [168] – E, empurrando-o à sua frente, em breve o colocou dentro do cordão.

Ginevra, cansada de dançar, segundo creio, procurou-me no meu retiro. Jogou-se ao meu lado, e, demonstrando afeto que eu bem dispensava, passou os braços em volta do meu pescoço. – Lucy Snowe! Lucy Snowe! – disse-me numa voz um tanto soluçante e histérica.

– O que se passa? – perguntei secamente.

– Diga-me. Estou linda? Que tal estou nesta noite?

– Como de costume – respondi. – Ridiculamente vaidosa.

– Cáustica criatura! Você nunca tem uma palavra amável para mim? Mas, apesar de você ser assim e de outras invejosas que andam por aí, sei que estou bonita. Sinto isso. Vejo, porque há um grande espelho no vestiário, onde posso me ver da cabeça aos pés. Quer vir agora comigo para nos vermos?

– Sim, Miss Fanshawe. Faça-se a sua vontade.

O vestiário era muito perto e para lá nos dirigimos. Ela me deu o

braço e arrastou-me para diante do espelho. Sem resistência, ou observação, ali fiquei e deixei que o amor-próprio dela gozasse o seu triunfo. Eu tinha curiosidade de verificar tudo o que ele poderia absorver, se era possível atingir a saciedade, se uma sombra de consideração por outra pessoa podia penetrar o seu coração e moderar a sua alegria orgulhosa.

De modo algum. Deu uma volta e me fez dar outra, examinando-me de todos os lados; sorriu, agitou seus cachos, compôs o cinto e o vestido e disse, por fim, soltando o meu braço, com uma cortesia e respeito simulado: – Não me trocava por você nem que me dessem um reino.

A observação era demasiada ingênua para me irritar. Eu apenas disse: – Muito bem.

– E o que daria para ser eu? – perguntou.

– Nem um tostão furado, por mais estranho que pareça – respondi. – Não passa de uma pobre criatura.

– Isso não vem do coração.

– Não. No meu coração não há lugar para uma coisa tão fútil. Só o meu cérebro se ocupa de você, ocasionalmente.

– Bem – disse ela, num tom irritado. – Mas, basta ouvir a diferença das nossas posições e ver como é desgraçada e como eu sou feliz.

– Continue – respondi, calmamente.

– Em primeiro lugar, sou filha de um cavalheiro de boa família e, embora o meu pai não seja rico, tenho esperanças no meu tio. Depois, tenho dezoito anos, a melhor idade que se pode ter. Tive uma educação continental e, embora não saiba escrever, tenho muitas prendas. Sou bonita, isso você não pode negar. Posso ter os admiradores que eu quiser. Esta noite mesmo mostrei-me a dois cavalheiros e foi o olhar triste que recebi de um deles que me pôs nesta situação. Gosto de vê-los e fazê-los pálidos e corados, franzirem a testa e lançarem olhares ferozes um ao outro e ternos a mim. Isto sou eu e ainda sou feliz. Agora, quanto a você. Coitadinha! Pobrezinha! Suponho que não seja filha de ninguém, visto que veio para *Villette* tomar conta de crianças. Não tem parente algum e aos vinte e três anos não pode se chamar de nova, além do mais, não tem atrativos e nem beleza. Quanto a admiradores, mal sabe o que é isso. Não pode, sequer, falar sobre o assunto. Cala-se quando outras professoras contam as suas conquistas. Creio que nunca se apaixonou, nem se

apaixonará. Não conhece esse sentimento. E, ainda bem, pois, embora pudesse ter o seu coração despedaçado, não despedaçaria o de ninguém. Estou dizendo alguma mentira?

– Uma grande parte é verdadeira como o Evangelho, e perspicaz, além disso. Deve haver alguma coisa de boa em você, Ginevra, para falar tão honestamente. Aquela víbora da Zélie St. Pierre seria incapaz de dizer o que me disse. Contudo, Miss Fanshawe, desgraçada como sou, segundo a sua demonstração, não daria um tostão para comprá-la, corpo e alma.

– Por que eu não sou esperta e a senhora só pensa nisso? Mais ninguém no mundo se preocupa com a esperteza.

– Pelo contrário, acho que você é esperta a seu modo. Mas, fala-me em provocar paixões, essa edificante diversão, cujos méritos eu não possuo; o que leva a sua vaidade a supor que a executou nessa noite?

Ela aproximou os lábios dos meus ouvidos: – Isidore e Alfred De Hamal estão aqui – segredou-me.

– Ah! Estão? Gostaria de vê-los – respondi.

– Ora, ora! Até que enfim demonstra alguma curiosidade! Venha comigo. Vou mostrá-los. Mas, não pode vê-los bem das salas de aulas, pois Madame os pôs longe demais. Vamos atravessar o jardim, entrar pelo beco e passar por trás deles. Se formos vistas, seremos repreendidas, mas não se zangue.

Pela primeira vez, eu não me importava em levar uma bronca. Estava desconfiada e queria tirar aquilo à prova. Atravessamos o jardim, penetramos no beco por uma estrada particular e, aproximando-nos da praça, mas conservando-nos, contudo, na sombra do corredor, podíamos ver perfeitamente o grupo de cavalheiros.

Creio que eu poderia ter identificado sozinha o conquistador De Hamal. Ele era mediano, de feições miúdas, assim como suas mãos e seus pés. Era bonito e cuidado, como um boneco. Tão bem vestido, tão primoroso nas botas, nas luvas, na gravata... era realmente encantador. E foi o que eu disse: “que encantador personagem!” Elogiei calorosamente o gosto de Ginevra. Perguntei-lhe o que ela julgava que De Hamal havia feito com os preciosos fragmentos do coração que ela tinha despedaçado, se os teria colocado num frasco de perfume e conservado em essências de rosas. Observei, também, com entusiasmo, que as mãos do coronel eram pouco maiores do que as de Ginevra e sugeri que essa circunstância podia

ser conveniente, pois, num apuro, ele poderia usar as luvas dela. Quanto aos cabelos, disse-lhe que me apaixonaria por eles e, quanto à fronte grega e perfil clássico, confessei que não tinha palavras para lhes fazer justiça.

– E se ele fosse seu namorado? – sugeriu, cruelmente, Genevra, exultante.

– Oh! Céus! Que felicidade! – disse eu. – Mas, não seja desumana, Miss Fanshawe. Pôr esses pensamentos na minha cabeça é como mostrar ao pobre Caim um pouco do Paraíso e depois escorraçá-lo.

– Gosta dele, então?

– Como gosto de doces, geleias, compotas e flores de estufa.

Genevra admirou o meu gosto, porque todas estas coisas eram a sua adoração e podia, portanto, acreditar prontamente que eram a minha também.

– Agora, Isidore – continuei, porque, confesso, sentia ainda mais curiosidade em ver quem era seu rival. Genevra, porém, estava absorvida em De Hamal.

– Alfred foi admitido aqui esta noite – disse ela – por influência da tia, madame La Baronne de Dorlodot. E, agora, depois de vê-lo, não pode compreender porque tenho estado tão bem disposta esta noite e representei tão bem e dancei com tanta vida e porque estou tão feliz como uma rainha? Deus! Deus! Foi tão engraçado olhar para ele primeiro, depois para o outro, e enlouquecer os dois!

– Mas, o outro... onde ele está? Mostre-me Isidore.

– Não me agrada.

– Por quê?

– Tenho vergonha dele.

– Por que razão?

– Porque, porque... – num sussurro: – Tem um bigode tão encarniado.

– Pronto, já confessou – acrescentei. – Não importa, mostre-me assim mesmo! Prometo não desmaiar.

– Ela olhou à procura dele. No mesmo instante, uma voz inglesa falou atrás de nós.

– Estão ambas numa corrente de ar. Saiam desse corredor.

– Não há corrente de ar, doutor John – disse eu, virando-me.

– Ela resfria-se muito facilmente – prosseguiu ele, olhando para Ginevra, com extrema bondade. – É fraca e é preciso ter cuidado com ela. É melhor ir buscar um xale.

– Permita-me que eu própria decida o que me convém – disse Miss Fanshawe, com altivez. – Não quero nenhum xale.

– O seu vestido é fino e esteve dançando, está com o corpo quente – respondeu o médico.

– Sempre fazendo sermões – resmungou ela. – Sempre repreendendo e dando conselhos!

– A resposta que o doutor John gostaria de ter dado não veio; que o seu coração estava magoado, percebia-se em seus olhos. Triste e compungido, afastou-se um pouco, mas foi paciente. Eu sabia, porém, onde havia muitos xales e fui buscar um.

“Há de colocar um xale nem que seja à força”, pensei, enrolando-a bem por cima do vestido fino, cobrindo cuidadosamente seu pescoço e seus braços.

– É aquele o Isidore? – perguntei com mau humor, embora baixinho. Ela torceu o lábio, sorriu, fez que sim com a cabeça.

– É aquele o Isidore? – repeti, dando-lhe um safanão. Eu queria ter-lhe dado uma dúzia de safanões.

– *C'est lui même* [169] – disse ela. – Como é grosseiro, comparando-o com o meu conde Coronel! E, depois...Oh, *ciel!*... o bigode!

O doutor John já tinha se afastado.

– O coronel-conde! – repeti. – O boneco, o manequim, aquela pobre criatura inferior! Nem para lacaio do doutor John ele serviria! Nem para criado! Como é possível que aquele homem generoso e simpático, belo como um Apolo, lhe ofereça a sua mão honrada e o seu coração nobre, que prometa proteger a sua fútil pessoa através das lutas e tempestades da vida e você hesite, o magoe, o torture? Tem poder para fazer isso? Quem lhe deu este poder? Onde está ele que eu não o enxergo? Está na sua beleza passageira... na sua tez rosada e branca, no seu cabelo louro? É isso que prende a alma dele aos seus pés e lhe curva a cerviz sob o seu jugo? É possível que isso conquiste para si a afeição dele, a sua ternura, os seus pensamentos, as suas esperanças, o seu interesse, o seu nobre e sincero amor e você o rejeita? Pois assim o despreza? Não creio que fale

sério! Estou certa de que o ama, mas está brincando com o seu coração para torná-lo mais seu.

– Bah! Quer parar por aqui! Não compreendo metade do que diz.

Eu a tinha levado para o jardim. Fiz com que se sentasse num banco e falei que não a deixaria sair dali enquanto não me confessasse qual deles ela tencionava aceitar por fim – se o homem, se o macaco.

– Aquele a quem chama de homem – disse ela – é *bourgeois*,^[170] de cabelo ruivo e é chamado pelo nome de John?... *cela suffit: jê n'em veux pás*.^[171] O coronel De Hamal é um *gentleman*, de excelentes relações, maneiras perfeitas, bom aspecto, um interessantíssimo rosto pálido, olhos e cabelos de italiano. Além disso, é também a mais deliciosa companhia possível. Um homem ao meu modo. Não é sério e nem sentencioso como o outro, mas uma pessoa com quem se pode falar naturalmente, que me entende e não me fadiga com coisas profundas, paixões e talentos que não são do meu gosto. Não me aperte tanto.

Soltei-a e ela fugiu. Eu não quis persegui-la.

Não pude, porém, deixar de voltar ao beco e ao corredor e olhar para o doutor John. Mas, ele não estava lá e o encontrei nos degraus do jardim, no local onde batia em cheio a luz de uma janela. A sua figura bem proporcionada era inconfundível, pois duvido que haja outra igual no local. O rosto e fronte eram belos e másculos. As feições não eram delicadas como as de uma mulher, nem frívolas e frias, embora bem talhadas, não eram tão cinzeladas que perdessem em energia o que ganhavam na simetria natural. Por vezes, muita sensibilidade lia-se nelas, mais ainda nos olhos. Tal era, pelo menos, o que eu pensava dele. Para mim, ele era tudo isto.

Dominava-me uma inexprimível sensação de espanto quando olhava para aquele homem e pensava que ele não podia ser desprezado.

Não era minha intenção dirigir-me a ele, pois o grau das nossas relações não o permitia. Apenas tencionava observá-lo entre a multidão sem que ele me visse; dando, pois, com ele, assim só, afastei-me. Contudo, ele me procurava, ou melhor, procurava aquela que tinha estado comigo: desceu, portanto, os degraus e seguiu-me pelo jardim.

– Conhece Miss Fanshawe? Desejei muitas vezes perguntar-lhe se a conhecia – disse ele.

– Sim, conheço-a.

- Intimamente?
- Tão intimamente quanto desejo.
- Que fez dela agora?

“Acaso sou guardiã dela?” Tive vontade de perguntar, mas respondi simplesmente: – Sacudi-a bem e tê-la-ia sacudido ainda mais, mas ela escapou-se.

– Você me faria o favor de vigiá-la esta noite? – pediu ele – e ver que ela não comete qualquer imprudência, por exemplo, sair para o jardim logo depois da dança?

– Posso, talvez, olhar um pouco por ela, visto que assim o deseja, mas ela gosta demasiado de fazer a sua vontade para se submeter a alguém.

- Ela é tão nova, tão inocente – disse ele.
- Para mim é um enigma – respondi.
- Sim? – perguntou ele, muito interessado. – Em que sentido?
- Seria difícil dizê-lo agora. Difícil, pelo menos, dizê-lo ao senhor.
- E por que a mim?
- Admiro-me de ela não estar mais satisfeita com a sua amizade.

– Mas, ela não faz a menor ideia de quanto eu sou seu amigo. É isso, precisamente, uma coisa que não lhe posso ensinar. Posso perguntar se alguma vez ela falou de mim?

– Sob o nome de Isidore, falou muitas vezes. Mas, devo acrescentar que foi apenas há dez minutos que descobri que o senhor e Isidore eram a mesma pessoa. Foi só, então, doutor John, que eu soube que Ginevra Fanshawe é a pessoa, nesta casa, por quem há tanto tempo se interessa. Que ela é o ímã que o atrai à *rue* Fossette, que por causa dela se aventurou a entrar neste jardim e a procurar as caixas atiradas pelo seu rival.

- Sabe tudo? – perguntou-me ele.
- Sei isto.

– Há mais de um ano que costumo vê-la na sociedade. A senhora Cholmondeley, amiga dela, é das minhas relações. Por isso, vejo-a todos os domingos. Mas, segundo me disse, sem querer convidá-la a quebrar a confiança, qual era o tom, qual era o sentimento das suas observações? Tenho certa ansiedade em saber, pois me atormenta um pouco a incerteza dos sentimentos dela por mim.

– Oh! Ela varia. Ela muda como o vento.

“Tenho”, pensei. “Mas não serviria de nada comunicar-te essa ideia. Se te dissesse que ela não te ama, não acreditaria.”

– Por que ficou calada? – ele perguntou, olhando-me. – Suponho que não terá boas notícias a me dar. Não importa. Se ela sente por mim frieza e aversão, é sinal de que eu não a mereço.

– Duvida de si? Considera-se inferior ao coronel De Hamal?

– Amo Miss Fanshawe muito mais do que De Hamal ama qualquer ser humano, e estimá-la-ia e guardá-la-ia muito melhor que ele. A respeito desse De Hamal, receio que ela esteja iludida, conheço seu caráter, todos os antecedentes, todos os defeitos. Não é digno da sua formosa amiga.

– A minha formosa amiga devia saber disso e saber e sentir quem é digno dela – disse. – Se a beleza ou o cérebro não lhe servem para isso, merece a dura lição da experiência.

– Não está sendo muito severa?

– Sou excessivamente severa, mais severa do que quero mostrar-me. Deveria ouvir as censuras com que eu mimoseio a minha formosa amiga, só assim ficaria chocado com a minha falta de terna consideração pela sua delicada natureza.

– Ela é tão adorável, que não se pode senão ser amável para com ela. A senhora... todas as mulheres mais velhas que ela... devem sentir por aquela fada tão simples, tão inocente, tão infantil, uma espécie de amizade natural. Gracioso anjo! O seu coração não se entenece por ela quando ela confia aos seus ouvidos as suas puras e infantis confidências? Quem me dera ter o seu privilégio! – e suspirou.

– Eu corto essas confidências um tanto abruptamente de vez em quando – disse. – Mas, desculpe-me, doutor John, posso mudar de assunto por um instante? Que pessoa divina é aquele De Hamal! Que nariz, que perfeição! Ainda que se modelasse um de massa ou barro, não se poderia fazer melhor, mais reto, mais puro e, depois, aqueles lábios e queixo clássicos e o porte... sublime!

– De Hamal é um grande velhaco, além de ser um covarde.

– O senhor, doutor John, e todos os homens menos belos devem sentir por ele uma espécie de afetuosa admiração, tal como Marte e as divindades mais grosseiras deveriam ter nutrido pelo jovem e gracioso Apolo.

– Um fantoche, boneco e jogador sem princípios! – tornou o doutor John, – que eu podia levantar pelo cinto com uma mão e atirar à sarjeta, se quisesse.

– Aquele doce serafim! – exclamei eu. – Que cruel ideia! Não está sendo um tanto severo, doutor John?

Fiz a analogia entre Ginevra e De Hamal. Ele que refletisse e chegasse à conclusão que quisesse. Pela primeira vez nessa noite, talvez, eu tenha exagerado, arriscando-me além dos meus hábitos naturais, falando aquilo que eu considerava com um ímpeto improvisado e impulsivo, o qual havia me impressionado estranhamente quando detive para refletir.

Ao levantar-me de manhã, poderia eu prever que, antes da noite, teria representado o papel de um apaixonado num *vaudeville* e que, uma hora depois, discutia francamente com o doutor John os seus amores infelizes e zombaria das suas ilusões? Não previa mais esses fatos do que uma viagem num balão ou uma ao Cabo Horn.

O doutor e eu caminhamos até ao fim do corredor e, quando voltávamos o reflexo da janela lhe iluminou a face; sorria, mas o seu olhar era melancólico. Como eu desejava que ele sentisse alegria! Quanto me custava que ele sofresse e por semelhante motivo! Ele, com as suas grandes qualidades, amava em vão! Eu não sabia, então, que a tristeza é o melhor sentimento para alguns espíritos, nem refleti que algumas ervas, embora inodoras quando inteiras, exalam perfume quando esmagadas.

– Não fique triste – disse eu, por fim. – Se há em Ginevra uma sombra de merecimento pela sua afeição, ela há de sentir, em troca, afeto pelo senhor. Tenha coragem, esperança, doutor John. Quem há de ter esperança se não a tiver o senhor?

Em resposta a este discurso, recebi – como, por certo, merecia – um olhar de surpresa e creio que também de reprovação. Separamo-nos e eu entrei em casa muito desanimada. Os relógios e os sinos já marcavam meia-noite. As pessoas começavam a ir embora. A festa acabara. As luzes morriam. Mais uma hora e todos os habitantes do *pensionnat* estariam às escuras e silenciosos. Deitei-me, mas não dormi. Não era fácil conciliar o sono depois de tantas emoções.

CAPÍTULO XV

Férias Longas

Após a festa de Madame Beck, com suas três semanas anteriores de relaxamento, as suas breves doze horas de alegria e hilaridade e seu primeiro dia subsequente de languidez absoluta, veio um período de reação: dois meses de verdadeiro trabalho e de estudo severo. Estes dois meses, os últimos do ano letivo, eram, de fato, os únicos meses de autêntico trabalho. Para eles fora procrastinado, neles concentrados, tanto para professores quanto para alunas, a mais pesada carga de preparação para os exames que precediam a distribuição de prêmios.

As candidatas tinham, então, de trabalhar sério para receber as recompensas. As professoras tinham que se empenhar a fundo para exortar as atrasadas e ajudar diligentemente as mais promissoras. Tinha que ser organizada uma vistosa exposição para o público e todos os meios eram justos para esse fim.

Eu mal notava como as outras professoras trabalhavam, pois eu tinha que me preocupar com os meus próprios afazeres. A minha tarefa não era menos onerosa, pois tinha que introduzir, em cerca de noventa cérebros, a dose necessária daquilo que elas consideravam a mais complicada e difícil das ciências, o idioma inglês, e de exercitar noventa línguas no que era, para elas, uma pronúncia quase impossível – os ceceios e assobios dentais da minha língua materna.

O dia do exame chegava. Dia terrível! Para ele, elas se preparavam com ansioso cuidado, vestiam-se com silenciosa brevidade. Nada de vaporoso, nada de gases brancas e flâmulas azuis: o grave e o sério predominavam na *toilette*. Julgava-me, nesse dia, particularmente condenada – pois a principal parte do julgamento caía apenas sobre mim, de entre todas as professoras do sexo feminino. As outras não tinham as suas disciplinas examinadas. O professor de literatura, *Monsieur* Paul, tomava para si essa tarefa. Ele, um autocrata escolar, reunia todas as rédeas em sua mão e rejeitava colaboração de qualquer colega, pois não

queria auxílio. A própria Madame, que, evidentemente, desejava participar da avaliação de Geografia, sua disciplina favorita, que ela ensinava muito bem, era forçada a subordinar-se à direção de seu despótico parente. Ele colocava à parte todo o corpo docente e ficava sozinho no estrado do examinador. Contrariava-o ter que fazer uma exceção a esta regra. Contudo, ele não estava habilitado a fazer as avaliações de inglês. A contragosto foi obrigado a deixar essa disciplina nas mãos da professora de inglês, o que ele fez, não sem um lampejo de ingênuo ciúme.

Uma constante cruzada contra o amor próprio de todos os seres humanos, exceto ele mesmo, era a excentricidade deste homem inteligente, porém feroz e autoritário. Ele tinha uma forte paixão pela representação pública na sua pessoa, mas uma extrema aversão pela mesma em qualquer outro. Dominava, oprimia, quando podia e quando não podia, fumegava como uma tempestade engarrafada.

Na noite anterior ao exame, eu estava passeando no jardim, assim como as outras professoras e todas as internas, quando *Monsieur* Paul Emanuel se juntou a mim no beco. Trazia o charuto em seus lábios e o seu paletó – uma peça de vestuário muito característica e sem qualquer corte especial – que pendia, negro e ameaçador. A borda da boina grega caía-lhe sobre a sua têmpora esquerda. O seu bigode preto frisava como os de um gato enfurecido e uma pequena nuvem cobria o brilho de seus olhos azuis.

– *Ainsi* – começou ele, abruptamente, detendo-me e enfrentado-me – *Vous allez trôner comme une reine, demain... trôner à mes côtés? Sans doute, vous savourez d'avance les délices de l'autorité. Je crois voir en vous je ne sais quoi de rayonnante, petite ambitieuse!* [172]

O fato, porém, é que ele estava totalmente enganado. Eu não apreciava – não podia apreciar – a admiração ou a boa opinião da audiência na manhã seguinte na mesma medida que ele. Se nesse auditório houvesse para mim amigos pessoais e conhecidos como para ele, não sei como seria: falo do caso tal como ele apresentava. Os triunfos escolares lançavam sobre mim apenas uma vaga claridade. Eu me perguntava – me perguntava agora – como é que para ele pareciam brilhar com um estranho fulgor? Ele se preocupava com eles, talvez, demais, eu, provavelmente, muito pouco. No entanto, eu tinha as minhas

extravagâncias assim como ele. Eu gostava, por exemplo, de ver *Monsieur* Emanuel com ciúmes. Como o ciúme iluminava e despertava o seu espírito! Lançava toda espécie de luzes estranhas e sombras na sua face e em seus olhos azuis-violeta (ele costumava dizer que o seu cabelo preto e os olhos azuis eram *une de ses beautés*).^[173] Havia um prazer na sua ira: era ingênua, sincera, bastante razoável, mas nunca hipócrita. Eu não protestei, então, de qualquer modo contra a satisfação que ele me atribuía. Limitei-me a perguntar em que altura seria o exame de inglês – se no início ou no fim do dia.

– Eu hesito – disse ele – entre o início, quando muitas pessoas estão ainda por chegar e, portanto, não será gratificada por um grande público, ou no final, quando todos estarão fatigados e lhe prestarão apenas uma vaga atenção.

– *Que vous êtes dur, Monsieur!* ^[174] – disse eu, afetando despeito.

– Eu preciso ser duro com a senhorita. É um daqueles seres que devem ser oprimidos. Eu sei quem você é! Eu a conheço! As outras pessoas desta casa quando a veem passar, julga que passou uma sombra incolor. Quanto a mim, eu examinei o seu rosto e isso me bastou.

– Está satisfeito por me conhecer?

Sem responder diretamente, ele prosseguiu: – A senhorita não ficou satisfeita quando se saiu bem naquele *vaudeville*? Eu a observei e vi na sua fisionomia um ardor apaixonado pelo triunfo. Que fogo no seu olhar! Não era apenas luz, mas uma chama. Considerei-me advertido.

– Todo o sentimento que eu tinha naquela ocasião, *Monsieur* e, perdoe-me se eu disser que *Monsieur* exagera imensamente, tanto em qualidade, mas também em quantidade, aliás, foi bastante abstrato. Eu não me interessava no *vaudeville*. Eu odiei o papel que me atribuiu e não tinha a menor simpatia pelo público abaixo do palco. Eram boas pessoas, sem dúvida, mas acaso eu as conhecia? Significavam alguma coisa para mim? Posso ter algum interesse em ser submetida à sua visão novamente? Acha que o exame será para mim mais que uma tarefa qualquer do meu trabalho? Um trabalho que eu desejaria ver passado, sem dúvida.

– Quer que lhe retire esse trabalho?

– De todo o meu coração, se não tem medo de um fiasco.

– Mas, eu tenho. Sei apenas três frases em inglês e algumas palavras: Por exemplo: *de sonn, de mone, de stares* ^[175] – está bem dito?

A minha opinião é que seria melhor colocá-la inteiramente à parte. Não fazer exames de inglês. Que tal?

– Se *Monsieur* consentir, eu consinto.

– Cordialmente?

– Muito sinceramente.

Ele pôs-se a fumar seu charuto em silêncio. Depois, virou-se bruscamente.

– *Donnez-moi la main* [176] – disse ele e o despeito e o ciúme desapareceram-lhe da face, dando lugar a uma generosa simpatia.

– Venha, não seremos rivais. Vamos ser amigos – ele prosseguiu. – Os exames serão realizados e eu vou escolher um bom momento. E, em vez de perturbá-la e prejudicá-la, como eu me sentia meio inclinado há dez minutos, pois tenho o meu mau gênio, sempre tive, desde a infância, vou ajudá-la sinceramente. Afinal de contas, a senhorita está aqui solitária, é estrangeira e tem de tratar da sua vida e ganhar o seu pão. É justo que se torne conhecida. Seremos amigos. Concorda?

– De todo o meu coração, *Monsieur*. Aprecio muito mais um amigo do que um triunfo.

– *Pauvrette!* [177] – exclamou ele e partiu.

Os exames correram bem. *Monsieur* Paul cumpriu a sua palavra e fez o seu melhor para simplificar a minha tarefa. No dia seguinte, foi a distribuição os prêmios, que também passou. As alunas foram para casa, a escola fechou suas portas e começaram as longas férias.

Que férias! Será que em algum dia eu as esquecerei? Creio bem que não. Madame Beck partiu logo no primeiro dia para se juntar às suas filhas no litoral. Todas as professoras tinham pais, parentes ou amigos com quem se refugiaram e deixaram a cidade. Alguns foram para Paris, outros para *Boue Marine* e *Monsieur* Paul partiu em uma peregrinação a Roma. A casa ficou quase vazia. Apenas eu, uma criada e uma pobre aluna, aleijada e imbecil, uma espécie de cretina, a quem a madrastra, que vivia em uma província distante, não a queria em casa.

O meu coração quase morreu dentro de mim. Saudades e anseios miseráveis retesavam seus acordes. Como estava distante o mês de setembro! Que silêncio mortal! Quão grande e vazio parecia o edifício desolado! Que triste e sombrio estava o jardim abandonado, cinzento agora com a poeira do verão! Olhando para o futuro, no início dessas oito

semanas, eu mal sabia como viveria até o fim. O meu ânimo há muito vinha esmorecendo gradualmente e, agora, sem a escora do trabalho, decaía rapidamente. Nem sequer olhar para adiante podia dar-me esperanças: o futuro, mudo, não falava de nenhum conforto, não fazia promessas, não dava nenhum incentivo para suportar o mal presente na expectativa de algum bem. Uma triste indiferença pela vida, dolorosa, muitas vezes me oprimia a existência – uma desesperada resignação para alcançar, em breve, o fim de todas as coisas terrenas. Ai de mim! Quando eu tive que olhar para a vida como a vida deve ser encarada por um ser como eu, achei-a apenas um deserto sem esperança: areias flamejantes, sem campos verdes, sem palmeiras, sem poço à vista. A esperança que é querida à mocidade, que a anima e a guia, eu não a conhecia e nem ousava conhecê-la. Se, por vezes, ela batia ao meu coração, uma barreira íntima tinha que ser inospitadamente oposta à sua admissão. Quando, assim, repelida, ela se afastava, lágrimas bem tristes corriam por vezes, mas assim tinha que ser. Eu não ousava dar guarida a semelhante hóspede, e, mortalmente, temia o pecado e a fraqueza da presunção.

Leitor religioso, você vai pregar para mim um longo sermão sobre o que acabo de escrever, e você, também, moralista; e você, sábio severo; o estoico vai franzir a testa; o cínico zombará; o epicurista rirá. Pois bem, que cada um tome o caso ao seu modo. Aceito o sermão, a carranca, a zombaria e o riso. Talvez, todos tenham razão; e, talvez, nas minhas circunstâncias, tal como eram, nenhum de vocês a tivesse. O primeiro mês foi para mim, com efeito, um longo mês, pesado e negro.

A cretina não parecia infeliz. Eu fiz o meu melhor para alimentá-la e agasalhá-la e ela só pedia comida e sol ou, quando ele faltava, o fogo. As suas débeis faculdades agravavam a inanição. O seu cérebro, os olhos, os ouvidos, o coração dormiam contentes. Não poderia acordar para o trabalho, a letargia era o seu paraíso.

Três semanas dessas férias foram bem quentes, bonitas e secas, mas a quarta e a quinta foram tempestuosas e úmidas. Não sei por que razão essa mudança atmosférica me fez uma cruel diferença; por que a fúria da tempestade e a chuva fustigante me causaram uma depressão que me esmagou com uma mortal paralisia, mais forte do que a que eu tinha experimentado enquanto o tempo permaneceu sereno. Mas, assim foi e o meu sistema nervoso mal podia suportar o que tinha por muitos dias e

noites sofrido naquele casarão enorme e vazio. Quanto eu pedia aos céus consolo e amparo! A convicção de que o destino era meu permanente inimigo e jamais poderia ser aplacado apoderou-se fortemente de mim.

O meu coração, porém, não pedia a misericórdia ou a justiça de Deus por isto. Concluí que fazia parte de Seu grande plano que alguns deviam sofrer profundamente, enquanto vivessem, e estremecia na certeza de que eu pertencia a esse número.

Foi um alívio quando uma tia da cretina, uma boa e idosa senhora, veio um dia e levou consigo a minha estranha e disforme companheira. A criatura infeliz tinha sido, por vezes, uma carga pesada; não podia levá-la para além do jardim e não podia deixá-la sozinha um minuto, pois o seu pobre espírito, como o seu corpo, também estava deformado: a sua propensão era para o mal. Possuía uma vaga tendência para a travessura, uma maldade sem intenção tornava indispensável uma vigilância constante. Como ela raramente falava, sentava-se por hora a fio deprimida e distorcendo suas feições com caretas indescritíveis. Acompanhá-la era mais como estar presa com algum estranho animal indomado do que na companhia de um ser humano.

Havia outras atenções pessoais a serem prestadas a ela que exigiam nervos de uma enfermeira de hospital, diante das quais a minha coragem fora posta à prova e eu me sentia, por vezes, doente. Esses deveres não deviam ter se recaído sobre mim; uma criada, também ausente, encarregava-se dela até então. Todavia, na pressa da partida para as férias, não fora arranjada substituta para preencher o cargo. Contudo, eu não tive escolha, não podia abandoná-la à própria sorte. Tinha que aceitar o que me fora imposto e não fazer nenhum julgamento, ou, se na fraqueza o fizesse, talvez o tenha feito por conhecer a vida o mínimo possível. Mesmo não querendo queixar-me, eu tive que admitir que a carga era grosseira e desagradável para minhas débeis forças. O meu sofrimento mental era penoso, fatigante e tirava-me a vontade de tomar uma refeição e obrigava-me a ir para o ar livre, para junto do poço ou da fonte. Embora causticante, nunca me torturou o coração, me umedeceu os olhos ou me queimou as faces com lágrimas ardentes como metal fundido.

Uma vez ausente a minha carga, eu podia sair e passear. No começo eu não tinha coragem de me aventurar para longe da *rue Fossette*. Aos poucos, porém, ultrapassei os portões da cidade, vagueando por calçadas,

através dos campos distantes, além de cemitérios católicos e protestantes, quintas, vielas, fazendas e pequenos bosques, não sei onde mais. Um agulhão me empurrava, uma espécie de febre vedava-me o descanso. A falta de companhia mantinha na minha alma uma ânsia como uma fome mortal. Caminhava, por vezes, todo o dia, através do meio-dia ardente, da árida tarde, do crepúsculo e retornava com a lua que nascia.

Enquanto vagueava na solidão, costumava, por vezes, imaginar a situação atual dos outros, meus conhecidos. Via Madame Beck em um alegre balneário com suas filhas, sua mãe e uma tropa de amigos que tinha procurado o mesmo lugar de repouso. Zélie St. Pierre estava em Paris com os seus parentes. Os outros professores estavam em suas casas. Havia Genevra Fanshawe, a quem certamente alguém de suas relações a tinha levado em uma agradável viagem pelo Sul. Genevra parecia a mais feliz. Ela estava na rota de belas paisagens: o sol de setembro brilhava para ela em planícies férteis, onde amadureciam as searas e as vinhas. Esta lua de cristal e ouro nascia para ela sobre horizontes azuis, recortados em linhas de montanhas verdejantes.

Mas, tudo isso não era nada. Eu também sentia aqueles sóis e luas de outono e quase desejava estar coberta de terra e grama, longe da sua influência, porque eu não podia viver à sua luz, nem torná-los meus companheiros, nem conceder-lhes afeto. Genevra, porém, tinha um tipo de espírito capaz de lhe dar força constante e conforto para alegrar a luz do dia e adoçar a escuridão. O melhor dos anjos que guardam a humanidade abrigava-a com as suas asas e protegia-lhe a cabeça com o seu dossel em forma de dobra. Genevra era seguida pelo verdadeiro amor: nunca ela poderia ficar sozinha. Era insensível a esta presença? Parecia-me impossível e eu não podia admitir semelhante insensibilidade. Imaginei-a secretamente grata, amando agora com reserva, mas propondo-me um dia mostrar o quanto ela amava. Imaginei o seu fiel herói meio consciente de seu recatado carinho e confortado por essa consciência. Concebi uma corrente de simpatia entre eles, uma fina cadeia de entendimento mútuo, sustentando a união através de uma separação de cem léguas, levando, através de montes e vales, a comunicação pela oração e desejo. Dessa forma, Genevra, gradualmente, tornou-se para mim uma espécie de heroína. Um dia, apercebendo-me dessa crescente ilusão, eu pensei: “Eu realmente acredito que os meus nervos estão extenuados. O meu espírito

sofreu demasiado e uma doença está crescendo dentro de mim. O que devo fazer? Como hei de curá-la?”

Na verdade, não havia maneira de curá-la dadas as circunstâncias. Por fim, um dia e uma noite de depressão, particularmente agonizante, foram sucedidos por uma doença física. Tive que, forçosamente, recolher-me ao leito. Neste tempo terminou o verão de São Martinho e iniciaram as tempestades do equinócio. Durante nove dias escuros e chuvosos, cujas horas correram turbulentas, surdas, desgrenhadas, desnorteadas pelo soar do furacão, ali estive em uma estranha febre dos nervos e do sangue. O sono desapareceu por completo. Eu costumava levantar de noite, olhar em volta e pedir-lhe ansiosamente que voltasse. A resposta era o chacoalhar de uma distante janela ou o silvo de uma rajada, porém a insônia permanecia. Minto. O sono veio certa noite, porém zangado. Enfurecido pela minha impaciência e insistência e trouxe com ele um sonho vingador. Pelo relógio de *St. Jean Baptiste*, esse sonho durou escassos 15 minutos – breve espaço, mas suficiente, no entanto, para fazer estremecer todo o meu ser com uma angústia desconhecida e para me proporcionar uma experiência sem nome, que tinha o matiz, o semblante, o terror, o tom de uma visitação da eternidade. Entre a meia-noite e uma da madrugada, forçou-me aos lábios uma taça negra, forte, estranha, não tirada de um poço, mas cheia e fervendo, de um mar sem fundo e sem limites. O sofrimento, fabricado em medida temporal ou calculado, levado aos lábios mortais, não tem o gosto daquele sofrimento experimentado. Depois de beber e de acordar, julguei que tudo estava acabado. Tremendo terrivelmente, à medida que a consciência voltava, disposta a gritar para que alguém me acudisse, mas sabendo que ninguém me atenderia – Goton estava no sótão distante e não podia me ouvir – ajoelhei na cama. Algumas horas pavorosas passaram. O meu espírito estava indescritivelmente rasgado, oprimido e mortificado. Em meio aos horrores desse pesadelo, parecia que os mortos, bem-amados, que me tinham amado em vida, me encontravam em qualquer lugar como uma estranha, eu havia perdido o afeto até daqueles que um dia me amaram. Uma indivisível sensação de desespero sobre o futuro me atormentava. Não havia nenhum motivo para que eu tentasse recuperar-me ou desejasse viver. E, contudo, era insuportável a voz impiedosa e arrogante com que a morte me desafiava a defrontar os seus terrores desconhecidos. Quando

eu tentei orar, só pude pronunciar estas palavras: “Desde a minha infância que tenho sofrido os seus terrores com um espírito perturbado.” O que era verdadeiro.

Na manhã seguinte, ao trazer-me o chá, Goton insistiu para chamar um médico. Eu não queria. Acreditava que nenhum médico poderia me curar.

Uma tarde – e eu não estava delirando, porém no meu perfeito juízo – levantei-me fraca e trêmula e vesti-me. Eu não podia suportar por mais tempo a solidão e o silêncio do dormitório: os lívidos leitos brancos começaram a se transformar em espectros para mim. A grinalda por cima de cada cama parecia uma enorme caveira, branqueada pelo sol, em cujas largas órbitas jaziam, gelados, os mortos de um presbitério.

Naquela noite, tornou-se mais firme do que nunca em minha alma a convicção de que o destino era de pedra e a esperança, um falso ídolo, sem sangue, cega e com o coração de granito. Sentia, também, que a provação que Deus me tinha destinado atingia agora seu clímax e devia ser afastada pelas minhas próprias mãos febris, fracas, trêmulas como estavam. Ainda chovia e ventava, porém com menos violência. Pensei que fora assim durante todo o dia. Caía o crepúsculo e eu considerava a sua influência inigualável. Pela janela, vi aproximarem-se as nuvens da noite. Parecia que àquela hora havia afeição e simpatia, que lá em cima no céu, por todas as dores sofridas aqui embaixo na terra, o peso do meu horrível sonho se aliviara. Aquele pensamento insuportável de não ser mais amada cedeu um pouco à esperança do contrário. Tive a certeza de que essa esperança brilharia mais se eu saísse de debaixo daquele telhado, que estava me esmagando como a laje de um túmulo, e fosse para fora da cidade para uma colina tranquila, se eu desse um longo passeio por um caminho entre os campos.

Coberta com uma capa (eu não poderia estar delirando, pois tive o bom senso de colocar um agasalho), parti. Os sinos de uma igreja me detiveram ao passar. Pareciam me chamar para o *salut* e entrei. Qualquer rito solene de sincera adoração, qualquer oportunidade de apelar para Deus era, então, tão bem-vinda para mim, como um pedaço de pão para um necessitado. Ajoelhei-me com os outros sobre o pavimento de pedra. Era uma antiga igreja solene, não dourada, mas que a luz do sol, lançada pelos vitrais, a tingia de púrpura.

Eram poucos os fiéis e, terminado o *salut*, metade deles partiu. Logo descobri que aqueles que restavam ficaram para a confissão. Não me mexi. Todas as portas da igreja foram cuidadosamente fechadas. Pairou uma calma sagrada e um tom solene nos invadiu. Após um pequeno intervalo, passado em oração, uma penitente se aproximou do confessor. Eu assisti. Ela declarou suas culpas, recebeu em sussurro de volta a absolvição, e voltou consolada. Depois foi outra e mais outra. Uma senhora pálida, ajoelhando-se perto de mim, disse, em voz baixa e amável: – Vá você agora, eu não estou ainda preparada.

Mecanicamente obediente, levantei-me e fui. Eu sabia o que ia fazer; o meu espírito vira tudo com velocidade de um relâmpago. Dar aquele passo não poderia me fazer mais desgraçada do que eu já estava e podia me confortar.

O padre, dentro do confessor, nunca voltou os olhos para me ver. Ele, calmamente, inclinava seu ouvido para meus lábios. Talvez fosse um bom homem, mas aquilo se tornara uma espécie de hábito, que ele praticava com a fleuma de um costume. Eu hesitei. Ignorava a fórmula da confissão. Em vez de começar com o prelúdio usual, disse apenas: – Meu padre, sou protestante.

Ele voltou-se imediatamente. Ele não era um sacerdote vulgar, dessa classe cujas feições eram, quase sempre, grosseiras. Eu vi pelo seu perfil e frente que era francês. Embora de cabelos brancos e avançado em anos, não lhe faltavam, creio, sensibilidade nem inteligência. Perguntou-me, sem rudeza ou maldade, por que, sendo protestante, viera procurá-lo?

Eu disse que estava morrendo por uma palavra de conselho ou de conforto. Que tinha vivido, durante algumas semanas, completamente só; que estava doente; que tinha no meu espírito aflições, cujo peso dificilmente suportaria por mais tempo.

– Foi um pecado, um crime? – ele perguntou um tanto sobressaltado. Tranquelizei-o nesse ponto e, da melhor maneira que pude, expus-lhe, de modo geral, a minha aventura.

Ele pareceu pensativo, surpreendido e intrigado. – Apanha-me desprevenido – disse ele. – Não tenho tido perante mim casos como o seu. Normalmente, conhecemos a nossa habitual rotina e estamos preparados, mas o seu caso fez uma grande ruptura no curso comum das confissões. Não sei se terei conselhos adequados às suas circunstâncias.

Evidentemente, eu não esperava que ele os tivesse, mas o simples alívio de transmiti-los a ouvidos sensíveis e humanos, ainda consagrados – o simples vaziar de uma dor há muito tempo acumulada e reprimida em um vaso de onde não poderia ser novamente difundida – fez-me bem. Eu já estava mais confortada.

– Devo ir embora, meu padre? – perguntei, ao ver que ele se sentava em silêncio.

– Minha filha – respondeu ele, bondosamente. Estou certa de que ele era um homem bom. Tinha olhos compassivos. – Creio que, por agora, é melhor você ir. Mas, saiba que as suas palavras me impressionaram. A confissão, como as outras coisas, é capaz de tornar-se formal e trivial com o hábito. No entanto, você veio e derramou seu coração, uma coisa raramente feita. De bom grado eu pensaria no seu caso e levaria para o meu oratório. Se fosse da nossa fé, eu saberia o que haveria de dizer-lhe: uma alma assim inquieta só pode encontrar repouso no seio da renúncia e na prática pontual da devoção. O mundo, é bem sabido, não tem remédio para os temperamentos como o seu. Santos homens têm levado os penitentes como a senhora a apressar o seu caminho para o alto com abnegação e a prática das boas e difíceis obras. Neste mundo são lhe dadas lágrimas por comida e bebida; pão da aflição e água de sofrimento. A recompensa vem no outro mundo. É minha convicção que essas impressões que a fazem sofrer são mensageiras de Deus para levá-la para a verdadeira Igreja. Vejo que foi feita para a nossa fé, minha filha. Creia que só ela poderia curá-la e ajudá-la. O protestantismo é demasiadamente seco, frio e prosaico para você. Quanto mais penso nisto, mais claramente vejo que está totalmente fora da ordem natural das coisas. Em nenhuma circunstância quero perdê-la de vista. Vai, minha filha, por agora, mas voltará para mim de novo.

Levantei-me e agradei. Eu estava retirando-me quando ele fez sinal para que eu retornasse.

– Não deve voltar a esta igreja – disse ele. – Vejo que você está doente e este templo é muito frio. Vá a minha casa. Eu moro... (ele me deu seu endereço). Vá lá amanhã de manhã, às dez.

Em resposta, apenas inclinei a cabeça, puxando para baixo o véu, enrolando-me na capa, sai.

Julgas, leitor, que pensei em aventurar-me novamente àquele digno

padre? Tanto quanto teria pensando em ir para a fornalha da Babilônia.

Aquele padre tinha armas que poderiam me influenciar: ele era naturalmente amável, dessa sentimental amabilidade francesa, a cuja suavidade eu sabia não ser totalmente impermeável. Sem respeitar esta espécie de afeição, dificilmente haveria alguma outra com raiz na realidade a que eu tivesse força para resistir. Se eu tivesse ido ele teria me mostrado tudo o que se entenece, reconforta, consola na honesta superstição da sua fé. Em seguida, tentaria acender, explodir e provocar em mim a paixão pelas boas obras. Eu não sei como teria terminado. Todos nós julgamo-nos fortes em alguns pontos, e todos nós sabemos das nossas fraquezas em tantos outros. O que é possível é que, se eu tivesse visitado o n° 10 da *rue des Mages*, no dia e hora marcados, estivesse agora, em vez de escrever esta narrativa herege, a contar as contas do meu rosário na cela de um convento Carmelita no *Boulevard Crécy*, em *Villette*. Tinha qualquer coisa de Fénelon aquele benigno e idoso padre; e, independentemente do que possa ser a maior parte de seus irmãos; independentemente do que eu possa pensar da sua Igreja e do seu credo, para sempre guardarei dele uma grata recordação. Ele foi gentil quando eu precisava de carinho, ele me fez bem. Que o Céu o abençoe!

O crepúsculo transformara-se em noite e as luzes das ruas tinham sido acesas antes que eu saísse daquela sombria igreja. Voltar tornara-se possível para mim. Contudo, o desejo selvagem de respirar ar puro sobre a pequena colina distante dos muros da cidade havia deixado de ser um impulso imperativo e abrandara-se num apetite que a razão podia contrariar. Assim ela fez e eu voltava à *rue Fossette*. Mas, antes me embrenhara em uma parte da cidade com a qual eu não estava familiarizada: era a parte antiga, cheia de ruas estreitas e de casas pitorescas e abandonadas que se diriam prestes a desmoronar-se. Eu estava muito fraca para estar composta e demasiado indiferente ao meu próprio bem-estar para ser cautelosa. Atrapalhei-me e emaranhei-me numa rede de ruas desconhecidas. Eu estava perdida e não tinha resolução para pedir orientação a qualquer transeunte que me guiasse.

Se a tempestade se acalmasse um pouco ao pôr do sol, recuperaria o tempo perdido. O vento soprava horizontalmente com força, numa corrente de noroeste para sudeste e trazia a chuva como um borrifo, e, por vezes, com uma rajada de granizo, afiada como um tiro, gelada, que me

chegava aos ossos. Eu curvava para defrontá-lo, pois fustigava a minha cabeça, mas ele rebatia de volta. O meu coração, porém, não falhou em todo este conflito. Eu apenas desejava ter asas para ascender à ventania, correndo com ela, no seu curso, varrendo onde ela varria. Embora desejando isso, de repente senti mais frio e senti-me mais impotente onde antes era fraca. Tentei alcançar o portal de um grande edifício que estava próximo, mas a massa da fachada e da torre gigante desapareceu dos meus olhos. Em vez de me deixar cair sobre os degraus, como tencionava, pareceu-me que fui tragada, de cabeça para baixo, num abismo. Não me lembro de mais nada.

CAPÍTULO XVI

Auld Lang Syne¹

Para onde foi a minha alma durante esse desmaio, não posso dizer, pois eu não sei. Tudo o que ela viu, por onde quer que tenha viajado em seu transe naquela estranha noite, ela manteve em seu próprio segredo.

Nunca sussurrou uma só palavra à memória e iludiu a desconcertante imaginação, mas manteve-se em silêncio indissolúvel. Talvez tenha subido e avistado a sua eterna morada na esperança de que lhe fosse concedido descansar de imediato – acreditando que a sua dolorosa união com a matéria estava finalmente dissolvida. Enquanto ela assim considerava, um anjo pôde tê-la tirado da porta do paraíso e guiado-a para baixo, dolorosa e chorosa, mas, mesmo assim, forçado a entrar de novo, trêmula e contrariada, neste pobre corpo, frio e gasto, de cuja companhia ela se sentia cada vez mais fadigada.

O que sei é que ela retornou à sua prisão com sofrimento, relutância, com um gemido e um longo arrepio. Os companheiros divorciados, o espírito e a matéria, não queriam se unir de novo: eles se cumprimentaram, não com um abraço, mas numa espécie de luta atormentada. O sentido da visão voltou-me, vermelho, como se nadasse em sangue; o do ouvido precipitou-se como um trovão; a consciência reviveu apavorada. Sentei-me atônita, querendo saber em que região, entre que estranhos seres eu acordava. A princípio, eu não reconhecia nada daquilo para onde eu olhava: uma parede não era uma parede; um candeeiro não era um candeeiro. Teria compreendido tão bem o que chamamos de fantasma, assim como eu compreendia o mais comum dos objetos: o que é outra maneira de dizer que tudo aquilo em que eu pousava os meus olhos golpeavam-me como spectral. Mas, as faculdades estabeleceram-se pouco a pouco. Cada uma no seu lugar e a máquina da vida retomou pouco depois o seu trabalho habitual e regular.

Ainda assim, eu não sabia onde estava. Passado algum tempo, eu vi que tinha sido removida do local onde caíra. Não estava mais no pórtico, a noite e a tempestade estavam afastadas por paredes, janelas e um teto. Eu tinha sido

levada para alguma casa, mas qual?

Eu só podia pensar no *pensionnat* da *rue Fossette*. Ainda meio a sonhar, esforcei-me para descobrir para que sala ou quarto tinham me colocado: se no dormitório grande, se para alguns dos menores. Fiquei intrigada, pois eu não podia fazer concordar o mobiliário que eu via com o meu conhecimento de qualquer um desses compartimentos. Faltavam as camas vazias brancas e a longa fila de largas janelas. “Certamente”, pensei, “não foi para o próprio quarto de Madame Beck que eles me trouxeram!” E, nesta altura, os meus olhos caíram sobre uma poltrona coberta com tecido damasco azul. Outras cadeiras, estofadas para combinar, me surgiram gradualmente; por fim, vi uma agradável sala de estar, com um fogão de lenha claro e brilhante; um grande tapete de arabescos azuis sobre o fundo creme-pálido, paredes sobre as quais corria uma guirlanda leve, uma infundável fileira de miosótis azuis entre canteiros de flores e de gavinhas douradas. Um espelho também dourado enchia o espaço entre as duas janelas, com amplas cortinas de damasco azul. Nesse espelho vi a minha imagem, deitada, não na cama, mas em um sofá. Parecia um espectro: os olhos maiores e mais encovados, o cabelo mais escuro do que era natural, em contraste com o rosto magro e pálido. Era óbvio, não apenas pela mobília, mas também pela posição das janelas, das portas e do fogão, que se tratava de uma sala desconhecida em uma casa ignorada.

Era pouco menos evidente que o meu cérebro não estivesse ainda em seu perfeito estado, porque, ao olhar para um caldeirão azul, pareceu-me familiar; assim como certo sofá e não menos a mesa de centro com um pano azul, bordado com folhagem outonal, e, acima de tudo, dois banquinhos para os pés, com coberturas bordadas e uma pequena cadeira moldada de ébano, cujo assento e encosto foram também bordados com flores claras em um fundo escuro.

Impressionada com essas coisas, continuei a minha exploração. Por mais estranho que se parecesse, eu estava rodeada de velhos conhecidos que falavam tudo sobre mim e o *Auld Lang Syne* sorria para mim de todos os cantos. Havia duas miniaturas ovais sobre a cornija da lareira, de que eu sabia de que cor eram as pérolas sobre as cabeças altas e empoeiradas, as gargantilhas de veludos que circundavam as gargantas brancas. Os volumes dos lenços de musselina, o padrão da renda das mangas de babados. Sobre as prateleiras, havia dois vasos de porcelana, algumas relíquias de um

diminutivo serviço de chá, tão suave quanto o esmalte e tão fino como casca de ovo, e um enfeite central branco, um grupo clássico de alabastro, protegido por uma redoma de vidro. De todas estas coisas eu poderia ter indicado as peculiaridades, numeradas as falhas, manchas ou fissuras, como qualquer vidente. Acima de tudo, havia dois painéis, com elaborados desenhos a lápis, perfeitos como uma gravura. Estes, até meus olhos doíam de contemplá-los, recordando horas que tinham seguido traço a traço, retoque por retoque, o lápis de uma menina de escola, fraca e franzina, seguro nestes dedos, agora tão cadavéricos.

Onde eu estava? Não só em que lugar do mundo, mas em que ano do meu Senhor? Aqueles objetos eram de dias passados e de um país distante. Há dez anos eu dissera-lhes adeus. Desde o meu décimo quarto ano nunca mais os tinha visto. Engoli em seco audivelmente: – Onde estou?

Um vulto, até então despercebido, se mexeu, levantou-se e avançou em minha direção. Uma figura que desarmonizava com o ambiente e servia apenas para complicar ainda mais o enigma. Esta não era mais que uma espécie de *bonne* nativa, uma criada, com uma touca vulgar e um vestido florido. Ela não falava nem francês nem inglês e eu não pude ter nenhuma informação, pois eu não compreendia o seu dialeto. Molhou-me a testa com um líquido fresco e perfumado, levantou a almofada em que eu me reclinava, fez sinais de que eu não devia falar, e retomou ao seu posto, aos pés do sofá.

Ela tricotava e com os olhos, assim, tirados de mim, eu podia observá-la sem interrupção. Perguntava, ansiosamente, a mim mesma como ela chegara até ali, ou o que ela tinha com aquele cenário e com os dias da minha infância e o que me espantava sobremaneira: o que teriam agora comigo aqueles dias e aquele lugar?

Muito fraca para perscrutar minuciosamente aquele mistério, tentei resolvê-lo, dizendo que era um engano, um sonho, um delírio febril. Eu sabia, contudo, que não podia haver engano, que eu não estava dormindo e suponha não ter febre. Desejava que a sala não estivesse tão bem iluminada, para que eu não pudesse ter visto as miniaturas, os adornos e a cadeira bordada. Todos esses objetos, assim como a mobília de damasco azul, eram, com efeito, exatamente os mesmos, até nos mínimos detalhes, como aqueles que tão bem me lembrava e com os quais eu havia sido tão completamente intimista, na sala de visita da casa da minha madrinha, em *Bretton*. Parecia-me que só a sala mudara, tendo agora diferentes dimensões.

Pensei em *Bedreddin Hassan*, transportado em seu sono, do Cairo às portas de Damasco. Teria algum gênio baixado a sua asa negra na tempestade, a cujo ímpeto eu sucumbira, e, apanhando-me dos degraus da igreja e levantando-me no ar, como dizia o conto oriental, levado por sobre a terra e o oceano, para me pôr sossegadamente ao lado de uma lareira na velha Inglaterra? Mas não, eu sabia que o fogo já não ardia perante os seus lares. Há muito se apagara e os deuses domésticos haviam sido levados para outra parte.

A criada voltou para examinar-me e vendo-me de olhos bem abertos, e, suponho, considerando minha expressão perturbada e excitada, largou o seu tricô. Eu a vi ocupada, por um momento, junto a uma pequena mesa. Derramou água em um copo, contou gotas de um frasco, e com o copo na mão, se aproximou de mim. Que droga tingida seria aquela que ela me oferecia? Que elixir misterioso ou mágico filtro?

Era tarde demais para perguntar. Eu tinha engolido passivamente e de uma só vez. Pensamentos tranquilos, doces vagueavam em meu cérebro, acariciando-o com tépidas ondulações, mais suaves que um bálsamo. A dor da fraqueza abandonou-me, minhas pernas, meus músculos dormiam. Perdi a força para me mover, ao mesmo tempo em que perdi o desejo e não era privação. A *bonne* colocou uma tela entre mim e o candeeiro; vi-a levantar-se para fazer isto, mas não me lembro de vê-la retornar ao seu lugar: no intervalo entre os dois atos, eu adormeci.

Ao acordar, tudo mudara novamente. A luz do dia rodeava-me; na verdade não era uma luz quente de verão, mas a luz frouxa do outono. Eu tinha certeza de que, agora, eu estava no *pensionnat* – certa pelo barulho da chuva batendo na janela e pelo silvo do vento entre as árvores, o que denotava um jardim externo; certa pelo frio, a brancura e a solidão que me rodeavam. Eu digo brancura, pois as cortinas de fustão de uma cama francesa me limitavam a vista.

Eu as ergui e olhei para fora. Os meus olhos preparados para encontrar uma sala comprida, grande e caiada, piscaram perplexos, ao encontrar a área limitada por um pequeno armário, paredes verde-mar; igualmente, em vez de cinco grandes janelas nuas, havia alta janela com cortinas de festões de musselina. Em vez de dúzias de lavatórios de madeira pintada, cada um com uma bacia e um jarro, havia um toucador, vestido, como uma dama para um baile, com um manto branco sobre uma saia rosa; em cima havia um grande

espelho e ornamentava-o uma pregadeira com uma linda almofada de renda. Este toucador, juntamente com uma pequena poltrona de *chintz* verde e branco e um lavatório de mármore e utensílios de louça verde-pálida, bastava para mobiliar o pequeno quarto.

Leitor, eu me senti assustada. Por quê? Você poderá perguntar. O que havia naquele quarto de dormir, simples e até bonito que pudesse alarmar o mais tímido? Apenas isto: estes artigos do mobiliário não podiam ser reais: sólidas poltronas, espelho e lavatório... Eram forçosamente os fantasmas de tais artigos, ou, se isto pudesse ser negado, como hipótese demasiado absurda, e, apesar de confusa como eu estava, neguei-o realmente. Restava concluir que eu estava num estado de espírito anormal. Em suma: eu estava muito doente e delirava. Mesmo assim, porém, o meu delírio era o mais estranho que jamais um doente tivera.

Reconheci – era obrigada a reconhecer – a chita verde e branca daquela cadeira; a própria cadeirinha confortável; a moldura esculpida negra e brilhante do espelho; o verde suave dos vasos de porcelana; o próprio lavatório com seu tampo de mármore cinza, estilhaçado em um canto. Tudo isso fui obrigada a reconhecer, como tinha reconhecido na noite passada, o pau-rosa, a tapeçaria, os estofados e a porcelana.

Bretton! Bretton! A minha infância brilhava refletida no espelho. Por que me persegue assim, *Bretton*? Os meus quatorzes anos vieram me assombrar? Por que, se eles vieram, por que não voltaram completos? Por que pairavam ante a minha visão destemperada apenas os móveis, enquanto as salas e a localidade haviam desaparecido? Quanto à almofada feita de cetim vermelho, ornamentada com contas douradas e fios de renda, eu tinha o mesmo dever de reconhecê-la que de reconhecer as telas. Eu tinha feito isso sozinha. Levantando-me do leito, sobressaltada, peguei na almofada e examinei-a. Lá estavam as letras: L.L.B, formadas com contas douradas e rodeadas por uma grinalda bordada em seda branca. Estas eram as iniciais do nome da minha madrinha: *Lonisa Lucy Bretton*.

“Estou na Inglaterra? Estou em *Bretton*?”, perguntei a mim mesma e, apressadamente suspendi a cortina da janela, olhei para fora para tentar descobrir onde eu estava, meio disposta a encontrar os calmos, velhos, elegantes edifícios e o pavimento cinzento e limpo da rua *St. Ann’s Street* e, ao fim da rua, as torres da catedral; ou, em caso contrário, esperando uma vista da cidade, uma rua em *Villette*, senão a rua de uma agradável e antiga

cidade inglesa.

Pelo contrário, por uma abertura da folhagem que rodeava a janela, olhei para uma planície cheia de relva, com árvores que subiam do terreno plano e perdiam-se de vista. Eram altas árvores como há muito tempo não via. Gemiam agora sob o vendaval de outono. Entre os seus troncos, distingui uma avenida onde as folhas amarelas jaziam em montes, ou rodopiavam solitárias diante do vento Oeste.

Qualquer que fosse a paisagem que estivesse mais além deveria ser plana e aquelas faixas fechavam-na. O lugar parecia isolado e era-me absolutamente estranho.

Deitei-me de novo. A minha cama ficava em um pequeno recanto no qual o meu rosto voltava-se para a parede. Dessa forma, o quarto, com seus alucinantes pertences, desaparecia da minha vista. Desaparecia? Não! Porque, quando eu mudei de posição, na esperança de não ver nada daquilo, eis que, no espaço verde entre as duas cortinas levantadas, uma larga moldura dourada, com um retrato desenhado, embora fosse apenas um esboço em aquarela, era uma cabeça, uma cabeça de um rapaz, fresca, viva e animada. Parecia um jovem de dezesseis anos, bonito, de pele clara e rosada, saudável, cabelo longo, claro e com um brilho ensolarado, olhos penetrantes, boca arqueada e um sorriso alegre. No conjunto, era uma imagem agradável de olhar, especialmente para aqueles que tivessem direito a afeição do rapaz – os pais, por exemplo, ou... Qualquer romântica mocinha da escola poderia até tê-la amado em sua moldura. Dir-se-ia que aqueles olhos, quando um pouco mais velhos, deveriam ceder ao amor com uma rapidez fulminante. Eu não posso dizer se havia neles o brilho constante da fidelidade, porque todos os sentimentos deveriam apoderar-se daquele jovem com excessiva facilidade. Os lábios faziam rezear, da maneira mais bela, decerto, porém havia neles uma tendência para o capricho e para a levandade.

Esforçando-me para aceitar cada nova descoberta o mais calmamente que pudesse, eu sussurrei para mim mesma: – Ah! Aquele retrato estava pendurado na sala de jantar, sobre a lareira, um pouco alto demais, pensava eu na época.

Lembro-me bem de como eu costumava subir ao tamborete do piano com propósito de desprendê-lo para segurá-lo em minhas mãos, examinando aqueles olhos alegres, cujo olhar, sob seus cílios, parecia um riso desenhado a lápis. Eu gostava muito de ver a coloração da sua face e a expressão da sua

boca. Eu não acreditava que a própria imaginação pudesse melhorar a curva daquela boca ou daquele queixo; até a minha ignorância sabia que ambos eram lindos e eu refletia perplexa, sobre uma dúvida: “como pode o que tanto encanta, ao mesmo tempo, causar tanta dor?”

Uma vez, a título de prova, peguei a pequena Miss Home e, levantando-a em meus braços, disse-lhe que olhasse para o retrato.

– Você gosta dele, Polly? – eu perguntei. Ela não respondeu, mas olhou-o por muito tempo e, finalmente, uma sombra perpassou seu olhar sensível:

– Ponha-me no chão – ela disse. Eu assim o fiz, dizendo a mim mesma: “A criança sente isso também.”

Em todas essas coisas eu pensava agora, acrescentando: “Ele tinha os seus defeitos, mas nunca encontrara outra natureza mais terna, generosa, sensível e impressionável.”

As minhas reflexões terminaram com um nome pronunciado de forma audível:

– Graham!

– Graham! – ecoou uma voz repentina atrás de mim. – Você quer ver o Graham?

Olhei. O mistério adensava-se. O meu espanto atingia o auge. Se era estranho ver na parede aquele bem lembrado retrato, mais estranho ainda era voltar-me e ver a também bem lembrada pessoa que estava na minha frente. Uma senhora real e concreta, alta, bem-vestida, trajando seda de viúva e uma touca que ficava bem aos seus olhos e cabelos. Era uma bela face: muito vincada agora, mas, denotava, contudo, inteligência e caráter. Estava um pouco mudada, um pouco mais severa e mais robusta. Mas era a minha madrinha: a visão distinta da senhora Bretton.

Mantive-me tranquila, embora internamente muito perturbada: meu pulso agitou-se e o sangue fugiu do meu rosto, que ficou frio.

– Senhora, onde estou? – eu perguntei.

– Em um lugar muito seguro. Está bem protegida, por agora; esteja inteiramente sossegada até ficar um pouco melhor. Você me pareceu muito doente nesta manhã.

– Eu estou completamente alucinada que eu não sei se posso confiar em meus sentidos, ou se eles estão enganando-me em todos os pormenores. Mas, a senhora fala inglês, não fala?

– Ainda bem que me perguntou isso. Custar-me-ia manter uma longa conversa em francês.

– Veio da Inglaterra?

– Cheguei de lá recentemente – ela respondeu em inglês e continuou: – Você está há muito tempo neste país? Creio que conhece meu filho?

– Eu? Talvez, minha senhora? O seu filho... aquele retrato ali? – apontei com a cabeça.

– Aquele é o retrato dele na juventude. Quando olhou para ele, você pronunciou seu nome.

– Graham Bretton? – pronunciei e ela assentiu com a cabeça.

– Eu falo com a senhora Bretton, vindo do condado de *Bretton*, em *Shire*?

– Muito bem. E você, segundo me disseram, é professora de inglês em uma escola estrangeira daqui. O meu filho a reconheceu como tal.

– Como me encontraram, minha senhora, e quem?

– O meu filho lhe contará isso – disse ela. – Neste momento, você está muito confusa e fraca para conversar. Tente comer e depois durma um pouco mais.

Não obstante tudo o que eu tinha sofrido – fadiga física, perturbação de espírito, exposição ao mau tempo – parecia que eu estava melhor. A febre, a doença real que me oprimia ia diminuindo; se bem que durante os últimos nove dias eu não tivesse comido nenhum alimento sólido e sofresse de sede contínua, naquela manhã, quando me ofereceram o café da manhã, senti o desejo de comer: uma fraqueza interna me fez querer, ansiosamente, saborear o chá que aquela senhora me oferecia e o pedaço de torrada seca que ela permitia por acompanhamento. Foi só um bocado, mas suficiente para me dar forças por mais duas ou três horas, quando a criada me trouxe uma pequena tigela de caldo de carne e um biscoito.

Quando a noite começou a chegar, como o vento não se cansasse de soprar e a chuva caísse torrencialmente, senti-me fatigada – muito cansada da minha cama. O quarto, embora bonito, era pequeno, parecia uma prisão. Eu ansiava por uma mudança. O frio e a escuridão crescente aumentavam a minha melancolia. Senti-me deprimida. Eu queria ver e sentir a luz do fogo. Além disso, eu não parava de pensar no alto filho daquela senhora. Quando o veria? Certamente, só depois de sair do meu quarto.

Por fim, veio a criada para arrumar a minha cama para a noite.

Preparava-se para me envolver em um cobertor e colocar-me na cadeirinha de *chintz*, mas eu recusei a atenção e comecei a me vestir. Tinha justamente sentado para tomar fôlego, quando a senhora Bretton mais uma vez apareceu.

– Vestida! – exclamou ela, sorrindo com aquele sorriso que eu conhecia tão bem. Um sorriso agradável, embora um pouco duro. – Já se sente melhor, então? Está bastante forte?

A sua fala era tão parecida com a que outrora empregava a mim que eu quase imaginei que ela estava começando a me reconhecer. Havia na sua voz e nos seus modos a mesma espécie de superioridade que, quando menina, eu sempre tinha experimentado dela – uma superioridade a que eu cedia de bom grado e me agradava até, pois não era fundada em bases convencionais de riqueza ou categoria social (na última, nunca houve qualquer desigualdade, porque a sua categoria era a minha), mas em razões naturais de vantagens físicas: era o abrigo que uma árvore dá à erva.

Fiz o pedido, sem mais cerimônia:

– Deixe-me descer, minha senhora. Está tão frio e triste aqui!

– Com todo o gosto, se você se sente com forças suficientes para suportar a mudança – foi sua resposta. – Venha, então, aqui está um braço – e ela ofereceu-me o dela. Apoiei-me nele e descemos um lance de escadas atapetadas até um patamar onde havia uma porta que dava para a sala de damasco azul. Como era agradável aquela sala com seu ar de perfeito conforto doméstico! E que quente, com a sua luz cor de âmbar e o fogo vermelho! Para tornar o quadro perfeito, o chá estava pronto sobre a mesa – um chá à inglesa, cujo serviço brilhava-me familiarmente, desde o açucareiro e bule de sólida prata, às finas xícaras de porcelana, escuras, douradas e púrpuras. Reconheci o próprio bolo, de feitio especial, assado em uma forma peculiar, que sempre tinha um lugar na mesa de chá, em *Bretton*. Graham gostava daquele bolo e lá estava ele como outrora, diante do prato de Graham, com o garfo e a faca de prata ao lado. Graham era, então, esperado para o chá. Talvez até já estivesse em casa e dentro de minutos eu poderia vê-lo.

– Sente-se, sente-se – disse a minha guia, vendo que meus passos vacilaram ao passar junto a lareira. Ela sentou-me no sofá, mas logo passei para trás dele, dizendo que o fogo estava muito quente. Em sua sombra eu encontrei outro assento mais conveniente. A senhora Bretton nunca fora pessoa de discutir, fazer alarido sobre qualquer pessoa ou coisa. Sem dizer

nada, deixou-me fazer como eu queria. Ela fez o chá e pegou o jornal. Eu gostava de observar cada ação da minha madrinha. Todos os seus movimentos eram tão jovens. Devia estar com mais de cinquenta anos, mas nem no corpo e nem no espírito parecia ainda tocada pela ferrugem da idade. Era bem nutrida e tinha vivacidade. Embora serena, às vezes era impetuosa. Boa saúde e um excelente temperamento mantinham-na fresca como a primavera.

Enquanto lia, percebi que ela escutava – esperando, sem dúvida, pelo filho. Ela não era mulher que demonstrasse inquietude, mas o tempo não melhorara, e, se Graham estava fora naquela ventania, que ainda rugia insatisfeita, eu sabia muito bem que o seu coração de mãe estava lá fora com ele.

– Ele está atrasado dez minutos – disse ela, olhando para o relógio; então, um minuto depois, um ligeiro erguer de olhos da página, e uma leve inclinação da cabeça em direção à porta denotavam que ela ouvira algum som. Um pouco mais e o seu rosto desanuviou-se. E, então, até os meus ouvidos menos habituados distinguiram o fechar de um portão de ferro e passos no cascalho e, por fim, o sino da porta. Ele chegara.

A mãe encheu a chaleira de chá, chegou para mais perto da lareira a cadeira estofada azul – sua própria cadeira por direito –, mas que eu vi que alguém podia usurpá-la impunemente. E, quando esse alguém subiu as escadas, depois, segundo suponho, de alguns pequenos cuidados no *toilette*, que a noite tempestuosa tornara necessários, entrou na sala...

– É você, Graham? – perguntou a mãe, ansiosamente, escondendo um sorriso feliz, ao falar-lhe secamente.

– Quem mais poderia ser, *mamã*? – respondeu o retardatário, apoderando-se irreverentemente do trono abdicado.

– Você merece chá frio por estar atrasado.

– Mas não terei o que mereço, pois ouço a água já fervendo e não vou contar os meus desertos... – respondeu sorrindo.

– Venha para a mesa, preguiçoso! Só o meu lugar é que te serve? Se tivesse uma faísca de senso de propriedade, deixaria sempre a cadeira dessa velha senhora.

– E assim eu faria de bom gosto, mas a querida velhota persiste em deixá-la para mim. Como está a sua paciente, *mamã*?

– Será que ela não quer falar por si? – disse a senhora Bretton,

voltando-se para o meu canto; a este convite avancei. Graham, delicadamente, levantou-se para me cumprimentar. De pé, em frente à lareira, a sua boa figura justificava o orgulho indisfarçável de sua mãe.

– Então desceu – disse ele. – É sinal de que se sente muito melhor. Estou surpreso, não esperava que nos encontrássemos aqui. Confesso que estava bastante alarmado na noite passada e, se eu não tivesse sido forçado a me ausentar por causa de um moribundo, não a teria deixado. Mas, a minha mãe é também um pouco médica e Martha uma excelente enfermeira. Eu vi que se tratava de um enfraquecimento, desmaio, não necessariamente perigoso. O que o provocou, eu ainda não sei, nem outros pormenores. Enquanto isso eu confio que realmente se sinta melhor.

– Muito melhor – disse eu, calmamente. – Muito melhor, muito obrigada, doutor John.

Pois veja, leitor amigo, este rapaz alto – este querido filho, este meu hospitaleiro protetor, o Graham Bretton da minha infância – era o doutor John: ele e nenhum outro, e, o que é mais notável, eu confirmei essa identidade quase sem surpresa. Quando ouvi os passos de Graham na escada, eu sabia que tipo de figura iria entrar pela porta e para que feições eu deveria preparar os meus olhos. A descoberta não era de hoje; havia muito ela começara a introduzir-se nas minhas percepções. É evidente que me lembrava bem do jovem Bretton e, embora dez anos (dos dezesseis aos vinte e seis anos) mudassem significativamente o rapaz, tornando-o um homem, a diferença não podia ser tal que cegasse meus olhos ou ofuscasse a minha memória. O doutor John Graham Bretton conservava ainda afinidades com o rapaz que eu conheci no passado. Os seus olhos eram os mesmos; a saber, toda a metade inferior da face, muito bem moldada, fez com que, depressa, o reconhecesse. Talvez isso tivesse ocorrido bem antes, se eu o tivesse olhado, de fato, coisa que eu não fazia. Contudo, o fiz uma vez: foi a ocasião em que eu o reconheci, ou, tive quase certeza da sua identidade. Fora citada alguns capítulos atrás, na qual o meu olhar, incautamente, fixou-se nele e me custara a dor de uma repreensão implícita. Lembra-se, caro leitor, da censura que ele me fizera quando me pegaste examinando-o? No entanto, a observação subsequente confirmara, em todos os pontos, aquela primeira suspeita. Descobri nos gestos, no porte, nos hábitos de sua virilidade, todas as promessas do rapaz de outrora. Ouvi na sua voz profunda, de homem, os tons que eu escutara anos passados. Certas maneiras de falar lhe eram peculiares.

Eram familiares, ainda, do mesmo modo, muitos olhares e o formato dos lábios, os raros sorrisos que presenciei, e uma forma de arquear a sobrancelha tão marcante.

Dizer qualquer coisa sobre o assunto, aludir à minha descoberta, não estava de acordo com os meus hábitos de pensar nem com a minha forma de sentir. Pelo contrário, eu tinha preferido manter o assunto para mim. Eu gostava de entrar em sua presença como uma nuvem, através da qual ele não me via, enquanto ele estava diante de mim sob uma luz especial que lhe iluminava a cabeça, eu tremia junto aos seus pés e não me projetava mais além.

Eu bem sabia que para ele faria pouca diferença se desse um passo à frente e anunciasse: – Sou Lucy Snowe!

E como ele nunca perguntou meu nome, nunca lhe disse. Conservei-me, portanto, no meu lugar de professora. Ele ouviu-me sendo chamada de “Miss” e “Miss Lucy”, mas, nunca ouvira falar o meu sobrenome. Quanto ao reconhecimento espontâneo – embora eu estivesse, talvez, ainda menos mudada do que ele – nunca semelhante ideia lhe ocorreu. Para que iria eu sugeri-la?

Durante o chá, o doutor John foi amável, como era de seu temperamento sê-lo; acabada a refeição e levada a bandeja, ele fez um arranjo acolhedor com as almofadas em um canto do sofá e me obrigou sentar ali. Ele e a mãe aproximaram-se também do fogo e, antes que se passassem dez minutos, eu observei que a senhora Bretton olhava fixamente para mim. As mulheres são, sem dúvida, mais sensíveis em algumas coisas do que os homens.

– Deus! – exclamou ela. – Eu raramente vi tanta semelhança! Graham, você já reparou?

– Reparei em quê, *mamã*? O que aflige agora a minha velhota? – brincou ele, mas como não houve resposta, ele continuou: – Nossa! Que olhar estranho, mamãe! Se eu não fosse médico e conhecesse a sua saúde de ferro, eu diria que está tendo um ataque ou será que viu um fantasma?

– Diga-me, Graham, com quem se parece essa jovem? – ela apontava para mim.

– Mamãe, a senhora a está deixando desconcertada com essa sua aspereza – ralhou ele baixinho. – Já lhe disse que estes seus modos são seus defeitos e lembre-se de que ela não conhece o seu feitio.

– Agora, que ela olha para baixo. Olhe! Quando ela vira de lado, com quem se parece, Graham?

– Na verdade, minha mãe, já que propôs o enigma, é melhor que o resolva e pare de incomodar a nossa hóspede.

– E você que há muito tempo a conhece, segundo me disse, desde que começou a frequentar a escola da *rue* Fossette. Por que nunca me falou desta extraordinária semelhança?

– Eu não poderia falar uma coisa que eu nunca pensei e que nem agora compreendo. O que a senhora está querendo dizer?

– Menino estúpido! Olha para ela!

Graham olhou, mas eu não podia suportar mais. Vi como tudo ia terminar e achei melhor antecipar-me.

– O doutor John – disse eu – tem tido tanta coisa para fazer e pensar, desde que, pela última vez, nos despedimos ainda em nossa terra mãe, em *St. Ann's Street* que, embora eu prontamente o tenha identificado como Graham Bretton, há alguns meses, nunca julguei possível que ele reconhecesse Lucy Snowe.

– Lucy Snowe! Bem me parecia! Eu sabia! – exclamou a senhora Bretton. E, imediatamente, atravessou a lareira e me beijou. Algumas senhoras, talvez, tivessem feito um grande alarido com semelhante descoberta, sem estar particularmente feliz com ela, mas não era hábito da minha madrinha fazer uma agitação e ela preferia todas as manifestações sentimentais em baixo-relevo. Então, ela e eu passamos por esta revelação com poucas palavras e poucos beijos. No entanto, ousou dizer, que ela ficou muito satisfeita e sei que eu também estava. Enquanto nós renovávamos o antigo conhecimento, Graham, sentado em frente, libertava-se em silêncio do seu paroxismo de espanto.

– A minha mãe me chamou de estúpido e acho que, realmente, o sou – disse ele, por fim. – Porque, palavra de honra, tantas vezes a vi e nunca suspeitei desse fato. E, contudo, agora vejo perfeitamente, Lucy Snowe! Com certeza lembro-me dela perfeitamente, agora que a vejo sentada aqui não há a menor dúvida. Mas – ele acrescentou – por certo não me reconheceu também durante todo esse tempo como um velho conhecido, senão teria mencionado isso.

– Reconheci, sim – foi minha resposta.

Doutor John não comentou. Suponho que ele considerou o meu silêncio

uma excentricidade, mas era bastante indulgente para censurar-me. Eu ousou dizer que ele também teria considerado impertinente fazer-me um interrogatório, questionar as razões da minha reserva. E, ainda que, porventura, sentisse certa curiosidade, o assunto não era tão importante, de forma tal que a curiosidade pudesse infringir a discrição.

De minha parte, eu só aventurei-me a perguntar se ele se lembrava de uma vez em que eu o olhei fixamente por muito tempo, porque o leve aborrecimento que ele denunciara na época ainda pungia a minha recordação.

– Creio que sim – disse ele: – Creio até que me zanguei com você.

– Achou, talvez, que fui um pouco ousada? – perguntei.

– Nem um pouco. Só que, como a via sempre tímida e reservada, perguntei-me que monstruosidade em mim se mostrara tão magnética para seus olhos que, geralmente, me evitavam.

– Sabe agora porque o olhava...

– Perfeitamente e peço perdão se fui grosseiro, mesmo sem a intenção de sê-lo.

E aqui interrompeu-nos a senhora Bretton com muitas e muitas perguntas sobre os tempos passados. Para satisfazê-la, tive que voltar às dificuldades que eu havia passado, explicar a causa da aparente indiferença e distanciamento, tocar na luta que, sozinha, travara com a vida, com a morte, com a dor e com o destino. O doutor John escutava, falando pouco. Ele e ela contaram-me, então, as mudanças que tinham ocorrido com eles, as suas próprias vicissitudes. Também com eles nem tudo havia sido rosas e sua fortuna não era mais aquela que um dia fora abundante. Mas, uma mãe tão corajosa como defensora de seu filho estava bem equipada para travar a luta com o mundo e, por fim, prevalecer. O próprio doutor John era, de fato, um desses seres privilegiados, sobre cujo nascimento os astros benignos certamente sorriram. A adversidade podia fazer-lhe sombrio e carrancudo, porém ele era homem para abatê-la com sorrisos. Forte e alegre; firme e cortês; valente sem ser precipitado, era capaz de cortejar o próprio destino e arrancar de seus olhos de pedra um olhar quase de amor.

Na profissão que ele havia escolhido, o seu sucesso estava agora perfeitamente decidido. Nos últimos três meses, ele tinha tomado aquela casa – um pequeno castelo, segundo me disseram, a cerca de meia légua de Porte de Crécy –, escolhera o lugar por causa da saúde de sua mãe, que não se dava bem com o ar da cidade. Depois de tudo acertado, convidara a senhora

Bretton, e ela, ao deixar a Inglaterra, trouxera consigo a mobília da antiga mansão de *St. Ann's Street* que não julgara conveniente vender. Daí o meu espanto, perante os “fantasmas” das cadeiras, e os espectros do espelho, xícaras e bules.

Como o relógio batesse onze horas, o doutor John interrompeu a mãe.

– Miss Snowe deve ir deitar-se agora – disse ele. – Ela está começando a ficar muito pálida. Amanhã vou me atrever a fazer-lhe algumas perguntas sobre as causas de sua perda de saúde – disse ele, olhando para mim. Como eu fiquei em silêncio, apenas estremei, levemente, ele continuou: – Mudou muito desde julho, quando a vi representar, com muito espírito, um engraçadíssimo papel. Quanto à catástrofe que lhe ocorreu, estou certo de que há uma boa história por trás. Mas, não faremos mais perguntas esta noite. Boa noite, Miss Lucy.

E, conduzindo-me, amavelmente à porta, segurando uma vela de cera, iluminou o meu caminho.

Depois de fazer as minhas orações, de me despir e de me deitar, senti que ainda tinha amigos. Não amigos que professassem uma veemente dedicação, ou oferecessem a terna consolação de uma grande afinidade; porém, amigos aos quais não se poderia pedir mais que uma afeição moderada. Contudo, o meu coração se enternecia numa gratidão que eu pedia, por vezes, à razão que a reprimisse.

“Não me deixe pensar neles em demasia, nem muito frequentemente, nem com excessiva ternura”, implorava eu. “Que me contente com um gole moderado desta corrente viva; que eu não corra sequiosa e me dedique apaixonadamente às suas águas bem-vindas; faz com que eu não encontre nelas um sabor mais doce do que o que podem ter as fontes eternas. Oh! Permita Deus que eu possa sentir-me satisfeita com um convívio ocasional, amigável, breve, raro, não absorvente e tranquilo!”

Ainda repetindo estas palavras, voltei-me para o travesseiro; e, repetindo-as, ainda, encharquei de lágrimas esse travesseiro. Mas, não lágrimas de tristeza, mas de alívio. Eu não estava mais totalmente só no mundo.

CAPÍTULO XVII

O Terraço

Estas lutas com o caráter natural, com forte inclinação das emoções podem parecer fúteis e inúteis, mas no final elas fazem bem. O coração tende, no entanto ligeiramente, a dar às ações e à conduta aquele caráter que, por sua vez, a razão aprova e que o sentimento, talvez, muitas vezes, se opõe. Certamente, faz diferença no teor geral da vida e permite que ela seja mais equilibrada, uniforme, mais tranquila na superfície; e é só na superfície que o olhar comum vai cair.

Quanto ao que está internamente, o espírito, pertence a Deus. O homem, fraco como é, não está apto para ser o seu próprio juiz, dessa forma, pode ser impedido de passar da superfície. Deve-se deixar que o Criador mostre os segredos do espírito que Ele mesmo criou e apenas perguntar como suportar as dores que Ele nos destinou – devemos ajoelhar em Sua presença e clamar com fé, pedir luz na escuridão, força na lastimável fraqueza e paciência na extrema necessidade. Certamente, em alguma hora, embora, talvez, não na sua hora, as águas paradas se moverão de alguma forma, ainda que não do modo com que havia sonhado, aquele que o seu coração amava e pelo qual sangrara. No entanto, o arauto que cura descera e o aleijado, os cegos, os mudos e os possuídos serão conduzidos ao banho. “Arauto, vem depressa! Milhares de entes jazem ao redor do lago, chorando em desespero por vê-lo – através do lento rolar dos anos – estagnado.” Longos são os “tempos” do Céu: as órbitas dos mensageiros angelicais parecem vastas à vista dos mortais, contudo, podem abranger séculos. O ciclo de uma partida e de um regresso pode abranger gerações incontáveis.

Tentei levantar-me na manhã seguinte, mas enquanto me vestia, bebendo em intervalos a água fria da garrafa do meu lavatório, a fim de me animar da fraqueza que me fazia tremer e ter dificuldade em me vestir, entrou a senhora Bretton.

– Que absurdo! – foi assim o seu cumprimento naquela manhã. – Não é uma tolice? – e pegando-me, imediatamente, ao seu modo, enérgica, esse

mesmo modo que outrora eu tanto gostava de vê-lo sendo aplicado ao seu filho a que ele, vigorosamente, resistia, em dois minutos me fez voltar para a cama.

– Fique aí deitada até tarde – disse ela. – O meu filho deixou estas ordens antes de sair e é ele quem manda no seu caso, e posso lhe assegurar que ele é mestre em ser obedecido. Agora tome o seu café da manhã.

Instantes depois, ela própria, com suas mãos ativas, trouxe essa refeição, não me deixando entregue à criada. Enquanto eu comia, ela sentou-se na cama. Não é todo mundo, mesmo entre os nossos melhores amigos, os mais respeitados e estimados conhecidos, que gostaríamos de ter perto de nós, observando-nos, tratando-nos com a intimidade de uma enfermeira. Nem os olhos, nem a presença de todos os amigos são luz e coração num quarto de doente, cuja presença há um consolo: mas tudo isso era a senhora Bretton para mim, tudo isso ela sempre fora. Nunca comida ou bebida me agradaram tão bem como quando vieram de suas mãos. Não consigo recordar nenhuma ocasião em que a sua entrada em uma sala não tivesse tornado o aposento mais alegre. Nossas próprias naturezas tinham predileções e antipatias igualmente estranhas. Há pessoas de quem secretamente fugimos, pessoas as quais pessoalmente gostaríamos de evitar, embora a razão confesse que são boas pessoas. Todavia, há outras com falhas de temperamento e gênios bastante evidentes que, ao lado das quais, vivemos contentes, como se o ar que as rodeia nos fizesse bem.

Os olhos negros e vivos da minha madrinha, a sua face morena-clara, as suas mãos quentes e ativas, a sua autoconfiança e seu ar decidido eram tão benéficos para mim como o calor num dia de clima frio. Seu filho costumava chamá-la de “velhota”, mas enchia-me de admiração verificar como ela respirava ainda o entusiasmo e a vivacidade dos vinte e cinco anos.

– Gostaria de trazer para aqui o meu trabalho – disse ela, ao pegar a minha xícara vazia –, e sentar com você o dia inteiro se o arrogante doutor John Graham não tivesse me proibido. “Agora, *mamã*” – disse-me ele antes de sair –, “não vá fatigar a sua afilhada com fofocas e tagarelices” e, sobretudo, insistiu para que me conservasse em meus domínios e lhe poupasse a minha boa companhia. Aquele déspota, Lucy, me disse que, a julgar pelo seu aspecto, acha que teve uma febre nervosa. Será isso?

Eu lhe respondi que não sabia muito bem qual teria sido o motivo da minha doença, mas que, de fato, eu sofrera bastante, sobretudo, moralmente.

Não considere aconselhável ir mais além naquele assunto, pois os pormenores do que eu tinha sofrido pertenciam a uma parte da minha existência que eu nunca esperava compartilhar com a minha madrinha. A que novas regiões, semelhantes confidências, teriam conduzido aquela natureza serena e robusta! A diferença entre mim e ela poderia ser comparada à diferença entre um imponente navio seguro, cortando serenamente um calmo mar, com a sua tripulação completa, um capitão alegre e corajoso, venturoso e providente e um barquinho, que passa a maioria dos seus dias em terra seca, num solitário, velho e escuro barracão que só sai para o mar quando as ondas estão altas por causa do mau tempo. Não! Louisa Bretton nunca saíra do porto numa noite daquelas, com tal cenário! A sua tripulação não podia concebê-lo. Por isso, a pessoa do tal barquinho, meio afogada, guardou a sua opinião para si e não contou a história.

Ela deixou-me e eu fiquei na cama, contente. Era amável da parte do doutor John ter se lembrado de mim antes de sair.

O meu dia foi solitário, mas a perspectiva da noite o abreviou e o animou. Eu também me sentia fraca e parecia prudente repousar. Depois de terem passado as agitadas horas da manhã – horas que sempre trazem, até aos mais desocupados, a impressão de trabalho por fazer, de tarefa esperando para ser executada, uma vaga impressão de obrigação a ser cumprida – e o silencioso cair da tarde calou os passos da criada nas escadas e nos quartos, passei, então, para um estado de espírito sonhador, nada desagradável.

O meu quartinho tranquilo parecia, de alguma forma, como uma caverna no mar. Não havia nele outras cores além do branco e verde-pálido, que sugeriam a espuma e as águas profundas. A cornija era adornada em forma de concha e nos ângulos do teto havia modelações que lembravam golfinhos. Até o cetim vermelho das almofadas lembrava coral, mesmo o espelho escuro podia refletir uma sereia. Quando fechava os olhos escutava o vento bater na fachada da casa, como a onda na base de uma rocha. Ouvia-o aproximar-se e afastar-se lá longe, muito longe, como a maré que se afasta da costa de um mundo superior – um mundo tão lá em cima que a fúria das maiores ondas, o seu rebentar feroz, só soava nessa casa submarina como murmúrios de uma canção de ninar.

Em meio a esses sonhos caiu a noite, e, em seguida Martha trouxe uma vela. Com a sua ajuda, vesti-me rapidamente, e, mais forte agora do que pela manhã, desci sem ajuda para a sala azul.

O doutor John, ao que me pareceu, tinha terminado as suas visitas mais cedo do que de costume e a sua figura foi a primeira coisa que meus olhos viram quando entrei na sala. Estava no recesso da janela, em frente à porta, lendo as letras miudinhas de um jornal à luz opaca do dia que se findava. O fogo brilhava na lareira, mas o candeeiro, sobre a mesa, estava apagado e o chá ainda não fora posto. Quanto à senhora Bretton, a minha ativa madrinha – que logo depois, eu soube, havia passado todo o dia fora de casa – cochilava agora, meio reclinada, em sua cadeira almofadada. O filho, ao me ver, avançou, na ponta dos pés, com cuidado, para não acordar a dorminhoca, falou baixinho, com sua voz melódica, suave, pois nunca tivera voz aguda, porém nítida e modulada como agora, que me embalava e nunca me sobressaltava.

– Esta casa é muito sossegada – observou ele, depois de me convidar para sentar junto da janela. – Não sei se você já a tinha notado em suas caminhadas, embora, de fato, ela não seja visível da *chaussée*.^[178] Está apenas a uma milha de *Porte de Crécy*. Lá, volta-se para uma travessa que logo se transforma em uma avenida que vem dar entre prados e sombras mesmo aqui à porta. Não é uma construção moderna, está mais para o velho estilo de *Basse-Ville*.^[179] É mais um solar do que um castelo e chamam-lhe de *La Terrasse* porque fica no alto, de onde parte um passeio cercado por relvas e desce uma encosta gramada até a avenida. Veja lá! A lua está nascendo. Ela não fica bela entre os troncos das árvores? O que acha, Miss Lucy? – eu concordei encantada pela conversa e pelo espetáculo da natureza.

Onde, com efeito, a lua não fica bela? Qual é a paisagem, vasta ou acanhada, que a sua presença não traga um novo encanto? Cor de fogo. Vimos a lua subir acima de um outeiro não muito distante. Enquanto assistíamos, passou para um tom dourado e pouco depois flutuava imaculada num céu agora calmo. Acaso o luar entristecia o doutor John? Tocá-lo-ia com uma pontinha de romantismo? Creio que sim. E, apesar de pouco dado a suspiros, suspirava ao contemplá-la, baixinho, para si mesmo. Não havia necessidade de perguntar a causa daquele suspiro, eu sabia que ele era provocado pela beleza, como tinha absoluta certeza de que pensava em Genevra. Sabendo disto, ocorreu-me a ideia de que era de certo modo meu dever falar no nome de quem ele pensava. Era evidente que ele estava pronto para o assunto: eu via em seu semblante uma plenitude repleta de perguntas, de comentário e de interesse. Uma torrente de palavras e sentimentos que só

certa dificuldade de começar o refreava. Eu pensei que, pelo senso de vergonha, ele não havia me perguntado sobre ela. Poupá-lo deste constrangimento era a minha única e melhor utilidade. Bastava que eu pronunciasse o nome do seu ídolo e a doce ladainha de amor jorraria. Eu acabara de encontrar a frase conveniente: “Você sabe que a senhorita Fanshawe foi a uma excursão com os Cholmondeleys?” Eu estava abrindo meus lábios, quando ele inutilizou os meus planos, introduzindo outro assunto.

– A primeira coisa que fiz esta manhã – disse ele, colocando seus sentimentos no bolso, deixando de olhar a lua e sentando-se. – Foi passar na *rue Fossette* e dizer à cozinheira que você estava em boas mãos. Você sabe que descobri que ela ainda não dera por sua falta e a julgava muito bem em seu dormitório? Com que cuidado deve ter sido tratada!

– Oh! Tudo isso é muito compreensível – respondi. – Goton não podia fazer mais do que levar-me uma xícara de chá caseiro e um pedaço de pão, e, como eu tinha tantas vezes recusado as duas coisas na semana passada, a pobre mulher cansou-se de caminhadas inúteis da cozinha da casa de habitação ao dormitório da escola e vinha só uma vez por dia, ao meio-dia, fazer a minha cama. Creia, contudo, que ela é uma boa criatura e teria ficado encantada em cozinhar para mim *côtelettes de mouton*,[\[180\]](#) se eu fosse capaz de comê-las.

– Por que Madame Beck a deixou sozinha?

– Madame Beck não podia prever que eu ficaria doente.

– O seu sistema nervoso sofreu muito?

– Eu não tenho certeza do que é o meu sistema nervoso, mas sei que estava terrivelmente deprimida.

– O que me desabilita de ajudá-la com pílulas ou drogas. A medicina ainda não pode dar boa disposição a ninguém. A minha ciência detém-se no limiar da hipocondria: ela só olha e vê uma câmara de tortura, mas não pode fazer nem dizer grande coisa. Companhia alegre lhe fará bem. Deve ficar sozinha o menos possível e fazer bastante exercício quando estiver mais forte, talvez umas caminhadas.

Aquiescência e uma pausa seguiram as observações do médico. Elas me soaram bem. Pareciam-me que estavam perfeitamente certas e tinham, sem dúvida, a sanção do costume e a marca já gasta pelo tempo.

– Miss Snowe – recomeçou o doutor John que, para meu alívio, não

falou mais em minha saúde, incluindo o meu sistema nervoso, pois tudo isso já estava suficientemente discutido –, posso perguntar qual a sua religião? É católica?

Olhei-o com certa surpresa.

– Católica? Não! Por que sugere essa ideia?

– A maneira pela qual a Miss me foi entregue me fez pensar que era.

– Como lhe fui entregue? Mas, tem razão, me esqueci de lhe perguntar.

Eu ainda não soube como vim parar em suas mãos.

– Na verdade, em circunstâncias que me intrigaram. Eu tinha estado todo o dia ocupado em um caso de caráter singularmente crítico e interessante, pois a doença é rara e o tratamento duvidoso. Vi um caso similar e ainda mais duvidoso em um hospital em Paris, mas isso não vai lhe interessar. Finalmente, um alívio nos sintomas mais agudos do paciente (uma dor violenta é uma das características dessa doença) permitiu-me voltar para casa. O caminho mais curto passava pela *Basse-Ville* e, como a noite estava excessivamente selvagem, escura e chuvosa, foi por ali que vim. Ao passar por uma antiga igreja, pertencente a uma comunidade de *Béguines*,^[181] vi, sob a luz de um pórtico, um padre que levantava algum objeto em seus braços. A luz era bastante forte para revelar as feições do sacerdote e eu o reconheci: era um homem que tenho encontrado muitas vezes junto do leito dos ricos e dos pobres, e, principalmente, dos últimos. Ele é, penso eu, um bom velhote, muito melhor do que a maioria de sua classe nesse país; superior, de fato, em todos os sentidos, instruído e cumpridor de seus deveres. Nossos olhos se encontraram, ele me chamou para que parasse. O que ele tinha nos braços era uma mulher, desmaiada ou moribunda. Apeei-me.

– “Esta senhora é sua compatriota” – disse ele: – “Salve-a, se já não estiver morta.”

– Depois de um ligeiro exame, vi que a minha compatriota era a professora de inglês do *pensionnat* de Madame Beck. Estava inconsciente, lívida e gelada, mas sem derramamento de sangue.

– Que quer dizer isto? – perguntei.

– Ele me revelou um curioso detalhe: que você tinha estado naquela noite no confessionário e que a sua aparência de fadiga e sofrimento condiziam com alguma coisa que lhe tinha dito...

– Coisas que eu havia dito? Que coisas seriam?

– Crimes terríveis, sem dúvida, mas ele não me disse quais eram. O selo do confessor não permitia que ele me dissesse nada, nem ao menos o que eu o perguntava para satisfazer a minha curiosidade. As suas confidências, no entanto, não fizeram do bom padre seu inimigo. Parece que ele ficou tão impressionado por vê-la sozinha fora de casa, numa noite como aquela, que julgou um dever de cristão segui-la quando deixou a igreja, e se propôs a não perdê-la de vista até vê-la chegar em casa em segurança. Talvez, o digno homem pudesse, meio inconscientemente, mesclar neste procedimento algo da sutileza própria da sua classe, que poderia ser a de descobrir a sua morada. Disse-lhe isso em sua confissão?

– Não, pelo contrário. Eu cuidadosamente evitei qualquer indicação. E, quanto à minha confissão, doutor John, acredito que vai me julgar um pouco louca por ter dado semelhante passo, mas não pude evitá-lo. Suponho que toda a culpa foi do que o doutor chama de meu “sistema nervoso”. Não encontro palavras para expressar o que passei, apenas sei que os meus dias e noites tornaram-se intoleráveis: uma cruel sensação de desolação atormentava o meu espírito. Um sentimento que me fazia abrir caminho ou me matar, e isto, por certo, compreende bem o doutor. Como se o sangue que passa através do coração, e que, se um aneurisma ou qualquer outra causa mórbida lhe obstrui os canais naturais, ele busca uma saída anormal. Eu precisava de companhia, de amizade, eu queria conselhos. Como nada disso podia encontrar no meu quarto, saí e fui e procurá-los na igreja e no confessor. Quanto ao que disse, não foi confidência ou narração. Eu não fiz nada de errado. A minha vida não tem sido ativa suficiente para comportar quaisquer más ações, quer em ficção ou realidade. Tudo o que eu derramei aos ouvidos daquele padre foi um queixume triste e desesperado.

– Lucy, você deveria viajar por cerca de seis meses. O seu temperamento calmo está ficando muito excitável! Maldita Madame Beck! Aquela viúva rechonchuda não terá entranhas para condenar a sua melhor professora a tão solitário confinamento?

– Não foi culpa de Madame Beck – disse eu. – Nem de nenhum ser vivo e não quero ouvi-lo censurar a quem quer que seja.

– De quem é a culpa, então, Lucy?

– Minha, doutor John. Minha e de uma grande abstração, que em seus ombros largos eu gosto de lançar as montanhas de censuras, as quais me foram dadas para suportar: o destino.

– Mas, deve tomar mais cuidado no futuro – disse ele, sorrindo.

– Mudança de ares e mudança de cenário. São as minhas prescrições – prosseguiu o prático jovem doutor. – Mas, voltando àquela noite, Lucy. Até agora, o padre Silas, com todo o seu tato (dizem que ele é um jesuíta), não teve como achar o seu endereço, pois, em vez de voltar para a *rue Fossette*, os seus devaneios febris, pois devia estar com febre alta, a levaram para um lugar muito diferente.

– Não, doutor John, não. A febre havia baixado nessa noite. Não conclua agora que eu estava delirando, pois eu sei que não.

– Bom! Estava tão calma como eu neste momento, sem dúvida. Mas, estava em direção oposta ao *pensionnat*. Perto do *Béguinage*, em meio à violência do vento e da chuva, no desconforto da escuridão, Lucy tinha desmaiado e caído. O padre chegou ao seu socorro e o médico, como vimos, sobreveio. Nós dois chamamos um *fiacre* e a trouxemos para cá. O padre Silas, apesar de velho, a teria levado escada acima e colocado-a naquele sofá. Ele certamente teria permanecido com você até vê-la reanimada. Eu teria feito outro tanto, mas nesse momento, chegou um apressado mensageiro do paciente moribundo que eu mal tinha deixado, exigindo a última visita do médico e último rito do sacerdote: a extrema-unção não poderia ser adiada. O padre Silas e eu partimos juntos e, como a minha mãe passava a noite fora, entregamos você aos cuidados de Martha, deixando-lhe indicações que, segundo parece, ela seguiu com sucesso. E, agora, responda, é católica ou não?

– Ainda não – disse eu, sorrindo. – E não diga ao padre Silas onde eu vivo, ou ele vai tentar me converter, mas apresente-lhe os meus melhores e mais sinceros agradecimentos quando o vir, e, se algum dia eu for rica, vou enviar-lhe dinheiro para as suas obras de caridade. Veja, doutor John, a sua mãe acordou, devemos preparar o chá.

Assim ele fez. E, como a senhora Bretton se levantasse, espantada e indignada consigo pela fraqueza que a tinha sucumbido, e, preparando para negar que tinha dormido, seu filho foi alegremente provocá-la.

– Ah! Veja só, *mamã!* Pode dormir mais. Quando está dormindo é a imagem da inocência.

– Quando durmo, John Graham! O que você está falando? Você sabe que eu nunca durmo de dia. Foi apenas um ligeiro cochilo.

– Exatamente! Um leve cochilo de serafim, um sonho de fada. Nessas

tais circunstâncias, *mamã*, me lembrei de Titânia.

– Isso é porque você é inferior a Bottom.

– Miss Snowe, alguma vez viu algo parecido com a sagacidade da mamãe? Para uma senhora da sua idade e da sua corpulência é uma das mais alegres que eu conheço.

– Mantenha os elogios para si mesmo, doutor, e não negligencie o seu próprio tamanho que parece que aumenta a cada dia. Lucy, ele não tem um ar de um futuro John Bull? Era magro como uma enguia e agora eu vejo nele uma espécie de dragão. Tenha cuidado, Graham, se engordar eu não quero saber de você e comedor de carne como você é... – brincou a senhora Breton.

– Tenho certeza de que negaria a você mesma antes de renegar seu filho! Eu sou indispensável à felicidade da velhota, Lucy. Ela iria se definir na melancolia se não tivesse o meu um metro e oitenta de iniquidade para repreender. É o que lhe dá vida, sou o fermento que mantém a sua boa disposição.

Os dois estavam de pé em frente ao outro, um de cada lado da lareira. Se suas palavras não eram muito cordiais, os olhares mútuos atenuavam as deficiências do que diziam. Pelo menos, o melhor tesouro da vida da senhora Bretton estava, certamente, guardado no peito de seu filho e a sua melhor afeição batia no seu coração por Graham. Quanto a ele, era evidente, outro amor compartilhava de seus sentimentos filiais; e, sem dúvida, como a nova paixão fora a última a chegar, ele dedicava-lhe a parte que se atribui sempre a Benjamim. Ginevra! Ginevra! Saberá a senhora Bretton em cujos pés o seu ídolo tinha colocado a sua homenagem? Será que ela aprovaria essa escolha? Eu não poderia dizer, mas eu poderia muito bem imaginar que se ela soubesse a conduta de Miss Fanshawe para com Graham, as suas alternâncias entre frieza e persuasão; repulsa e sedução; se pudesse suspeitar o sofrimento que ela lhe infligira; se pudesse ter visto o belo espírito do filho subjugado, vexado; então, a senhora Bretton teria declarado Ginevra uma imbecil ou pervertida, ou ambas as coisas. Bem, eu também pensava assim.

Aquela segunda noite passou tão docemente quanto à primeira – mais agradavelmente, para dizer a verdade: não foram recordadas velhas tragédias, antigos desgostos e o nosso conhecimento estava melhor cimentado. Eu me sentia mais feliz, mais à vontade, mais em minha casa, como nos velhos tempos. Naquela noite, em vez de chorar ao adormecer, entrei no país dos sonhos por um caminho bordado de alegres pensamentos.

CAPÍTULO XVIII

A Briga

Durante os primeiros dias da minha estadia em *La Terrasse*, Graham não fez nenhum esforço para se sentar perto de mim, nem se aproximou nos frequentes passeios pela sala, ou chegou a passar perto do quarto onde eu estava, mesmo sendo meu médico. Muito menos se mostrou mais sério ou preocupado do que o habitual. Contudo, eu pensava em Miss Fanshawe e esperava que seu nome lhe saltasse dos lábios a qualquer momento. Mantive o espírito e os ouvidos em prontidão permanente para esse doce tema. Ordenei à minha paciência que estivesse permanentemente pronta para o combate e desejei que a minha simpatia conservasse repleta a sua cornucópia, pronta a derramá-la. Finalmente, depois de uma ligeira luta íntima, o que eu vi e respeitei, ele um dia abordou o assunto. Foi introduzido delicada e anonimamente.

– Ouvi dizer que sua amiga aproveitou as férias para viajar – “amiga, com certeza!”, pensei, mas não era a hora de contradizê-lo. Que fosse, pois, amiga, se assim o desejava. No entanto, a título de experiência, não pude deixar de perguntar a quem se referia?

Ele sentou-se junto à minha mesa de trabalho, pegou um carretel de linha e começou a desenrolá-lo indiferente ao que fazia.

– Ginevra, Miss Fanshawe acompanhou os Cholmondeleys em uma turnê pelo sul da França. Não é verdade?

– Sim.

– Não se corresponde com ela?

– Talvez se admire se eu lhe disser que não pensei, uma única vez, em aproveitar-me desse privilégio – respondi sarcasticamente, embora, me parecesse, que ele não notou.

– Já viu alguma carta escrita por ela?

– Sim. Várias para seu tio.

– Não lhe deve faltar espírito e inteligência. Há tanto brilho e tão pouco artifício naquela alma!

– Ela redige de modo bastante rápido quando escreve a *Monsieur De Bassompierre*: ele pode lê-las enquanto corre.

Na verdade, as cartas de Genevra para seu parente rico eram comumente documentos comerciais e inequívocos pedido de dinheiro.

– E a letra dela? Deve ser bonita, leve, elegante, não é?

Era, realmente, e eu assim o confirmei.

– Estou convencido de que tudo o que ela faz deve ser bem feito – disse o doutor John. E, como eu não mostrei nenhuma pressa em concordar com aquela observação, ele acrescentou: – A Lucy, que a conhece, pode citar alguma coisa em que ela não seja perfeita?

– Ela faz várias coisas muito bem.

Principalmente flertar, namorar... acrescentei em pensamento.

– Quando você acha que ela vai voltar para a cidade? – ele logo perguntou.

– Perdoe-me, doutor John, mas tenho que lhe explicar. Honra-me muito em atribuir um grau de intimidade com Miss Fanshawe de que não tenho a felicidade de desfrutar. Nunca fui depositária de seus planos e segredos. As suas amigas íntimas estão em outra esfera, não na minha, entre os Cholmondeleys, por exemplo.

Ele pensou que eu estava sentindo uma espécie de ciúme, semelhante ao que ele próprio sentia.

– Deve desculpá-la – disse ele. – Julgue-a com indulgência. Ela deixa se levar pelo fulgor do luxo, mas logo descobrirá que essas pessoas são fúteis e retornará a você com redobrado apego e confiança. Conheço um pouco os Cholmondeleys: gente superficial, vaidosa e egoísta. Acredito que, no fundo, Genevra valoriza muito mais você do que a essa gente.

– Você é muito gentil – disse, secamente. A refutação dos sentimentos que me eram atribuídos queimava-me os lábios, mas eu os extingui antes que a chama os devorasse. Resignei-me a ser encarada como a humilhada, repelida e agora triste confidente da ilustre Miss Fanshawe. Mas, leitor, era dura essa resignação.

– No entanto, veja – continuou Graham. – Enquanto eu te conforto, não posso tomar para mim a mesma consolação. Não posso esperar que ela me faça justiça. Por mais indigno que seja De Hamal, receio que ele lhe agrade. Triste desilusão!

Nesta altura, a minha paciência não suportava mais. Suponho que a

fraqueza e a doença a tinha feito quebradiça.

– Doutor John – estourei eu. – O iludido aqui é o senhor! Em tudo o mais, o senhor é um homem franco, saudável, confiante e com visão clara. Neste ponto, excepcionalmente, é apenas um escravo. Declaro que, pelo que diz respeito à Miss Fanshawe, que o senhor não merece nenhum respeito e nem tem o meu.

Dizendo isto, levantei-me e saí da sala muito agitada.

Esta pequena cena passara-se pela manhã. Eu tinha que encontrá-lo novamente à noite e compreendi, então, que eu tinha feito uma tolice. Doutor John não era feito do barro comum; não era constituído por materiais vulgares. Embora a natureza o tivesse moldado com amplitude e vigor, ele tinha uma delicadeza quase feminina.

Era um homem fino, nobre, muito mais, do que você, leitor, poderia estar preparado para encontrar; do que poderia acreditar ser inerente a ele, mesmo depois de anos de convivência. Na verdade, até que algum contato mais afiado, nos seus nervos, traísse, por seus efeitos, a sua aguda sensibilidade. Mesmo tendo um elaborado temperamento, este seria ignorado, sobretudo, porque a faculdade da simpatia não era nele proeminente: sentir e compreender os sentimentos dos outros são qualidades distintas. Poucas pessoas possuem as duas; algumas, nenhuma.

O doutor John possuía uma delas com requintada perfeição; e, porque eu admiti que ele não fosse dotado com a outra, em igual grau, o leitor vai, consideradamente, abster-se de passar ao extremo de declará-lo insensível ou incapaz de simpatia. Pelo contrário, ele era um homem amável e generoso. Se ele conhecesse as necessidades de alguém, abriria sua mão. Porém, esperar dele requinte de percepção, milagres de intuição, era preparar para uma decepção. Naquela noite, quando o doutor John entrou na sala e a iluminou com a luz do candeeiro, eu vi bem, com um só olhar, todo o seu mecanismo interno.

Por uma pessoa que lhe tinha chamado de escravo e o tinha banido do seu respeito, devia ter ele agora sentimentos peculiares. Que o epíteto fosse bem aplicado e a falta de respeito justa, não procurava ele negar: o seu espírito detinha-se cândida e desanimadoramente. Ele procurava, nessa acusação, a causa do insucesso que roubava tão dolorosamente a sua paz de espírito. Em meio à preocupação de um monólogo autocondenatório, o seu comportamento parecia grave, talvez frio, tanto para mim quanto para sua

mãe. E, ainda, não havia nenhum sentimento de maldade, malícia, rancor, mesquinhez no seu belo rosto, da melhor beleza masculina, mesmo no abatimento. Quando eu lhe coloquei a cadeira na mesa, o que me apressei a fazer, antecipando-me à criada, e quando eu lhe servi o chá, o que fiz com nervosa solicitude, tremendo, ele disse: – Obrigado, Lucy – no tom mais amável com que a sua voz afagara os meus ouvidos.

De minha parte, só havia um plano a ser executado: tinha de expiar a minha culposa veemência ou não dormiria naquela noite. Aquilo não podia continuar assim, eu não poderia suportá-lo. Eu não tinha a pretensão e a capacidade de aceitar a guerra com este fundamento. A solidão da escola, o silêncio e a estagnação do convento, tudo me parecia preferível a viver zangada com o doutor John. Quanto à Genevra, podia tomar as asas de prata de uma pomba, ou de qualquer outra ave e subir às maiores alturas, entre as mais altas estrelas, onde o mais alto voo da fantasia que seu apaixonado quisesse colocar a constelação de seus encantos: nunca mais eu me intrometeria em semelhante assunto. Durante o chá, por todo o tempo, procurei o seu olhar. Várias vezes, com efeito, os seus olhos encontraram os meus, porém nada tendo a dizer, logo desviavam e eu ficava desiludida. Depois do chá, ele sentou-se triste e quieto, lendo um livro. Eu desejaria ter coragem de ir sentar-me perto dele, mas parecia-me que, se aventurasse nesse passo, ele mostraria infalivelmente a hostilidade e a indignação. Eu ansiava por falar e não conseguia pronunciar um sussurro sequer. Sua mãe, por fim, saiu da sala. Então, movida por insuportáveis remorsos, consegui murmurar estas palavras:

– Doutor Bretton.

Ele ergueu os olhos do livro e neles não havia frieza ou ressentimento, como não havia cinismo na sua boca. Ele estava pronto e disposto a ouvir o que eu tinha a dizer. O seu espírito não era como esse vinho que azeda com uma simples trovoadas.

– Doutor Bretton, perdoe-me pelas minhas palavras precipitadas. Suplico-lhe que me perdoe.

Ele sorriu enquanto eu falava. Depois disse:

– Talvez eu as merecesse, Lucy. Se não tenho o seu respeito é, com certeza, porque não sou digno dele. Devo ser um tolo estranho, devo proceder de alguma forma, pois parece que, quando quero agradar, é justamente quando não agrado.

– Deve ser engano seu. E, ainda que não fosse, não seria defeito do seu caráter, mas da percepção dos outros. Mas, agora, deixe-me contradizer o que eu disse com raiva. Em uma coisa e em todas as coisas, eu o respeito profundamente. Se o senhor pensa pouco em si e demasiado nos outros, isso é apenas mais uma qualidade.

– Acha que posso pensar demasiado em Genevra?

– Eu acredito que sim. Mas, o doutor acha que não. Fiquemos cada um com os nossos pensamentos e perdoe-me. É tudo que lhe peço.

– Lucy, acha que eu seria capaz de guardar rancor de você apenas por uma palavra mais rude?

– Bem, eu vejo que não guarda e que não é capaz de fazê-lo. Mas, diga somente: – Lucy, eu te perdoo! Diga isso para aliviar a dor do meu coração.

– Ponha à parte a sua tristeza, como eu porei a minha, porque me magoou um pouco, Lucy. Agora que a dor se foi, não me limito a perdoar-lhe: Fico-lhe grato, como a uma verdadeira amiga.

– Eu sou sua sincera amiga, você está certo.

Assim, a nossa briga terminou.

Leitor, se no decurso desta obra, achar que a minha opinião a respeito do doutor John sofre alguma modificação, perdoe-me pela aparente inconsistência. Eu descrevo o sentimento tal como no momento que eu o experimentei. Da mesma forma, descrevo o seu caráter tal como ele ia se revelando ou eu o descobrindo.

O doutor John mostrou a delicadeza de seu temperamento, tornando-se mais gentil comigo depois do ocorrido. Com efeito, o próprio incidente que, pela minha teoria, devia, de algum modo nos afastar, modificou de fato as nossas relações, mas não no sentido que eu dolorosamente previra. Qualquer coisa de invisível, mas frio, embora muito leve e transparente, uma espécie de divisória de gelo tinha, até então e desde sempre, resfriado as nossas relações. Aquelas poucas palavras tórridas, embora quente apenas de ira, incidiram naquele frágil gelo de reserva que, por este tempo, deu nota de dissolução. Acredito que, a partir daquele dia, enquanto nós continuamos amigos, nunca mais em conversa, ele fez cerimônia comigo. Parecia saber que, se falasse apenas de si e daquilo que mais o interessava, corresponderia sempre a minha expectativa, satisfaria sempre o meu desejo. Evidentemente, como uma coisa natural, eu continuei a ouvir muito sobre Genevra.

Genevra! Ele a julgava tão leal, tão boa, falava com tanto amor de seus

encantos, sua doçura, sua inocência, que, apesar do meu prosaico conhecimento da realidade, até eu comecei a ver na sua imagem uma espécie de reflexo resplendor. Ainda assim, leitor, sinto-me livre para confessar que ele muitas vezes dizia tolices; eu, porém, esforçava-me para ser infalivelmente paciente para com ele. Eu já tinha recebido a minha lição; aprendera quão grave era para mim a dor de fazê-lo se zangar, de ofendê-lo ou de desiludi-lo. Em um sentido novo e estranho, tornei-me mais egoísta e perfeitamente impotente de recusar a mim mesma o prazer de ser generosa com o seu caráter dócil.

Contudo, parecia-me absurdo quando ele, obstinadamente, duvidava do seu poder de conquistar a preferência de Miss Fanshawe. Enraizou-se na minha própria mente, mais firmemente do que nunca, a convicção de que ela apenas dava atenção aos outros para incitá-lo, e que, no fundo do seu coração, ela ansiava pelos seus olhares e por suas palavras. Às vezes, ele me fadigava a despeito da minha resolução de ouvi-lo e suportá-lo naquela ladainha; no meio desse prazer meio amargo, ele batia tanto na minha paciência que mais de uma vez ela fiscoou. Por acaso, afirmei um dia, na intenção de acalmar a sua impaciência, que, para mim, era coisa certa que Miss Fanshawe tencionava aceitá-lo.

– Coisa certa? Era fácil dizer isso, se eu tivesse qualquer motivo para tal garantia.

– Ela tem os melhores motivos para isso – afirmei, inescrupulosamente. Não porque ele não os tivesse, mas ela não tinha o caráter de enxergá-los.

– Agora, Lucy, diga-me quais são estes motivos?

– Conhece-os tão bem quanto eu! E, conhecendo-os, doutor John, espanta-me, realmente, que não deposite a mais completa confiança na sua fidelidade. Duvidar, dadas as circunstâncias, é quase um insulto.

– Agora você está começando a falar rápido demais. Acalme-se e dê-me uma explicação completa: eu preciso dela.

– O senhor as terá, doutor John. Em alguns casos, é um homem pródigo e generoso. É fiel e sempre pronto a se doar. Se algum dia o padre Silas o converter, há de lhe dar abundância de esmolas para os seus pobres, velas para o seu altar e fará o possível para enriquecer o santuário do seu santo favorito. Da mesma forma, vai fazer o seu melhor para enriquecer Ginevra.

– Cale-se – disse ele. – Não continue.

– Não me calo e vou continuar: Ginevra recebeu muitas coisas das suas

mãos, mais do que eu poderia contar. Procurou para ela as flores mais caras; dedicou-se para descobrir os presentes mais delicados, tais como pensaria que só uma mulher seria capaz de imaginar; e, além disso, Miss Fanshawe possui um conjunto de ornamentos, em cuja compra, a sua generosidade deve ter pendido para a extravagância.

A modéstia que a própria Ginevra nunca mostrara naquele assunto fez corar o seu admirador.

– Bobagem! – disse ele, retalhando destrutivamente um pedaço de seda com a minha tesoura. – Eu as ofereci para me agradar: eu senti que ela me fazia favor aceitando-as.

– Fez mais do que um favor, doutor John: empenhou a sua própria honra no dever de que ela daria algum retorno. Se ela não puder pagar em afeto, tem o dever de entregar um equivalente comercial sob a forma de algumas peças de ouro.

– Mas, você não a compreende: ela é demasiado desinteressada para se importar com os meus presentes e muito simples para saber o valor deles.

Eu ri: eu a ouvira atribuir a cada joia o seu real preço e eu sabia também que, apesar de tão jovem, os embaraços com dinheiro, tudo ligado à fortuna e as suas tentativas para obtê-la era, há anos, o estímulo mais favorito e mais frequente dos pensamentos de Ginevra. Ele prosseguiu:

– Eu só queria que a tivesse visto em qualquer uma dessas ocasiões, nas quais, coloquei no seu colo alguma ninharia: tão fria, tão desinteressada, tão impassível. Não tinha nem pressa em pegá-las, nem mesmo prazer em contemplá-las. Só por amável relutância em me magoar ela deixava ficar com o buquê e consentia, talvez, em aceitar o presente. Ou, se eu prendia uma pulseira em seu braço de marfim, por mais bonita que fosse a joia (e eu sempre escolhi cuidadosamente o que me pareceu bonito, e que, naturalmente, tinha algum valor), nunca vi que seus olhos brilhassem: ela dificilmente lançava um olhar para o meu presente.

– Então, é claro, visto que não apreciava seus presentes, por que não os tirava e os devolvia para o senhor?

– Não! Ela era muito bondosa para semelhante repulsa. Ela consentia em fingir que havia esquecido o que eu havia feito e guardava a oferta com um ar natural e senhoril. Sob tais circunstâncias, como pode um homem interpretar a aceitação dos seus presentes como um sintoma favorável? De minha parte, ainda que lhe oferecesse tudo o que tenho, e ela o aceitasse, é tal

a sua incapacidade de ser influenciada por considerações sórdidas, que eu não me convenceria de ter avançado um único passo.

– Doutor John – comecei eu. – O amor é cego... – mas, neste momento um raio azul, sutil, lançado de soslaio por seus olhos, me fez lembrar os velhos tempos. Lembrei-me do seu retrato na parede quando bem jovem, e, neste instante, quase me levou a pensar que, parte, pelo menos, da presunção da ingenuidade dedicada a Miss Fanshawe era fingida; levou-me a conjecturar que, talvez, apesar da sua paixão por sua beleza, a sua apreciação de suas fraquezas, eventualmente, a sua visão sobre ela fosse menos errada, mais lúcida do que a sua linguagem deixava presumir. Enfim, talvez fosse apenas um olhar casual ou, na melhor das hipóteses, sinal de uma impressão momentânea. Casual ou intencional, real ou imaginário, o caso foi que encerrei a conversa.

CAPÍTULO XIX

Cleópatra

A minha estadia em *La Terrasse* foi prolongada por mais quinze dias após o encerramento das férias. A gentil ingerência da senhora Bretton conseguiu essa prorrogação. Como seu filho havia um dia declarado “que Lucy não estava bastante forte para voltar para o *pensionnat*”, ela dirigiu-se imediatamente à *rue Fossette* e teve uma conversa com Madame Beck. Para a minha completa surpresa, ela obteve complacência. A minha madrinha usou o argumento de que era necessário repouso prolongado e mudança de áres para meu completo restabelecimento. A este fato, no entanto, seguiu-se uma atenção que eu teria perfeitamente dispensado: uma educada visita de Madame Beck.

Aquela senhora, um belo dia, veio em um fiacre até o castelo. Acho que a visita fora motivada por uma curiosidade de ver em que tipo de lugar morava o doutor John. Aparentemente, a beleza do local, o agradável conforto, a elegância do seu interior excederam as suas expectativas. Elogiou tudo o que viu, declarou a sala azul *une pièce magnifique*,^[182] felicitou-me profusamente pela aquisição de amigos – *tellement dignes, aimables et respectables*,^[183] – teceu, igualmente, um fervoroso elogio em meu favor, e, ao doutor John. Neste momento, correu até ele com a maior vivacidade, abrindo ao mesmo tempo, um fogo rápido de palavras, repletas de felicitações e enaltecimentos sobre o seu – *château, madame de mère, la digne châtelaine* ^[184] – e também a sua aparência, o que, de fato, era excelente e, no momento ainda embelezado pelo sorriso de boa índole, porém divertindo-se com o francês fluente e florido de Madame. Em suma, ela estava em um de seus melhores dias e entrou e saiu como uma roda viva de elogios, encantos e afabilidade. Em parte por delicadeza e em parte para receber em troco algum enlevo sobre a sua escola. Acompanhei-a ao fiacre e espreitei depois de ela estar sentada e a porta fechada. Naquela pequena fração de tempo, que mudança se tinha operado! Toda a vivacidade e gracejos, de instante atrás, tinham acabado. Agora estava mais severa que um juiz e mais grave que um

sábio. Estranha mulher!

Voltei e comecei a brincar com o doutor John sobre a devoção de Madame Beck para com ele. Como ele riu! Com que graça lembrou alguns de seus belos discursos e os repetiu, imitando a sua maneira volúvel de falar. Ele tinha um agudo senso de humor e era o melhor companheiro do mundo – quando podia esquecer Miss Fanshawe.

Dizem que a luz do sol, calma e suave, é excelente para pessoas fracas, pois lhes dá força vital.

Quando a pequenina Georgette Beck estava se recuperando de sua doença, eu costumava levá-la em meus braços para passear no jardim durante uma hora. Sentávamos debaixo de certo muro coberto de uvas e o sol do Sul acarinhava e robustecia aquela criaturinha frágil e pálida tão eficazmente como fazia crescer e amadurecer os cachos.

Há temperamentos humanos brandos, ardentes, afáveis, cuja influência é tão boa para os doentes de espírito como o sol para o que sofre algum mal no corpo. O doutor Bretton e a mãe pertenciam, sem dúvida, ao grupo que fazia bem à alma de qualquer um. Gostavam de transmitir felicidade, como alguns gostam de causar infortúnios. Faziam-no instintivamente, sem alarde, e, aparentemente, de forma inconsciente. Os meios de proporcionar prazer nasciam espontaneamente em seus espíritos. Todos os dias, enquanto eu estive com eles, propunham algum plano que resultasse em benéfico prazer. Apesar de ter o seu tempo tão ocupado, o doutor John encontrava sempre meio de nos acompanhar em todas as pequenas excursões.

Os compromissos eram numerosos, mas graças ao seu método de trabalho, que deixava um período do dia livre, nos abrilhantava com a sua presença. Muitas vezes eu o vi cheio de trabalho, contudo, raramente fatigado e nunca irritado ou deprimido. Tudo o que ele fazia era com a facilidade e a graça da autossuficiência, com entusiasmo de uma abundante e ininterrupta energia. Guiada por ele, vi mais de *Villette*, dos seus arredores e dos seus habitantes, nesses felizes quinze dias, do que durante a minha permanência anterior de oito meses. Levou-me a lugares interessantes da cidade, cujos nomes eu nunca ouvira falar. Com boa

vontade, deu-me valiosas informações. Nunca pareceu estar incomodado em conversar comigo e tenho certeza de que nunca para mim foi penoso ouvi-lo. Não era de seu feitio tratar de assuntos com frieza ou vagamente; raramente generalizava e nunca era enfadonho, exceto quando o assunto era Ginevra. Apreciava tanto quanto eu os bonitos pormenores. Era, além disso, um bom observador de caráter, que nada tinha de superficial. Estes pontos davam qualidade e interesse à sua conversa e o fato de falar com as suas próprias opiniões, sem buscá-las em citações de livros – um fato seco aqui, uma frase banal, uma opinião já gasta –, dava ao seu estilo um frescor, bem-vindo e que deveria ser mais apreciado por ser tão raro. Perante os meus olhos, o seu temperamento parecia também desdobrar-se em outras facetas: um nascer de um novo dia e o levantar-se numa aurora fresca e nobre.

Se sua mãe possuía uma boa dose de benevolência, a sua era ainda maior. Descobri acompanhando-o a *Basse-Ville* – um bairro pobre e populoso da cidade – que as suas visitas ali eram mais do filantropo do que do médico. Compreendi, pouco depois, que, alegremente, habitualmente e, na sincera inconsciência de que os seus hábitos tivessem algum mérito especial, praticava largamente o bem entre essa população necessitada. As classes baixas gostavam muito dele; os seus doentes pobres dos hospitais acolhiam-no com uma espécie de entusiasmo.

Mas, já basta – não devo degenerar de narradora fiel em parcial lisonjeira. Sei muito bem que o doutor John não era perfeito, como eu também não sou. A falibilidade humana corrompia-o completamente: não havia hora, diria até, dificilmente, um momento em que eu passasse com ele em que, por atos, palavras ou olhares, ele não traísse qualquer coisa que não fosse própria de um deus. Um deus não podia ter a cruel vaidade do doutor John, nem a sua inconsistência em determinadas ocasiões. Nenhum imortal poderia assemelhá-lo no seu casual e temporário esquecimento de tudo que não fosse o presente – na sua absorvente paixão por esse presente, que mostrava, não grosseiramente, entregando-se ao prazer material, mas egoisticamente, extraindo dele tudo o que podia servir de alimento ao seu amor próprio masculino: o seu gosto era alimentar esse prazer voraz, sem olhar o preço da forragem, ou pensar no custo de mantê-lo elegante e bem nutrido.

Peço ao leitor que observe a contradição aparente dos dois aspectos

que conferi a Graham Bretton – o público e o privado, o interior e o exterior. No primeiro – o público – mostrei-o esquecido de si próprio: tão modesto na ostentação das suas energias, como sério em exercê-las. No segundo – no interior – inconsciente ou não, tinha demasiado prazer nos elogios, nas homenagens, certo atrevimento em provocá-los, alguma vaidade em recebê-los. Ambos os retratos estão corretos.

Não era possível obrigar o doutor John ao silêncio de uma gentileza. Quando se pensava ter realizado despercebidamente qualquer ninharia dedicada à sua utilização e que, uma vez alcançada, ele a utilizaria despercebido, sem perguntar de onde teria vindo, ele desiludia-nos com uma ou duas sorridentes observações, que provavam que seus olhos estavam vigilantes do início ao fim: que ele tinha notado a intenção, o progresso e a conclusão. Agradava-lhe ser assim servido e deixava que esse prazer brilhasse nos olhos e lhe brincasse na boca.

Tudo isto estaria muito bem se ele não adicionasse a essa demonstração amável e discreta certa obstinação em pagar o que ele chamava de suas dívidas. Quando a mãe trabalhava para ele, pagava-lhe prodigalizando ainda mais as suas brincadeiras, com o seu modo habitual, arrelizador e trocista. Se descobrisse que Lucy Snowe colaborara nesse trabalho, ele planejava em recompensa qualquer agradável distração.

Muitas vezes me admirei com o seu perfeito conhecimento de *Villette*: um conhecimento não apenas confinado às suas ruas, mas penetrava em todas as suas galerias, salas e gabinetes. Parecia conhecer o “*Abre-te, Sésamo*” de todas as portas que encerravam qualquer objeto digno de ser visto, de cada museu, de cada salão, de todos os salões consagrados à arte ou à ciência.

Eu nunca tive cabeça para as ciências, mas um instinto cego, ignorante e forte inclinava-me à arte. Eu gostava de visitar as galerias de pintura e adorava que me deixassem sozinha naquelas visitas. Acompanhada, uma miserável *idiosincrasia* impedia-me de ver muito ou não sentia nada.

Em companhia de desconhecidos, quando era necessário manter uma conversa sobre algum assunto, meia hora bastava para que uma combinação de pressão, cansaço físico e inteira incapacidade mental me deprimisse. Não vi ainda criança bem criada e muito menos adulto educado que não me envergonhasse pela sua inteligência sustentada, seu comportamento perante uma visita a alguma galeria, lugares históricos ou edifícios de interesse público.

O doutor John era um cicerone segundo o meu coração. Costumava levar-me cedo, antes que as galerias estivessem cheias, deixava-me lá por duas ou três horas e buscava-me quando os seus compromissos terminavam. Enquanto isso, eu estava feliz. Feliz não só em admirar, mas em observar, questionar e tirar as minhas próprias conclusões. No início dessas visitas, houve certo desentendimento entre meu estranho temperamento, a minha vontade e mente. A mente exigia aprovação do que era considerado ortodoxo admirar, isto é, aquilo que não afligiria as minhas convicções, as regras internas que a minha consciência me impunha, mesmo contra a minha razão. Parte de mim resmungava por minha total incapacidade de prestar esse tributo. Dessa forma, eu era zombada, ridicularizada e espicaçada por mim mesma. Portanto, a outra parte de mim instigava-me a refinar o meu gosto, a afiar a minha sensibilidade e a aguçar o entusiasmo. Era uma luta interna.

Quanto mais eu era censurada, menos era capaz de elogiar. Descobrimo aos poucos que uma maravilhosa sensação de fadiga resultava desses esforços conscienciosos comecei a refletir se eu não poderia dispensar-me desse grande labor, e, eventualmente, concluí que eu poderia e mergulhei, calmamente, num luxo da indiferença perante noventa e nove por cento dos quadros expostos.

Parecia-me que um quadro bom e original era tão raro quanto um livro bom e original; e, por fim, não receava dizer a mim mesma, perante certa *chef-d'oeuvres* [185] com grandes nomes: “Isto não é nada comparado à natureza.” A luz natural do dia nunca teve aquela cor; nunca tempestade ou nuvem foi tão turva como ali sob um céu de anil; e aquele anil não é etéreo, celestial; e aquelas manchas escuras não são árvores. Algumas mulheres gordas, bem executadas e de ar complacente não me impressionaram de modo algum como as deusas que pareciam considerar-se. Muitos pequenos quadros flamengos maravilhosamente bem acabados, assim como esboços excelentes para figurinos exibindo variados trajes dos mais belos tecidos, deram provas de louvável engenho, caprichosamente aplicado. E, contudo, havia fragmentos de verdade, aqui e ali, que satisfizeram a minha consciência e tons de luz que alegravam a vista. A força da natureza surgia, aqui, através de uma tempestade de neve na montanha e ali mostrava o seu esplendor num dia ensolarado nos países do Sul. Uma expressão naquele retrato provava profundo conhecimento de caráter do retratado; um rosto, naquela pintura histórica, pela sua nítida semelhança filial, lembrava-nos que um gênio o

produzira. Estas exceções eu amava e iam se tornando queridas como amigos.

Certa manhã, encontrava-me tranquila, quase sozinha, numa galeria, onde um quadro particular de enorme formato, portentoso, encontrava-se exposto à melhor luz. À frente, adiante de um cordão de proteção, foi colocado um banco almofadado para acomodação dos extasiados conhecedores. Quando se cansavam de apreciá-lo ou estudá-lo de pé poderiam, de bom grado, sentar-se para continuar a observação deste quadro que, em minha opinião, parecia ser a rainha da coleção.

Representava uma mulher consideravelmente maior, pensei, do que a realidade. Calculei que aquela senhora, se colocada numa balança de tamanho adequado à sua corpulência, devia, infalivelmente, pesar cem ou cento e quinze quilos. Era, de fato, extremamente bem nutrida. Devia ter consumido muita carne de açougue, para não dizer pão, vegetais e líquidos para atingir aquela largura e altura, enfim, aquela riqueza de carnes. Estava semirreclinada num sofá. Por que, seria difícil dizer; estava iluminada pela luz clara do dia e parecia em saúde perfeita, forte o suficiente para fazer o trabalho de duas cozinheiras; não podia queixar-se de fraqueza na espinha; deveria estar de pé ou, pelo menos, sentada ereta. Não tinha nada que preguiçar em pleno dia em um sofá. Devia, também, estar decentemente vestida, com um vestido que a cobrisse corretamente, o que não era o caso; de tecido abundante, talvez uns vinte e sete metros de pano, eu diria uma cortina, mesmo assim ela não conseguira fazer uma veste eficiente. Para o vergonhoso desalinho que a rodeava não poderia haver nenhuma desculpa.

No primeiro plano, estavam espalhados panelas e tachos – talvez eu devesse dizer vasos e taças –; havia flores velhas misturadas entre estes utensílios e uma quantidade absurda e desordenada de tapeçaria sufocava o sofá e o assoalho. Procurando no catálogo, descobri que esta notável produção tinha o nome de “Cleópatra”.

Bem, eu estava sentada pensando nisso (já que o banco estava lá, pensei que eu poderia muito bem tirar proveito daquela comodidade), e pensando que, embora alguns dos detalhes, tais como rosas, taças de ouro, joias etc..., estivessem muito bem pintados, a peça, em um todo, era apenas uma charlatanice; a sala, quase vazia quando entrei, começou a encher. Mal reparando nessa circunstância (como, de fato, isso não importava para mim) conservei no meu assento, mais para descansar do que para admirar esta enorme e morena rainha cigana, de quem, no entanto, eu logo cansei,

dirigindo-me, como refrigerio, para a contemplação de alguns requintados pequenos quadros: flores selvagens, frutos silvestres, ninhos de pica-paus, cujos ovos pareciam pérolas, vistos através da clara água do mar. Todos pendiam, modestamente, debaixo da grande, grosseira e absurda tela.

De repente, senti um leve toque no meu ombro. Estremecendo, voltei-me e vi um rosto inclinado para mim; um rosto de sobrolho franzido, quase um rosto chocado.

– *Que faites-vous ici?* [186] – disse uma voz.

– *Monsieur, je m’amuse.* [187]

– *Vous vous amusez! Et à quoi, s’il vous plaît? Mais d’abord, faites moi le plaisir de vous lever; prenez mon bras et aloons le l’autre allons coté.* [188]

Eu fiz exatamente como ele me pedira. *Monsieur* Paul Emanuel, que voltara de Roma e agora, homem viajado, não parecia ser mais tolerante perante uma insubordinação, que antes daquela distinção complementar laurear a sua frente.

– Permita-me que a conduza ao seu grupo – disse ele, à medida que atravessávamos a sala.

– Eu não tenho grupo.

– Você não está sozinha?

– Estou sim, *Monsieur*.

– Você veio aqui desacompanhada?

– Não, *Monsieur*. Foi o doutor Bretton que me trouxe.

– O doutor Bretton e a senhora sua mãe, sem dúvida?

– Não, apenas o doutor Bretton.

– E ele disse-lhe para que olhasse para aquele quadro? – apontando para Cleópatra.

– De maneira nenhuma. Eu mesma o descobri.

O cabelo de *Monsieur* Paul estava cortado muito rente e, quando me ouviu, ficou de cabelos em pé, pareciam que os fios formavam cerdas na cabeça. Comecei a compreender onde ele queria chegar e sentia certo prazer em me manter calma, irritando-o.

– Extraordinária audácia insular! – exclamou o professor. – *Singulières femmes que ces anglaises!* [189]

– Qual é o problema, *Monsieur*?

– Qual o problema? Como se atreve uma pessoa jovem a sentar-se

calmamente, com naturalidade de um garçom, e olhar para aquele quadro?

– É um quadro muito feio, mas eu não vejo razão para que eu não olhe para ele.

– Bom! Bom! Não falemos mais nisso. Mas, não deveria estar aqui sozinha.

– Mas, se eu não tenho companhia? Nenhum partido, como *Monsieur* diz. Afinal, o que importa se estou sozinha ou acompanhada? Ninguém me incomoda.

– *Taisez-vous et asseyez-vous là, là!*[\[190\]](#) – e colocou, enfaticamente, uma cadeira em um canto particularmente obscuro, diante de uma série de quadros particularmente insípidos.

– Mas, *Monsieur*?

– *Mas, Mademoiselle, asseyez-vous, et ne bougez pás, entendez-vous? Jusqu'à ce qu'on vienne vous chercher, uo que je vous donne la permission.*[\[191\]](#)

– Que canto triste! – exclamei eu –, e cheio de quadros feios...

Eram feios, com efeito. Uma série de quadros, denominada no catálogo: *La vie d'une femme*,[\[192\]](#) que tinha sido pintada num estilo bastante notável: sem graça, pesado, pálido e formal. O primeiro representava uma jovem saindo da porta de uma igreja com um missal na mão, um vestido apurado, olhos baixos e boca contorcida. A imagem mais vil da precoce hipócrita. O outro era de uma noiva, com um longo véu branco, ajoelhada em um genuflexório em seu quarto, de mãos postas e mostrando o branco dos olhos de uma forma irritante. O terceiro era de uma jovem mulher, debruçada e desconsolada sobre um bebê inchado, cor de argila, com um rosto como uma insalubre lua cheia. O quarto, de uma viúva, vestida de negro, segurando pela mão uma menina, também de trajes escuros. Ambas contemplavam, diligentemente, um elegante jazido francês. Todos estes quatro “anjos” eram sombrios e cinzentos como assaltantes; frios e sem graça como fantasmas. Todos demonstravam mulheres sem cérebro, meras nulidades! Tão ruins, em seu gênero, como a indolente cigana gigante, Cleópatra, no dela.

Aquelas obras-primas não prenderam a minha atenção por muito tempo e comecei a vaguear e observar a galeria. Por esta altura, uma verdadeira multidão de espectadores estava reunida em volta da leoa, de cuja vizinhança eu tinha sido banida. Quase metade era de mulheres, mas,

segundo me disse depois *Monsieur* Paul, eram senhoras e podiam contemplar aquilo que nenhuma donzela deveria sequer levantar os olhos. Assegurei-lhe claramente que eu não poderia concordar com a sua doutrina e que não compreendia o sentido dela; a isto, com o seu habitual despotismo, ele se limitou a pedir o meu silêncio, e declarou também a minha imprudência misturada com ignorância. Jamais vira um homem mais despótico do que *Monsieur* Paul numa cadeira de professor. Notei, por sinal, que ele próprio olhou para o quadro bastante à vontade e por um tempo prolongado. No entanto, não se esquecia de olhar para mim de vez em quando para se assegurar, suponho, de que eu estava obedecendo às suas ordens e não quebrara os limites. Pouco depois, abordou-me novamente e perguntou se eu tinha estado doente, pois ouvira dizer que sim.

– Sim – respondi, mas acrescentei que eu já estava muito bem.

– Onde passou as férias? – ele quis saber.

– Parte na *rue* Fossette e parte com a senhora Bretton.

Ele tinha ouvido falar que eu fora deixada sozinha na *rue* Fossette e perguntou: – É verdade?

– Inteiramente só, não. Marie Broc (a cretina) estava comigo.

Ele deu de ombros. Expressões variadas e contraditórias lhe passaram rapidamente pelo semblante. Marie Broc era bem conhecida de *Monsieur* Paul. Apesar de nunca lecionar para o terceiro ano – que continha as alunas menos avançadas –, quando ele a via, esta lhe provocava um forte conflito entre impressões antagônicas. A sua aparência pessoal, as suas maneiras repulsivas, o seu gênio, muitas vezes incontrolável, irritavam-no e inspiravam nele uma forte antipatia – sentimento que ele nutria facilmente quando o seu gosto era ofendido ou a sua vontade frustrada. Por um lado, seus infortúnios constituíam uma forte exigência à sua paciência e compaixão – tal afirmação seja dita em sua defesa, pois não estava em sua natureza não ser misericordioso –, daí resultavam batalhas quase diárias entre impaciência e repugnância, versos compaixão e senso de justiça. Por outro, era muito raro que os sentimentos ruins prevalecessem; quando assim ocorria, *Monsieur* Paul mostrava um lado do seu caráter que tinha seus terrores: suas paixões eram violentas; suas aversões e afeições, igualmente vívidas. Contudo, os esforços que ele fazia para reprimi-las não mitigavam, aos olhos de um

observador, a sensação de sua veemência. Com tais tendências temperamentais, pode muito bem ser suposto que ele, muitas vezes suscitasse, em mentes vulgares, medo e antipatia. No entanto, era um erro temê-lo. Nada o punha tão furioso como o tremor de um espírito apreensivo e desconfiado; nada o tornava tão brando como confiança temperada com a mansidão. Reconhecer estes sentimentos em *Monsieur Paul*, portanto, exigia uma profunda compreensão de sua natureza; e o seu temperamento, contudo, era de uma espécie raramente compreendida.

– Como se arranjou com Marie Broc? – perguntou ele, após alguns minutos de silêncio.

– *Monsieur*, eu fiz o meu melhor, mas foi terrível estar sozinha com ela.

– Tem, então, um coração fraco. Falta-lhe coragem, e, talvez, compaixão. As suas qualidades não lhe permitiriam ser uma irmã de caridade.

Ele era um homem religioso, ao seu modo: a parte de abnegação e sacrifício da religião católica tinha o respeito da sua alma.

– Eu não sei, na verdade. Cuidei bem dela, mas quando a tia veio buscá-la, foi um grande alívio.

– Ah! É egoísta. Há mulheres que tratam hospitais inteiros de infelizes semelhantes. Não poderia fazer isso?

– E *Monsieur* poderia fazê-lo?

– As mulheres dignas desse nome devem ser infinitamente superiores ao nosso sexo na capacidade de exercer essas funções. Somos grosseiros, falíveis e comodistas.

– Eu a lavava, a alimentava, procurava distraí-la, mas em vez de falar, fazia-me caretas.

– Acha que fez grandes coisas?

– Não! Mas foram tão grandes quanto eu podia fazê-las.

– Então, as suas forças são limitadas, pois caiu doente por cuidar de uma idiota.

– Não foi isso, *Monsieur*, tive uma febre nervosa: minha mente estava doente.

– *Vraiment! Vous valez peu de chose.* [193] Não foi fundida num molde heroico. A sua coragem não serviu para sustentá-la na solidão. Ela, simplesmente, só lhe dá ousadia para olhar com sangue frio para o quadro de Cleópatra.

Teria sido fácil mostrar-me furiosa com o tom hostil daquele homem. Contudo, eu nunca tinha me zangado com ele e não estava com disposição para começar.

– Cleópatra – repeti, calmamente. – *Monsieur* também esteve observando seu quadro. O que pensa dela?

– *Cela ne vaut rien* – respondeu ele. – *Une femme superbe, une taille d’Imperatrice, des formes de Junon, mais une personne dont je ne voudrais ni pour femme, ni por fille, ni pour soeur. Ne cherchez pas plus à cette image de Cléopâtre.* [194]

– Mas, eu olhei para ela muitas vezes enquanto *Monsieur* estava falando. Posso vê-la perfeitamente deste canto.

– Vire-se para a parede e estude os quatro quadros da vida de uma mulher.

– Desculpe-me, *Monsieur* Paul, mas são horríveis! Porém, se os admira, permita-me que lhe ceda o meu lugar e o deixe entregue à sua contemplação.

– *Mademoiselle* – disse ele, fazendo uma careta de um meio sorriso que pretendia que fosse um sorriso, porém, fora apenas uma manifestação sombria e apressada. – As filhas do protestantismo me surpreendem. As mulheres inglesas caminham calmamente e desprotegidas sobre o fogo e não se queimam. Acredito que, se algumas de vocês fossem lançadas na mais quente fornalha de Nabucodonosor, sairiam de lá sem que as chamas lhes tocassem.

– Será que *Monsieur* pode ter a bondade de se mover um centímetro para um lado?

– Como? Para onde está olhando agora? Tem algum conhecido entre aquele grupo de rapazes?

– Creio que sim. Na verdade, está ali uma pessoa que eu conheço.

Na verdade, eu tinha tido um vislumbre de uma cabeça bonita demais para pertencer a qualquer outro que não fosse o temível Coronel De Hamal. Que altamente polido ele era! Que figura formosa e elegante! Que pés e mãos tão femininos! Com que delicadeza segurava um copo e com que admiração contemplava Cleópatra! E, depois, com que encanto se curvou para seu amigo ao seu lado, com risinhos e segredos! Oh! Que homem sensato! Oh! Que cavalheiro refinado de gosto tão superior! Observei-o por cerca de dez minutos, e percebi que ele estava

extremamente encantado pela corpulenta Vênus do Nilo. Eu estava tão interessada em sua direção, tão absorvida em adivinhar seu caráter pelos seus olhares e movimentos, que esqueci temporariamente de *Monsieur Paul*. Entretanto, um grupo ficou entre mim e ele, ou, eventualmente, seus escrúpulos tinham recebido outro novo choque com a minha abstração, levando-o a retirar-se voluntariamente: de qualquer forma, quando eu olhei novamente em volta, ele tinha partido.

Os meus olhos, prosseguindo na busca, não o encontraram, mas sim outra figura bem diferente, bem visível em meio à multidão, pois tanto a altura, quanto o porte lhe emprestavam uma distinção especial. Desta forma, veio o doutor John, tão diverso no rosto, na forma, na cor, do acerbo e cáustico *Monsieur Paul*, como fruto das Hespérides deveria ser diferente do fruto selvagem do bosque; como o cavalo árabe, feroso, porém tratável, é diferente do rude e teimoso *poney de Shetland*. Ele estava à minha procura, mas ainda não tinha explorado o canto onde o professor tinha me instalado. Permaneci quieta, eu queria observá-lo por mais um minuto.

Ele se aproximou de De Hamal e parou junto dele. Eu pensei que ele devesse ter prazer em lhe olhar por cima da cabeça. Doutor Bretton também olhava para Cleópatra. Duvidei que o quadro fosse do seu gosto: ele não sorriu boçalmente, como o pequeno conde; pelo contrário, notei que seu olhar era frio, e sua boca parecia entediada; sem qualquer demonstração, afastou-se, deixando espaço para que os outros se aproximassem. Vendo agora que ele estava à espera, levantei-me e juntei-me a ele.

Demos uma volta na galeria. Era muito agradável dar uma volta assim com Graham Bretton. Eu sempre gostei muito de ouvir o que ele tinha a dizer sobre quadros ou livros, porque sem a pretensão de ser um conhecedor, ele sempre expressava o seu pensamento de forma original: muitas vezes era também justo e conciso. Era agradável também dizer-lhe alguma coisa de que ele não sabia, pois ouvia tão gentilmente, sem se importar que o tomasse por inescrupuloso ao curvar a sua bela cabeça para escutar uma explicação de uma mulher obscura, ou que isso pudesse afrontar a sua dignidade masculina. E, quando ele comunicava uma informação em troca, era com uma lúcida inteligência que deixava todas as suas palavras claramente gravadas na memória; jamais esqueci um fato

qualquer ou explicação que ele me tenha narrado.

Quando saímos da galeria, eu perguntei o que ele tinha achado do quadro de Cleópatra. Antes de fazê-lo rir, dizendo-lhe como o professor Emanuel me mandara para onde me convinha e mostrando-lhe a linda série de quadros recomendados à minha atenção.

– A minha mãe é muito mais bonita. Eu ouvi alguns almofadinhas franceses, ali, designando-a como “*type du voluptueux*”; [195] se assim for, posso apenas dizer-lhe que ‘*le voluptueux*’ é pouco do meu gosto. Compare aquela mulata com Ginevra!

CAPÍTULO XX

O Concerto

Certa manhã fui surpreendida com a senhora Bretton em meu quarto, pedindo que eu abrisse as minhas gavetas e lhe mostrasse os meus vestidos, o que eu fiz, sem uma palavra.

– Está bem – disse ela, depois de examiná-los. – Você precisa de algo novo.

Ela saiu e voltou pouco depois com uma costureira e mandou que ela tirasse as minhas medidas.

– Vou seguir o meu próprio gosto e eu tenho a minha própria maneira nessa questão.

Dois dias depois, chegou aqui em casa um vestido cor-de-rosa.

– Isto não é para mim – disse eu, às pressas, sentindo que seria obrigada a vestir o traje de uma nobre chinesa.

– Veremos se é para você ou não – disse a minha madrinha, acrescentando, com sua irresistível decisão: – Ouve bem o que te digo. Vai vesti-lo nesta mesma noite.

Pensei comigo que não o vestiria. Que nenhuma força humana poderia obrigar-me a colocar-me dentro dele. Um vestido rosa! Eu não o conhecia, ele não me conhecia. Eu não o tinha aprovado.

Minha madrinha continuou a decretar que eu iria com ela e com Graham a um concerto, naquela mesma noite, “concerto importante”, explicou que se tratava de um evento que seria realizado no grande salão, ou *hall da* principal sociedade musical. Os alunos mais avançados do Conservatório iriam tocar; seguiria uma loteria “*au bénéfice des pauvres*”, [196] e, para coroar tudo, o rei, a rainha, e o príncipe de *Labassecour* estariam presentes. Graham, ao enviar os bilhetes, tinha ordenado atenção para o traje como homenagem à realeza: ele também recomendou, igualmente, rigorosa pontualidade para as dezenove horas.

Por voltas das dezoito horas, fui conduzida para o andar de cima. Sem qualquer força, fui guiada e influenciada pela vontade de outrem, sem ser

consultada ou sequer persuadida, perfeitamente dominada. Em suma, o vestido cor-de-rosa foi enfiado cabeça abaixo; suavizado por um ornamento de renda preta. Declararam que eu estava muito bonita e pediram que eu olhasse no espelho. Assim o fiz com algum receio e tremor; e, com mais receio e tremor me afastei dele. O relógio bateu dezenove horas; o doutor John havia chegado, eu e minha madrinha descemos. Ela estava vestida de veludo marrom, enquanto eu caminhava à sua sombra, quanto lhe invejei aquela grave e negra majestade! Graham estava à porta da sala de estar.

Espero que ele não pense que me enfeitei para chamar a atenção. Foi minha inquieta aspiração.

– Aqui tem algumas flores, Lucy – disse ele, oferecendo-me um buquê. Não fez qualquer observação sobre o meu vestido, além daquela que estava implícita em seu sorriso amável e aceno satisfeito com a cabeça, o que acalmou de uma vez meu sentimento de vergonha e medo do ridículo. Para o resto, o meu vestido fora feito com extrema simplicidade, sem babados ou franjas, mas o tecido leve e a tonalidade brilhante me assustaram e, desde que Graham não o achasse absurdo, os meus próprios olhos consentiram logo na reconciliação.

Suponho que as pessoas que vão a cada noite para lugares de diversão pública, dificilmente podem gozar do fresco sentimento de gala que um concerto ou uma ópera causam naqueles para quem são uma raridade. Eu não tenho certeza se esperava grande prazer no concerto, visto ter apenas uma noção muito vaga da sua natureza, mas eu gostei muito da movimentação até o local: o agradável conforto da carruagem fechada numa noite fria, embora bela; o prazer de sair com companhias tão alegres e simpáticas; a visão das estrelas cintilantes irregularmente através das árvores à medida que passávamos ao longo da avenida; em seguida, a vista mais livre do céu quando saíamos para a *chaussée*; a passagem pelas portas da cidade, as luzes que lá ardiam, os guardas ali postados, a pretensa inspeção a que fomos submetidos e que divertiu-nos muito – todas essas pequenas coisas tinham para mim, na sua novidade, um charme peculiar e emocionante. Até que ponto ele era causado pela atmosfera de amizade que me rodeava, eu não sei dizer: o doutor John e sua mãe estavam em seus melhores humores, discutindo animadamente o tempo todo e tão francamente amáveis para mim como se eu fosse da família.

O nosso caminho seguia por algumas das mais belas ruas de *Villette*,

profusamente iluminadas e muito mais animadas agora que em pleno dia. Quão vistosas pareciam as lojas! Quão feliz, alegre e abundante a multidão que percorria ao longo da larga calçada! Enquanto eu olhava, veio-me ao pensamento a *rue* Fossette, da escola e do jardim murados e das vastas, escuras salas de aula, onde, a essa mesma hora, era meu costume passear solitária, olhando as estrelas através das altas janelas e escutando a voz distante da leitora no refeitório, monotonamente ocupada com a *lecture pieuse*. Assim, eu, em breve, teria que voltar a escutar e a vaguear, e esta sombra do futuro avançou com oportuna sobriedade através do presente radiante.

Por a esta altura já tínhamos entrado em uma corrente de carruagens, que seguiam todas na mesma direção e, logo à frente, a fachada de um grande edifício iluminado brilhou diante de nós. O que eu iria ver dentro deste edifício, eu tinha, como antes declarado, apenas uma ideia imperfeita, pois nunca, até então, quisera a minha sorte que eu entrasse num local de diversão pública.

Descemos sob um pórtico, onde havia uma grande algazarra e uma multidão, mas não me lembro de mais detalhes, até que me encontrei subindo uma majestosa escadaria, larga e de fácil ascensão, com uma fofa passadeira vermelha, que terminava junto de grandes portas solenemente fechadas e cujas almofadas eram cobertas de tecido da mesma cor vermelha.

Mal reparei qual a estranha magia se fazia para girar estas portas. O doutor John ocupava-se desses assuntos; que elas giravam, não havia dúvida, deixando à mostra uma grande sala, alta e larga, cujas vastas paredes circulares e teto em abóbada me pareceram que eram todos de ouro (assim, com bela arte foi pintada), realçada por cornijas, caneluras e festões, brilhantes como ouro polido, ou branco-neve, como alabastro, ou branco e dourado misturados em coroas de folhas douradas e lírios impecáveis. Por toda a parte havia cortinas, tapeçarias, ou carpetes espalhados, ou colocadas almofadas, e a única cor empregada era o carmesim-escuro. Pendente da cúpula flamejava uma massa que me deslumbrou – na ocasião pensei em uma massa de cristal de rocha, faiscando com facetas, jorrando contas, incendiada por estrelas e suntuosamente matizada com orvalhos de gemas dissolvidas, ou fragmentos de arco-íris estilhaçados. Era apenas o lustre, leitor, mas para mim parecia uma obra de gênios orientais; quase olhei para ver se uma mão enorme, escura, sombria, a do escravo da Lâmpada, não penderia na

atmosfera brilhante e perfumada da cúpula, guardando o seu maravilhoso tesouro.

Avançávamos sem que eu tivesse consciência para onde, mas em certo lugar, de repente, encontramos outro grupo, que se aproximava em sentido oposto. Ainda agora posso ver esse grupo: uma bonita senhora de meia-idade, vestida de veludo escuro; um cavalheiro que podia ser seu filho, mais belo rosto, a melhor figura, pensei, que eu jamais tinha visto, e uma terceira pessoa em um vestido cor-de-rosa e manto de renda preta.

Reparei neles todos, tanto na terceira pessoa como nas outras duas e, durante uma fração de um momento, julguei-os estranhos, recebendo assim uma impressão imparcial da sua aparência. Mas, essa impressão mal foi sentida e não chegou a ser fixada antes que a consciência de que eu estava diante de um grande espelho, que preenchia um compartimento entre dois pilares, a dissipasse: o grupo era o nosso próprio. Assim, pela primeira e talvez a única vez da minha vida, eu gozei da mercê de me ver como os outros me veem. Não há necessidade de me debruçar sobre o resultado que só me trouxe dor e arrependimento. Não era lisonjeiro, mas, depois de tudo, eu deveria ser grata, podia ser pior.

Por fim, estávamos sentados em nossos lugares de onde tínhamos uma boa visão do vasto salão ofuscante, porém aconchegante e alegre. Já estava cheio e preenchido com um conjunto esplêndido. Não sei se as mulheres eram bonitas, mas os seus vestidos eram perfeitos. As estrangeiras, mesmo aquelas pouco graciosas na privacidade doméstica, pareciam possuir a arte de aparecer elegante em público: por mais contundentes e desgraçados que fossem os seus movimentos domésticos relacionados com *peignoir* [197] e as *papillotes*, há uma atitude, um modo de cabeça e dos braços, um jeito da boca e semblante dos olhos, reservados para uso de gala, sempre exibido com a grande *toilette* e devidamente postos com a *parure*.

Algumas daquelas mulheres eram modelos de um estilo peculiar de beleza, creio que um estilo nunca visto na Inglaterra: um tipo escultural sólido, bem firme. Estas formas não têm ângulos; uma cariátide em mármore é quase tão flexível como elas; uma deusa Fídias não é mais perfeita, quanto à imponência. Elas têm as feições que os pintores holandeses dão às suas madonas: feições clássicas dos Países Baixos, regulares, mas rodadas, corretas, impassíveis e, pela sua profunda e inexpressiva calma, pela sua paz sem paixões, só um campo de neve polar poderia ser comparado a elas.

Mulheres deste gênero não precisam de adornos e raramente os usam; o cabelo liso, estreitamente trançado, fornece um contraste suficiente entre as faces e a testa; o vestido não pode ser demasiado simples: o braço roliço e pescoço perfeito não exigem nem pulseira nem colares.

Tive um dia a honra e o enlevo de conhecer bem uma dessas beldades: era admirável o amor profundo e firme que ela tinha por si mesma e que só podia ser ultrapassado pela sua orgulhosa incapacidade de se preocupar com qualquer outro ser vivo. As suas veias frias não continham um pingo de sangue; só linfa plácida enchia e quase lhe obstruía as artérias.

Uma dessas “deusas” que eu descrevi estava sentada bem à nossa frente – espécie de alvo para todos os olhos e bastante consciente de que o era, mas invulnerável à magnética influência dos olhares: fria, arredondada, loira e bela como a coluna branca, de capitel dourado, que se erguia ao seu lado.

Observando que a atenção do doutor John era muito atraída para ela, pedi-lhe, baixinho, que, pelo amor de Deus, protegesse bem o seu coração.

– Não se apaixone por aquela senhora – disse eu –, porque lhe digo de antemão que você poderia morrer aos seus pés e ela não corresponderia ao seu amor.

– Muito bem – disse ele. – Como sabe que o espetáculo de sua grande insensibilidade não seria para mim o mais forte estímulo à admiração? A picada de desespero é, penso eu, um maravilhoso estimulante para as minhas emoções, mas (encolhendo os ombros) a Lucy não percebe nada destas coisas; vou dirigir-me à minha mãe. *Mamã*, estou em um caminho perigoso?

– Como se isso me interessasse – disse a senhora Bretton.

– Ai de mim! Que cruel a minha sorte! – respondeu o filho. – Nunca homem nenhum teve uma mãe menos sentimental do que a minha: ela nunca parece pensar que pode acontecer a calamidade de ter uma nora.

– Se eu não penso, não é por essa mesma desgraça não me pender sobre a cabeça: há dez anos que me ameaças com ela. Ainda mal tinha deixado as fraldas e já me gritava: “*Mamã*, eu vou me casar em breve!”

– Mas, mãe, um dia desses vai acontecer. De repente, quando julgares que estás mais segura, eu avanço como Jacó ou Esaú, ou qualquer outro patriarca e recebo a minha esposa: talvez uma dessas que são filhas desta terra.

– Por sua conta e risco, John Graham! Isso é tudo.

– Esta mãe quer que eu seja um solteirão. Que senhora tão ciumenta!

Mas, agora olha para aquela esplêndida criatura no vestido de cetim azul-claro e cabelo castanho, ainda mais pálido, como o cetim brilhoso do seu manto. Não te sentirias orgulhosa, *mamã*, se eu levasse um dia aquela deusa para casa e lhe apresentasse como a senhora Bretton Junior?

– Você não vai levar nenhuma deusa para *La Terrasse*. No pequeno *château* não cabem duas donas, especialmente se a segunda for da altura, volume e circunferência daquela forte boneca de pau e cera, couro e cetim.

– Ela ficaria tão admiravelmente na sua cadeira azul, *mamã*!

– Ela encheria a minha cadeira. Isto sim. Desafio a estranha usurpadora. Seria para ela uma lamentável cadeira. Mas, cala-te, John Graham, e abra os olhos.

Durante esta discussão, o salão, que me pareceu cheio na entrada, continuava a admitir grupo após grupo, até que o semicírculo em frente do palco apresentava uma densa massa de cabeças, que subia do chão ao teto. Também o palco, ou melhor, a ampla plataforma temporária, muito maior que um palco, deserto há meia hora, agora estava transbordando de vida. Ao redor de dois pianos de cauda, ao centro, havia se juntado, em silêncio, um bando de jovens de branco – as alunas do Conservatório. Eu as tinha notado agruparem-se enquanto Graham e sua mãe estavam empenhados em discutir sobre a bela de cetim azul e tinha observado com interesse o processo de ordená-las. Dois cavalheiros, em cada um dos quais eu reconheci pessoas das minhas relações, comandava aquela tropa de virgens. Um deles, um homem com ar de artista, barbudo e com cabelos longos, era um notável pianista e também o primeiro professor de música de *Villette*: ia duas vezes por semana no *pensionnat* de Madame de Beck para dar aulas às poucas alunas, cujos pais eram ricos o suficiente para proporcionarem às filhas o privilégio de suas instruções; seu nome era *Monsieur* Josef Emanuel e era meio-irmão de *Monsieur* Paul Emanuel, personagem visível na pessoa do segundo cavalheiro.

Monsieur Paul divertia-me. Eu sorri para mim mesma ao observá-lo, de tal modo parecia o seu elemento, em evidência perante grande auditório, dispondo e reprimindo cerca de cem jovens.

Ele assumia seu papel tão a sério, tão enérgico, tão decidido e, acima de tudo, tão autoritário. Mas, afinal de contas, o que estava ele fazendo aqui? Que tinha ele com a música e o Conservatório, ele que mal sabia distinguir uma nota da outra? Eu sabia que fora o seu amor pela exibição e autoridade

que o atraía, um amor que não era ofensivo por ser tão ingênuo. Rapidamente, tornou-se evidente que o irmão, *Monsieur Joseph*, assim como as próprias moças, também estava sob a sua autoridade. Jamais houve homem como aquele *Monsieur Paul*.

Em pouco tempo, alguns músicos e cantores famosos surgiram no palco: quando estas estrelas apareceram, o professor-cometa desapareceu. Ele não suportava as celebridades. Quando ele não podia brilhar, desaparecia.

E agora tudo estava preparado. Faltava, ainda, encher um compartimento revestido de vermelho-carmesim como as escadas e as portas, com bancos estofados, dispostos de ambos os lados de duas cadeiras reais, solenemente colocadas sob um dossel.

Alguém deu um sinal e as portas giraram, a plateia levantou-se, a orquestra tocou um hino e entraram o rei, a rainha e a corte de *Labassecour*.

Até então, eu nunca tinha visto um rei ou rainha em carne e osso. Consequentemente, o leitor poderá supor o quanto apurei a minha visão para apreciar aqueles espécimes de realeza europeia. Quem quer que observe uma majestade pela primeira vez, deve experimentar uma surpresa, tomada pelo desapontamento, de que a mesma não apareça permanentemente sentada num trono, coroada e com um cetro na mão. Confesso que me senti desiludida e decepcionada, pois esperava um rei e uma rainha e vi apenas um soldado de meia-idade e uma senhora muito jovem.

Recordo-me bem desse rei – um homem de cinquenta anos, um pouco curvado, um tanto grisalho: não havia em toda aquela assembleia nenhum rosto que se assemelhasse ao seu. Eu nunca tinha lido ou ouvido dizer o que quer que fosse sobre os seus hábitos e o seu caráter e, a princípio, os fortes hieróglifos gravados – como se fossem feitos com um estilete de aço –, naquela fronte, ao redor dos seus olhos, em torno da boca, intrigaram e sufocaram o meu instinto. Em breve, porém, se eu não sabia, pelo menos sentia o significado daqueles caracteres, escritos sem mão. Estava ali um homem nervoso e melancólico, um homem que sofria em silêncio. Aqueles olhos tinham recebido as visitas de certo fantasma; tinham aguardado por muito tempo as idas e vindas desse estranho espectro: a hipocondria. Talvez ele a visse agora naquele palco, no meio daquela turba brilhante. A hipocondria tem esse costume de se erguer, no meio de milhares de pessoas, negra como a desgraça, pálida como a doença e quase tão forte como a morte. A sua vítima pensa que é feliz por um momento: “isso não”, ela diz. “Aqui

estou”, e gela-lhe o sangue no coração e turva-lhe a luz dos olhos.

Poderiam dizer que era o peso da coroa estrangeira que forçava as sobrancelhas do rei àquela ruga peculiar e dolorosa; outros veriam nela o efeito de precoces aflições. Talvez ali houvesse um pouco de ambas as coisas, porém azedadas pelo mais negro inimigo da humanidade: a melancolia constitucional. A rainha, sua mulher, sabia disto. Parecia que o reflexo da dor do esposo se estampava, como uma sombra, na sua benigna face.

A princesa, todavia, parecia uma mulher meiga, pensativa e graciosa. Contudo, não era bela. Era como as mulheres de sólidos encantos e sentimentos de mármore, descritas uma ou duas páginas atrás. Era, sobretudo, um pouco delgada. As suas feições, embora bastante distintas, eram muito sugestivas de dinastia reinantes e linhas reais para darem absoluto prazer. A expressão daquele perfil era agradável naquele momento, mas não se podia deixar de relacioná-la com esfinges que se tinham na memória e em que traços semelhantes apareciam sob aspecto ignóbil: fraco, lascivo ou astuto, conforme o caso. Os olhos da rainha, porém, eram bem dela; e a piedade, a bondade, a doce simpatia abençoavam-nos com a luz mais divina. Não parecia soberana, mas uma senhora amável, simpática e elegante. O seu filhinho, o príncipe de *Labossecour*, jovem duque de *Dindonneau*, acompanhava-a: estava encostado nos joelhos da mãe.

No decurso da noite, eu vi a rainha algumas vezes observando o monarca ao seu lado, consciente da sua triste abstração e desejosa de animá-lo, chamando a sua atenção para o filho. Ela inclinava muitas vezes a cabeça para ouvir as observações do garoto e as repetia depois, sorrindo, ao pai. O rei tristonho despertava, escutava, sorria, mas recaía, invariavelmente, assim que o seu anjo bom parava de lhe falar. Bem triste e significativo era o espetáculo! E, mais ainda, talvez, porque tanto para a aristocracia como para a honesta burguesia de *Labassecour*, ele parecia inteiramente invisível: não consegui descobrir se alguma alma presente estivesse impressionada ou comovida.

Com o rei e a rainha, entrara a sua corte, que compreendia em dois ou três embaixadores. Com eles vinha a elite dos estrangeiros então residentes em *Villette*, que logo se apossara dos bancos carmesins. As senhoras estavam sentadas, a maior parte dos homens ficou de pé. Aquela fileira negra, ao fundo, fazia um vivo contraste com o esplendor da frente. E não faltava a este

esplendor variedades: ao meio, estavam as matronas, em seus veludos e cetins, plumas e pedras preciosas. Os bancos da frente, à direita da rainha, pareciam destinados, exclusivamente, às jovens novas, à flor da idade – talvez, eu devesse dizer o botão da aristocracia de *Villette*. Aqui não havia joias, nem montes de veludos ou o brilho das sedas: simplicidade e graça airosa reinavam naquele grupo de virgens. Cabeças jovens, penteadas com simplicidade e belas formas (eu ia escrever formas sílfide, [198] mas isso não seria verdadeiro). Várias destas jovens, que contavam com mais de dezesseis ou dezessete anos, ostentavam contornos tão robustos e sólidos como os de uma inglesa quase obesa de vinte e cinco anos. Belas formas vestidas de branco, rosa-pálido ou azul-plácido sugeriam pensamentos do céu e dos anjos. Eu conhecia um par daqueles espécimes angelicais, pelo menos: *rose et blancs*, [199] espécime da humanidade. Ali estavam duas das recentes alunas de Madame Beck: *Mesdemoiselles* Mathilde e Angélique, alunas que no seu último ano escolar deveriam ter sido rebaixadas à primeira classe, pois seus cérebros nunca as levariam além da segunda classe. Tinha estado sob a minha incumbência ensinar a elas o idioma inglês e era tarefa difícil levá-las a traduzir sofrivelmente uma página de “*O Vigário de Wakefield*”. [200] Também, durante três meses, tivera uma delas diante de mim à mesa e a quantidade de pão, manteiga e compota que habitualmente consumia ao *second déjeunere* [201] era uma autêntica maravilha do mundo real, excedida, apenas, pelo fato de ela colocar no bolso as fatias as quais não aguentava comer. Aqui há verdades salutares.

Conhecia outro daqueles serafins – a mais bonita, ou, pelo menos, a de ar menos grave e hipócrita do grupo: ela estava sentada ao pé da filha de um nobre inglês, uma mocinha igualmente de ar honesto, embora altivo. Ambas haviam entrado na comitiva da embaixada britânica. Ela, ou seja, a minha conhecida, tinha uma figura leve e flexível, nada semelhante às formas das donzelas estrangeiras. Seu cabelo também não estava apertado em tranças, como uma concha ou um gorro de cetim, contudo, parecia que o cabelo caía de sua cabeça, longo, ondulado e solto. Tagarelava com volubilidade e parecia cheia de leviana satisfação consigo mesma e com a sua posição. Eu não olhei para o doutor John, mas eu sabia que ele também vira Ginevra Fanshawe, tão silencioso se tornara, tão laconicamente respondia as observações de sua mãe, tão frequentemente reprimia um suspiro. Por que ele deveria suspirar? Confessara um gosto especial pelo amor difícil: lá estava

um bem ao seu gosto. A sua amada olhava para ele de uma esfera superior à sua; ele não podia aproximar-se; não estava certo de que poderia conquistá-la, ao menos, um olhar. Eu assistia para ver se ela iria favorecê-lo com tão grande condescendência. Os nossos lugares não ficavam longe dos bancos carmesins. Devíamos, inevitavelmente, ser visto dali por olhos tão inquietos e itinerantes como os de Miss Fanshawe, e, muito em breve, com efeito, aqueles olhos estariam sobre nós, pelo menos sobre o doutor e a senhora Bretton. Conservei-me um tanto na sombra e fora da sua visão, pois não desejava ser imediatamente reconhecida. Ela olhava fixamente para o doutor John e depois pegou o binóculo para examinar sua mãe: depois de um minuto ou dois, sussurrou qualquer coisa, sorrindo para a sua vizinha. Como o espetáculo começasse, a sua volúvel atenção foi logo atraída para o palco.

Sobre o concerto, não vou delongar. O leitor não deve se interessar pelas minhas impressões e, de fato, não valeria a pena, pois seriam as impressões de uma ignorante. As moças do Conservatório, muito assustadas, fizeram uma exibição bastante trêmula nos dois pianos. *Monsieur* Joseph Emanuel estava junto delas enquanto tocavam, mas ele não tinha o tato ou a influência de seu parente, que, em circunstâncias semelhantes, certamente teria obrigado as suas alunas a se portarem com heroísmo e calma. *Monsieur* Paul teria colocado as históricas debutantes entre dois fogos – o terror do público e o dele e tê-las-iam inspirado com a coragem do desespero, tornando o último terror incomparavelmente maior: *Monsieur* Joseph, porém, não sabia fazer isso.

Após as pianistas de musselina branca, veio uma carrancuda senhora, também vestida de cetim branco, e cantou. O seu canto apenas me afetara como os truques de um mágico. Gostaria de saber como ela fez aquilo. Como ela fez a sua voz subir e descer em tão maravilhosas cabriolas. Porém, uma simples melodia escocesa, interpretada por um rude menestrel das ruas, muitas vezes me emocionara mais profundamente.

Depois veio um cavalheiro, que, curvando muito o corpo na direção do rei e da rainha e aproximando, frequentemente, a mão enluvada de branco da região do seu coração, desabafou um clamor amargo contra certo *fausse Isabelle*. [202] Eu pensei que ele parecia solicitar, especialmente, a simpatia da rainha. Mas, se não estou enganada, sua majestade emprestava sua atenção mais com a calma da cortesia do que com o zelo do interesse. O estado de espírito daquele cavalheiro era de terrível sofrimento e eu me senti aliviada

quando ele acabou a sua exposição musical.

Alguns refrões dos coros foram para mim a melhor parte do entretenimento da noite. Estavam presentes representantes das melhores sociedades dos corais da província: genuínos *Labassecouriens*, em forma de barril. Estas sociedades não poupavam a voz: os seus honestos esforços tiveram, pelo menos, este bom resultado – os ouvidos bebiam dali uma consoladora sensação de força.

Durante todo o desempenho no palco: tímidos duetos instrumentais, pretensiosos solos vocais, coros sonoros de pulmões de bronze, a minha atenção só concedeu um olho e um ouvido ao palco, porque os outros estavam, permanentemente, a serviço do doutor John. Eu não conseguia me esquecer dele, nem deixar de questionar como ele estava se sentindo, o que ele estava pensando, se ele estava se divertindo ou não. Por fim, ele falou:

– E o que acha de tudo isso, Lucy? Está muito calada – disse ele, no seu tom alegre e característico.

– Estou calada – disse eu –, porque estou muito interessada. Não apenas na música, mas com tudo o que me rodeia.

Ele, então, começou a fazer algumas observações com tão boa disposição e compostura que comecei a pensar que ele, realmente, não tinha visto o que eu vira e sussurrei: – Miss Fanshawe está aqui. Já a viu?

– Oh, sim! Eu também observei que você já tinha visto.

– Deve ter vindo com a senhora Cholmondeley. O que acha? – perguntei.

– A senhora Cholmondeley está lá com um grande grupo e na comitiva de *lady* Sara, que, por sua vez, está na comitiva da rainha, e Ginevra está com ela. Se esta não fosse uma das pequenas cortes da Europa, cujas formalidades são pouco mais imponentes que familiaridades e cujas galas são apenas trajés caseiros de domingo, soaria muito belo.

– Creio que Ginevra o viu.

– Também acho que sim. Olhei diversas vezes para ela, depois de você deixar de olhar, e tive a honra de presenciar um pequeno espetáculo que lhe foi poupado.

Eu não perguntei o quê. Esperei a informação voluntária, que foi dada pouco depois.

– Miss Fanshawe – disse ele – está na companhia de uma *lady* da melhor nobreza. Por acaso conheço de vista, *Lady* Sara. A sua nobre mãe

recorreu aos meus serviços profissionais. Ela é uma garota orgulhosa, mas não é insolente, e duvido que Ginevra tenha ganhado a sua estima rindo de seus vizinhos.

– Que vizinhos?

– Apenas eu e minha mãe. Quanto a mim, é perfeitamente natural: nada pode ser mais engraçado do que um jovem médico da burguesia, mas a minha mãe! Eu nunca tinha visto ninguém a ridicularizando. Ela apontou a luneta para nós, sarcasticamente. Foi uma desagradável sensação.

– Não foi nada, doutor John. Não vale a pena. Quando Ginevra está em seu humor vertiginoso, como hoje à noite, ela não tem o menor escrúpulo de rir da própria rainha, tão bondosa e pensativa e até daquele rei melancólico. Ela não faz isso por mal, mas por despreocupada leviandade, loucura ou puro desatento. Para uma desmiolada colegial nada é sagrado.

– Mas, se esquece Lucy, de que eu não estava acostumado a ver Miss Fanshawe como uma moça de escola sem cérebro ou desmiolada. Não era ela a minha deusa ou o anjo da minha vida?

– Pois aí é que estava o seu engano.

– Para falar a verdade, sem qualquer falso discurso ou pretenso romantismo, houve, na verdade, um momento, há seis meses, em que a achei divina. Mas, você se lembra da nossa conversa sobre os presentes? Eu não fui inteiramente franco ao discutir aquele assunto naquela oportunidade. A raiva que você demonstrou até me divertiu. Porém, foi a forma com que arranjei para ter o benefício integral. Somente daquele jeito eu pude saber o que a Lucy pensava, isto é, deixando-a supor que eu estava mais cego do que eu, realmente, estava. Na realidade, os presentes dados a Ginevra foram um teste para me mostrar que ela era uma simples mortal cheia de falhas. Ainda assim a sua beleza conservava a minha fascinação mesmo contra a razão. Há três dias e três horas eu ainda era um escravo. Quando ela passou por mim esta noite, triunfante em sua beleza, as minhas emoções prestaram-lhe homenagem e, se não fosse o seu olhar de escárnio e desprezo, eu seria ainda o mais humilde dos seus servos. No entanto, ela podia ter zombado de mim, e, mesmo assim, apesar dos ferimentos, ela não teria feito em dez anos o que fez num instante quando ousou humilhar a minha mãe.

Ele se calou por alguns instantes. Nunca antes eu tinha visto tanto fogo e tão pouco brilho nos olhos azuis do doutor John.

– Lucy – ele recomeçou: – Olhe bem para a minha mãe e diga-me, sem

receio ou favor, como se parece agora.

– Como ela sempre foi. Uma dama inglesa de classe média, bem-vestida, embora com sobriedade, habitualmente sem pretensões, naturalmente composta e alegre.

– Então enxerga a mesma coisa que eu. Deus a abençoe! As pessoas alegres podem rir com a mamãe, mas só os fracos rirão dela. Ela não deve ser ridicularizada, pelo menos com o meu consentimento. Aliás, nem sem o meu consentimento. Quem fizer isso terá o meu desprezo, a minha antipatia, o meu...

Ele detivera-se, o que não era sem tempo, pois começara a se exaltar – mais do que a ocasião permitia. Eu não sabia se ele havia testemunhado o duplo desprezo por parte de Miss Fanshawe para demonstrar tamanha insatisfação. O brilho das suas feições, o alargamento da sua narina, a curva ousada que o desdém lhe punha no lábio inferior mostravam-no sob um novo e surpreendente aspecto. No entanto, a exaltação rara dos que são, por natureza, calmos e serenos, não é um espetáculo agradável. Eu não gostei do estremecimento de vingança que tomou aquele corpo jovem e forte.

– Eu te assustei, Lucy?

– Eu não sei dizer por que está tão irritado.

– Por isso – segredou ele ao meu ouvido. – Ginevra não é um anjo puro, nem uma mulher de mente pura.

– Bobagem! Está exagerando. Ela não tem em si grande maldade.

– Para mim, sim. Eu posso ver onde está a sua cegueira, Lucy. Mas, deixemos este assunto de lado. Deixe-me divertir brincando com mamãe. Vou afirmar que ela estava dormindo. *Mamã!* Quer fazer o favor de acordar!

– John! Eu é que acordarei você se não se comportar direito. Será que você e Lucy nunca vão ficar em silêncio para que eu possa ouvir o canto em paz?

– Aposto os meus genuínos botões de punho contra o seu broche falsificado de que não ouviu uma música sequer, *mamã*. Estava cochilando o tempo todo.

– O meu broche falso, Graham? Menino profano! Bem sabe você que é uma pedra valiosa.

– Ora! Isso é mais uma das suas superstições. Foi enganada na compra.

– Eu estou enganada em menos coisas do que você imagina. Como é que você conhece moças da corte, John? Vi duas jovens prestarem muita

atenção em você durante a última meia hora.

– Eu preferia que não as observasse, *mamã*.

– Por que, não? Porque uma delas apontou para mim o binóculo com ar de deboche? É uma menina bonita e pateta. Está apreensivo que seus risinhos desconcertem a sua velha senhora?

– Que sensata e admirável velhota! Vale mais para mim, minha mãe, do que dez esposas.

– Não seja excessivamente carinhoso, John, ou eu desmaio e você vai ter que me levar no colo para fora e, se essa carga fosse colocada em cima de seus ombros, inverteria o seu último discurso e exclamaria: “*Mamã*, dez esposas dificilmente poderiam ser piores para mim do que a senhora!”

Acabado o concerto, a loteria veio em seguida. O intervalo entre os dois foi de dispersão geral e da mais agradável agitação e inimagináveis comoções. O rebanho branco retirou-se da plataforma, que foi logo substituída por uma multidão de cavalheiros ocupados, fazendo os preparativos para o sorteio, entre eles – o mais movimentado de todos – reapareceu uma figura bem conhecida, não era alta, porém ativa, com a energia de três homens altos. Como *Monsieur* Paul trabalhava! Como dava indicações e, ao mesmo tempo, colocava as mãos à massa! Meia-dúzia de assistentes estavam à sua disposição para remover os pianos etc. Não importava: ele havia de adicionar à força deles a sua própria. A redundância de sua atividade era vexatória e meio ridícula. No meu espírito eu discordava e ridicularizava a maior parte daquele estardalhaço. No entanto, no meio do meu preconceito e aborrecimento, eu não poderia, enquanto o assistia, deixar de reconhecer aquela ingenuidade já mencionada atrás e que não era desagradável em tudo o que ele dizia e fazia; assim como eu não poderia ser cega a certas vigorosas características da sua fisionomia, agora bastante visíveis pelo contraste com uma multidão de rostos mais brandos: o entusiasmo; a intenção profunda e decidida do seu olhar; a testa voluntariosa, clara e larga e a mobilidade da sua boca flexível. Faltava-lhe a calma da força, mas possuía, sem dúvida, no seu movimento o fogo da paixão.

Enquanto isso, o salão inteiro estava agitado. A maioria das pessoas se levantou e ficou de pé para variar um pouco. Alguns passeavam, conversavam e riam. O compartimento carmesim apresentava um aspecto particularmente animado. A longa nuvem de cavalheiros, fragmentando-se, misturou-se com a linha de arco-íris das damas. Dois ou três, que deviam ser

oficiais, aproximaram-se do rei e conversavam com ele. A rainha, deixando a sua cadeira, passou ao longo da fila das jovens senhoritas, que se levantaram quando ela passava, cada uma por sua vez. Eu a vi conceder alguma amabilidade a elas, uma palavra gentil, um olhar ou sorriso. Às duas lindas meninas inglesas, *Lady Sara* e *Ginevra Fanshawe*, ela dirigiu várias frases. Quando as deixou, ambas, especialmente a última, pareciam resplandecer de satisfação. Foram, em seguida, abordadas por várias senhoras e um pequeno círculo de cavalheiros, entre eles, e mais próximo de *Ginevra*, estava o conde *De Hamal*.

– Esta sala é bastante quente – disse o doutor *John*, levantando-se com súbita impaciência. – *Lucy*, mãe, querem tomar um pouco de ar fresco?

– Vá com ele, *Lucy* – disse a senhora *Bretton*. – Prefiro permanecer no meu lugar.

Eu desejaria ter mantido o meu também, mas o desejo de *Graham* deveria ter preferência ao meu. Levantei-me e acompanhei-o.

Achei a noite um pouco fria, mesmo enrolada em um xale de pele. Eu achei, pelo menos, pois ele não parecia sentir nada. Contudo, não havia vento e o céu, pontilhado de estrelas, não tinha uma nuvem sequer. Demos algumas voltas na calçada e, na passagem sob uma lâmpada, os olhos de *Graham* encontraram os meus.

– Está pensativa, *Lucy*. É por minha causa?

– Eu só estava com receio de que estivesse triste.

– Não mesmo! Estou muito bem disposto. Quando eu morrer, *Lucy*, estou certo de que não será do mal de coração partido. Eu posso ser ferido, posso andar indisposto por um tempo, mas posso lhe assegurar de que nenhuma dor ou doença de sentimento atacou ainda o meu ser. Sempre me viu alegre em casa, não é verdade?

– Geralmente.

– Estou feliz que ela tenha rido de minha mãe. Eu não trocaria aquela velha senhora por uma dúzia de beldades. Aquele risinho de desprezo só me fez bem. Obrigado, *Miss Fanshawe*! –, e levantou o chapéu de seus cabelos ondulados e fez uma falsa reverência. – Sim – disse ele. – Eu agradeço a ela, pois me fez sentir que nove partes, em dez, do meu coração sempre mantiveram a sanidade e que um décimo sangrava apenas de uma mera punção. Um toque de lanceta que vai curar em um instante.

– Agora está com raiva e indignado. Amanhã vai pensar e sentir de

forma diferente.

– Eu, indignado e com raiva? Você não me conhece. Pelo contrário, o calor se foi. Estou frio como essa noite, que, por sinal, talvez esteja muito fria para você. Vamos entrar.

– Doutor John, que mudança repentina!

– Não. Mas, se há, tenho boas razões para isso, duas boas razões. Eu lhe disse uma. Mas, agora vamos voltar e entrar.

Não chegamos facilmente aos nossos lugares. A loteria tinha começado e tudo era uma animada confusão. Uma multidão bloqueava a espécie de corredor ao longo do qual tínhamos que passar. Foi necessário parar por algum tempo. Olhando por acaso em volta – na verdade, eu meio que imaginei ouvir meu nome ser pronunciado –, eu vi muito próximo, o onipresente, o inevitável *Monsieur Paul*. Ele olhava para mim de forma grave e intensamente. Para mim, ou melhor, para o meu vestido cor-de-rosa, em relação ao qual, brilhava nos olhos um sarcástico comentário. Era, aliás, seu hábito criticar os vestidos, tanto das professoras quanto das alunas na escola de Madame Beck – hábito que aquela senhora, pelo menos, considerava uma ofensiva impertinência. Até o momento, eu nunca sofrera com isso, pois o meu traje sombrio diário não atraía atenções. Eu não estava disposta a permitir nenhum outro abuso naquela noite, muito menos aceitar as suas ironias, ignoraria a sua presença. Nessa intenção, voltei os olhos para a manga do casaco do doutor John, encontrando nessa manga preta uma perspectiva de mais prazer e conforto, mais amizade e cordialidade que no rosto desagradável do professor. O doutor John pareceu sancionar inconscientemente a preferência, olhando para baixo e dizendo em sua voz gentil: – Mantenha-se perto de mim, Lucy. Estes burgueses não respeitam as pessoas.

Eu não poderia, contudo, ser fiel a mim mesma. Rendendo-me a alguma influência hipnótica ou não – uma influência indesejada, desagradável, mas eficaz – eu novamente olhei em volta para ver se *Monsieur Paul* tinha ido embora. Não, lá estava ele no mesmo local, mas com um olhar diferente: havia penetrado no meu pensamento e lido o meu desejo de evitá-lo. O olhar zombeteiro, mas não mal-humorado, fora transformado em uma carranca, e, quando eu inclinei a cabeça, com vista à reconciliação, apenas obtive em resposta o mais rígido e severo aceno de cabeça.

– Quem te provocou o sentimento de raiva, Lucy? – sussurrou o doutor

Bretton, sorrindo. – Quem é aquele seu amigo de aspecto selvagem?

– Um dos professores de Madame Beck. Uma pequena cruz que tenho que carregar.

– Ele parece muito mal-humorado neste momento! O que você fez com ele? Do que se trata? Ah, Lucy, Lucy! Diga-me o que isso significa.

– Não há mistério nenhum, eu lhe garanto. *Monsieur* Emanuel é muito exigente e porque eu olhei para a manga do seu casaco, em vez de lhe fazer cortesia, ele pensa que eu lhe faltei com o respeito.

– O pequeno... – começou o doutor John. Eu não sei o que mais ele poderia ter acrescentado, pois naquele momento, eu quase fui jogada no chão entre os pés da multidão. *Monsieur* Paul abria rudemente o caminho, acotovelando as pessoas com tanto desrespeito pela sua conveniência e segurança, que o resultado foi uma desconfortável pressão.

– Creio que ele é o que ele próprio chamaria de *méchant* [203] – disse o doutor John. Eu era da mesma opinião.

Devagar e com dificuldade, abrimos caminho ao longo do corredor e, finalmente, alcançamos os nossos lugares. A loteria durou quase uma hora, era uma cena animada e divertida e, como cada um de nós tínhamos bilhetes, compartilhávamos, alternadamente, do receio e da esperança, a cada nova rodada. Duas meninas, de cinco ou seis anos, tiravam os números e os prêmios que eram devidamente proclamados da plataforma. Embora de pouco valor, os prêmios eram numerosos. Assim, aconteceu de, tanto eu como o doutor John, ganhar um: o meu foi uma charuteira e o dele um chapéu de senhora – um tipo mais arejado de turbante azul e prata, com flâmula de plumas de um lado, como uma nuvem cor de neve. Ele estava, excessivamente, ansioso para fazer uma troca, mas eu não cedi à razão e até hoje conservo a charuteira: serve-me, quando olho para ela, para me recordar de velhos tempos e de uma noite feliz.

O doutor John, por sua vez, segurava o seu turbante entre o polegar e o indicador e olhava para ele num misto de reverência e constrangimento altamente provocador de risos. Acabada a contemplação, colocou friamente o delicado tecido no chão entre seus pés. Parecia não ter a menor ideia do tratamento ou arrumação que o seu prêmio deveria receber. Se sua mãe não tivesse vindo eu seu auxílio, creio que ele acabaria por esmagá-lo debaixo do braço como uma *claque*. [204] Ela, contudo, restituiu a chapeleira de onde tinha saído.

Graham esteve bastante alegre durante toda a noite e sua alegria parecia natural e não forçada. A sua atitude, o seu olhar, não é fácil de descrevê-los, mas havia neles qualquer coisa de peculiar e, ao seu modo, original. Eu lia neles um domínio das paixões nada vulgares e um fundo de força profunda e saudável, que, sem nenhum esforço exaustivo, abatia o desapontamento e lhe extraía a raiz.

A sua atitude, agora, lembrava-me as qualidades que eu notara na ocasião em que estava ocupado profissionalmente com os pobres, os culpados e os que sofriam na *Basse-Ville*. Tinha um ar determinado, paciente e dócil. Quem podia deixar de gostar dele? Não denunciava qualquer fraqueza dos nossos sentimentos com considerações sobre o modo como eles deviam ser fortalecidos. Dele não partia qualquer irritabilidade que sobressaltasse a calma temperada e sufocasse a alegria. Dos seus lábios não caíam cáusticos que queimassem até os ossos; dos seus olhos não despendiam raios impertinentes e melancólicos que, duros ou frios, envenenassem o seu coração. Junto dele havia repouso e refúgio.

E, ele ainda não tinha nem perdoado e nem esquecido Miss Fanshawe. Uma vez zangado, eu duvido que o doutor Bretton fosse facilmente aplacado – uma vez perdido, se seria jamais reconquistado. Ele olhou para ela mais que uma vez; não furtivamente ou com humildade, mas com um movimento de ousada e franca observação. De Hamal estava, agora, pregado ao seu lado. A senhora Cholmondeley estava sentada próxima deles e todos estavam totalmente absorvidos numa conversa, alegria e excitação que animavam os assentos carmesins, tanto como qualquer parte plebeia da sala. No decurso de uma discussão, aparentemente animada, Genevra levantou uma ou duas vezes a mão e o braço em que resplandecia um lindo bracelete. Vi que o seu brilho atingiu os olhos do doutor John, acelerando neles um olhar irado e debochado. Ele riu.

– Eu acho – disse ele. – Que vou entregar este turbante no meu costumado altar de ofertas. Ali, de qualquer modo, ele terá aceitação: nenhuma *grisette* aceita presentes com maior facilidade. É estranho! Porque, afinal de contas, eu sei que ela é uma moça de família.

– Mas, não conhece a sua educação, doutor John – disse eu. – Alternada durante toda a sua vida de uma escola estrangeira para outra, pode, com justiça, alegar ignorância como desculpa para a maior parte dos seus defeitos. E, depois, pelo que me disse, eu acredito que o pai e a mãe foram

educados, em grande parte, como ela.

– Eu sempre entendi que ela não tinha fortuna e outrora tive prazer nesse pensamento – disse ele.

– Quando eu a conheci, ela me disse: ‘lá em casa somos pobres’. Respondi que falava com inteira candura nessas misérias e era verdade. Nunca eu a apanhei numa mentira, como mentem tantas vezes essas estrangeiras. Seus pais têm uma grande família, ocupam uma posição e possuem conexões que, em sua opinião, exigem certo luxo. A necessidade rigorosa das circunstâncias e a leviandade inerente ao temperamento, combinadas, geraram nela uma atrevida falta de escrúpulos quanto à maneira como ela obtém os meios de manter uma boa aparência. Este é o estado das coisas e o único modo que ela tem visto desde a infância.

– Acredito e pensei em melhorá-lo um pouco. Mas, Lucy, para falar a simples verdade, eu senti hoje outra coisa ao olhar para ela e para De Hamal. Senti isso antes de notar a sua impertinência dirigida à minha mãe. Eu vi um olhar trocado entre eles imediatamente após a sua entrada, que lançou uma luz muito desagradável ao meu espírito.

– O que quer dizer? Há muito deve estar ciente do flerte entre eles?

– O flerte? Acreditava que era uma artimanha de menina inocente para atrair o verdadeiro amado. Mas, aquilo que me refiro não era flerte: era um olhar que denunciava mútuo e secreto entendimento. Nem infantil nem inocente. Nenhuma mulher, ainda que fosse tão linda quanto Afrodite, que pudesse receber um olhar daquele, seria jamais procurada por mim como esposa. Antes eu preferiria me casar com uma camponesa de saiote e capuz e ter a certeza de que ela era honesta para comigo.

Eu não pude deixar de sorrir. Eu tinha certeza de que ele agora exagerava o caso. Tinha certeza que Ginevra, com toda a sua falta de juízo, era bastante honesta. Comuniquei isso a ele. Ele balançou a cabeça e respondeu que não seria ele o homem que lhe confiaria a sua honra.

– Seria a única coisa que lhe podia confiar com segurança – disse eu. – Ela não teria escrúpulos em roubar a bolsa e os bens do marido e lhe atormentar a paciência. Eu não creio que manchasse ou deixasse outro manchar a sua honra.

– Você está tornando-se sua defensora – disse ele. – Deseja que eu retome as minhas velhas correntes?

– Não. Estou contente de vê-lo livre e espero que assim permaneça. No

entanto, quero que também seja justo.

– E eu sou livre e justo como *Radamante*, Lucy. Uma vez me tornado completamente indiferente, não posso deixar de ser severo. Mas, olhe! O rei e a rainha levantaram-se. Eu gosto daquela rainha, pois ela tem um rosto bondoso. Vamos aproveitar e sair também. A mamãe também está excessivamente cansada. Se demormos mais não conseguiremos levar a velha senhora para casa.

– Eu cansada, John! – exclamou a senhora Bretton, parecendo tão animada e desperta como seu filho. – Era capaz de fazer uma aposta contigo: ficaremos aqui até de manhã e veremos qual dos dois seria o mais cansado ao nascer do sol.

– Eu não gostaria de tentar a experiência, *mamã*, porque, na verdade, a senhora é a mais viçosa e a mais fresca das matronas. Seja, então, em nome dos nervos delicados e da frágil constituição do seu filho, que eu peço que partamos o quanto antes.

– Que jovem indolente! Já queria estar na cama, e temos que fazer a sua vontade. Lucy está quase caindo de sono. Que vergonha, Lucy! Na tua idade eu era capaz de passar as noites fora uma semana a fio e ficava como se nada tivesse me acontecido. Venham, ambos, e podem rir da velha senhora à vontade, tanto quanto quiserem, não me incomodo. Mas, de minha parte, encarrego-me do turbante.

Assim fez. Eu me ofereci para ajudá-la, mas ela sacudiu-me com amável desprezo. A minha madrinha era da opinião de que eu tinha já bastante que fazer em tomar conta de mim mesma. Não fazendo, agora, cerimônia no meio da alegre confusão que sucedeu à partida do rei e da rainha, a senhora Bretton precedeu-nos e abriu prontamente caminho entre a multidão. Graham seguia-a, dizendo que a mãe era a mais fresca *grisette* que ele jamais tivera a fortuna de ver carregada com uma chapeleira; quis, também, que eu reparasse no afeto que a mãe dedicava ao turbante azul-celeste e anunciou a sua convicção de que ela tencionava usá-lo um dia.

A noite estava, agora, muito fria e escura, mas com pouco atraso encontramos a carruagem. Logo, estávamos acomodados e tão quentes e confortavelmente instalados como junto ao fogo. A viagem para casa foi ainda mais agradável, embora o cocheiro, que tinha passado na loja de um *marchand de vin*^[205] uma parte do tempo que nós passamos no concerto, nos levasse pela escura e solitária estrada muito para lá da virada que

conduzia a *La Terrasse*. Nós que estávamos ocupados em falar e rir, sem perceber a aberração, até que, por fim, a senhora Bretton declarou que, embora ela sempre tivesse considerado o castelo um local retirado, não julgava que fosse ao fim do mundo como parecia, pois ela acreditava que estávamos há uma hora e meia no caminho e ainda não tínhamos voltado para a avenida.

Então, Graham olhou para fora e, vendo apenas campos escuros divididos por filas desconhecidas de carvalhos e tílias, começou a conjecturar o que se passara e, mandando parar, subiu e pegou as rédeas ele mesmo. Graças a ele, chegamos sãos e salvos em casa com cerca de uma hora e meia de atraso.

Martha não se esquecera de nós. O fogo ardia e havia uma boa ceia na sala de jantar. Ficamos contentes com as duas coisas. O amanhecer de inverno despontava quando fomos para os nossos quartos. Eu tirei o meu vestido cor-de-rosa e o manto preto mais contente do que quando os tinha vestido. Talvez, nem todas as beldades que tinham figurado bem-vestidas naquele concerto pudessem dizer o mesmo, pois, talvez, não tivessem sido afagadas pela amizade com o seu calmo conforto e modesta esperança.

CAPÍTULO XXI

Reação

Faltavam apenas três dias para o meu retorno ao pensionato. Eu quase contei os momentos desses dias em cima do relógio. De bom grado eu teria retardado aquelas horas e minutos, mas eles corriam enquanto eu os assistia. Eles já tinham passado eu ainda receava a sua partida.

– A Lucy não vai nos deixar hoje – disse a senhora Bretton com um tom persuasivo logo no café da manhã. Ela sabia, se quisesse, que poderia obter mais um adiamento.

– Eu não pediria isso, mesmo que a senhora me batesse para que eu abrisse a minha boca – disse eu. – Estou ansiosa por ver passada a triste despedida e me ver instalada na *rue* Fossette novamente. Já que não tem outro jeito, devo ir esta manhã. Na realidade, eu preciso ir, o meu baú já está arrumado e amarrado.

Parecia, no entanto, que a minha ida dependia de Graham. Ele havia dito que desejava me acompanhar. Porém, ele esteve ocupado durante todo o dia e só voltou para casa ao anoitecer. Em seguida, houve um pequeno diálogo. A senhora Bretton e seu filho me pressionavam para que eu permanecesse por mais uma noite. Eu quase chorei de tão irritada que estava e ansiosa em ir embora. Eu ansiava deixá-los como um criminoso no cadafalso almeja que caia o machado, isto é, desejava ver aquela dor já passada. O quanto eu desejava, eu não poderia dizê-los, pois nunca tinham experimentado aquele estado de espírito.

Estava escuro quando o doutor John me ajudou a descer da carruagem em frente à porta de Madame Beck. A lâmpada por cima da porta estava acesa e chovia uma garoa de novembro, aliás, como havia chovido todo o dia. A luz da lâmpada brilhava no pavimento molhado. Tal noite era como aquela em que, não havia ainda um ano, eu tinha parado pela primeira vez naquele limiar. A cena era semelhante. Lembrei-me até do piso do pavimento que eu tinha observado distraída, enquanto, com o coração batendo acelerado, eu esperava que abrissem aquela porta, onde eu estivera solitária e suplicante.

Naquela noite, também, eu tinha brevemente encontrado a pessoa que agora estava comigo. Alguma vez eu havia lhe falado sobre esse encontro? Ou o tinha explicado? Não. Nem nunca me sentiria inclinada a fazê-lo: era um pensamento agradável que eu julgava melhor guardar na minha própria mente.

Graham tocou a campainha. A porta foi imediatamente aberta, pois era o período da noite em que as semipensionistas saíam, conseqüentemente, Rosine estava em alerta.

– Não entre – disse eu, mas ele entrou por um momento para o vestíbulo bem iluminado. Eu não desejava que ele visse meus olhos cheios de lágrimas, pois era muito gentil para que lhe mostrasse, desnecessariamente, tais sinais de tristeza. Ele sempre desejava curar, aliviar, quando, apesar de médico como ele era, nem a cura, nem o alívio estavam, talvez, em seu poder.

– Mantenha a sua coragem, Lucy. Pense na minha mãe e em mim como seus verdadeiros amigos. Não vamos nos esquecer de você.

– Nem eu vou me esquecer de vocês, doutor John.

Levaram para dentro o meu baú. Despedimo-nos com aperto de mãos, ele se virou para partir, mas não estava satisfeito: ele não tinha feito ou dito o suficiente para contentar os seus generosos impulsos.

– Lucy – disse ele, voltando para mim. – Vai se sentir muito solitária aqui?

– No começo acredito que sim.

– Bem, a minha mãe logo virá visitá-la e, enquanto isso, eu vou dizer-lhe o que eu vou fazer: vou escrever para você qualquer disparate alegre que me venha à mente. Está bem?

“Que bom coração!”, pensei, mas balancei a cabeça, sorrindo e disse: – Não pense nisso. Não se imponha tal tarefa. Você escrever para mim? Não vai ter tempo.

– Oh! Eu vou encontrar ou inventar esse tempo. Adeus!

Ele se foi. A porta pesada bateu. O machado tinha caído. Experimentei a dor.

Não me permitindo tempo para pensar ou sentir, engolindo as lágrimas como se fosse vinho, passei pela sala de estar de Madame Beck, para fazer a necessária visita de cerimônia e respeito. Ela me recebeu com bem representada cordialidade. Foi até expansiva, embora breve em seu acolhimento. Dez minutos depois, fui despedida. Da sala de jantar, passei ao

refeitório, onde alunas e professoras estavam, agora, reunidas para o estudo da noite. Tive, dessa vez, um acolhimento que não me pareceu totalmente vazio. Feito isto, eu estava livre para ir para o dormitório.

“Será que Graham vai realmente me escrever?”, eu questionei a mim mesma ao deixar-me cair cansada na beira da cama.

A razão, chegando sorratamente até a mim através do crepúsculo daquela sala comprida, sussurrou-me calmamente: “Ele pode escrever uma vez. Tão boa é a sua natureza, que pode estimulá-lo a fazer esse esforço. Mas, não pode ser continuado, não pode ser repetido. Grande seria a loucura que se construísse sob tal promessa; insana a credulidade que confundisse a transitória poça de chuva por uma fonte perene que produzisse água durante as quatro estações.”

Baixei a cabeça e fiquei pensando por mais de uma hora. A razão ainda me sussurrava, colocando no meu ombro uma mão atrofiada e tocando-me a orelha com os lábios azuis e gelados da velhice.

“Se”, murmurou ela. “Se ele escrevesse... o que mais aconteceria? Você medita ter prazer em respondê-lo? Ah, idiota! Eu lhe previno! Que a sua resposta seja breve. Não espere ter prazer no coração, complacência no intelecto. Não conceda nenhuma expansão de seus sentimentos. Não dê repouso a nenhuma faculdade. Não perca o seu tempo com intercâmbio amigável! Não acalentes esperanças de comunhões cordiais...”

“Mas eu conversei com Graham e você não me repreendeu”, eu implorei.

“Não”, disse ela. “Não era preciso. Falar para você é boa disciplina. Você conversa imperfeitamente. Enquanto você fala, não pode haver esquecimento de inferioridade, nenhum encorajamento à ilusão: dor, a privação, a penúria marcam a sua linguagem...”

“Mas”, novamente interrompi. “Onde a presença do corpo é fraca e a fala desprezível, certamente não pode haver mal em fazer da linguagem escrita o meio de melhor expressão do que lábios vacilantes podem conseguir?”

A razão respondeu apenas: “É por sua conta que acalenta essa ideia ou deixa que ela lhe anime a escrever!”

“Mas, se eu sinto, por que eu nunca posso expressar?”

“Nunca!”, declarou a razão.

Eu gemia sob sua amarga severidade. Nunca – nunca! Oh, odiosa

palavra! Esta bruxa, esta razão, nunca me deixou olhar para cima, ou sorrir, ou ter esperança: ela não podia descansar, a menos que eu estivesse completamente esmagada, acovardada, quebrada e aniquilada. Segundo ela, eu nascera só para trabalhar por um pedaço de pão, para esperar as dores da morte e perder constantemente a esperança através de toda uma vida de desânimo. Talvez a razão falasse a verdade, entretanto, não é de admirar que nós gostemos, por vezes, de estarmos contentes, de desafiá-la, de fugir de debaixo de sua vara e de dar uma hora de liberdade à imaginação – sua doce e brilhante inimiga, nosso bom auxílio, nossa divina esperança. Devemos romper os limites de tempos em tempos, apesar da terrível vingança que aguarda o nosso retorno. A razão é vingativa como o diabo. Para mim foi sempre venenosa como uma madrasta. Se eu lhe obedeci foi, principalmente, com a obediência do medo, não a do amor. Há muito tempo eu deveria ter morrido por seus maus tratos: a sua mesa mesquinha, a sua cama gelada, o frio, seus selvagens e incessantes golpes. Ah, se não fosse essa força mais suave que detém a minha secreta e jurada fidelidade! Muitas vezes, a razão me expulsou para fora, em plena noite de inverno, no frio da neve, lançando-me para sustento os ossos roídos que os cães haviam abandonado. Declarava, severamente, que a sua dispensa nada tinha para mim. Negou-me duramente o direito de pedir coisas melhores... Então, olhando para cima, vi no céu uma cabeça rodeada de estrelas, das mais brilhantes que emanava um raio de simpatia e atenção. Um espírito mais suave e melhor do que o da razão humana desceu em voo tranquilo ao deserto, trazendo à sua volta um ar emprestado de eterno verão, o perfume das flores que não podem murchar; fragrância de árvores, cujos frutos são vida; trazendo brisas de um mundo, cujo dia não precisa de sol para iluminá-lo. Este anjo bom saciou a minha fome com um doce e estranho alimento, conseguido entre os anjos que guardam a sua colheita branca de orvalho na primeira hora fresca de um dia celestial. Mitigou, ternamente, as minhas lágrimas insuportáveis que choravam a própria vida; acalmou os meus temores e, gentilmente, cedeu descanso ao meu cansaço mortal, deu esperança ao meu desespero.

Divina, compassiva e benéfica influência! Quando eu dobrar os meus joelhos para além de outro que não Deus pai, será aos teus pés brancos e alados, belos sobre a montanha como sobre a planície. Templos foram

erguidos ao sol, altares dedicados à lua. Oh, glória maior! A ti, nem mãos constroem e nem lábios consagram. Mas, os corações, através dos séculos, são fiéis à tua adoração. Tens uma habitação muito larga para que a cinjam muros, muito altas para que a feche em uma cúpula – um templo cuja abóboda é o espaço – ritos, cujos mistérios se exalam com o nascimento e a harmonia dos mundos!

Soberano absoluto! Tinhas para a resistência o seu grande exército de mártires; para a realização, o seu escolhido grupo de notáveis! Incontestável divindade inquestionável, tua essência frustra a decadência!

Esta filha do céu lembrou-se de mim naquela noite. Viu-me chorar e veio com o conforto: “Dorme”, disse ela. “Durma, docemente. Eu dourarei os seus sonhos!”

Ela manteve a palavra e velou-me durante o descanso da noite. Contudo, de madrugada, a razão rendeu a guarda. Acordei com uma espécie de sobressalto: a chuva fustigava contra as vidraças e o vento soltava, de tempos em tempos, um grito impertinente e melancólico; a lamparina morria no meio do dormitório; o dia já despontava. Como eu tenho pena daqueles que a dor mental entontece, em vez de despertar! Naquela manhã, a dor do acordar arrebatou-me da cama como uma mão de um gigante.

Quão rapidamente eu me vesti no frio da madrugada! Quão profundamente eu bebi da água gelada da minha garrafa! Esta era sempre a minha bebida estimulante, a que, como outros ao álcool, eu recorria ansiosa quando estava abalada pelo desgosto.

Dentro em breve, o sino soou para acordar toda a escola. Como eu estava vestida, desci sozinha para o refeitório, onde o fogão estava aceso e o ar quente. O resto da casa estava um frio cortante de um inverno continental. Embora estivéssemos apenas no início de novembro, um vento norte tinha trazido precocemente um inverno rigoroso sobre a Europa. Lembro-me dos fogões negros que eu não gostei nem um pouco quando cheguei, mas que agora os associava a uma sensação de conforto e gostava deles, como na Inglaterra nós gostamos de uma lareira.

Sentada diante deste cachecol escuro, eu logo cai num argumento profundo comigo mesma sobre a vida e suas possibilidades, sobre o destino e seus decretos. Minha mente, agora mais calma e mais forte do que na noite passada, formulou para si mesma algumas regras imperiosas,

proibindo, sob penas mortais, qualquer fraqueza de retrospectiva sobre a felicidade passada, ordenando-me a uma paciente jornada através do presente deserto, que me obrigava à dependência da fé – olhos atentos na nuvem e na coluna que me subjagam enquanto guiam e, enquanto elas iluminam, inspiram também um respeitoso terror, reprimem o impulso à louca idolatria e o ardente desejo por uma longínqua terra prometida, cujos rios, sem dúvida, não são jamais alcançados senão nos sonhos dos moribundos, cujas doces pastagens só devem ser vistas do cimo desolado e sepulcral de um Nebo.

Aos poucos, um sentimento mais calmo, misto de força e dor, envolveu o meu coração, o susteve ou, pelo menos, reprimiu as suas pulsações e fez-me apta para o trabalho do dia. Eu levantei a minha cabeça e segui em frente.

Como eu disse antes, eu estava sentada perto do fogão – este ficava entre a parede do refeitório e a praça e, assim, aquecia os dois compartimentos. Nesta mesma parede, e ao lado do fogão, havia uma janela que dava também para a praça. Quando levantei meus olhos, vi a borla de um chapéu, uma testa e dois olhos que enchiam um painel dessa janela. Aquele olhar fixo cruzou com o meu. Ele estava me observando há algum tempo. Eu não tinha, até aquele momento, percebido que as lágrimas escorriam pela minha face, mas, surpresa, eu as senti.

Esta casa era estranha, onde nenhum canto era sagrado de intrusão, onde nenhuma lágrima podia ser derramada, onde nem um pensamento ponderado, que não aparecesse um espião a espreitar ou a adivinhar.

E este novo e singular espião do sexo masculino? Que negócio o havia trazido àquela hora insólita? Que direito ele tinha de intrometer-se assim? Nenhum outro professor teria ousado atravessar a praça antes que a campainha tocasse. Mas, para *Monsieur* Paul Emanuel não havia horas e nem regras: havia um livro na biblioteca da primeira classe que ele queria consultar e viera buscá-lo. De volta, passara pelo refeitório. Como era seu hábito observar tudo ao seu redor, tinha me visto através da pequena janela e, agora, abria a porta do refeitório e estava à minha frente.

– *Mademoiselle, vous êtes triste?* [206]

– *Monsieur, j'en ai bien le droit.* [207]

– *Vous êtes malade de coeur et d'humeur* [208] – ele prosseguiu. A senhorita está triste e ao mesmo tempo rebelde. Eu vejo em seu rosto duas lágrimas que são quentes como fogo e salgadas como dois cristais do mar.

Enquanto eu falo, olha para mim estranhamente. Devo lhe dizer do que eu me lembro quando olho para a senhorita?

– *Monsieur*, vou ser chamada para as orações em breve, meu tempo de conversa é muito escasso. Desculpe-me.

– Eu desculpo tudo – ele me interrompeu. – O meu gênio é tão manso que nem a repulsa, nem, talvez, o insulto, poderiam me irritar. A senhorita me faz lembrar de um animalzinho selvagem, recém-apanhado, indomado, olhando para o seu domador com um misto de ira e de receio.

Indesculpável atitude! Atrevida e inadequada, se dirigida a uma aluna, portanto, inadmissível para com uma professora. Ele esperava provocar uma resposta à altura. Eu já o tinha visto provocar a explosão dos irascíveis. Em mim, porém, a sua malícia não daria resultado. Continuei em silêncio.

– Você parece – disse ele – como alguém que iria beber com gosto um doce veneno e despreza com repulsa um amargo remédio.

– Com efeito, eu nunca gostei de remédios amargos, nem acredito que eles sejam saudáveis. Quanto a tudo o que é doce, seja veneno ou comida, não pode, pelo menos, negar essa deliciosa qualidade: a doçura. Melhor, talvez, seria morrer rapidamente de uma morte agradável que arrastar uma longa vida sem encantos.

– Contudo – tornou ele – se eu tivesse poder para obrigá-la a tomá-lo, haveria de ministrar diariamente a sua dose de amargo. E, quanto ao amado doce veneno, eu quebraria, talvez, a própria taça que o contivesse.

Virei bruscamente a cabeça, em parte porque a sua presença me desagradava profundamente e, por outro lado, eu desejava evitar perguntas com receio de que, com a minha atual disposição de espírito, me excedesse no esforço para responder e fosse ainda mais rabugenta.

– Venha – disse ele, mais suavemente. – Diga-me a verdade. A senhorita está se lamentando por ter se separado de seus amigos, não é?

A brandura insinuante não era mais aceitável que a curiosidade inquisitória. Fiquei em silêncio. Ele entrou no refeitório e sentou-se no banco a cerca de dois metros de mim e perseverou, pacientemente, na tentativa de me fazer falar – tentativa necessariamente inútil, porque eu não podia falar. Por fim, eu supliquei-lhe que me deixasse em paz. Ao proferir o pedido, a minha voz vacilou e a minha cabeça afundou em meus braços sobre a mesa. Eu estava sensível demais e chorei amargamente, embora em silêncio. As dores do passado que eu tanto quisera esquecer estavam de volta.

Ele ficou mais um instante. Parecia desconcertado, mas eu não olhei para ele e nem falei, até que escutei a porta se fechar e os seus passos recuando denunciaram a sua partida. Aquelas lágrimas aliviaram minha alma.

Tive tempo para lavar meu rosto antes do café da manhã e suponho que apareci nessa refeição tão serena como qualquer outra pessoa. Entretanto, não tão radiante quanto uma jovem que se sentou à minha frente, fixou em mim um par de olhos pequenos que brilhava alegremente e, sinceramente, estendeu por sobre a mesa uma mão branca para ser apertada.

As viagens de Miss Fanshawe, as suas alegrias e flertes lhe faziam bem. Ela havia se tornado muito gorda, o rosto parecia tão redondo como maçãs. Eu a tinha visto, pela última vez, em elegante traje de noite. Não creio que estivesse menos encantadora agora no seu uniforme da escola, uma espécie de descuidada túnica, de um tecido xadrez azul-escuro e preto. Acredito até que este invólucro escuro fazia realçar os seus encantos pelo contraste da sua alva pele, como uma flor, e a beleza dourada de suas tranças.

– Estou tão feliz que tenha voltado, Timon – disse ela. Timon era um dos meus apelidos dado por Ginevra, uma espécie de eixo ou abreviatura de timoneiro, aquele que é responsável por guiar, dirigir... Era apenas um da dúzia de nomes que ela inventava para mim. – Você não calcula quantas vezes eu desejei a sua companhia neste buraco sombrio!

– Oh, então, é claro, se você me queria é porque tem algo para eu fazer, consertar as suas meias, talvez.

Eu nunca concedia a Ginevra um minuto de crédito e nem um tostão de interesse.

– Rabugenta e azeda como sempre! – disse ela. – Eu já esperava por isso. Aliás, nem seria Lucy Snowe se não ralhasse com alguém. Mas, agora, ouça, vovozinha, espero que ainda goste tanto de café e tão pouco *pistolets* como antes. Quer trocar?

Era um velho hábito nosso. Ela não gostava do café, pois não era bastante forte e doce para o seu paladar. Por outro lado, tinha um excelente apetite, como qualquer alma saudável, para os pãezinhos da manhã, frescos e muito bons, os quais eram servidos a cada pessoa certa porção. Como o que eu recebia era mais do que precisava, eu dava a metade para Ginevra, nunca variando nessa preferência, embora muitas outras costumassem cobiçar o que me sobejava. Em troca, ela costumava, algumas vezes, dar-me uma parte do seu café.

Naquela manhã, em especial, agradou-me a bebida, pois não tinha fome e precisava daquele líquido. Eu não sei por que eu escolhia Ginevra para dar o meu pão e não outra pessoa; nem por qual razão quando duas tinham que compartilhar do mesmo recipiente para beber, como às vezes acontecia, por exemplo, quando fazíamos uma longa caminhada pelo campo e parávamos numa fazenda para refrescarmos e tomarmos alguma coisa, eu sempre arranjava um modo de tê-la como minha companheira e gostava de deixá-la assumir a parte do leão, quer da cerveja branca, do vinho doce ou do leite fresco. Assim se passava, e ela sabia disso, e, portanto, embora discutíssemos diariamente, nunca estávamos afastadas.

Após o café da manhã era meu costume retirar-me para a classe da primeira turma e me sentar sozinha para ler ou pensar (mais frequentemente o último), até que a sineta das nove horas soasse sinalizando o início da rotina. Neste horário, todas as portas eram abertas para admitir a entrada das externas e semi-internas num alvoroço incessante até às cinco horas.

Estava justamente sentada naquela manhã quando bateram à minha porta.

– Perdão, *Mademoiselle* – disse uma interna, entrando devagarzinho. E, depois de tirar da sua mesa qualquer papel ou livro de que necessitava, retirou-se na ponta dos pés, murmurando, ao passar por mim: – *Que Mademoiselle est Appliquée!*[\[209\]](#)

Appliquée, de fato! Os meios de aplicação estavam diante de mim, mas eu não estava fazendo nada e não tinha feito nada, e, portanto, não tencionava fazê-lo. Assim o mundo nos atribui méritos que não possuímos. A própria Madame Beck me considerava uma regular *bas-bleu*,[\[210\]](#) e muitas vezes, solenemente, costumava me aconselhar a não estudar muito para que “o sangue não subisse à minha cabeça.” Na verdade, todo mundo na *rue Fossette* tinha a superstição de que Lucie era culta, com a notável exceção de *Monsieur Paul Emanuel*, que, por meios que lhe eram peculiares e inescrutáveis a mim, tinha obtido uma noção exata das minhas qualificações reais, e costumava aproveitar todas as oportunidades para insinuá-las aos meus ouvidos, com um risinho debochado e a sua alegria maligna sobre sua medida escassa.

De minha parte, eu nunca me incomodei com essa penúria. Gostava muito de ficar quieta com os meus próprios pensamentos. Sentia grande prazer na leitura de alguns livros, mas não eram muitos: sempre preferia

aqueles, em cujo estilo ou sentimento, o temperamento do escritor estava claramente marcado. Desanimava-me, inevitavelmente, os livros sem personalidade, ainda que meritórios e bem escritos. Compreendendo muito bem, pelo que dizia respeito à minha mentalidade, Deus havia limitado os seus poderes e a sua ação, mas – grata, creio, pelos dons recebidos e sem ambição de dotes mais altos, eu não vivia ansiosa por cultura mais elevada.

A aluna educada mal havia saído, quando, sem a menor cerimônia, sem bater na porta, veio uma segunda intrusa. Mesmo que eu fosse cega teria sabido quem era.

Por esse tempo, certa reserva natural nas maneiras das alunas tinha se tornado cômodo e saudável para mim. Agora, eu raramente sofria algum tratamento rude ou abusivo. Quando eu cheguei era diferente: uma grosseira alemã me batia no ombro para me pedir para participar de uma corrida, outra hora era uma desvairada *Labassecourienne* que me agarrava pelo braço e me arrastava para o recreio. Sem mencionar as constantes propostas, urgentes, para dar uma volta, de braços dados, no *Pas de Géant* [211] ou para participar de uma turbulenta brincadeira de esconde-esconde, chamada de um, dois, três. Contudo, todas essas pequenas atenções haviam cessado há algum tempo – cessado sem que eu tivesse me dado ao incômodo de cortá-las bruscamente. Eu, agora, não tinha de recear ou suportar nenhuma demonstração de familiaridade, exceto de certa pessoa, e, como essa era inglesa, eu podia suportá-la, não me pergunte por quê. Genevra Fanshawe não tinha nenhum escrúpulo de, às vezes, me agarrar quando eu estava cruzando a praça, fazendo-me rodopiar em uma valsa obrigatória, causando-me desconforto físico e mental com esse seu procedimento. Era a própria Genevra que agora se intrometia na “minha vontade de aprender”, isto é, na minha solidão. Ela carregava um enorme livro de música debaixo do braço.

– Vá estudar – disse eu imediatamente. – Retire-se já para a sala pequena.

– Não. Só depois de eu ter tido uma conversa com você, querida amiga. Eu sei onde passou as suas férias e como começou a sacrificar-se às elegâncias e a gozar a vida como qualquer outra beldade. Eu a vi outra noite no concerto vestida, na verdade, como qualquer outra pessoa. Quem é a sua *tailleuse*?

– Mexericos! Que bom início para uma conversa! A minha *tailleuse*!

Disparate! Vamos, Ginevra. Saia. Eu realmente não quero a sua companhia.

– Mas, se eu desejo tanto a sua, *ange farouche*,^[212] que significa uma pequena relutância de sua parte? *Mon Dieu*, nós duas sabemos como eu sei lidar com a nossa prendada *compatriote*, a talentosa, culta e insuportável *britannique*. Como, então, *ourson*,^[213] conhece Isidore?

– Conheço John Bretton.

– Oh, cale-se! (colocando os dedos nos ouvidos). – Fere-me os tímpanos com os seus ásperos anglicismos. Mas, como está o nosso amado John? Fale-me dele. O pobre homem deve estar muito triste. O que ele disse sobre o meu comportamento na outra noite? Eu não fui cruel?

– Você acha que eu notei você?

– Foi uma noite deliciosa! Oh, aquele divino De Hamal! E, depois, ver o outro de mau humor e morrendo de ciúmes. E a velha senhora, a minha futura sogra! Talvez eu e *Lady Sara* tenhamos sido um pouco indelicadas rindo da coitada.

– *Lady Sara* nunca riu dela. E, quanto a você, não tem do que se preocupar, a senhora Bretton vai sobreviver ao seu desprezo e risinhos. Ela está acima disso e de qualquer coisa que venha de tão baixo.

– Talvez! As velhinhas são resistentes, mas o pobre filho! Diga-me, o que ele disse? Vi que ele estava terrivelmente atormentado.

– Disse-me que Ginevra já se portava como Madame De Hamal.

– Disse isso? – gritou ela, encantada, quase chorando de alegria. – Ele notou isso? Que formidável! Suponho que ele estava louco de ciúme?

– Ginevra, você fez isso de propósito com o doutor Bretton? Não quer que ele pense mais em você?

– Oh! Você bem sabe que ele não pode fazer isso! Mas, ele não estava furioso?

– Demais – concordei. – Tão louco como uma lebre em março.

– Bem. E como conseguiram levá-lo para casa?

– Como? Você nem imagina o trabalho enorme que tivemos com ele! Você não tem pena de sua pobre mãe e de mim? Imagine que tivemos de segurá-lo firmemente na carruagem e, ele delirando, furioso entre nós, capaz de enlouquecer todo mundo. Com todo aquele alvoroço, até o cocheiro errou o caminho e nos perdemos.

– Não me diga! Está brincando comigo? Vá lá Lucy Snowe...

– Asseguro-lhe que é verdade. É verdade também que o doutor Bretton

não quis ficar na carruagem, fugiu de nós e foi ficar junto com o cocheiro.

– E depois?

– Depois, quando chegamos a casa, a cena transcende a descrição.

– Ah, mas descreva-a. É tão divertida!

– Diversão para você, senhorita Fanshawe? – disse eu com dura gravidade. – Não conhece o provérbio: ‘O que é esporte para um pode ser a morte para outro?’

– Vá em frente, querida Timon.

– Conscientemente, eu não posso, a menos que me garanta que tem algum sentimento bom nesse seu coração.

– Eu tenho. Uma imensidão, você não faz ideia!

– Bom! Nesse caso, você seria capaz de conceber que o doutor Graham Bretton rejeitou até o jantar? Recusou o frango e o pão doce, preparados para ele, e os deixou intactos sobre a mesa. Então... mas, não vale a pena alongar-me em detalhes angustiantes. Basta dizer que nunca, nem nos mais tempestuosos ataques de sua infância, a mãe teve tanto trabalho em lhe arranjar os lençóis sobre ele como naquela noite.

– Ele estava inquieto, então?

– Como podia estar ele sossegado? Bem, a mãe conseguiu com esforço arranjar a roupa de cama, mas a dificuldade consistia em mantê-la arranjada.

– E o que ele falava?

– O que ele dizia? Você não pode imaginá-lo exigindo a sua divina Ginevra e excomungando aquele demônio do De Hamal? Delirando sobre seus cabelos dourados, olhos azuis, braços brancos e pulseiras reluzentes.

– Sério? Ele viu as pulseiras?

– Se viu as pulseiras? Claro, tão bem como eu as vi: e, talvez, pela primeira vez, viu também a marca que lhe fez a pressão ao redor do braço. Ginevra (levantei-me e mudei de tom). Vamos, acabemos com isto. Vá embora estudar.

E abri a porta.

– Mas, você não me disse tudo.

– É melhor não esperar até que eu lhe diga tudo. O restante posso garantir, não lhe dará nenhum prazer.

– Cruz credo! Sua má! – disse ela, mas obedeceu, e, de fato, a primeira classe era meu território e ela não poderia legalmente resistir a uma ordem de despejo vinda de mim.

No entanto, para falar a verdade, eu nunca estivera tão contente com ela até então. Havia prazer em pensar no contraste entre a realidade e a minha descrição: em lembrar o doutor John apreciando a viagem para casa, comendo a sua ceia com prazer e retirando-se para descansar com a compostura cristã. Concluí que só quando eu o via infeliz, que me sentia, realmente, irritada com a bela e frágil causa do seu sofrimento.

Quinze dias se passaram e eu, mais uma vez, havia me acostumado ao trabalho da escola e passara da apaixonada dor da mudança para a apatia do hábito. Uma tarde, ao cruzar a praça, a caminho da primeira classe onde eu era esperada para assistir a uma aula de literatura, dada por *Monsieur Paul*, vi, de pé junto de uma das compridas e grandes janelas, Rosine, a porteira. A sua atitude, como de costume, era bastante *nonchalante*.^[214] Estava sempre à vontade, com uma de suas mãos descansando no bolso do seu avental e a outra, neste momento, segurava diante dos olhos uma carta, a qual *Mademoiselle* deliberadamente examinava o endereço e estudava o selo.

Uma carta! Algo semelhante que tinha me assombrado o cérebro durante os sete dias anteriores. Eu tinha sonhado com uma carta na noite anterior. Forte magnetismo me arrastava, agora, para aquela carta, no entanto, não sei se teria ousado pedir a Rosine que me deixasse ver para quem era aquele envelope branco com um ponto de cera vermelha no lacre. Não! Eu não poderia passar pelo terror de uma rejeição ou decepção.

Sentada na praça pensativa – aguardando o início da aula de literatura, pois, neste momento, eu era como qualquer outra aluna, já que eu decidira aperfeiçoar o meu francês e aprender sobre literatura francesa e outras –, o meu coração palpitava como se já ouvisse o barulho dos passos da porteira aproximando-se, e, com ela a carta endereçada a mim. Nervoso engano! Eram os passos rápidos do professor de Literatura medindo o corredor. Fugi diante dele às pressas. Se eu pudesse sentar, tranquilamente, em minha cadeira antes de sua chegada, com a classe sob as minhas ordens, toda em prontidão e disciplinada, ele, talvez, não reparasse em mim, mas, se fosse pega na praça, eu tinha certeza de que ouviria uma arenga especial. Eu tive tempo de me sentar, de impor um silêncio perfeito, de tomar o meu trabalho de agulha e iniciá-lo no mais profundo sossego antes que *Monsieur Paul* entrasse com sua

profunda, redundante e profética cólera.

Como de costume, ele entrou como o ribombar de um trovão. Contudo, em vez de se precipitar, como um raio, da porta para o estrado, a sua correria interrompeu-se no meio do caminho junto à minha carteira. Voltando o rosto para mim e para a janela, de costas para a sala e para as alunas, olhou-me profundamente – um olhar de tal ordem que eu poderia ter me permitido exigir o que ele queria dizer – um olhar de ameaçadora desconfiança.

– *Voilà pour vous* [215] – disse ele, tirando a mão da sua cintura e colocando uma carta sobre a minha mesa – a mesma que eu tinha visto na mão de Rosine –, cuja esmaltada face branca e o único ponto vermelho eu tinha tão claramente e perfeitamente gravado na retina de uma visão interior. Eu sabia, eu sentia que ela era a carta da minha esperança, a realização do meu desejo, o alívio da minha dúvida, o resgate do meu terror. Esta carta que *Monsieur Paul*, com seus injustificáveis hábitos de intrometido, tinha tirado das mãos da porteira para ele próprio me entregar.

Eu poderia ter ficado com raiva, mas não dispunha um segundo para essa sensação. Sim, eu segurava na minha mão, não um ligeiro bilhete, mas um envelope, que deveria conter pelo menos uma folha. Não parecia frágil, porém consistente, substancial e gratificante. E aqui estava o destinatário: “*Miss Lucy Snowe,*” em uma letra nítida, limpa, uniforme e firme. Aqui estava o selo com o lacre, redondo, cheio, habilmente posto por firmes mãos, carimbados com as iniciais: J.G.B.

Experimentei uma feliz sensação, uma emoção alegre e quente que foi direto para o meu coração e correu por todas as minhas veias. Por uma vez, uma esperança se realizava. Eu segurava na minha mão um bocado de alegria sólido e real: não era um sonho, não uma imagem do cérebro, não um desses quadros sombrios da imaginação com que a humanidade se define.

Não era o maná que há algum tempo eu havia elogiado tristemente e que, de fato, num primeiro momento derrete na boca com uma doçura inefável e sobrenatural, mas que, no final, nossas almas seguramente detestam, desejando com saudades e delírios por alimentos naturais e terrestres, descontroladamente oramos aos Espíritos do Céu para reclamar o seu próprio espírito, orvalho e essência – um alimento divino, porém fatal para os mortais. Não era granizo doce, nem a pequena semente do coentro, nem a leve bolacha, nem o delicioso mel que eu tinha encontrado: era a saborosa e forte comida do caçador, a carne nutritiva e saudável, alimentada

na floresta ou criada no deserto; fresca, saudável e substancial. Era o que o velho patriarca moribundo pedira ao seu filho, Esaú, prometendo em troca a benção de seu último suspiro. Era uma dádiva do céu e eu agradecia intimamente a Deus, pois Ele a havia me concedido. Exteriormente, eu apenas agradeci ao homem, exclamando: – Obrigada, obrigada, *Monsieur Paul*.

Ele franziu o lábio, lançou-me um olhar de soslaio e se dirigiu ao estrado para dar início à sua aula. *Monsieur Paul* não era, de forma alguma, um homem simpático, embora tivesse outras boas qualidades.

Acaso eu li ali logo a minha carta? Acaso consumi imediatamente e sofregamente a minha carne, como se a flecha de Esaú voasse todos os dias sobre uma caça?

Fiz melhor. O envelope com o endereço, o lacre com as suas três letras iniciais eram prêmios em abundância para o presente. Saí da sala em silêncio e procurei a chave do grande dormitório, que era mantido trancado durante o dia. Dirigi-me à minha escrivaninha – com uma espécie de pressa e tremendo com receio de que Madame me visse subindo as escadas e me espiasse abrindo a gaveta –, tranquei o dormitório por dentro, abri a minha caixa, tirei dela uma caixa menor e, depois, tendo deleitado meus olhos com um olhar a mais para a carta, aproximei o lacre dos lábios, com uma mistura de espanto, vergonha e prazer. Dobrei o tesouro intocado, ainda inviolado, embrulhei-o meticulosamente em papel prata e guardei-o na pequena caixa, coloquei-a na caixa maior e as fechei, assim como a gaveta e o dormitório e voltei à aula, sentindo que os contos de fadas eram verdadeiros e que os presentes das fadas não eram sonhos. Estranha e doce loucura! E, essa carta, a fonte da minha alegria, eu ainda sequer a tinha lido, não sabia ainda nem quantas linhas continha.

Quando retornei à sala de aula, vi *Monsieur Paul* furioso como uma peste! Uma aluna não tinha falado de forma audível ou distintamente o suficiente para atender aos seus ouvidos e gosto, e agora ela e outras estavam chorando e ele estava delirando de seu estrado, quase lívido. Curioso mencionar, quando eu apareci, ele caiu sobre mim.

Eu era a professora daquelas meninas? Pretendia eu ensinar-lhes a se comportarem como damas condizentes? Por acaso eu as incentivava a estrangularem a sua língua-mãe em suas gargantas, a esmagá-las entre os dentes como se tivessem alguma causa para ter vergonha das palavras que

proferiam? Era modéstia? Não! Ele bem sabia. Era vil pseudo-sentimento filho ou precursor da maldade. Ao invés de submeter-se a todas aquelas caretas, esgares e pretensões, àquela corrupção de uma língua nobre, aquela afetação geral, àquela repugnante obstinação das alunas da primeira turma, ele jogaria até elas uma série de pãezinhos pequenos e limitar-se-ia a ensinar o ABC às crianças da terceira classe.

O que eu poderia dizer com tudo aquilo? Realmente, nada e eu esperei que ele me permitisse ficar em silêncio. A tempestade recomeçou.

Era negada qualquer resposta às perguntas do professor? As alunas pareciam se considerar, naquele lugar, naquele precioso *boudoir* [216] da primeira turma, como se fossem os pretensiosos livros de casos, as carteiras cobertas de baeta verde, a lixeira da jardineira, a porcaria de quadro emoldurado, os mapas e a sua *surveillante* [217] estrangeira, sem dúvida! Parecia ser a forma de pensar ali que o professor de Literatura não era digno de uma resposta! Eram ideias novas aquelas; importadas, não o duvidava, direto da *la Grande Bretagne*: [218] tinham o sabor da insolência e arrogância da ilha.

Contudo, as meninas, nenhuma das quais jamais soltara uma lágrima com a censura de qualquer outro professor, derretiam como estátuas de neve perante o destemperado calor de *Monsieur* Emanuel. Eu, entretanto, ainda não estava muito abalada. Sentei-me e aventurei-me a retomar o meu trabalho.

Qualquer coisa desconhecida, ou meu continuado silêncio ou o movimento da minha mão na costura, transportou *Monsieur* Paul além do último limite da paciência, ele realmente saltou do estrado. O fogão ficava perto da minha carteira. Ele o atacou. A pequena porta de ferro foi quase arrancada de suas dobradiças e o combustível atirado pelos ares.

– *Est-ce que vous avez intention de m’insulter?* [219] – disse-me ele numa voz baixa e furiosa, enquanto assim se indignava, sob o pretexto de arranjar o fogo.

Era hora de acalmá-lo um pouco, se possível.

– Mas, *Monsieur* – disse eu. – Eu não o insultaria por nada neste mundo. Lembro-me muito bem do que disse uma vez que deveríamos ser amigos.

Eu não tinha a intenção que a minha voz vacilasse, mas ela falhou: creio que mais pela agitação de recente deleite do que pelo espasmo do medo

do presente. Contudo, havia certamente qualquer coisa na cólera de *Monsieur Paul*, uma espécie de paixão e de emoção, que atraía especialmente as lágrimas. Eu não estava infeliz, nem tinha medo, no entanto, chorei.

– *Allons, allons* [220] – disse ele, olhando em volta e vendo o dilúvio universal. – Decididamente, sou um monstro e um desalmado. Eu só tenho um lenço – ele acrescentou –, mas se eu tivesse vinte ofereceria um a cada uma de vocês. A professora de inglês deve representá-las. Aqui está, Miss Lucy.

E ele estendeu-me um lenço de seda limpo. Qualquer outra pessoa que não conhecesse *Monsieur Paul*, que não estava habituada a ele e aos seus impulsos, teria naturalmente estragado a sua oferta, recusando aceitá-la. Mas, eu sabia que isso de nada serviria. A menor hesitação teria sido fatal para o incipiente tratado de paz. Levantei-me e recebi o lenço no meio do caminho, enxuguei com ele os olhos e retornei ao meu lugar com a bandeira da trégua nas mãos, ou sobre o colo. Tive especial cuidado, durante o restante da lição, de não tocar nem na agulha, nem no dedal, muito menos na tesoura ou na musselina. *Monsieur Paul* lançou muitos olhares ciumentos sobre aqueles utensílios. Ele os odiava mortalmente, considerando costura uma fonte de distração da devida atenção a si mesmo.

Ele deu uma lição muito eloquente e foi muito gentil e amigável até ao fim. Antes de ter acabado, as nuvens tinham-se dispersado e o sol brilhava. As lágrimas foram substituídas por sorrisos.

Ao deixar a sala, ele parou mais uma vez na minha carteira.

– E a sua carta? – perguntou desta vez, não muito ferozmente.

– Eu ainda não a li, *Monsieur*.

– Ah! É boa demais para ler de uma só vez. Poupa-a como quando eu era um garoto: eu costumava guardar um pêssego muito maduro para saboreá-lo mais tarde.

A suposição estava tão perto da verdade que eu não pude evitar que um súbito calor me subisse às faces.

– A Miss prometeu a si mesma um momento agradável ao ler aquela carta – disse ele. – Vai abri-la quando estiver sozinha, *n'est-ce pas?* [221] Ah! O seu sorriso responde pela senhorita. Bem, bem! Não se deve ser muito severo. *La La Jeunesse n'a qu'un temps. Je conçois, je conçois: no sait ce que c'est qu'un ami. Bonsoir, Mademoiselle.* [222]

– *Monsieur, Monsieur*, o seu lenço – sussurrei, atrás dele, quando ele se virou para ir.

– Guarde-o, guarde-o até ler a carta. Eu lerei o seu teor em seus olhos. Posso lê-lo, garanto-lhe isso.

Quando ele foi embora, como as alunas já tivessem saído para o caramanchão, dali para o jardim e pátio, enfim, o habitual recreio antes do jantar das cinco horas, eu fiquei um momento sozinha, pensativa e torcendo o lenço em volta do meu braço. Por alguma razão – alegrada, eu acho, por um repentino retorno do brilho de ouro da infância, despertada por uma renovação inusitada de sua flutuabilidade; contente pela liberdade da hora da saída e, acima de tudo, consolada no coração pela alegre consciência daquele tesouro na caixa e na gaveta, lá em cima, – comecei a brincar com o lenço como se fosse uma bola, lançando-o no ar e pegando-o- ao cair. O jogo foi interrompido por outra mão que não a minha – uma mão que emergia de um paletó e se estendia por cima do meu ombro, pegou o improvisado brinquedo e levou-o para longe com estas palavras sombrias:

– *Je vois bien que vous vous moquez de moi et de mes effets.* [223]

Realmente, aquele homem era terrível. Um verdadeiro fantasma de capricho e ambiguidade. Nunca se conheciam os seus caprichos e seu paradeiro.

CAPÍTULO XXII

A Carta

Quando tudo estava tranquilo na casa, depois que o jantar acabou e de ter passado o barulhento recreio, quando a escuridão se instalou e o candeeiro de estudo foi aceso no refeitório; quando as externas foram embora para suas respectivas casas, a porta e o clamoroso sino ter sido abafado durante a noite; quando Madame estava seguramente estabelecida na *salle-a-manger* em companhia de sua mãe e de alguns amigos, eu fui para a cozinha e pedi uma vela por meia hora para uma ocasião especial, e vi o meu pedido aceito pela minha amiga Goton, que respondeu:

– *Mais certainement, chouchou, vous en aurez deux, si vous voulez.*

[224]

E, com a luz na mão, subi sem ruído para o dormitório. Grande foi a minha decepção por encontrar naquele recinto uma aluna que tinha ido para a cama indisposta, e foi ainda maior quando a reconheci, em meio às roupas de cama, a *figure chiffonnée* [225] de Miss Ginevra Fanshawe, neste momento, muito sossegada, é verdade, mas que não deixaria de acordar e de me aniquilar com tagarelice, quando a interrupção fosse menos aceitável. Com efeito, enquanto eu olhava para ela, um ligeiro estremecer das pálpebras me preveniu de que a aparência atual de repouso podia ser fingida para encobrir ardid vigilância sobre os movimentos de “Timon”. Eu não podia confiar nela. E eu que tanto desejava ficar sozinha para ler a minha preciosa carta em paz!

Bem, eu teria de ir para a sala de aula. Depois de ter procurado e encontrado o meu *tesouro* em sua caixa, desci. A má sorte me perseguia. As salas de aulas estavam sendo submetidas à varrição e purificação à luz de candeeiros, segundo o costume *hebdomadário*: [226] os bancos estavam empilhados sobre as mesas, o ar estava cheio de poeira, borras de café molhadas (usadas por empregadas domésticas *Labassecourien* em vez de folhas de chá) escureciam o chão; tudo estava numa desesperadora confusão. Frustrada, mas não derrotada, eu me retirei, inclinada tão resolutamente como sempre na busca da solidão em algum lugar.

Tomando uma chave que eu conhecia, subi três escadarias em sucessão, cheguei a um patamar estreito, escuro e sossegado. Abri uma porta carcomida e mergulhei no fundo negro e frio do sótão. Aqui ninguém iria me seguir, não haveria nenhuma interrupção, nem a própria Madame. Fechei a porta e coloquei a vela em cima de uma arranhada e mofada cômoda com gavetas. Coloquei um xale, pois o ar estava gelado; peguei a minha carta, tremendo com doce impaciência, e quebrei o lacre.

“Será que vai ser longa ou curta?”, pensei. Era longa. “Será que vai ser fria ou amável?” Era amável.

Para a minha expectativa reprimida, refreada, disciplinada, parecia muito amável; ao meu desejo ansioso e faminto, pensei que parecia, talvez, mais amável do que era.

Tão pouco eu esperava, tanto receava. Havia um prazer tão completo em saboreá-la, tão grande que, talvez, muitos seres humanos passam pela vida sem jamais o conhecerem. A pobre professora inglesa, no sótão gelado, lendo, à luz fraca de uma vela, uma carta simplesmente afável, nada mais, embora essa afabilidade lhe parecesse, então, divina, era mais feliz do que a maioria das rainhas em seus palácios.

É claro que a felicidade de uma origem tão superficial não poderia deixar de ser passageira. No entanto, enquanto durou, foi genuína e requintada: uma gota – apenas uma doce gota – de verdadeiro mel de orvalho. O doutor John tinha escrito para mim em cumprimento, ele tinha escrito para mim com prazer; escrevera-me com humor benigno, demorando-se com satisfação em cenas que passaram diante de seus olhos e dos meus, em lugares que tínhamos visitado juntos, em conversas que tínhamos tido, em todos os pequenos assuntos, em suma, das últimas semanas tranquilas. Mas, o núcleo cordial do prazer da carta era uma convicção de que a sua linguagem demonstrava que tinha sido escrita não apenas para me dar prazer, mas para satisfazer a ele próprio. Gratificação, talvez, que ele podia nunca mais desejar, nunca mais procurar – uma hipótese que, sob todos os aspectos, se aproximava da certeza. Porém, isso dizia respeito ao futuro. Neste momento presente não tive nenhuma dor, nenhuma mancha, nem lacuna. Completo, puro e perfeito prazer fazia-me profundamente feliz.

Um serafim parecia descansar ao meu lado, inclinando-se para o meu coração e repousando na sua palpação uma asa santificada que o abrandava, refrigerava e curava.

O doutor John me faria sofrer mais tarde. Contudo, que todo o mal lhe seja perdoado livremente pela lembrança desse bem!

Existem coisas perversas, não humanas, que invejam a felicidade humana? Existem más influências que assombam o ar e são venenos para o homem? O que estava perto de mim?

Algo estranho soou naquele solitário sótão. Certamente eu ouvi, ao que parecia, um andar furtivo no assoalho. Como se alguma coisa deslizesse no recanto escuro assombrado pelas capas malfeitoras. Virei-me, mas a luz era fraca, o sótão comprido, mas garanto-lhes: eu vi, no meio daquele lugar, uma figura fantasmagórica, toda de preto e branco, com saia reta e estreita e a cabeça enfaixada, velada e branca.

Diga o que quiser, leitor. Diga-me que eu estava nervosa ou louca. Pode afirmar que eu estava perturbada pela emoção daquela carta ou declarar que havia sonhado. Contudo, ali, naquele sótão, naquela noite, eu vi uma freira.

Gritei e chorei, senti-me quase desfalecer. Se a aparição tivesse se aproximado de mim eu poderia ter desmaiado. Mas ela recuou. Eu fugi para a porta. Como eu descii as escadas, eu não sei. Por instinto, evitei o refeitório e dirigi-me para a sala de estar de Madame. Entrei e disse:

– Há qualquer coisa no sótão. Eu estive lá. Eu vi alguma coisa. Vejam todos vocês.

Eu disse: “todos vocês,” porque a sala me pareceu cheia de gente, embora, na verdade, não houvesse mais do que quatro presentes: Madame Beck; sua mãe, Madame Kint, que estava doente e viera ficar com a filha; seu irmão, *Monsieur Victor Kint* e outro cavalheiro, que, quando eu entrei na sala, conversava com a velha senhora, de costas para a porta.

O meu medo mortal e a fraqueza devem ter me feito pálida. Estava gelada e tremia. Todos se levantaram em consternação e cercaram-me. Pedi-lhes para que fossem ao sótão. A presença dos homens me fez bem e me deu coragem: parecia haver auxílio e esperança. Virei-me para a porta, chamando-os. Eles quiseram me deter, mas eu insisti que eles me seguissem. Queria que eles vissem o que eu tinha visto – algo estranho, em pé no meio do sótão. E, então, lembrei-me de minha carta, deixada sobre a cômoda, com a vela. Carta preciosa! Carne ou espírito devia ser desafiado por amor a ela. Voei pelas escadas, apressando-me mais quando vi que era seguida.

Ai! Quando cheguei à porta do sótão tudo estava escuro como breu: a luz se apagara. Felizmente alguém, Madame, eu acho, com o seu bom senso e calma habituais, tinha trazido uma luz da sala. Rapidamente, portanto, quando eles subiram um raio perfurou a escuridão. Lá estava a vela apagada sobre a cômoda, mas onde estava a carta? Agora, era a ela e não a freira que eu procurava.

– A minha carta! A minha carta! – ofeguei-me e lamentei-me, quase fora de mim. Tateei no chão descontroladamente, torcendo as mãos. Castigo cruel, cruel! Ver que o meu pedaço de conforto fora sobrenaturalmente arrancado de mim antes que eu tivesse o prazer de saboreá-lo mais vezes.

Não sei o que os outros faziam, pois eu não podia vê-los. Faziam-me perguntas as quais eu não respondia; eles rebuscavam todos os cantos; tagarelava sobre o desarranjo das capas, de uma fenda ou abertura da claraboia – eu não sei mais o quê –. “Alguém ou alguma coisa estivera aqui”, afirmaram sabiamente.

– Oh! Levaram a minha carta! – gritou a rastejante, alienada mental em que uma única ideia parecia absorver todas as suas faculdades mentais, tateando o chão.

– Que carta, Lucy? Que carta minha querida? – perguntou uma voz conhecida no meu ouvido. Poderia eu acreditar naquele ouvido? Não! E olhei para cima. Poderia confiar em meus olhos? Tinha realmente reconhecido aquela voz? Estava eu, realmente, olhando no rosto do autor dessa carta? Era aquele cavalheiro perto de mim naquele sótão escuro, John Graham, o próprio doutor Bretton?

Sim. Era. Havia sido chamado naquela mesma noite para receitar qualquer coisa para Madame Kint, era o segundo cavalheiro presente na sala quando entrei.

– Era a minha carta, Lucy?

– Exatamente. A carta que você escreveu para mim. Eu tinha vindo aqui para lê-la sossegadamente. Eu não pude encontrar outro lugar onde estivesse sozinha. Eu a tinha guardado todo o dia e só agora à noite a abri. Mal tinha olhado para ela. Eu não posso suportar perdê-la. Oh, minha carta!

– Silêncio! – disse-me ele baixinho. – Não chore e nem se desgaste tanto. Não vale tanto assim aquela carta para esse cruel sofrimento. Vamos! Saia desta sala fria. Eles vão acionar a polícia. Não precisamos ficar aqui. Venha, vamos descer – tudo isso foi dito pelo doutor John com carinho e

mansidão.

Uma mão quente segurou os meus dedos frios e conduziu-me para uma sala onde havia fogo. O doutor John e eu sentamo-nos diante do fogão. Ele falou comigo e me acalmou com uma bondade indizível, prometendo-me vinte cartas em troca daquela roubada. Se existem palavras e males como facas, cujas profundas feridas e lacerações nunca cicatrizam; injúrias cortantes e insultos de gume serrilhado que destilam veneno, há também, igualmente, consolações delicadas como bálsamo para os ouvidos, cujo carinho é guardado para sempre, mantido como ecos de suspiros, carícias, gentilezas; amadas recordações para toda uma vida, sempre lembradas com igual ternura e surgidas sempre com o mesmo brilho, não ofuscado, até mesmo pela nuvem negra que prenuncia a própria morte.

Disseram-me, depois disso, que o doutor John não era tão perfeito como eu o julgara; que o seu caráter real não tinha a profundidade, altura, a direção e a resistência que possuía em meu credo. Eu não sei: para mim, ele foi tão bom como o poço para o caminhante sequioso; como o sol para o prisioneiro tremendo. Lembro-me dele heroico. Neste momento, pois, sustentarei que ele era heróico.

Ele me perguntou, sorrindo, por que eu me importava tanto com a sua carta. Pensei, mas não lhe disse, pois lhe queria tanto como o sangue em minhas veias. Eu só respondi que recebia poucas cartas para que não me importasse com aquela.

– Tenho certeza de que você não a leu – disse ele. – Se assim não fosse não lhe daria tamanha importância – complementou.

– Eu a li, mas apenas uma vez. Eu queria lê-la novamente. Não posso me conformar em perdê-la – e não pude deixar de chorar de novo.

– Lucy, Lucy, minha querida pequena irmã afilhada (se é que há tal relação). – Aqui está a sua carta. Lamento que ela não seja digna dessas lágrimas e dessa fé ternamente exagerada.

Curiosa manobra! Os seus olhos rápidos tinham visto a carta no chão onde eu a procurava. A sua mão, tão rápida, tinha apanhado-a e colocado-a no bolso do colete. Se a minha aflição fosse menos intensa e real, duvido que ele a tivesse devolvido a mim. Lágrimas de um grau mais fraco que as minhas apenas teriam divertido o doutor John.

O prazer de recuperá-la me fez esquecer a merecida reprovação para

o tormento provocado. A minha alegria era tão grande que eu não poderia esconder. Contudo, acho que resplandeceu mais no meu semblante do que nas minhas palavras. Eu disse pouco.

– Você está satisfeita agora? – perguntou o doutor John.

Eu respondi que sim. – Satisfeita e feliz.

– Bem, então – ele prosseguiu. – Como se sente fisicamente? Está mais calma? Não muito, pois você treme ainda como uma folha.

Pareceu-me, no entanto, que eu estava suficientemente calma: pelo menos eu não sentia mais medo. Estava reconfortada e recomposta.

– Pode dizer, agora, o que viu? A sua descrição foi muito vaga. Você parecia branca como a parede, mas você só falou de “alguma coisa”, não definindo o quê. Era um homem? Era um animal? O que era?

– Nunca vou dizer exatamente o que eu vi – disse eu. – A não ser que outra pessoa veja também, e, então, eu confirmarei; de outro modo, vou ser desacreditada e acusada de ter sonhado.

– Diga-me – insistiu ele. – Vou ouvi-la em caráter profissional. Olho agora para você, como médico, e leio, talvez, tudo o que poderia me esconder: nos seus olhos vivos e, curiosamente, inquietos; em seu rosto, que o sangue abandonou; em suas mãos que não param de tremer. Vamos, Lucy, fale.

– Você iria rir de mim.

– Se não me disser, não terá mais cartas.

– Você já está rindo agora.

– Eu vou tomar até essa única carta. Sendo minha, eu acho que tenho o direito de recuperá-la – brincou.

Senti um ar de zombaria em suas palavras: isso me fez calar. Porém, dobrei a carta e a escondi de sua vista.

– Você pode escondê-la, mas eu posso obtê-la a qualquer momento que eu quiser. Você não conhece a minha habilidade em mágica. Mamãe diz que, às vezes, eu também tenho qualidades especiais de língua e de vista, mas nunca viu isso em mim, não é, Lucy?

– Na verdade, de fato, quando você era um simples menino, vi tudo isso; muito mais do que agora, pois agora é forte e a força dispensa a sutileza. Mas, ainda assim, doutor John, você tem o que eles chamam neste país “*un air fin*”,^[227] que a ninguém pode enganar, pois Madame Beck viu, e...

– E gostou – disse ele, rindo. –, porque ela o tem também. Mas, Lucy, dê-me essa carta. Na realidade não se importa, realmente, com ela.

Não respondi aquele discurso provocativo. Quando Graham estava de bom humor, não se devia fazer muito a sua vontade. Agora mesmo um novo tipo de sorriso brincava-lhe nos lábios – um sorriso doce, suave, mas que, entristeceu-me de alguma forma –, nos seus olhos havia um novo tipo de brilho: não hostil, mas também não tranquilizador. Levantei-me para ir. Dei-lhe boa-noite, sentindo-me triste.

A sua sensibilidade, essa faculdade que lhe era peculiar – a compreensão –, sentiu, um momento, a queixa não formulada; a censura quase não pensada. Ele perguntou baixinho se eu estava ofendida. Eu balancei a cabeça negativamente.

– Lucy. Permita-me, então, que lhe fale sério antes de você ir embora. Está em um estado altamente nervoso. Tenho a certeza, pelos seus modos e olhar, embora bem controlados, de que, quando estava sozinha esta noite, naquele triste e sepulcral sótão, aquela masmorra sob o telhado, que cheira a mofo e a umidade, fértil em tísica e em catarro – um lugar onde você nunca deveria entrar –, você viu ou que julgou ver alguma coisa peculiar, especialmente calculada para impressionar a sua imaginação. Sei que não é nem nunca foi sujeita a terrores materiais, medo de ladrões etc. Mas, não estou tão certo de que uma aparição de caráter espectral não lhe abalasse muito a mente. Tenha calma agora. Isto é tudo uma questão de nervos, mas deve me especificar o que viu.

– Você vai contar para alguém?

– Ninguém. Pode confiar tanto em mim como, implicitamente, você confiou no padre Silas. De fato, o seu médico é, talvez, o mais seguro confessor dos dois, embora ele não tenha ainda o cabelo grisalho.

– Você não vai rir?

– Talvez eu possa até rir, mas para lhe fazer bem, não em desprezo. Eu sou seu amigo, Lucy, embora a sua natureza tímida lhe dificulte confiar nas pessoas.

Ele agora parecia um amigo: aquele sorriso e olhar indescritíveis tinham desaparecido. Aquelas curvas formidáveis dos lábios, das narinas, das sobrancelhas tinham abatido. A sua atitude era de repouso. A atenção moderava seu aspecto sóbrio. Conquistada a minha confiança, eu disse a ele exatamente o que tinha visto: antes eu tinha lhe narrado a lenda da casa

– matando o tempo com essa narrativa numa certa tarde de outubro em que eu e ele passeávamos pelo *Bois l’Etang*.[\[228\]](#)

Ele sentou e ficou pensativo e, enquanto pensava, ouvimos os demais descendo as escadas.

– Virão interromper? – perguntou ele, olhando para a porta com uma expressão irritada.

– Eles não virão aqui – respondi, pois estávamos na sala pequena para onde Madame nunca vinha à noite e onde, só por mero acaso, havia o fogo persistente no fogão. Eles passaram pela porta e foram para a sala de jantar.

– Agora – ele prosseguiu –, eles vão falar sobre os ladrões e salteadores e assim por diante: deixe-os fazer isso. Não diga nada e mantenha a sua resolução de não descrever a sua freira para ninguém. É possível que ela volte a aparecer. Não se assuste.

– Você acha, então, – perguntei com secreto horror –, que ela saiu do meu cérebro, voltou agora para lá e que pode voltar a sair quando eu menos esperar?

– Eu acho que é um caso de ilusão espectral. Temo que seja resultante de um longo e continuado conflito mental.

– Oh, doutor John! Eu tremo só de pensar que sou suscetível de semelhante ilusão! Parecia tão real! Será que há cura? Não há prevenção?

– A felicidade é a cura e um espírito alegre, a prevenção. Cultive ambos.

Nada neste mundo me soou tão vazio como o *cultivar a felicidade*. O que tal conselho significaria? A felicidade não é uma batata que se planta na terra e se cultiva com adubo. A felicidade é um resplendor que brilha no céu, lá muito longe, acima de nós. Ela se assemelha ao orvalho de algumas manhãs de verão que cai sobre as almas sedentas; sobre os frutos, os grãos, como o ouro do Paraíso.

– Cultivar a felicidade! – disse eu. – Saberá o doutor cultivar a felicidade? Como consegue isso?

– Eu sou alegre por natureza e, depois, a má sorte nunca me perseguiu. A adversidade ameaçou-nos, a mim e minha mãe, mas a desafiamos, ou melhor, rimos dela e ela passou.

– Não há cultivo em tudo isso – respondi.

– Não dou lugar à melancolia, Lucy.

- Entrega, sim. Eu o vi subjugado por esse sentimento.
- Por causa de Ginevra Fanshawe, não é a isso que se refere?
- Ela não o fez infeliz por várias vezes?
- Ora! Que absurdo! Você bem vê que eu estou melhor agora.

Se uns olhos alegres e risonhos e um rosto radiante e saudável de energia poderiam atestar que ele estava melhor, certamente estava.

- Você não me parece muito mal – eu consenti.
- E por que, Lucy, você não pode olhar e sentir-se como eu: alegre, dinâmica, corajosa e apta a desafiar todas as freiras e todos os amores da cristandade? Eu daria ouro para vê-la sorrindo em um estalar de dedos. Experimente!

- E se eu trouxesse agora mesmo Miss Fanshawe em sua presença?
- Eu juro, Lucy, que ela não deveria me mover. Ou melhor, poderia até me mover, mas só com uma coisa: amor verdadeiro e apaixonado. Eu não lhe concederia o perdão por menor preço.
- De fato! Há pouco tempo um sorriso dela teria sido para o doutor uma fortuna.

– Estou mudado, Lucy. Mudado! Lembra-se de que me chamou uma vez de escravo? Agora sou um homem livre!

Levantou-se. No porte da sua cabeça, na sua atitude, em seus olhos brilhantes, tudo revelava liberdade e demonstrava um estado de espírito de desdém pela sua anterior servidão.

– Miss Fanshawe – prosseguiu ele – fez-me passar por uma fase sentimental, mas já passou. Estou em outra fase. Agora, estou disposto a exigir amor por amor, paixão por paixão e com igual intensidade.

– Ah, doutor! Doutor! Disse-me, certa vez, que estava em sua natureza perseguir o amor difícil e que o encarava com orgulhosa insensibilidade e frieza.

Ele riu e respondeu: – A minha natureza varia: a disposição do momento, por vezes, graceja da disposição da hora anterior. Bem, Lucy (começou a colocar as luvas), será que a freira voltará a visitá-la esta noite?

- Creio que não.
- Se ela aparecer, dê-lhe os meus cumprimentos. Os cumprimentos do doutor John e suplique que ela tenha a bondade de esperar uma visita minha. Era uma freira bonita, Lucy? Tinha um rosto bonito? Você não me

disse nada sobre sua beleza. Isso é um ponto realmente importante.

– Ela tinha um pano branco sobre o rosto. Mas, os seus olhos brilhavam.

– Diabos levem esses enfeites dos seus duendes! – exclamou ele, com irreverência: – Mas, pelo menos ela tinha olhos bonitos, brilhantes e meigos?

– Frios e fixos – foi a minha resposta.

– Não, não, não queremos nada dela. Ela não a assombrará mais. Dê-lhe este aperto de mão se ela aparecer novamente. Acha que ela vai suportar isto, Lucy?

Eu pensei que era um aperto de mão muito amável e cordial para que um fantasma o suportasse, assim como o sorriso que acompanhou o seu desejo de boa-noite.

E, afinal, havia alguma coisa no sótão? O que teriam eles descoberto? Acredito que, após um minucioso exame, descobriram muito pouco. Falaram, a princípio, que as capas estavam desarrumadas, mas Madame Beck disse-me depois que pareciam como de costume e, quanto ao vidro quebrado da claraboia, ela afirmou que era raro não haver ali um ou mais vidros quebrados ou rachados, e, além disso, uma pesada tempestade de granizo tinha caído havia alguns dias. Madame me questionou, cordialmente, sobre o que eu tinha visto, mas eu só descrevi uma figura obscura vestida de preto. Tive o cuidado de não pronunciar a palavra “freira”, certa de que esta palavra sugeriria em sua mente uma ideia de romance e irrealidade. Ela me recomendou que não dissesse nada sobre o assunto para qualquer criada, aluna ou professora e elogiou a minha discrição em vir ter com ela, na sua sala privada, em vez de levar aquele conto de horror para o refeitório da escola. Assim, o assunto foi encerrado. Fiquei secreta e tristemente me perguntando se aquela coisa estranha era deste mundo ou de um reino além da cova. Se, de fato, era apenas fruto da doença e eu a presa dessa enfermidade.

CAPÍTULO XXIII

Vashti¹

Se eu estava triste? Não! Uma nova influência começara a agir em minha vida e a tristeza, por um determinado espaço de tempo, foi mantida a distância.

Imaginei um vale escavado nas profundezas da floresta, sem que lá chegasse a luz do sol, residindo numa penumbra constante, numa terra úmida, cuja folhagem era pálida. Uma tempestade ou um machado abrem, portanto, uma clareira nos carvalhos; a brisa varre o lugar; o sol bate em cheio e o vale triste e frio se transforma numa taça profunda de viço e cheia esplendor. O verão derrama sobre ele a luz dourada que, até agora, o pobre e definhado vale nunca sentira.

Um novo credo tomou conta da minha vida: a crença na felicidade.

Três semanas haviam se passado desde a aventura do sótão e eu possuía, lá em cima, naquela caixa, dentro de outra menor e ainda da gaveta, guardada com aquela primeira carta, mais quatro delas escritas pela mesma pena firme, com o mesmo selo de lacre e cheias do mesmo conforto vital, pois, conforto vital parecia-me, então. Anos depois, eu as reli. De fato, eram cartas agradáveis por terem sido escritas por alguém muito estimado.

Nas duas últimas cartas, havia três ou quatro linhas na conclusão, quase alegres, quase ternas, tocadas pelo sentimento, mas não por ele subjogado. O tempo, querido leitor, as havia suavizado como se temperadas em uma bebida suave. Contudo, quando eu provei pela primeira vez aquele elixir, ainda fresco da fonte querida, parecia suco de uma colheita divina: bebida que podia ser servida por *Hebe*[\[229\]](#) e que os próprios deuses a provariam.

Será que o leitor, lembrando do que foi dito algumas páginas atrás, se interessará em saber se eu respondi a estas cartas? Se sob o domínio limitador da razão, ou de acordo com o impulso liberal do sentimento?

Para falar a verdade, eu harmonizava as coisas: eu servia a dois senhores. Fazia a minha vênia a *Rimom*[\[230\]](#) e erguia o coração diante de outro santuário. Eu escrevia duas respostas a essas cartas: uma para o meu

próprio alívio e outra para a leitura de Graham.

Para começar, o sentimento e eu expulsávamos a razão. Fechávamos e trancávamos a porta, sentávamos, estendíamos o papel, mergulhávamos na tinta uma pena ansiosa e, com profundo prazer, esvaziávamos o nosso sincero coração. Quando acabado, depois de duas páginas cobertas com uma linguagem de forte afeto, de uma gratidão profunda (de uma vez por todas, neste parêntese, eu nego, com o maior desprezo, qualquer baixa suspeita dos chamados *sentimentos mais fervorosos*. As mulheres não alimentam esses sentimentos mais fervorosos quando, desde o começo e, através do desenvolvimento de uma amizade, nunca foram enganadas da convicção de que fazê-lo seria cometer um absurdo mortal; nunca ninguém se lança no oceano do amor a menos que tenha visto ou sonhado com o nascer da estrela da esperança sobre as suas águas turbulentas); depois, então, de ter exprimido um afeto profundo e uma alta admiração; uma afeição que queria tomar para si tudo o que era doloroso no destino daquele a quem era dedicado, que teria, se pudesse, absorvido e afastado todas as tempestades da existência, visto que nutria uma tão extrema paixão de solicitude – então, naquele precioso momento, as portas do meu coração se estremeciam, a tranca e o ferrolho cediam, a razão saltava vigorosa e vingativa, arrebatava as folhas completas, lia, zombava, apagava, rasgava, escrevia novamente, dobrava, lacrava, endereçava e enviava uma concisa missiva de uma página. Fazia bem.

No entanto, eu não vivia apenas de cartas: era visitada, era cuidada e, uma vez por semana, eu era levada para *La Terrasse*. Sempre recebia muito carinho. O doutor John me dizia que aquele gesto tão amável era “para afastar a freira”, com quem, disse ele, “estava determinado a disputar a presa”. Ele tinha tomado por ela uma grande antipatia e declarou, ainda, que foi, principalmente, por conta do pano branco no rosto e daqueles cinzentos e frios olhos azuis. Quando ele me ouviu falar desses odiosos pormenores, ele afirmou: “Estou determinado a descobrir quem é o mais esperto: ela ou eu”, e ele só desejava que ela viesse mais uma vez me ver quando ele estivesse presente. Isso, porém, nunca aconteceu. Em suma, ele me tratava, cientificamente, à luz de uma paciente doente e, imediatamente, exercia a sua habilidade profissional e satisfazia a sua natural bondade num tratamento cordial e atencioso.

Uma tarde, no primeiro dia de dezembro, eu passeava sozinha no patamar. Eram seis horas e as portas das salas estavam fechadas, mas, lá

dentro, as alunas, desenfreadas no recreio da tarde, encenavam um caos em miniatura. O patamar estava às escuras, à exceção de uma luz vermelha que vinha do fogão. As largas portas envidraçadas e as compridas janelas estavam foscas devido à geada. O brilho cristalino de uma estrela, neste rigoroso inverno, refletia aqui e acolá como uma lantejoula, quebrando com seu brilho a dispersa palidez, tornando a noite clara, embora sem lua.

O fato de eu ousar permanecer assim, sozinha, na escuridão, provava que os meus nervos tinham recuperado a saúde. Eu pensava na freira, mas quase não a temia, embora a escada que levasse ao sótão assombrado estivesse logo atrás de mim nas trevas do patamar. No entanto, confesso que o meu coração estremeceu, meu pulso se agitou, quando, de repente, ouvi uma respiração e um sussurro e, virando-me, vi, nas sombras da escada, uma sombra mais negra ainda, um vulto que descia. Ele parou um pouco na porta da sala de aula e, então, passou diante de mim. Simultaneamente, chegou um clangor da campainha da porta. Sons reais trazem sentimentos reais. Aquele vulto era muito redondo e baixo para a minha esquelética freira: era apenas Madame Beck de plantão.

– *Mademoiselle* Lucy – gritou Rosine, surgindo no corredor com um candeeiro na mão: – *on est là pour vous, au salon.* [231]

Madame me viu, eu vi Madame e Rosine nos viu. Dirigi-me, imediatamente, ao salão e lá encontrei quem eu previra encontrar: doutor John Breton. Ele estava de casaca.

– A condução está à porta – disse ele. – Minha mãe me mandou buscá-la para levá-la ao teatro comigo. Ela pretendia ir, mas uma visita inesperada a impediu. Ela, imediatamente, disse: – “Leva Lucy em meu lugar”. Quer vir?

– Já? Eu não estou vestida! – exclamei, olhando, desesperadamente, para o meu vestido de merino escuro.

– Você tem meia hora para se vestir. Eu deveria ter lhe avisado antes, mas só às cinco horas resolvi ir, na realidade quando eu soube que haveria a presença de uma grande atriz.

E ele mencionou um nome que me fez estremecer – um nome que, naqueles tempos, poderia emocionar a Europa. Não o mencionarei agora. O seu eco outrora vibrante há muito se aquietou. Ela já partira há anos para o seu descanso eterno: a morte e o esquecimento caíram sobre ela. Contudo, naquela época estava em glória – um dia de *Sirius* [232] – estivera no seu mais completo apogeu, luz e fervor.

– Estarei pronta em dez minutos – eu jurei. E saí correndo sem me atentar para um pensamento, para o qual, talvez, o leitor se atente: que ir a qualquer lugar com Graham e sem a senhora Bretton poderia ser censurável. Eu não poderia ter concebido e muito menos expressado ao doutor John tal pensamento – semelhantes escrúpulos – sem o risco de excitar um sentimento de auto-desprezo; de acender um fogo interior de vergonha, tão inextinguível e devorador que, creio, em breve, teria lambido a própria vida em minhas veias. Além disso, a minha madrinha, conhecendo seu filho e me conhecendo, teria pensado em vigiar as nossas saídas e entradas como arranjar um *chaperon* [233] para um irmão e uma irmã.

A presente ocasião não era para vestido vistoso. O vestido escuro de crepe névoa bastaria e o procurei no grande guarda-roupa de carvalho do dormitório, onde pendiam não menos do que quarenta vestidos. Mas, tinha havido mudanças e mãos renovadoras tinham desbastado o guarda-roupa, levando diversos deles para o sótão, entre eles o meu vestido de crepe. Eu tinha que ir buscá-lo. Fui buscar a chave e subi sem medo, quase sem pensar. Abri a porta e entrei. Quer o leitor acredite ou não, quando entrei, assim tão subitamente, o sótão não estava inteiramente às escuras como deveria estar: num determinado ponto brilhava uma luz solene, como uma estrela, porém, mais ampla. Brilhava tão claramente que revelava uma parte do fundo daquele cômodo, com parte do vulto da cortina vermelha que o vedava. Instantaneamente, silenciosamente, diante dos meus olhos, ela desapareceu, assim como a cortina e o cômodo. Todo aquele canto do sótão tornou-se negro como a noite. Não me arrisquei a investigar: eu não tinha tempo nem vontade. Arrancando meu vestido que estava pendurado na parede, felizmente junto a porta, corri para fora e tranquei-a com convulsiva pressa e precipitei-me escada abaixo para o dormitório.

Entretanto, eu tremia demais para me vestir: era impossível arranjar o cabelo ou prender os colchetes e ilhós com os dedos naquele estado. Então, eu chamei Rosine e a subornei para me ajudar. Rosine gostava que lhe subornasse e fez o seu melhor: penteou-me tão bem como um cabeleireiro teria feito; colocou a gola de renda e atou a fita no pescoço com precisão – em suma, fez seu trabalho como a habilidosa *Phillis* [234] que ela podia ser quando queria. Depois de me dar o lenço e as luvas, pegou o candeeiro e iluminou as escadas. No final, eu ainda me esqueci do meu xale, ela correu de volta para buscá-lo e eu fiquei com o doutor John no vestíbulo à sua espera.

– O que é isso, Lucy? – perguntou ele, olhando para mim de forma atenta. – Aqui está o velho nervosismo. Ha! Outra vez a freira?

Contudo, eu, absolutamente, neguei a acusação. Tive vergonha de ser considerada vítima de uma segunda ilusão. Ele, porém, mostrou-se cético.

– Foi ela, tão certo como eu aqui estou – disse ele. – Quando a imagem da freira cruza seus olhos, deixa neles uma expressão e um brilho que lhe são peculiares e que não me enganam.

– Ela não apareceu – insisti, pois, com efeito, eu poderia negar a sua aparição.

– Os sintomas antigos estão aí – ele afirmou: – Uma palidez especial e aquilo que os escoceses chamam de “olhar erguido”.

Ele era tão obstinado que achei melhor dizer a ele o que eu, realmente, tinha visto. É claro que, para ele, era outro efeito da mesma causa: era tudo ilusão ótica, uma doença nervosa e assim por diante. Não acreditei, mas eu não ousei contradizê-lo, tão presunçosos são os médicos nas suas inabaláveis e secas opiniões do ponto de vista materialista.

Rosine trouxe o xale e eu entrei na carruagem.

O teatro estava cheio – abarrotado até o teto. A família real e a nobreza estavam presentes: palácios e hotéis tinham esvaziado os seus habitantes para aquelas fileiras tão densas e abafadas. Senti-me profundamente privilegiada em ter um lugar diante daquele palco, pois eu ansiava por ver a atriz, cujos dotes eu ouvira descrições, fazendo-me conceber antecipações peculiares. Eu me perguntava se ela justificava a fama da qual desfrutava.

Com estranha curiosidade, com sentimentos austeros e rígidos, embora de forte interesse, aguardei. Ela constituía, para os meus olhos, um estudo de natureza como eu nunca tinha encontrado: era um astro importante e novo, mas de que forma? Esperei que ela se erguesse.

Ela ergueu-se às nove naquela noite de dezembro. Eu a vi subir no horizonte. Brilhava ainda com pálido esplendor, mas já se inclinava para o seu dia de julgamento. Vista de perto, era um caos: oca, meio consumida, um corpo celeste morto ou moribundo, metade lava e metade fogo.

Tinha ouvido falar dessa mulher muitas vezes, chamando-a de “simples”. Eu esperava uma aspereza ossuda, algo grande, pálido e anguloso. O que eu vi foi a sombra de uma *Vashti* real: uma rainha, outrora bela como o dia, agora pálida como o crepúsculo e gasta como a vela em chamas.

Por algum tempo – muito tempo – julguei que era apenas uma mulher,

embora uma mulher extraordinária, que se movia com vigor e graça perante aquela multidão. Pouco a pouco, reconheci o meu erro. Veja! Descobri nela qualquer coisa que não era de mulher, nem de um homem: em cada um de seus olhos havia um anjo caído. Aquelas forças do mal a suportavam através da tragédia e mantinham as suas próprias forças – pois, ela era uma criatura frágil. E, à medida que a ação se desenrolava e ganhava emoção, como eles a agitavam descontroladamente, furiosamente, com as suas paixões infernais! Sobre a sua frente reta e arrogante, escreveram: *inferno*. Eles afinaram a sua voz de tormento. Transformaram o seu formoso rosto que se contorcia em uma máscara demoníaca. Ela encarnava o ódio, o crime e a loucura.

Para alguns, era um espetáculo maravilhoso. Para mim, uma poderosa revelação: um espetáculo baixo, horrível e imoral.

Espadachins trespassados, morrendo na arena, banhados de sangue; touros e cavalos estripando constituíam uma vista mais suave para o público, um condimento mais brando para o paladar do povo, do que *Vashti* torcida por sete demônios. Demônios que gritavam dolorosamente e dilaceravam aquela que açoitavam, mas que se recusavam, contudo, a ser exorcizados.

O sofrimento feria aquela imperatriz do palco que, ali, diante o seu público, ficou sem ceder, sem resistir, mas sem o suportar, até certo ponto, sem o sentir. Ela ficou presa na luta, rígida na resistência. Ela levantou-se. Não estava vestida, porém envolta em pálidas dobras antigas, longas e regulares, como uma escultura. Um pano de fundo, soalho e *entourage*^[235] no mais profundo carmesim faziam-na realçar, branca, como alabastro – como prata – ou, em vez disso, diga-se, como a morte.

Onde estava o artista da Cleópatra? Ele que viesse se sentar e estudar essa visão diferente. Que viesse procurar aqui a força, os músculos poderosos, o sangue abundante, a carne bem nutrida que ela adorava. Que todos os materialistas se aproximassem para olhar.

Eu disse que ela não sentia a sua dor. Não. A fraqueza dessa palavra se tornaria uma mentira. Para ela, tudo o que feria tornava-se imediatamente encarnado: ela fora atacada, vencida, rasgada em pedaços. Contudo, sendo ela uma substância, lutava com abstrações. Perante o infortúnio, era como uma tigresa que rasgava as suas feridas com horror e repulsa. Da dor, para ela, não resultava o bem; das lágrimas, nenhuma colheita de sabedoria. Para a doença, a morte em si, ela olhava como uma rebelde. Talvez fosse perversa, mas também era forte e a sua força conquistava beleza, dominava a graça e

prendia-as ao seu lado – dóceis e formosas cativas. Mesmo no auge de seu frenesi, cada movimento encerrava uma atitude de rainha ou imperatriz. Seu cabelo solto estava esvoaçado em rebeldia ou guerra, contudo, era ainda um cabelo de um anjo, belo sob uma auréola. Caída, insurreta, banida, ela lembra-se do céu, local onde se rebelara. A luz do céu, seguindo o seu exílio, atravessa os abandonados limites para revelá-los.

Coloque agora a Cleópatra, ou qualquer outra indolente, como obstáculo diante dela e a veja atravessar aquela massa carnuda como a *cimitarra de Saladino* cortou a almofada de penas. Deixem *Paul Peter Rubens* acordar de entre os mortos, deixe-o levantar de sua mortalha e tragam-no aqui, com todo o seu exército de mulheres gordas; o poder mágico ou virtude de profeta do bordão de Moisés poderia, então, com um só sinal, desbloquear um mar aberto por encanto, tragando a pesada hoste com o desmoronar das muralhas de água.

Vashti não era pura, disseram-me, e eu própria afirmei que não o parecia. Embora apenas um espírito, ela era um espírito saído de *Tofete*. Pois bem, se tanta força diabólica podia surgir das profundezas, não poderia também, um dia, igual efluxo de essência divina descer do alto?

O que pensava o doutor John desta criatura?

Durante os longos intervalos, esqueci-me de observar a sua atitude ou de perguntar o que estava achando da peça. O seu forte magnetismo de gênio arrastava o meu coração para fora de sua órbita habitual; o girassol voltava-se do Sul para uma luz forte, não solar – uma luz brilhante, vermelha e fugidia de um cometa – quente para a visão e sensação. Eu já o tinha visto se portar assim antes, mas nada como isto: nunca algo que surpreendesse a esperança e silenciasse o desejo; que superasse o impulso e empalidecesse a concepção; que, em vez de irritar a imaginação com pensamento do que se podia fazer, ao mesmo tempo, queimando os nervos, porque ele não fazia, revelava poder como um profundo rio de inverno, rugindo em cataratas e lavando-nos a alma, como uma folha, na varredura de sua íngreme descida.

Miss Fanshawe, com o amadurecimento habitual dos seus juízos, declarara o doutor John Bretton um homem sério, frio, muito grave e impressionável. Jamais o vi sob esse aspecto e jamais poderia lhe imputar semelhantes falhas. A sua atitude natural não era meditativa, nem seu humor natural sentimental; impressionável ele era como as ondulações da água, mas, como na água, essas impressões não ficavam marcadas: o sol, a brisa as

agitavam – nem o metal não podia gravar, nem o fogo marcá-lo.

O doutor John era capaz de pensar e pensar bem, mas ele era mais um homem de ação do que de pensamento. Sabia sentir, e sentir intensamente à sua maneira, mas o seu coração não tinha acorde para o entusiasmo: as influências doces e suaves, os seus olhos e os lábios faziam um acolhimento também doce e sereno de boas-vindas, bonito de se ver, como corantes rosa e prata, pérola e púrpura das nuvens de verão. Ele não nutria simpatia nem tinha qualquer comunhão ao que pertencia à tempestade, o que era selvagem e intenso, perigoso, brusco e ardente.

Quando, novamente, tive tempo de olhar para ele, diverti-me verificar que ele olhava a sinistra e soberana *Vashti*, sem espanto, adoração ou consternação, simplesmente com intensa curiosidade. Sua agonia não o penalizou, o seu gemido selvagem – frio como um grito agudo – não o comoveu; a sua fúria o revoltou um pouco, mas não a ponto de horrorizá-lo. Um jovem britânico frio! Os penhascos pálidos da sua Inglaterra não olham mais calmamente para as marés do Canal do que ele contemplava a inspiração de *Pítia* daquela noite.

Olhando para o seu rosto, desejei conhecer exatamente a sua opinião e acabei fazendo uma pergunta com o propósito de fazê-lo falar. Ao som da minha voz, ele acordou, como se despertasse de um sonho, pois ele estava pensando, intensamente, a seu modo.

– O que pensa de *Vashti*? Eu queria saber.

– Hummm... – foi a sua primeira resposta, lacônica, mas expressiva, e, então, com um sorriso estranho nos lábios, crítico, mordaz, quase duro, ele, em algumas frases secas, expressou-me a sua opinião e os seus sentimentos para com a atriz. Julgara-a como mulher e não como artista: era um julgamento estigmatizante. Suponho que, para temperamentos daquela ordem, a sua simpatia era realmente cruel.

Aquela noite já estava marcada com uma cruz no livro da minha vida, não branca, mas vermelho-escura. Mas, ela ainda não tivera fim e outra recordação estava destinada a ser marcada com tinta indelével.

Rumo à meia-noite, quando a tragédia se aprofundou na cena de morte, quando todos prendiam a respiração e até mesmo o doutor John Graham Bretton mordida o lábio inferior e franzia a testa, quieto e angustiado, quando todo o teatro estava em silêncio, todos os olhos se concentravam em um mesmo ponto e todos os ouvidos escutavam os mesmos sons – nada se vendo,

além da forma branca afundada e abatida sobre um assento, tremendo em conflito com seu último e mais odiado inimigo, aquele adversário que visivelmente a conquistava – nada ouvindo, além da sua angústia, do seu arfar, em que sentia ainda a revolta, em que ofegava ainda o desafio. Quando, ao que parecia, uma vontade excepcional, convulsionando um corpo mortal e moribundo, o levava a lutar com o destino, desgraça e morte, ela combatia por cada centímetro de chão, vendia cada gota de sangue, resistia até a última exortação de cada faculdade, queria ver, queria ouvir, queria respirar, queria viver, até, quase para além do momento em que a morte diz a todos os sentidos e a todo o ser: “– Até aqui e não mais!”

Neste preciso momento, uma celeuma, cheia de maus presságios, fez-se ouvir detrás do palco. Correria. Vozes. “O que se passa?” Exigiu todo o teatro. Uma chama e um cheiro de fumaça responderam.

– Fogo! – soou pela galeria. – Fogo! – foi repetido em eco por todo o teatro. E, então, mais rápido do que uma pena consegue descrever, veio o pânico, a precipitação, a correria e o esmagamento... Um caos cruel, cego e egoísta.

E o doutor John? Ainda o vejo, leitor, com a sua expressão sincera de calma e coragem.

– Lucy, fique sentada – disse ele, olhando para mim com a mesma serena bondade, a mesma firmeza que eu notara nele quando estava sentada ao seu lado, na paz segura do lar de sua mãe. Sim, assim exortada, creio que eu teria ficado imóvel por baixo de penhasco oscilante; mas, de fato, na presente circunstância, ficar sossegada era o meu instinto. Mesmo que pelo preço da minha própria vida eu não teria me movido para lhe dar problemas ou contrariar a sua vontade, ou fazer exigências sobre a sua atenção. Nós estávamos na plateia e, por alguns minutos, houve uma terrível e implacável pressão sobre nós.

– Como estão aterrorizadas as mulheres! – exclamou ele. – Mas, se os homens não estivessem quase como elas, a ordem poderia ser mantida. Que triste cena! Vejo, neste momento, cinquenta brutos egoístas que, se eu estivesse junto deles, poderia conscientemente derrubar a socos. Vejo algumas mulheres mais corajosas do que alguns homens. Ali está uma, santo Deus!

Enquanto Graham falava, uma jovem que se agarrava tranquila e firmemente a um cavaleiro, na nossa frente, foi subitamente arrancada dos

braços do seu protetor por um intruso – enorme e grosseiro – e atirada para debaixo dos pés da multidão. O seu desaparecimento durou dois escassos segundos. Doutor John Graham precipitou-se, ele e o cavalheiro, um homem forte, embora de cabelos já grisalhos, uniram as suas forças para conter a multidão. A cabeça da jovem e seus longos cabelos caíram por cima do seu ombro: parecia inconsciente.

– Deixe-a comigo. Sou médico – disse o doutor John.

– Se o senhor não tem nenhuma senhora com você, assim seja – foi a resposta do homem. – Segure-a, que eu vou forçar uma passagem: é preciso levá-la para fora – complementou o médico que ainda disse: – Eu tenho uma senhora, mas ela não será nenhum estorvo.

Ele me chamou com um olhar, pois estávamos separados. Resoluta, no entanto, para me juntar a ele, eu penetrei naquela barreira viva, rastejando-me onde eu não podia atravessar.

– Agarre-se bem em mim e não me largue, Lucy – disse ele e eu lhe obedeci.

O nosso pioneiro mostrou-se forte e hábil. Abriu a densa massa, como uma cunha e, com paciência e trabalho, ele finalmente rompeu aquela rocha de carne e osso – sólida, quente e sufocante – e levou-nos para a noite fresca, gelada.

– O senhor é inglês? – perguntou o senhor, virando-se para o doutor Bretton, quando chegamos na rua.

– Sou. E falo com um compatriota?

– Exatamente. Teria a bondade de esperar aqui dois minutos, enquanto procuro a minha carruagem? – perguntou o homem.

– Papai, eu não estou ferida – disse uma voz feminina. – Vou com o paizinho.

– Você está com um amigo e seu pai estará aqui por perto – respondeu o distinto senhor.

– Diga a ele que eu não estou machucada, exceto em meu ombro. Oh! Meu ombro! Pisaram-me mesmo aqui – aquela voz feminina mostrou seu ombro delicado sob o vestido.

– Luxação, talvez – resmungou o doutor: – Espero que não haja nada mais grave. Lucy ajude-me aqui um instante.

E eu ajudei, enquanto ele fazia qualquer arranjo na roupa ou na posição para tirar a carga de sofrimento da doente. Ela suprimiu um gemido e ficou

em seus braços, em silêncio e pacientemente.

– Ela é muito leve – disse Graham, – como uma criança!

E segredou-me ao ouvido: – Ela é uma criança, Lucy? Você notou na sua idade?

– Eu não sou uma criança. Eu tenho dezessete anos – respondeu a paciente, com recato e dignidade. Então, imediatamente, depois: – Diga ao meu paizinho que venha, pois eu fico ansiosa.

A carruagem chegou e o pai aliviou Graham da carga humana. A mudança de um para o outro a machucou e ela soltou novamente um gemido.

– Minha querida – disse o pai, carinhosamente. Em seguida, voltando-se para Graham: – Disse que era médico, não é verdade?

– Sou. Doutor Bretton, de *La Terrasse*.

– Ótimo. Quer subir para a minha carruagem?

– A minha também está aqui. Vou procurá-la e acompanhá-lo.

– Queira, então, ter a bondade de nos seguir – e deu o endereço do Hotel Crécy, na *rue Crécy*.

Seguimos rapidamente à procura da nossa carruagem. Eu e Graham estávamos em silêncio. Tudo aquilo parecia uma aventura.

Como perdemos algum tempo em busca da nossa carruagem, chegamos ao hotel, talvez, cerca de dez minutos depois daqueles desconhecidos. Era um hotel no modelo estrangeiro: uma série de habitações – não uma hospedaria – um vasto e pomposo edifício, com um enorme arco à porta da rua, que conduzia, através de um caminho coberto e abobadado, a um largo patamar com construções em sua volta.

Descemos da carruagem e subimos uma larga e bonita escada e paramos no número dois, no segundo patamar. O primeiro andar compreendia a morada de um príncipe russo, segundo me informou Graham. Ao tocar a campainha, fomos introduzidos numa elegante casa. Anunciados por um criado de libré, entramos numa sala de visitas, cuja lareira brilhava um bom fogo inglês e as paredes eram cobertas com espelhos estrangeiros. Perto da lareira, estava um pequeno grupo: um vulto franzino afundado em uma profunda poltrona, cercada por duas mulheres ocupadas, e por um cavalheiro de cabelo grisalho que as olhava ansiosamente.

– Onde está Harriet? Eu queria que ela estivesse aqui – disse a voz feminina, fracamente.

– Onde está a senhora Hurst? – exigiu o cavalheiro, impaciente e um

tanto severo com o servo que havia nos admitido.

– Lamento dizer que ela saiu da cidade, senhor. Minha jovem senhora deu-lhe folga até amanhã.

– Sim, papai. Lembro-me agora. Eu disse que ela poderia ir. Foi ver sua irmã – interveio a jovem –, mas eu sinto muito, fiz mal, porque Manon e Louison não entendem uma palavra do que eu digo e me machucam sem querer.

O doutor e o cavalheiro se cumprimentaram e, enquanto eles conversavam por alguns minutos, aproximei-me de onde ela estava deitada e vendo o que ela pretendia, satisfiz o seu desejo.

Estava ainda ocupada nesse serviço quando Graham se aproximou. Não era menos hábil em cirurgia e, depois de examiná-la, constatou que não era necessário outro médico para tratar da paciente, ele mesmo poderia cuidar do caso. Ele ordenou que ela fosse transportada para seu quarto e sussurrou-me: – Vá com as mulheres, Lucy. Parecem-me estúpidas e pode, pelo menos, guiá-las os movimentos e poupar-lhe um pouco de dor. Ela deve ser tocada com muito cuidado.

O quarto era um recinto obscuro, com vaporosas cortinas de musselina azul-claro; a cama parecia um monte de neve e neblina – imaculada, impecável, fofa e transparente. Fazendo as mulheres se afastarem, despi a jovem sem a ajuda bem-intencionada, mas desajeitada delas. Eu não estava com disposição para observar com clareza todas as peças do seu traje que eu retirava, mas tive a impressão geral de delicadeza, requinte e perfeito culto pessoal. O que, em reflexão posterior, me ofereceu um contraste singular com as observações feitas por Miss Ginevra Fanshawe.

A menina era uma criatura pequena e delicada, mas perfeita como uma modelo. Ao arranjar o seu cabelo abundante, porém fino, tão brilhante e macio, com o qual eu tive primorosamente cuidado, eu tive sob a minha observação um rosto jovem, pálido e cansado, mas de ascendência nobre. A testa era lisa e clara; as sobrancelhas distintas, mas suaves, estreitando-se em um traço simples junto a fronte; os olhos eram um presente rico da natureza – belos, grandes e profundos, parecendo que mantinham sob domínio o restante das feições – provavelmente capazes de grande expressões noutras circunstâncias, mas agora lânguidos e sofredores. Sua pele era perfeitamente branca, no pescoço e nas mãos viam-se as veias como as pétalas de uma flor. Cobria este delicado exterior certo verniz de polido orgulho e seu lábio

mostrava uma prega desdenhosa – sem dúvida inerente e inconsciente, mas que, se eu a tivesse visto, pela primeira vez, de boa saúde, teria me parecido despropositadamente, provando que a mocinha tinha uma visão bastante equivocada da vida e da sua própria importância.

A atitude dela para com o médico, a princípio, me fez sorrir. Não era pueril – antes, pelo contrário, de um modo geral, paciente e firme –, no entanto, uma ou duas vezes, ela se dirigiu de modo brusco, dizendo que ele a estava machucando e que ele devia se esforçar para causar-lhe menos dores. Vi também seus grandes olhos pousarem no rosto de Graham, como os olhos solenes de alguma criança bonita e admirada que se fizesse alguma pergunta internamente. Eu não sei se Graham percebeu este solene exame. Se sim, ele foi cauteloso para não desconcertá-la ou envergonhá-la com qualquer olhar de censura. Ele fez o seu trabalho com extremo cuidado e delicadeza, poupando-lhe quanto pôde o sofrimento. E ela reconheceu o esforço quando ele acabou com estas palavras pronunciadas com extrema gratidão: – Obrigada doutor e boa noite.

Ao pronunciá-las, contudo, repetiu aquele olhar sério, direto, que eu achei peculiar em sua gravidade e intencionalidade.

As lesões, ao que me pareceram, não eram perigosas: afirmação que seu pai recebeu com um sorriso tão grato e satisfeito que não se podia deixar de sentir por ele uma viva simpatia. Expressiu, então, os seus agradecimentos a Graham com tanto fervor quanto era condizente a um inglês que agradecia a alguém que lhe prestara um serviço, mas ainda um estranho. Ele também pediu-lhe que voltasse no dia seguinte.

– Paizinho – chamou uma voz do leito velado – Agradece também à senhora. Ela ainda está aí?

Eu abri a cortina com um sorriso e olhei para ela que estava, agora, relativamente, sossegada. Parecia bem, apesar de pálida. Seu rosto delicadamente projetado e que, à primeira vista parecia altivo e orgulhoso, acredito que com o hábito se tornaria afável.

– Agradeço muito sinceramente à senhora – disse o pai. – Foi muito boa e atenciosa para com a minha filha. Eu acho que nem ousaremos dizer a senhora Hurst que foi a sua substituta e fez o seu trabalho, pois haveria de se sentir envergonhada e com ciúmes.

E, assim, da maneira mais simpática, nos despedimos. Não antes de nos ter sido oferecida uma ceia, o que recusamos por ser tarde. Saímos do Hotel

Crécy.

Na volta, passamos novamente em frente ao teatro. Tudo estava em silêncio e no escuro: o rugido da multidão correndo desaparecera, as luzes, assim como o fogo incipiente, estavam extintas e esquecidas.

Na manhã seguinte, os jornais publicavam que fora apenas uma fagulha descuidada de um fumante que caíra sobre alguns panos soltos, que queimaram, porém o fogo fora apagado num instante.

CAPÍTULO XXIV

Monsieur De Bassompierre

Aqueles que vivem recolhidos, cujas vidas têm caído na reclusão de uma escola ou de outras habitações muradas e vigiadas, são suscetíveis de desaparecerem subitamente, por um longo tempo, da memória de seus amigos, os habitantes de um mundo mais livre.

Inexplicavelmente, talvez, e logo a seguir a um período de relações frequentes – certa acumulação de pequenas e emocionantes circunstâncias, cuja sequela natural mais contribui para o estreitamento de que para a suspensão de relações – sobrevém uma pausa de tranquilidade, um silêncio absoluto, um longo período de esquecimento. Este esquecimento é tão completo como inexplicado. A carta e a mensagem, outrora frequentes, foram suspensas; a visita, anteriormente periódica, deixara de ocorrer; o livro, o jornal ou outro sinal de lembrança já não existem mais.

Sempre há excelentes razões para essas falhas, mas o eremita não as conhece. Embora ele esteja estagnado em sua cela, os seus amigos lá fora giram no turbilhão da vida. Esse intervalo vazio, que para ele passa tão lentamente, em que os próprios relógios parecem parados e as horas sem asas, marcha penosamente, à semelhança de vagabundos que, cansados, estão propensos a descansar junto a marcos da estrada – contudo, esse mesmo intervalo, talvez, esteja repleto de eventos e agitações para os seus amigos.

O eremita – se for um sensato eremita – vai engolir seus pensamentos e trancar suas próprias emoções durante essas semanas de inverno interior. Saberá que o destino projetou que ele imitasse, por vezes, o arganaz e se setirá bem: enrolar-se-á confortavelmente como uma bola em si mesmo, rastejará para um buraco na parede da vida e se submeterá, dócil, à neve que sopra e que, em breve, o bloqueará, preservando-o no gelo para a temporada.

Deixe que lhe diga: “está absolutamente certo. Assim deve ser, já que assim é.” E, talvez, um dia o seu sepulcro de neve se derreta; a suavidade da primavera volte; o sol e o vento Sul cheguem até ele; os brotos das árvores, o chilrear dos pássaros e o cantar dos ribeiros libertados, o chamem,

amigavelmente, à ressurreição. Talvez seja assim, talvez não! O gelo pode entrar em seu coração e nunca mais fundir; quando a primavera voltar, o corvo poderá tirar da parede apenas os ossos do arganaz. Bem, mesmo nesse caso, tudo estará certo: ele devia supor, desde o começo, que era mortal, e que, mais cedo ou mais tarde, um dia deveria seguir o caminho de toda a carne.

Após aquela noite memorável no teatro, vieram para mim sete semanas tão vazias como sete folhas de papel em branco: nenhuma palavra foi escrita em qualquer delas; nem uma visita; nem uma lembrança.

Neste período, comecei a imaginar que algo havia acontecido com os meus amigos de La Terrasse. O espaço em branco é sempre um ponto nebuloso para o solitário. Os nervos lhe doem com a tensão da longa expectativa; dúvidas, até então repelidas, reúnem-se em massa e – fortalecidas pela acumulação – rolam de volta com uma força que saboreia a vingança. As noites se tornam, igualmente, insuportáveis e o solitário e o sono não se entendem. Atormentam-no estranhos sobressaltos e lutas. O bando sinistro de sonhos maus, com o horror das calamidades, e o pavor completo do abandono se unem contra ele. Pobre coitado! Ele faz o seu melhor para suportar, mas não consegue, tornando-se um pobre miserável, pálido e desgraçado.

Ao final da última dessas longas sete semanas, admiti o que durante as outras seis eu tinha ciosamente excluído – a convicção de que aquele afastamento era inevitável, resultado de circunstâncias variadas: a ordem do destino, uma parte da minha sorte e, acima de tudo, um assunto sobre cuja origem jamais se deveria fazer perguntas e sobre cujas dolorosas consequências jamais se deveria proferir um lamento.

Evidentemente, eu não me culpava por sofrer. Eu agradeço a Deus por ter tido um sentido mais verdadeiro de justiça e de não cair em qualquer extravagância imbecil de autoacusação. Quanto a censurar os outros pelo seu silêncio, a minha razão os tinham por inocentes e, no meu coração, reconhecia-os como tal. Nem por isso o caminho era menos áspero e duro de percorrer e eu ansiava por dias melhores.

Tentei diferentes formas para sustentar e preencher a minha existência: comecei uma peça de renda elaborada, estudei afincamente alemão, empreendi a leitura regular dos livros mais áridos e grossos da biblioteca. Em todos os meus esforços, fui tão ortodoxa quanto podia ser. Contudo, eu sentia

que, muito provavelmente, havia qualquer coisa errada. Eu só sei que o resultado foi como se eu tivesse roído um ferro para satisfazer a fome, ou bebesse água salgada para matar a sede.

A minha hora de tormento era a hora do fim das aulas. Infelizmente, eu sabia muito bem e tentava, tão assiduamente quanto em vão, me enganar, pois receava a atormentada expectativa e o doloroso desapontamento que diariamente precediam e seguiam a esse bem conhecido toque da campainha.

Suponho que os animais mantidos em jaulas, tão escassamente alimentados, que têm a fome como companheira permanente, devem aguardar a comida como eu esperava uma carta. Oh! Para falar a verdade e deixar de lado esse tom de falsa calma, que tenho mantido por muito tempo, tudo isso gasta a resistência e a nossa paciência. O que quero dizer é que eu sofri nessas sete semanas amargos receios e dores, estranhas provações interiores, deserções miseráveis da esperança e intoleráveis invasões de desespero. Este último, por vezes, aproximava-se tanto de mim que eu lhe sentia a respiração que me trespassava. Eu costumava senti-lo, como um ar ou suspiro sinistro, penetrar profundamente o meu coração, ou, pelo menos, deixá-lo horivelmente oprimido. A carta, a bem amada carta, não viria. E ela era toda a doçura que eu podia esperar da vida.

Em última instância, recorria mais e mais vezes ao pequeno maço da caixa – às minhas cinco cartas. Que esplêndidos foram aqueles meses, cujos céus haviam contemplado o nascer dessas cinco estrelas! Era sempre à noite que eu as visitava e, como não ousava pedir toda noite uma vela na cozinha, eu comprei uma vela de cera e fósforos para acendê-la e, à hora do estudo, fugia para o dormitório e me banqueteeava com a minha crosta de pão dos Barmecidas. Aquilo não me alimentava. Eu definhava e fiquei magra como uma sombra. Mas, fora isso, não estava doente.

Enquanto lia, uma noite, já um tanto tarde, sentindo que as possibilidades de ler me abandonavam, pois as cartas, com o uso incessante, perdiam toda a seiva e todo significado – o meu ouro murchava as folhas diante dos meus olhos e eu entristecia com essa desilusão –, de repente, ouvi uns pezinhos ligeiros subirem as escadas. Eu conhecia os passos de Ginevra Fanshawe. Ela tinha jantado na cidade naquela noite, voltava agora e viria aqui para guardar a capa e as suas coisas no guarda-roupa.

Ela entrou, vestida de seda brilhante e com o xale caindo sobre seus ombros. Os cachos meio desfeitos pela umidade da noite caíam-lhe

descuidada e pesadamente no pescoço. Mal tive tempo de guardar o meu tesouro e ela já estava ao meu lado. O seu humor não parecia dos melhores.

– Foi uma noite horrível. Que gente estúpida! – começou ela.

– Quem? A senhora Cholmondeley? Eu pensei que você achava a sua casa sempre encantadora...

– Não estive na casa da senhora Cholmondeley.

– Ah! Você fez novos conhecidos?

– O meu tio De Bassompierre está aqui.

– O seu tio De Bassompierre! E não está feliz? Eu pensei que ele era o seu tio favorito.

– Pois pensou errado. O homem é odioso e eu o odeio.

– Porque ele é um estrangeiro? Ou por outro motivo de igual peso?

– Ele não é um estrangeiro. O homem é até bastante inglês. Deus sabe que até três ou quatro anos atrás tinha um nome inglês, mas a sua mãe era uma estrangeira, uma De Bassompierre, e alguns parentes dela morreram e lhe deixaram propriedades, um título e esse nome. Ele agora é um homem importante.

– É por isso que o odeia?

– E eu não sei o que mamãe diz dele? Ele não é meu tio legítimo, mas casou-se com a irmã da mamãe. Minha mãe o detesta e diz que ele matou a tia Ginevra com crueldade e maus tratos. Ele parece um urso! Que noite tão triste! – continuou ela. – Eu não vou mais àquele hotel. Imagine eu entrando sozinha num grande salão e um homem alto, dos seus cinquenta anos, dirigindo-se a mim e conversando comigo por alguns minutos, depois, abruptamente, virando--me as costas e saindo da sala. Que maneiras estranhas! Eu ousou dizer que sua consciência o atormenta, pois todos dizem lá em casa que eu sou o retrato da tia Ginevra. A mamãe afirma, muitas vezes, que a semelhança é enorme.

– Era a única visitante?

– Sim, única visita. Mas, havia a menina, a minha prima, uma coisinha estragada e mimada.

– O senhor De Bassompierre tem uma filha?

– Sim, sim. Não me provoque com perguntas. Oh, querida! Estou muito cansada!

Ela bocejou. Lançando-se sem cerimônia na minha cama, acrescentou:

– Ah! Parece que Mademoiselle foi quase esmagada como uma geleia em um

tumulto no teatro há algumas semanas.

– Ah! E eles vivem em um grande palacete no hotel na rue Crécy?

– Justamente! Como sabe?

– Estive lá.

– Oh, esteve? Realmente, a senhora vai a todo lugar. Suponho que foi a senhora Bretton que a levou. Ela e o médico têm entrada livre nos salões dos De Bassompierre. Parece que o “meu filho John”, por ocasião de seu acidente, tratou da megerinha. Bah! Tudo fingimento! Eu não creio que ela foi mais espremida do que ela mesmo merece por seus ares! E agora são íntimos! Eu ouvi algo sobre “Auld Lang Syne”, e não sei o quê mais... Oh! Que estúpidos são todos eles!

– Todos! Mas, não disse que era a única visitante?

– Disse? A gente até se esquece de falar numa velhota e seu filho.

– O doutor John e a senhora Bretton estavam na casa dos De Bassompierre esta noite?

– Estavam. E a pretensiosa menina se fazendo de dona da casa. Que boneca vaidosa ela é!

Irritada e apática, Miss Fanshawe começava a revelar as causas de seu total abatimento. Houve uma redução de admiração sobre a sua pessoa; divisão ou recusa total de honras e atenções. A vaidade havia sofrido mortificação. Ela fumegava.

– Miss De Bassompierre está completamente restabelecida? – eu perguntei.

– Tão bem assim como você ou eu, sem dúvida, mas ela é aquela coisa afetada e fingia ares de inválida para atrair a atenção do médico. E a velha a fez deitar sobre o sofá e “o meu filho John” a proibiu de se exceder... Bah! A cena era totalmente repugnante.

Não teria sido repugnante se o objeto de atenção fosse outro: se Miss Fanshawe tomasse o lugar de Miss De Bassompierre.

– Não me diga? Eu odeio “o meu filho John!”

– Do que se refere dizendo “o meu filho John?” A mãe do doutor Bretton nunca o chama assim.

– Então ela deveria. Esse doutor John é um palhaço, grosseiro e um ordinário.

– Você está violando a verdade ao dizer isso e, como toda a minha paciência se esgotou, saia da minha cama e deste quarto.

– Que louca! O seu rosto está da cor de uma papoila. Eu me pergunto o que a torna sempre irritada à l’endroit du gros Jean? [236] “John Anderson, o meu Joe, John! [237] Oh, que nome tão distinto!

Tremendo de exasperação, à qual teria sido pura loucura ter dado vazão, pois não se podia discutir com aquela insubstancial borboleta de asas moles, apaguei a minha vela, tranquei a minha escrivantina e deixei-a, uma vez que ela não iria me deixar. Aquela cerveja doce tornara-se insuportavelmente ácida.

O dia seguinte era quinta-feira e meio feriado. Acabado o desjejum, fui à sala da primeira classe.

A hora temida, a hora do correio, aproximava-se e eu estava sentada à sua espera, como uma vidente poderia esperar o seu espectro. Menos do que nunca, uma carta era provável e, no entanto, por mais que me reprimisse, eu não conseguia parar de pensar que ainda era possível. À medida que o tempo passava, fui tomada por uma inquietação e por um receio quase além daqueles que, normalmente, me assaltavam. Era um dia de inverno, de vento Leste, e, de uns tempos para cá, eu entrara numa triste comunhão com os ventos e suas mudanças tão pouco conhecidas, tão incompreensíveis para as pessoas saudáveis: o Norte e o Leste tinham uma terrível influência, pois tornavam todas as tristezas mais lúgubres e todas as dores mais pungentes. O Sul poderia me acalmar; o Oeste, por vezes, poderia me animar, a não ser que, de fato, trouxessem em suas asas nuvens e trovoadas sob cujo peso e calor toda a energia se quebrava.

Mesmo áspero e escuro como estava aquele dia de janeiro, eu me lembro de ter saído da classe e corrido, sem chapéu, para o fundo do jardim, demorando-me entre os arbustos despídos, na vã esperança de que o toque do carteiro ocorresse enquanto eu estivesse distante e não pudesse ouvi-lo. Dessa forma, eu seria poupada da emoção que os nervos, roídos pelos dentes incessantes de uma ideia fixa, se tornavam totalmente incapazes de suportar.

Demorei ali sem atrair a atenção pela minha ausência. Escondi a cabeça no avental e tapei meus ouvidos com terror do toque temido, certa de que atrairia para mim o silêncio e o estéril vácuo. Finalmente, entrei de novo na primeira classe, onde, como ainda não eram nove horas, não havia nenhuma aluna. A primeira coisa que vi foi um objeto branco em cima da minha escura mesa; um objeto branco e liso. O correio tinha chegado com algo inédito para mim. Rosine tinha visitado a minha sala e, como um anjo, tinha deixado um

brilhante sinal da sua presença. Essa coisa brilhante em cima da mesa era, realmente, uma carta, uma carta real. Avistei-a de uma distância de três metros e, como eu tinha um único correspondente neste mundo, desse correspondente deveria ter vindo ela. Ele ainda se lembrava de mim! Essa profunda sensação de reconhecimento deu vida ao meu coração.

Aproximando-me e curvando-me, olhei para a carta, tremendo, quase certa de ver uma letra conhecida. Era meu destino encontrar, pelo contrário, uma letra desconhecida, uns vagos rabiscos femininos, em vez de caracteres firmes de um personagem masculino. Pensei, então, que o destino era demasiado cruel para comigo e disse de forma audível:

– Isto é cruel!

Mas, venci a dor. A vida sempre é a vida, independentemente das suas dores: os nossos olhos, os nossos ouvidos e as suas funções permanecem conosco, embora a perspectiva do que nos agrada se afaste inteiramente e cale por completo os sons que nos consolam.

Abri a carta. Nesta altura, reconheci a letra como perfeitamente familiar. Estava escrito La Terrasse, e dizia o seguinte:

“Querida Lucy: ocorre-me perguntar o que tem sido feito de você nos últimos dois meses. Não que eu suspeite que tenha a menor dificuldade em dar conta das suas coisas. Julgo que estivera tão ocupada e tão feliz como nós mesmos de La Terrasse. Quanto ao Graham, a sua carga profissional aumenta a cada dia. Ele é tão procurado, está sempre tão ocupado que lhe digo que acabará por ficar vaidoso. Como uma boa mãe que sou, faço todo o possível para não permitir isso. De mim, ele não recebe lisonjas, como já sabe. E, no entanto, Lucy, ele é um bom sujeito: o coração de sua mãe rejubila ao vê-lo tão belo. Depois de correr o dia todo, de um lado para outro, de aturar cinquenta tipos de temperamentos diferentes, de combater uma centena de caprichos e, às vezes, assistir cruéis sofrimentos – talvez, ocasionalmente, de infligi-los, como eu lhe digo – ainda à noite ele volta para mim, de tal modo, gentil e agradável, tão amável, bem-disposto que, na verdade, eu pareço viver em uma espécie de antípoda moral, e, nestas noites de janeiro, o meu dia nasce quando o Sol se põe para as outras pessoas. Contudo, ele precisa que o coloquem na ordem, que o corrijam, que o reprimam e eu lhe presto este bom serviço. Mas, o rapaz é tão flexível que não existe possibilidade de irritá-lo completamente. Quando penso que, finalmente, o fiz zangar-se, ele se vira

para mim com piadas de retaliações. Mas, você sabe como ele é, conhece bem as suas iniquidades, e eu sou apenas uma velha simplória, ao fazer dele o assunto dessa carta. Quanto a mim, eu tive como visita o meu velho procurador de Bretton e estive inteiramente mergulhada em questões de negócios. Desejo recuperar para Graham pelo menos uma parte do que seu pai lhe deixou. Ele ri com escárnio da minha ansiedade quanto a este ponto, dizendo-me para eu ver como ele pode ganhar para ele e para mim também e perguntando o que pode desejar a velhota que ela não tenha; alude a turbantes azuis-celeste; acusa-me da ambição de usar diamantes; de manter criados de libré; um palacete, e ditar a moda entre o clã inglês de Villette. Por falar em turbantes azuis, eu só queria que você estivesse aqui outra noite. Ele tinha chegado realmente cansado, e, depois de eu ter lhe servido o chá, ele se jogou em minha cadeira com a presunção de costume. Para a minha grande satisfação, ele caiu no sono. Você sabe como ele brinca comigo sobre ser dorminhoca, eu que nunca, por acaso, fecho os olhos durante a luz do dia. Enquanto ele dormia, eu achei-o muito bonito, Lucy. Bem sei que sou tola em ter tanto orgulho dele. Mas, quem o pode evitar? Mostre-me outro igual. Para onde quer que eu olhe, não vejo ninguém como ele em Villette. Bem, eu resolvi pregar-lhe uma peça. Então, fui buscar o turbante azul-celeste, e consegui, com muito cuidado e precaução, colocar esse precioso adorno em sua cabeça. Eu asseguro que não lhe ficou mal! Parecia um oriental, se não fosse tão branco. Ninguém, no entanto, pode acusá-lo agora de ter o cabelo ruivo: é bem castanho – um castanho escuro e brilhante. E, quando lhe pus o meu lenço de caxemira, parecia um governador turco ou um paxá improvisado que você iria gostar de ver. Foi um bom entretenimento, mas apenas meio apreciado, já que estávamos sós. Você deveria estar aqui. A certa altura o meu senhor despertou: o espelho acima da lareira, em breve, lhe mostrou a sua situação. Como você pode imaginar, eu agora vivo sob ameaça de terror e vingança. Mas, vamos ao motivo da minha carta: sei que a quinta-feira é um meio-feriado na Rue Fossette. Esteja pronta, então, por volta das cinco da tarde, hora em que vou enviar a carruagem para buscá-la e trazê-la a La Terrasse. Não deixes de vir: Talvez encontre velhos conhecidos. Adeus, querida e sensata afilhada. Sua amiga e madrinha, Louisa Bretton.”

Ora, uma carta como essa deixa qualquer pessoa animada. Depois de lê-la, eu podia ainda estar triste, contudo, mais reconfortada e aliviada. Os meus amigos, pelo menos, estavam bem e felizes: nenhum acidente havia

ocorrido com Graham; nenhuma doença havia tomado a sua mãe – calamidades que durante tanto tempo tinham sido a minha constante preocupação. Também os seus sentimentos para comigo ainda eram os mesmos. Entretanto, era estranho olhar para as sete semanas da senhora Bretton e contrastá-las com as minhas. Por outro lado, como é sensato, da parte de pessoas colocadas numa situação desagradável, calarem e não alardearem, precipitadamente, como tal posição as mortifica! O mundo pode entender muito bem que se morra por falta de alimentos. Mas, talvez, poucos possam compreender que se enlouqueça de clausura solitária. Eles veem no prisioneiro liberto um maníaco ou um idiota! Como os sentidos o abandonaram, como os seus nervos começaram a se inflamar, sofreram agonias sem nomes e se afundaram na apatia – é um assunto muito complicado para exame, muito abstrato para a compreensão popular. Falar sobre isso é quase como se nós levantássemos em um mercado europeu e proferíssemos obscuros dizeres na língua e com os modos em que Nabucodonosor, o hipocondríaco imperial, se dirigiu aos seus perplexos caldeus.

É possível que, durante muito tempo ainda, os espíritos para os quais semelhantes temas não são mistérios, que compreendem com simpatia estes sofrimentos, sejam pouco numerosos e raramente encontrados.

Talvez se julgue ainda, durante muito tempo, que só as privações físicas merecem compaixão e que o resto é pura invenção. Quando o mundo era mais novo e mais forte do que hoje, os julgamentos morais eram um mistério mais profundo ainda: talvez em toda a terra de Israel houvesse um único Saul – certamente só um Davi para consolá-lo e compreendê-lo.

O frio penetrante e calmo da manhã foi substituído, mais tarde, por um vivo sopro vindo das estepes russas: a zona fria suspirou sobre a zona temperada e a gelou rapidamente. Um firmamento pesado, triste e carregado de neve, veio do Norte e fixou sobre a Europa. Eu temi que não viesse carruagem alguma, tão furiosamente bramia a tempestade branca. Confiei, porém, na minha madrinha! Depois de ter prometido, ela teria a sua convidada. Por volta das seis horas, fui tirada da carruagem, sobre os degraus já bloqueados do chateau e deixada à porta de La Terrasse.

Correndo pelo vestíbulo e pelas escadas acima, para a sala de visitas, encontrei a senhora Bretton tão risonha como um dia de verão. Ainda que eu estivesse duas vezes mais fria, o seu beijo amoroso e o se abraço cordial

teriam me aquecido. Habituada, durante tanto tempo, a salas de mesas nuas, bancos negros, carteiras e fogões, o salão azul me pareceu lindo. Em seu fogo de Natal havia um esplendor carmesim que muito me deslumbrava.

Depois de a minha madrinha ter segurado um pouco em minha mão, ter conversado comigo e me repreendido por estar ainda mais magra do que da última vez que me viu, notou que o vento e a neve tinham desarranjado os meus cabelos e mandou eu ir lá para cima para me pentear e tirar a capa.

Dirigindo-me ao meu antigo quartinho verde-mar, ali também encontrei um bom fogo e as velas acesas: uma grande vela de cera de cada lado do espelho. Entre as velas e diante do espelho, porém, estava uma pequena criatura, etérea como uma fada – pequena, franzina, branca – um espírito do inverno.

Confesso que, por um momento, pensei em Graham e em suas ilusões espectrais. Com os olhos desconfiados observei esta nova visão. Ela usava um vestido branco, polvilhado ligeiramente com gotas de escarlata; seu cinto era vermelho; no cabelo tinha algo frondoso e brilhando – uma coroa de flores verdes com um brilho pouco perene. Espectral ou não, nada tinha de assustador e eu avancei.

Virando-se rapidamente, a intrusa fixou seus olhos grandes, sob longos cílios, sobre mim. As pestanas eram tão escuras quanto compridas e tornavam mais doces os olhos que guardavam.

Ah! Já veio? – ela suspirou, com uma voz suave e tranquila e sorriu olhando para mim fixamente.

Reconheci-a. Embora tivesse visto aquele rosto de feições finas e delicadas apenas uma vez, eu não podia deixar de reconhecê-la.

– Miss De Bassompierre – eu pronunciei.

– Não – foi a resposta –, para a senhorita não há Miss De Bassompierre! – Eu não perguntei quem ela era para mim, mas esperei voluntariamente a resposta.

– Está mudada, mas ainda é a mesma – disse ela, aproximando-se mais de perto. – Lembro-me bem da senhorita, dos seus olhos, da cor de seu cabelo, do contorno de seu rosto...

Eu tinha me aproximado da lareira e ela estava à minha frente olhando para mim. Enquanto olhava, o seu semblante tornava-se gradualmente mais e mais expressivo, mostrando os seus sentimentos e sensações.

– Quase me faz chorar lembrar-me que há quanto tempo... – disse ela

por fim. – Mas, não pense que estou triste ou sentimental. Pelo contrário, estou muito satisfeita e feliz.

Interessada, mas completamente confusa, eu não sabia o que dizer. Por fim, gaguejei: – Creio que nunca a tinha visto até aquela noite, algumas semanas atrás, quando você estava ferida...

Ela sorriu.

– Já se esqueceu, então, de que estive sentada nos seus joelhos, fui levantada em seus braços e até compartilhei do seu travesseiro? Já não se lembra da noite quando chorei como uma criança rabugenta que, então, eu era, para junto da sua cama e você me acolheu? Não se recorda de como me acalmou, me confortou e me protegeu num momento de grande sofrimento? Volte a Bretton. Lembre-se do senhor Home.

Por fim, compreendi tudo.

– É a Polly?

– Sou Paulina Mary Home De Bassompierre.

Como o tempo pode modificar as pessoas! A pequena Polly tinha nas feições miúdas e pálidas, na vivacidade das expressões, certa promessa de interesse e graça. Mas, Paulina Mary fizera-se bela – não dessa beleza que salta aos olhos como uma rosa à primeira vista; não com os atributos roliços, rosados, cor de linho, da sua loura prima Ginevra –, mas, os seus dezessete anos trouxeram-lhe um encanto refinado e doce, que não estava na compleição, embora a sua fosse bela; nem nos contornos, embora as suas feições fossem suaves e os membros perfeitamente torneados; mas, antes, creio, num certo brando fulgor que se refletia da alma para fora. Não era um vaso opaco, embora de material precioso, mas uma lâmpada que reluzia pudicamente, sem deixar extinguir, mas também sem ocultar à adoração, uma chama vital e pura. Ao falar de seus atrativos, eu não gostaria de exagerar, mas, a verdade é que eles pareciam reais e envolventes. Que importava que fossem todos em pequena escala? Era o perfume que dava a distinção a esta violeta branca e a fazia superior à maior camélia, à mais cheia dália que já floresceu.

– Ah! Lembre-se dos velhos tempos em Bretton? – perguntei entusiasmada.

– Melhor... – disse ela. – Melhor, talvez, do que qualquer pessoa. Lembro-me deles com minuciosa clareza. Não só do tempo, mas dos dias daquela época, das horas daqueles dias e dos minutos...

– Deve ter esquecido algumas coisas – argumentei, pois ela era apenas uma menininha.

– Muito pouco, eu imagino.

– Lembro-me de que era uma criança de sensibilidade muito viva. Mas, por certo já, há muito tempo, deve ter perdido as impressões que a dor, a alegria, a tristeza, o carinho e o luto lhe gravaram no espírito há dez anos.

– Acha que eu me esqueci de quem eu gostava e de que maneira, quando era criança?

– A nitidez deve ter passado – a argúcia, o ponto, a pungência, a marca profunda – deve ter sido suavizada e até apagada.

– Tenho uma boa memória daqueles dias.

Realmente, ela parecia se lembrar. Os seus olhos eram olhos de alguém que consegue se lembrar; de alguém cuja infância não desaparece como um sonho e cuja juventude não se desvanece como um raio de sol. Ela não adotara a vida livremente e de forma incoerente, deixando fugir uma estação quando entrava na outra: ela retinha e acrescentava; revia frequentemente tudo desde o princípio e, assim, à medida que crescia em anos, crescia também em harmonia e consistência. Ainda assim eu não conseguia admitir inteiramente que todas as cenas que ocorriam agora à minha memória fossem igualmente distintas e visíveis para ela. As suas dedicações, as suas brincadeiras e discussões com um companheiro querido, a paciente e verdadeira devoção do seu coração de criança, os seus medos, as suas delicadas reservas, os seus pequenos sofrimentos e a última pungente dor da separação... Ela recordava destas coisas? Balancei a cabeça incrédula. Ela insistiu.

– A criança de seis para sete anos ainda vive na moça de dezessete – afirmou ela, como se lesse os meus pensamentos.

– Gostava, excessivamente, da senhora Bretton – comentei na intenção de testá-la.

– Gostava muito, não! – disse ela –, eu gostava dela e a respeitava, como agora. Aliás, ela parece-me muito pouco mudada.

– Mudou pouco, realmente – concordei.

Ficamos em silêncio durante alguns minutos. Olhando, então, à volta do quarto, ela prosseguiu: – Há aqui várias coisas que estavam em Bretton! Lembro-me daquela pregadeira e daquele espelho.

Evidentemente, ela não se enganara na apreciação da própria memória,

pelo menos até aquele ponto.

– Acha, então, que teria reconhecido a senhora Bretton? – continuei.

– Lembrava-me perfeitamente dela: das suas feições, da sua cor morena, de seu cabelo preto, da sua altura, do seu andar, da sua voz...

– Do doutor Bretton, não, evidentemente – prossegui, – eu assisti ao seu primeiro encontro com ele e estou ciente de que ele lhe pareceu um estranho.

– Nessa primeira noite eu fiquei intrigada – respondeu ela.

– Como é que ele e seu pai se reconheceram? Como aconteceu?

– Trocaram cartões. Os nomes de John Graham Bretton e Home De Bassompierre deram lugar a perguntas e explicações. Mas, antes disso eu estava começando a reconhecer algo.

– Como... a saber, alguma coisa?

– Ora – disse ela. – Como é estranho que a maioria das pessoas pareça tão lenta em sentir a verdade... Não em ver, mas em sentir! Depois de o doutor Bretton ter me visitado no dia seguinte, de ter se sentado junto de mim e de ter falado comigo; depois de eu ter observado o seu olhar, a expressão da sua boca, a forma do seu queixo, da sua cabeça e tudo o que observamos nas pessoas que se aproximam de nós, como eu podia evitar ser levada, por associação, a pensar em Graham Bretton? Graham era mais magro do que ele, não era tão alto e tinha um rosto mais suave, cabelo mais comprido e mais claro e uma voz menos profunda – suave como a de uma menina –, contudo, ainda era Graham, assim como eu sou Polly e você é Lucy Snowe.

Eu pensava o mesmo, mas admirava-me encontrar nela os meus próprios pensamentos. Há certas coisas em que é tão raro encontrarmos opiniões iguais às nossas, que nos parece um milagre quando isso acontece.

– A menina e Graham eram grandes companheiros.

– Lembra-se disso? – ela questionou por sua vez.

– Sem dúvida que ele também se lembra – respondi.

– Não lhe perguntei. Nada me surpreenderia tanto ao ponto de saber que ele também se recorda. Acho que ele é ainda alegre e despreocupado – ela disse.

– É assim que se lembra dele?

– Mal me lembro dele de outra maneira. Às vezes, ele era estudioso; noutras, brincalhão. Mas, quer ocupado com seus livros, quer disposto às brincadeiras, era principalmente nos livros ou jogos que ele pensava, sem dar

muita atenção àquela para quem ele lia ou se divertia.

– Mas, por você ele tinha certa predileção – respondi.

– Predileção por mim? Oh, não! Ele tinha outros companheiros – os seus companheiros de escola –, eu tinha pouca importância para ele, exceto aos domingos. Ele era outra espécie de pessoa aos domingos. Lembro-me de ir com ele de mãos dadas à igreja de St. Mary, e de ele me ajudar a encontrar as passagens em meu livro de orações. E como ele era bom e sossegado nas noites de domingo! Tão meigo para um rapaz tão ativo e cheio de vida; tão paciente com todos os meus erros de leitura; e, depois podia sempre contar com ele porque nunca passava essas noites fora de casa. Eu tinha sempre receio de que ele aceitasse algum convite e me deixasse, mas nunca o fez, nem parecia nunca desejar fazê-lo. Agora, é claro, já não pode ser assim. Suponho que o domingo seja agora o dia do doutor Bretton jantar fora...

– Venham para baixo, meninas! – chamou a senhora Bretton. Paulina queria demorar um pouco mais, mas eu me preparei para descer. Descemos.

CAPÍTULO XXV

A Pequena Condessa

Por mais alegre como a minha madrinha fosse naturalmente, e por mais animada que, por nossa causa, se esforçasse para ser, naquela noite não houve verdadeiro prazer em *La Terrasse* até que, através do uivo selvagem da noite de inverno, ouvimos os sons reveladores da chegada de alguém.

Quantas vezes, enquanto as mulheres e as moças estão confortavelmente sentadas junto ao fogo, os seus corações e imaginações estão fadados às aflições, levadas para longe do conforto que as rodeia, para vaguearem de noite por caminhos escuros, ousando enfrentar intempéries, lutando com rajadas de neve, esperando solitárias junto de cancelas ou portões, no meio das maiores tempestades, olhando e escutando para verem e ouvirem o pai, o filho, ou o marido voltar para casa.

Finalmente chegaram o pai e o filho, pois, nessa noite, o conde De Bassompierre acompanhava o doutor Bretton. Eu não sei qual do nosso trio ouviu primeiro o barulho dos cavalos. A aspereza e a violência do temporal justificavam que corrêssemos para o vestíbulo para recebê-los e cumprimentá-los. Ambos nos aconselharam a manter distância: estavam brancos como duas montanhas de neve e, na verdade, a senhora Bretton, ao ver o estado dos cavalheiros, mandou que eles fossem, imediatamente, para a cozinha, proibindo-os de pôr os pés em sua escada atapetada, antes que cada um deles tivesse tirado aquela máscara de Papai Noel. Não pudemos, contudo, deixar de segui-los. Era uma antiga cozinha holandesa, enorme, pitoresca e agradável. A pequena condessa branca dançava em volta do pai, igualmente branco, batendo palmas e gritando: – Papai! Oh, papai, parece um urso polar enorme!

O urso se sacudiu e a pequena fada fugiu da chuva gelada. Voltou, entretanto, rindo, e ansiosa para ajudá-lo na remoção do ártico disfarce. O conde, saindo, por fim, do seu capote, ameaçou dominá-la com ele, como uma avalanche.

– Venha, então – disse ela, inclinando-se para que ele colocasse sobre

ela o capote, mas, saltando como uma pequena corsa quando ele o colocou, de brincadeira, em cima da cabeça.

Os seus movimentos tinham a suavidade e a flexibilidade de um gatinho e seu riso era mais claro do que o tinir de prata ou de cristal. Quando ela pegou nas mãos frias do seu pai para esfregá-las e se esticou na ponta dos pés para beijá-lo, parecia transparecer à volta dela uma auréola de prazer. O senhor Home olhou para ela como se fosse a menina dos seus olhos.

– Senhora Bretton – disse ele: – O que eu vou fazer com essa filha? Não cresce em tamanho nem em juízo. Não acha que ela é a mesma criança de dez anos atrás?

– Não pode ser mais criança do que este meu rapagão – disse a senhora Bretton, que estivera em conflito com seu filho sobre uma mudança de vestuário que ela julgava conveniente e que ele resistia. Graham estava encostado no armário holandês, rindo e mantendo-se um pouco distante.

– Vá mamãe – disse ele, – traga-nos uma *wassail-cup*[\[238\]](#) de Natal e vamos brindar à Velha Inglaterra, *festejar a paz* e garantir-nos não só o calor exterior, mas também interior.

Assim, enquanto o conde estava junto ao fogo, e Paulina Mary ainda dançava pra lá e pra cá – feliz na liberdade da ampla cozinha –, a senhora Bretton deu instruções a Marta para temperar e aquecer o *wassail-bowl*[\[239\]](#) e, derramando a bebida para um jarro de *Bretton*, a iguaria foi servida em rodadas bem quente, por meio de uma pequena taça de prata, que eu reconheci como a taça do batizado de Graham.

– *Auld Lang Syne*[\[240\]](#) – disse o conde, erguendo a taça e, depois, olhando para a senhora Bretton, recitou:

*We two há' paidlet i the burn;
Frae morning sun till dine,
But seas between us braid ha'roared,
Sin' auld lang syne.
And surely ye'll be your pint-stoup.
And surely I'll be mine;
And we'll taste a cup o' kindness yet,
For auld lang syne.*[\[241\]](#)

– Escocês! Escocês! – exclamou Paulina. – O papai está falando escocês. Ele é escocês, em parte. Somos Home De Bassompierre, caledônios e gaélicos.

– E o que é isso que está dançando, fada das montanhas? Uma dança escocesa? – perguntou o pai. – A senhora Bretton, em breve, traçará o círculo verde no meio da cozinha. Não posso garantir que ela esteja em seu juízo perfeito, pois me parece bastante estranha com essa dança – concluiu o pai apontando para a filha.

– Diga a Lucy que dance comigo, papai! Não é Lucy Snowe?

O senhor Home (havia nele ainda tanto do simples e vulgar senhor Home do passado, como do altivo conde De Bassompierre) estendeu a mão para mim, dizendo, amavelmente, que se lembrava bem de mim e que, embora a sua própria memória fosse menos confiável, o meu nome estava frequentemente nos lábios de sua filha, e que ele tinha escutado tantas e tantas longas histórias sobre mim, que eu lhe parecia uma velha conhecida.

Todos já tinham provado o *wassail-cup*, exceto Paulina, cujo *pas de fee, ou de fantaisie*,^[242] ninguém ousara interromper para lhe oferecer tão profana bebida. Contudo, ela consentia que a privassem dos privilégios mortais.

– Deixe-me provar – disse ela a Graham, quando ele estava colocando o copo na prateleira do armário fora de seu alcance.

A senhora Bretton e o senhor Home estavam entretidos, agora, numa conversa. O doutor Jonh, entretanto, estava observando a desatenta dança da fada. Ele tinha observado e gostado. Para não falar da suavidade e beleza dos movimentos, eminentemente gratos aos olhos apreciadores da sua graciosidade, Paulina se mostrava totalmente à vontade na casa de sua mãe e isso o encantava, pois o colocava também à vontade.

Ela parecia a criança de antigamente – quase a sua companheira nas brincadeiras. Eu me perguntava como ele se referiria a ela, pois eu ainda não o tinha visto dirigir-se a ela. As suas primeiras palavras provaram que os velhos tempos da pequena Polly tinham voltado à sua mente pela alegria infantil e despreocupada daquela noite.

– Vossa Senhoria deseja o jarro?

– Creio que foi o que eu disse. Acho que me fiz entender.

– Não! Eu não poderia consentir semelhante coisa sob nenhum pretexto. Lamento muito, mas não pode ser.

– Por quê? Estou muito bem agora! Isso não pode partir a minha clavícula novamente ou deslocar o meu ombro. É vinho?

– Não! Nem orvalho.

– Não quero orvalho, não gosto de orvalho, mas o que é isso?

– Cerveja. E das fortes. Feita, talvez, quando eu nasci.

– Deve ser extraordinária! É boa?

– Excessivamente boa.

E ele tirou o jarro de onde tinha guardado, serviu-se de uma dose e, depois de uma segunda daquele poderoso elixir, exprimiu grande prazer em seus travessos olhos e, solenemente, colocou de novo o jarro na prateleira.

– Gostaria de provar só um pouquinho – disse Paulina, olhando para cima: – Nunca bebi qualquer tipo de cerveja. É doce?

– Perigosamente doce – respondeu Graham.

Ela continuou olhando para cima com o semblante de uma criança que anseia por alguma guloseima proibida. Por fim, o doutor cedeu, pegou o jarro e serviu a taça e permitiu-se ao prazer de deixá-la beber pela sua mão. Os seus olhos, sempre expressivos na revelação de sentimentos agradáveis, confessavam luminosa e sorridente gratificação. Ele, portanto, prolongou aquele momento regulando a posição da taça, de maneira que só uma gota de cada vez podia chegar aos lábios rosados. Com os olhos, ele saboreava aqueles lábios os quais a sua borda era cortejada.

– Mais um pouquinho, mais um pouquinho – pediu ela, tocando-lhe petulantemente na mão com o indicador, para fazê-lo inclinar mais generosamente a taça. – Sinto o cheiro da canela, mas nem posso prová-la assim como o açúcar. Seu pulso é tão rígido e o dono tão mesquinho!

Ele entregou a ela a taça, sussurrando, no entanto, com gravidade: – Não diga à minha mãe nem a Lucy. Elas não aprovariam.

– Nem eu – disse ela, passando a outro tom e outros modos, logo que provou à vontade a bebida, como se esta estivesse agido sobre ela como um filtro de desencantamento, desfazendo o trabalho de qualquer feiticeiro.

– Acho que é qualquer coisa, menos doce. É amarga e quente e tira o meu fôlego. Sua velha bebida era apenas desejável enquanto era proibida. Obrigada, não quero mais.

E, com uma ligeira e despreocupada curvatura, contudo tão graciosa como a dança, ela se afastou dele e voltou ao seu pai.

Pensei, então, no senhor Home e que ele tinha falado a verdade: a criança de sete anos estava na menina de dezessete.

Graham olhava para ela meio desconcertado, meio intrigado. Os seus olhos não se desprenderam de Paulina durante o resto da noite, mas ela

parecia não notar.

Quando subimos para a sala de visitas para o chá, Paulina pegou o braço do pai: parecia ser junto dele o seu lugar natural. Os seus olhos e ouvidos eram inteiramente dedicados para ela. Ele e a senhora Bretton foram os principais conversadores do nosso grupo e Paulina a mais atenta ouvinte, prestando atenção a tudo o que se dizia, pedindo ao pai que repetisse um ou outro detalhe, esta ou aquela aventura.

– E onde estava papai nesta ocasião? E, então, o que o senhor disse? Diga a senhora Bretton o que aconteceu naquele momento – assim ela o instigava.

Ela não voltou a ceder a qualquer efervescência de alegria. A centelha infantil havia se apagado naquela noite: estava suave, pensativa e dócil.

Foi bonito vê-la se despedir de Graham. A sua atitude tinha um toque de dignidade, em seu leve sorriso e ligeira inclinação, era a condessa que falava e Graham não pôde deixar de se mostrar formal, tratando-a em conformidade. Percebi que ele não sabia como conciliar a fada dançarina com a grande dama da noite.

No dia seguinte, quando estávamos todos reunidos em volta da mesa do café da manhã, frescos ainda das frias abluções da manhã, a senhora Bretton decretou que ninguém, a não ser forçado por extrema necessidade, sairia de sua casa naquele dia.

Na verdade, sair era quase impossível, pois a neve cobria os painéis inferiores da janela e, quando olhávamos para fora, víamos o céu e o ar sombrios e tristes. O vento e a neve em terrível conflito. No momento não nevava mais, mas a neve que caíra durante a noite estava sobre a terra, arrastada em turbilhão por curtas rajadas estridentes e moldada em centenas de formas fantásticas.

A condessa fez coro com a senhora Bretton: – O papai não sairá – disse ela, colocando um assento para ela ao lado da poltrona do pai. – Eu vou cuidar dele. O senhor não vai à cidade, não é, papai?

– Sim e não – foi a resposta. – Se você e a senhora Bretton forem muito boas para mim, Polly, tipo, boas e atenciosas, se você me tratar muito bem e de forma muito agradável e carinhosa, talvez eu me deixe, eventualmente, ser induzido a esperar uma hora depois do café para ver se este vento cortante se acalma. Mas, veja, você não me dá de comer, pois ainda não me ofereceu nada! Assim eu vou morrer de fome.

– Depressa! Por favor, senhora Bretton, sirva-lhe o café – suplicou Paulina –, enquanto eu arranjo o resto para o conde De Bassompierre. Desde que se tornou conde está impossível e precisa de tanta atenção... – E com isso pôs-se a abrir e preparar os pãezinhos.

– Pronto, papai. Aí estão os seus *pistolets*[\[243\]](#) – disse ela. – E há um pouco de compota de marmelada, do mesmo tipo que estava habituado em *Bretton* e que dizia que era tão boa como se tivesse sido feita na Escócia.

– E que a Polly costumava pedir para Graham – lembra-se? – interpôs a senhora Bretton. – Ainda se lembra de quando vinha para junto de mim, puxava o meu vestido e dizia baixinho: – “Por favor, minha senhora, tem qualquer coisa boa para Graham? Um pouco de compota, mel ou geleia?”

– Não, mamãe! – interrompeu o doutor John rindo, porém, corando – certamente não era assim. Eu não poderia ter me importado muito com essas coisas.

– Gostava ou não, Paulina? – sondou a senhora Bretton.

– Ele gostava e muito – afirmou Paulina.

– Não vale a pena corar, John – disse o senhor Home, encorajador. – Eu mesmo ainda gosto e sempre gostei. E a Polly mostrava o seu bom senso velando pelo conforto de um amigo. Fui eu quem ensinou tais boas maneiras e nem as deixo esquecer-las. Polly, por favor, ofereça-me uma pequena fatia dessa língua.

– Sim, papai. Mas, lembre-se de que é assim tratado na condição de ficar em *La Terrasse* durante todo o dia.

– Senhora Bretton – disse o conde. – Quero mandar minha filha para uma escola. A senhora conhece alguma boa escola aqui?

– Aquela onde está a Lucy, a de Madame Beck.

– Miss Snowe está numa escola?

– Sou professora – respondi, satisfeita com a oportunidade de dizer, pois, por algum tempo eu vinha me sentindo como se colocada numa falsa situação. A senhora Bretton e filho conheciam as minhas circunstâncias, mas o conde e sua filha não. Eles podiam decidir mudar um pouco as maneiras para comigo, até então cordiais, quando cientes da minha classe na sociedade. Falei, então, prontamente. Contudo, mil pensamentos que eu não tinha antecipado e nem invocado se seguiram a estas palavras e me fizeram suspirar involuntariamente. Durante dois minutos, o senhor Home não levantou os olhos do prato e nem falou. Talvez, não tivesse ouvido as minhas

palavras – talvez pensasse que, perante uma confissão dessa natureza, a polidez não permitia comentários. Os escoceses são proverbialmente orgulhosos e, por mais modesto que o senhor Home parecesse, simples nos hábitos e gostos, tinha dado a entender todo o tempo que não era inteiramente desprovido dessa qualidade nacional. Era um pseudo-orgulho? Dignidade real? Deixo a questão sem solução. No que, individualmente, me diz respeito, posso apenas dizer que, naquela altura, como sempre, ele se mostrou um verdadeiro cavalheiro de bom coração.

Por natureza, ele era um homem sensível e um pensador. Sobre as suas emoções e reflexões estendia-se uma névoa de melancolia, mais que uma névoa: nas preocupações e lutas, a névoa tornava-se uma nuvem. Na realidade, o senhor Home não sabia muito acerca de Lucy Snowe e, o que ele sabia, não compreendia. Na verdade, os seus equívocos sobre o meu caráter muitas vezes me fizeram rir. Contudo, ele via que a minha caminhada na vida era pelo lado mais sombrio da colina. Dava-me crédito por tentar, com o meu próprio esforço, manter o curso em linha reta e honestamente. Teria me ajudado, se pudesse. Não tendo oportunidade de fazê-lo, creio que ele ainda gostava de mim e desejava-me felicidade. Quando olhava para mim, o seu olhar era amável; quando falava, a sua voz era benevolente.

– É árdua a sua tarefa. Desejo-lhe saúde e força para vencer, e sucesso – disse ele.

A sua linda filha não tomou as informações com tanta compostura: fixou em mim um par de olhos arregalados de espanto – quase com desânimo.

– Você é uma professora? – perguntou. Então, tendo feito uma breve pausa sobre a desagradável ideia, continuou: – Bem, na verdade, eu realmente nunca soube o que fazia, nem nunca pensei em lhe perguntar. Para mim, foi sempre, simplesmente, Lucy Snowe.

– E agora, o que sou? – eu não pude deixar de lhe perguntar.

– A mesma, é claro. Mas, você realmente ensina aqui em *Villette*?

– Realmente ensino.

– E gosta?

– Nem sempre.

– E por que continua a fazê-lo?

O pai olhou para a filha e temi que fosse repreendê-la e ele o fez: – Vá, Polly, prossiga com a sua arrogância. Isso prova para si mesma como está

sendo pedante. Se Miss Snowe corasse ou ficasse envergonhada, eu teria que te mandar calar e nós ficaríamos de fora dessa refeição e cairíamos em desgraça perante essa família que nos acolheu tão bem. Mas, como ela apenas sorri, continue, intensifique as suas perguntas. Bem, Miss Snowe, por que continua a fazer isso?

– Principalmente por causa do dinheiro que eu ganho.

– Não é, então, por motivos puramente filantrópicos? Polly e eu admitimos essa hipótese como a forma mais razoável para a sua excentricidade – disse o senhor Home.

– Não! Não, senhor. Trabalhando posso me manter, ter um teto e um abrigo. Além disso, a tranquilidade de espírito que me dá, pois enquanto eu ganho o meu próprio sustento, evito o desgosto de me tornar pesada a quem quer que seja. Não quero ser um peso para ninguém.

– Papai, diga o que quiser, mas tenho pena de Lucy.

– Retire essa pena, Miss De Bassompierre, como faria a um pequeno ganso implume que, sem licença, se afastasse mais do que deveria. Ponha-a de novo no ninho quente do coração, de onde saiu, e receba nos seus ouvidos este segredo: se a minha Polly, alguma vez vier a conhecer, por experiência, a natureza incerta deste mundo, eu gostaria que ela procedesse como Miss Lucy: trabalhasse por si mesma para não sobrecarregar a amigos e nem a parentes.

– Sim, papai – disse ela, afável e pensativa. – Mas pobre Lucy! Eu julgava que fosse rica e tivesse amigos ricos.

– A Polly pensou como uma simplória. Eu nunca pensei assim. Sempre que tive tempo para reparar no aspecto e nos modos de Lucy, o que não sucedeu muitas vezes, eu vi que ela era daquele tipo de pessoas que tem que guardar e não ser guardada; de agir e não de ser servida: e isso, imagino eu, deu-lhe uma experiência, pela qual, se ela viver o bastante para perceber seus benefícios, ela poderá ainda abençoar a Providência. Mas, mudando de assunto, e esta escola? – ele prosseguiu mudando de tom de grave para alegre –, sabe se essa Madame Beck admitiria a minha Polly, Miss Lucy?

Respondi que bastava ele ir falar com Madame, que logo saberíamos, contudo, acrescentei que ela gostava de alunas inglesas. – Se o senhor quiser – acrescentei –, levar Miss De Bassompierre nesta mesma tarde em sua carruagem, creio que posso garantir que Rosine, a porteira, não leve muito tempo para abrir a porta e que Madame colocará seu melhor par de luvas para

entrar na sala e recebê-los.

– Nesse caso – respondeu o senhor Home –, eu não vejo necessidade de esperar mais tempo. A senhora Hurst poderá enviar depois o que ela chama de ‘coisas’ da sua menina. Polly pode se estabelecer diante da sua cartilha ainda hoje à noite. E, espero, Miss Lucy, que não se importe de olhar por ela de vez em quando e de me dizer como ela está se saindo. Espero que aprove esta resolução, condessa De Bassompierre.

A condessa pareceu hesitar e depois falou: – Julguei que tinha terminado a minha educação.

– Isso só prova o quanto podemos estar enganados por nossos pensamentos. Eu tenho uma opinião muito diferente, como a maior parte dos que, nesta manhã, presenciaram o seu profundo conhecimento da vida. Ah, minha filha, ainda tem muito que aprender! O seu pai deveria ter lhe ensinado mais do que ensinou! Vamos, terminei o meu desjejum, não há mais nada a fazer, senão tentarmos que Madame Beck nos receba. Vamos, pois o tempo parece que melhorou.

– Mas, papai!

– Sim?

– Eu vejo um obstáculo.

– Eu não vejo nenhum.

– É enorme, papai! E, nunca poderá ser superado! É tão grande quanto o papai no seu capote com o monte de neve em cima.

– E, como o monte de neve, também é capaz de derreter.

– Não! É de carne e muito sólido. É o papai mesmo! Miss Lucy, aconselhe Madame Beck a não dar ouvidos a qualquer proposta para me receber, pois, no final, acabaria de ter que receber também o papai. Bem, já que ele é tão provocante, vou contar uma história. Ouça, senhora Bretton, e todos vocês. Há cerca de cinco anos, quando eu tinha doze, papai colocou em sua cabeça que estava me estragando com mimos, que eu estava ficando incapacitada para o mundo e não sei o quê mais, e que só ficaria satisfeito se eu fosse para uma escola. Eu chorei, claro, mas o senhor De Bassompierre mostrou-se severo e firme e lá fui eu para a tal escola. Qual foi o resultado? Da maneira mais admirável, papai foi também para a mesma escola. Dia sim, dia não, ele ia me ver. Madame Aigredoux resmungava, porém inutilmente, e até que, finalmente, papai e eu fomos expulsos. Lucy, pode apenas contar a Madame Beck este pequeno episódio: seria apenas uma questão de lealdade

de sua parte precavê-la do que a espera.

A senhora Bretton perguntou ao senhor Home o que ele tinha a dizer em sua defesa. Como ele não fez nenhuma defesa, a sentença foi pronunciada contra ele e Paulina triunfou.

Mas, ela tinha outros modos, além de ser astuta e ingênua. Após o café da manhã, quando os dois mais velhos se retiraram – creio que para tratar de certos negócios da senhora Bretton – e a condessa, o doutor John e eu ficamos durante algum tempo sozinhos – tudo o que era infantil desapareceu dela. Conosco, mais próximos da sua idade, mostrou-se imediatamente uma senhora. Até seu semblante pareceu se alterar: aquele jogo de feições e candura no olhar, que, quando falava com seu pai o tornava redondo e cheio de covinhas, cedeu a um aspecto mais pensativo, com linhas mais nítidas e menos instáveis.

Graham, sem dúvida, notou a mudança tão bem quanto eu. Ele ficou por alguns minutos perto da janela olhando para a neve; depois, aproximou-se da lareira e começou a conversar, mas não completamente à vontade, o que era o seu habitual. Os assuntos adequados pareciam ter desaparecidos dos seus lábios e ele os escolhia, meticulosamente, hesitante e, conseqüentemente, fastidiosamente, portanto, de um modo infeliz. Falou de *Villette* vagamente – dos seus habitantes, seus pontos turísticos e edifícios notáveis. Miss De Bassompierre respondia de forma bem feminina, com inteligência e certa personalidade: a voz, um olhar, um gesto aqui e ali mais animados e vivos, ainda lembravam a imponente pequena Polly. Contudo, havia nela uma delicadeza tão fina, uma graça tão calma e cortês, que um homem, ainda que menos sensível e inteligente do que Graham, não teria ousado aproveitar-se dessas vantagens para obter uma intimidade franca e sincera.

No entanto, embora o doutor John continuasse mais grave e mais sério do que o habitual, ele estava atento e a observava o tempo todo. Nenhum daqueles impulsos naturais lhe escapara. Não perdera um só movimento característico, uma hesitação de linguagem ou erro de pronúncia. Por vezes, quando ela falava depressa, pronunciava mal. Quando o lapso ocorria, corava e, de maneira meticulosa e conscienciosa, quase tão divertida como o pequeno erro em si, repetia a palavra mais distintamente.

Sempre que ela fazia isto, o doutor Bretton sorria. Gradualmente, à medida que eles conversavam, o constrangimento de ambos diminuiu e, se a

conversa tivesse sido prolongada, creio que, em breve, se tornaria genial. Já havia voltado para os lábios de Paulina o sorriso que lhe enfeitava a face e ela balbuciara mal uma vez e se esquecera de se corrigir. O comportamento do doutor John também havia mudado, embora eu não saiba dizer em quê. Não que ficara mais alegre, não havia nele qualquer tom de brincadeira ou leviandade, porém a sua atitude parecia ter sido uma das mais agradáveis a si mesmo, e ele falou numa linguagem mais natural, mais fácil, em tons mais suaves.

Há dez anos, aqueles dois sempre tinham achado abundância do que dizer um ao outro. A década que intervira não tinha diminuído a experiência ou empobrecera a inteligência de nenhum deles e, além disso, há certos temperamentos, cuja mútua influência é tal que quanto mais dizem, mais têm a dizer. Para eles, da associação crescia a adesão e da adesão, a comunhão.

Graham, no entanto, tinha que sair. As exigências da sua profissão eram das que não podiam ser ignoradas nem adiadas. Ele saiu da sala, mas antes que pudesse sair da casa, retornou. Tenho a certeza de que voltou – não pelo cartão ou papel esquecido na mesa, isto foi o pretexto – mas para se certificar, com mais um olhar, que o aspecto de Paulina era realmente aquele que levava na memória; de que ele não a tinha visto sob uma luz parcial, artificial e cometendo um engano de amigo. Não! Considerou a impressão verdadeira – de fato ele ganhou mais do que perdeu pelo regresso, pois levou consigo um olhar de despedida – tímido, porém extremamente doce – tão belo, tão inocente, como o que poderia lançar um cordeirinho do seu prado.

Deixadas sozinhas, eu e ela ficamos em silêncio por algum tempo. Ambas pegamos um trabalho e nos desdobramos em uma tarefa muda e diligente. A caixinha de trabalho de madeira branca dos velhos tempos fora substituída por outra com preciosas incrustações em mosaico e equipada com implementos de ouro. Os dedinhos frágeis e trêmulos, que antes mal podiam guiar a agulha, embora ainda pequenos, eram agora rápidos e hábeis, mas havia o mesmo preocupado franzir de sobranceiras, os mesmos maneirismos pouco delicados, os mesmos movimentos rápidos – agora para compor, um cacho dos cabelos, um sacudir da saia de seda algum imaginário átomo de pó ou algum fiapo de linha.

Naquela manhã, eu estava predisposta ao silêncio: a fúria austera do dia de inverno tinha sobre mim uma influência terrível. Aquele furor de janeiro, tão branco e tão sem vida ainda não acabara. A tempestade enlouquecera com

a sua própria fúria, mas não parecia mais perto da exaustão. Se Genevra Fanshawe tivesse sido a minha companheira nessa sala, ela não teria tolerado que eu meditasse. A presença do médico que acabara de sair teria sido o seu tema, e que variações ela teria feito sobre um único assunto! Como me teria perseguido e me importunado com perguntas e conjecturas – como me teria oprimido e massacrado com comentários e confidências que eu não queria ouvir e desejava evitar!

Paulina Mary, entretanto, lançou para mim, por uma ou duas vezes, um olhar calmo e penetrante com os seus olhos negros. Os lábios se entreabriam como se fossem falar, mas viu e, delicadamente, respeitou a minha inclinação para o silêncio.

“Não será por muito tempo”, pensei. Eu não estava acostumada a encontrar em mulheres ou moças qualquer capacidade de autocontrole ou a força da autonegação. Tanto quanto as conhecia, a chance de uma fofoca sobre os seus segredos, geralmente triviais, os seus sentimentos, muitas vezes insignificantes ou vis, não era prazer que facilmente se renunciasse.

A pequena condessa, contudo, prometia ser uma exceção: ela costurou até se cansar e, então, pegou um livro.

Como que por um acaso procurava na estante, no compartimento do próprio doutor Bretton, acabou por pegar um velho livro dele – uma obra ilustrada de história natural. Muitas vezes eu a tinha visto ao lado de Graham, descansando aquele volume em seus joelhos e lendo sob suas orientações. Depois de acabada a lição, para seu deleite infantil, ela lhe implorava que ele lhe explicasse as figuras.

Observei-a profundamente: aquilo era um verdadeiro teste para a sua memória da qual ela se vangloriava. Seriam agora fiéis às suas recordações?

Fiéis? Não havia do que duvidar. À medida que virava as páginas, seu rosto se iluminava progressivamente e a menos inteligível das suas expressões era uma saudação ao passado. E, então, ela voltou-se à primeira página, e olhou o nome escrito com letra de colegial. Olhou por um longo tempo e não se contentou apenas em olhar: ela gentilmente passou, de leve, a ponta dos dedos sobre os caracteres, acompanhando o traço com um sorriso inconsciente, porém cheio de ternura, que convertia o toque em uma carícia. Paulina amava o passado, mas a peculiaridade dessa cena era o silêncio. Ela podia sentir sem denunciar os seus sentimentos em um fluxo de palavras.

Esteve ocupada por algum tempo em frente à estante, tirando volume

após volume, e renovando com cada um o velho conhecimento. Feito isto, sentou-se em um banquinho baixo, apoiou o queixo nas mãos e ficou pensativa, sempre calada.

O som da porta se abrindo, lá embaixo, uma rajada de vento frio e a voz do pai falando com a senhora Bretton no corredor, surpreenderam-na, por fim. Levantou-se e desceu as escadas num segundo.

– Papai! Papai! O papai vai sair?

– Tenho que ir à cidade, meu animalzinho de estimação.

– Mas, está muito frio, papai!

E, então, eu ouvi o senhor De Bassompierre explicar-lhe como ele estava bem agasalhado contra o tempo, que iria de carruagem, completa e confortavelmente abrigado, em suma, provando que ela não precisava se preocupar com o seu conforto.

– Mas, o senhor promete voltar antes de anoitecer? O papai e o doutor Bretton, ambos de carruagem? O tempo não está bom para se andar a cavalo.

– Bem, se eu vir o doutor Bretton, vou lhe dizer que uma senhora lhe ordena que tome cuidado com a sua preciosa saúde e que venha cedo para casa sob minha escolta.

– Sim, diga a ele que foi uma senhora e ele vai pensar que foi a sua mãe e obedecerá. E venha cedo, papai, lembre-se de que estou à sua espera e à escuta.

A porta se fechou e a carruagem saiu suavemente pela neve. A condessa voltou ansiosa e pensativa.

Esperou e escutou, realmente, quando a noite caiu, mas de maneira discreta: passeando na sala de visitas com passos silenciosos. Por vezes, interrompia a sua marcha de veludo, inclinava a cabeça consultando os sons da noite – eu deveria dizer o silêncio da noite, pois gora, finalmente, o vento havia diminuído. O céu, liberto de sua avalanche, estava pálido e nu. Através dos ramos estéreis e despídos da alameda, podíamos vê-lo perfeitamente e notar também o esplendor polar da lua de ano novo – uma esfera branca como um mundo de gelo. Não era tarde quando ouvimos também o regresso da carruagem.

Paulina não dançou de boas-vindas naquela noite. Foi com uma espécie de gravidade com que ela se apoderou do pai. Logo que ele entrou na sala, tornou-o propriedade sua, levou-o para a cadeira que ela escolheu e, enquanto cumulava, suavemente, de palavras de elogio por ser tão bom e voltar para

casa tão cedo, teria julgado que era inteiramente pela força de suas pequenas mãos que ele fora colocado em sua cadeira, sentado e acomodado, pois aquele homem forte parecia sentir prazer em se entregar inteiramente àquele domínio – forte somente por amor.

Graham só apareceu alguns minutos depois do conde. Paulina voltou-se um pouco quando ouviu seus passos. Falaram, mas apenas uma ou duas palavras. Seus dedos se tocaram por um momento, mas, obviamente, foi um ligeiro contato. Paulina permaneceu ao lado de seu pai, Graham lançou-se em uma cadeira do outro lado da sala.

Ainda bem que a senhora Bretton e o senhor Home tinham muito a dizer um ao outro – uma quantidade inesgotável de velhas recordações. Caso contrário, acredito que, naquela noite, o nosso grupo teria ficado em silêncio.

Depois do chá, a rápida agulha de Paulina e o dedal de ouro estiveram diligentemente ocupados junto do candeeiro. Igualmente, como se a língua descansasse, seus olhos também pareciam relutantes, muitas vezes, em erguer suas suaves e macias pálpebras. Graham, também, devia estar cansado do trabalho do dia, pois apenas escutava obedientemente o que diziam os mais velhos, porém, ele mesmo, pouco falou. Contudo, seguia com os olhos o dourado dedal de Paulina, como se fosse uma traça brilhante a voar, ou a cabeça de ouro de alguma pequena serpente amarela.

CAPÍTULO XXVI

Um Sepultamento

A partir desta data, não faltou variedade à minha vida. Saía muito, com pleno consentimento de Madame Beck, que aprovava perfeitamente o nível das minhas relações. Aquela digna diretora, desde o princípio, sempre havia me tratado com respeito. Mas, quando descobriu que eu era suscetível de convites frequentes de um *château* de um ótimo hotel, o respeito transformou-se em distinção.

Não que ela tivesse se tornado enjoativa ou servil. Madame, em todas as coisas mundanas, não era fraca em nada; havia medida e bom senso na ardorosa busca de seus próprios interesses, calma e consideração na sua ambição de ganhos. Sem, no entanto, se colocar como servil e aduladora ao meu desprezo, deu a entender, com tato, que lhe agradava que as pessoas relacionadas ao seu estabelecimento tivessem relações que as elevassem em vez de relações que as deteriorassem ou as deprimissem. Ela nunca me elogiou ou aos meus amigos, apenas uma vez, quando ela estava sentada ao sol no jardim, com uma xícara de café ao lado e o jornal em sua mão, parecendo muito confortável e eu me aproximei e pedi licença para sair à noite. Ela exprimiu dessa forma graciosa:

– *Oui, oui, ma bonne amie: je vous donne la permission de coeur et de gré. Votre travail dans ma maison a toujours été admirable, rempli de zèle et de discrétion: vous avez bien le droit de vous amuser. Sortez donc tant que vous voudrez. Quant à votre choix de connaissances j'en suis contente; c'est sage, digne, louable.*[\[244\]](#)

Calou-se e retomou à leitura do jornal.

O leitor não julgará com muita austeridade o fato de que, nessa época, o pacote triplamente fechado de cinco cartas ter desaparecido, temporariamente, do meu gabinete. A minha primeira sensação ao fazer a descoberta foi de consternação e desânimo, mas em um momento recobrei a coragem.

– Paciência! – disse para mim mesma. – É melhor não dizer nada e

esperar pacificamente. Elas vão voltar.

E voltaram: tinham apenas feito uma curta visita ao quarto de Madame. Depois de devidamente examinadas, elas voltaram ao seu lugar. Encontrei-as no dia seguinte.

Pergunto-me, às vezes, o que teria ela achado da minha correspondência. Como apreciara a escrita do doutor Bretton? Em que luz havia encarado os pensamentos muitas vezes vigorosos; as opiniões geralmente atinadas e, por vezes, originais, expressas sem pretensões, em um estilo fluente e espirituoso que, para mim, deu tanto prazer? O que ela pensou das palavras amáveis espalhadas aqui e ali, não abundantes como os diamantes no vale de *Sindbad*, porém escassamente? Oh, Madame Beck! Como lhe pareceram tais coisas?

Creio que as cinco cartas não desagradaram a Madame Beck. Um dia, depois de tê-las tomado emprestado (ao falar de uma mulher tão suave deve-se usar termos meigos), eu a peguei examinando-me com um olhar firme e contemplativo, um pouco confusa, intrigada, mas não de todo malévola. Foi durante um breve intervalo entre as aulas, quando as alunas desciam ao pátio para quinze minutos de recreação; ela e eu ficamos na primeira classe sozinhas. Quando eu lhe interceptei o olhar, seus pensamentos saíram parcialmente dos seus lábios.

– Il ya – disse ela – *quelque chose de bien remarquable dans le caractère anglais.*[\[245\]](#)

– Como, minha senhora?

Ela deu uma risadinha, repetindo a palavra “como” em inglês.

– *Je ne saurais vous dire ‘como’; mais, enfin, les anglais ont des idées’ a eux, en amitié, en amour, en tout. Mais, au moins Il, n’est pas besoin de les surveiller*[\[246\]](#) – acrescentou ela, levantando-se e retirando-se com o seu ar de pequeno pônei, pequena e compacta que ela era.

“Espero, então”, murmurei para mim mesma, “que, no futuro, faça-me o favor de deixar as minhas cartas em paz.”

Ai de mim! Saltou qualquer coisa em meus olhos, escurecendo a visão, apagando da vista a sala de aula, o jardim, o brilhante sol de inverno, quando eu me lembrei de que cartas como as que ela tinha lido nunca mais viriam para mim. Eu já tinha visto a última delas. Esse formoso rio, em cujas margens eu tinha peregrinado, cujas gotas revificantes respingaram nos meus lábios, tomava outro curso: deixava a minha pequena cabana e meu campo

abandonados e secos, derramando lá longe a riqueza de suas águas. A mudança era verdadeira, justa e natural; não havia nada a dizer, mas eu amava o meu Reno, o meu Nilo. Eu quase tinha adorado o meu Ganges e lamentava que a grande maré corresse para outras paragens, desaparecesse como uma falsa miragem. Embora corajosa, eu não era exatamente estóica; lágrimas caíram sobre as minhas mãos, na minha mesa. Derramei um pranto opressivo, pesado e breve.

Mas logo, porém, eu disse para mim mesma: “A esperança pela qual eu ansiava, chorava e sofria, ainda não havia morrido. Estava latente enquanto não transcorria seu tempo integral, uma agonia tão lenta que a morte era bem-vinda.”

E eu procurava fazê-la bem-vinda. Esforcei-me para fazer isso. Na verdade, a longa dor tinha feito da paciência um hábito. Por fim, fechei os olhos da minha morta, cobri-lhe a face e compus-lhe os membros com grande calma.

No entanto, as cartas deveriam ser postas longe da minha vista. As pessoas que se submeteram ao luto, que sofrem, guardam sempre, tão zelosamente, as recordações. Mas, não é suportável e nem saudável ser, a cada momento, apunhalada no coração pela forte lembrança do sofrimento.

Numa tarde livre de feriado, uma quinta-feira, dirigindo-me ao meu tesouro, com a intenção de considerar o seu destino final, percebi – e, desta vez com forte sensação de desagrado – que, novamente, tinham mexido em minhas cartas: o pacote estava lá, de fato, mas a fita que o atava tinha sido desatada e atada de novo e, por outros indícios, eu sabia que minha gaveta tinha sido visitada.

Aquilo estava passando dos limites. A própria Madame Beck era a discricção personificada e tinha, além disso, um cérebro tão forte e um juízo tão seguro como jamais houvera em uma cabeça humana. Que ela conhecesse o conteúdo das minhas caixas, não era agradável, mas eu podia suportar. A pequena inquisidora jesuíta era, no entanto, capaz de ver as coisas à luz da verdade e de compreendê-las no sentido não pervertido. Mas, a ideia de que ela ousasse comunicar a informação a outro, aquilo que soubesse, de que se tinha, talvez, divertido à custa de documentos, aos meus olhos sagrados, me chocou cruelmente. No entanto, tal era o caso, que eu via agora razões para temer que assim tivesse ocorrido. Adivinhava até seu confidente: o seu parente, *Monsieur* Paul Emanuel passara o serão da véspera com ela.

Madame tinha o hábito de consultá-lo e de discutir com ele assuntos que não mencionava a mais ninguém.

Nessa mesma manhã, na sala de aula, aquele cavalheiro tinha me favorecido com um olhar que parecia ter emprestado de *Vashti*, a atriz. Naquela hora, eu não compreendera aquele faiscar azul, contudo, lúgubre, dos seus olhos raivosos, mas compreendia seu significado agora. *Monsieur Paul*, pensei eu, não era capaz de encarar aquilo que me dizia respeito imparcialmente, nem julgar-me com tolerância e candura. Ele, sempre severo e desconfiado, e o pensamento de que aquelas cartas, meras letras amigáveis como eram, tinham caído uma vez e podiam cair novamente em suas mãos, abalou-me até a alma.

O que eu poderia fazer para evitar aquilo? Em que canto dessa estranha casa poderia encontrar segurança e sigilo? Onde poderia uma chave ser uma proteção ou um cadeado, uma barreira?

No sótão? Não, eu não gostava do sótão. Além disso, a maior parte das caixas e gavetas que lá havia estava se desfazendo e não tinha tranca. Ratos roíam a madeira apodrecida e faziam ninhos entre a desordem do seu conteúdo. As minhas queridas cartas (mais caras ainda, embora a palavra *Ichabod* estivesse escrita em suas capas) podiam ser consumidas por parasitas; certamente as letras seriam, em breve, apagadas pela umidade. Não, o sótão não servia. Mas, onde, então?

Enquanto ponderava sobre este problema, eu me sentei no banco próximo à janela do dormitório. Era uma tarde fria, porém bela. O sol de inverno já caminhava para o acaso, brilhava palidamente nos topos dos arbustos do jardim, na *allée défendue*. Uma velha e grande pereira – a pereira da freira – erguia-se como um alto esqueleto *dríade*, cinzenta, descarnada e nua. Um pensamento me ocorreu – um desses pensamentos estranhos e fantásticos que, às vezes, assaltam as pessoas solitárias. Coloquei o chapéu, o agasalho, a capa e saí para a cidade.

Dirigindo os meus passos para o bairro histórico da cidade, cujos recantos brancos e sombrios eu procurava sempre, por instinto, quando estava melancólica, vaguei de rua em rua, até que, depois de ter atravessado uma meio deserta, me encontrei diante de uma espécie de loja de ferro velho, um lugar antigo, cheio de coisas antigas. O que eu queria era uma caixa de metal que pudesse ser soldada, ou uma espécie de botija ou garrafa de vidro que pudesse ser hermeticamente lacrada. Entre montes diversos, eu encontrei e

comprei o último destes artigos.

Fiz, então, um pequeno rolo das minhas cartas, as envolvi em seda oleada, amarrei-as com fios e, depois de colocá-las na garrafa, consegui que o velho judeu da loja colocasse uma rolha, lacrasse e tornasse-a hermética. Enquanto ele obedecia às minhas instruções, ele olhava de vez em quando para mim, desconfiado, através das pestanas brancas. Por certo, ele supunha que se tratasse de qualquer coisa desonesta. Em tudo isso, eu não sentia prazer, mas uma espécie de triste satisfação solitária. O impulso sob o qual eu agia, a disposição que me controlava era semelhante ao impulso que tempos atrás havia me levado ao confessionário. Com o andar rápido, eu voltei à escola ao escurecer, justamente na hora do jantar.

Às sete horas, nasceu a lua. Às sete e meia, quando as alunas e professoras estavam em estudo e Madame Beck estava com a mãe e as filhas na sala de jantar; quando todas as pensionistas tinham ido para casa, Rosine havia deixado o vestibulo e havia sossego por todo o lado, pus um xale e, tomando o frasco lacrado, saí pela porta da primeira classe para o caramanchão e dali para a *allée défendue*.

Matusalém, a Pereira, ficava no fim dessa área, perto do meu banco. Lá estava a velha árvore, triste e cinzenta, elevando-se acima dos arbustos mais baixos que a cercavam. Apesar de velha, Matusalém era ainda de madeira forte; só havia um buraco, ou melhor, um buraco profundo, perto de sua raiz. Eu sabia que essa profunda cavidade existia escondida em parte por hera e trepadeiras espessas que ali cresciam. Ali eu pensei em esconder o meu tesouro. Mas, eu não estava indo só esconder um tesouro – tencionava também enterrar uma dor que fora o motivo de choro e de tristeza. Portanto, envolvida em sua mortalha, deveria ser enterrada.

Afastei a hera e encontrei o buraco. Era grande o suficiente para conter o frasco, e atirei-o profundamente para dentro. Em um galpão no fundo do jardim havia restos de materiais de construção deixados por pedreiros que, recentemente, tinham reparado uma parte das instalações. Procurei ali uma ardósia e um pouco de massa. Coloquei a ardósia sobre o buraco e fixei-a com o cimento. Cobri o buraco com bolor negro, e, finalmente, puxei de novo a hera. Feito isto, descansei encostada à árvore, persistente, como qualquer outra pessoa enlutada ao lado de uma sepultura recém-fechada.

O ar da noite estava muito calmo, mas carregado com uma umidade escura e peculiar, que transformava o luar em uma névoa luminosa. Neste ar,

ou nessa névoa, havia qualquer singularidade – elétrica, talvez – que atuava estranhamente sobre mim. Senti, então, o que eu havia sentido na Inglaterra – em uma noite em que a Aurora Boreal brilhava no céu, quando tendo me demorado nos campos solitários, eu parei para assistir aquele exército de bandeiras – aquele estremecimento de lanças cerradas – aquela rápida ascensão de mensageiros da estrela do Norte para o escuro e alto fecho da abóboda celestial. Sentia-me, não feliz, muito pelo contrário, porém forte, com redobrada força.

Se a vida era uma guerra, parecia ser o meu destino travá-la sozinha. Eu ponderava, agora, em como levantar os meus quartéis de inverno – como deixar um acampamento onde faltava comida e forragem. Talvez, para efetuar uma mudança, eu tivesse que travar outra acirrada batalha campal com a fortuna; se assim fosse, minha mente desejava o reencontro: muito pobre para perder, talvez Deus me fizesse ganhar. Contudo, o caminho estava aberto? Que plano poderia eu empregar?

Demorava ainda sobre esta questão, quando a lua, tão velada até então, pareceu brilhar com mais fulgor: um raio resplandeceu diante de mim e uma sombra tornou-se mais marcada e distinta. Olhei mais atentamente para descobrir a causa daquele tão bem definido contraste que apareceu subitamente no beco obscuro: tornava-se cada vez mais branca e mais negra aos meus olhos e ganhou forma com instantânea transformação. Fiquei a três metros de distância de uma mulher alta, com um vestido negro e um véu branco.

Cinco minutos se passaram. Eu não fugi e nem gritei. Ela estava lá, quieta e eu falei:

– Quem é você? Por que vem até a mim?

Ela ficou muda. Não tinha rosto, nem feições. Abaixo de sua testa tudo estava mascarado com um pano branco, mas ela tinha olhos e eles me viam.

Sentia-me, senão corajosa, um pouco desesperada, e o desespero, muitas vezes, basta para substituir a coragem. Avancei um passo e estendi a mão para tocá-la. Ela pareceu recuar. Aproximei-me mais. O seu recuo, embora silencioso, tornou-se mais rápido. Uma massa de arbustos muito cerrada de loureiro e teixos intervieram entre mim e o que eu seguia. Tendo passado esse obstáculo, eu olhei e não vi nada. Esperei e disse: – Se você tem alguma mensagem para os homens, deve voltar e confiá-la a mim – nada falou e nem reapareceu.

Desta vez, não havia o doutor John a quem recorrer. Não havia ninguém a quem eu ousasse sussurrar as palavras: “Voltei a ver a freira.”

Paulina Mary pedia a minha presença frequentemente na *rue* Crécy. Nos velhos tempos de *Bretton*, embora nunca tivesse professado gostar de mim, agora a minha companhia tinha tornado para ela uma espécie de necessidade inconsciente. Eu costumava notar que, se eu me retirava para o meu quarto, ela, rapidamente, vinha atrás de mim e, abrindo a porta, espreitando, dizia com sua voz peremptória: – Desça. Por que está sozinha? Venha para a sala.

No mesmo espírito, pediu-me agora: – Deixe a *rue* Fossette e venha viver conosco. Papai lhe daria muito mais do que Madame Beck lhe dá.

O próprio senhor Home havia me oferecido uma quantia considerável – três vezes o meu salário atual – se eu aceitasse o cargo de companheira da filha. Contudo, eu recusei. Creio que a teria declinado mesmo que eu fosse mais pobre do que eu era, com menos recursos e estreitas perspectivas de futuro. Eu não tinha essa vocação. Poderia ensinar-lhe, dar lições, mas ser uma governanta não era natural para mim. Em vez de aceitar aquele cargo, numa casa grande, eu teria, deliberadamente, me tornado uma empregada doméstica, comprado um grosseiro par de luvas, varrido quartos, escadas, limpado fogões, fechaduras e ferrolhos, mas em paz e independência. Ao invés de ser dama de companhia eu teria feito camisas ou morrido de fome.

Não queria ser a sombra de nenhuma brilhante senhora – nem de Miss De Bassompierre. A minha natureza era, muitas vezes, triste e, por hábito, suave e submissa. Contudo, a tristeza e a obscuridade deviam ser ambas voluntárias – tais como as que me conservavam dócil à minha mesa, no meio das minhas alunas já bem acostumadas à minha pessoa na primeira classe de Madame Beck; ou sozinha na minha cama, no dormitório, no jardim ou no beco naquele banco que eu declarara meu.

As minhas qualificações não eram adaptáveis ou conversíveis, não poderiam ser transformadas no escrínio de qualquer pedra preciosa, adjunta de qualquer beldade ou o apêndice de qualquer majestade. Madame Beck e eu, sem nos assimilarmos, nos entendíamos bem. Eu não era sua dama de companhia e nem preceptora de suas filhas. Deixava-me livre, não me

prendia a nada – nem a si mesma – sequer aos seus interesses.

Certa vez, quando ela esteve ausente por uma quinzena, por motivo de doença de um parente, ao voltar, ansiosa e cheia de preocupações com o seu estabelecimento, com receio de que, na sua ausência, alguma coisa tivesse dado errado, ao verificar que tudo tinha procedido como de costume, e que não havia nenhuma evidência de negligência flagrante ou desleixo, deu um presente a cada uma das professoras em sinal de reconhecimento da estabilidade. Por volta da meia-noite, veio junto a minha cama e me disse que não havia presente para mim: – À senhorita *St. Pierre* eu tenho que mostrar que é vantajosa a sua fidelidade – disse ela – se eu fizesse o mesmo com você, nasceria um mal-entendido entre nós, talvez uma separação. Uma coisa, porém, eu posso fazer para agradá-la: deixá-la sozinha com a sua liberdade – *C'est-ce que je ferai*^[247] – e manteve a sua palavra. Todas as leves correntes que, até então, lançava sobre mim, a partir daquele momento, retirou-as tranquilamente. Assim, eu tinha prazer em respeitar, voluntariamente, as suas regras; gosto em dedicar tempo duplo e cuidado dobrado com as alunas que ela me confiava.

Quanto a Miss De Bassompierre, eu a visitava com prazer, embora eu não quisesse viver com ela. Percebi que as minhas visitas não seriam indispensáveis por muito tempo. O senhor De Bassompierre, por sua vez, parecia imune a esta conjectura, cego para essa possibilidade, inconsciente como qualquer criança para os sinais, probabilidades e vacilantes princípios daquilo que, quando chegasse ao fim, talvez ele não aprovasse.

Se ele iria aprovar cordialmente ou não, muitas vezes, eu especulava. Era, porém, difícil de dizer. O conde estava muito ocupado com seus interesses científicos: decidido, ativo e preocupado no que dizia respeito às suas investigações favoritas, mas sem malícia, e até ingênuo, em relação aos assuntos comuns da vida. De tudo que eu podia perceber, parecia considerar a filha ainda uma criança e, provavelmente, ainda não tinha admitido que os outros a vissem de modo diferente. Ele costumava falar sobre o que faria quando “Polly fosse uma mulher, quando ela tivesse crescido”, e Polly, ao lado de sua cadeira, às vezes, sorria e tomava a venerada cabeça entre suas pequenas mãos e beijava aqueles cabelos grisalhos. Em outros momentos, ela fazia beicinho e atirava seus cachos para trás, mas nunca disse abertamente: – Papai, eu já sou crescida.

Paulina se portava de forma totalmente diferente dependendo das

peessoas com quem lidava. Com seu pai, realmente, ela era ainda uma criança, ou, pelo menos, infantil, carinhosa, alegre e brincalhona. Comigo, ela era séria e tão feminina como os pensamentos e sentimentos poderiam fazê-la. Com a senhora Bretton, ela era dócil e confiante, mas não expansiva. Com Graham, ela era tímida, atualmente, muito tímida. Os passos do médico chegando a fazia estremecer. A sua entrada, a emudecia. Em alguns momentos, ela era fria com ele, noutros, esforçava-se para evitá-lo. Quando ele falava com ela, as suas respostas eram hesitantes, sem mencionar que, às vezes, caía no absoluto silêncio. Contudo, quando ele se despedia, ela ficava vexada e desconcertada e, finalmente, quando tinha partido, tornava-se triste e irritada. Até o pai notou o seu comportamento estranho.

– Minha pequena Polly – disse ele certa vez – você vive muito afastada da vida, minha filha. Se, quando crescer e se tornar mulher, continuar com essas maneiras tímidas, dificilmente você vai ser notada na sociedade. Lida com o doutor Bretton como se ele fosse um estranho. Parece não se lembrar de que, quando garotinha, era muito amiga dele. Você se esqueceu disso?

– Pelo contrário, papai – disse ela, com seu tom um pouco seco, contudo suave e simples.

– E você agora não gosta dele? O que ele te fez?

– Nada. Sim, eu gosto um pouco dele, mas nos tornamos estranhos um para o outro.

– Então, acabe com isso, Polly. Converse com ele quando estiver aqui e acabe com essa estranheza. Não tenha receio dele.

– Ele não fala muito. Acha que ele tem medo de mim, papai?

– Ah, com certeza. Que homem não teria medo de uma menina tão calada?

– Então, diga a ele qualquer dia, papai, que não deve se importar com o meu silêncio. Deve dizê-lo que este é o meu jeito e que eu não tenho nenhuma intenção de ser hostil e que não faço por mal.

– O “seu jeito”, minha pequena tagarela? Longe de ser o seu jeito. É apenas um capricho seu!

– Bem, eu vou melhorar, papai.

E foi engraçado ver, no dia seguinte, como ela procurou cumprir a sua palavra. Eu a vi fazer um esforço para conversar afavelmente com o doutor John sobre temas gerais. Esta atenção trouxe para a face do hóspede um brilho agradável, uma nova satisfação. Ele, no entanto, a tratou com cautela e

respondeu-lhe com seus modos mais suaves, como se houvesse no ar uma espécie de felicidade muito tênue e ele temesse afugentá-la com uma respiração muito forte. Certamente, nesse seu tímido, mas sincero passo para a retomada da amizade, ele não poderia negar que havia nela um encanto delicado de uma fada.

Quando o doutor se foi, ela se aproximou da cadeira de seu pai.

– Cumpri a minha palavra, papai? Comportei-me melhor?

– A minha Polly portou-se como uma rainha. Vou ficar bastante orgulhoso dela se esses progressos continuarem. Em pouco tempo, estará recebendo meus convidados com bastante calma e imponência. Miss Lucy e eu temos que polir as nossas melhores maneiras para não sermos jogados para a sombra. Ainda assim, Polly, houve uma pequena falta, uma leve tendência para gaguejar e, em certo momento, até mesmo balbuciou como se tivesse seis anos de idade.

– Não, papai! – ela o interrompeu, indignada, – não pode ser verdade.

– Apelo para Miss Lucy. Não é verdade que, ao responder a pergunta do doutor Bretton sobre se ela já tinha visto o palácio do príncipe de *Bois l’Etang*, ela disse “*ssim*” e, quando ele perguntou se ela tinha estado lá alguma vez, ela respondeu “*ttalvez?*”

– Papai, o senhor está satirizando de mim. É *méchant!*[\[248\]](#) Eu posso pronunciar todas as letras do alfabeto, tão claramente quanto possível. Mas, diga-me uma coisa: por que é muito especial em fazer-me ser polida para com o doutor Bretton? Gosta muito dele?

– Com certeza que gosto dele! Afinal, é um velho conhecido nosso! Além disso, é um ótimo filho para sua mãe, tem bom coração e é competente em sua profissão: sim, o *callant*[\[249\]](#) tem merecimento suficiente.

– O *callant*! Ah, escocês! Papai e o sotaque de Edimburgo ou de *Aberdeen*.[\[250\]](#)

– Ambos, minha rainha, e, sem dúvida, o de *Glasgow* também. É o que me permite falar tão bem o francês. Uma pessoa que fala a língua escocesa sempre se sai bem com o francês.

– No francês! Escocês, novamente, é incorrigível, papai! O papai também precisa ir para a escola.

– Bem, Polly, você deve persuadir Miss Snowe a tomar conta de nós. De você, para torná-la estável e feminina, e de mim, requintado e clássico.

A luz sob a qual o senhor De Bassompierre via “Miss Snowe”

costumava me fazer refletir. Que atributos de caráter tão contraditórios nos são, por vezes, atribuído segundo os olhos dos que nos veem! Madame Beck considerava-me culta e melancólica; Miss Fanshawe, cáustica, irônica e cínica. O senhor Home, uma professora modelo, a essência da calma e da discrição: um pouco convencional, talvez, muito rigorosa, demasiado escrupulosa, mas ainda assim a rosa padrão de modelo de preceptora; enquanto outra pessoa, o professor Paul Emanuel, a saber, nunca perdia uma oportunidade de insinuar sua opinião sobre mim: considerada de natureza ardente, arrebatada, ousada, aventureira, indócil e audaciosa. Eu ria deles todos. Se alguém me conhecia um pouco, era Paulina Mary.

Como eu não queria ser a companheira oficial e paga de Paulina e começava a achar o seu convívio agradável e harmonioso, ela me convenceu que nos juntássemos em algum estudo como um meio regular de manter as nossas relações. Propôs a língua alemã, o que, como eu, ela também achava de difícil domínio. Concordamos em ter lições com a mesma professora na *rue Crécy*. Este arranjo nos fazia passar várias horas juntas na semana. O conde de De Bassompierre parecia bastante satisfeito. Aprovava em absoluto que Madame Braun associasse uma porção de seu ócio aos da sua formosa e querida filha.

Aquele meu outro autoeleito juiz, o professor da *rue Fossette*, descobriu por algum meio ou espionagem que eu já não parava tanto por lá como antes, mas que saía regularmente em certas horas de certos dias, tomou para si começou a me vigiar. As pessoas diziam que *Monsieur* Paul Emanuel tinha sido educado entre os jesuítas. Eu teria acreditado mais facilmente se as suas manobras fossem mais dissimuladas. Assim, eu duvidava. Nunca houve um conspirador mais claro e indisfarçável. Era um franco e intrigante. Ele costumava analisar as suas próprias maquinações: elaborava suas invenções e, imediatamente, vangloriava-se de sua habilidade. Eu não sei se eu fiquei mais irritada ou divertida, quando ele, numa manhã, veio ter comigo e me segredou, com ar solene, que ele “estava de olho em mim e não me perdia de vista”. Ele, pelo menos, estava fazendo o seu dever de amigo em não me deixar entregue aos meus caprichos.

O meu procedimento atual lhe parecia, no momento, muito instável e ele não sabia o que fazer. Achava que a sua prima Beck era censurável por permitir este tipo de inconsistência de uma professora ligada à sua casa. O que tinha uma pessoa dedicada a uma profissão séria como a da educação a

ver com condes e condessas, hotéis e castelos? Para ele, eu andava totalmente, “*em l’air*”.^[251] Ele jurava que eu saía seis dias em cada sete.

Eu disse que, “*Monsieur* era exagerado”. Eu certamente tinha me beneficiado ultimamente, de um pouco mais de distração, mas só quando essa distração era estritamente necessária e que esse privilégio, de forma alguma, tinha sido utilizado em excesso.

“Necessária! Como assim necessária?” Segundo ele, eu estava muito bem de saúde e não tinha que ter nenhuma “distração necessária!” Ele me recomendou olhar para as católicas ‘*religieuses*’, e estudar suas vidas. “Essas não pediam distração.”

Não sei que expressão me veio ao rosto quando ele disse isto, mas sei que ele ficou irritado. Acusou-me de ser imprudente, mundana, estouvada, epicurista, ambiciosa de grandeza e febrilmente sedenta das pompas e vaidades da vida. Parece não haver um *dévouement*,^[252] nem *récueillement*^[253] no meu caráter, sem espírito de fé, sacrifício ou humildade. Sentindo a inutilidade de responder a essas acusações, continuei a correção de uma pilha de exercícios de inglês. Ele continuou dizendo que não via em mim nada de cristão e, como tantos outros protestantes, eu revelava o orgulho e a obstinação do paganismo.

Eu voltei ligeiramente as costas, aninhando-me ainda mais sob as asas do silêncio.

Um vago resmungo saiu-lhe de entre os dentes, não podia, certamente, ser um *juron*^[254] – ele era muito religioso para isso –, mas estou certa de ter ouvido a palavra *sacré*^[255]. É doloroso dizer, mas a mesma palavra foi repetida, com a inequívoca adição de *mille*^[256] qualquer coisa, quando eu passei por ele no corredor, cerca de duas horas depois, preparada para ir à minha aula de alemão na *rue Crécy*. Jamais houve homem melhor que *Monsieur* Paul, sob certos aspectos, mas sob outros, um déspota mais irascível e impertinente.

A nossa professora de alemão, *Fräulein* Anna Braun, era uma mulher digna e afável de cerca de quarenta e cinco anos. Devia, talvez, ter vivido nos dias da rainha Isabel, pois consumia, habitualmente, no café da manhã e no almoço, carne e cerveja. Também o seu claro temperamento alemão parecia

sofrer de cruel retraimento sobre o que ela chamava de “a nossa reserva inglesa”, embora, nós julgássemos estarmos sendo amáveis para com ela: mas não lhe dávamos tapinhas nos ombros e, se consentíamos em beijar-lhe à face, era calmamente e sem beijos explosivos. Estas omissões vexavam-na e oprimiam-na consideravelmente; contudo, em geral, nos entendíamos muito bem. Acostumada a instruir meninas estrangeiras, que, em geral, nunca pensavam em estudar por si – que não fazia ideia do que era lutar com uma dificuldade e superá-la por força de reflexão ou aplicação – os nossos progressos, que na verdade eram muito lentos, pareciam surpreendê-la. Aos seus olhos éramos um par de prodígios glaciais, frios, orgulhosos e sobrenaturais.

A jovem condessa era, realmente, um pouco ativa e fastidiosa, talvez, como a sua beleza e delicadeza naturais lhe dessem direito a esses sentimentos, mas creio que era um grande erro atribuí-los a mim. Eu nunca evitava a saudação da manhã, que Paulina, quando podia, escorregava; nem um certo ar de desdém era arma conhecida do meu arsenal de defesa, enquanto Paulina a conservava sempre claro, afiado e brilhante, e qualquer áspera sortida germânica fazia surgir imediatamente o seu brilho de aço.

A honesta Anna Braun sentia, de algum modo, essa diferença e, enquanto semireceava e semi-adorava Paulina, como uma espécie de ninfa melindrosa – uma Undine – refugiava-se em mim, um ser inteiramente mortal e mais acessível.

Gostávamos muito de ler e traduzir um livro, as “*Baladas*”, de *Schiller*. Paulina logo aprendeu lê-las muito bem e Fräulein costumava ouvi-la com um largo sorriso de prazer e dizia que a sua voz soava como música. O rosto de Paulina corava, seus lábios tremiam num sorriso, seus belos olhos iluminavam e ganhavam doçura, à medida que prosseguia. Ela decorou-as e costumava recitá-las quando estávamos sozinhas. Uma das baladas que ela mais gostava era “*Des Mädchens Klage*”[\[257\]](#) isto é, gostava de repetir as palavras, em cujos sons achavam uma plangente melodia, porém criticara o sentido. Uma noite em que estávamos sentadas junto ao fogão, ela murmurou:

– *Du Heilige, rufe dein Kind zurück,
Ich habe genossen das irdische Glück,
Ich habe gelebt und geliebet!* [\[258\]](#)

– Vivi e amei – disse ela, – é esse o cume da felicidade terrena, o fim

da vida... amar? Não creio. Pode ser a maior das tristezas, o extremo da miséria mortal, a mais pura perda de tempo, uma inútil tortura dos sentimentos. Se *Schiller* tivesse dito “ser amado”! Talvez ele tivesse se aproximado mais da verdade... Não é certo que ser amada é outra coisa, Lucy?

– Suponho que sim. Mas, por que discutir esse assunto? O que é o amor para você? O que você sabe sobre isso?

Ela corou de irritação e vergonha.

– Agora, Lucy – disse ela –, eu quero lhe tirar essa ideia da cabeça, que sou uma garotinha. Eu até prefiro que papai me veja assim, mas você não. A Lucy sabe reconhecer que eu estou beirando os dezenove anos.

– Ainda que fosse vinte e nove. Não devemos antecipar sentimentos com discussões. Não vamos falar de amor.

– Sim! Sim! – exclamou ela muito exaltada. – Você pode querer me reprimir, mas eu tenho falado e ouvido falar de amor. E muito, ultimamente, de maneira desagradável e prejudicial. De uma maneira que a Lucy não aprovaria.

E, aquela polêmica, triunfante, bela e travessa criatura riu. Eu não conseguia discernir o que ela queria dizer e eu não queria lhe perguntar. Eu estava perplexa e embaraçada. Vendo, porém, a maior inocência em seu semblante, combinada com certa perversidade e petulância, eu disse, finalmente:

– Quem lhe fala desagradável e prejudicialmente sobre essas questões? Quais das pessoas que convivem com você ousa fazê-lo?

– Lucy – respondeu ela com mais suavidade –, é uma pessoa que me faz infeliz, às vezes, e eu gostaria que ela me deixasse em paz. Não a quero perto de mim.

– Mas, quem, Paulina? Você está me deixando intrigada.

– É a minha prima Ginevra. Todas as vezes que ela tem licença para visitar a senhora Cholmondeley ela passa por aqui e sempre que se encontra sozinha comigo, começa a falar sobre os seus admiradores ou do amor. Gostaria que ouvisse tudo o que ela tem a dizer sobre o amor.

– Oh, eu ouvi e muito! – disse eu, muito friamente. E, afinal, talvez seja bom que Paulina a tenha escutado também. Não há nada a lamentar. No entanto, com certeza, a mente de Ginevra não pode influenciar a sua. Eu tenho certeza de que você está acima daquela cabeça e daquele coração.

– Pelo contrário, ela me influencia e muito. Ela tem a arte de perturbar a minha felicidade e de inquietar as minhas opiniões. Fere meus sentimentos e das pessoas que me são mais queridas.

– O que ela diz, Paulina? Dê-me uma ideia. Talvez eu possa fazer alguma coisa para minimizar os estragos.

– As pessoas que eu mais estimo são aviltadas por ela. Ela não poupa a senhora Bretton, não poupa... Graham.

– Não. Eu sei. E como ela envolve essas pessoas em seus sentimentos, em seu... amor, como você me falou?

– Ela é insolente, Lucy, e creio que também é falsa. Você conhece o doutor Bretton, aliás, ambas o conhecemos. Ele pode até ser indiferente e altivo, mas quando foi que ele, alguma vez na vida, foi indigno e servil? Pois, todos os dias ela me diz que ele se ajoelha aos seus pés e que a persegue como uma sombra. Ela o repele com insultos e ele a implora com louca paixão. É verdade, Lucy? Há nisto alguma coisa de verdade?

– É verdade que, em outros tempos, ele a achou interessante. Ela diz que ele é ainda seu pretendente?

– Ela diz que pode se casar com ele quando quiser, que ele só espera o consentimento dela.

– Foram essas histórias a causa de sua reserva para com o doutor John, reserva que até o seu pai notou?

– Certamente que me fizeram duvidar do seu caráter. Mas, quando Ginevra fala, não me parece que tudo seja verdade. Creio que ela exagera, mas queria saber até que ponto.

– E se nós puséssemos Ginevra à prova? Se lhe déssemos uma oportunidade de mostrar o poder do qual se vangloria? – disse-lhe eu.

– Posso fazê-lo amanhã. O papai convidou alguns cavalheiros para jantar, todos eruditos. Graham, que segundo o papai descobriu, é também um sábio, versado em vários ramos da ciência, também virá. A mim me custaria muito sentar à mesa com eles. Eu não seria capaz de falar com o senhor A.. ou mesmo com o senhor Z..., acadêmicos franceses. Todos os meus atuais créditos de boas maneiras ficariam em perigo. A Lucy e a senhora Bretton têm de vir em meu auxílio. Ginevra, se eu lhe mandar um recado, também viria.

– Ótimo! Eu levarei o recado e ela poderá justificar a verdade das suas afirmações.

CAPÍTULO XXVII

O Hotel Crécy

O dia seguinte foi muito mais alegre e movimentado do que nós – eu, pelo menos, tinha previsto. Parece que era o aniversário de um dos jovens príncipes de *Labassecour* – o mais velho, creio eu, o duque de *Dindonneau*, e, em sua honra era feriado nas escolas e, especialmente, no principal *Athénée*,^[259] ou colégio. Os rapazes daquela instituição tinham composto, em segredo, um discurso de lealdade. Para esse fim, deviam se reunir no edifício público, onde os exames anuais eram realizados e os prêmios distribuídos. Após a cerimônia de apresentação, seguia-se uma oração ou discurso por um dos professores.

Como vários amigos do senhor De Bassompierre – os sábios – estavam, mais ou menos, relacionados com o *Athénée*, deviam participar daquela solenidade, juntamente com o respeitável corpo municipal de *Villette*, M. Le Chevalier Staas, o burgomestre, e os pais e parentes dos atenienses em geral. O senhor De Bassompierre fora convidado por seus amigos a acompanhá-los. A sua formosa filha, evidentemente, fazia parte do grupo e escreveu-nos um bilhete, a mim e a Ginevra, pedindo-nos que fôssemos mais cedo para que acompanhássemos ao evento.

Quando Miss Fanshawe e eu nos vestíamos no dormitório da *rue Fossette*, ela, subitamente, desatou a rir.

– O que é agora? – perguntei, pois ela havia interrompido a sua operação de organizar seu vestuário e estava olhando fixamente para mim.

– Parece tão estranho... – respondeu ela, com a sua habitual reserva meio honesta, meio insolente –, que estejamos as duas no mesmo nível, frequentando a mesma esfera, tendo as mesmas relações.

– Sim – concordei. – Eu não tinha muito respeito pelas suas importantes e recentes relações: a senhora Cholmondeley e outras que nunca me teriam agradado..., mas agora é diferente.

– Quem é, afinal, a senhora, Miss Snowe? – ela perguntou num tom de tão sincera curiosidade e sem sofisticação, que, por minha vez, eu tive que rir.

– Antes se intitulava preceptora; quando veio para cá, realmente, tomava conta das crianças desta casa. Eu a vi levar a pequena Georgette em seus braços, como uma criada. Poucas governantas teriam levado tão longe a sua condescendência. Agora, Madame Beck a trata com mais cortesia do que a *parisienne* St. Pierre e aquela fedelha orgulhosa, a minha prima, que faz de você sua amiga íntima.

– Admirável! – concordei eu, muito divertida com a sua perplexidade. – Quem sou eu na verdade? Talvez um personagem disfarçado. Pena que eu não saiba representar melhor o meu personagem.

– Admiro-me de não vê-la mais lisonjeada por tudo isso – continuou ela – Recebe tudo com grande calma e compostura. Se for, realmente, a ‘ninguém’ que uma vez julguei que fosse, deve ser extremamente impassível e fria.

– A ‘ninguém’ que antes me julgava... – repeti eu, corando um pouco. Porém, eu não estava zangada. Que importância tinha o emprego grosseiro, por uma menina de escola, da palavra ‘ninguém’? Limitei-me, portanto, a observar que eu tinha apenas recebido aquela informação com civilidade, e o que ela via agora para ficar naquela febre de excitação?

– Não podemos deixar de ficar admiradas por certas coisas – insistiu ela.

– De se admirar das maravilhas de sua própria invenção? Está pronta, afinal?

– Estou. Dê-me o seu braço.

– Não! Vamos caminhar lado a lado.

Quando ela pegava no meu braço, sempre inclinava sobre mim todo o seu peso e, como eu não era um cavalheiro, nem seu namorado, eu não gostava daquilo.

– Há – de novo! – choramingou. – Eu apenas ofereci para tomar o seu braço para mostrar a minha aprovação íntima de seu vestuário e aparência geral. Quis fazer disso um elogio – disse-me ela.

– Sim. Você quis dizer, em suma, que não tem vergonha de ser vista na rua comigo. Que se a senhora Cholmondeley estivesse a afagar o seu cãozinho em alguma janela, ou o coronel De Hamal palitando os dentes em uma varanda, e nos vissem, não coraria por ser minha companheira.

– Sim – disse ela, com aquela franqueza que lhe era peculiar e a sua melhor virtude – que dava uma simplicidade honesta até nas suas próprias

mentiras.

Deleguei o trabalho de comentar aquele “sim” ao meu semblante, ou melhor, o meu lábio superior antecipou-se à minha língua: respeito e seriedade não eram os sentimentos expressos no olhar que lhe dei.

– Que criatura desdenhosa, zombeteira! – continuou ela, quando atravessávamos uma grande praça para entrar num parque agradável e sossegado, que era o caminho mais curto para a *rue* Crécý – Nunca ninguém neste mundo foi tão severo para comigo como você é!

– Você desperta isso em mim. Deixe-me sozinha. Tenha o bom senso de ficar quieta. De minha parte, vou deixá-la sossegada.

– Como se pudesse deixá-la em paz, quando é tão estranha e misteriosa!

– Como o mistério e estranheza são, totalmente, concepções do seu próprio cérebro, fantasias, nem mais nem menos. Faça-me o favor de me deixar em paz com elas.

– Mas, responda-me. Você é, realmente, alguém? – perseverou ela, empurrando sua mão, a despeito da minha vontade, para debaixo do meu braço, que eu pressionava contra o corpo para afastar a intrusa.

– Sim – disse eu. – A minha categoria sobe constantemente: comecei por dama de companhia de uma senhora de idade, depois fui preceptora de meninas e agora professora de inglês de uma escola.

– Não! Diga-me quem você é? Eu não vou dizer a ninguém – suplicou ela, agarrando-se com grotesca tenacidade a ideia ridícula de que eu era uma personagem incógnita e apertava o meu braço, do qual ela já tinha obtido a plena posse, e adulava-me e pedia-me até que fui obrigada a fazer uma pausa no parque para rir. Ao longo de nossa caminhada, ela desenvolveu mil fantasiosas teses sobre este tema, provando, por sua credulidade ou incredulidade obstinada, a sua incapacidade de conceber que uma pessoa não auxiliada pelo berço ou riqueza, não apoiada pelo nome ou relações, poderia manter uma atitude de razoável integridade. Quanto a mim, bastava para a minha tranquilidade mental ser conhecida onde importava que eu assim fosse; o resto: genealogia, posição social, cultura intelectual ocupavam o mesmo espaço nos meus interesses e pensamentos, pois eles eram meus inquilinos de terceira classe – a quem eu só podia destinar a pequena saleta e o quatinho dos fundos; ainda que a sala de visita e de jantar estivessem vazias, eu nunca lhes confessaria, pois considerava as acomodações inferiores

mais adequadas às suas circunstâncias. O mundo, logo aprendi, tinha opinião diferente, e eu não duvidava de que ele tinha certa razão no seu ponto de vista, mas, ainda acreditava, contudo, que eu não estava completamente errada.

Há pessoas a quem uma posição inferior degrada moralmente, para quem a falta de relações equivale à falta do respeito próprio. Não estão estas pessoas justificadas por atribuírem maior valor àquela categoria social e àquelas relações que são a salvaguarda contra a humilhação? Se um homem sente que se tornaria desprezível aos seus próprios olhos, se soubesse que os seus antepassados eram simples plebeus e não fidalgos, pobres e não ricos; trabalhadores e não capitalistas; seria justo censurá-lo severamente por esconder estes fatos prejudiciais, por se sobressaltar, tremer, acovardar perante a ameaça de exposição pública? Quanto mais vivemos, mais a nossa experiência se amplia; menos propensos nos sentimos a julgar a conduta do nosso vizinho, para questionar a insensatez ou a sabedoria do mundo. Onde quer que se encontre uma acumulação de pequenas defesas, seja em torno da virtude de uma mulher ou respeitabilidade de um homem de sociedade, é que o bom senso é necessário.

Chegamos ao Hotel Crécy. Paulina estava pronta e com ela encontramos a senhora Bretton. Com ela, e, sob a escolta do conde De Bassompierre, fomos conduzidas para o lugar da reunião e sentadas em bons lugares, numa distância conveniente da tribuna. Os rapazes do *Athénée* estavam enfileirados diante de nós, os jovens príncipes, com seus tutores, ocupavam lugares de destaque e o corpo do edifício estava lotado com a aristocracia e os principais burgueses da cidade.

Sobre a identidade do professor que devia pronunciar o discurso, ninguém tinha pensado ainda nem feito quaisquer suposições. Esperava com alguma expectativa que se levantaria um sábio para proferir um discurso formal, metade de dogmatismo aos atenienses, metade bajulação aos príncipes.

A Tribuna, vazia ainda quando entramos, dez minutos depois estava cheia. De repente, em um segundo, uma cabeça, um peito, uns braços cresceram acima do recinto carmesim. Eu conhecia aquela cabeça: a sua cor, a forma, o porte, tudo nele me era familiar, bem como a Miss Fanshawe; aquele cabelo preto, a testa pálida e ampla, os olhos azuis e fulgurantes eram pormenores tão conhecidos da nossa memória e tão ligados a tantas

associações e extravagâncias, que o seu aparecimento nos fez rir. Na verdade, eu confesso, da minha parte, que eu me vi forçada a fazer uso do lenço e de um véu descido sobre o rosto, os únicos confidentes da minha alegria.

Creio que fiquei satisfeita por ver *Monsieur* Paul. Era agradável contemplá-lo ali, impetuoso e franco; sombrio e cândido; colérico e destemido como se estivesse em seu estrado em sala de aula. A sua presença foi uma surpresa e tanto! Eu não tinha pensado que ele poderia estar ali, embora eu soubesse que ele ocupava a cadeira de literatura daquela universidade. Com ele sobre a tribuna, eu tinha certeza de que não estávamos fadados ao formalismo, nem à bajulação. Contudo, para o que nos foi concedido, para o que foi derramado subitamente sobre nossas cabeças, eu mesma não estava preparada.

Ele se dirigia aos príncipes, aos nobres, aos magistrados e aos burgueses, exatamente com a mesma facilidade e desenvoltura, quase com a mesma seriedade e vigor colérico, com os quais ele estava acostumado a arengar as três divisões da *rue* Fossette. Aos alunos, ele se dirigiu não como estudantes, mas como futuros cidadãos e patriotas em embrião. Os tempos que, desde então, vieram para a Europa, não tinham sido profetizados e o espírito de *Monsieur* Paul Emanuel parecia novo para mim. Quem teria pensado que sobre o solo fértil de *Labassecour* poderia conter convicções políticas e sentimentos nacionais, como os que ali agora estavam fortemente expressos? Do teor das suas opiniões, eu não preciso fazer nenhuma menção especial. Contudo, devo mencionar que eu acreditava no que ele falava e, mesmo com toda a severidade com a qual se expressava, estava sendo sensato. Espezinhava teorias utópicas; repelia com ironia sonhos e fantasias, mas quando encarava a tirania, então, acendia em seus olhos uma luz que valia a pena ver; e quando falava da injustiça, a sua voz não era incerta, antes me fazia lembrar dos clarins que vibravam à noitinha no crepúsculo do parque.

Não acho que o público, de modo geral, fosse suscetível de compartilhar daquela chama em sua pureza, mas alguns dos jovens da faculdade se entusiasmaram, quando ele lhes disse, eloquentemente, qual devia ser seu caminho e o esforço no futuro do seu país e da Europa. Quando concluiu o seu discurso, aplaudiram-no longamente e de forma vibrante. Com todo o seu mau gênio e ferocidade, ainda era o professor favorito.

Quando o nosso grupo saía do vestíbulo, ele estava à porta. Viu-me,

reconheceu-me e levantou o seu chapéu. Em seguida, aproximou-se e estendeu-me a mão, ao mesmo tempo em que pronunciou as palavras: – *Qu'en dites vous?*[\[260\]](#) Atitude que lhe era peculiar, pois mesmo naquele momento de triunfo, aquela inquietação curiosa, causada pela ausência do desejável autocontrole, que estava entre seus defeitos, era notada.

Naquela altura, ele não deveria ter se importado com o que eu ou qualquer pessoa pensava. Parecia, porém, preocupar-se com isso e era muito autêntico e impulsivo para reprimir o seu desejo. Bem! Se eu censurava a sua ânsia, gostava da sua ingenuidade. Eu gostaria de tê-lo elogiado: o meu coração estava cheio de louvores. Os lábios, porém – ai de mim! – vazios de palavras. Quem tem as palavras no momento certo? Gaguejei algumas frouxas expressões e me senti, verdadeiramente, feliz quando outras pessoas aproximaram-se com profusas felicitações, suprindo, dessa forma, a minha deficiência e incapacidade.

Um cavalheiro o apresentou ao senhor De Bassompierre e o conde, que igualmente o apreciara muito, pediu-lhe para que juntasse aos seus amigos (na sua maior parte semelhantes a *Monsieur* Paul Emanuel) e jantasse com eles no Hotel Crécy. No entanto, ele recusou o jantar, pois era um pouco tímido perante aos ricos. Havia uma força de vigorosa independência na estrutura de seus nervos, que, para mim, era agradável ir descobrindo, à medida que eu ia conhecendo melhor o seu caráter. Prometeu, no entanto, passar por lá com o seu amigo, M. A – um acadêmico francês – no decorrer da noite.

No jantar daquela noite, Genevra e Paulina estavam belas, cada uma no seu gênero. A primeira sobressaía, talvez, em encantos materiais, mas a segunda a sobrepunha em atrativos mais sutis e espirituais: em brilho e eloquência no olhar, graça de semblante e variedade de expressão. O vestido de Genevra, vermelho-escuro, fazia sobressair os seus cachos claros e harmonizava com a sua face rosada como a de uma flor. O traje de Paulina, claro e de corte mais sóbrio, porém, impecavelmente na moda, chamava a atenção, pois destacava a terna profundidade dos seus olhos, a delicadeza de sua pele e a generosa massa castanha de seus cabelos, mais escuros do que os da prima, assim como as sobrancelhas, cílios e olhos de íris grandes.

A natureza havia traçado todos estes detalhes com mãos descuidadas, no caso de Miss Fanshawe. Já no de Miss De Bassompierre, trabalhara com delicado esmero.

Paulina estava muito assustada pela presença dos sábios, mas não ao ponto de se emudecer. Ela conversou com modéstia, timidez, porém, sem esforço, demonstrando a sua doçura e suavidade com um bom senso tão fino e penetrante, que o pai, por mais de uma vez, suspendeu o seu próprio discurso para ouvi-la e fixá-la com seus olhos de prazer e orgulho. Fora um francês por nome M. Z – um homem muito culto e delicado – que a tinha feito falar. Eu fiquei encantada com o seu francês, pois era impecável. Não cometera nenhum erro: a estrutura da frase era correta, as expressões idiomáticas perfeitas e a sua pronúncia pura. Genevra, que vivera a metade de sua vida no continente, não poderia fazer nada parecido. Mesmo que fosse correto dizer que as palavras jamais faltassem à boca de Miss Fanshawe, todavia nunca possuía a precisão e a pureza que Paulina possuía, nem jamais as adquiririam. Aqui, também, o senhor De Bassompierre ficou satisfeito, pois, em questão de idiomas ele era bastante exigente.

Havia, contudo, outro auditor e observador; alguém que, detido por algumas exigências de sua profissão, havia chegado tarde para o jantar. Ambas as moças eram discretamente observadas pelo doutor Bretton no momento de tomar o seu lugar à mesa e essa discreta observação repetiu-se mais de uma vez.

A sua chegada despertou Miss Fanshawe, que até então parecia apática. Tornou-se imediatamente sorridente e complacente, conversou – embora o que dissesse fosse raramente a propósito, ou melhor, era um pouco abaixo do padrão geral da conversa. A sua tagarelice ligeira e desconexa podia outrora ter agradado Graham; talvez, afinal, ainda lhe agradasse; talvez fosse apenas a minha fantasia que me sugeria que, enquanto os seus olhos e ouvidos estavam ocupados, o seu gosto requintado, a sua inteligência tão viva não eram consultados e deleitados da mesma forma. O certo é que, por mais exigentemente que a sua atenção fosse solicitada, ele cedia, cortês, ao que lhe era pedido. Os seus modos não mostravam melindre nem frieza. Genevra estava ao seu lado e a ela se limitou, quase exclusivamente, a sua atenção durante o jantar. Ela parecia muito satisfeita e passou à sala de visitas na melhor disposição.

No entanto, tão logo chegamos àquele lugar de refúgio, novamente ela se mostrou enfadada e distraída. Atirando-se em um sofá, ela declarou que os discursos e o jantar tinham sido estúpidos e perguntou à prima como ela conseguia ouvir semelhante conjunto de prosaicos *gros-bonnets*,[\[261\]](#) como

os que o pai reunira à sua volta naquela noite. No momento em que ouvimos os cavalheiros se levantarem, a sua maledicência cessou. Levantou-se, correu para o piano e atirou-se a ele com furor. O doutor Bretton, que foi um dos primeiros a entrar, instalou-se ao lado dela. Eu pensei, contudo, que ele não se manteria ali por muito tempo. Havia outro lugar, perto da lareira, para onde eu esperava vê-lo atraído. Ele, porém, limitou-se a observar esse lugar, enquanto olhava outros se aproximarem. A graça e a mente de Paulina encantavam aqueles franceses circunspectos. A sua beleza delicada, a afabilidade de seus modos, o seu tato inato, se bem que ainda imaturo, satisfaziam o gosto nacional. Juntaram-se à sua volta, não, na verdade, para falar de ciência, o que a teria emudecido, mas para abordar vários assuntos de letras, artes, vida real, sobre os quais logo tornou-se evidente que ela havia lido e refletido. Eu escutava. Tenho certeza de que, embora Graham estivesse distante, escutava também: o seu ouvido, como a sua visão, era muito bom, rápido e distinto. Eu sabia que ele seguia a conversa. Sentia que o modo em que esta era mantida lhe agradava extremamente.

Havia em Paulina muito mais vigor de sentimento e de caráter do que a maioria das pessoas pensava, do que o próprio Graham imaginava, do que ela jamais haveria de mostrar àqueles que não desejavam vê-la. Para falar a verdade, leitor, não há beleza perfeita; graça completa; gentileza duradoura, sem força igualmente perfeita; igualmente completa e igualmente duradoura. Procurar encantos duradouros num caráter fraco e frouxo é como procurar bons frutos e flores em uma árvore sem raízes e sem seiva. Por um instante, a aparência da beleza pode florir, contudo, de natureza frágil, não suportaria uma rajada, pois, em breve murcharia, mesmo num solo sereno. Graham teria estremecido, se algum espírito sugestivo lhe tivesse segredado dos nervos e da força que sustinham aquela natureza delicada. Todavia eu, que a conheci criança, sabia ou adivinhava porque boas e fortes raízes e as suas graças se seguravam ao firme solo da realidade.

Enquanto o doutor Bretton ouvia e esperava uma abertura no círculo mágico, o seu olhar inquieto, que percorria a sala de vez em quando, parou por acaso em mim, que estava sentada em um canto, tranquila, não muito longe da minha madrinha e do senhor De Bassompierre. Graham sorriu, atravessou a sala, perguntou como eu me sentia e disse-me que eu estava pálida. Eu também sorri com o meu próprio pensamento: havia cerca de três meses, desde que ele tinha me falado pela última vez – um lapso de tempo de

que ele não parecia ter consciência. Sentou-se e ficou em silêncio. O seu desejo era olhar e não conversar. Ginevra e Paulina estavam, agora, em frente a ele, podia olhar as duas e observá-las e foi o que ele fez.

Vários novos convidados, senhoras e cavalheiros, tinham entrado na sala depois do jantar. Eu já tinha notado, entre os cavalheiros, uma silhueta conhecida, severa, professoral, afastada em um salão anterior. *Monsieur* Paul Emanuel conhecia muitos dos cavalheiros presentes, mas era estranho às senhoras, com exceção de mim. Ao olhar para a lareira, não pôde deixar de me ver e, naturalmente, fez um movimento para se aproximar; vendo, no entanto, que o doutor Bretton também se encontrava ali, mudou de ideia e permaneceu onde estava. Se tivesse sido apenas isso, não haveria nada a dizer, porém, não satisfeito com mudar de ideia, franziu as sobrancelhas, projetou o lábio e ficou tão feio que eu desviei os olhos do espetáculo desagradável. *Monsieur* Joseph Emanuel, que havia chegado também com o seu austero irmão, neste momento, substituía Ginevra ao piano. Que mão de mestre sucedeu o martelar colegial! Com que sons grandiosos e agradáveis o instrumento reconheceu a mão do verdadeiro artista!

– Lucy – começou o doutor Bretton quebrando o silêncio e sorrindo quando Ginevra caminhou à sua frente, lançando-lhe um olhar de relance –, Miss Fanshawe é, sem dúvida, uma jovem bonita.

– Claro – concordei.

– Haverá outra na sala – prosseguiu ele – tão linda?

– Creio que não há outra tão bonita.

– Concordo com você, Lucy. Nós temos muitas vezes a mesma opinião, o mesmo gosto ou, pelo menos, o mesmo juízo.

– Será? – perguntei um pouco duvidosa.

– Creio que, se a Lucy fosse um rapaz, em vez de uma moça; um afilhado da minha mãe em vez de sua afilhada, teríamos sido bons amigos. As nossas opiniões teriam se fundido uma na outra – disse ele assumindo um ar de garoto brincalhão. Uma luz meio doce, meio irônica brilhava em seus olhos. “Ah, Graham! Tenho perdido mais de um momento solitário em pensamentos e cálculos sobre a sua apreciação de Lucy Snowe. Seria ela amável e justa? Se Lucy fosse intrinsecamente a mesma, mas possuísse as vantagens adicionais da fortuna, da beleza e da categoria social, a sua atitude para com ela, o valor que lhe atribui seriam os mesmos? Contudo, com estas perguntas eu não queria seriamente lhe inferir culpa. Não podia me

entristecer e me incomodar, por vezes, mas o meu temperamento era facilmente propício à tristeza e à perturbação – bastasse que uma nuvem atravessasse o sol. Talvez, Graham, aos olhos da severa equidade, eu estivesse mais em falta do que você, meu caro!”

Tentando, então, reprimir a dor razoável que me pungia o coração, a ser assim forçada a sentir que, enquanto Graham podia dedicar aos outros, o mais grave e sério interesse – interesse viril – tinha apenas para Lucy, a amiga dos velhos tempos, um leve ar zombeteiro, perguntei, calmamente: – Em que ponto nós estamos tão completamente de acordo?

– Ambos temos a faculdade da observação. Você, talvez, não acredite que eu possua este atributo, mas posso lhe garantir que sim.

– Mas, estávamos falando de gostos. Podemos ver os mesmos objetos, porém, estimá-los de forma diferente.

– Vamos tirar a prova. Claro, você não pode deixar de prestar homenagem aos méritos de Miss Fanshawe. Diga-me, agora, o que você pensa das outras pessoas na sala? Da minha mãe, por exemplo, ou para além dela, os *Messieurs A...* e *Z...*, ou ainda, digamos, daquela mocinha pálida, a Miss De Bassompierre?

– Você bem sabe o que eu penso de sua mãe. E eu não penso nada de *Messieurs A...* e *Z...*

– E a outra?

– Penso o que ela é – como você diz –, uma mocinha pálida. Pálida, certamente, só agora, pois está cansada.

– Você não se lembra dela quando criança?

– Pergunto-me, às vezes, como o doutor John se lembrará.

– Tinha me esquecido dela... mas, é curioso como fatos, pessoas, até palavras e olhares, que tinham desaparecido da nossa memória, podem reviver sob certas condições, certas disposições da nossa mente ou de outra pessoa.

– É possível.

– No entanto – continuou ele, – a reminiscência é imperfeita, necessita de confirmação, compartilha tanto da natureza obscura de um sonho ou do caráter vago da imaginação que se torna necessária a confirmação de uma testemunha. A Lucy não estava em Breton há dez anos quando o senhor Home trouxe sua menina, a quem, então, chamávamos de Polly, para ficar com a mamãe?

– Estava lá na noite em que ela chegou e também na manhã em que ela partiu.

– Ela era uma criança bastante estranha, não era? Eu já não me lembro de como a tratava. Eu gostava de crianças nesse tempo? Havia em mim, no estudante imprudente e inquieto que eu era, alguma coisa de amável? Mas, a Lucy não se lembra de mim, é claro?

– Você já viu a sua própria imagem no *La Terrasse*? Em forma, era exatamente daquele jeito. Nos modos, era ontem quase o que é hoje.

– Mas, como eu era então, Lucy? Esse oráculo realmente aguça a minha curiosidade. Como sou hoje? Como eu era há dez?

– Afável para aquilo que lhe agradava, mas nunca foi cruel e maldoso em nada.

– Nisso você está enganada. Creio que, com você, por exemplo, eu era quase um bruto.

– Bruto? Não, Graham! Eu seria incapaz de suportar pacientemente a brutalidade.

– Disso, no entanto, eu me lembro bem: a calma Lucy Snowe nunca recebeu as minhas amabilidades.

– Nem tão pouco as suas crueldades.

– Ora, é natural. Ainda que eu tivesse sido o próprio Nero, eu não poderia ter torturado um ser inofensivo como uma sombra.

Eu sorri, mas também reprimi um gemido. Oh! Por que ele não me deixava em paz; não parava de aludir-se a mim? Eu não queria aqueles epítetos: a sua “calma Lucy Snowe,” a sua “sombra inofensiva”; eu as devolvia a ele e às suas lembranças. Não com sarcasmo, mas com extremo aborrecimento, pois esses termos tinham a frieza e o peso do chumbo. Que ele não mais me oprimisse com semelhante carga. Felizmente, em breve, ele mudou para outro tema.

– Em que condições eu e Polly nos dávamos? A menos que minhas lembranças estejam enganadas, não fomos inimigos...

– Fala muito vagamente. Você pensa que a memória de Polly não é mais nítida?

– Oh! Agora não a tratamos mais de Polly. Diga Miss De Bassompierre, por favor. E, é claro, essa personagem tão imponente e majestosa não se lembra nada de Bretton. Olhe para aqueles grandes olhos, Lucy. Acha que poderão ler uma palavra na página da memória? São os

mesmos que eu costumava direcionar para uma cartilha? Ela não sabe que fui eu, em parte, que lhe ensinou a ler?

– Na Bíblia, nas noites de domingo – respondi.

– Tem agora um perfil calmo, delicado e bastante fino. No passado, tinha um semblante inquieto e ansioso. O que significam as preferências de uma criança? Nada! São como bolhas de sabão! Será que você acredita que aquela senhora gostava de mim?

– Creio que, com efeito, de certo modo, ela apreciava você – disse eu, moderadamente.

– Você se lembra, então? Eu tinha me esquecido, mas agora me lembrei completamente. Não havia ninguém em Bretton que ela gostasse tanto quanto de mim.

– Oh Graham, pelo menos, assim julgávamos.

– Lembro-me, claramente, de tudo e gostaria de dizer isso a ela agora mesmo. Será que Lucy se incomodaria de ir até lá e sussurrar-lhe no ouvido que eu desejo lhe contar tudo o que eu me lembrei? Eu poderia ter esse prazer, Lucy? Eu ficaria aqui sentado e observaria o seu olhar. Você poderia lidar com isso, Lucy? Seria grato a você para sempre.

– Se eu poderia torná-lo grato para sempre? – perguntei eu e me calei. Não, eu não podia. E eu senti os meus dedos trabalhando freneticamente e as minhas mãos se enlaçarem. Senti, também, uma coragem interior, calorosa e resistente. Neste assunto eu não estava disposta a satisfazer o doutor Bretton. Não, de modo nenhum! Com uma força agora bem-vinda compreendi a sua incompreensão a respeito do meu caráter e natureza. Ele queria me dar sempre um papel que não era meu. O meu temperamento e eu nos opomos contra ele. Ele não lia nos meus olhos, ou face, ou nos gestos, embora, não tenho dúvida, todos eles falassem. Inclinando-se para mim, persuasivo, ele me disse, baixinho: – Faça a minha vontade, Lucy.

E eu teria feito a sua vontade, ou, pelo menos, teria claramente esclarecido ou lhe ensinado a não esperar mais de mim para esse ofício de criada obsequiosa num drama de amor, quando, na sequência do seu brando, ansioso e suplicante murmúrio, um grito estridente feriu meu ouvido do outro lado.

– *Chatte douce, coquette!* – sibilou a súbita jibóia –, *Vous avez l'air bien triste, soumise, rêveuse, mais vous ne l'êtes pas: c'est moi qui vous le dis: is Sauvage! La flamme à l'âme, l'éclair aux yeux!* [262]

– *Oui, j’ai la flamme à l’âme, et jê dois l’avoir*[263] – retorqui, virando-me com justa cólera, porém o professor Paul Emanuel tinha dito o seu insulto e ido embora.

O pior foi que o doutor Bretton, cuja audição era excelente, como eu já tinha dito, ouviu cada palavra daquela apóstrofe. Ele colocou o lenço diante do rosto e riu às gargalhadas.

– Bem feito, Lucy! – disse ele. – Excelente! *Petite chatte, petite coquette!* Oh, eu tenho que contar para a minha mãe! É verdade, Lucy? Creio que sim, pois ficou da cor do vestido de Miss Fanshawe. E, palavra de honra, agora eu vejo que é o mesmo homem que estava tão furioso com você no concerto. É o mesmo! E agora está irritadíssimo porque ele me viu rindo. Oh! Devo provocá-lo.

E Graham, cedendo à sua inclinação para a maldade, riu, debochou, e segredou-me até que eu não suportasse mais e meus olhos se enchessem de lágrimas.

De repente, se acalmou. Surgiu um lugar vago perto de Miss De Bassompierre; o círculo em torno dela parecia prestes a se dissolver e este movimento não escapou aos olhos de Graham – sempre vigilante, mesmo enquanto ria. Levantou-se, encheu-se de coragem, atravessou a sala e não perdeu a oportunidade. Durante toda a sua vida, o doutor John foi um homem de sorte e de sucesso. E, por quê? Porque ele tinha olhos para enxergar as oportunidades, ousadia para agir a tempo e coragem para realizar um trabalho perfeito. Nenhuma paixão tirana o prendia; nenhum entusiasmo ou fraqueza impediam a sua caminhada. Assim se portou naquela noite. Quando Paulina ergueu os olhos, ele estava ao seu lado, seus olhares se encontraram, animados, ainda que modestos. Ao falar-lhe, ele corou. Na presença dela era um misto de coragem e timidez; submisso e discreto, contudo, decidido em seu propósito e dedicado em seu ardor. Vi tudo isso com um só olhar. Não prolonguei a minha observação – eu não tinha tempo e nem disposição. A noite avançava, era muito tarde e Ginevra e eu já deveríamos estar na *rue Fossette*. Levantei-me e despedi da minha madrinha e do senhor De Bassompierre.

Não sei se o professor Paul Emanuel tinha notado a maneira relutante com que eu havia aceitado as brincadeiras do doutor Bretton, ou, se ele havia percebido que eu estava triste e magoada e que, no geral, a noite não tinha sido um fluxo de prazer para “a volátil e amante dos prazeres *Mademoiselle*

Lucie”, como ele falava. Quando eu saía da sala, ele se aproximou e perguntou se eu tinha alguém que me acompanhasse à *rue* Fossette. A sua voz era delicada e muito diferente, falava educadamente e até mesmo com deferência, parecia implorativo e arrependido. No entanto, eu não podia reconhecer a sua delicadeza à primeira frase, nem satisfazer a sua contrição com esquecimento prematuro. Nunca, até então, eu me sentira seriamente disposta a guardar ressentimento da sua rudeza ou a gelar perante a sua ferocidade. O que ele tinha me dito naquela noite, no entanto, eu considerava inadmissível. Entendi que deveria marcar, ainda que levemente, a minha desaprovação em relação ao seu mau comportamento. Assim, me limitei a lhe responder:

– Tenho companhia.

O que era verdade, pois Genevra e eu deveríamos voltar para casa de carruagem e, dessa forma, passei por ele e fiz uma ligeira reverência com a qual ele estava acostumado a ser saudado em sala de pelas alunas que passavam pelo estrado.

Depois de ter ido buscar o meu xale, voltei para o vestíbulo. *Monsieur* Paul Emanuel encontrava-se ali à minha espera e, como se nada tivesse ocorrido, observou que a noite estava linda.

– É mesmo – respondi, num tom e com um modo, cuja sobriedade e frieza eu não podia deixar de aplaudir. Era tão raro poder agir segundo a minha própria vontade – a de ser reservada e fria –, quando eu tinha sido ferida, ofendida e magoada, que eu me sentia quase orgulhosa do esforço bem sucedido. Aquele “é mesmo” soava exatamente como os das outras pessoas. Eu tinha ouvido centenas de pequenas picadas semelhantes, secas, afetadas nos franzinos lábios de coral de muitas presunçosas e importantes *misses* e *mesdemoiselles*. Eu sabia que *Monsieur* Paul não suportaria qualquer experiência prolongada deste tipo de diálogo, mas eu sabia que ele, certamente, merecia uma amostra de laconismo e de censura. Creio que ele também pensava assim, porque aceitou a resposta em silêncio. Ele olhou para o meu xale e fez objeções à sua leveza. Eu, decididamente, lhe disse que era tão pesado quanto eu desejava. Afastando-me, encostei-me ao corrimão da escada, embrulhei-me com o xale e fixei os olhos em uma triste pintura religiosa que assombrava a parede.

Genevra demorava a chegar e parecia tediosa a sua demora. *Monsieur* Paul não saía do lugar. Os meus ouvidos esperavam, a qualquer momento,

um tom áspero vindo dos seus lábios. Ele aproximou-se. “Outro grito”, pensei. Se a atitude não fosse demasiada grosseira, eu teria tapado os meus ouvidos no terror da emoção. Porém, nada sucede como esperamos: esperei um grito, uma ameaça irada e recebi um murmúrio amigável, um sussurro amável. *Monsieur* Paul falou suavemente: – Os amigos – disse ele, – não se zangam por uma palavra. Diga-me, fui eu ou *ce grande fat d’Anglais* [264] (era assim que ele profanamente denominava o doutor Bretton) quem pôs os seus olhos tão úmidos e as suas faces tão quentes como estão agora?

– Não estou consciente de que *Monsieur* ou qualquer outra pessoa tenha provocado as emoções às quais se refere – foi a minha resposta, e, ao dá-la, mais uma vez, superei o meu modo habitual e consegui um tom falso e glacial.

– Mas, o que foi que eu disse? – continuou. – Diga-me? Eu estava zangado e me esqueci das minhas palavras. O que eu lhe disse para magoá-la tanto?

– O que *Monsieur* disse é melhor que esqueçamos – tornei eu, ainda mais calma e fria.

– Então foram as minhas palavras que a feriram? Faça de conta que eu não as disse. Permita-me que me retrate e perdoe-me.

– Não estou com raiva, *Monsieur*.

– Então, neste caso, está ainda pior que zangada, está ofendida e entristecida. Perdoe-me, Miss Lucy.

– Está perdoado, *Monsieur*.

– Deixe-me ouvi-la dizer na voz natural e não nesse tom estranho. Diga-me, por favor: *Mon ami, je vous pardonne.* [265]

Ele me fez sorrir. Quem poderia deixar de sorrir perante a sua candura, simplicidade e sinceridade?

– Bom – disse ele. – *Voilà que le jour va poindre! Dites donc, ‘mon ami’.* [266]

– *Monsieur Paul, je vous Pardonne.* [267]

– Não quero que diga *Monsieur*: Diga a outra palavra ou eu não acreditarei que esteja sendo sincera: mais um esforço, vá lá: *mon ami* ou então em inglês: *my friend!*

Ora *my friend* tinha som e um significado muito diferente de *mon ami*. Este tinha o sentimento de afeição íntima e doméstica. Eu não podia dizer a *Monsieur mon ami*. Contudo, eu podia e disse sem nenhuma dificuldade, *my*

friend. Esta distinção, contudo, não existia para ele que ficou bastante satisfeito com a frase inglesa. Sorriu. Deveria tê-lo visto sorrindo, leitor. Eu queria que visse a diferença entre o seu rosto meia hora antes e naquele momento. Não posso afirmar que eu, alguma vez, tivesse testemunhado um sorriso de prazer, contentamento ou amabilidade nos lábios e nos olhos de *Monsieur Paul*. A ironia, o sarcasmo, o desdém, eu os tinha visto exprimir centenas de vezes por aquilo que ele chamava de sorriso. No entanto, qualquer sinal de sentimentos mais suaves e calorosos me impressionava por ser inteiramente novo em seu rosto. Confesso que aquele sorriso o transformou. As suas feições haviam perdido as linhas profundas, deixando seus traços harmoniosos. A sua pele parecia mais suave e mais fresca, aquela cor lívida e trigueira, que denunciava seu sangue espanhol, deu lugar a uma tonalidade mais clara. Não creio ter visto alguma vez em qualquer outra face humana igual metamorfose produzida por semelhante causa. Acompanhou-me depois à carruagem, no mesmo momento em que o senhor De Bassompierre saía com sua sobrinha.

Miss Fanshawe estava de péssimo humor. Para ela a noite tinha sido um grande fracasso. Completamente transtornada, deu livre curso ao mais destemperado mau gênio tão logo entramos e fechamos a porta da carruagem.

As suas investidas contra o doutor Bretton tinham algo de venenoso. Tendo se sentido impotente para enfeitiçá-lo ou feri-lo, o ódio era o seu único recurso. E o exprimia em doses tão descomedidas e de tão monstruosas proporções que, depois de ouvi-la por um tempo com estoicismo assumido, o meu senso de justiça ultrajado, acabou por se incendiar. Seguiu-se uma explosão, porque eu também podia me encolerizar, especialmente com a minha formosa, porém defeituosa companheira desse momento, que nunca deixava de excitar o que havia de pior em mim. Ainda bem que as rodas da carruagem faziam um tremendo barulho sobre o pavimento pedregoso, pois posso garantir ao leitor que não havia silêncio, nem sequer uma calma discussão dentro do veículo. Quando estávamos quase chegando, fiz o possível para me acalmar e a Ginevra também. Ela havia saído furiosa da *rue Crécy* e era necessário domá-la antes de chegarmos à *rue Fossette*. Para isso, era indispensável mostrar o seu verdadeiro valor e os seus altos méritos. E isso deveria ser feito em uma linguagem, cuja veracidade e grosseria pudessem suportar comparação com as gentilezas de John Knox a uma Maria Stuart. Era essa a verdadeira disciplina para Ginevra; a que melhor lhe

convinha e com a qual se adaptara. Tenho a certeza de que ela foi para a cama naquela noite muito mais calma de espírito e de gênio e que dormiu ainda melhor por ter sofrido uma boa sova moral.

CAPÍTULO XXVIII

A Corrente do Relógio

Monsieur Paul Emanuel era dono de uma sensibilidade aguda e não podia suportar a interrupção de suas aulas, fosse qual fosse o motivo. Passar pela sua sala, nessas circunstâncias, era considerado, por professores e alunas, individual e coletivamente, como o equivalente à vida de uma mulher ou de uma jovem.

A própria Madame Beck, se tivesse essa necessidade, passava rapidamente, segurando as saias e, chegando-se cuidadosamente ao grande estrado, como um navio que teme os recifes. Quanto a Rosine, a porteira, que a cada meia hora cumpria o terrível dever de ir buscar as alunas e levá-las às diferentes salas para receberem lições de música no oratório, no salão grande ou pequeno, na sala de jantar ou qualquer lugar onde houvesse um piano, era um suplício. Ela costumava, à segunda ou terceira tentativa, ficar com a língua presa por excesso de consternação – um sentimento inspirado pelos olhares inclassificáveis que lhe eram lançados através de um par de óculos dardejantes.

Certa manhã, eu estava sentada no vestíbulo, ocupada com um bordado que uma das alunas tinha começado, mas tardava em acabar, e, enquanto os meus dedos trabalhavam no *bastidor*, meus ouvidos se deliciavam a escutar as cadências de uma voz discursando na sala vizinha, em tons que, momentaneamente, se tornavam mais violentos. Havia uma boa e forte parede divisória entre mim e a tempestade latente, bem como um meio fácil de fuga pela porta de vidro que dava para o pátio, caso ele se dirigisse para esse lado. Porém, aqueles sintomas ameaçadores me divertiam mais que alarmavam. A pobre Rosine não estava segura: quatro vezes naquela abençoada manhã tinha ela feito o caminho do perigo e, agora, pela quinta vez, era seu perigoso dever arrancar – como quem tira um ferro quente da fogueira – uma aluna da sala de *Monsieur* Paul.

– *Mon Dieu! Mon Dieu!* – gritava ela. – *Que vais-je devenir? Monsieur va me tuer, je suis sure; car il est d'une colère!*[\[268\]](#)

Enervada pela coragem que o desespero lhe dava, ela abriu a porta.

– *Mademoiselle La Salle au piano* – ela gritou.

Antes que ela pudesse bater em retirada, ou fechasse a porta, aquela voz elevou-se:

– *Dès ce moment, la classe est défendue. La première qui ouvrira cette porte, ou passera par cette division, sera pendue; fut-ce Madame Beck elle même!* [269]

Ainda não tinham passado dez minutos sobre a promulgação deste decreto, quando as pantufas francesas de Rosine foram novamente ouvidas ao longo do corredor.

– *Mademoiselle* – disse ela – eu não entro naquela sala nem por uma moeda de cinco francos. Os óculos de *Monsieur* são realmente terríveis, e aqui está um moço com uma mensagem do *Athénée*. Eu disse a Madame Beck que eu não me atrevia a entregá-lo e ela me disse que eu deveria encarregar *Mademoiselle* para entregá-lo.

– Eu? Não, isso não faz parte das minhas atribuições! Vamos, Rosine! Suporte o seu próprio fardo. Seja corajosa. Ataque mais uma vez!

– Eu, *Mademoiselle*? Impossível! Foram cinco vezes hoje. Madame deve, realmente, contratar um guarda para este serviço. Ufa! Eu não suporto mais!

– Ora! Isso é covardia. Qual é a mensagem?

– Precisamente do tipo com o qual *Monsieur* não gosta de ser incomodado: uma chamada urgente para ir diretamente para o *Athénée*, pois chegou um visitante oficial, um inspetor, eu não sei o quê, e *Monsieur* tem que ir recebê-lo. *Mademoiselle* sabe como ele odeia uma obrigação.

Sim, eu sabia muito bem. Aquele homem inquieto detestava esporas e freios; contra tudo o que fosse urgente ou obrigatório, era certo se revoltar. No entanto, aceitei a responsabilidade – não, certamente, sem receio, mas medo mesclado com outros sentimentos, curiosidade, entre eles. Abri a porta, entrei, fechei-a atrás de mim o mais rápido e silenciosamente que uma mão instável permitiria, pois ser lenta ou ruidosa, bater com o ferrolho ou deixar a porta aberta eram agravantes do crime, muitas vezes mais desastrosas em resultado do que o crime principal em si. Lá estava eu, portanto, de pé e ele sentado. O seu aspecto era visivelmente mau – quase o pior possível. Estava dando uma lição de aritmética – porque ele dava lições de toda e qualquer disciplina que lhe apetecesse – e esse assunto árido o deixava,

invariavelmente, maldisposto. Não havia uma única aluna que não tremesse quando ele falava em números.

Ele estava sentado, inclinado sobre sua mesa de trabalho. Não levantou os olhos perante a minha entrada, com a ocorrência de uma violação direta da sua vontade. Muito bem, assim ganhei tempo para caminhar até a frente da comprida sala, e era muito melhor que eu fosse ao encontro da explosão iminente da sua cólera do que suportar de longe a sua ameaça.

Parei à frente dele, junto do estrado. Claro que eu não era digna de atenção imediata: ele prosseguiu com sua lição. O desdém, porém, de nada lhe serviria, haveria de me ouvir e de responder à minha mensagem.

Como eu não era alta o suficiente para erguer a minha cabeça acima da mesa na qual ele estava, eu sofria assim o eclipse na minha posição atual, portanto, aventurei-me a espreitar em volta com a intenção, no primeiro momento, de apenas obter uma melhor visão de seu rosto, que se assemelhava, quando eu entrei, pitorescamente a um tigre negro e pálido. Duas vezes eu desfrutei desta visão lateral com impunidade, avançando e recuando quase invisível. Na terceira vez, mal os meus olhos tinham passado para além da obscuridade da mesa foram apanhados e paralisados pelas lunetas às quais Rosine havia mencionado. Estes utensílios tinham em si um branco e imutável terror, para além da ira móvel dos olhos do proprietário. Contudo, descobri, então, a vantagem da proximidade: aquelas lunetas para míopes eram inúteis para a inspeção de um criminoso sob o nariz de *Monsieur* e, conseqüentemente, ele tirou-as, e, portanto, estávamos em condições iguais.

Eu estava feliz por não ter, realmente, medo dele – por não sentir na sua presença o menor terror; por poder, quando ele pediu uma corda e uma forca, para executar a sentença pronunciada recentemente, fornecer-lhe um pedaço de linha de bordar, com tal cortesia que, pelo menos, uma parte da sua excessiva irritação se dissipou. É claro que eu não pratiquei esse ato de cortesia à vista de toda a classe: eu simplesmente passei a linha pelo ângulo da mesa e a amarrei, já com a respectiva laçada, às costas da cadeira do professor.

– O que você quer? – perguntou ele em um grunhido, cuja música estava totalmente confinada à sua garganta e ao tórax, pois ele mantinha seus dentes cerrados e parecia ter feito um voto interior de que nada neste mundo lhe arrancaria um sorriso.

A minha resposta começou intransigente e à vontade: – *Monsieur* – disse eu, – *je veux l'impossible des choses inouïes*^[270] e, pensando melhor não ficar com rodeios, dei rapidamente e, em voz baixa, o recado do *Athénée* exagerando, floridamente, na sua urgência.

É claro que ele não queria ouvir uma única palavra. Ele não iria, não deixaria a sua sala, nem que todos os funcionários de *Villette* o mandassem chamar. Não se desviaria um centímetro do seu caminho, nem sob a ordem do rei, do ministério ou das câmaras, juntos.

Eu sabia, no entanto, que ele tinha que ir; que, por mais que protestasse, tanto o seu interesse quanto o seu dever exigiam que fosse. Fiquei ali, portanto, esperando em silêncio, como se ele ainda não tivesse falado. Ele perguntou o que mais eu queria.

– Somente uma resposta de *Monsieur* para entregar ao comissário.

Ele acenou com uma negativa impaciente.

Aventurei-me a esticar a minha mão para o *bonnet-grec*, que estava em repouso no peitoril da janela. Ele seguiu este movimento ousado com o olhar, sem dúvida, com um misto de espanto e de piedade pela minha presunção.

– Ah! – murmurou ele; se eu cheguei àquele ponto, se Miss Lucy se metia com o seu *bonnet-grec*, podia, simplesmente, colocá-lo em si mesma, fingir ser um garçom e ir ao *Athénée* em seu lugar.

Com grande respeito, eu coloquei o *bonnet-grec* sobre a mesa, onde o seu pendão parecia acenar-me sinistramente.

– Eu vou escrever uma nota de pedido de desculpas e isso bastará – disse ele, ainda inclinado para a evasão.

Sabendo bem que aquilo não bastaria, empurrei devagarzinho o *bonnet-grec* para a sua mão. Assim, impelido, deslizou pela rampa polida da mesa envernizada e sem baeta, levou para frente as “lunetas” de aros de aço e – coisa horrível – ambos caíram sobre o estrado. Dezenas de vezes eu as tinha visto cair sem sofrerem nenhum dano. Desta vez, como a sorte infeliz de Lucy Snowe, os dois vidros transparentes se transformaram numa estrela estilhaçada e disforme.

Então, de fato, apoderou-se de mim o desânimo e o arrependimento. Eu sabia o valor daqueles óculos. A visão de *Monsieur* Paul era muito especial nem todos os óculos lhe serviam. Aqueles, porém, lhe convinham. Várias vezes eu tinha ouvido falar deles como seus tesouros. Ao apanhá-los, rachados e inúteis, a minha mão tremia. Ao ver a maldade que eu tinha feito,

todos os meus nervos vibravam, mas creio que mais por pena do que medo. Por alguns segundos eu não ousei olhar para o professor desolado. Contudo, foi ele o primeiro a falar.

– Là – disse ele – *me voilà veuf de mês lunettes!*[271] Creio que *Mademoiselle* Lucy confessará, agora, que a corda e a força são amplamente merecidas; ela já treme em antecipação de sua condenação. Ah, traidora! Traidora! Está decidida a me ter completamente cego e indefeso em suas mãos!

Ergui meus olhos. O seu rosto, em vez de irado e ameaçador, transbordava com um sorriso como o que eu vira na outra noite no Hotel Crécy. Ele não estava zangado nem mesmo triste. Para aquela ofensa real, mostrava-se cheio de clemência; sobre aquela verdadeira provocação, paciente como um santo. Aquele desastrado acontecimento – que eu julgava ter arruinado imediatamente a minha chance de persuasão – veio, afinal, em meu auxílio. Difícil de abordar, uma vez que eu não tinha feito nenhum mal a ele, tornou-se graciosamente complacente, logo que eu fiquei na sua presença como delinquente confessa e contrita.

Ainda troçando delicadamente de mim como “*une femme forte, une Anglaise terrible, une petite casse-croûte*”,[272] ele declarava que não se atrevia a desobedecer a quem tinha dado tal exemplo de suas perigosas façanhas; era absolutamente como o “*grand Empereur*”,[273] estilhaçando o vaso para inspirar receio. Então, finalmente, coroando-se com seu *bonnet-grec* e tirando-se das mãos os óculos arruinados – com um ar bondoso de perdão e encorajamento, fez a sua vênia e partiu para o *Athénée* com a melhor das disposições.

Afinal, depois de toda essa amabilidade, o leitor lamentará ouvir dizer que discuti de novo com *Monsieur* Paul antes da noite desse dia. Contudo, foi assim, e eu não pude evitar.

Era seu costume ocasional – costume muito louvável e proveitoso – chegar de vez em quando, à noite, sempre sem prevenir e sem se fazer anunciar, irromper pelo refeitório, durante a hora do estudo, estabelecer um súbito despotismo sobre nós e nossas ocupações, mandar pôr de lado os livros e desviar os sacos de costura e, com base em um único grande volume, ou de um punhado de panfletos, substituir a enfadonha *lecture pieuse* balbuciada por uma aluna sonolenta, por uma tragédia tornada grandiosa por sua voz ardente pela ação de sua ferosa dicção – um drama a que, de minha parte,

nunca estudei o mérito intrínseco, porque *Monsieur* Emanuel o transformava em um recipiente em que vazava a sua sensibilidade e o enchia com a sua verve e paixão naturais, como se enche a taça com uma bebida vital. Ou, então, ele fazia brilhar na nossa escuridão conventual o reflexo de um mundo mais brilhante, dando-nos um vislumbre da literatura corrente da época, lendo para nós trechos de algum conto encantador ou do último folhetim espirituoso que tinha despertado o riso nos salões de Paris, tendo sempre o cuidado de expurgar, com a mais severa mão, da tragédia ou do melodrama, do conto ou do ensaio, qualquer passagem, palavra ou frase que pudesse ser considerada inadequada para um público de *jeunes filles*. Eu notei, mais de uma vez, que, sempre que um corte pudesse tornar o sentido incompreensível, ele improvisava parágrafos inteiros, não menos vigorosos e irrepreensíveis. O diálogo ou a descrição que ele enxertava eram, muitas vezes, melhores do que os que ele suprimia.

Bem, na noite em questão, estávamos sentadas em silêncio como freiras em um retiro: as alunas estudando e as professoras trabalhando. Lembro-me do meu trabalho: era um pequeno utensílio que me interessava bastante. Ele tinha um propósito, eu não o fazia apenas para matar o tempo; tencionava oferecê-lo de presente depois de pronto e, como a data da oferta se aproximava, era necessário me apressar e os meus dedos estavam ocupados.

Ouvimos o forte tocar da campainha que todas nós conhecíamos muito bem; em seguida, o passo rápido e também familiar a cada ouvido. As palavras: *voilà Monsieur* mal tinham saído simultaneamente de todos os lábios, quando a porta estremeceu, como sempre estremeceu quando ele entrava (a palavra abrir seria ineficiente para descrever os seus movimentos), e ele surgiu no meio de nós.

Havia duas mesas de estudo, ambas longas e ladeadas por bancos; ao centro de cada uma, pendia um candeeiro, e, sob este, de cada lado da mesa, sentava-se uma professora. As meninas estavam dispostas à esquerda e à direita; as mais velhas e as mais estudiosas mais próximas da luz; as mais preguiçosas e as menores, nos pólos norte e sul. O hábito de *Monsieur* era entregar, educadamente, uma cadeira a alguma professora, geralmente Zélie St. Pierre, a mais antiga, depois tomar o seu assento desocupado e, assim, valer-se do feixe de luz de que tinha necessidade, devido à sua fraca visão.

Como de costume, Zélie levantou-se com entusiasmo, sorrindo de orelha a orelha, exibindo uma fileira de dentes superiores e inferiores – esse

estranho sorriso era marcado apenas por uma curva acentuada e fina, que não se espalhava sobre o rosto, não fazia covinhas, nem enrugava as faces e muito menos levava brilho aos olhos. Acho que *Monsieur* não a viu, ou ele tinha tomado um capricho de não notá-la, pois ele era tão caprichoso como dizem as mulheres. Depois as “lunetas” (ele tinha outro par) lhe serviam como desculpas para todos os tipos de pequenas faltas e omissões. Fosse qual fosse a razão, o certo é que passou por Zélie e veio para o outro lado da mesa e, antes que eu pudesse levantar para lhe abrir caminho, disse-me sussurrando: – *Ne bougez pás* [274] – e se instalou entre mim e Miss Fanshawe, que estava sempre ao meu lado, por mais que lhe dissesse: – Ah, Genevra, quem me dera vê-la em Jericó.

Era fácil dizer: “*Ne bougez pas*”, mas quem poderia evitá-lo? Eu tinha que abrir espaço para ele e pedir às alunas que recuassem um pouco para que eu também pudesse recuar. Era bem verdade que Genevra estivesse sempre colada em mim – para se aquecer –, como ela dizia nas noites de inverno, massacrando-me com os seus encontrões a ponto de me obrigar, por vezes, a ocultar um alfinete na minha cintura como meio de proteção contra o seu cotovelo. Como eu suponha que *Monsieur* Emanuel não devia ser submetido ao mesmo tipo de tratamento, afastei o meu material de trabalho para abrir espaço para o seu livro e eu mesma me afastei para dar lugar à sua pessoa; não deixando, contudo, mais de um metro de intervalo, exatamente o que qualquer homem razoável teria considerado conveniente e respeitoso a manter num banco. Mas, *Monsieur* Emanuel nunca era razoável: pederneira e isca, eis o que ele era! Imediatamente saltou a faísca e ele incendiou-se:

– *Vous ne voulez pas de moi pour voisin?* – ele rosnou: – *Vous vous donnez ares de caste; vous me traitez em paria?* – ele fez uma careta –, *Soit! Je vais arranger la chose?*[275] – e ele começou a trabalhar.

– *Levez vous toutes, Mesdemoiselles!*[276] – gritou ele.

As meninas se levantaram, imediatamente, e ele as colocou em fila e as fez seguir para outra mesa. Ele, então, me colocou em uma extremidade do longo banco e, depois de ter levado para mim, cuidadosamente, o cesto de costura, a seda, a tesoura e todos os meus utensílios, instalou-se na outra extremidade.

Diante desse arranjo – por mais absurdo que fosse – nenhuma alma na sala se atreveu a rir. Ai da infeliz que tivesse ousado! Quanto a mim, aceitei aquilo com a mais absoluta frieza. Lá fiquei sentada e isolada do convívio

humano pensando em meu trabalho, calada, mas não de todo infeliz.

– *Est-ce assez distânce?*[277] – perguntou ele.

– *Monsieur em este l’arbitre* [278] – respondi.

– *Vous savez bien que non. C’est vous qui avez créé ce vide immense: moi je n’y ai pas la mis la main!* [279]

E, com esta afirmação, começou a leitura.

Para seu azar, havia escolhido uma tradução francesa do que ele chamou de “*un drame de Williams Shackspire, le faux dieu*”, e anunciou ainda, “*de ces sots païens, les Anglais.*[280] Se não fosse tão má a sua disposição, não preciso dizer que o teria classificado de um modo completamente diferente.

Era claro que a tradução francesa era ineficiente e eu não fiz nenhum esforço especial para ocultar o desprezo que alguns de seus lapsos infelizes provocavam. Não que eu dissesse o que quer que fosse, mas podemos, ocasionalmente, aparentar com olhares uma opinião que não pode ser exprimida em palavras. Como os óculos de *Monsieur* estavam em alerta, ele observou, de soslaio, todos os meus olhares, creio que não perdeu um único sequer. A consequência foi que seus olhos logo descartaram o guarda-chama, a fim de que o fogo se espalhasse livremente, e ele ficou mais quente no pólo norte, para onde se tinha voluntariamente exilado, do que seria considerado razoável em virtude da temperatura geral da sala.

Acabada a leitura, não sabia se ele partiria sem expressar a sua raiva ou se lhe daria livre curso. A primeira hipótese não era de seu hábito, contudo, o que lhe tinham feito para que ele se censurasse? Eu não tinha pronunciado um único som e não podia ser, com justiça, considerada passível de uma reprimenda ou penalidade por ter permitido uma ação mais livre do que de costume aos músculos dos olhos e da boca.

Veio a ceia que consistia de pão e leite diluído em água morna. Em respeitosa consideração à presença do professor, os pães e os copos foram deixados em repouso, em vez de ser imediatamente entregues.

– Tomem a sua ceia, senhoras – disse ele, parecendo ocupado em fazer anotações nas margens de seu “*Williams Shackspire*”. Elas assim fizeram e eu também aceitei um copo de leite e um pão e permaneci no meu lugar de punição. Mais do que nunca, agora, eu estava interessada no meu trabalho, e, impressionante, enquanto mastigava o pão e tomava o leite com o maior sangue frio, eu me sentia muito bem aconchegada, coisa, de fato, pouco

comum aos meus hábitos, porém agradavelmente diferente para os meus sentimentos. Era como se a presença de um temperamento tão impaciente, irritado e espinhoso, como o de *Monsieur* Paul, absorvesse todas as influências febris e inquietantes, como um ímã, e só me deixasse as que eram plácidas e harmoniosas.

Ele se levantou. “Será que ele vai embora sem dizer uma palavra?” Sim, ele virou-se para a porta.

Não. Ele voltou. Talvez apenas para pegar sua caixa de lápis que havia esquecido sobre a mesa.

Ele a pegou. Pegou um lápis, quebrou-lhe a ponta; depois o apontou novamente e colocou no bolso e... caminhou, rapidamente, até a mim.

As alunas e as professoras, reunidas em torno da outra mesa, como de hábito, falavam alto e rapidamente. Era costume conversar livremente durante as refeições.

Monsieur Paul veio e ficou atrás de mim. Perguntou em que eu estava trabalhando e eu disse que estava fazendo um corrente de relógio.

– Para quem? – ele perguntou.

– Para um cavalheiro, um dos meus amigos – respondi.

Monsieur Paul curvou-se e começou – como dizem os romancistas e era literalmente verdade nesse caso, para sibilar nos meus ouvidos algumas palavras comoventes: disse-me que, de todas as mulheres que ele conhecia, eu era a única consumadamente mais desagradável, aquela com quem era menos possível viver em termos amigáveis, que eu tinha um caráter intratável e perverso. Que ele ficava intrigado como uma só mulher podia ter tantos defeitos. Que, por mais amigáveis e pacíficas que fossem as intenções com que uma pessoa me abordava, eu as transformava, num passe de mágica, a concórdia em discórdia, a boa vontade em inimizade. Ele, *Monsieur* Paul, só me queria bem; que ele soubesse, nunca tinha me feito mal nenhum; podia, supunha ele, ter pelo menos o direito de ser considerado como um conhecido neutro, inocente de sentimentos hostis. Contudo, como eu me comportava com ele? Que pungente vivacidade, que ímpeto de motim e que fogo de injustiça!

Nesta altura, eu não pude deixar de arregalar os olhos e deixar escapar uma leve interjeição: – Rebelião? Ímpeto? Fogo? Eu não sabia...

– Silêncio! É sério! Eu vivo como o pó... – e ele ia dizendo que estava arrependido, muito triste por minha causa, que ele sofria com a minha

desgraçada esquisitice. Este “*emportement*”,[\[281\]](#) este “*chaleur*” [\[282\]](#) generoso, talvez, porém excessivo, e que ainda me causaria muito desgosto. Era uma pena, pois ele acreditava que, no fundo de sua alma, eu não era totalmente desprovida de boas qualidades e, se eu quisesse ouvir a razão e fosse mais calma, mais sóbria, menos voada e coquete, menos impressionada pelas aparências, menos propensa a atribuir valor indevido às aparências, à beleza exterior, a dar demasiada importância às pessoas notáveis, principalmente pela sua estatura – aqui ele frisou: estatura de boneco de cera, com um nariz mais ou menos bem feito –, que se tudo não fosse uma fatalidade, eu poderia ser um caráter útil, talvez exemplar. Porém, tal como era... e aqui, sua voz sufocou por um minuto.

Eu gostaria de ter olhado para ele, ou estendido a minha mão, ou dito qualquer palavra suave, mas eu estava com receio; se me mexesse, certamente, eu riria ou choraria, tão estranho era tudo aquilo, uma mistura do comovente ao absurdo.

Eu pensei que ele tinha acabado, mas não: sentou-se para continuar mais à vontade para tratar, agora, sobre uma mudança que ele havia notado nos meus vestidos. Que ele podia jurar que, quando me conheceu, ou melhor, que na ocasião, costumava, de vez em quando, ao passar por mim, por um vislumbre, notar as minhas vestimentas e estas o satisfiziam nesses pormenores: eram graves e possuíam a austera simplicidade e que o inspiravam as maiores esperanças e interesse. Contudo, que influência fatal tinha me impelido recentemente para introduzir flores sob a aba do meu chapéu, para vestir “*des cols brodés*”[\[283\]](#) e até mesmo aparecer, em uma ocasião, em um vestido escarlate? Que ele podia realmente conjecturar o motivo de tais mudanças, mas que agora não o declararia abertamente.

De novo o interrompi e, desta vez, não sem um indignado e horrorizado espanto:

– Escarlate, *Monsieur* Paul? Não era escarlate! Era rosa e rosa-pálido, ainda mais apagado pela renda preta.

– Cor-de-rosa ou escarlate; amarelo ou carmesim; verde-ervilha ou azul-celeste é tudo o mesmo: são cores vaidosas, vertiginosas e tolas; e, quanto à renda de que eu falei, não seria uma *colifichet la plus*?[\[284\]](#) – e suspirou sobre a minha decadência. Ele não podia, lamentava dizê-lo, ser tão minucioso sobre este tema como ele desejava, pois, não conhecendo os nomes exatos dessas bugigangas, podia incorrer em pequenos erros verbais

que não deixariam de expô-lo ao meu sarcasmo e de excitar o meu temperamento brusco e violento. Ele diria apenas, em termos gerais – e nesses termos gerais, ele sabia que estava correto – que o meu traje tinha assumido, ultimamente, os ‘*des façons mondaines*’ [285] que o feriam.

Confesso que me intrigava saber que “*façons mondaines*” ele descobrira no meu atual vestido de inverno de merino ou na simples gola branca que eu usava. E quando lhe perguntei, disse-me que era tudo pensado com demasiada atenção ao efeito e, além disso, “não usava eu um laço ou fita no meu pescoço?”

– Se condena um laço de fita numa senhora, *Monsieur*, certamente desaprovava uma coisa assim para um cavalheiro? – e mostrei o meu pequeno cordão de seda e ouro. A sua única resposta foi um gemido, suponho que pela minha leviandade. Após alguns instantes de silêncio, que ele passou assistindo o progresso do cordão em que eu trabalhava mais assiduamente possível, perguntou se aquilo que ele tinha acabado de dizer teria o efeito de fazer com que eu o detestasse inteiramente.

Mal me lembro da resposta que lhe dei e do que se passou. Creio que não cheguei a falar, mas sei que nos despedimos amigavelmente. Logo que *Monsieur Paul* chegou à porta, voltou-se para me explicar que ele não queria que eu julgasse que ele condenava inteiramente os vestidos escarlates (cor-de-rosa, corriji); que não tinha intenção de negar o mérito de cada um se arranjar (de fato, o gosto de *Monsieur Emanuel*, em questão de cores, inclinava para o brilhante) – simplesmente ele queria aconselhar-me, sempre, que eu usasse, a fazê-lo no mesmo espírito, como se o seu material fosse *burel* [286] ou cor de *gris de poussière*. [287]

– E as flores no meu chapéu, *Monsieur*? – perguntei. – Elas são muito pequeninas...

– Então, conserve-as pequeninas – disse ele. – Não as deixe desabrochar.

– E a fita no pescoço, *Monsieur*?

– *Vous pouvez garder le ruban!* [288] – foi a sua resposta condescendente.

E assim resolvemos a questão.

– Muito bem, Lucy Snowe – disse para mim mesma. “Veio aqui para a leitura e ganhou um sermão moral, tudo por causa do seu maldito gosto pelas vaidades terrenas. Quem teria pensado nisso? Você se considerava modesta e

melancólica, senão, sóbria o suficiente. Miss Fanshawe a considera um segundo *Diógenes*. O conde De Bassompierre, outro dia, mudou, educadamente, de conversa quando citava os dotes extraordinários da atriz *Vashti*, pois, como ele, gentilmente, disse, ‘Miss Snowe não está à vontade’. Já o doutor John Bretton a conhece apenas como a ‘calma Lucy – uma criatura inofensiva como uma sombra’. As desvantagens de Lucy Snowe acontecem por causa da variedade dos gostos e modos, tais são as suas e as impressões dos seus amigos. E eis que surge um homem, *Monsieur Paul*, que pensa de forma diametralmente oposta a todos, acusando-a abertamente de ser muito alegre – volátil, inconstante, amiga das flores e das cores vistosas. Este homem severo – este censor impiedoso – reúne todos os seus pecados de vaidade, o seu triste trapo cor-de-rosa, a sua pequena grinalda de flores, o seu pedaço de fita, a sua horrenda renda e a faz responder por todos eles separadamente. Você está bem habituada a ser vista como uma sombra no sol da vida. É uma coisa nova ver alguém levantar vivamente a mão para proteger seus olhos, pois estes são incomodados pelo seu raio importuno.

CAPÍTULO XXIX

A Festa de Monsieur

Ainda faltava cerca de uma hora para o dia clarear e eu já estava acordada, ajoelhada ao lado do dormitório, terminando a corrente do relógio, aproveitando a luz da pálida vela, concedida a mim na noite anterior, que quase expirava.

Todo o meu material, meu estoque de contas e de seda tinha acabado antes que a corrente tivesse atingido o comprimento e a qualidade que eu tanto desejava. Eu a havia enfeitado duplamente, pois, como eu sabia, pelo que havia escutado e observado, para agradar ao gosto particular do homenageado que eu tinha em mente, era indispensável que ela tivesse um aspecto brilhante. Como acabamento para aquele adorno, era preciso de um pequeno fecho de ouro. Felizmente, eu possuía um no meu único colar. Tirei-o e coloquei-o na corrente. Enrolei-o compactamente e guardei-o em uma pequena caixa que eu tinha comprado para este fim, feita de uma concha dos trópicos, de uma cor chamada *nacarada*, adornada com uma pequena grinalda de brilhantes pedras azuis. Dentro da tampa da caixa, gravei, cuidadosamente, com a ponta da minha tesoura, certas iniciais.

O leitor, talvez, se lembre da descrição da festa de Madame Beck; nem terá, por certo, esquecido que a cada aniversário, se fazia uma cota para a aquisição de um bonito presente oferecido a ela pela escola. A observância deste dia era uma distinção concedida apenas a Madame, e, de forma diversa, ao seu parente e conselheiro, *Monsieur* Paul Emanuel. Neste último caso, era uma homenagem espontânea, não forjada e planejada de antemão, na qual se oferecia mais uma prova da estima em que, apesar de suas parcialidades, preconceitos e irritabilidades, o professor de literatura era prestigiado pelas alunas.

Na ocasião, não era lhe oferecido nenhum objeto de valor. Ele, claramente, dava a entender que não aceitaria nem prata e nem joias. No entanto, ele gostava de uma homenagem sincera. O custo, o valor não o impressionava: um anel de diamantes, uma caixa de rapé de ouro, oferecidos

com pompa, lhe teria agradado menos do que uma flor ou um desenho oferecido, simplesmente, e com sentimentos sinceros. Tal era a sua natureza. Para a sua idade, não era um homem circunspecto, mas poderia reivindicar uma simpatia da mocidade, mantendo-se esse elevado dom.

O aniversário de *Monsieur* Paul era no dia primeiro de março e numa quinta-feira. Estava um belo dia ensolarado, e, sendo também o dia em que era costume assistir à missa e o era meio feriado, era permitido sair para passear, fazer compras ou visitas no período da tarde. Estas considerações combinadas deram origem a certa elegância no vestuário em geral. As golas brancas estavam em voga. Os habituais e ordinários trajes das aulas, de lã escura, foram trocados por algo mais leve e mais claro. *Mademoiselle* Zélie St. Pierre, nessa quinta-feira em particular, envergou até um robe de seda, considerado, na economia de *Labassecour*, um artigo ousado de luxo e esplendor; notou-se ainda que ela havia ido, naquela manhã, ao *coiffeur* para arranjar os cabelos e houve até alunas, bastante perspicazes para descobrirem que ela aspergira o lenço e as mãos com um perfume novo e moderno. Pobre Zélie! Naquela altura era seu costume declarar que estava mortalmente cansada de uma vida de reclusão e trabalho; que ansiava por ter tempo e meios para o lazer e para relaxar; por ter alguém para trabalhar para ela – um marido que lhe pagasse as dívidas (estava terrivelmente sobrecarregada com as dívidas), lhe fornecesse seu guarda-roupa e lhe desse liberdade, como ela dizia: “*pour goûter un peu les plaisirs.*” [289]

Há muito tinham sido espalhados boatos de que ela estava interessada em *Monsieur* Paul Emanuel. Os olhos de *Monsieur* Emanuel estavam, sem dúvida, muitas vezes sobre ela. Ele costumava sentar-se ao seu lado e contemplá-la, perseverantemente, durante minutos a fio. Eu própria o vi olhar para ela durante um quarto de hora numa ocasião em que a turma fazia, em silêncio, uma prova e ele estava sentado em seu estrado, ocioso. Sempre consciente dessa atenção de *basilisco*, [290] ela costumava se contorcer sob esse olhar, meio lisonjeada, meio intrigada, e *Monsieur* costumava seguir às suas sensações, parecendo, às vezes, terrivelmente perspicaz, pois, em alguns casos, ele tinha a terrível e infalível penetração de instinto, enxergava, do seu esconderijo, o último pensamento do coração e discernia, sob véus floridos, os lugares nus e áridos do espírito.

Era verdade que Zélie tinha as suas tendências pervertidas sob suas

ocultas e falsas curvas. Porém, tudo o que os homens e as mulheres não teriam sabido – a espinha torcida ou o membro malformado que tinham nascido com ela ou, o que era muito pior, a nódea ou a desfiguração que ela tinha causado em si mesma, ele podia ver. De todas essas desgraças podia *Monsieur* Paul ter pena e perdoar, se fossem abertamente reconhecidas. Mas, onde os seus olhos inquisidores encontrassem desonesta negação, onde suas buscas implacáveis encontrassem um astuto disfarce – oh, então, ele podia ser cruel e perverso. Exultante, ele arrancaria a máscara dos pobres miseráveis, expulsaria para o cume de um monte e ali os colocaria à exposição, mostrando toda a nudez e a falsidade, pobres mentiras, frutos dessa horrível verdade que não se pode encarar sem véu. Ele pensava que fazia justiça. De minha parte, eu duvido se o homem tem o direito de fazer semelhante justiça ao próprio homem. Por mais de uma vez, nestas suas visitas, eu me senti compelida a dar lágrimas às suas vítimas, e, a ele, não lhe poupei ira e desprezo. Ele os mereceu, mas era difícil de demovê-lo da convicção de que esse trabalho era justo e necessário.

Depois da missa e do café da manhã tocou a sineta. As salas ficaram cheias e ofereciam um belo espetáculo. Alunas e professoras ordenadamente bem-vestidas, tranquilas e expectantes, cada uma com um buquê de felicitações nas mãos, cujas flores – as mais bonitas da primavera – enchiam o ar com sua fragrância e frescor. Só eu não tinha um buquê. Gosto de ver as flores cultivadas nos jardins, quando cortadas, deixam de me agradar. Olho para elas como coisas sem raízes e perecíveis. A sua semelhança com a vida e a lembrança delas na morte me deixam triste. Eu nunca ofereço flores àqueles a quem amo e nunca desejo recebê-las das mãos dos que me querem bem.

Mademoiselle St. Pierre notou as minhas mãos vazias – ela não podia acreditar que tivesse sido tão negligente. Seus olhos me percorreram com avidez. Ela olhou à minha volta, achando que, certamente, eu deveria ter alguma flor solitária e simbólica em algum lugar – algum pequeno ramo de violetas, qualquer coisa que merecesse elogios pelo bom gosto, louvores pela ingenuidade. A *anglaise* sem imaginação saiu-se melhor do que receava a *parisienne*: estava literalmente desprovida, tão nua de flor ou folha como uma árvore de inverno. Confirmada a hipótese, Zélie sorriu, satisfeita.

– Que bom que guardou o seu dinheiro, Miss Lucie. Agiu sabiamente!
– exclamou ela: – Eu fui tão boba que joguei fora dois francos em um buquê de flores de estufa!

E ela mostrou com orgulho o seu esplêndido ramalhete.

Como eu nada respondi, houve um silêncio! Ouvimos uns passos: os passos. Ele vinha depressa, como de costume, mas com uma presteza que nos sentimos dispostas a sentir orgulho, inspirado por outros sentimentos que não mera excitabilidade nervosa e veemência de intenções. Acreditávamos que os passos do nosso professor (para falar romanticamente) tinham, em si, uma promessa amável nessa manhã. Assim era.

Entrou em uma disposição de espírito que o tornava tão agradável como mais um raio de sol na já bem iluminada primeira classe. A luz da manhã que brincava entre as plantas e ria nas nossas paredes ganhou mais brilho com a saudação benévola de *Monsieur Paul*. Como um francês de verdade – embora eu não saiba dizer a razão pela qual digo isto, pois ele não era de ascendência francesa e nem *Labassecouriana* –, tinha se vestido para a ocasião. A sua figura não estava obscurecida pelas pregas sinistras e conspiratórias do seu *paletôt* fuligem; pelo contrário, brilhava num casaco civilizado e num colete de seda muito bonito de se ver. Tinha banido o intimidador e pagão *bonnet-grec* e veio até nós com a cabeça descoberta, segurando na mão um chapéu cristão. O homem estava bem, muito bem, arranjado; havia um ar de amizade em seus olhos azuis, um brilho de simpatia nas suas feições morenas, que substituíam perfeitamente a beleza. Realmente não nos importávamos em observar que seu nariz, embora longe de ser pequeno, não tinha qualquer forma especial; que seu rosto fino, a testa marcada e quadrada, que a boca não era nenhum botão de rosa. Aceitávamos tal como ele era e sentíamos que a sua presença nada tinha de abatido ou insignificante.

Dirigiu-se para a sua mesa e colocou sobre ela o seu descente chapéu. – *Bon jour, mes amies* – disse ele, em um tom que, de alguma forma, fazia as pazes com algumas de nós por muitas questões amargas e rugidos selvagens: não era um tom vivaz de um rapaz, menos ainda uma untuosidade de padre, mas uma voz que lhe pertencia – uma voz que usava quando o seu coração lhe enviava as palavras aos lábios. Esse mesmo coração, por vezes, embora irritável, falava. Não era um órgão ossificado, no seu âmago havia lugar terno para além da ternura de um homem; um lugar que o tornava humilde para com as criancinhas, que o ligava às mulheres e às moças, com as quais, por mais que se revoltasse, não poderia negar a sua afinidade nem que, no todo, estava melhor com elas do que com seu próprio sexo.

– Todas nós desejamos a *Monsieur* um dia muito feliz e apresentamos as nossas felicitações pelo seu aniversário – disse *Mademoiselle Zélie*, constituindo-se oradora oficial da assembleia e, avançando sem mais trejeitos de afetação que os indispensáveis nela para fazer qualquer movimento, colocou o seu valioso buquê diante de *Monsieur*. Ele se inclinou para ela.

Seguiu-se a longa série de ofertas: todas as alunas, caminhando, com aquele passo que denunciava as estrangeiras, deixaram as suas homenagens sobre a mesa. Cada menina dispunha tão habilmente a sua dádiva que, quando o último buquê foi colocado sobre a mesa, formou o ápice de uma pirâmide de floração – uma pirâmide que eclipsou o herói atrás de si por sua exuberância. Terminada a cerimônia, os assentos foram retomados e ficamos em um pesado silêncio, à espera de um discurso.

Creio que haviam transcorrido cinco minutos e o silêncio permanecia. Passaram dez e não se ouvia o menor ruído.

Muitas das presentes, internamente e com olhares, começaram a se perguntar o que *Monsieur* esperava. Bem, elas até podiam se perguntar, contudo, cego e imóvel, ele conservava o seu lugar por detrás da pilha de flores.

Por fim, ouviu-se uma voz, bastante profunda, como se viesse de muito longe.

– *Est-ce là tout?* [\[291\]](#)

Mademoiselle Zélie olhou em volta.

– Todas entregaram os seus buquês? – perguntou ela às alunas.

Sim, todas tinham dado os seus ramalhetes, da mais velha à mais nova, da mais alta à mais diminuta. Assim o disse a professora.

– Existe alguma ainda? – foi reiterado em uma entonação que, profunda antes, já tinha descido agora mais algumas notas.

– *Monsieur* – disse *mademoiselle St. Pierre*, levantando-se e falando, desta vez, com seu próprio sorriso doce: – Tenho a honra de dizer-lhe que, com uma única exceção, todas as pessoas na classe ofereceram-lhe seu buquê. Quanto a *Lucie*, *Monsieur* terá a amabilidade de desculpá-la, pois, como uma estrangeira, ela, provavelmente, não conhece os nossos costumes, ou não aprecia o seu significado. *Lucie* considera esta cerimônia muito frívola para ser honrada com a sua participação.

– Notável! – murmurei entre os dentes: – Quando se dispõe a falar, não faz mal, *Zélie*.

A resposta que do estrado foi concedida a *Mademoiselle* St Pierre foi dada na gesticulação de uma mão por detrás da pirâmide. Este gesto parecia depreciar aquelas palavras e ordenar silêncio.

Dentro em breve, seguiu-se à mão um vulto. *Monsieur* emergiu de seu eclipse e, avançando para frente do estrado, olhando fixamente em linha reta para um *mappe-monde* [292] que cobria a parede oposta, perguntou uma terceira vez, e agora com tons realmente trágicos:

– Isso é tudo?

Eu podia ter remediado as coisas, avançado e entregado a pequena caixa rosada que, naquele momento, eu segurava firme na minha mão. Era o que eu tinha em mente fazer. Contudo, o lado cômico do comportamento de *Monsieur* tinha feito com que eu adiasse aquele momento e, agora, a interferência afetada de *Mademoiselle* St. Pierre provocara em mim uma obstinação. O leitor que, até então, não teve qualquer motivo para atribuir ao caráter de Miss Snowe qualquer vaga pretensão de perfeição, dificilmente será surpreendido ao saber que ela se sentia muito perversa para se defender de qualquer insinuação que aprouvesse à *parisienne* formular. Além disso, *Monsieur* Paul era tão trágico, tomava tão a sério a minha deserção, que merecia ser vexado e castigado. Guardei, então, a caixa e me deixei ficar insensível como qualquer pedra.

– Está bem – pronunciou, por fim, *Monsieur* Paul e, tendo pronunciado esta frase, a sombra de algum grande paroxismo, da ondulação da ira, do desprezo, da determinação passaram na sua frente; enrugou os lábios e contraiu as feições. Engolindo quaisquer outros comentários, passou ao seu discurso habitual.

Não me recordo de uma palavra sequer desse discurso, pois eu não o ouvi. O processo de engolir, de reprimir subitamente a sua mortificação ou o seu aborrecimento, me deu uma sensação de que, até certo ponto, contrabalançava com o efeito ridículo do repetido: “*Est-ce là tout?*”

Pelo fim do discurso, houve uma agradável diversão. A minha atenção foi novamente presa.

Devido a qualquer movimento accidental, creio que deixei cair o meu dedal, e, ao inclinar-me para recuperá-lo, bati a cabeça contra a quina da minha mesa. Este acontecimento (que, se fosse irritar alguém deveria, por direito, ser a mim) fez, naturalmente, um ligeiro ruído. *Monsieur* Paul exasperou-se e, pondo em parte a forçada equanimidade e lançando aos

ventos a sua dignidade e autocontrole – com o qual ele nunca se importou em manter por muito tempo – irrompeu no estilo que melhor lhe adaptava.

Não sei como, no decorrer do discurso, ele tinha conseguido cruzar o Canal e desembarcar em solo britânico; só sei que o encontrei ali, quando comecei a escutá-lo.

Lançando um olhar rápido e cínico ao redor da sala, um olhar que feria, ou tinha a intenção de fazê-lo, ao passar por mim, caiu com fúria sobre *lês anglaises*.

Nunca ouvi tratar as mulheres inglesas como *Monsieur* Paul as tratou nessa manhã. Ele não poupou nada: nem o espírito, nem a moral, nem os costumes, modos e nem a aparência pessoal. Lembro-me, especialmente, do seu abuso sobre a alta estatura, os longos pescoços, os braços finos, o traje desalinhado, a educação pedante, o seu ceticismo ímpio, o seu insuportável orgulho, a pretensiosa virtude – sobre a qual rangeu os dentes malignamente, como quem diz que, se pudesse, diria coisas singulares. Oh! Como ele era maldoso, rancoroso, mordaz e selvagem; e, como consequência natural, horrivelmente feio!

“Que homem perverso e venenoso”, pensei. “Por que deveria me afligir com receio de desagradá-lo ou ferir os seus sentimentos? Não, *Monsieur*, de fato, é tão indiferente para mim como o ramo mais ordinário de sua pirâmide.”

Lamento dizer que eu não pude manter esta resolução. Por algum tempo, as desconsiderações à Inglaterra e aos ingleses me deixaram indiferente; durante quinze minutos suportei estoicamente. No entanto, aquela cobra estava determinada a picar e disse tais coisas, por fim atacando não só as nossas mulheres (eu sabia que quando ele fazia isso, fazia-o por minha causa, então relevava), contudo, não satisfeito, talvez porque notasse que não me atingia, começou a atacar também os maiores e melhores homens da Inglaterra, manchando o escudo da Britânia e salpicando de lama a nossa bandeira. Neste momento, eu me senti, realmente, ferida. Com vicioso prazer ele foi buscar as mais picantes falsidades históricas continentais – e nada pode ser concebido de mais ofensivo que elas. Zélie e toda a classe arreganharam os dentes de vingativo prazer. É curioso descobrir como estes palhaços de *Labassecour*, secretamente, odeiam a Inglaterra. Por fim, esmurrei a minha mesa, abri meus lábios e soltei o grito:

– *Vive l’Angleterre, l’histoire et les Héros! A bas la France, la Fiction*

et lês Faquins! [293]

A classe foi atingida por um choque elétrico. Acho que eles pensaram que eu era louca. O professor tirou o lenço, diabolicamente, para esconder o riso. Monstro de malícia! Julgava ter agora conseguido a vitória, já que ele tinha me deixado com raiva. Em um segundo, tornou-se bem-humorado e retomou, com grande brandura, o tema de suas flores; falou poética e simbolicamente de sua beleza, doçura, perfume, pureza etc; fez comparações entre os gostos afrancesados entre as *jeunes filles* e os botões que tinha na sua frente; teceu elogios a *Mademoiselle* St. Pierre sobre a superioridade de seu buquê, e acabou por anunciar que, na primeira manhã realmente boa e agradável da primavera, pretendia levar toda a turma para um almoço no campo. “Aquelas da classe, pelo menos”, acrescentou, com ênfase, “que podia contar entre o número de suas amigas.”

– *Donc je n’y serai pás* [294] – declarei eu, involuntariamente.

– *Soit!* [295] – Foi a sua resposta, e, reunindo as suas flores, saiu da sala. Quanto a mim, reuni o meu trabalho: tesoura e dedal – e a caixinha abandonada embaixo da minha mesa –, fugi escada acima. Eu não sei se ele se sentia zangado ou exaltado, mas tomo a liberdade de confessar que eu me sentia.

No entanto, antes de eu ter estado uma hora sentada na beira da minha cama, com uma raiva estranha que se dissipava, pensando e repensando nos seus olhares, maneira, palavras, eu já ria de toda aquela cena. Na verdade, eu sentia uma pontada de remorso por não ter-lhe oferecido a caixa. Eu tinha a intenção de presenteá-lo, obsequiá-lo, felicitá-lo. O destino resolvera de outro modo.

No decorrer da tarde, lembrando-me de que as mesas das classes não eram, de forma alguma, repositórios invioláveis e, pensando em guardar a caixa em um lugar seguro por causa das iniciais na tampa, P.C.D.E., por *Paul Carl* (ou Carlos) *David Emanuel* – tal era o seu nome completo (os estrangeiros precisam sempre ter uma fileira de nomes de batismo), desci à sala de aula.

A sala dormia no repouso do feriado. As alunas externas tinham ido todas para casa, as internas passeavam, as professoras, exceto a *surveillante* da semana, tinham ido fazer compras ou visitas, as diferentes divisões estavam vazias, assim como a sala grande, com o seu enorme e solene globo ao meio, os dois candeeiros de muitos braços e o piano de cauda horizontal

fechado, em silêncio, desfrutando, no meio da semana, o seu sábado. Admirei-me ao encontrar a porta da minha primeira classe aberta, pois aquela sala ficava, normalmente, fechada quando vazia, sendo, então, inacessível a qualquer pessoa, exceto Madame Beck e eu que possuía uma cópia da chave. Admirei-me ainda mais, ao aproximar-me, de ouvir um vago movimento de vida – um passo, uma cadeira arrastada, um som como a abertura de uma gaveta.

“É só Madame Beck fazendo o seu serviço de inspeção”, foi a minha conclusão, após um momento de reflexão. A porta, parcialmente aberta, dava-me a oportunidade de tirar aquilo a limpo. Eu olhei. Pasmei! Não vi a roupagem de Madame Beck – o xale e a touca asseada –, mas o casaco e a cabeça escura de um homem. Essa pessoa ocupava a minha cadeira; a sua mão segurava a minha gaveta aberta e o seu nariz não se via, perdido entre os meus papéis. Estava de costas para mim, mas não poderia haver um momento de dúvida sobre a sua identidade. Já havia se libertado do traje da cerimônia: o querido paletó fora de novo vestido, o perverso *bonnet-grec* jazia no chão, como se tivesse acabado de cair da mão culposamente ocupada.

Agora eu sabia, sabia há muito tempo que as mãos de *Monsieur Paul* estavam nas melhores relações com a minha mesa; que lhe abria e fechava as gavetas, esquadrihava e organizava o seu conteúdo, quase tão familiarmente como eu própria. O fato não era duvidoso, nem ele desejava que assim o fosse. Ele deixava, a cada visita, sinais palpáveis e inconfundíveis; até agora, no entanto, eu nunca o tinha flagrado, por mais que vigiasse, nunca consegui detectar as horas e momentos de suas visitas. Eu via o trabalho do duende em exercícios deixados à noite, cheios de falhas, e encontrados na manhã seguinte, cuidadosamente, corrigidos; eu aproveitava da sua caprichosa amizade, uns empréstimos bem-vindos e agradáveis. Entre um dicionário pálido e uma desgastada gramática, magicamente, aparecia uma obra totalmente nova, ou um clássico doce como um fruto bem maduro.

Do meu cesto de costura, espreitava, às vezes, risonhamente um romance, ou escondia debaixo dele um folheto, uma revista, de onde fora extraída a última leitura da noite. Impossível duvidar da fonte de onde brotavam aqueles tesouros ainda que não houvesse outra indicação, uma traidora peculiaridade, comum a todos eles, resolvia a questão: cheiravam a charuto. Isto era horrível, é claro, assim eu pensava no princípio e costumava abrir a janela ostensivamente para arejar o ambiente e segurava com enfado o

livro corrompido entre o indicador e o polegar para expô-lo à brisa da purificação.

Subitamente, eu estava curada dessa formalidade. *Monsieur* um dia me pegou a fazê-lo, entendeu a inferência, de imediato, aliviou a minha mão da carga, e, em outro momento, teria empurrado o mesmo para o fogão. Por acaso era um livro em cuja leitura eu estava muito interessada, por isso, fui mais rápida do que ele e o salvei das chamas, recapturando o despojo. Tendo salvado este volume, nunca mais arrisquei outro. Com tudo isso, eu nunca tinha sido capaz de apanhá-lo em suas visitas; aquele fantasma excêntrico, amigo e amante de charutos.

Mas, agora, finalmente, eu o tinha ali, na minha frente. O verdadeiro duende em pessoa. De sua boca, em espirais, o hálito azul do seu amor indiano: fumava na minha mesa. Ela bem que poderia traí-lo. Irritada por este particular e, ainda, satisfeita por surpreendê-lo – satisfeita, isto é, com o sentimento misto da dona da casa que descobre, finalmente, seu aliado e estranho duende – avancei calada, parei por detrás dele e curvei-me, cautelosamente, sobre o seu ombro.

Meu coração se dilacerou, ao ver que, depois da hostilidade daquela manhã, depois da minha aparente negligência, depois da ferroadada sofrida pelos seus sentimentos e do vexame suportado por seu temperamento, ele, cheio de boa vontade de esquecer e de perdoar, tinha me trazido dois belos volumes, cujo nome do autor e obra eram garantia de meu interesse. Agora, sentado à minha mesa, remexia o seu conteúdo, mas com mão gentil e cuidadosa, desarrumando, de fato, mas não para prejudicar. O meu coração doeu. Quando me inclinei sobre ele, sentado ali inconsciente da minha presença, fazendo-me o bem que podia e, certamente, sem guardar contra mim qualquer ressentimento, toda a minha raiva da manhã desapareceu. Eu não desgostava do professor Emanuel.

Creio que ele ouviu a minha respiração e virou-se de repente. Apesar de seu temperamento nervoso, nunca estremecia e, raramente, mudava de cor: havia nele algo de resistente.

– Julguei que tinha ido para a cidade com as outras professoras – disse ele, procurando manter o seu autodomínio que quase lhe escapara. – Bem, não imagina que me incomodo por ser pego? Eu tenho estado aqui muitas vezes.

- Bem sei, *Monsieur*.
- Ah! Certamente você sabia. Encontra aqui um folheto ou brochura de vez em quando, porém não os lê. Por que não os lê? – ele tocou em seu charuto.
- Eles são os melhores de tudo isso e eu os leio, sim.
- Sem prazer?
- *Monsieur* não deve ser contrariado.
- Gosta desses livros ou de qualquer um deles? São aceitáveis?
- *Monsieur* me viu lendo uma centena de vezes e sabe que eu não tenho tantas distrações para desprezar ou desvalorizar as que me proporciona.
- As minhas intenções são as melhores. Se reconhecer isso e, de algum modo, tirar alguma distração dos meus esforços, por que não podemos ser amigos?
- Um fatalista diria: porque não podemos...
- Esta manhã – continuou ele, – acordei com um humor brilhante, feliz e vim alegre para a aula e a Miss estragou meu dia.
- Não, *Monsieur*, apenas uma ou duas horas, porém não intencionalmente.
- Sem intenção? Não! Era a comemoração do meu aniversário. Todo mundo me desejou felicidade, menos Miss Lucy. As meninas da terceira divisão me ofereceram cada uma os seus ramos de violetas, balbuciarão os seus parabéns; a Miss, nada. Nem um broto, uma folha, um sussurro... Nada! Nem um olhar. Então isso não foi intencional?
- Não procedi com má intenção.
- Então, não conhecia, realmente, o nosso costume? Não estava preparada? Teria dado de boa vontade alguns cêntimos por uma flor para me dar prazer, se tivesse tido conhecimento de que era esperada? Diga isso e esquecerei tudo e a dor estará acalmada.
- Eu sabia que era esperada; estava preparada e, contudo, não gastei dinheiro em flores.
- Está bem... faz bem em ser honesta. Quase a teria odiado se me tivesse lisonjeado ou mentisse. É melhor declarar logo de uma vez: “*Paul Carl Emanuel, je te détesté, mon garçon!*”,[\[296\]](#) do que sorrir, simular afeição e ser falsa e fria no coração. Falsa e fria, eu não acho que é, mas creio que cometeu um grande erro na vida; creio que seu julgamento esteja distorcido – que é indiferente a quem deveria ser grata e, talvez, dedicada e

apaixonada, com quem deveria ser fria como o seu nome. Não suponha que eu desejo que você tenha uma paixão por mim, *Mademoiselle*; *Dieu vous en garde!* Por que estremeceu? Por que eu disse paixão? Pois bem, eu digo outra vez. Existe essa palavra e esse sentimento, embora não dentro destas paredes, graças a Deus! Não é nenhuma criança a quem não se fale daquilo que existe, mas eu falei apenas na palavra, aquilo que ela significa, creia, é inteiramente alheio à minha vida. Morreu no passado e no presente está enterrada numa cova bem funda, bem tapada e com muitos invernos de idade. No futuro, creio que haverá uma ressurreição, para consolação da minha alma. Mas, então, tudo estará mudado: a forma e o sentimento. O que é mortal terá abraçado a imortalidade. Tudo o que lhe digo, Miss Lucy Snowe, é que deve tratar o professor Paul Emanuel decentemente.

Eu não podia e não contradisse tal sentimento.

– Diga-me – ele prosseguiu – quando faz aniversário? Eu não vou regatear alguns míseros para que não lhe faça uma pequena oferenda.

– Tal como o senhor, este me custou mais do que alguns cêntimos e eu não regateei no seu preço.

E, tomando a caixinha do bolso do meu vestido, coloquei-a em sua mão.

– Eu a tinha em meu colo esta manhã – eu continuei – e, se *Monsieur* tivesse sido um pouco mais paciente e *Mademoiselle* St. Pierre menos intrometida e eu, talvez, devo dizê-lo também, tivesse sido mais calma e mais sábia, deveria ter-lhe dado então – disse eu, amavelmente, desculpando-me. Ele olhou para a caixa. Vi que a sua cor e a pequena grinalda azul-celeste lhe agradavam aos olhos. Eu disse a ele para abri-la.

– Minhas iniciais! – exclamou ele, indicando as letras da tampa. Quem lhe disse que eu me chamo Carl David?

– Um passarinho, *Monsieur*.

– Será que ele vai voar de mim para *Mademoiselle*? Então podemos amarrar uma mensagem sob suas asas quando necessário.

Tirou a corrente – uma bagatela sem valor, mas de seda brilhante e refulgente nas suas contas – e gostou dela também, admirou-a, inocentemente, como uma criança.

– Para mim?

– Sim, *Monsieur*.

– Era nisso que estava trabalhando na noite passada?

- Exatamente.
- Acabou esta manhã?
- Acabei.
- Começou-a com a intenção de me oferecer?
- Sem dúvida.
- E de me oferecer no dia do meu aniversário?
- Sim.
- E essa intenção não mudou enquanto a fazia?
- De modo nenhum – mais uma vez concordei.
- Então, não é necessário que eu corte qualquer parte, dizendo, esta parte não é minha, pois foi feita com a ideia de servir de adorno a outro?
- De maneira nenhuma. Não é nem necessário, nem seria justo.
- Este objeto é todo meu?
- Esse objeto é inteiramente seu.

Imediatamente *Monsieur* abriu o seu paletó e colocou, esplendidamente, a corrente em seu peito, de forma a exibi-la ao máximo e a esconder o mínimo, pois ele era incapaz de esconder o que ele admirava e achava decorativo. Quanto à caixa, declarou-a uma soberba *bonbonnière* – a propósito, ele gostava de bombons – e, como ele sempre gostava de partilhar com os outros, como fazia com seus livros, ela lhe seria útil. Entre as prendas do amável *brownie* deixadas na minha mesa, esqueci-me de enumerar muitos embrulhos com chocolates. Os seus gostos, nestas coisas, eram muito meridionais e, para nós, infantis. O seu almoço consistia, muitas vezes, num *brioche*, que, na maioria das vezes, partilhava com alguma criança da terceira divisão.

– À présent c'est un fait accompli [297] – disse ele, apertando, de novo, seu paletó. E não falamos mais sobre o assunto. Depois de olhar para os dois volumes que ele tinha trazido e de cortar algumas páginas com seu canivete (ele geralmente podava os livros antes de emprestá-los, especialmente se fossem romances e, algumas vezes, eu me indignei com a severidade de sua censura, que chegava a interromper a narrativa), levantou-se, educadamente pegou o seu *bonne-grec*, e deu-me polidamente bom dia.

“Agora somos amigos”, pensei. “Até a próxima questão.”

Poderíamos ter brigado mais uma vez naquela mesma noite, mas – coisa maravilhosa! – deixamos passar a oportunidade.

Contrariamente a todas as expectativas, *Monsieur* Paul apareceu à hora

de estudo. Tendo-o visto tanto tempo pela manhã, e eu à tarde, não esperávamos que ele voltasse à noite. Mal sentamos, ele apareceu. Confesso que fiquei feliz de vê-lo, tão feliz que eu saudei a sua chegada com um sorriso; e, quando ele se dirigiu para o mesmo lugar onde havia nascido um grave mal-entendido, tive o cuidado de não deixar muito espaço para ele. Ele me olhou longamente para ver se eu me afastava, porém, apesar de o banco não estar bastante cheio, eu não o fiz. Eu estava perdendo aquele impulso instintivo de me afastar de *Monsieur Paul*. Habituada ao paletó e *bonnet-grec*, a vizinhança daquelas peças de vestuário já não parecia desconfortável para mim. Eu não me sentia mais constrangida (como ele dizia) ao seu lado. Mexia-me quando me queria mexer, tossia quando era necessário, e mesmo bocejava quando estava cansada – fazia, em suma, o que eu quisesse, confiando, cegamente, na sua indulgência. Nem a minha temeridade, essa noite, pelo menos, teve o castigo que, talvez, merecesse; ele estava indulgente e bondoso. Nem só um olhar frio fora lançado daqueles olhos, nem uma só palavra apressada saiu de seus lábios. Para falar a verdade, nem sequer se dirigiu a mim, mas eu sentia que ele estava, de alguma forma, cheio de simpatia. Há silêncios de várias espécies com diversos significados; nenhuma palavra poderia inspirar maior contentamento que a presença silenciosa de *Monsieur Paul*. Quando veio a bandeja e começou a agitação da ceia, ele disse, ao se retirar, que me desejava uma boa noite e sonhos agradáveis. E tive, realmente, uma boa noite e bons sonhos.

CAPÍTULO XXX

Monsieur Paul

No entanto, o leitor é aconselhado a não ter pressa em suas amáveis conclusões, ou supor, com uma caridade precipitada, que a partir daquele dia *Monsieur Paul* tornou-se outro para quem quer que fosse – mais fácil de conviver, menos apto a espalhar a ira e o desconforto à sua volta.

Não! Ele era, naturalmente, um homem de atitudes pouco razoáveis. Quando fatigado pelo excesso de trabalho, como tantas vezes sucedia, ele tornava-se agudamente irritável e, além disso, suas veias possuíam a tintura de beladona, a essência do ciúme, que as enegreciam. Não me refiro a esse terno ciúme do coração, mas ao sentimento mais duro, mesquinho, cuja sede é no seu cérebro.

Eu costumava pensar, quando olhava para *Monsieur Paul*, enquanto ele franzia a testa ou estendia o lábio sobre algum exercício meu que não tinha muitos erros como ele desejava (ele gostava que eu cometesse erros: uma porção de disparates era para ele como nozes doces), que ele tinha algo de Napoleão Bonaparte. Ainda hoje penso o mesmo. Em um descarado desrespeito pela magnanimidade, ele se assemelhava ao grande imperador.

Monsieur Paul teria discutido com vinte mulheres cultas, teria, despudoradamente, mantido um sistema de disputas mesquinhas e recriminação com toda uma série de círculos sociais, sem nunca se incomodar com a perda ou a falta de dignidade. Teria exilado cinquenta *Mesdames de Staël*, se elas o tivessem irritado, ofendido ou importunado; se lhe tivessem se oposto a ele ou rivalizado.

Lembro-me bem de um episódio com certa Madame Panache – uma senhora temporariamente contratada por Madame Beck para dar lições de História. Ela era inteligente, habilidosa e possuía, além disso, a arte de tirar o máximo proveito daquilo que sabia. Tinha confiança e domínio de classe e um vocabulário ilimitado. Sua aparência pessoal estava longe de ser desvantajosa: creio que muitas pessoas a teriam declarado uma bela mulher e, contudo, ainda havia pontos em seus robustos e amplos atrativos, assim como

na sua barulhenta e exuberante presença, que os gostos caprichosos de *Monsieur* Paul não podiam suportar. O som da sua voz, ecoando através do vestíbulo, costumava colocá-lo numa estranha agitação. Quando ela passeava no corredor, no seu tempo livre, com suas longas passadas, muitas vezes faziam-no agarrar os seus papéis e levantar acampamento no mesmo instante.

Com intenção maliciosa, um dia, ele se intrometeu em sua classe; tão rápido como um relâmpago, apanhou-lhe o método de ensino, que diferia de seu próprio plano favorito. Com pouca cerimônia e menos cortesia, apontou o que ele chamava de seus erros. Se esperava submissão e atenção, eu não sei; contudo encontrou azeda oposição, acompanhada de áspera reprimenda por sua, certamente, injustificável interferência.

Em vez de se retirar com dignidade, como deveria ter feito, ele atirou-lhe a luva, em desafio. Madame Panache, belicosa como uma *Pentesileia*, pegou-a, imediatamente, e estampou os dedos na face do intrometido. Caiu sobre ele com uma tempestade de palavras. *Monsieur* Emanuel era eloquente, mas Madame Panache era volúvel. A consequência foi um feroz antagonismo. Em vez de rir da sua formosa adversária, com todo o seu melindroso amor próprio e autoafirmação, *Monsieur* Paul a detestou com intensa seriedade, honrou-a com a sua fúria, perseguiu-a, implacável e vingativamente, recusando-se a descansar pacificamente em sua cama, a tirar proveito das suas refeições, mesmo a saborear serenamente o seu charuto até vê-la completamente banida do estabelecimento.

O professor venceu, mas não posso dizer que os louros da vitória brilhassem graciosamente na sua frente. Uma vez, aventurei-me a insinuá-la. Para minha grande surpresa, ele concordou que eu poderia estar com a razão, mas confessou que, quando entrava em contato com homens ou mulheres do gênero grosseiro e autocomplacente, como Madame Panache, ele não tinha controle sobre as suas paixões. Uma aversão indizível e ativa o impelia para uma guerra de extermínio.

Três meses depois, ao saber que sua derrotada inimiga sofrera revezes e se encontrava em apuros por falta de emprego, ele esqueceu o seu ódio e, tão ativo no bem quanto no mal, ele moveu céus e terra até encontrar-lhe um lugar. Quando ela veio para fazer as pazes pelas antigas desinteligências e agradecê-lo por sua bondade recente, a velha voz – e os velhos modos – um tanto desembaraçados mexeram com algo dentro dele, de tal forma que dentro de dez minutos, levantou-se e saiu da sala, num transporte de irritação

nervosa. Por pouco, ele não dava início a outra briga.

Para prosseguir num paralelo um tanto audacioso, no amor do poder, na luta ansiosa pela supremacia, *Monsieur Emanuel* era como Bonaparte. Não era, porém, homem a quem devêssemos sempre ser submissos. Por vezes, era necessário resisti-lo; era sensato manter a calma e encará-lo, olhar em seus olhos e dizer-lhe que as suas exigências caminhavam para além do razoável, que o seu absolutismo beirava a tirania.

Os primeiros desenvolvimentos de um talento peculiar que aparecessem ao seu alcance e sob a sua direção excitavam-no curiosamente, perturbavam-no muito. Ele observava a sua luta para nascer, com um ar carrancudo. Retirava a sua mão e dizia, talvez: “Venha se tiver força”, mas não ajudava no nascimento.

Mesmo quando a dor e o perigo do primeiro conflito tinham passado, quando o fôlego de vida começava, quando ele via os pulmões se expandirem e contraírem, quando sentia a batida do coração e descobria a vida nos olhos, ele ainda não se oferecia para nutrir e promover.

“Deve provar ser verdadeiro antes que eu te acaricie”, era a sua ordenança, e quão difícil ele tornava essa prova! Que espinhos, abrolhos e pedras ele espalhava debaixo dos pés não habituados à dura viagem! Ele observava sem lágrimas. As provações que ele exigia deveriam ser passadas sem receio. Ele seguia as pegadas que, ao se aproximarem da meta, estavam, por vezes, marcadas com sangue. Seguia-as severamente, mal-encarado como um guarda cruel espreita o peregrino vencido pela fadiga. E, quando, finalmente, ele permitia um descanso, antes que o sono lhe cerrasse as pálpebras, abria essas mesmas pálpebras com indicador e o polegar impiedosos e olhava, profundamente, através da pupila e da íris, até o cérebro, até o coração, para ver se a vaidade, o orgulho ou a falsidade, em qualquer das suas formas mais sutis, podiam ser descobertas no mais recônditos esconderijos da existência. Se, por fim, deixava o neófito dormir, era apenas por um instante. Logo, o acordava, bruscamente, para submetê-lo a novos testes. Enviava recados penosos, missões cansativas e, quando ele cambaleava de cansaço, ele punha-lhe à prova o temperamento, o senso e a saúde; e, só depois de todas as severíssimas provas terem sido aplicadas e suportadas, depois de terem sido usados os mais corrosivos ácidos sem terem embaciado o minério, ele considerava genuíno, e, ainda em velado silêncio, o marcava com o sinal profundo de sua aprovação.

Não falo ignorante desses males.

Até a data em que fechou o último capítulo, *Monsieur Paul* não tinha sido meu professor, de fato – não que ele nunca tivesse me ensinado alguma coisa, porém nada como professor oficial – contudo, por esse tempo, ouvindo-me acidentalmente confessar que eu era ignorante em algum ramo da educação (acho que era em aritmética), uma ignorância que teria envergonhado uma criança de qualquer escola de caridade (como ele notou e muito bem), tomou conta de mim, examinou-me primeiro, encontrou a lamentável deficiência, eu não preciso dizer, pois eu era abundantemente deficiente, deu-me alguns livros e designou a mim algumas tarefas.

Ele fez, no início, com prazer, com alegria indisfarçável, de fato, condescendente para dizer que ele acreditava que eu era *bonne et pas trop faible* (isto é, tinha algum conhecimento, estava cheia de boa vontade e não inteiramente destituída de dotes pessoais), mas, devido, segundo suponho, às circunstâncias adversas, “num estado deplorável de desenvolvimento mental.”

O início de todo o esforço, em mim, foi marcado por uma imbecilidade sobrenatural. Eu nunca conseguia, até mesmo para adquirir um conhecimento vulgar, dar provas de uma facilidade mediana. Cada nova página que virava na vida era marcada por um sentimento de dificuldade e depressão.

Enquanto isso durou, *Monsieur Paul* foi muito gentil, muito bom, muito tolerante. Via e sentia a dor aguda e o peso da humilhação infligido pela própria sensação de incapacidade. Dificilmente as palavras poderão fazer justiça à sua ternura e utilidade. Os seus olhos se umedeciam, quando as lágrimas de vergonha e esforço nublavam os meus; sobrecarregado de trabalho como estava, eu roubava ainda metade do seu tempo de descanso a meu favor.

Contudo, estranha dor! Quando a pesada e tristonha alvorada começou a transformar-se em dia, quando as minhas faculdades começaram a libertar-se, e o meu tempo de energia e realizações chegou, quando eu comecei a duplicar, triplicar, quadruplicar voluntariamente as tarefas que ele estabelecia, supondo, assim, agradá-lo, a sua bondade transformou-se em dureza. A luz dos seus olhos mudou de um doce feixe para uma dura faísca; impacientava-se, objetava-se, vergava-me imperiosamente. Quanto mais eu trabalhava, menos contente ele parecia. Sarcasmos, cuja severidade me espantava e me intrigava, atormentavam meus ouvidos; seguiram-se as mais

amargas insinuações contra “orgulho intelectual”. Fui vagamente ameaçada com não sei que desgraça, se eu alguma vez transpusesse os limites adequados ao meu sexo e concebesse apetites ilícitos de conhecimento não femininos. Ai de mim! Eu não tinha semelhantes apetites! Tinha apenas vontade de aprender um pouco mais. Porém, da nobre ciência abstrata a sede divina das descobertas – esses sentimentos só me eram conhecidos por breves lampejos.

No entanto, quando *Monsieur* Paul zombava de mim, eu desejava possuí-los plenamente; suas injustiças provocavam em mim desejos ambiciosos e me transmitiam um forte estímulo, que dava asas à minha aspiração e imaginação.

No início, antes que eu tivesse conhecimento dos motivos, a sua severidade pungia o meu coração. Mas, pouco a pouco, serviu para aquecer o sangue em minhas veias. Fossem quais fossem as minhas faculdades, femininas ou não, Deus as havia dado a mim também e eu estava decidida a não envergonhar as Suas dádivas.

O combate foi muito duro por um tempo. Parecia que eu tinha perdido a afeição de *Monsieur* Paul. Ele me tratava de forma estranha. Em seus momentos mais injustos, costumava insinuar que eu o desiludira quando me mostrava o que ele chamava de “*faible*”, isto é, incompetente. Acrescentou que tinha fingido uma falsa incapacidade. Mais uma vez, ele voltava-se e acusava-me das mais rebuscadas imitações e plágios impossíveis, afirmando que eu tinha extraído o essencial de livros de que nem sequer tinha ouvido falar e sobre cuja leitura teria infalivelmente caído num sono tão profundo como o de Êutico.

Uma vez, ao ouvi-lo proferir tal acusação, voltei-me contra ele. Peguei todos os seus livros de minha mesa, enchi meu avental, e lancei-os num monte, aos seus pés, sobre o estrado.

– Leve-os embora, *Monsieur* Paul – disse eu. – e não me ensine mais. Eu nunca pedi que me fizesse culta e o *Monsieur* me obriga a me sentir muito profundamente que a aprendizagem não é felicidade.

E, voltando para a minha mesa, enterrei a cabeça em meus braços e não lhe falei durante dois dias, sequer o olhei. Ele havia me magoado e me decepcionado. A sua afeição havia sido muito doce e querida, um prazer novo, inefável e incomparável. Agora que havia sido retirada, não me interessavam as suas lições.

Os livros, no entanto, não foram levados, foram, cuidadosamente, restituídos aos seus lugares e ele veio, como de costume, para me ensinar. Fizemos as pazes, talvez, muito depressa. Eu, sem dúvida, devia ter me tornado mais difícil. Porém, quando ele se tornava amável e bom, estendia a mão com amizade, a minha memória recusava-se a reproduzir com a devida intensidade os seus momentos de opressão. Depois, a reconciliação é sempre tão doce!

Certa manhã chegou uma mensagem da minha madrinha convidando-me para assistir alguma palestra notável que se realizaria no edifício público – o mesmo que descrevi atrás. O próprio doutor John trouxera a mensagem, entregando-a, verbalmente, a Rosine. Esta não tinha escrúpulos em seguir os passos de *Monsieur Emanuel*, que, então, seguia para a primeira classe e, em sua presença, parando retamente diante da minha mesa, com a mão no bolso do avental, repetiu alto e atrevidamente o que acabavam de lhe dizer, concluindo com estas palavras: – *Qu’il est vraiment beau, Mademoiselle, ce jeune docteur! Quels yeux, quel regard! Tenez! J’en ai le coeur tout ému!* [298]

Quando ela foi embora, o professor me perguntou por que eu tolerava que ‘*cette fille effrontée, cette criatura sans pudeur*’ [299] se dirigisse a mim em tais termos.

Não tive nenhuma resposta pacificadora a dar. Os termos eram os que Rosine – uma jovem senhora, cujos órgãos do respeito e da reserva não tinham sido amplamente desenvolvidos – tinha o hábito constante de usar. Além disso, o que ela dissera sobre o jovem médico era verdade. Graham era bonito, tinha belos olhos e um emocionante olhar. Uma observação, cujo efeito formou-se em som em meus lábios.

– *Elle ne dit que la vérité.* [300]

– *Ah! Vous trouvez?* [301]

– *Mas, sans doute.* [302]

A lição que tínhamos naquele dia era muito interessante e a proposta era que ficássemos muito felizes, e foi o que ocorreu. Ao final da aula, as alunas saíram correndo, meio trêmulas e meio exultantes. Eu também estava de saída, porém uma ordem para que eu esperasse deteve-me. Murmurei, tristemente, que precisava de um pouco de ar fresco, pois o fogão estava incandescente e a sala, um forno. Uma voz inexorável exigiu silêncio. E aquela salamandra – para quem um ambiente nunca parecia muito quente –

sentada entre minha mesa e o fogão, posição em que deveria se sentir assada, mas não se sentia, começou a me confrontar com uma citação grega.

Na alma, *Monsieur* Emanuel germinava a suspeita crônica de que eu sabia grego ou latim. Assim como dizem que os macacos possuem o dom da fala, mas não o querem usá-lo, ou têm a fama de esconder esta faculdade com receio de que ela se transforme em prejuízo, do mesmo modo me era atribuída a posse de conhecimentos que eu, criminal e astuciosamente, escondia. Ele insinuava que eu tivera os privilégios de uma “educação clássica”, que tinha folgado sobre as flores de *Hymettus*; uma provisão de ouro agrupava a minha memória, sustentava silenciosamente os meus esforços e alimentava, secretamente, as minhas faculdades.

Ele empregou uma centena de expedientes para surpreender o meu segredo. Tentou arrancá-lo com adulação, como não funcionou, passou para as ameaças. Às vezes, ele colocava sobre a minha mesa livros em grego e em latim e depois me vigiava, tal como os carcereiros de *Joana d’Arc* a tentaram com apetrechos de guerreiros e esperaram pelo resultado. Mais de uma vez, ele citou não sei que autores e passagens e, enquanto recitava os seus versos suaves (os tons clássicos saíam musicalmente de seus lábios, pois ele tinha uma boa voz, notavelmente ritmada e de modulação e expressão incomparáveis), costumava fixar em mim um par de olhos vigilantes, agudos e, muitas vezes, maliciosos. Era evidente que ele esperava, a cada momento, grandes demonstrações. Estas, porém, nunca ocorreram. Não compreendendo, eu não podia nem ser encantada e muito menos irritada.

Desiludido, quase zangado, ainda se agarrava à sua ideia fixa. A minha suscetibilidade foi declarada de mármore e o meu rosto uma máscara. Parecia que ele era incapaz de aceitar a verdade crua e tornar-me por aquilo que eu, verdadeiramente, era. Homens e mulheres precisam ter desilusões de algum tipo. Se elas não vierem, vão inventar exageros para si mesmos.

Em alguns momentos, eu desejei que as suas suspeitas fossem fundamentadas. Houve ocasiões em que eu teria dado a minha mão direita para possuir os tesouros que ele me atribuía. Ele merecia, sem dúvida, um castigo pelas suas impertinências e excentricidades. Eu poderia ter me vangloriado se pudesse apresentar as suas piores suspeitas. Eu poderia ter me exultado em confundir suas lunetas com extraordinários conhecimentos. Oh! Por que não houve alguém para me instruir, enquanto eu era jovem o suficiente para aprender, para que eu pudesse aniquilar para sempre o espírito

zombeteiro de Paul Carl David Emanuel!

Ai de mim! Semelhante façanha não estava em meu poder. Naquele dia, como de costume, as suas citações foram ineficazes e ele logo perdeu terreno.

“Mulheres de intelecto” foi o tema que se seguiu. Aqui ele se sentia mais à vontade. Uma “mulher intelectual”, ao que parecia, era uma espécie de *lusus naturae*, [303] um acidente infeliz, uma coisa para a qual não havia nem lugar nem utilização na criação, uma pessoa não desejada como esposa nem como trabalhadora. A beleza antepunha-se a ela. Ele acreditava que a calma, adorável e plácida mediocridade feminina era a única almofada em que o pensamento e os sentidos masculinos poderiam encontrar repouso para as suas frentes doloridas. Quanto ao trabalho, só a inteligência masculina poderia trabalhar com qualquer resultado prático apreciável.

– *Cela ne me regarde pás; je ne m’en soucie pás;* [304] – e acrescentei pouco depois: – Posso ir, *Monsieur*? Tocou a campainha para o almoço.

– O que tem isso? Tem fome?

Afirmei que, na verdade, eu estava faminta, pois não havia comido nada desde o café da manhã, às sete horas da manhã, e, se não fosse agora, só comeria no jantar, às cinco da tarde.

Bem, pois ele estava na mesma situação, mas eu poderia compartilhar de seu lanche.

E partiu em dois o seu brioche, dando-me a metade. Também dividiu a sua própria bebida. Para ser completamente verdadeira, ele mais ladrava do que mordida, porém o ataque, realmente, formidável ainda estava por vir. Enquanto comia o brioche, eu não podia deixar de expressar o meu desejo secreto de saber de tudo o que ele me acusava.

– Sinceramente, eu sinto muito em saber que é uma ignorante – disse ele, em um tom amolecido.

Se eu tivesse respondido humildemente, com uma simples afirmativa sem ressalvas, acredito que ele teria me estendido a sua mão e teríamos ficado logo amigos, mas eu respondi: – Não exatamente. Eu sou ignorante, *Monsieur*, no conhecimento que atribui a mim, mas eu não sou sempre ignorante. Tenho os meus próprios conhecimentos.

– O que deseja dizer? – perguntou ele, bruscamente.

Incapaz de responder abruptamente a essa pergunta, esquivei-me mudando de assunto. Ele já tinha terminado a metade do seu brioche e,

sentindo que ele não podia ter satisfeito o seu apetite com tão insignificante fragmento, como, aliás, eu também não tinha apaziguado o meu e, aspirando a fragrância das maçãs assadas do refeitório, aventurei-me a perguntar se ele também não sentia o cheiro agradável. Ele confessou que sim. Eu lhe disse que se me deixasse sair pela porta do jardim, eu atravessaria o pátio correndo, iria buscar um prato delas; e acrescentei que eu acreditava que elas estavam excelentes, pois Goton tinha método muito bom de assar a fruta, colocando um pouco de açúcar, especiarias, um ou dois copos de vinho branco, enfim, elas ficavam deliciosamente caramelizadas. Depois de todos esses argumentos, eu perguntei se poderia ir.

– *Petite gourmande!* [305] – disse ele, sorrindo: – Eu não me esqueci de como ficou alegre com o pastel de creme que lhe dei certa vez, e sabe muito bem, neste momento, que ir buscar as maçãs para mim é o mesmo que trazê-las para si. Vá, então, mas volte rapidamente.

E, finalmente, ele me libertou, porém em liberdade condicional. O meu próprio plano era ir e voltar bem depressa e com boa fé; colocar o prato na porta e, então, desaparecer logo, deixando todas as consequências para liquidação futura.

Contudo, aquele seu intolerável e aguçado instinto pareceu ter antecipado ao meu esquema, pois me esperou no limiar da porta, me fez entrar e instalou-me em um minuto no meu primitivo lugar. Tomando da minha mão o prato de frutas, ele dividiu em duas a porção destinada apenas a ele e ordenou que comesse a minha parte. Concordei, porém, sem bons modos. Indignado, suponho, pela minha relutância, ele abriu fogo com camuflada e perigosa bateria. Tudo o que ele tinha dito até então, eu poderia considerar como mera fúria sem nenhum significando; não foi assim com o presente ataque.

Consistia em uma absurda proposta com a qual ele antes já tinha me afligido: a saber, que no próximo exame público eu me submetesse – estrangeira como eu era – a tomar o meu lugar na primeira fila das alunas da primeira classe e ele improvisaria com elas uma composição em francês, sobre qualquer assunto que um espectador sugerisse, sem o auxílio da gramática ou dicionário.

Eu sabia qual seria o resultado de tal experiência. Eu, a quem a natureza tinha negado a faculdade da improvisação; eu, que em público, era por natureza um zero à esquerda e, cuja atividade mental, mesmo quando

estava sozinha, não podia ser exercida sob o sol do meio-dia; eu que precisava do fresco silêncio da manhã ou da reclusa paz da tardinha ou da noite para obter o impulso criativo, evidência do Impulso Criador, da sua presença, uma prova da sua força; eu, cuja relação que mantinha com esse impulso criativo era a mais intratável, a mais caprichosa, pois ele era o mais alucinante dos tiranos (exceto este que estava, agora, diante de mim) – uma ‘divindade’ que, às vezes, em circunstâncias propícias, aparentemente não falava quando questionada; não ouvia quando se apelava a ela; não era encontrada quando procurada. Antes costumava mostrar-se fria, toda endurecida como granito; negro Baal de lábios esculpidos e órbitas vazias, tendo por rosto e peito a laje de um túmulo. E, subitamente, a qualquer ruído, algum longo soluço do vento, qualquer brusca passagem de invisível corrente elétrica, o ser irracional se mostraria estranhamente vivo, se precipitaria de seu pedestal como um dragão transtornado, pedindo um sacrifício ao seu devoto, qualquer que fosse a hora, um pouco de sangue ou algum fôlego de vida da sua vítima, fossem quais fossem as circunstância ou o cenário, acordando o seu sacerdote e prometendo, traiçoeiramente, uma profecia, talvez, preenchendo seu templo com um estranho zumbido de oráculos, mas dando, sem dúvida, metade de seu significado a ventos funestos e regateando, ao desesperado que o escutava, um pobre remanescente miserável, cedendo-o sordidamente, como se a cada palavra fosse uma gota do pus imortal das suas próprias veias escuras. E, era esse tirano que eu deveria obrigar à escravidão, fazendo-o improvisar um tema, em um estrado de escola, entre uma Mathilde e uma Coralie, sob o olhar de uma Madame Beck, para o prazer e inspiração de um burguês de *Labassecour*.

Monsieur Paul e eu tínhamos travado sobre este argumento muitas batalhas ferozes, com ruídos de pedidos e recusas, exigências e repulsas.

Neste dia, em especial, fui profundamente repreendida. “A obstinação de todo o meu sexo, ao que parece, estava concentrada em mim; eu tinha um *orgueil de diable*.^[306] Eu receava fracassar, com certeza. Quem era eu para que se importassem se eu fracassasse ou não? Quem era eu para que não pudesse falhar como outras que me eram superiores? Até me faria bem.”

Ele desejava me ver derrotada (eu sabia disso muito bem), e parou um minuto para tomar fôlego.

“Será que eu deveria falar agora e ser dócil? Não! Eu nunca seria tratável sobre este assunto, nem por decreto. Antes preferiria pagar uma

multa, ou ser trancada numa prisão, em vez de ser obrigada a escrever, empoleirada num estrado, para dar espetáculo.”

“Poderia motivos mais suaves me influenciar? Cederia em nome da amizade?”

“Não cederia nem um fio de cabelo de amplitude. Nenhuma amizade no mundo tinha o direito de exigir semelhante concessão. Nenhum amigo verdadeiro me assediaria assim.”

Ele supôs, então, com um sorriso de escárnio – um arzinho que *Monsieur Paul* assumia, magistralmente, encolhendo o lábio, dilatando as suas narinas e franzindo as pálpebras – ele, supostamente, acreditou que havia uma única forma de apelo para o qual eu gostaria de ouvir, contudo, dessa forma ele não poderia fazer uso.

– Sob certas persuasões, vindas de certas esferas, *je vous vois d’ici* [307] – disse ele –, a preparar-se, ansiosamente, para o sacrifício, a armar-se apaixonadamente para o esforço.

– Fazendo papel de tola e servindo de exemplo diante de cento e cinquenta ‘*papas*’ e ‘*mammas*’ de *Villette*.

E aqui, perdendo a paciência, estourei novamente com um grito para que ele me libertasse, pois eu precisava de ar fresco, que eu quase sentia febre.

– Silêncio! – disse o inexorável professor, dizendo que aquilo era um mero pretexto para eu fugir, que ele não sentia calor, mesmo com o fogão em suas costas; como eu poderia senti-lo, inteiramente protegida por sua pessoa?

Eu não compreendia a sua constituição. Eu não sabia nada de História Natural e nem de salamandras. De minha parte, eu era fleumática e insular e não podia estar sentada dentro de um forno. Dessa forma, perguntei seu eu podia, pelo menos, pegar um copo de água. As maçãs doces tinham me dado sede.

– Se é só isso, eu irei buscar a água – ele respondeu e foi buscar. Claro que com a porta atrás de mim e só no trinco, eu não perdi a oportunidade. Antes que ele voltasse, eu havia escapado.

CAPÍTULO XXXI

A Dríade¹

À medida que a primavera avançava o tempo também esquentava. Esta mudança de temperatura trouxe para mim, como, provavelmente, para muitos outros, uma diminuição temporária das forças. Qualquer leve esforço físico me deixava fadigada e, se os dias eram cansativos, as noites, certamente, insones.

Numa tarde de domingo, depois de ter caminhado uma meia légua até a igreja protestante, voltei deprimida e exausta. Refugiando-me em meu santuário solitário, a primeira classe, eu estava contente por poder, finalmente, sentar e fazer da minha mesa um travesseiro para os meus braços e cabeça.

Por algum tempo, eu escutei o zumbido das abelhas no caramanchão e observei, através da porta de vidro e da tenra folhagem da primavera, levemente espalhada, Madame Beck e um alegre grupo de amigos que ela havia convidado para jantar que, entretidos, após a missa da manhã, passeavam na área central, sob os ramos do pomar. Esta estação de uma coloração tão pura e tão quente como uma montanha de neve ao nascer do sol estava mais colorida ainda por aquele grupo com vestidos florais.

Lembro-me bem de que a minha atenção foi logo atraída para a figura de uma bonita jovem que eu já tinha visto antes como visitante de Madame Beck, e sobre quem eu tinha ouvido vagamente dizer que era uma afilhada de *Monsieur Paul*. Ouvira ainda que, entre sua mãe, ou tia, ou qualquer outra parente e o professor, existia, desde longa data, uma amizade especial. *Monsieur Paul* não fazia parte do grupo nesse dia, mas eu já vira essa moça com ele antes e, tanto quanto uma observação distante me permitia julgar, ela parecia gostar muito dele com a facilidade de uma pupila que aprecia um guardião indulgente. Eu a tinha visto correr até ele, colocar o braço no dele e pendurar-se nele. Certa vez, quando ela fez isso, sofri de uma curiosa sensação – uma desagradável sensação premonitória, creio que da família dos pressentimentos – mas recusei-me a analisá-la.

Enquanto eu observava aquela jovem, *Mademoiselle Sauveur* – este era seu nome –, e seguia o brilho de seu vestido de seda (ela andava sempre luxuosamente vestida, pois diziam que ela tinha grande fortuna), através das flores e das folhas da tenra esmeralda, os meus olhos se fecharam: o meu cansaço, o calor do dia, o zumbido das abelhas, o canto dos pássaros, tudo me ninava e, finalmente, eu adormeci.

Duas horas se passaram. Antes que eu acordasse, o sol tinha se declinado para trás das altas casas, a sala e o jardim estavam imersos na sombra, as abelhas tinham partido e as flores se fechavam. Os convidados também haviam desaparecido e as álas estavam vazias.

Ao acordar, eu me senti perfeitamente descansada e muito bem. Não sentia frio, como seria natural, depois de estar tão quieta durante duas horas; nem com a face e os braços entorpecidos pela pressão contra a mesa rígida. Não era de se admirar? Em vez da madeira nua em que eu tinha me debruçado, eu encontrei um espesso xale, cuidadosamente dobrado, e outro (ambos tomados do corredor, onde tais coisas ficavam penduradas), confortavelmente, colocado sobre os meus ombros.

Quem teria feito aquilo? Quem teria sido meu amigo? Qual das professoras? Qual das alunas? Tirando a St. Pierre, que era hostil para comigo, qual delas tivera aquele pensamento, a arte de me beneficiar com tanto carinho? Qual delas tinha o passo tão leve, uma mão tão suave para que eu não ouvisse e nem sentisse o toque?

Quanto a Genevra Fanshawe, essa criatura era incapaz de qualquer carinho sem segundas intenções e, certamente, teria me puxado para fora da minha cadeira para me envolver em seus intrometidos assuntos. Por fim, pensei: “é obra de Madame Beck. Como ela entrou e me viu dormindo, pensou que eu poderia sentir frio e adoecer. Como me considerava uma máquina útil, respondendo bem à finalidade para a qual fora contratada, não gostaria de me ver, desnecessariamente, estragada.” E, agora, pensei: “vou dar um passeio, a tarde está fresca e não muito fria.”

Então, abri a porta de vidro e saí para o caramanchão. Dirigi-me para a área secreta, o meu beco. Se tivesse muito escuro eu não teria me aventurado, pois eu ainda não tinha me esquecido da ilusão de ótica (se de ilusão se tratasse) que ali experimentara há alguns meses. Mas, um raio de sol crepuscular ainda polia a coroa cinzenta de *St. Jean Baptiste* e nem todas as aves do jardim tinham desaparecido em seus ninhos entre densos arbustos e a

espessa hera.

Andei para cima e para baixo preocupada, mais ou menos, com os mesmos pensamentos que eu tivera na noite em que enterrara meu frasco de vidro: o que eu deveria fazer para obter algum avanço na vida, de dar mais um passo em direção a uma posição de independência, pois eu confesso que há meses esta reflexão fazia parte dos meus pensamentos. Embora, recentemente, não me tivesse perseguido, nunca me abandonava inteiramente. E, sempre que certos olhos me evitavam e certo semblante se escurecia de inimizade e injustiça, eu recaía, imediatamente, na especulação desse assunto. Dessa forma, pouco a pouco, um plano se formava em minha mente.

“A vida não é cara”, pensei quase alto e continuei refletindo. “Nesta cidade econômica de *Villette*, onde as pessoas são mais sensatas do que na minha querida e velha Inglaterra, infinitamente menos preocupadas com a aparência, menos amiga da ostentação; onde ninguém se envergonha por ser simples e ter optado por uma vida econômica quando acha que isso lhe é conveniente. A renda da casa, em lugar prudentemente escolhido, não precisa ser alta. Quando eu tiver guardado mil francos, vou procurar em um cortiço uma grande casa, com uma sala ampla e duas ou três menores; vou guarnecer a sala maior com alguns bancos e mesas, um quadro negro e um estrado para mim; sobre ele, uma cadeira e uma mesa, com uma esponja e alguns gizos brancos. Começo por aceitar alunas externas e assim abrirei o meu caminho.”

O princípio de vida de Madame Beck – como muitas vezes eu a ouvi dizer – não foi mais elevado e onde está ela agora? Todas essas instalações e este jardim são dela, comprados com o seu dinheiro. Ela tem uma competência já garantida pela maturidade e um estabelecimento florescente sob a sua direção que irá fornecer uma garantia para seus filhos.

“Coragem, Lucy Snowe! Com abnegação, economia e esforço constante, não lhe faltarão objetivos na vida. Não se sinta culpada por estes objetivos serem demasiados egoístas, muito limitados e carecerem de interesse. Contentese em trabalhar para a sua independência até que a tenha provado, conquistado o seu direito de olhar para mais alto. Mas, depois não haverá mais nada para mim na vida – nenhum lar verdadeiro –, nada que me seja mais querido; nada que eu, voluntariamente, coloque todo o peso do egoísmo humano... tomarei o cargo mais nobre de trabalhar e de viver para os outros. Suponho, Lucy Snowe, que a órbita da sua vida nunca será tão cheia.

Para você deve bastar o quarto-crescente. Muito bem. Eu vejo uma enorme massa de meus semelhantes em igual circunstância. Vejo que muitos homens, e mais ainda mulheres, suportam a vida em condições de negação, sofrimento e privação. Eu não encontro nenhuma razão para que eu seja das poucas favorecidas. Eu acredito num misto de esperança e alegria que suaviza os piores destinos. Creio que esta vida não é tudo, nem o começo nem o fim. Acredito, embora trema; confio, embora chore.”

“Portanto, este assunto está resolvido!” É bom encarar, de vez em quando, corajosamente a nossa vida. Olhar as contas bravamente e liquidá-las honestamente. E, se engana quem mente a si mesmo, enquanto avalia as parcelas e considera felicidade o que é apenas sofrimento. Chamemos de angústia a angústia, de desespero o desespero – escrevamos ambos com grandes caracteres e grafia decidida –, melhor, pois pagaremos as nossas dívidas ao destino.

Falsifiquemos: vamos inserir alegria onde deveríamos ter escrito dor e veremos se o nosso poderoso credor permitirá passar a fraude ou aceitará a moeda com a qual desejamos enganá-lo. Ofereçamos ao mais forte – ainda que o mais negro anjo do exército de Deus – água, quando ele pediu sangue. Ele vai tomá-la? Nem todo um pálido mar por uma gota vermelha. Eu liquidei outra conta.

Fazendo uma pausa diante de Matusalém – a gigante árvore e patriarca do jardim – e, apoiando a minha testa contra o seu tronco nodoso, o meu pé descansou sobre a pedra que selava o pequeno sepulcro junto a sua raiz e lembrei-me dos sentimentos ali sepultados. Recordei-me do doutor John, do meu afeto por ele, da minha fé na sua superioridade, da minha admiração pela sua beleza e caráter. O que fora feita daquela curiosa amizade unilateral, metade mármore e metade vida; apenas verdadeira por um lado e, pelo outro, talvez, mera brincadeira ou compaixão.

Morrera esse sentimento? Eu não sei, mas eu sabia que ele estava enterrado. Às vezes, eu achava que o túmulo não estava totalmente sossegado e sonhava, estranhamente, com a terra revolvida e com cabelos, ainda na cor de ouro e vivo, saindo pelas fendas do esquife.

Se eu tinha sido precipitada? Eu costumava perguntar a mim mesma, e esta dúvida ocorria com cruel nitidez depois de qualquer conversa ocasional com o doutor John. Ele tinha, ainda, para mim um ar amável, uma mão quente e a sua voz, quando pronunciava o meu nome, ainda era para os meus

ouvidos uma melodia agradável. Eu nunca gostei tanto do nome Lucy quando dito por ele. Mas, aprendi com o tempo que essa amabilidade, essa cordialidade, essa música, de modo nenhum me pertenciam: tudo isso era parte de sua essência. Era o mel de seu temperamento, o bálsamo de seu gênio suave. Ele os transmitia como o fruto maduro recompensa, com a sua doçura, a abelha que o suga; ele os difundia à sua volta como as plantas lançam seu perfume. Acaso a doce fruta ama a abelha ou as aves, as quais alimenta? Acaso as flores estão enamoradas da brisa que perfuma?

“Boa noite, doutor John! Você é bom, é belo, mas não é meu. Tenha uma ‘boa-noite’ e que Deus lhe abençoe!”

Assim, enterrei os meus devaneios. O “boa-noite” saiu audível dos meus lábios. Ouvei as palavras pronunciadas e logo em seguida um eco muito próximo.

– Boa noite, *Mademoiselle*, ou melhor, boa tarde, o sol ainda não se pôs. Espero que tenha dormido bem.

Estremeci, mas logo me recompus. Eu reconhecia aquela voz.

– Dormido, *Monsieur*! Quando? Onde?

– Você pode muito bem perguntar onde e quando. Parece que faz do dia a noite e da mesa um travesseiro. Cama um tanto dura, hein? E que alojamento difícil!

– A dureza da mesa foi atenuada para mim enquanto eu dormia. Fizeram-na macia. Aquele duende obsequioso e invisível que assombra a minha mesa lembrou-se de mim. Não importa como eu adormeci. Acordei com travesseiro e coberta.

– Será que os xales mantiveram-na quente?

– Muito quente. Devo agradecê-lo por eles.

– Não é necessário. Você parecia pálida no seu sono. Está doente ou é nostalgia de casa?

– Para sentir nostalgia de casa é preciso ter um lar e eu não tenho.

– Então, tem mais necessidade ainda de ter um amigo cuidadoso. Não conheço ninguém que precise mais de um que Miss Lucy. As suas próprias falhas o exigem. Precisa muito que a reprimam e a subjuguem.

Essa ideia de me “subjugar” nunca saía da cabeça de *Monsieur* Paul. A minha mais completa submissão não lhe teria bastado. Não importa. Eu o ouvia e não me preocupava em ser muito submissa, pois, do contrário, *Monsieur* perderia a sua ocupação predileta: subjugar-me.

– Você precisa ser muito vigiada – ele prosseguiu. – É bom para você que eu cumpra esse dever. Vigio-a e a outras bem de perto constantemente, mais de perto e com mais frequência do que você ou elas possam pensar. Você vê aquela janela com uma luz? – e apontou para o colégio dos rapazes.

– Aquele – disse ele, – é o quarto que eu aluguei nominalmente para quarto de estudo, mas, praticamente, para posto de observação. Lá eu me sento e leio por horas a fio, a meu modo e gosto. O meu livro é este jardim; o seu conteúdo são as características da natureza humana, especialmente a natureza humana feminina. Conheço-as de cor, sei o que se passa em seus corações. Ah! Eu a conheço bem, Miss Lucy e também a *parisienne* St. Pierre, até a minha própria prima, Beck.

– Não está certo, *Monsieur*.

– Como não está certo? Acaso algum dogma de Calvino ou Lutero me condena? O que isso me importa? Eu não sou protestante. O meu rico pai, pois embora eu tenha conhecido a pobreza e passado fome como qualquer miserável por um ano, num sótão em Roma, muitas vezes com uma única refeição por dia e, às vezes, nem isso, contudo nasci rico. Portanto, o meu rico pai era um bom católico e me deu um padre e um jesuíta por tutor. Eu não me esqueci de suas lições. E a que descobertas, *grand Dieu*, elas me levaram!

– Descobertas feitas por esse processo, em segredo, me parecem infames.

– Puritaine! Eu não duvido! No entanto, veja como o meu sistema jesuíta funciona. Você conhece a St. Pierre?

– Parcialmente.

Ele riu.

– Você disse muito bem, “parcialmente”, enquanto eu a conheço completamente. É essa a diferença. Ela fingiu-se amável para comigo, veio até a mim com pezinhos de lã, acariciou-me, lisonjeou-me, bajulou-me e adulou-me. Ora, eu sou acessível à lisonja de uma mulher – acessível contra a minha razão. Apesar de eu nunca tê-la achado bonita, ela era, quando eu a conheci, jovem ou sabia fazer-se jovem. Como todas as suas compatriotas, possuía a arte de se vestir e certa segurança social fácil e fria, o que me poupava à dor do embaraço.

– Isso devia ser desnecessário, *Monsieur*. Eu nunca o vi embaraçado em minha vida.

– Conhece-me pouco, *Mademoiselle*. Sou capaz de ficar tão constrangido como uma pequena colegial. Existe um fundo de modéstia e timidez na minha natureza.

– Eu nunca percebi isso, *Monsieur*.

– Mas existe, *Mademoiselle*. Você deveria ter visto.

– *Monsieur*, o tenho observado em público, em palanques, em tribunas, perante titulares e cabeças coroadas e o vi, sempre, tão à vontade como se estivesse na sua sala de aula.

– Nem os títulos, nem as cabeças coroadas excitam a minha modéstia, *Mademoiselle*, e a publicidade é o meu elemento. Eu gosto disso e respiro livremente com ela; mas... – mas... – em suma, aqui está o sentimento do qual lhe falei em ação neste momento. *Mademoiselle*, se eu fosse um homem interessado em casar (o que eu não sou e pode poupar-se do incômodo de qualquer risinho de desprezo que lhe provoque esse pensamento), e tivesse necessidade de pedir a uma senhora que olhasse para mim como futuro marido, então, provar-se-ia que eu sou (como lhe disse) tímido e modesto.

Agora, eu acreditava completamente nele e, acreditando, honrava-o com uma sinceridade de estima e apreço que me fazia doer o coração.

– Quanto a St. Pierre – continuou ele, recompondo-se, pois a sua voz havia alterado um pouco –, teve, em tempos, a intenção de vir a ser, um dia, Madame Emanuel, e eu não sei se não teria sido iludido, se não fosse aquela pequena janela onde há luz. Ah, janela mágica! Que milagrosas descobertas ela realizou! Sim – ele prosseguiu, – eu vi os seus rancores, as suas vaidades, suas levandades, não só aqui, mas em outros lugares. Eu testemunhei o bastante para me encourajar contra as suas artes. Estou salvo da pobre Zélie.

– E as minhas alunas? – ele recomeçou pouco depois, – essas loiras *jeunes filles* tão suaves e tão dóceis! Vi as mais reservadas traquinarem com rapazes; as mais ponderadas arrancarem as uvas das paredes e agitarem as peras das árvores. Quando veio a professora de inglês... eu a vi, notei a sua preferência inicial por este beco, o seu gosto pelo isolamento, observei-a bem, muito antes de chegarmos a nos falar. Lembra-se de uma vez que cheguei, silenciosamente, ao seu lado e lhe ofereci um ramo de violetas brancas quando éramos ainda estranhos?

– Lembro-me, claro. Sequei as violetas, guardei-as e ainda as conservo.

– Agradou-me quando você as pegou prontamente e de forma pacífica, sem pudor e sem falsa modéstia – sentimento que eu sempre temo excitar e

que, quando é revelado em gesto ou olhar, eu detesto furiosamente. Mas, retornando ao assunto: não só eu a vigiei muitas vezes, especialmente ao entardecer ou à noitinha – outro anjo da guarda, silenciosamente, pairava aqui perto, noite após noite. A minha prima Beck descia aqueles degraus e seguia, furtivamente, os seus movimentos quando não podia ser vista.

– Mas, *Monsieur*, como podia, daquela janela distante, ver o que se passava neste jardim à noite?

– Com o luar e possivelmente com um espelho – eu uso um espelho... talvez pudesse. Mas, o próprio jardim está aberto para mim. No alpendre, ao fundo, há uma porta que dá para o pátio que se comunica com o colégio. Eu possuo a chave e posso assim ir e vir à vontade. Esta tarde eu entrei por ela e a encontrei dormindo na classe. E, agora, usei-a para encontrá-la aqui.

Não pude deixar de dizer: – Se *Monsieur* fosse um homem mau, quão terrível seria tudo isso!

A sua atenção não parecia suscetível de se deter neste aspecto do problema. Acendeu o seu charuto e, enquanto o fumava, encostado a uma árvore e olhando para mim de um modo frio e divertido, como sempre acontecia quando o seu humor estava calmo, julguei adequado continuar a fazer-lhe um sermão. Muitas vezes ele me fazia preleções de uma hora inteira. Eu não via, portanto, porque não deveria falar o que pensava. Então, eu disse as minhas impressões a respeito de seu sistema jesuítico.

– Os conhecimentos que essa espionagem lhe traz, *Monsieur*, são comprados e caro demais! Essas idas e vindas furtivas aviltam a sua própria dignidade.

– A minha dignidade! – exclamou ele, rindo, – quando me viu incomodar-me com a minha dignidade? *Digne* é Miss Lucy. Quantas vezes, em sua alta presença insular, eu concordei em tripudiar sobre o que chamam de minha dignidade, rasgando-a, espalhando-a aos ventos, nesses loucos transportes a que assistem com tanta altivez e que eu sei que não considera mais que os delírios de um ator de Londres de terceira categoria.

– *Monsieur*, eu lhe digo que a cada olhar que lança daquela janela é uma afronta que faz à melhor parte de seu próprio caráter. Estudar dessa forma o coração humano é banquetear secretamente com as maçãs de Eva. Eu queria que *Monsieur* fosse um protestante.

Indiferente a este desejo, ele continuou fumando. Após um intervalo de silêncio pensativo, sorridente, porém pensativo, disse um tanto bruscamente:

– Vi outras coisas.

– Que outras coisas?

Tirando o charuto de seus lábios, atirou a ponta entre as ervas daninhas, onde, por um momento, ficou brilhando na escuridão.

– Olhe para ali – disse ele: – Não é como um olho a vigiá-la a si e a mim?

Deu uma volta pela área, retornando pouco depois, continuou: – Vi coisas, Miss Lucy, para mim coisas inexplicáveis e que me fizeram pensar numa noite inteira numa solução que ainda não encontrei.

O seu tom era estranho e ele me viu estremecer e me emocionar.

– Você está com medo? É das minhas palavras ou desse olho vermelho de ciúmes piscando para você?

– Estou com frio, está ficando muito escuro e a tarde mudou. É hora de ir para dentro.

– Passa um pouco das oito, você deve ir, em breve. Responda-me apenas esta pergunta.

No entanto, ele hesitou antes de fazê-la. O jardim foi ficando cada vez mais escuro. O anoitecer veio com nuvens e gotas de chuva começaram a tamborilar através das árvores. Esperei que ele sentisse isso, mas ele parecia, no momento, muito absorvido para sentir a mudança.

– *Mademoiselle*, os protestantes acreditam no sobrenatural?

– Há uma diferença entre a teoria e a crença sobre esse ponto entre os protestantes, como entre outras seitas – eu respondi. – Por que me faz essa pergunta, *Monsieur*?

– Por que estremece e fala tão baixinho? É supersticiosa?

– Sou de constituição nervosa e não gosto de falar de tal assunto. Não gosto, sobretudo porque ele...

– Por que acredita?

– Não, mas já me aconteceu de experimentar impressões.

– Desde que veio para cá?

– Sim. Alguns meses atrás.

– Aqui? Nesta casa?

– Sim.

– Bem. Estou feliz por saber disso. Na realidade, de alguma forma eu já sabia antes mesmo que você me dissesse. Eu tinha consciência de uma semelhança entre nós dois. *Mademoiselle* é paciente, eu sou colérico; é calma

e pálida e eu sou moreno e ardente; é protestante rígida e eu sou uma espécie de leigo jesuíta, contudo somos semelhantes. Há afinidade entre nós. Não vê isso, *Mademoiselle* quando se olha no espelho? Não nota que a sua testa é moldada como a minha, que os seus olhos são talhados como os meus? Não nota que tem muitos tons da minha voz? Sabe que *Mademoiselle* tem muito dos meus olhares e modos? Eu percebo tudo isso e acredito que nasceu sob a minha estrela. Sim, você nasceu sob a minha estrela! Trema! Porque, quando isso acontece com os mortais, os fios de seus destinos são difíceis de desembaraçar. Surgem nós que, quando se rompem, danificam a teia. Mas, essas “impressões ou sensações”, como você disse com a sua prudência inglesa, eu também as tive.

– Diga-me então, *Monsieur*.

– É o que desejo fazer. Conhece a lenda dessa casa e desse jardim?

– Sim. Dizem que há séculos uma freira foi enterrada viva aqui, ao pé desta árvore, sob o solo que nos sustenta agora.

– E que noutros tempos uma freira costumava aparecer aqui?

– E se ela ainda vier, *Monsieur*?

– Algo vai e vem aqui neste sítio: há uma forma que frequenta esta casa à noite, diferente das que se mostram de dia. Tenho visto, indiscutivelmente, uma coisa mais de uma vez; e, para mim os seus trajes conventuais eram uma visão estranha, que diziam mais do que podem dizer a qualquer outro ser vivo. Uma freira!

– *Monsieur*, eu também a vi.

– Já esperava por essa confirmação. Se esta freira é de carne e de sangue, ou algo que permanece quando o sangue seca e a carne desaparece, provavelmente, ela ocupa-se tanto com você quanto comigo. Pois bem, quero tirar esse caso a limpo. Ela tem me confundido até agora, mas tenciono seguir esse mistério. Quero dizer, essa freira...

Em vez de me dizer o que ele pretendia fazer, levantou bruscamente a cabeça. Eu fiz o mesmo movimento no mesmo instante, nós dois olhamos para a mesma direção, para a alta árvore que sombreava o caramanchão e descansava alguns de seus galhos sobre o telhado da primeira classe. Ouvimos um som estranho e inexplicável vindo daquela direção. Era como se os ramos e os galhos tivessem se balançando por iniciativa própria e o peso da folhagem tivesse chocado contra o tronco maciço. Contudo, quase não havia brisa naquela noite e aquela grande árvore tinha se agitado enquanto os

arbustos mais leves continuavam parados! Por alguns minutos, continuou a luta entre a madeira e a folhagem. Escuro como estava, parecia que qualquer coisa mais sólida do que a sombra da noite ou a sombra dos ramos enegrecia próximo ao tronco. Por fim, a luta cessou. Que ave realizara aquele barulho? Que dríade nascera daquele parto? Nós olhamos fixamente. Um sino tocou subitamente dentro da casa chamando para a oração. Imediata e subitamente, surgiu do caramanchão, à direita da nossa ala, uma aparição toda de preto e branco. Como uma espécie de presa irada, bem junto das nossas faces, passou rapidamente a própria freira. Nunca a tinha visto tão claramente. Ela parecia alta de estatura, feroz nos gestos. Quando ela passou, o vento começou a soluçar, a chuva, agora, caía fortemente, selvagem e fria. Toda a noite pareceu senti-la.

CAPÍTULO XXXII

A Primeira Carta

O leitor deve estar se perguntando por onde anda Paulina e como andam as minhas relações com o luxuoso Hotel Crécy. Essas relações tinham sido suspensas, temporariamente, por motivo de viagem. O conde e Miss De Bassompierre estiveram algumas semanas em visita a amigos em algumas províncias e também na capital da França. O acaso me informou de seu retorno logo após o ocorrido.

Numa tarde amena, eu estava passeando num tranquilo *boulevard*, apreciando o benigno sol de abril, com alguns pensamentos agradáveis na mente, quando vi diante de mim um grupo de cavalheiros parando como se tivessem acabado de se encontrar e trocando cumprimentos em meio de um largo caminho ladeado de flores. De um lado, um cavalheiro de meia-idade e uma jovem senhora e do outro, um rapaz jovem e bonito. A jovem era muito graciosa e a escolha do que usava era imponente e de bom gosto. Ao olhá-los, percebi que não me eram estranhos ao todo e, chegando um pouco mais perto, reconheci-os perfeitamente: o conde Home De Bassompierre, sua filha e o doutor Graham Bretton.

Como estava animado o rosto de Graham! Que verdadeira, calorosa, embora discreta a alegria que ele expressava! Era este o retrato à minha frente. Uma combinação de circunstâncias propícias que eu deveria vencer imediatamente, de uma só vez. Eu tinha que acorrentar e subjugar o doutor John, para sempre dentro de mim, e colocar uma pedra sobre a ilusão que eu criara. A pérola que ele admirava era, em si, de grande preço e da mais verdadeira pureza, mas ele não era homem que, na apreciação da joia, pudesse esquecer o engaste. Se ele tivesse visto Paulina com a mesma juventude, beleza e graça, mas a pé, sozinha, desprotegida e em trajas simples, uma trabalhadora, uma *demi-grisette*,[\[308\]](#) a teria julgado uma simples mocinha, teria amado com os olhos os seus movimentos e o seu rosto, mas não bastaria isso para conquistá-lo como ele estava agora, para dominá-lo com segurança como eu via diante de meus olhos, sem perda e

mesmo com o ganho para a honra masculina. O doutor John era um homem de sociedade e a sua escolha não poderia satisfazer a si apenas, era necessário que a sociedade também aprovasse; que o mundo admirasse o que ele fazia ou, caso contrário, ambos consideraria as suas capacidades falsas e fúteis. Na mulher que o conquistasse, ele exigia tudo o que aqui estava visível: a marca da elevada cultura, a consagração de uma cuidadosa e autoritária proteção, os acessórios que a moda decretasse: a fortuna compra e o bom gosto adapta. O seu espírito exigia estas condições antes de se render e, agora, estavam elas todas cumpridas e realizadas numa só pessoa. Agora, ele estava orgulhoso, apaixonado e, contudo, receoso, prestava homenagem a Paulina como sua soberana. Quanto à ela, o sorriso de sentimento, em vez de poder consciente, dormia calmamente em seus olhos.

Separaram-se. Ele passou por mim às pressas, mal sentindo a terra em que pisava, sem ver nada ao seu lado. Parecia muito belo, transbordava nele a coragem e a resolução.

– Paizinho, não é Lucy? – disse uma voz musical e amigável. – Lucy, minha querida Lucy, venha aqui!

Apressei-me para encontrá-la. Ela levantou o véu e inclinou-se da sela para me beijar.

– Ia vê-la amanhã – disse ela, – mas agora é você que vai me ver amanhã.

Ela disse a hora e eu prometi que iria.

À tarde do dia seguinte, encontrei-me com ela e nos trancamos no seu quarto. Eu não a tinha visto desde aquela ocasião em que as suas reivindicações haviam sido postas em confronto com as de Ginevra Fanshawe e que tão notavelmente tinham prevalecido. Ela tinha muito a me contar de suas viagens nesse intervalo. Estava animada e falava rapidamente demonstrando excelentes faculdades descritivas; no entanto, com a sua dicção ingênua e voz suave, nunca parecia falar demasiado. A minha atenção – acredito – não teria se fatigado, mas foi ela quem pareceu precisar mudar de assunto. Encerrou a sua narrativa brevemente, sem que me fugisse o motivo óbvio de tal mudança. Seguiu-se um silêncio inquieto e um tanto abstrato. Depois, virando-se para mim, com uma voz tímida meio suplicante, ela disse:

– Lucy.

– Estou aqui ao seu lado.

– A minha prima Ginevra ainda está na escola de Madame Beck?
– Ainda está lá e deve estar ansiosa para vê-la.
– Não, acredito que não.
– Você quer convidá-la para passar outra noite aqui?
– Não! Ela ainda fala sobre se casar?
– Não com quem você está pensando.
– Mas, é claro que ela ainda pensa no doutor Bretton! Ela não pode ter mudado de ideia sobre esse ponto. Ela estava tão decidida há apenas dois meses.

– Por que, não importa. Você viu como eles se relacionaram naquela noite.

– Houve um pequeno desentendimento entre eles naquela noite, certamente. Ela lhe pareceu infeliz?

– Não. – Mudando de assunto. – Não teve notícias de Graham durante a sua ausência?

– Por uma ou duas vezes, papai recebeu cartas dele sobre negócios, segundo creio... Ele se comprometeu a olhar qualquer negócio que exigiu atenção enquanto estivemos fora. O doutor Bretton parece respeitar meu paizinho e ter prazer em lhe ser prestativo.

– Sim. Vi-o ontem no *boulevard*. Deve julgar, pelo aspecto que ele apresentou, que você não precisa se preocupar com a sua saúde.

– Papai parece ter pensado o mesmo. Eu não pude deixar de sorrir. Ele não é particularmente atento, você sabe, pois, muitas vezes, pensa em coisas diferentes das que lhe passam diante dos olhos. Mas, disse quando o doutor Bretton se afastou: “realmente faz bem ver a energia que esse menino possui.” Ele chamou o doutor Bretton de um menino e eu acredito que ele quase acha isso mesmo, assim como ele me considera uma criança – ela não falou para mim, mas deixou escapar essa observação para si mesma.

– Lucy – de novo tomou aquele tom suplicante e, no mesmo instante, ela deixou a sua cadeira e veio se sentar no banco aos meus pés.

Eu gostava de Paulina. Não é uma declaração que eu tenha feito muitas vezes no decorrer deste livro. Bem, que eu me recorde. A convivência íntima, a constante observação mostrava em Paulina apenas o que era delicado, inteligente e sincero. Por isso, ela tinha o meu respeito e eu a admirava profundamente. Uma admiração mais superficial poderia ter sido mais demonstrativa e exuberante. A minha, no entanto, era calma.

– O que você tem para perguntar a Lucy – disse eu. – Vá, pergunte, seja corajosa e coloque para fora.

No entanto, não havia coragem em seus olhos. Quando encontraram os meus, logo abaixaram; suas faces estavam coradas, não por um rubor passageiro, mas por uma excitação interior que as aquecia.

– Lucy, eu gostaria de saber o que pensa do doutor Bretton. Que me dê a sua verdadeira opinião sobre o seu caráter e o seu temperamento.

– O seu caráter é dos mais elevados que eu conheço – respondi.

– E o seu temperamento? Fale-me de seu temperamento – insistiu ela. – Você o conhece muito bem.

– Sim. Eu o conheço muito bem.

– Você conhece o seu lado caseiro. Já o viu com sua mãe. Fale-me dele como filho – ela parecia ansiosa.

– É um excelente filho! A alegria de sua mãe, o seu prazer, o seu conforto, a sua esperança e o seu orgulho.

Ela segurava a minha mão entre as dela e a cada palavra favorável a Graham, ela me acariciava.

– Em que outras maneiras ele é bom, Lucy?

– O doutor Bretton é benevolente, humano para os seus semelhantes. Teria benignidade para o mais baixo selvagem ou o pior criminoso.

– Ouvi alguns dos amigos de papai falando dele e disseram o mesmo. Eles disseram que muitos dos pobres doentes dos hospitais, que tremem diante de alguns cirurgiões impiedosos e egoístas, só querem a ele.

– Estão certos. Eu mesma testemunhei. Uma vez ele me levou ao hospital e eu vi como ele foi recebido. Os amigos de seu pai têm razão.

A mais doce gratidão animava, agora, os seus olhos quando os levantou por um momento. Ela ainda tinha mais coisas a dizer, mas parecia hesitar sobre o momento e o lugar. O entardecer estava começando a reinar; o fogo da sala já brilhava como a vermelhidão do crepúsculo. Desconfiei que ela desejava a penumbra da sala.

– Como estamos tranquilas e isoladas aqui! – eu observei, para tranquilizá-la.

– Acha mesmo? – ela mesma respondeu com a pergunta. – Não é noite ainda e não nos chamarão para o chá e papai vai jantar fora. Estamos sozinhas.

Ainda segurando minha mão, ela brincava inconsciente com os meus

dedos. Experimentou neles os seus próprios anéis, envolveu-os depois com um fio de seu bonito cabelo, depois deu um tapinha com a sua mãozinha em sua bochecha quente e, finalmente, tendo clareado a voz, que era naturalmente límpida, disse:

– Deve achar estranho que eu fale tanto sobre o doutor Bretton, que faça tantas perguntas, tenha tanto interesse, mas...

– Nem um pouco estranho. Acho perfeitamente natural. Eu sei que você gosta dele.

– E se eu gostasse mesmo? – perguntou ela com rapidez e vivacidade. – Era razão para falar tanto? Eu suponho que você me ache fraca como a minha prima Ginevra.

– Se eu a julgasse como Madame Ginevra, eu não estaria sentada aqui esperando por suas comunicações. Levantar-me-ia, passaria à vontade pela sala e anteciparia tudo o que tivesse a me dizer com um grande sermão. Continue.

– Eu quero continuar – respondeu ela, – o que mais você acha que eu quero fazer?

E mostrou-me e falou como a pequena Polly de *Bretton*, petulante e sensível.

– Se – disse ela, enfaticamente. – Se eu gostasse do doutor John ao ponto de morrer por ele, isso, por si só, não me autorizaria a ser mais do que muda, muda como um túmulo, muda como você, Lucy Snowe. Você bem o sabe e me desprezaria se eu não soubesse me dominar e me lamentasse sobre qualquer mesquinha simpatia que fosse só do meu lado.

– É verdade que eu respeito pouco as mulheres ou as moças que são loquazes a vangloriar-se dos seus triunfos ou lamentar-se das mortificações dos seus sentimentos. Mas, quanto a você, Paulina, fale, porque eu sinceramente desejo ouvi-la. Diga-me tudo o que vai lhe dar prazer ou alívio em me contar.

– Você gosta de mim, Lucy? É minha amiga?

– Sim, sou sua amiga, Paulina.

– E eu gosto muito de você, Lucy. Tenho um estranho prazer em sua companhia, mesmo quando eu era uma menininha inquieta e desobediente lá em *Bretton*. Podia não parecer, mas era encantador esbanjar sobre você as minhas travessuras e caprichos. Agora, simpatizo de fato com você, gosto muito de conversar e é em quem eu confio. Pode me ouvir, então, Lucy?

E ela sentou-se, descansando contra o meu braço – descansando suavemente, não com o peso fatigante e egoísta de Ginevra Fanshawe.

– Alguns minutos antes você me perguntou se eu não tinha tido notícias de Graham durante a nossa ausência e eu disse que papai havia recebido duas cartas sobre negócios, o que era verdade, mas eu não lhe disse tudo.

– O que não me contou? – perguntei suavemente, pois percebi que ela estava embaraçada.

– Embaralhei-me e equivoquei-me, você sabe. No entanto, eu vou falar a verdade agora, está ficando mais escuro, posso falar com mais facilidade. Papai muitas vezes me deixa abrir o saco com as correspondências e dar-lhe o conteúdo. Uma manhã, há cerca de três semanas, você não calcula como eu fiquei surpresa ao encontrar, entre uma dúzia de cartas para *Monsieur De Bassompierre*, uma dirigida à Miss De Bassompierre. Avistei-a, imediatamente, entre todas as restantes. A caligrafia não me era estranha e atraiu-me diretamente. Eu ia dizer: “Papai, aqui está outra carta do doutor Bretton”, mas o ‘Miss’ me deixou muda. Eu nunca tinha recebido uma carta de um cavalheiro antes. Eu deveria tê-la mostrado ao papai e deixado que ele a lesse primeiro. Mas, eu não pude, Lucy. Eu conheço muito bem as ideias do papai a meu respeito. Ele se esquece da minha idade e pensa que eu sou uma mera colegial. Ele não repara que as outras pessoas veem que eu estou crescida. Por isso, com uma mistura de sentimentos, alguns deles de autocensura, outros alvoroçados e fortes, não sei nem descrevê-los, entreguei ao papai as suas doze cartas que lhe pertenciam e retive a minha. Ela ficou no meu colo durante o desjejum, olhando para mim com um inexplicável significado e fazendo-me sentir como uma coisa dupla: uma criança querida do papai, mas não uma criança para mim mesma. Após o desjejum, levei a carta para cima e, após ter garantido a mim mesma que estava segura, girando a chave na porta, comecei a estudar a parte externa do meu tesouro. Levou alguns minutos antes que eu acabasse de observar o endereço e começasse a observar o lacre. Não se toma de assalto uma fortaleza como aquela, Lucy! ‘Sentamo-nos um pouco diante dela’, como dizem os atacantes. A letra de Graham é como ele, Lucy. Firme, clara e arredondada. Não como os respingos desleixados da cera do lacre, mas uma só gota sólida, estável, como uma impressão bem nítida. Nada de caracteres agudos, que ferem o nervo ótico, mas uma letra asseada, um manuscrito harmonioso, agradável, que dá

gosto de ler! É como o seu rosto, como as suas feições. Você conhece a letra dele, Lucy?

– Já a vi. Continue.

– O selo do lacre era bonito demais para ser quebrado. Por isso, o cortei com uma tesoura. Quando, finalmente, eu ia ler a carta, recuei mais uma vez, voluntariamente, e esperei. Era, ainda, muito cedo para beber aquele licor; eram tão belos os seus reflexos na taça que eu quis admirá-los por mais um instante. Então, me lembrei de que eu não tinha dito as minhas orações naquela manhã. Como ouvira o papai descer para o desjejum um pouco mais cedo do que o habitual, recei fazê-lo esperar e descí, mal acabei de me vestir, pensando que não havia mal nenhum adiar as orações. Algumas pessoas dirão que eu deveria ter servido a Deus em primeiro lugar e depois ao homem, mas eu não acho que o Céu pudesse ter ciúmes de algo que eu fizesse pelo papai. Acredito que eu sou supersticiosa. Uma voz pareceu me dizer que se tratava, agora, de outro sentimento diferente do amor filial e me exortou a orar antes que atrevesse a ler o que eu tanto desejava. Dessa forma, tive mais um momento de abnegação e a cumprir primeiro um grande dever. Eu tive esses impulsos desde que me lembro. Pousei a carta de lado, bem próxima a mim, e disse as minhas orações, acrescentando, ao final, uma súplica forte, de que o que quer que fosse acontecer não me levasse a causar ao papai qualquer tristeza ou desgosto e que nunca o amor por outros me fizesse negligenciá-lo. Só o pensamento dessa possibilidade perfurou o meu coração e me fez chorar. Mas, mesmo assim, Lucy, eu pensei que, com o tempo, papai teria que saber da verdade.

– Finalmente, eu li a carta. Dizem que a vida é feita de desapontamentos, Lucy. Mas, eu não fiquei desapontada. Antes de ler e enquanto eu lia, o meu coração fazia mais do que palpitar. Tremia. E, a cada tremor, parecia o ofegar de um sedento animal, posto diante de um poço e bebendo sequioso. E o poço estava cheio, gloriosamente límpido. Subia generosamente por impulso próprio. Eu via o sol através de seu jorro e nem uma só partícula de pó, Lucy, nem um musgo, nenhum inseto, nenhum átomo naquela puríssima água dourada.

– Dizem – continuou ela, – que para alguns a vida é cheia de dores. Tenho lido biografias, cujo herói parecia passar de sofrimento em sofrimento; em que a esperança voava célere à sua frente, nunca pousando suficientemente próxima ou demorando tempo suficiente que lhe desse a

chance de agarrá-la. Li as vidas daqueles que semearam em lágrimas e cuja colheita, tão longe de ser em alegria, pereceram por ferrugem prematura, morreram de doença ou foram arrancadas por súbitos furacões. Alguns deles chegaram ao inverno com os seus celeiros vazios e morreram de fome no tempo mais frio e mais escuro do ano.

– Foi culpa deles, Paulina, que aqueles de quem você fala tenham morrido assim?

– Nem sempre. Alguns deles eram pessoas boas e esforçadas. E a mim que não sou boa, fez Deus crescer ao sol, protegida, abrigada, ensinada pelo meu querido papai. E, agora... agora... surge outro. Graham me ama.

Por alguns minutos, ambas nos detivemos neste clímax.

– E o seu pai sabe? – perguntei, em voz baixa.

– Graham falou com profundo respeito do papai, mas deu a entender que ele não se atreveria a falar com ele sobre este assunto, pelo menos por enquanto. Ele queria primeiro provar o seu valor, provar que era digno e queria também conhecer um pouco mais de mim e de meus próprios sentimentos antes de arriscar a dar qualquer outro passo sobre o assunto.

– Como é que você lhe respondeu?

– Respondi brevemente, mas não o repeli. No entanto, eu quase tremia com receio de dar uma resposta muito cordial. Os gostos de Graham são tão exigentes. Escrevi-a três vezes, corrigindo e subjugando as frases em cada reescrita. Por fim, tendo-a arranjado de modo que se assemelhasse a um pedaço de gelo com leve sabor de fruta ou de açúcar, aventurei-me a selá-la e despachá-la.

– Excelente Paulina! O seu instinto é maravilhoso. Compreende bem o doutor Bretton.

– Mas, como devo agir com o papai? Neste ponto ainda não sei o que fazer.

– Não faça nada. Espere por enquanto. Só não mantenha mais nenhuma correspondência com o doutor John até que seu pai saiba de tudo e dê a sua aprovação.

– Será que ele vai dá-la um dia?

– O tempo dirá. Espere.

– O doutor Bretton escreveu outra carta, profundamente grato pela minha resposta calma e breve. Mas, eu antecipei ao seu conselho, dizendo-lhe que, embora os meus sentimentos continuassem os mesmos, eu não poderia,

sem o conhecimento do meu pai, escrevê-lo de novo.

– Agiu como devia. O doutor Bretton vai compreender e só aumentará o orgulho e o amor que ele sente por você, se qualquer deles for capaz de aumentar. Paulina, essa sua geada branca rodeando uma chama tão bela e pura é um privilégio inestimável da natureza.

– Como vê, eu sinto o temperamento de Graham – disse ela. – Eu sinto que nenhuma delicadeza pode ser excessivamente requintada para ele.

– Está provado que o compreende. E, depois, ainda que o temperamento do doutor Bretton exigisse mais atenções, a menina procederia sempre com sinceridade, franqueza e ternura para com o seu pai.

– Creio que sempre agirei assim, Lucy. Oh, vai ser doloroso acordar o papai de seu sonho e dizê-lo que eu não sou mais uma menina.

– Não tenha pressa de fazê-lo, Paulina. Deixe a revelação ao tempo e ao seu amável destino. Tenho notado a delicadeza e o cuidado do destino para com você. Não duvide de que ele disporá benevolmente as circunstâncias e indicará a hora apropriada. Sim. Eu tenho pensado sobre a sua vida exatamente como a menina pensou sobre isso e fiz comparações semelhantes àquelas a que me advertiu. Não conhecemos o futuro, mas o passado lhe tem sido propício.

– Quando era criança, eu temia por você; nunca houve qualquer coisa de mais suscetível do que a sua natureza na infância. Com rudeza ou despreendimento, nem o seu corpo, nem o seu espírito teriam se desenvolvido como se desenvolveram. Muitas dores, muitos receios, muitas lutas teriam perturbado a própria linha das suas feições, quebrando a sua regularidade, atormentando os seus nervos em uma febre de constante irritação. Teria perdido em saúde e na alegria, na graça e na doçura. A Providência a protegeu e a cultivou, não apenas por amor a você, mas acredito que por amor a Graham. Este também teve a Sua proteção para que desenvolvesse plenamente o melhor de seu temperamento. Portanto, era lhe necessário uma companheira como a menina que está aí, pronta. É preciso que se unam. Eu sabia desde o primeiro dia em que os vi juntos em *La Terrasse*. Tudo o que é mútuo a Graham e a você me parece provedor e harmonioso. Não creio que a juventude ensolarada e feliz de ambos seja presságio de uma tempestuosa idade avançada. Creio que a Providência determinou que vivessem em paz e sejam felizes entre os mortais. Algumas vidas são assim abençoadas: é a vontade de Deus. É a prova e a evidência do Éden. Outras vidas correm,

desde o princípio, por caminhos diferentes. Outros viajantes encontram o tempo caprichoso e violento, bravio e variável, defrontam ventos adversos, são tardios e surpreendidos pela rápida noite de inverno. Nem isso pode acontecer sem a aprovação de Deus. E eu sei que, entre as suas ilimitadas obras, está guardado, em qualquer lugar, o segredo dessa última justiça do destino passado. Sei que os Seus tesouros contêm a prova e a promessa da Sua misericórdia.

CAPÍTULO XXXIII

Monsieur Paul Mantém Promessa

No dia primeiro de maio, recebemos todas nós, ou seja, as vinte alunas internas e as quatro professoras, ordem para levantarmos às cinco horas da manhã, estar vestidas às seis e nos colocarmos sob o comando do professor Emanuel que iria nos conduzir para fora de *Villette*, pois era este o dia que ele decidiu cumprir a sua promessa de nos levar para almoçar no campo. Eu, na verdade, como o leitor talvez se lembre, não tinha tido a honra de ser convidada quando esta excursão fora planejada – antes, pelo contrário. Porém, ao aludir agora a esse fato e ao perguntar o que havia de fazer, recebi um puxão de orelha, que eu não desejava ver repetido. Dessa forma, eu não ousei levantar mais dificuldades.

– *Je vous conseille de vous faire prier* [309] – disse *Monsieur Paul*, imperialmente, ameaçando a outra orelha. Um cumprimento napoleônico, no entanto, foi mais que suficiente. Então, eu resolvi fazer parte do grupo.

A manhã surgiu calma como no verão, com o canto dos pássaros no jardim, uma leve camada de orvalho sobre as folhas e uma fraca névoa: promessa de muito calor. Como todas acreditaram que o dia seria, de fato, quente, deixamos de lado os vestidos pesados, envergamos trajes propícios a uma temporada de sol. O fresco vestido estampado e o leve chapéu de palha, ambos feitos e enfeitados como só as mulheres francesas sabem fazê-los e ornamentá-los, constituíam o traje geral. Ninguém ostentou seda, ninguém envergou um artigo melhor de segunda mão.

Às seis horas, a campainha tocou alegremente e nós descemos a escada e percorremos o corredor até o vestíbulo. Lá estava o nosso professor, não com o seu feroz paletó e o severo *bonnet-grec*, mas com uma camisa de aparência jovem, um cinto e um alegre chapéu de palha. Deu-nos o mais amável bom dia e a maioria de nós, um sorriso de agradecimento. Fomos postas em ordem e logo partimos.

As ruas ainda estavam tranquilas e os *boulevards* frescos e calmos como os campos. Acredito que todas nós estávamos felicíssimas. Este

nosso chefe, quando queria, possuía o segredo de dar certo ímpeto à felicidade. Exatamente como fazia na disposição contrária. Ele também tinha o impulso de tornar mais vivo o temor.

Monsieur não caminhava nem à frente e nem atrás de nós, mas ao nosso lado, dirigindo uma palavra a cada uma, falando muito com as suas favoritas e não desprezando totalmente mesmo aquelas com quem antipatizava. Era meu desejo, por uma razão, manter-me um pouco afastada, e, como ia ao lado de Ginevra Fanshawe, suportando no meu braço a pressão do braço daquele anjo (ela continuava com excelente saúde e, posso garantir ao leitor, que não era brincadeira suportar a carga de sua beleza; muitas vezes no decorrer daquele dia quente, eu desejei que ela tivesse encantos menos fartos), como ia ao lado de Ginevra, como eu dizia, procurei tirar dela alguma utilidade, interpondo-a sempre entre mim e *Monsieur* Paul, trocando-a de lugar, de acordo como eu o percebia chegando à minha direita ou esquerda. O meu motivo particular para essa manobra pode ser atribuído à cor do vestido novo que eu usava: era cor-de-rosa – fato que, junto do nosso guia, eu sentia qualquer coisa semelhante ao que sentira certa vez que, trajando um xale vermelho, tivera que atravessar um pasto onde pastava um touro bravo.

Por algum tempo, aquele sistema, combinado com algumas modificações no arranjo de um lenço de seda preta, deu resultado, mas, em pouco tempo ele descobriu que, quer viesse de um lado, quer viesse do outro, sempre encontrava Miss Fanshawe. As suas relações com Ginevra nunca tinham sido cordiais que não sentisse uma espécie de arrepio sempre que ouvia o seu sotaque inglês. Em nada combinavam aqueles dois temperamentos, que rangiam se entrassem em contato. Ele a achava vazia e afetada; ela o considerava grosseiro, intrometido e repelente.

Finalmente, depois de ter mudado de lugar uma dúzia de vezes, sempre com o mesmo desfavorável resultado, ele avançou a cabeça, fixou seus olhos nos meus e exigiu, com impaciência: – *Qu'est-ce que c'est? Vous me jouez de tours?*[\[310\]](#)

As palavras mal lhe tinham saído da boca e ele, com a sua perspicácia habitual, descobrira a razão do meu procedimento. Puxou a parte mais larga da minha longa echarpe espalhando a sua franja.

– *A-h-h! C'est la robe rose!*[\[311\]](#) – exclamou, assustando-me quase

tanto como o súbito e irado mugido de algum senhor do Prado.

– É apenas de algodão – expliquei, às pressas. – É mais barato e lava-se melhor do que qualquer outra cor.

– *Et Mademoiselle Lucy est coquette comme dix Parisiennes* [312] – respondeu ele. – *At on jamais vu une Anglaise pareille? Regardez plutôt son chapeau, et ses gants, et ses brodequins!* [313] – Estes artigos de vestuário eram exatamente como o que usavam as minhas companheiras; certamente não mais elegantes, talvez mais simples do que a maioria, mas, *Monsieur* apoderava-se do assunto e eu começava agora a me irritar com o sermão esperado. Ele saiu, no entanto, tão suavemente como passa, por vezes, a ameaça de uma tempestade em um dia de verão. Vi apenas um clarão do relâmpago na forma de um sorriso irônico e então ele disse:

– *Coragem! À vrai dire, je ne suis pas fâché, peut-être même suis-je content qu'on s'est fait si belle pour ma petite fête.*[314]

– *Mais ma robe n'est pas belle, Monsieur, est tout propre.*[315]

– *J'aime la propreté* [316] – disse ele. Em suma, ele não estava insatisfeito; o sol de bom humor devia triunfar naquela auspiciosa manhã e conseguiu afastar as nuvens antes que elas molhassem o solo.

Pouco tempo depois, estávamos no campo, entre o que eles chamavam de bosques. Estes bosques, no entanto, um mês mais tarde, ofereceriam apenas um retiro poeirento e duvidoso. Agora, contudo, em meio ao verde e no repouso daquela manhã, eles eram muito agradáveis.

Paramos ao chegar a um local onde havia limeiras regularmente plantadas, à moda de *Labassecour*. Recebemos ordens para sentarmos na verde elevação do terreno e, *Monsieur*, tomando o seu lugar em nosso meio, tolerou que juntássemos à sua volta. Aquelas que gostavam mais dele do que o temiam, e eram principalmente as menores, aproximaram-se mais. As que o temiam mais do que o estimavam mantiveram-se um pouco distantes. Aquelas a quem a muita afeição tinha dado até mesmo o que restava do medo, um entusiasmo prazeroso, conservavam-se à maior distância.

Começou a nos contar uma história. Ele sabia contar uma história como ninguém! Tinha a dicção que as crianças adoram e as pessoas cultas invejam; uma dicção simples na sua força e forte em sua simplicidade. Havia belas pinceladas naquele pequeno conto; vislumbres doces de sentimento e coloridos de descrição que, enquanto eu escutava, se gravaram no fundo da minha alma, para não mais se desvanecerem. *Monsieur* Paul pintou uma cena

de um crepúsculo – ainda a conservo na memória – tal como jamais vi nenhuma imagem do lápis de um artista.

Lembro-me de já ter dito que eu não possuo o dom da improvisação. E, talvez, devido a essa deficiência, eu me sentisse mais admirada e maravilhada perante alguém que a possuía em perfeição. *Monsieur Emanuel* não era um homem para escrever livros. Contudo, eu o ouvi prodigalizar de forma inconsciente riquezas mentais que raras vezes os livros possuem. A sua mente era, de fato, a minha biblioteca e, sempre que era a mim franqueada, eu entrara na felicidade. Intelectualmente imperfeita como eu era, pois eu lia muito pouco, havia poucos volumes encadernados ou impressos que não me aborreciam, cuja leitura não me fatisse ou cegasse, os seus tomos de pensamentos eram colírio para os olhos do meu espírito; sobre o seu conteúdo, a vista interior tornava-se clara e forte. Eu costumava pensar que delícia seria para aquele que o estimasse mais do que ele se estimava, recolher e armazenar até os punhados de pó de ouro, tão negligentemente atirados para os descuidados ventos do céu.

Concluída a história, ele se aproximou da pequena elevação onde eu e Ginevra estávamos um pouco afastadas. Com o seu modo habitual de perguntar uma opinião (ele não tinha reserva para esperar até que lhe fosse voluntariamente dada), inquiriu: – Você achou interessante?

De acordo com a minha forma habitual, pouco expansiva, eu simplesmente respondi: – Sim, *Monsieur*.

– Foi bom?

– Muito bonito.

– No entanto, eu não poderia escrever aquilo – disse ele.

– Por que não, *Monsieur*?

– Odeio o trabalho mecânico. Detesto curvar-me e sentar-me quieto. Contudo, eu poderia ditá-lo com prazer a alguém. *Mademoiselle Lucy* seria capaz de escrevê-lo para mim se eu lhe pedisse?

– Certamente *Monsieur* o ditaria muito depressa e haveria de se zangar comigo se a minha mão não acompanhasse os seus lábios.

– Experimente um dia. Havemos de ver o monstro que eu posso me tornar sob tais circunstâncias. Mas, agora não se trata do ditado. Tenciono utilizá-la noutro cargo. Você vê aquela casa de fazenda?

– Rodeada de árvores? Sim.

– Vamos tomar ali o desjejum e, enquanto a caseira faz o café com leite em um caldeirão, Miss Lucy e outras cinco, que eu vou escolher, vão untar com manteiga meia centena de pães.

Tendo formado a sua tropa em linha, marchamos para a fazenda, que, ao ver a nossa força, capitulou sem condições.

Depois de nos fornecerem pratos, facas limpas e manteiga fresca, meia dúzia de nós, escolhidas pelo nosso professor, iniciamos o trabalho sob a sua direção, preparando para o desjejum uma enorme cesta de pães que o padeiro tinha levado para a fazenda antes da nossa chegada. O café e o chocolate já estavam quentes; vieram a nata e os ovos frescos. *Monsieur* Emanuel, sempre generoso, tinha feito uma grande encomenda de presunto e geleias, se algumas de nós, talvez com pretensões a influentes, não insistissem que seria um desperdício inútil de comida. Ele troçou de nós, chamando-nos de *des ménagères avares*,[\[317\]](#) mas nós o deixamos falar e tratamos de economizar à nossa maneira.

Com que alegria ele nos observava de cima da pedra da lareira da cozinha! Era um homem que se sentia feliz em ver os outros felizes. Gostava de ter movimento, animação, abundância e alegria à sua volta. Perguntamos onde ele queria se sentar. Ele nos disse que nós sabíamos muito bem que era nosso escravo e nós as suas tiranas e que não ousaria escolher uma cadeira sem o nosso consentimento. Então, colocamos para ele a grande cadeira do fazendeiro no extremo da longa mesa e o obrigamos a sentar nela.

Era natural que gostássemos dele com todas as suas paixões e fúrias, uma vez que podia ser tão benigno e dócil como naquele momento. Na verdade, na pior das hipóteses, apenas os seus nervos eram irritáveis, não era o seu temperamento que era estruturalmente mau. Acalmassem-no, compreendessem-no, confortassem-no e seria um cordeiro que não faria mal a uma mosca. Apenas para pessoas muito perversas, estúpidas, antipáticas ele era perigoso.

Sempre preocupado com a sua religião, ele era devotado como uma mulher. Fez as mais jovens dizerem as suas preces antes de começarmos o desjejum. Nunca, até então, eu o tinha visto rezar. Fazia-o tão simplesmente, com uma fé tão infantil que eu não pude deixar de sorrir com prazer enquanto o observava. Os seus olhos encontraram os meus e viram o meu sorriso. Ele apenas estendeu a mão, dizendo: – *Donnez-moi la main!* [\[318\]](#) Vejo que adoramos o mesmo Deus, com o mesmo espírito, embora por diferentes ritos.

Muitos dos colegas de *Monsieur* Emanuel eram livres-pensadores, infiéis e ateus. Muitos deles eram homens cujas vidas não suportariam um exame minucioso. Contudo, ele ainda era um cavaleiro dos velhos tempos, religioso ao seu modo e de reputação impecável. A infância inocente e a formosa juventude estavam seguras ao seu lado. Ele tinha paixões violentas, sentimentos aguçados, mas a sua honra pura e ingênua, a sua natural devoção eram o charme e a magia que conservavam os leões sossegados.

O desjejum foi uma refeição alegre e a alegria não era mera algazarra sem sentido. *Monsieur* Paul dava origem a ela, controlava-a e elevava-a. O seu temperamento sociável, animado, brincava livre e sem nuvens, cercado apenas por mulheres e crianças, não havia nada que o contrariasse. Fazia como queria e era agradável para todas.

Acabada a refeição, o grupo estava livre para brincar e correr pelos prados; algumas ficaram para ajudar a esposa do agricultor a lavar a louça. *Monsieur* Paul me chamou de entre estas para sair e sentar-me perto dele debaixo de uma árvore – de onde ele podia ver o bando dar cambalhotas pelo campo – e ler para ele, enquanto ele fumava o seu charuto. Sentou em um banco rústico e eu na raiz da árvore. Enquanto eu lia (um clássico – um *Corneille* –, de que eu não gostava, mas ele apreciava e encontrava nele belezas que eu nunca percebi), ele ouvia com uma calma doçura, o que me impressionava ainda mais, devido à sua impressionante impetuosidade. A mais profunda felicidade enchia os seus olhos azuis e acalmava-lhe a fronte. Eu também estava feliz – feliz com o formoso dia, mais feliz com a sua presença, felicíssima com a sua bondade.

Perguntou-me, em certo momento, se eu não preferia correr com as minhas companheiras a sentar-se ali com ele. Eu disse que não, pois me sentia contente de estar onde estava. Ele me perguntou, se eu fosse sua irmã, se eu teria sempre prazer em estar com um irmão como ele. Respondi-lhe que acreditava que sim e sentia isso. Mais uma vez, ele perguntou se, no caso dele ter que deixar *Villette* e ir para muito longe, se eu teria pena dele. Deixei cair no colo o *Corneille* e não respondi.

– *Petite soeur* [319] – perguntou ele, – quanto tempo se lembraria de mim se nos separássemos?

– Isso, *Monsieur*, eu não sei lhe dizer, pois eu não sei quanto tempo levará antes que eu deixe de lembrar o que quer que seja.

– Se eu fosse para o outro lado do mar por um, dois, três, quatro, cinco

anos, me receberia bem quando eu retornasse?

– Como poderia eu viver nesse intervalo, *Monsieur*?

– *Pourtant, j’ai été pour vous bien dur, exigeant.* [320]

Escondi meu rosto com o livro, pois estava coberto de lágrimas. Perguntei-lhe por que ele me tratava daquela maneira às vezes. Ele me prometeu que não mais voltaria a acontecer, animou-me de novo, com o mais amável encorajamento. No entanto, a gentileza com que me tratou durante o resto do dia tocou de alguma forma o meu coração. Era muito terno. Ele parecia triste. Eu preferiria que ele tivesse sido abrupto, lunático e irado como era o seu costume.

Quando chegou o meio-dia, estava, de fato, quente – pois, o dia, como nós havíamos antecipado, parecia de junho –, o nosso pastor reuniu as ovelhas e começou a conduzi-las lentamente para casa. Mas tínhamos uma légua a caminhar, que era a distância de *Villette* à fazenda onde havíamos feito o desjejum. As crianças, especialmente, estavam cansadas de brincar. Os ânimos da maioria esmoreciam com a perspectiva daquela caminhada ao meio-dia, por calçadas duras, escaldantes e empoeiradas. Este estado de coisas tinha, contudo, sido previsto e remediado. Logo além do limite da fazenda encontramos dois veículos espaçosos vindo para nos buscar – desses tipos de transporte que são, geralmente, alugados para excursões escolares. Ali, com um pouco de organização, arranjou-se lugar para todas e *Monsieur Paul* entregava-nos seguras e salvas na *rue Fossette*. Tinha sido um dia agradável. Teria sido perfeito se não fosse o sopro de melancolia, que, por um momento, eu havia visto em seu semblante, fazendo, dessa forma, sombra sobre o meu esplendor.

Essa sombra foi renovada naquela mesma noite.

Ao pôr do sol, vi *Monsieur Emanuel* sair da porta da frente, acompanhado por Madame Beck. Eles passearam pela ala central por quase uma hora, falando seriamente: ele estava grave e inquieto; ela, com ar espantado, dissuasivo, de amigável censura.

Ansiosa, eu me perguntava o que seria aquela discussão. Quando Madame Beck voltou para casa, ao escurecer, deixando o seu parente ainda no jardim, eu disse para comigo: “Ele me chamou de *petite soeur* esta manhã. Se ele fosse, realmente, meu irmão, eu gostaria de ir ter com ele agora e perguntar-lhe o que lhe preocupava.”

Observo como ele se inclina contra a árvore, de braços cruzados e de

cabeça baixa. Ele precisa de consolo, eu sei. Madame não consola. Ela apenas censura. Aonde vai ele agora?

Passando da inquietação à ação, *Monsieur* Paul veio caminhando ereto e rápido pelo jardim. As portas do vestíbulo estavam ainda abertas. Eu pensei que ele, provavelmente, fosse regar as laranjeiras, como, por vezes, era o seu costume; ao chegar ao pátio, porém, deu uma volta brusca e dirigiu-se ao caramanchão e à porta de vidro da primeira classe. Lá estava eu a observá-lo. Mas, eu não tive coragem de esperá-lo, tão brusca fora a sua volta; tão rápidos os seus passos e tão estranho o seu aspecto. A covarde que havia dentro de mim ficou pálida, encolheu-se e, sem escutar a razão, ouvindo o esmagar dos arbustos e o ranger do cascalho sob seus pés, partira nas asas do pânico.

Não parei de correr até ter me escondido no oratório, agora vazio. Dali, com o coração alvoroçado e uma inexplicável e indefinida apreensão, ouvi-o passar por todas as salas, batendo impacientemente as portas. Ouvi quando ele invadiu o refeitório, que a *lecture pieuse* mantinha agora sob reverente restrição. Ouvi-o pronunciar estas palavras:

– *Oú est Mademoiselle Lucy?* [321]

E, precisamente no momento em que eu retomava a minha coragem e me preparava para descer e para fazer o que, afinal, eu mais queria fazer no mundo – isto é, ir ter com ele –, ouvi a voz tensa de St. Pierre que lhe respondeu fluente e falsamente: – *Elle est au lit.* [322] E ele passou, vexado, para o corredor. Ali, Madame Beck o encontrou, aprisionou, censurou, e o escoltou à porta da rua e, finalmente, o despediu.

Quando a porta da rua se fechou, caiu sobre mim como um golpe um súbito espanto pelo meu próprio perverso procedimento. Senti, desde o primeiro momento, que era a mim que ele queria; a mim que ele procurava. E eu não o quisera também? O que, então, havia me levado a fugir? O que tinha me arrebatado de seu alcance? Ele tinha algo a me dizer: tenho certeza, e era alguma coisa muito grave. Os meus ouvidos retesaram os nervos para escutá-lo e eu tornara a confiança impossível. Ansiava por ouvi-lo e consolá-lo, mas eu tornara ambas as coisas além do alcance da esperança; mal chegara a oportunidade, eu evitei-a, como teria evitado uma flecha mortal.

Pois bem, a minha inconsistência insana tinha a sua recompensa. Em vez do conforto, da satisfação certa que eu poderia ter conquistado, se houvesse, ao menos, dominado o pânico sufocante e ficado firme dois

minutos, restava a dúvida negra, a triste e sombria incerteza.

Levei a minha recompensa para o meu travesseiro e passei a noite a contá-la.

CAPÍTULO XXXIV

Malévola

Madame Beck me chamou na quinta-feira à tarde e perguntou se eu tinha alguma ocupação que me impedisse de ir à cidade fazer-lhe algumas compras.

Como eu estava livre, coloquei-me ao seu serviço. Logo depois eu estava munida com uma lista de lãs, sedas, bordados, entre outros itens necessários para o trabalho das alunas. Depois de me equipar convenientemente, de acordo com o aspecto ameaçador de um dia nublado e abafado, eu já estava puxando o trinco da porta da rua, quando a voz de Madame me chamou de novo à sala de jantar.

– Perdão, *Meess Lucie* – gritou ela na pressa simulada de um súbito pensamento. – Acabo de me lembrar de mais uma missão para você, se a sua natureza boa já não se considera sobrecarregada.

É claro que me apressei a confirmar o contrário e Madame, correndo para o salão menor, trouxe de lá uma linda cesta, repleta de frutas de estufa, rosadas, perfeitas e tentadoras, repousando entre o verde-escuro, semelhante às folhas de cera e estrelas amareladas que eu não sei de que exótica planta.

– Aqui está – disse ela –, não está pesada e não envergonhará a sua linda *toilette*. Faça-me o favor de deixar esta cesta na casa de Madame Walravens com as minhas felicitações pelo seu aniversário. Ela vive na cidade velha, *rue des Mages*, número três. Eu temo que ache a caminhada bastante longa, mas tem a tarde inteira pela frente e não se apresse. Se não chegar a tempo para o jantar, vou mandar guardar uma porção para *Meess*, ou pedir a Goton, que tem uma predileção por você, que o faça. Tenho certeza que ela terá o maior prazer em lhe arranjar qualquer coisa especial. Não nos esqueceremos da minha boa *Meess*. Ah! Por favor! – chamando-me mais uma vez –, não deixe de insistir em ver pessoalmente Madame Walravens e em deixar a cesta em suas próprias mãos, a fim de que não haja nenhum engano, pois ela é cheia de melindres. Adeus! *Au revoir!*

E, finalmente, iniciei a minha longa jornada. As compras nas lojas levaram-me algum tempo para executar, pois a escolha de sedas e lãs é sempre um trabalho tedioso, mas dei, por fim, conta da minha lista. Os padrões para os chinelos, as fivelas e as bolas para as bolsas também foram escolhidas; todo aquele *tripotage*,^[323] em suma, deixara de me preocupar. Restavam ainda a entrega da cesta e as felicitações.

A perspectiva de uma longa caminhada até a velha e tristonha *Basse-Ville* não me desagradava. Eu apreciava mais ainda o passeio porque o céu à noite, sobre a cidade, se transformava numa massa de metal azul-negro, aquecido na orla e inflamando-se lentamente num vermelho intenso.

Receei apenas o vento forte, porque a tempestade exige o emprego de energia e ação, coisas para mim sempre penosas. Contudo, a neve caindo, triste e espessa, ou a escura chuva que fustiga, pede apenas resignação: o calmo abandono da pessoa e do vestuário para serem encharcados. Em troca, ela varre e limpa uma grande capital; abre-nos um caminho tranquilo através das grandes ruas; petrifica uma cidade viva como se fosse uma magia oriental; transforma uma *Villette* em um *Tadmor*.^[324] Vamos, então, que a chuva caia, pois me dando apenas tempo para me livrar dessa cesta de frutas.

O relógio desconhecido de uma torre desconhecida (a voz de *S. Jean Baptiste* estava, agora, muito distante para ser audível) marcava o terceiro quarto de hora depois das cinco quando eu cheguei à rua e à casa da qual Madame Beck me dera o endereço. Não era uma rua. Era, antes, parte de uma praça sossegada, na qual a erva crescia entre as largas lajes. As casas eram grandes e pareciam muito antigas – por trás delas viam-se árvores que indicavam a presença de jardins. A antiguidade pairava sobre esta parte da cidade, não existia nenhum comércio por ali. Homens ricos tinham outrora morado neste bairro e a opulência ainda estava ali: uma igreja, cujas torres escuras e quase em ruínas dominavam a praça. Era o venerável e outrora opulento santuário dos Reis Magos. Mas, a riqueza e grandeza há muito já tinham aberto as suas asas douradas e fugido dali, portanto, ficaram para trás os antigos ninhos para abrigarem, talvez, a penúria ou para ficarem vazios e frios, criando bolor no decorrer dos invernos.

Ao atravessar aquela praça deserta, em cujo pavimento já caíam gotas de chuva tão grandes como uma moeda de cinco francos, eu não vi qualquer sinal de vida, minto, exceto a fúgura de um padre velho e

enfermo que passava curvado apoiando-se em uma bengala, demonstrando um tipo de velhice decadente.

O padre saía da própria casa à qual eu me dirigia e, quando parei em frente à porta que acabara de se fechar e toquei a campainha, ele se virou para olhar para mim. Continuou me olhando fixamente, julgando-me, talvez, com a minha cesta de frutos e a falta de dignidade que a idade confere, uma figura incongruente naquele cenário. Eu sei que, se uma criada jovem e rabugenta tivesse aberto a porta, eu a teria julgado em pouca harmonia com a moradia. Mas, quando me vi diante de uma mulher idosa, vestindo um traje camponês muito antigo, uma touca tão feia como cara, com longas abas de renda caseira, anágua e uma jaqueta de pano e uns tamancos que mais pareciam pequenos barcos do que sapatos, tudo me pareceu em ordem e perfeitamente de acordo com o cenário.

A expressão de seu rosto não era simpática como o corte de seu traje. Raras vezes eu vi coisa mais desagradável. Mal respondeu quando lhe perguntei por Madame Walravens, e acredito que ela teria arrancado a cesta de frutas da minha mão se o padre, que havia retornado, não a tivesse moderado e escutado ele próprio o recado de que eu fora encarregada.

No entanto, ele era surdo e ficou complicado fazê-lo compreender que eu precisava ver Madame Walravens e entregar a ela a cesta de frutas em suas próprias mãos. Finalmente, porém, ele compreendeu que tais eram as ordens que eu tinha recebido e que o meu dever exigia seu cumprimento literal. Dirigindo-se à idosa criada, não em francês, mas na língua *aborígine* de *Labassecour*, ele a persuadiu, enfim, a me deixar atravessar a inóspita soleira e me acompanhar, ele próprio, ao andar superior. Fui introduzida a uma espécie de sala e ali deixada.

O ambiente era grande, tinha um belo teto antigo e janelas de vidros coloridos como as de uma igreja. Mas, era nu e na sombra da tempestade que se aproximava parecia estranhamente desolador. Ao lado dessa sala havia uma menor. Ali, no entanto, o reposteiro da única janela estava corrido e os poucos móveis se distinguiam na profunda obscuridade. Forcei e minha visão para decifrá-los e fui, em particular, atraída pelo contorno de um quadro na parede.

Pouco a pouco a imagem parecia dar forma. Para meu espanto, o quadro balançou, recuou e transformou-se em nada. No seu lugar deixou uma abertura em forma de arco, como uma escada em caracol. Tanto a escada

como a passagem eram de pedra fria, sem tapete e sem pintura. Por esta escada de masmorra, ouvi descer o ruído de uma bengala. Em breve, surgiu nas escadas uma sombra e, por último, percebi uma substância.

Mas, era real aquilo que se aproximava de mim obstruindo parcialmente o arco?

O que quer que fosse se aproximou e eu vi bem. Comecei a compreender onde eu estava. Bem podia essa velha praça ser chamada de bairro dos Magos – bem podiam as três velhas torres, que a dominavam, possuir por padrinhos três sábios místicos de uma arte morta e obscura. Um velho encantamento prevalecia ali. Um feitiço tinha me aberto a terra dos Elfos – aquele quarto me parecia uma cela, o quadro que desapareceu, o arco, o corredor e a escada de pedra, tudo fazia parte de um conto de fadas. Mais nítida ainda do que estes detalhes cênicos, estava a figura principal – *Cunegundes*, a feiticeira! Malévola, a fada má. Como era ela?

Talvez ela tivesse um metro de altura, mas não tinha forma, suas mãos magras eram ornamentadas no punho por uns botões de ouro e seguravam uma bengala de marfim, que mais parecia uma varinha de condão. Seu rosto era grande, não colocado sobre seus ombros, mas à frente do peito, ela parecia não ter pescoço. Eu jurava que ela tinha cem anos em suas feições e mais ainda em seus olhos – olhos malignos, hostis, com grossas sobranceiras grisalhas e pálpebras lívidas. Quão severamente eles me fitavam! Com uma espécie de descontentamento melancólico.

Este ser usava um vestido de brocado azul-brilhante, tão colorido como a flor de *Gentianella*, e coberto de folhagem de cetim em um padrão largo. Sobre o vestido, um xale dispendioso, opulentamente bordado e tão grande para ela que as franjas coloridas varriam o chão. Contudo, as joias eram o ponto principal: ela usava longos brincos, cujo brilho esplendoroso não podia ser de joia falsa; tinha anéis nas mãos de esqueleto, grossos aros de ouro carregados de pedras preciosas: cor de púrpura, verdes, sanguíneas. Corcunda, anã e decrépita, era adornada como uma rainha bárbara.

– O que você quer? – perguntou ela com voz rouca, de forma brusca, parecia a voz de um homem e não de uma mulher. Percebi que uma barba prateada sombreava seu queixo.

Entreguei a minha cesta e dei o recado.

– É só isso? – ela exigiu.

– É tudo – respondi.

– Na verdade, valeu a pena – tornou ela. – Volte a Madame Beck e diga a ela que, quando eu quiser fruta, posso comprá-la. Quanto às felicitações, pouco me interessa! – e esta delicada dama virou-me as costas.

No instante em que ela se voltou, brilhou um raio e ribombou um trovão sobre a sala e o *boudoir*.^[325] O conto de magia parecia prosseguir com o devido acompanhamento dos elementos. O andarilho, atraído ao castelo encantado, ouviu, lá fora, a tempestade despertada pelo feitiço.

No meio de tudo isso, o que eu havia de pensar de Madame Beck? Ela possuía estranhas relações; oferecia presentes a um original e único santuário e parecia pouca auspiciosa a atitude do rude ser que ela adorava. Cambaleando e tremendo, lá se foi aquele ser mal-humorado, como a imagem da senilidade, batendo com a sua bengala de marfim no chão de mosaico e murmurando venenosamente enquanto desaparecia.

A chuva, agora, caía abundantemente e o firmamento mostrava-se carrancudo. As nuvens vermelhas de outrora tinham, agora, através de toda a sua negritude, empaldecido de terror. Apesar do meu recente orgulho sobre não temer um temporal, não me agradava sair sob esse aguaceiro. Os relâmpagos eram ferozes, os trovões faziam um barulho assustador. A tempestade estava concentrada sobre *Villette*, os raios precipitavam bifurcados em zigue-zagues, alternando clarões vermelhos com a chuva branca e metálica. Tudo precipitava de um céu pesadamente negro, inchado na abundância.

Deixando o inóspito salão de Madame Walravens, dirigi-me à sua fria escada. Havia um assento no patamar, ali esperei. Alguém veio deslizando ao longo da galeria logo acima, era o velho sacerdote.

– Na verdade *Mademoiselle* não deve ficar aí sentada – disse ele. – O nosso benfeitor ficaria desagradado se soubesse que tratamos dessa forma uma estranha.

E pediu-me tão fervorosamente que voltasse para a sala, que eu não podia desobedecer sem ser descortês. A sala menor era melhor mobiliada e mais habitável do que a maior. Ali ele me introduziu. Afastando parcialmente o reposteiro, revelou o que parecia mais um oratório do que um *boudoir*, um quartinho muito solene, que se diria destinado às relíquias e recordações, e não ao uso presente.

O bom padre sentou-se, como que para me fazer companhia. Porém,

em vez de conversar, ele pegou um livro, pregou os olhos numa página e empregou os lábios a sussurrar o que soou como uma oração ou ladainha. Uma luz elétrica e amarela que caía do céu dourava-lhe a cabeça calva. O rosto permaneceu na sombra – profundo e cor de púrpura. Estava quieto como uma estátua e pareceu esquecer-me por suas orações. Só levantava os olhos quando um relâmpago mais forte ou um trovão mais perto o lembrava do perigo que se aproximava. Mesmo nestes momentos, não era por receio, antes com aparente respeito que erguia os olhos. Eu também me sentia atemorizada. Mas, como não estava sob nenhuma pressão de terror servil, os meus pensamentos e observações eram livres.

Para falar a verdade, eu estava começando a imaginar que o velho padre parecia com o *père Silas*, perante o qual eu tinha ajoelhado na igreja da *Béguinage*. A ideia era vaga, pois eu tinha visto o meu confessor apenas no crepúsculo e de perfil, mas ainda assim eu via uma semelhança. Igualmente me pareceu reconhecer a sua voz. Enquanto eu o observava, ele se revelou, por um levantar de olhos, que sentia o meu escrutínio. Virei-me, então, para observar a sala, que também tinha o seu místico interesse.

Ao lado de uma cruz, curiosamente esculpida em marfim, amarelado pelo tempo e inclinado sobre um genuflexório, devidamente provido com um rico missal e um rosário de ébano, pendia o quadro, cujo fraco esboço tinha sido tirado de diante dos meus olhos – com a pouca luz eu o tinha tomado por uma Madonna; revelado por luz mais clara, vi que era o retrato de uma freira. O rosto, embora não bonito, era agradável; pálida, jovem e sombreada com o abatimento da tristeza ou da doença. Digo mais uma vez que ela não era bela, não tinha também um ar intelectual. A sua própria amabilidade era a amabilidade de uma constituição débil, fraca, de paixões passivas e habituada a ceder. Contudo, olhei muito tempo para aquela imagem, sem dela poder tirar os olhos.

O velho sacerdote, que parecera no início doente e surdo, devia, afinal, conservar as suas faculdades em razoável estado. Absorvido pelo seu livro, como pareceu, sem levantar uma só vez a cabeça ou voltar os olhos, percebeu o ponto para onde era atraído o meu olhar e, com uma voz distinta e lenta, deixou cair, ao seu respeito, estas quatro observações:

- Ela era muito amada.
- Ela entregou-se a Deus.
- Ela morreu jovem e ainda é lembrada e chorada.

– Por aquela senhora idosa, Madame Walravens? – eu perguntei, imaginando que tinha descoberto na dor ou no desgosto incurável a chave do péssimo humor daquela senhora.

O padre balançou a cabeça com um ténue sorriso.

– Não, não – respondeu. – o afeto de uma avó pelos filhos de seus filhos pode ser grande e a sua tristeza pela perda também pode se manter viva, mas só o noivo a quem o destino, a fé e a morte negaram a felicidade do casamento, chora a perda da prometida. Por ele, Justine Marie é chorada.

Pensei que o padre desejava ser interrogado e perguntei, portanto, quem tinha perdido e quem ainda chorava a morte de Justine Marie. Obtive em resposta uma completa narrativa romântica, contada, não sem certo efeito, com o acompanhamento da tempestade, que já amainava.

Devo dizer que a tal história poderia ter sido muito mais verdadeiramente impressionante, se tivesse sido menos francesa, menos sentimental à maneira de *Rousseau* e mais saudavelmente despreocupada do efeito. Mas, o digno padre era, obviamente, um francês nascido e criado (cada vez me convencia mais da sua semelhança com o meu confessor) e um verdadeiro filho de Roma. Quando levantava os olhos, olhava para mim com sutileza, porém de forma mais penetrante do que a que se teria julgado poder resistir ao uso de setenta anos. No entanto, eu acredito, era um bom velho.

O herói do seu conto era um ex-aluno, a quem ele chamava agora de seu benfeitor e que, ao que parecia, tinha amado a pálida Justine Marie, filha de pais ricos, num momento em que as suas próprias perspectivas justificavam a sua aspiração a uma mão bem dotada. O pai do aluno – outrora rico banqueiro – falira, morrera e deixara para trás apenas dívidas e privações. O filho fora, então, proibido de pensar em Justine Marie. Especialmente aquela velha bruxa que eu tinha visto, Madame Walravens, opusera-se ao casamento com toda a violência de um temperamento que a deformidade tornava, por vezes, demoníaco. A doce Marie nem tivera sabido ser falsa, nem tivera a força a ser inteiramente fiel ao seu noivo. Renunciou ao seu primeiro pretendente, mas, tendo recusado um segundo, com uma pesada bolsa, retirou-se para um convento e lá morreu durante o seu noviciado.

Angústia duradoura, ao que parece, tinha tomado posse do fiel coração que a adorara; e a sinceridade desse amor e dessa dor tinha sido provada de tal forma que tocou até a mim enquanto eu escutava.

Alguns anos após a morte de Justine Marie, a ruína chegara também à sua casa. Seu pai, nominalmente, joalheiro, mas que também especulava na bolsa, interviu em algumas transações financeiras que ensejaram a escândalo e ruinosas multas. Morreu de tristeza pela perda e de vergonha pela infâmia. A sua velha mãe corcunda e a enlutada esposa ficaram sem dinheiro e teriam morrido na miséria se não fosse o sincero e outrora desprezado pretendente da filha perdida. Este, ao saber da condição das senhoras, veio com dedicação singular em seu auxílio. Tirou do seu orgulho insolente a vingança da mais pura caridade, alojando-as, cuidando delas e protegendo-as como nenhum filho poderia ter feito com mais ternura e eficiência. A mãe, no fundo uma boa mulher, morreu abençoando-o. A estranha, ímpia, dura e misantropa avó vive ainda, inteiramente mantida por esse homem altruísta. A ela, que tinha sido a ruína de sua vida – queimando a sua esperança e concedendo-lhe, em vez de amor e felicidade doméstica, um longo processo de luto e solidão –, ele a trata com o respeito que um bom filho pode oferecer a uma boa mãe. Tinha lhe trazido para esta, “e”, continuou o padre, enquanto lágrimas genuínas afloravam aos olhos, “aqui abriga a mim, seu antigo tutor e a Agnes, uma velha criada aposentada da família de seu pai. Ele, que dedica ao nosso sustento e a outras instituições de caridade três quartos de sua renda, se mantém apenas com um quarto de seus proventos para o seu pão e as acomodações mais modestas. Por esse motivo, foi impossível para ele se casar: dedicou-se a Deus e à sua noiva angélica, como se fosse um sacerdote como eu.”

O padre tinha enxugado as lágrimas antes de proferir as últimas palavras e, ao pronunciá-las, levantou, por um instante, os seus olhos para encontrar os meus. Eu captei esse olhar, apesar do seu caráter velado; esse olhar momentâneo tinha um significado que me impressionou.

Estes devotos são, por vezes, seres estranhos. Um qualquer de entre eles – que nós não conhecemos melhor do que o último Inca do Peru ou o primeiro imperador da China – conhece-nos bem e sabe tudo o que nos diz respeito. E tem as suas razões especiais para nos dizer isto ou aquilo, quando nós supúnhamos que a sua comunicação surgiria naturalmente de um impulso de momento. Tem o seu plano ao fazer com que vamos entrar em tal dia, a tal lugar, em tais circunstâncias, quando tudo nos parece obra do acaso, ou a consequência da necessidade, porém

trata-se de uma sequela exigência. O recado e presente, subitamente, lembrados por Madame Beck, a minha inocente marcha à Praça dos Reis Magos, o velho sacerdote descendo acidentalmente as escadas e atravessando a praça, a sua interferência ao meu favor junto da criada, que me teria mandado embora, o seu reaparecimento na escadaria, a minha introdução nesta sala, o retrato, a narrativa tão afavelmente oferecida – todos esses pequenos incidentes, tomados à medida que sucediam, pareciam, cada um, independente do seu sucessor, um punhado de pérolas soltas. Contudo, ligados por aquele rápido olhar astuto de um jesuíta, caíam penderes de um longo fio, como aquele rosário no genuflexório. Onde estava o elo, o pequeno fecho deste colar monástico? Eu via ou sentia essa ligação, mas ainda não podia encontrar ou detectar os meios de conexão.

Talvez o devaneio em que eu caíra parecesse um tanto suspeito na sua abstração; ele, gentilmente, interrompeu: – *Mademoiselle* – disse ele –, espero que não tenha que ir para muito longe por estas ruas inundadas?

– Mais de meia légua.

– Onde você mora?

– Na *rue Fossette*.

– Não! (com certa animação), não no *pensionnat* de Madame Beck?

– No próprio.

– Então... (batendo palmas), então deve conhecer o meu pobre aluno, o meu Paul?

– *Monsieur* Paul Emanuel, professor de Literatura?

– Ele e nenhum outro.

Seguiu-se um breve silêncio. O elo de ligação pareceu, subitamente, ter-se tornado palpável; eu senti ceder à pressão.

– É sobre *Monsieur* Paul tudo o que me contou? – perguntei, pouco depois. – Ele era o seu aluno e o benfeitor de Madame Walravens?

– Sim e de Agnes, a velha criada também. E, além disso, (com certa ênfase), era ele e é ainda o verdadeiro, constante e eterno adorador dessa santa do céu, Justine Marie.

“E quem sois vós, meu padre?”, e, embora eu acentuasse essa pergunta dentro da minha mente, ela era quase supérflua. Já, antes disto, eu estava perfeitamente preparada para a resposta que veio pouco depois.

– Eu, minha filha, sou *père Silas*. Esse indigno filho da Santa Igreja, a quem uma vez honrou com uma nobre e comovente confissão, mostrando-me o fundo de um coração e o santuário de um espírito de que, com solene verdade, eu desejei poder dirigir para a única fé verdadeira. Nem por um dia a perdi de vista, nem por uma hora deixei de me interessar por você, minha filha. Aprovada sob a disciplina de Roma, moldada pela sua alta instrução, inoculada com as suas salutares doutrinas, inspirada com o fervor que só ela dá, imagino qual seria então a sua categoria espiritual e invejo a heresia por sua presa.

Isto me chocou particularmente e quase me imaginei nesse estado. Passada sob a disciplina, moldada, treinada, inoculada e assim por diante. “Assim, não”, pensei eu; mas dominei-me e fiquei calada aparentemente calma.

– Suponho que *Monsieur Paul* não vive aqui – disse eu, pouco depois, retomando um tema que julgava mais conveniente do que qualquer louco sonho de apostasia.

– Não. Ele só vem aqui ocasionalmente para adorar a sua bem amada santa, para me fazer a sua confissão ou para apresentar os seus respeitos àquela a quem chama de mãe. A sua habitação consiste apenas de dois quartos. Não tem criada e, ainda assim, não quer que madame Walravens se desfaça daquelas esplêndidas joias com que você a viu adornada e, das quais, ela sente um orgulho pueril por serem os adornos da sua juventude, as últimas relíquias de riqueza de seu filho joalheiro.

– “Quantas vezes”, pensei para comigo, “*Monsieur Emanuel* pareceu-me carecer de magnanimidade em ninharias e, contudo, que superior ele é nas coisas grandes!”

Confesso que não contei, entre as provas de sua grandeza, nem o ato da confissão ou a adoração da santa.

– Há quanto tempo morreu essa senhora? – perguntei, olhando para Justine Marie.

– Há vinte anos. Ela era um pouco mais velha do que Paul Emanuel. Ele era, então, muito jovem, pois não vai muito além dos quarenta.

– Será que ele ainda chora por ela?

– O seu coração vai chorá-la sempre: a essência da natureza de Paul Emanuel é a constância.

Isto foi dito com acentuada ênfase.

E, então, o sol rompeu pálido e deslavado. A chuva ainda caía, mas não havia mais tempestade: aquele quente firmamento estava, de novo, aberto e os seus raios tinham vazado. Se eu demorasse mais um minuto, dificilmente retornaria com dia. Levantei-me, portanto, e agradei ao padre pela sua hospitalidade e pela sua história, e obtive, em resposta, um benévolo: “vai em paz”, que recebi bem, pois parecia pronunciado com uma verdadeira benevolência. Gostei menos da frase mística que me acompanhou.

– Minha filha, será o que haverá de ser! – oráculo que me fez encolher os ombros, logo que eu saí à porta. Poucos de nós sabemos, com certeza, o que está por vir, mas, por tudo o que até agora me tinha acontecido, eu tinha boas esperanças de viver e morrer como uma sóbria protestante.

Havia um espaço vazio e um floreado em torno da “Santa Madre Igreja” que me tentava moderadamente. Segui o meu caminho pensando nas muitas coisas que eu ouvira. Seja o que for o catolicismo, há bons católicos. Este homem, Paul Emanuel, parecia ser um dos melhores; tocado pela superstição, influenciado pelo sacerdócio, mas maravilhado pela fé amorosa, pela piedosa devoção, pelo auto-sacrifício, pela caridade sem limites. Restava ver como Roma, por meio de seus agentes, manobrava tais qualidades; se o amava por si próprio e por Deus, ou se o punha a render e lhe capitalizava a juros.

Cheguei ao pensionato ao anoitecer. Goton tinha, amavelmente, guardado o meu jantar, o que, de fato, eu precisava. Ela me chamou no pequeno gabinete participar dela e ali apareceu, em breve, Madame Beck, trazendo-me um copo de vinho.

– E então – começou ela, rindo entre os dentes, – que tipo de recepção lhe fez Madame Walravens? *Elle est drôle, n’est-ce pas?* [326]

Contei-lhe o que se passara, entregando, literalmente, a mensagem cortês com a qual eu tinha sido recebida.

– *Oh! La singulière petite ossue!* [327] – riu ela. E imagina que ela me detesta, porque me julga apaixonada pelo meu próprio primo Paul, esse devoto que não ousa mexer um dedo sem que o seu confessor lhe dê autorização. De resto – ela continuou –, ainda que ele quisesse casar com alguém, comigo ou com outra, ele não poderia fazê-lo, ele já tem uma família muito grande em suas mãos: *Mère Walravens, père Silas, Dame Agnes* e toda uma tropa de miseráveis anônimos. Nunca houve um homem assim, tomando encargos maiores do que pode suportar,

aceitando voluntariamente responsabilidades desnecessárias. Além disso, ele abriga uma ideia romântica sobre uma pálida Justine Marie, personagem bastante tola, bem é isso que eu acho – (foi a irreverente observação de Madame) –, que há mais de vinte anos é um anjo no céu, ou em qualquer outro lugar, e para quem ele pretendia ir, livre de todos os laços terrenos, pura também como um lírio, segundo ele diz. Oh, iria rir se conhecesse metade das manias e excentricidades do meu primo! Mas, estou a impedi-la de comer, minha boa *Meess*, o que você tem necessidade. Coma, coma a sua ceia e beba o seu vinho. Esqueça os anjos, as corcundas, *et surtout, les professeurs. Et bon soir!*[\[328\]](#)

CAPÍTULO XXXV

Fraternidade

Esqueça os professores. Assim dissera Madame Beck.

Madame era uma mulher sensata, mas não deveria ter pronunciado essas palavras. Fazê-lo fora um erro. Naquela noite, ela deveria ter me deixado calma – sem excitação, indiferente, sem interesse, isolada na minha própria opinião e na dos outros – não ligada, nem em pensamento, com essa segunda pessoa a quem eu deveria esquecer.

Esquecê-lo? Ah! Eles forjaram um plano sábio para me fazer esquecê-lo. Mas, apenas me mostraram como ele era bom, eles fizeram do meu querido *Monsieur* Paul Emanuel um herói imaculado. Tinham me falado da sua maneira de amar. Como podia eu, antes deste dia, saber se ele era capaz ou não de amar?

Tinha o conhecido ciumento, desconfiado. É bem verdade que eu tinha visto nele certa ternura – uma suavidade que vinha como uma brisa quente e uma compaixão que passava como o orvalho da madrugada, seca no calor de sua irritabilidade. Tudo isto eu tinha visto. E eles, o *père Silas* e a modesta Madame Beck (porque eu não podia ter dúvida de que eles haviam trabalhado em conjunto) abriram-me o santuário do seu coração, mostraram-me um grande amor, filho de seu temperamento meridional, nascido tão forte e perfeito que se rira da própria morte, desprezara o roubo da simples matéria, se agarrara ao espírito imortal, e, em vitória e em fé, esperara, ao lado de um túmulo, vinte anos.

Isto havia sido feito – não à toa. Não era simples e vã complacência do sentimento. Tinha provado a sua fidelidade pela consagração das suas melhores energias para um propósito altruísta, tinha-a atestado por ilimitados sacrifícios pessoais; pelos entes outrora queridos àquela que adorara, depusera a vingança e aceitara uma cruz.

Agora, quanto a Justine Marie, eu sabia o que ela era tão bem como se a tivesse conhecido. Eu sabia que ela não merecia censuras. Havia meninas como ela na escola Madame Beck – fleumáticas, pálidas, apáticas, mas de

bom coração, neutras para o bem e para o mal.

Se ela tinha asas de anjo, eu sabia que fantasia de poeta a concedera. Se a sua frente brilhava no reflexo de uma auréola, eu sabia em que íris esse círculo de luz sagrado fora gerado.

Deveria, pois, ter receio de Justine Marie? Haveria a figura da pálida freira morta a se erguer, como uma barreira eterna? E quanto às obras de caridade que absorviam os seus bens materiais? Quanto ao voto de virgindade de seu coração?

Madame Beck, *père Silas*, vocês não deveriam ter me sugerido tais perguntas. Elas foram, ao mesmo tempo, o mais profundo enigma, o mais forte obstáculo e o mais vivo estímulo que eu já senti. Durante uma semana adormeci, sonhei, acordei com estas perguntas. Não havia em todo o mundo uma resposta para elas, a não ser, onde estava, passeava, lecionava um homem moreno, sob um bandido *bonnet-grec* e dentro de um triste *paletôt* muito sujo de tinta e com bastante pó.

Depois da visita à *rue des Mages*, eu desejava, realmente, voltar a vê-lo. Sentia que, conhecendo-o, como agora o conhecia, o seu rosto me oferecia uma página mais clara, mais interessante do que nunca. Eu sentia uma saudade de descobrir nele a marca dessa primitiva devoção, os sinais desse sentimento, em parte de santo, em parte de cavaleiro andante, que a narrativa do padre imputava à sua natureza. Ele tinha se tornado o meu herói cristão: sob essa nova luz eu desejava observá-lo.

A oportunidade não tardou a me favorecer. As minhas novas impressões foram postas à prova no dia seguinte. Sim. Foi-me concedida uma entrevista com o meu “herói cristão” – uma entrevista não muito heroica, sentimental ou bíblica, mas, ao seu modo, bastante animada.

Por volta das três da tarde, a paz da primeira classe, firmemente estabelecida, parecia, sob a serena influência de Madame Beck, que em própria pessoa estava dando uma de suas metódicas e úteis lições – essa paz, dizia eu, foi interrompida pela súbita intrusão de um *paletôt*.

Ninguém, nesse momento, estava mais sossegado do que eu. Liberta da responsabilidade pela presença de Madame Beck, acalmada por seus tons uniformes, satisfeita e instruída pela sua clara exposição do assunto em questão (porque ela ensinava bem), sentei-me inclinada sobre a minha mesa e desenhava, ou seja, copiava uma complicada gravura e trabalhava caprichosamente para chegar ao final do original, pois era essa a minha

noção prática de arte. E, por estranho que pareça, eu tinha prazer extremo no trabalho e era até capaz de fazer curiosas reproduções de gravuras chinesas; coisas que possuíam o mesmo valor que muitos trabalhos de bordados, mas que eu apreciava bastante naqueles dias.

Qual era o problema? O meu desenho, os meus lápis, a minha preciosa cópia foram amarrotados numa mão e desapareceram da minha vista. Eu mesma fui sacudida e arrancada da minha cadeira, como uma noz-moscada podia ser tirada da caixa de especiarias por uma cozinheira irritada. Essa cadeira e minha escrivaninha, agarradas pelo bárbaro *paletôt* selvagem, uma debaixo de cada manga, foram levadas para longe. Em um segundo, eu corri atrás da mobília. Em dois minutos esta e eu estávamos colocados no centro da *salle* grande, uma vasta sala adjacente, raramente usada, a não ser para lições de dança e de canto coral, e colocadas como uma ênfase que parecia querer tirar-me qualquer remota esperança de sermos alguma vez autorizados a sair dali.

Recompondo-me parcialmente do susto, encontrei-me na presença de dois homens – cavalheiros, creio que deveria dizer – um moreno, outro claro – um com o ar duro, meio militar e trajando um sobretudo muito alinhado; o outro compartilhava o aspecto descuidado de um estudante ou artista: ambos ostentavam garbosos bigodes imperiais. *Monsieur* Emanuel ficou um pouco afastado deles. O seu rosto exprimia profunda cólera. Estendeu a mão, no seu gesto de tribuno, e disse:

– *Mademoiselle* – disse ele –, vai provar a estes cavalheiros que eu não sou mentiroso. Vai responder o melhor que souber às perguntas que eles lhe fizerem. Vai também escrever sobre o tema que eles selecionarem. Aos olhos deles, parece que eu sou um impostor sem escrúpulos. Escrevo ensaios e, com deliberada falsificação, os assino com os nomes das minhas alunas e represento-os, orgulhoso como trabalho delas. *Mademoiselle* vai negar essa acusação.

– Grande céu – Aqui estava o julgamento tanto tempo evitado e caía, agora, sobre a minha cabeça como um trovão. Estes dois finos e brincalhões personagens de bigodes eram nada menos do que professores do colégio, *Messieurs* Boissec e Rochemorte, um par de frívolos almofadinhas de sangue frio, pedantes, céticos e zombadores.

Parece que *Monsieur* Paul exibira, precipitadamente, algo que eu tinha escrito – algo que ele nunca elogiara ou mencionara aos meus ouvidos e que

eu considerava esquecido. O ensaio não era de qualquer modo notável. Apenas parecia notável em comparação com produções vulgares de estudantes estrangeiros. Num estabelecimento inglês, ele teria passado despercebido. *Messieurs* Boisse e Rochemorte tinham julgado adequado questionar a sua autenticidade e insinuar um embuste. Eu devia, agora, testemunhar a verdade e ser torturada pelo exame daqueles cavalheiros.

Seguiu-se uma cena memorável.

Começaram com os clássicos. Passaram para a história francesa. Eu mal distinguia Meroveu de *Pharamond*. Experimentaram várias estratégias e apenas obtiveram um aceno de cabeça e um imutável: – *Je n'en sais rien*.

[329]

Depois de uma pausa expressiva, mudaram a matéria para conhecimentos gerais, abordando um ou dois assuntos que eu conhecia muito bem e sobre os quais eu tinha muitas vezes refletido. *Monsieur* Emanuel, que até então assistia sombrio como o solstício de inverno, animou-se um pouco. Pensou, por certo, que eu mostraria agora, pelo menos, não ser tola.

Em breve, ele reconheceu o seu erro. Embora as respostas às perguntas surgissem rapidamente, enchendo a minha mente como a água enche um poço, as ideias estavam lá, mas as palavras não. Eu não podia ou não queria falar. Não estou bem certa. Penso que, em parte, os meus nervos estavam transtornados e o meu humor irritado.

Ouvi um dos meus examinadores, o de sobretudo trançado, sussurrar ao seu colega: – Ela é uma idiota.

Sim, eu pensei: “uma idiota ela é e sempre será para pessoas como você.”

Mas eu sofria cruelmente. Vi as rugas se acumularem na testa de *Monsieur* Paul e o seu olhar falar com irada, apaixonada e triste reprovação. Ele não acreditava na minha total falta de inteligência quanto aos conhecimentos comuns e pensava que eu poderia responder, se quisesse.

Por fim, para aliviá-lo e aos professores, eu balbuciei:

– É melhor me deixarem ir embora. Não obterão nada de mim, como *Monsieur* (apontei o professor que havia dito com a cabeça) disse, eu sou uma idiota.

Quem me dera ter falado com calma e dignidade ou mesmo ter ficado calada. Gostaria que o meu bom senso tivesse segurado a minha língua. Que

língua traidora, hesitava e tropeçava. Contemplando os juízes lançarem a *Monsieur* Paul um olhar duro de triunfo e ouvindo o tremor de aflição de minha própria voz, explodi em um ataque de choro. A emoção era muito mais de raiva do que de tristeza; se eu fosse homem e forte teria desafiado ali mesmo aqueles dois, mas como se tratava de uma emoção, eu preferia ter sido açoitada, a traí-la.

Que imbencis! Afinal, não viam eles logo a mão inábil da noviça na composição que tinham classificado de falsificação? O assunto era clássico. Quando *Monsieur* Paul ditou o tema em que o ensaio devia versar, lembrome de tê-lo ouvido pela primeira vez. O assunto era novo para mim e eu não tinha material para tratá-lo. Mas eu arranjei livros, li os fatos e escrevi laboriosamente um esqueleto com os ossos secos da realidade, depois o vesti e tentei insuflar, sentindo neste último trabalho verdadeiro prazer. Sempre foi penoso para mim o tempo de buscar os fatos, selecioná-los e ligá-los. Eu não poderia parar de pesquisar até estar satisfeita com a anatomia correta. A força da minha íntima repugnância diante da ideia de qualquer lacuna, falsidade ou falha, permitiu-me, algumas vezes, evitar enormes erros. Contudo, os conhecimentos não estavam ali na minha mente, prontos e maduros. Não haviam sido semeados na primavera, cultivados no verão, colhidos no outono e guardados durante o inverno. Tudo o que eu precisava tinha que sair e ser colhido fresco. *Messieurs* Boissec e Rochemorte não compreenderam isto. Confundiram o meu trabalho com o trabalho de um erudito.

Não me deixaram sair. Eu tinha de sentar e escrever diante deles. Quando mergulhei, com a mão trêmula, a pena no tinteiro e examinei o papel branco com os olhos meio cegos e rasos de lágrimas, um dos meus juízes começou a se desculpar pela dor causada.

– *Nous agissons dans l'intérêt de la vérité. Nous ne voulons pas vous blesser* [330] – disse ele.

O desprezo me deu coragem e eu respondi: – Queira ditar, *Monsieur*.

Rochemorte nomeou o seu tema: – A Justiça Humana.

A justiça humana! O que eu deveria fazer com aquele tema? Senti uma fria abstração e nenhuma ideia me surgiu. E ali estava *Monsieur* Paul, triste como Saul e austero como Joabe, e ali triunfavam os seus acusadores.

Olhei para aqueles dois buscando coragem para lhes dizer que não escreveria e nem diria uma só palavra para satisfazê-los; que o tema não me

agradava, muito menos a presença dos cavalheiros me inspirava e que, não obstante, quem quer que lançasse uma sombra de dúvida sobre a idoneidade de *Monsieur Paul Emanuel*, ultrajava essa verdade de que eles se gabavam campeões. Eu quis proferir tudo isso, quando, de repente, uma luz se lançou sobre a minha memória.

Aquelas duas faces, aqueles dois frios rostos, atrevidos, indignos, porém presunçosos, eram os mesmos rostos que, iluminados em cheio pela luz do candeeiro a gás, tinham me assustado, saindo de trás dos pilares do pórtico, na noite de minha chegada desolada em *Villette*. Estes, eu tinha moralmente a certeza, eram os mesmos heróis que haviam perseguido uma estrangeira sozinha, sem amigos, sem defesa, sem forças, por todo um bairro da cidade.

“Piedosos mentores”, pensei. “Puros guias da juventude!” Se existisse “justiça humana”, vocês dois não estariam ocupando lugares de mestres e muito menos desfrutariam de nenhum presente crédito.

Inspirada, comecei a trabalhar. “A justiça humana” surgiu na minha frente em forma de romance original. Ela era como uma megera feia, rabricunda, com as mãos nos quadris. Eu a vi em sua casa, a caverna da confusão: as criadas lhe pediam ordens ou indicações e ela nada ordenava; mendigos esperavam à porta, morrendo de fome, sem que ela se desse pela existência deles; um enxame de filhos, doentes e turbulentos, rastejava aos seus pés, gritando aos seus ouvidos que lhes dessem atenção, simpatia, cura e remédio às suas feridas. A honesta mulher não se importava com nenhuma destas coisas. Ela tinha o assento quente junto ao fogo, o seu próprio conforto consistia em um pequeno cachimbo negro e numa garrafa de xarope, ela fumava e bebia, e saboreava assim o seu paraíso; e, sempre que algumas das almas que sofriam à sua volta feriam os seus ouvidos com um grito mais agudo, a minha bela dama pegava no atizador ou na vassoura da lareira; se o agressor era fraco, doente ou injustiçado, ela, efetivamente, sossegava-o; se era forte, alegre e violento, ela apenas o ameaçava, mas mergulhava a mão até o fundo de sua bolsa e tirava dali, liberalmente, alguns doces de ameixas e os servia.

Tal era o retrato da “justiça humana”, rapidamente rabiscado no papel, e posto diante dos “piedosos mentores”, Boissec e Rochemorte. *Monsieur Emanuel* leu-o por cima dos meus ombros. Sem esperar qualquer comentário, fiz uma reverência ao trio e me retirei.

Depois das aulas, naquele mesmo dia, eu e *Monsieur* Paul nos encontramos novamente. Evidentemente, esse encontro, a princípio, não ocorreu bem. Havia algumas contas a serem ajustadas com ele. Aquele exame medíocre e forçado não poderia ser digerido facilmente. Um diálogo azedo foi suavemente encerrado por eu ser chamada de *une petite moqueuse et sans coeur*^[331], e pela partida temporária de *Monsieur*.

Não desejando que ele partisse de vez, mas querendo mostrar que seu capricho não poderia ser tolerado impunemente, eu não lamentei vê-lo pouco depois cuidando do jardim no caramanchão. Ele aproximou-se da porta de vidro e eu me aproximei também. Falamos de algumas flores que ali cresciam. Pouco depois, ele deixou a sua pá; recomeçou a conversa, passou a outros assuntos e, finalmente, tocou em um ponto interessante.

Consciente de que o seu procedimento naquele dia estava particularmente sujeito à classificação de extravagância, *Monsieur* Paul quase se desculpou, quase se lamentou de todos os seus caprichos, devido ao seu gênio, em outras ocasiões, e deu a entender que tinha um motivo para agir de forma tão estranha. – Mas – disse ele –, eu não posso pedir essa compreensão, Miss Lucy. Você não me conhece, nem a minha situação e nem a minha história.

– A sua história? Eu tomei imediatamente esta frase e continuei com essa ideia. – Não, *Monsieur*. É claro que eu não conheço sua história, a sua situação, nem os seus sacrifícios, nem qualquer dos seus desgostos, afeições ou fidelidades. Oh! Eu não sei nada! *Monsieur* é para mim completamente um estranho.

– Hein? – murmurou ele, arqueando as sobrancelhas em sinal de surpresa.

– Bem sabe, *Monsieur*, eu só o vejo na sala de aula: duro, severo, dogmático, apressado e imperioso. Eu só ouço de *Monsieur* que é ativo e voluntarioso, rápido para produzir, apressado em comandar, mas difícil de persuadir e custoso de dobrar. Um homem como *Monsieur*, sem vínculos, não pode ter dedicações, nem dependentes, não pode ter deveres. Todas nós, com quem *Monsieur* convive, somos máquinas que *Monsieur* empurra para lá e para cá, sem consideração pelos nossos sentimentos. *Monsieur* busca as suas distrações em público, à luz do candelabro noturno. Esta escola e aquele colégio ali são suas oficinas, onde *Monsieur* fabrica a mercadoria chamada alunos. Eu não sei onde *Monsieur* mora. É natural que eu tome por certo que

Monsieur não tem casa e nem precisa de nenhuma.

– Estou sendo julgado? – perguntou ele. – A sua opinião sobre mim é exatamente a que eu pensava. Para Lucy Snowe eu não sou nem homem nem cristão. Vê-me desprovido de afeto e de religião. Solto, sem amigos, família, sem princípios ou fé. Está bem, *Mademoiselle*, é essa a nossa recompensa nesta vida.

– *Monsieur* é um filósofo, um filósofo cínico – olhei para o seu paletó que ele sacudia a manga com a mão –, desprezando as fraquezas da humanidade, superior aos seus luxos, indiferente aos seus confortos.

– *Et vous, Mademoiselle. Vous êtes proprette et douillette, et affreusement insensível, par-dessus le marché.*[332]

– Mas, concluindo, *Monsieur*, agora que penso nisso, *Monsieur* deve viver em algum lugar? Diga-me onde e quantos criados tem?

Com uma terrível projeção do lábio inferior, que implicava num impulso do mais decidido desprezo, ele estourou:

– *Je vis dans un trou!*[333] Eu habito numa caverna, Miss. Uma caverna onde *Mademoiselle* não seria capaz de meter o seu nariz delicado. Uma vez, com vergonha de falar toda a verdade, lhe falei sobre o meu quarto de estudo naquele colégio. Saiba, agora, que este quarto de “estudo” é toda a minha morada; o meu quarto é a minha sala de visitas. Quanto aos meus criados (imitando a minha voz) são dez; aqui estão.

E ele, sombriamente, abriu as duas mãos sob os meus olhos e mostrou seus dez dedos.

– Engraxo as minhas botas – prosseguiu ele, selvagememente –, lavo as minhas roupas e escovo o meu *paletôt*...

– Não, *Monsieur*, isso é muito grosseiro. Nunca fez isso –, foi o meu parênteses.

– *Je fais mon lit et mon ménage;*[334] busco meu jantar em um restaurante; Passo dias laboriosos e sem afeto; longas noites solitárias. Sou feroz, barbudo e monacal. Ninguém que vive, agora, neste mundo me ama, com exceção de alguns velhos corações desgastados como o meu e alguns entes empobrecidos e sofredores; pobres de bolso e de espírito, a quem os reinos deste mundo não pertencem, mas a quem um testamento que não pode ser disputado legou o reino dos céus.

– Ah, *Monsieur*, mas eu sei!

– O que *Mademoiselle* sabe? Sabe muitas coisas, acredito, mas nada ao

meu respeito, Lucy.

– Sei que *Monsieur* tem uma casa antiga, muito agradável, numa também antiga e simpática praça da *Basse-Ville*. Por que não vai morar lá?

– Hein? – murmurou ele, novamente.

– Gostei muito dela, *Monsieur*, com os degraus à frente da porta, as lajes cinzentas, as árvores lá atrás... árvores reais, não simples arbustos. Árvores escuras, altas e seculares. E o *boudoir-oratoire*? Devia fazer dessa sala o seu gabinete de trabalho; tão silencioso e solene.

Ele me olhou de perto, com um meio sorriso e corando.

– Como *Mademoiselle* soube disso tudo? Quem te contou?

– Ninguém me disse. Talvez eu tenha sonhado, *Monsieur*. O que acha?

– Acaso eu sou capaz de entrar em suas visões? Não sou capaz de adivinhar os pensamentos de uma mulher nem acordada, muito menos as suas fantasias ao dormir!

– Se eu sonhei, além da casa, vi em meus sonhos seres vivos: um velho padre, curvado e grisalho; uma velha criada, muito pitoresca; uma senhora suntuosa, esplêndida, porém estranha. A sua cabeça mal chegaria ao meu cotovelo, mas a sua majestade e magnificência podiam desafiar a de um duque. Trajava um vestido brilhante como lápis-lazúli, um xale que vale mais do que mil francos, e estava enfeitada com ornamentos tão brilhantes como eu jamais tinha visto. Contudo, o corpo parecia ter sido partido e dobrado em dois; parecia, além disso, ter ultrapassado aos anos comuns da humanidade e ter atingido aqueles em que há apenas trabalho e tristeza. Tornara-se áspera, quase malévola, ainda assim, alguém parece que se importava com ela em suas enfermidades, alguém lhe perdoava as violências, esperando que lhes perdoassem as suas. Estas três pessoas vivem juntas... a senhora, o capelão e a serva... todas velhas, fracas, todas abrigadas sob as asas de um benfeitor.

Ele cobriu com a mão a parte superior de seu rosto, mas não escondeu a sua boca, onde eu vi uma expressão que me agradava.

– Vejo que penetrou nos meus segredos – disse ele –, mas como isso aconteceu?

Então, eu lhe contei do recado que fora encarregada, da tempestade que me detivera, a rudeza da senhora e a bondade do padre.

– Enquanto eu esperava que a chuva cessasse, o *père Silas* entreteve meu tempo com uma história.

– Uma história! Que história? *Père Silas* não é romancista.

– Quer que eu lhe conte essa história, *Monsieur*?

– Sim. Comece pelo princípio. Deixe-me ouvir um pouco do francês de Miss Lucy. O seu melhor ou o pior, não importa muito. Vamos ouvir uma boa dose de barbarismos e uma boa dose de sotaque insular.

– *Monsieur* não vai ser gratificado por um conto de proporções ambiciosas, nem um espetáculo do narrador. Mas, vou lhe dizer o título: O Discípulo do Padre.

– Bah! – exclamou ele, corando de novo. – O bom e velho padre não poderia ter escolhido um pior assunto: é o seu ponto fraco. Mas, o que tem o discípulo do padre? – perguntou ele.

– Oh! Muitas coisas.

– É melhor definir que coisas. Eu quero saber.

– Havia o jovem aluno, a sua idade adulta, a sua avareza, a sua ingratidão, a sua implacabilidade e a sua inconstância. Que mau discípulo, *Monsieur*! Tão ingrato, frio, descortês e inclemente!

– *Et puis?* [335] – perguntou ele, tomando um charuto.

– *Et puis* – continuei –, ele sofreu calamidades que não nos comovem, surportou-as com um espírito que não se admira, passou males que não merecem a nossa simpatia. Finalmente, vingou-se de maneira pouco cristã, pondo carvões em brasa sobre a cabeça do adversário.

– Não me contou tudo – disse ele.

– Quase tudo, creio. Indiquei o nome dos capítulos de *père Silas*.

– *Mademoiselle* se esqueceu de um: aquele que tratava da falta de afeição do discípulo. Do seu coração duro, frio e monástico.

– É verdade. Lembro-me agora. O *père Silas* disse que a sua vocação era quase a de um sacerdote, que a sua vida era considerada consagrada.

– Com que votos ou deveres? – ele perguntou.

– Pelos laços do passado e pelas caridades do presente.

– Conhece, então, toda a situação?

– Disse-lhe tudo o que me foi dito.

Decorreram alguns minutos de meditação.

– Agora, *Mademoiselle* Lucy, olhe para mim e, com aquela verdade que eu acredito nunca ter violado conscientemente, responda a uma pergunta. Levante os seus olhos e encare os meus. Não hesite. Confie em mim. Eu sou um homem em quem se pode confiar.

Ergui os olhos.

– Conhecendo-me, agora, completamente todos os meus antecedentes, todas as minhas responsabilidades, conhecendo há muito os meus defeitos, ainda podemos ser amigos?

– Se *Monsieur* quer ter uma amiga em mim, eu ficarei feliz em ter um amigo nele.

– Mas, eu quero dizer amigos íntimos, verdadeiros, parentes em tudo, menos no sangue. Quer Miss Lucy ser a irmã de um homem muito pobre, acorrentado e sobrecarregado?

Não consegui lhe responder com palavras, mas eu suponho, contudo, que lhe respondi. Ele pegou a minha mão, que encontrou conforto no abrigo da sua. A sua amizade não era um benefício duvidoso e oscilante, uma fria e longínqua esperança, um sentimento tão frágil que não pudesse suportar o peso de um dedo. Eu senti imediatamente (ou julguei sentir) o seu apoio, firme como o de uma rocha.

– Quando eu falo de amizade, eu quero dizer verdadeira amizade – repetiu ele, enfaticamente.

Eu mal podia acreditar que palavras tão sérias haviam abençoado os meus ouvidos. Mal podia acreditar na realidade daquele olhar amável, ansioso que ele me dirigiu. Se ele realmente queria a minha confiança e o meu respeito e me daria em troca os seus, pareceu-me que a vida não poderia me oferecer nada mais de melhor. Nesse caso, eu ficaria forte e rica. Naquele momento, eu me senti substancialmente feliz. Para confirmar o fato, defini-lo e selá-lo, perguntei:

– *Monsieur* fala sério? Acredita, realmente, que precisa de mim e pode se interessar por mim como uma irmã?

– Certamente, certamente – disse ele. – Um homem solitário como eu, que não tem irmãos, só pode sentir-se feliz encontrando no coração de alguma mulher a pura afeição de uma irmã.

– E posso confiar na estima de *Monsieur*? Posso falar-lhe quando me apetecer?

– A minha irmãzinha deve fazer as suas próprias experiências – disse ele. – Não vou fazer nenhuma promessa. Ela deve provocar e tentar o seu rebelde irmão. Fazer com ele o que deseja, afinal, ele não é material de todo rígido em algumas mãos.

Enquanto ele falava, o tom de sua voz, o brilho dos seus olhos,

agora, afetuosos, dava-me um prazer como, certamente, eu nunca tinha sentido. Eu não invejava a nenhuma moça o seu namorado, a nenhuma noiva o seu noivo, a nenhuma esposa o seu marido. Eu estava contente com este amigo voluntário. Se ele provasse digno da minha confiança, como parecia, o que mais além da sua amizade eu poderia cobiçar? Mas, se tudo se desvanecesse como um sonho, como já uma vez acontecera...?

– *Qu'est-ce donc?* [336] – perguntou ele, pois este pensamento lançara o seu peso no meu coração e a sua sombra no meu rosto. Eu disse a ele. E, depois de um momento de silêncio e de um sorriso pensativo, mostrou-me também com receio de que eu me cansasse dele, um homem de humor tão difícil e intermitente – assombrava sua mente por mais de um dia, ou de um mês.

Ao ouvir isto, uma calma coragem me animou. Arrisquei uma palavra de confirmação, palavra que não foi apenas tolerada, mas bem acolhida. Senti-me muito feliz, estranhamente feliz, por vê-lo tão contente e tranquilo. Ontem, eu não teria acreditado que houvesse na terra ou que a vida pudesse proporcionar momentos como os que eu estava vivendo agora. Vezes sem fim quisera a minha sorte que eu contemplasse de perto a tristeza. Mas, ver uma inesperada felicidade tomar forma, encontrar lugar e tornar-se real à medida que os segundos aceleravam, era, de fato, uma experiência nova para mim.

– Lucy – disse *Monsieur* Paul, falando baixo e ainda segurando a minha mão. – Viu um quadro no *boudoir* da casa velha?

– Vi um quadro pintado em um painel – respondi.

– O retrato de uma freira?

– Sim – respondi.

– Ouviu a sua história?

– Ouvi.

– Lembra-se do que vimos naquela noite no caramanchão?

– Nunca vou esquecer.

– Não relacionou as duas ideias? Acha que seria loucura? – ele perguntou, baixinho.

– Pensei na aparição quando eu vi o quadro – respondi, pois tinha sido verdade.

– Não acredita que uma santa do céu se perturbe com rivalidades da terra? Os protestantes são raramente supersticiosos. Estas mórbidas

fantasias não a preocupam?

– Não sei o que pensar sobre este assunto, mas acredito que vamos descobrir do que se trata esse mistério.

– Sem dúvida, sem dúvida. Além disso, nenhuma mulher bondosa em vida e muito menos um espírito puro perturbaria uma amizade como a nossa, *n'est-il pas vrai?*[\[337\]](#)

Antes que eu pudesse responder, Fifine Beck apareceu, muito rosada, correndo e gritando que estavam precisando de mim. A mãe estava indo visitar uma família inglesa, que queria informações sobre a escola, e necessitava de meus serviços como intérprete. A interrupção não deixava de ser razoável: o mal é sempre suficiente para o dia; para aquela hora bastava o bem que eu tinha recebido. No entanto, eu gostaria de ter perguntado a *Monsieur* Paul se as mórbidas fantasias contra as quais ele me prevenia não atormentavam o seu próprio cérebro.

CAPÍTULO XXXVI

O Motivo da Discórdia

Além da mãe de Fifine Beck, outra autoridade tinha alguma coisa a nos dizer, isto é, a mim e a *Monsieur* Paul, antes que a nossa aliança de amizade fosse ratificada. Estávamos sob a vigilância de olhos insones. Roma vigiava zelosamente o seu filho através do postigo em que eu uma vez ajoelhara e para o qual corria *Monsieur* Emanuel mês após mês, postigo correção do confessorário.

Por que eu estava tão feliz com a amizade de *Monsieur* Paul? Esta é uma pergunta que o leitor talvez faça. Não era ele já há muito tempo meu amigo? Ele já não tinha dado provas sobre provas de certa parcialidade em seus sentimentos?

Sim, ele tinha. Mas, ainda assim eu gostava de ouvi-lo dizer, cheio de sinceridade, que ele era meu amigo íntimo, meu verdadeiro amigo. Eu gostava das suas modestas dúvidas, da sua terna deferência, dessa confiança que ansiava por ter onde repousar e se mostrava grata quando lhe indicavam a maneira de fazer. Ele tinha me chamado de “irmã”. Estava bem. Sim, ele podia me chamar do que quisesse, desde que confiasse em mim. Eu estava disposta a ser a sua irmã com a condição de que ele não me convidasse a manter esse parentesco com a sua futura esposa. E, devotado ao celibato, como ele mesmo falava, parecia pouco provável esse perigo.

Durante a maior parte da noite, ponderei sobre a conversa daquela tarde. Desejei muito que a manhã rompesse e, quando ela rompeu, que a sineta tocasse. Uma vez acordada e vestida, considerei as orações e o café da manhã lentos, as horas vagarosas, até que chegou aquele que me trouxe a lição de Literatura. O meu desejo era compreender mais completamente aquela fraternal aliança; observar até que ponto ele se comportaria como irmão quando nos encontrássemos de novo; tirar a prova sobre os meus próprios sentimentos de irmã. Descobrir se eu podia ter a coragem de uma irmã e ele a franqueza de um irmão.

Ele chegou. A vida é construída de um modo que os acontecimentos

não correspondem à expectativa. Durante todo o dia ele não se aproximou de mim. Sua lição foi dada mais silenciosamente do que de costume, mais branda e também mais gravemente. Ele foi paternal para com suas alunas, mas não fraterno comigo. Antes que ele deixasse a classe, eu esperava um sorriso, senão uma palavra: nem uma coisa nem outra. A minha porção foi um aceno de cabeça tímido e apressado.

Esta frieza, argumentei, foi acidental e involuntária. Eu deveria ter paciência e ela desapareceria. Contudo, ela não desapareceu, continuou por alguns dias, depois o distanciamento aumentou. Suprimi a minha surpresa, engoli quaisquer outros sentimentos que haviam começado a surgir.

Recordei a pergunta que fizera naquela tarde: “posso confiar em sua amizade, *Monsieur*?” Bem, ele podia ter, sem dúvida, conhecendo a si mesmo, ter evitado qualquer promessa. Era verdade que ele tinha mandado que eu fizesse as minhas próprias experiências, a contrariá-lo e a colocá-lo à prova. Vão incentivo! Privilégio nominal e indisponível! Talvez algumas mulheres pudessem tê-lo usado. Mas, nada em minhas forças ou instinto me colocava entre esse corajoso grupo. Deixada sozinha, eu era passiva; repelida, retirava-me; esquecida, os meus lábios não se moviam, nem os meus olhos se faziam lembrar. Parecia ter havido um erro em qualquer ponto dos meus cálculos e eu esperava que o tempo o revelasse.

Mas, chegou o dia em que, como de costume, ele me daria uma lição. Há muito ele me dedicava, generosamente, uma tarde por semana, empregando-a no exame do que tinha sido feito, na correção dos vários trabalhos deixados na semana anterior e na preparação dos trabalhos da semana seguinte. Nessas ocasiões, a minha sala de aula era em qualquer lugar onde quer que as alunas e as outras professoras estivessem, muitas vezes na segunda classe, onde era fácil escolher um canto tranquilo quando as alunas estavam ausentes e as poucas pensionistas estavam reunidas em torno do estrado da *surveillante*.

Na tarde habitual, à hora de costume, juntei meus livros e papéis, a minha pena e tinta e dirigi-me à sala grande.

Na classe não havia ninguém e a sala estava escura e fria. Mas, pela porta dupla eu vi o vestíbulo cheio de alunas e a luz do sol poente, tão viva e tão vermelha que os variados tons dos vestidos pareciam fundir às cores da parede. As meninas estavam sentadas trabalhando ou estudando. No meio do círculo, estava *Monsieur* Emanuel, falando, bem-humorado com uma

professora. O seu *paletôt* escuro e o seu cabelo negro estavam cheios de reflexos carmesins; o seu rosto de espanhol, quando ele se voltou momentaneamente, respondeu ao beijo animado do sol com um cordial sorriso. Tomei o meu lugar em uma mesa.

As laranjeiras e outras plantas diversas, agora em flor, aqueciam-se também na risonha generosidade do sol. Tinham-no gozado o dia todo e agora pediam água. *Monsieur* Emanuel tinha gosto pela jardinagem; ele gostava de cuidar das plantas. Eu costumava pensar que trabalhar entre os arbustos com uma pá ou um regador acalmava seus nervos. Era, de fato, uma distração a que ele muitas vezes recorria. Agora mesmo, ele olhou para as laranjeiras, os gerânios, para os cactos vistosos e regou-os como pedia a terra seca. Os seus lábios, entretanto, seguravam seu precioso charuto. Era para ele a primeira necessidade e o luxo da vida. Naquela luz do entardecer, as espirais de fumo azul subiam entre as flores e arbustos. Não deu atenção mais às alunas nem às professoras, mas dirigiu muitas palavras ternas a uma cadelinha que nominalmente pertencia a casa, mas que, virtualmente, o tinha escolhido como dono e gostava mais dele do que de qualquer outra pessoa. Era um animal delicado, sedoso, amoroso e adorável que saltitava ao seu lado, olhando com olhos expressivos para o rosto dele. E, sempre que ele deixava cair seu *bonnet-grec* ou o lenço, que ele ocasionalmente fazia, por brincadeira, a cadelinha se prostrava ao lado dos objetos, como um leão em miniatura, guardando a bandeira de um reino.

Havia muitas plantas, e como o jardineiro amador ia buscar toda a água no poço com as suas próprias e ativas mãos, o seu trabalho demorava bastante tempo. O grande relógio da escola prosseguia com o seu tic-tac. Mais uma hora soou. O vestíbulo e o grupo de alunas tinham perdido a ilusão do pôr do sol. A tarde caía. Compreendi que naquele dia a minha lição seria muito curta, mas as laranjeiras, os cactos, as camélias estavam, agora, servidas. Seria a minha vez?

Ai de mim! Havia no jardim mais plantas para serem cuidadas – roseiras favoritas, certas flores preferidas. Os latidos alegres e felizes de Sylvie seguiram o *paletôt* pelas alas. Coloquei de lado alguns livros, eu não precisaria de todos. Permaneci sentada, esperando e pensando, desejando, involuntariamente, a invasão rasteira do crepúsculo.

Sylvie, saltitando alegremente, surgiu à vista mais uma vez anunciando o retorno do *paletôt*. O regador foi depositado ao lado do poço; havia

cumprido o ser dever; quão contente eu fiquei! *Monsieur* lavou as mãos em uma pequena bacia de pedra. Não havia mais tempo para uma aula agora. Em breve, a sineta tocaria para a oração da tarde; contudo, deveríamos nos encontrar, falaríamos, talvez tivesse a chance de ler em seus olhos o enigma de sua timidez. Terminadas as abluções, ele se levantou e ficou ajeitando seus punhos e olhando para a lua nova que nascia pálida num céu de opala, brilhando tenuamente na sacada de *St. Jean Baptiste*. Sylvie assistia aquela contemplação, cuja quietude a irritava. Ela latiu e saltou para interrompê-lo. Ele olhou para baixo.

– *Petite Exigeante* – disse ele. – Não podemos esquecê-la nem um momento.

Curvou-se e levantou a cadelinha em seus braços, vagueou pelo pátio, a um metro da linha de janelas junto a qual eu estava sentada. Passeou demoradamente, acariciando a cadelinha, chamando-a por nomes ternos com sua voz também terna. Nos degraus da porta, virou; mais uma vez olhou para a lua, para a catedral cinzenta acima das agulhas mais distantes e dos telhados das casas que se fundiam no mar azul da neblina noturna. Respirou a doce brisa da noite e contemplou as flores que se fechavam. De repente, olhou em volta, um feixe afiado de seu olhar vazou a fachada branca das salas, varreu a longa linha da janela. Eu acho que ele se curvou, se ele fez, eu não tive tempo para retornar a cortesia. Em um momento, ele tinha partido. A soleira, iluminada pelo luar, ficou pálida e sem sombras, diante da porta fechada.

Reunindo em meus braços tudo o que estava espalhado sobre a minha mesa, levei a pilha de livros, agora inúteis, para o seu lugar na terceira classe. A sineta tocou para a oração. Obedeci à convocação.

O dia seguinte não o traria à *rue Fossette*, pois este dia era inteiramente dedicado ao colégio vizinho. Dei as minhas aulas, passei as horas intermediárias, vi a noite se aproximando e preparei-me para os seus pesados aborrecimentos. Se era pior ficar com as minhas colegas ou sentar-me sozinha, eu não sabia. Optei, naturalmente, pela última alternativa. Se havia uma esperança de conforto para algum momento, não era a cabeça ou o coração de nenhum ser humano desta casa que poderia oferecê-lo. Só sob a tampa da minha mesa ele podia abrigar-se, aninhando-se entre as folhas de algum livro, dourando a ponta de lápis ou tingindo o fluido negro do tinteiro. Com mãos cansadas e trêmulas, revolvi o seu conteúdo.

Abri um por um, livros bem conhecidos, volumes com capas já

familiares foram retirados e guardados de novo, sem qualquer vestígio de esperança. Nem aqueles amados livros podiam me consolar.

Contudo, vi algo novo. – Este panfleto lilás não estava aqui! – murmurei para mim mesma. Eu ainda não o tinha visto. Arranjara as minhas gavetas nesta mesma tarde. Devia ter sido introduzido aqui na última hora, talvez, enquanto jantávamos.

Ansiosa, o abri. O que era? O que diria para mim?

Não era nem um conto, nem um poema, nem um ensaio, nem uma história: não contava, nem narrava e nem discutia. Era uma obra teológica que pregava e persuadia.

Emprestei de bom grado os meus olhos, pois, pequena como era, possuía o seu próprio encanto e prendeu, imediatamente, a minha atenção. Ele pregava o catolicismo e persuadia à conversão. Pensei em *Monsieur Paul*. Ele não desistia de me fazer uma católica como ele.

Sorri, então, perante a dose de ternura. Sorri, também, da minha própria deficiência para atendê-lo. Olhando para a primeira página, encontrei o nome do *Père Silas* e numa folha em branco, em pequenos, porém nítidos caracteres: – De P.C.D.E. para L-Y e, quando vi isto, eu ri, mas não com mesmo espírito anterior. Estava, de fato, reanimada.

Um espanto mortal desapareceu de repente da minha cabeça. Achara a solução do enigma da esfinge. A ligação daqueles dois nomes, *Père Silas* e *Paul Emanuel*, me deu a chave de tudo. O penitente tinha estado com o seu confessor, pois ele não lhe podia reter nada. Não podia manter nenhum sagrado recanto do seu coração só para si mesmo e para Deus; toda a narrativa da nossa recente entrevista tinha lhe sido arrancada. Tinha confessado o pacto da nossa fraternidade e falado de sua irmã adotiva. Como poderia tal pacto e tal irmã protestante serem sancionados pelo padre? Comunhão fraterna com uma herege! Pareceu-me ouvir o *Père Silas* anular o pacto profano; advertindo o penitente de seus perigos; pedindo, ordenando reserva, ou melhor, pela autoridade de seu ofício e em nome e pela memória de todos os seus queridos, *Monsieur Emanuel* deveria executar um novo plano, cujo gelo tinha perfurado até a medula dos meus ossos.

Pensando bem, essas hipóteses não eram desagradáveis para mim, pois, em comparação ao que eu imaginara, eram até bem-vindas. A visão de um perturbador fantasmagórico pairando nas sombras não era nada comparada com o receio de uma mudança espontânea que se operasse em *Monsieur Paul*.

Não posso afirmar que as conjecturas acima foram sugeridas por mim mesma no desespero de uma resposta ou se tiveram a sua origem na confirmação de outra pessoa. As fontes não faltavam.

Naquela noite não houve o brilhante pôr do sol; nascente e poente eram uma só nuvem; nenhuma neblina de noite de verão, ainda assim a roseira adoçava o ar com o seu aroma. Uma névoa úmida dos pântanos espalhava ao redor de *Villette*. Naquela noite o regador podia descansar sossegado em seu nicho, junto ao poço. Uma chuva miúda havia caído durante toda a tarde e ainda caía constante e silenciosa. Não era tempo para caminhadas nas alas molhadas, sob as árvores gotejantes. Contudo, estremeci quando ouvi Sylvie latir no jardim, aquele seu ladrar de boas-vindas. Certamente, ela não estava acompanhada e aqueles latidos apressados eram sempre em homenagem a certa pessoa.

Através da porta de vidro e do caramanchão, a minha vista penetrava fundo na *allée défendue*: para lá havia precipitado Sylvie, brilhando através da obscuridade, como uma bola de neve. Ela corria para um lado e para o outro, saltando, ganindo, assustando os passarinhos entre os arbustos. Assisti durante cinco minutos. Nada se seguiu ao presságio. Voltei aos meus livros. Os latidos agudos de Sylvie, de repente, cessaram. Mais uma vez olhei para a área proibida. Ela estava lá, não muito distante, abanando a cauda branca tão depressa quanto os músculos podiam trabalhar e observando atentamente as operações de uma pá, rapidamente acionada por uma mão incansável. Lá estava *Monsieur Emanuel*, curvado sobre o solo, trabalhando tão duro entre os arbustos como se tivesse de ganhar o pão daquele dia com o suor do seu rosto.

Vi nesse ato um sinal de má disposição. Ele cavaria até na neve congelada e no dia mais frio do inverno, quando intimamente impelido por dolorosa emoção, seja de excitação nervosa, ou de tristes pensamentos de autorrecriação. Era capaz de cavar por uma hora, de testa franzida e dentes cerrados, sem uma só vez levantar a cabeça ou abrir os lábios.

Sylvie ficou olhando até se cansar. Novamente saiu correndo, pulando aqui, saltando acolá, farejando e cheirando todos os lugares, finalmente, me descobriu na sala de aula. Imediatamente, começou a latir para os vidros, como para me chamar para compartilhar de seu prazer ou da labuta de seu mestre. Ela tinha me visto, ocasionalmente, passeando naquele beco com *Monsieur Paul*, e, não duvido, considerava meu dever ir agora ter com ele

apesar da umidade.

A cadela fez tanta agitação que *Monsieur* Paul olhou, por fim, e compreendeu, sem dúvida, porque e para quem ela latia. Ele assobiou para chamá-la, ela apenas latiu mais alto. Parecia desejar que eu lhe abrisse a porta. Cansado, suponho, com a sua insistência, ele jogou a pá, aproximou-se e empurrou a porta entreaberta. Sylvie irrompeu impetuosa e saltou para o meu colo, com as patas no meu pescoço e lambendo-me diligentemente a face, a boca e os olhos. Colocou a sua ativa e espessa cauda sobre a minha mesa e espalhou livros e papéis.

Monsieur avançou para acalmar e reparar o desarranjo. Depois de ter reunido os livros, capturou Sylvie, colocando-a sob seu *paletôt*, onde ela se aninhou quieta como um rato, só a cabeça espreitando para fora. Ela era muito pequena e tinha o mais bonito e inocente focinho, as mais sedosas e longas orelhas, os mais belos olhos escuros que eu já vira. Sempre que a via eu me lembrava de Paulina De Bassompierre. O leitor que me perdoe a associação, mas era assim.

Monsieur acariciou-a e afagou-a. Não era de se espantar os carinhos que ela recebia: a sua beleza e vivacidade convidavam à afeição.

Enquanto acariciava a cadelinha, os seus olhos percorriam os papéis e livros que ele acabara de arrumar e fixaram no tratado religioso. Seus lábios se moveram, mas se contiveram. O quê? Ele tinha prometido nunca mais se dirigir a mim? Se for assim, o melhor do seu temperamento pronunciou o voto – mais honrado na violação do que na observância – pois, com um segundo esforço, falou:

– Presumo que não tenha lido o folheto? Não é suficientemente convidativo?

Respondi que o tinha lido.

Monsieur esperou, como se desejasse que eu desse a minha opinião sem que ele pedisse. No entanto, eu não estava com disposição para fazer ou dizer qualquer coisa. Se havia concessões a fazer, era com o dócil discípulo de *Père* Silas, não comigo. Os seus olhos fixaram docemente nos meus. Naquele momento havia neles suavidade, solicitude e uma sombra de ternura. Havia significados complicados e contraditórios – censura que se fundiam em remorso. Naquele momento, provavelmente, ele ficaria feliz em ver em mim alguma emoção. Entretanto, eu não poderia mostrá-la. Mais um minuto, no entanto, eu teria traído demonstrando certa confusão, se não tivesse tirado

algumas penas das gavetas e começou, sobriamente, a apará-las.

Sabia que essa ação iria influenciar a sua disposição. Ele nunca gostou de me ver consertar penas; a minha faca estava sempre cega, necessitava ser amolada e a minha mão não era hábil. Aparei e lasquei. Desta vez, eu cortei o meu próprio dedo, quase de propósito. Eu queria trazer *Monsieur* Paul ao seu estado natural, colocá-lo à vontade e fazê-lo me repreender.

– Maladroit![\[338\]](#) – gritou ele, por fim. – Quer fazer picadinho de suas mãos?

Colocou Sylvie no chão, ao lado de seu *bonnet-grec*, e obrigou-a a ficar quieta. Tirou-me as penas e começou a apará-las com o seu canivete com rapidez e precisão de uma máquina. Pouco depois me perguntou se eu tinha gostado do livrinho. Suprimindo um bocejo, eu disse que não sabia.

– Não ficou impressionada? – ele exigiu uma resposta.

– Julgo que me deu um pouco de sono.

Seguiu-se uma pausa.

– Portanto – disse que não serviria de nada falar naquele tom com ele. Má como eu era, e ele lamentaria ter que citar todos os meus defeitos juntamente, pois Deus e a natureza não tinham me dado muita sensibilidade e simpatia para não ser profundamente tocada por um apelo tão comovente.

– Na verdade – eu respondi, despertando-me rapidamente: – Pois lhe digo que ele não me impressionou em nada... Nem um pouco.

E, como prova, eu tirei do meu bolso um lenço, perfeitamente seco, ainda limpo e dobrado.

Posto isto, eu fui objeto de uma série de censuras mais picantes do que educadas. Ouvi com entusiasmo. Depois daqueles dois dias de silêncio pouco natural, era melhor do que música ouvir *Monsieur* Paul brigando comigo, conforme era o seu hábito. Eu escutava e, entretanto, ia consolando a Sylvie com afagos e a mim com o conteúdo de uma *bonbonnière* que ele mantinha bem fornecida de chocolates. Agradava-lhe sempre ver qualquer coisa que ele oferecia sendo devidamente apreciada. Ele olhou para mim e para a cadelinha, enquanto nós compartilhávamos da guloseima (pois eu dei a ela um pedacinho de nada); ele colocou de lado seu canivete e, tocando-me na mão com as penas aparadas, disse: – *Dites done, petite soeur*,[\[339\]](#) fale francamente: o que pensou de mim durante os últimos dois dias?

Mas, eu fingi que não havia escutado a pergunta. O seu teor fez meus olhos se encherem de lágrimas. Abaixei para acariciar Sylvie quando

Monsieur Paul apoiou-se na mesa e inclinou-se para mim:

– Eu disse que seria seu irmão e mal sei o que eu sou: irmão, amigo... Eu não sei o que sou. Eu sei que eu penso em Lucy, que lhe quero bem, mas preciso dominar a mim mesmo, pois você precisa ser temida. Os meus melhores amigos me apontam o perigo e me aconselham cautela.

– Faz bem em ouvir seus amigos. Tenha toda a cautela.

– É a sua religião. O seu estranho e invulnerável credo, cuja influência parece revesti-la com ímpia panóplia. Lucy é bondosa, o próprio *Père* Silas a acha bondosa e gosta da menina... mas, o seu terrível, fervoroso, altivo protestantismo é perigoso. Ele se expressa nos seus olhos, por vezes; noutros, dá-lhe certos tons e gestos que me arrepiam. Não é demonstrativa e, ainda assim, agora, quando pegou neste folheto, meu Deus! Julguei que Lúcifer sorria!

– Certamente que eu não respeito este folheto, e então?

– Não respeita esse folheto? Mas, é a pura essência da fé, do amor, da caridade! Eu pensei que ele a comoveria. Na sua ternura, eu confiei que ele não poderia falhar. Coloquei-o em sua mesa com uma oração. Devo, realmente, ser um pecador. Os céus não querem ouvir as mais calorosas petições que saem do meu coração. Você despreza a minha pequena oferta. *Oh, cela me fait mal!* [340]

– *Monsieur*, eu não o desprezo, pelo menos, não como oferta de *Monsieur*. Sente-se e ouça-me. Não sou uma pagã, sou uma cristã e não sou perigosa como lhe dizem. Eu nunca perturbaria a sua fé. Se *Monsieur* crê em Deus, em Cristo e na Bíblia, eu também.

– Mas, acredita realmente na Bíblia? Admite a revelação do Apocalipse? Que limites existem para a louca e indiferente temeridade de seu país e da sua seita? O *père* Silas sugeriu coisas negras.

Persuadi-lo a definir essas coisas se resumiria em calúnias jesuíticas. Dessa forma, deixei de lado.

Naquela noite, nós conversamos íntima e seriamente. Ele discutia e argumentava. Falava numa oposição triunfante, lógica, para realizar tudo o que o seu mentor espiritual desejava ver realizado. Eu não sabia argumentar – ditosa incapacidade! Contudo, eu sabia falar no meu próprio modo – o modo a que *Monsieur* Paul estava habituado e a que podia seguir os meandros e preencher as lacunas e perdoar as estranhas hesitações, que já não eram estranhas para ele. À vontade com ele, eu podia defender a minha crença e a

minha fé. Até certo grau eu podia acalmar os seus preconceitos. Contudo, ele foi embora não ainda satisfeito e, dificilmente, apaziguado. Mas, eu mostrei a ele que os protestantes não são, necessariamente, os pagãos irreverentes que o seu mentor tinha insinuado. Fiz que compreendesse alguma coisa do seu modo de venerar a luz, a vida e a Palavra. Permiti-lhe perceber que, possivelmente, a sua veneração pelas coisas veneráveis não era bem assim cultivada na sua Igreja; que ele tinha uma força própria, talvez, mais profunda, o seu respeito mais solene.

Descobri que o *père* Silas (ele próprio, devo repetir, não era um homem mau, embora advogasse uma causa ruim) tinha, sombriamente, estigmatizado duramente os protestantes, em geral, e, portanto, eu própria com estranhos nomes; ele tinha atribuído a nós estranhos “ismos”. *Monsieur* Emanuel me revelou tudo isso à sua maneira franca, que não conhecia o segredo, olhando-me enquanto falava com uma espécie de temor grave e amável, quase receando que houvesse verdade nas acusações. O *père* Silas, ao que parece, tinha me vigiado de perto e havia descoberto que eu ia, alternadamente, a três capelas protestantes de *Villette*: a francesa, a alemã e a inglesa – isto é, as igrejas Presbiteriana, Luterana e Anglicana. Tal liberalidade provava, aos olhos do padre, profunda indiferença. Quem tolera todas, argumentava ele, não podia ser dedicada a nenhuma. Ora, aconteceu que eu tinha muitas vezes secretamente pensado no caráter insignificante das diferenças entre essas três denominações, na unidade e identidade de suas doutrinas vitais. Não havia nada que as impedisse de um dia se fundirem e eu respeitava a todas, embora pensasse que havia em cada uma delas falhas de forma, ônus e trivialidades. Disse a *Monsieur* exatamente o que eu pensava e lhe expliquei que o meu último apelo, o guia para quem eu olhava, o meu professor, era sempre a própria Bíblia, em vez de qualquer denominação, de qualquer nome ou nação.

Ele se acalmou, contudo, estava ainda cheio de solicitude, exprimindo o desejo, tão forte como uma prece, de que se eu estivesse errada, que o Céu me guiasse para a verdade. Ouvei, quando ele já estava à porta, fervorosos murmúrios a *Marie, Reine du Ciel*,^[341] profunda aspiração de que a sua esperança pudesse ser a minha.

Era estranho! Eu não tinha tal desejo febril de afastá-lo da fé de seus pais. Eu tinha uma imagem do catolicismo como uma grande imagem de ouro e barro, mas parecia-me que este catolicismo continha os mais puros

elementos do seu credo com uma inocência de coração que deveria agradar a Deus. Portanto, eu não o condenava, como não condenava nenhuma outra denominação.

Esta conversa aconteceu entre as oito e nove horas da noite, na tranquila *rue* Fossette, numa sala de aula que dava para o afastado jardim. Provavelmente, à mesma hora, ou um pouco mais tarde na noite seguinte, os seus ecos, coletados por sagrada obediência, foram literalmente reproduzidos em um ouvido atento, junto do confessionário da velha igreja dos Reis Magos. Seguiu-se que o *père* Silas fez uma visita a Madame Beck e, levado por não sei quais motivos, convenceu-a a deixá-lo tomar, por algum tempo, a direção espiritual da inglesa.

Fui então submetida a uma série de leituras, as quais, confesso, eu só passava os olhos. Elas eram muito pouco interessantes para que fossem lidas completamente, aprendidas e intimamente digeridas. E, além disso, eu tinha um livro lá em cima, embaixo do meu travesseiro, cujos capítulos satisfaziam às minhas necessidades espirituais, fornecendo-me preceitos e exemplos que, do fundo do meu coração, eu estava convencida de não poderem ser aperfeiçoados.

O *père* Silas mostrou-me, então, o lado belo de Roma, as suas boas obras e pediu-me para julgar a árvore pelos seus frutos.

Em resposta, eu senti e confessei que essas obras não eram os frutos de Roma. Eram apenas as suas belas flores, apenas as promessas que ela mostrava ao mundo. Depois ele me mostrou as festas. Fui levada às igrejas em ocasiões solenes. Eu não queria magoar o *père* Silas, muito menos menosprezar a sua fé, mas desejava manter a minha.

E, tendo aliviado a minha consciência com essa declaração, depois de ter afastado aquele a quem me dirigia, então, finalmente, veio uma nota de concordância, um eco compreensivo, um acordo harmônico. Iríamos cada um respeitar a fé alheia.

CAPÍTULO XXXVII

Luz do Sol

A decisão de Paulina de não se corresponder com o doutor Bretton sem que tivesse a aprovação do pai era correta. Mas, o doutor Bretton não podia viver a uma légua do hotel Crécy e se esforçava para não visitá-la frequentemente. Tanto Paulina como Graham pretendiam, a princípio, segundo creio, manter-se distantes; até conservavam a sua intenção exteriormente; porém, os seus sentimentos só aumentavam.

Tudo o que havia de melhor em Graham se despertava na presença de Paulina. A sua inteligência, creio eu, pouco tinha a ver com a sua passada admiração por Miss Fanshawe, mas todo o seu intelecto e gostos mais elevados estavam agora em questão. Estes, como todas as suas faculdades, mostravam-se ativos, ávidos por alimento e prontos para receber a merecida gratificação.

Não quero dizer que Paulina, intencionalmente, o levasse a falar de livros, ou formalmente propusesse a tarefa de levá-lo a uma reflexão, ou planejasse o desenvolvimento de sua mente ou julgasse, sequer, que o seu espírito pudesse, em qualquer aspecto, ser melhorado. Ela o achava perfeito. Foi o próprio Graham que, em primeiro lugar, por um mero acaso, mencionou alguns livros que ele estava lendo e, como na resposta de Paulina soou uma harmonia de simpatias, algo agradável à sua alma, ele continuou a falar mais e melhor, talvez, do que ele jamais tinha falado sobre tais assuntos. Ela escutou com prazer e respondeu com animação. Em cada resposta sucessiva, Graham ouvia uma música que se tornava cada vez mais bela para os seus sentidos. Em cada uma ele encontrava um tom sugestivo, persuasivo, mágico, que abria as portas de um tesouro desconhecido em sua própria mente e, o que era melhor, uma bondade latente em seu coração. Cada um deles gostava da forma em que o outro falava: a voz, a dicção, a expressão satisfeita. Cada um apreciava profundamente o espírito um do outro. Encontraram-se mutuamente as intenções com extraordinária rapidez e os seus pensamentos combinavam, muitas vezes, como pérolas cuidadosamente

escolhidas. Graham tinha riqueza de alegria por natureza; Paulina não possuía tal fluxo inerente de vivacidade – sem estímulo ela tendia à meditação – mas agora ela parecia alegre como uma cotovia. Na presença genial do seu amor, ela brilhava como uma luz suave e feliz. Quão bonita ela crescia em sua felicidade, eu quase não consigo expressar, mas extasiava-me vê-la. Quanto àquela sua frieza, àquela reserva, onde estavam agora? Ah! Graham não as suportaria por muito tempo! Ele trazia com ele uma generosa influência que logo descongelou a timidez e o constrangimento.

Agora se falava de novo dos velhos tempos de *Bretton*; talvez hesitantemente, a princípio, com uma espécie de sorridente desconfiança, depois com abertura e franqueza cada vez maiores. Graham tinha obtido para si mesmo uma oportunidade ainda melhor do que a que desejava que eu lhe proporcionasse. Já não precisava da ajuda que a pouco prestável Lucy lhe tinha recusado. Todas as suas reminiscências da pequena Polly encontraram a expressão adequada em seus próprios tons agradáveis, em seus próprios lábios, amáveis e belos. Muito melhor do que se fossem sugeridos por mim.

Mais de uma vez quando estávamos sozinhas, Paulina costumava dizer como era curioso e maravilhoso descobrir a riqueza e a precisão da sua memória em relação a este assunto. Como, enquanto ele estava olhando para ela, as lembranças pareciam nascer subitamente em sua mente. Ele havia lhe lembrado de como ela uma vez lhe passara os bracinhos em volta da cabeça, acariciara os cabelos loiros e gritara: “Graham, eu gosto de você!” Ele disse ainda de como ela costumava colocar um banquinho ao lado dele e subir para os seus joelhos. Nesse dia, ele disse que podia se lembrar da sensação de suas pequenas mãos afagando seu rosto ou penetrando na sua espessa cabeleira. Lembrava-se da pressão do seu pequeno indicador na fenda de seu queixo, da vozinha e do olhar com que ela costumava chamar de “uma linda covinha”, e de ela procurar depois os seus olhos e perguntar por que brilhavam tanto, dizendo que ele tinha um “rosto bonito, muito mais bonito do que o da sua mãe ou de Lucy Snowe.”

– Criança como eu era – comentou Paulina –, espanto-me de como eu podia ser tão ousada. Agora, ele me parece todo sagrado, os seus cabelos inacessíveis e, Lucy, sinto uma espécie de receio quando olho para aquele queixo firme, de mármore, para as suas retas feições gregas. As mulheres são chamadas de belas, Lucy; ele não é mulher e, portanto, creio que não é belo; mas o que é ele, então? As outras pessoas o vêem com os meus olhos? A

Lucy, por exemplo, o admira?

– Vou dizer-lhe o que eu faço, Paulina – foi certa vez a minha resposta às suas muitas perguntas. – Eu nunca o vejo. Olhei para ele duas ou três vezes há cerca de um ano, antes dele me reconhecer e depois fechei os meus olhos. Se ele passasse por mim doze vezes entre o nascer e o pôr do sol de cada dia, eu, a não ser de memória, mal saberia de quem era o vulto.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou ela, em voz baixa.

– Quero dizer que eu valorizo muito a minha visão e tenho receio de ficar cega.

Foi melhor lhe responder dessa maneira e calar, para sempre, as ternas e apaixonadas confidências que saíam de seus lábios como mel e, por vezes, caíam nos meus ouvidos como chumbo fundido. Para mim, ela nunca mais comentou a beleza de seu amado.

Ainda falava dele. Às vezes timidamente, em frases curtas e calmas. Noutras, com uma ternura de cadência e música de voz, requintada em si, mas que, por vezes, me mortificavam miseravelmente. Então, bem sei, dirigia-lhe olhares e palavras bem duras. Mas, a felicidade perfeita ofuscava a sua clara visão natural e ela julgava apenas a Lucy como se fosse de temperamento caprichoso.

– Que espartana e ativa, Lucy! – ela dizia, sorrindo para mim. – Graham diz que você é a mulher mais estranha e caprichosa que ele conhece. Contudo, é muito boa. Ambos pensamos assim.

– Ambos nem sabem o que pensam – disse eu. – Tenha a bondade de se ocupar o menos possível comigo nas vossas conversas. Eu tenho o meu tipo de vida, muito diferente do de vocês.

– Mas a nossa vida, Lucy, é muito bela e há de continuar assim e Lucy há de compartilhá-la.

– Não vou compartilhar da vida de nenhum homem ou de nenhuma mulher neste mundo. Creio que tenho um amigo, mas não tenho certeza, e até ter certeza, eu vivo solitária.

– Mas, a solidão é a tristeza.

– Sim, é tristeza. A vida, no entanto, é pior do que isso. Abaixo da melancolia, está ainda a desolação.

– Lucy, eu me pergunto se alguém algum dia vai compreendê-la completamente.

Há nos apaixonados certo egoísmo, pois querem uma testemunha da

sua felicidade, seja a que preço for. Paulina tinha proibido as cartas, mas o doutor Bretton continuava a escrevê-la. Ela tinha se decidido contra a correspondência e, contudo, respondia, ainda que fosse só para repreendê-lo. Ela mostrava-me essas cartas, com um pouco da obstinação da criança mimada e da imperiosidade da herdeira ela me fazia lê-las. Ao ler as cartas de Graham, não me espantava a exigência e compreendia o seu orgulho: eram belas cartas, másculas e ternas, modestas e galantes. As dela devem ter parecido a ele bonitas. Não haviam sido escritas para mostrar os seus talentos; menos ainda, creio, para expressar o seu amor. Pelo contrário, parecia que ela tinha proposto para si a tarefa de esconder esse sentimento e de refrear o ardor do seu apaixonado. Mas, como poderia tais cartas servir a esse propósito? Graham tornara para ela querido como a sua própria vida. Atraía-a como um ímã poderoso. Para ela, havia indizível influência em tudo o que ele dizia, escrevia ou pensava. As suas cartas ardiam nessa inconfessada confissão. Ela as iluminava do princípio ao fim.

– Eu gostaria que o papai soubesse. Quero que o papai saiba! – tal começou agora a ser a sua prece ansiosa. – Eu gostaria e ainda assim tenho medo. Não posso evitar que Graham o diga. Não há nada que eu mais deseje do que ver este assunto resolvido, para falar com franqueza e, contudo, temo a crise. Eu sei, eu estou certa de que papai vai ficar com raiva no início. Receio que ele se aborreça comigo. Vai parecer a ele um assunto desagradável. Uma surpresa e um choque. Mal posso prever o efeito total sobre ele.

O fato é que o pai, calmo durante muito tempo, estava começando a ficar um pouco inquieto. Durante muito tempo cego, uma luz inquieta estava começando a refletir em seus olhos.

Para ela, ele não disse nada, mas quando ela não estava olhando, ou talvez pensando nele, eu o vi olhar para ela e meditar.

Uma noite, Paulina estava em seu quarto escrevendo, eu acredito, para Graham, enquanto eu estava lendo na biblioteca. O conde De Bassompierre chegou e sentou-se. Eu estava prestes a me retirar, mas ele, gentilmente, me pediu que permanecesse. Ele tinha se sentado próximo à janela, distante de mim. Abriu uma escrivaninha e tirou de lá o que me pareceu um livro de notas. Durante alguns minutos, observou determinado o apontamento de um livro.

– Miss Snowe – disse ele, por fim, colocando o livro sobre a mesa. –

Você sabe a idade da minha filha?

– Cerca de dezoito anos, não é verdade?

– Parece que sim. Este antigo livro me diz que ela nasceu no dia 5 de maio, no ano de 18..., há dezoito anos. É estranho! Eu tinha perdido a conta da idade dela. Eu pensava nela como se tivesse doze... catorze, uma idade indefinida, mais parecia uma criança.

– Ela tem quase dezoito – eu repeti. – Ela é adulta, está crescida.

– A minha pequena joia! – disse ele, em um tom de voz parecido com que, por vezes, a filha usava.

Ele ficou sentado muito pensativo.

– Não se preocupe – disse eu, pois eu adivinhava os seus pensamentos e sentimentos.

– É ela a única pérola que eu tenho – disse ele. – E agora os outros vão descobrir que ela é pura e preciosa e vão cobiçá-la.

Não respondi. Graham Bretton jantara conosco naquele dia. Resplandecera nos modos e nas conversas. Eu não sei que animação embelezava o seu aspecto e suavizava a sua eloquência. Sob o estímulo de uma grande esperança, qualquer coisa invadira todas as suas atitudes e prendia a atenção. Creio que ele tinha proposto nesse dia indicar a origem de seus esforços e o alvo da sua ambição. *Monsieur* De Bassompierre se viu forçado, de certo modo, a descobrir a direção e compreender o caráter de sua homenagem. Lento a observar, era rápido em raciocinar: uma vez tendo apreendido o fio, esse fio guiou-o através de um longo labirinto.

– Onde está ela? – perguntou.

– Lá em cima.

– O que ela está fazendo?

– Está escrevendo.

– Ela escreve, não é? Será que ela recebe cartas?

– Apenas cartas que ela pode me mostrar. E, *Monsieur*, há muito eles desejavam consultá-lo.

– Ora! Eles não pensam em mim! Um velho pai! Só sirvo de estorvo.

– Ah, *Monsieur* De Bassompierre, isso não! Mas, Paulina deve falar por si mesma e o doutor Bretton também que seja o seu próprio advogado.

– É um pouco tarde. As coisas vão adiantadas ao que parece.

– Até *Monsieur* De Bassompierre aprovar, nada está feito. Apenas se amam.

– Apenas se amam – ele repetiu.

Investida pelo destino no papel de confidente e mediadora, eu fui obrigada a continuar.

– O doutor Bretton tem estado centenas de vezes para abordá-lo e apelar para *Monsieur*, mas, com toda a sua coragem, ele tem um medo mortal de *Monsieur*.

– Bem pode ter medo de mim. Pode muito bem me temer, pois tocou na melhor coisa que eu tenho. Se ele a tivesse deixado sossegada, ela teria permanecido uma criança por anos ainda. Eles estão noivos?

– Não poderiam sem a sua permissão.

– Está bem que Miss Snowe fale e pense com sensatez que sempre a caracteriza. Mas, este assunto é doloroso para mim. A minha menina era tudo o que eu tinha: não tenho mais filhas e não há nenhum filho. Doutor Bretton bem podia ter olhado para outro lado. Há dezenas de moças bonitas e ricas que, por certo, não teriam desgostado dele. É simpático, tem conduta, relações. Será que nada lhe serviria senão a minha Polly?

– Se ele não tivesse visto a sua Polly, outras, talvez, o tivessem agradado. A sua sobrinha, Miss Fanshawe, por exemplo.

– Ah! Eu teria lhe dado Ginevra de todo o meu coração. Mas, Polly! Eu não posso deixá-lo ficar com ela. Não, eu não posso. Eles não são parecidos – afirmou um tanto rispidamente. – Em que eles se parecem? Falam de fortuna! Eu não sou um homem avarento ou interesseiro, mas o mundo pensa nessas coisas e a Polly vai ser rica.

– Sim – disse eu. – Todo mundo em *Villette* a conhece como uma herdeira.

– Falam da minha menina sob esse aspecto?

– Falam, *Monsieur*.

Ele meditou profundamente e eu aventurei-me a dizer:

– *Monsieur*, há alguém que lhe pareça digno de Paulina? Preferiria dá-la a outro homem do que ao doutor Bretton? Acha que se o pretendente à mão de sua filha fosse da mais alta categoria social ou de maior fortuna faria alterar os seus sentimentos em relação ao seu futuro genro?

– É aí que você me toca – disse ele.

– Olhe para a aristocracia de *Villette*. Não gostaria deles, por certo? – perguntei ousadamente.

– Não! Nunca um desses duques, barões ou viscondes.

– Disseram-me que muitas dessas pessoas pensam nela – continuei ganhando coragem ao descobrir que eu despertava mais atenção do que repulsa. – Outros pretendentes virão se o doutor Bretton for recusado. Para onde quer que ela vá, eu suponho, não lhe faltarão pretendentes. Independentemente da sua qualidade de herdeira parece-me que Paulina encanta a maioria daqueles que a vêem.

– Será? A minha menina é considerada uma beleza?

– Miss De Bassompierre é muito bonita.

– Bobagem! Desculpe-me, Miss Snowe, mas eu acho que está sendo muito parcial. Eu gosto da Polly. Gosto de todos os seus modos, de tudo nela, do seu olhar, mas eu sou o pai. Eu nunca pensei sobre a sua beleza. Para mim ela é como uma fada, divertida e engraçada. Mas, deve estar enganada supondo-a bonita.

– Ela é atraente. Seria atraente mesmo sem as vantagens da sua riqueza e posição.

– A minha fortuna e posição? É esse o engodo e a isca para Graham? Se eu pensasse assim...

– O doutor Bretton conhece esses fatos perfeitamente e os aprecia como faria qualquer cavalheiro. Como faria *Monsieur* De Bassompierre nas mesmas circunstâncias. Mas, não são o seu engodo e muito menos suas iscas. Ele ama a sua filha. Vê as suas melhores qualidades e sofre eficazmente a sua influência dignamente.

– O quê? A minha filha tem belas qualidades?

– Ah, *Monsieur*, não reparou nela naquela noite em que muitos homens da ciência se juntaram aqui?

– Certamente. Fiquei bastante impressionado e surpreso com os seus modos naquela noite e o seu ar senhoril me fez sorrir.

– E viu os franceses ilustres juntarem-se à sua volta na sala de visitas?

– Vi. Mas, pensei que fosse por distração, do mesmo modo que nós podemos nos divertir com uma criança engraçada.

– Ela portou-se com distinção. E eu ouvi os cavalheiros franceses dizerem: “*spirituelle et gracieuse*”.[\[342\]](#) O doutor Bretton pensou o mesmo.

– É, na verdade. Ela é uma boa e querida criança! Acredito que ela tem certa personalidade. Uma vez quando estive doente, Polly cuidou de mim, eles pensavam que eu ia morrer. Lembro-me bem, ela tornara-se mais forte à medida que a minha saúde piorava. Na minha convalescença, era como um

raio de sol naquele quarto de doente. Sim, ela brincava em volta da minha cadeira, tão alegre e tão silenciosa como a luz. E, agora, ela é pedida em casamento! Eu não quero separar-me dela – gemeu ele.

– Conhece a senhora Bretton e doutor Bretton há muito tempo. Seria menor a separação dá-la a ele do que a outro – eu sugeri.

Ele refletiu um pouco melancólico.

– É verdade. Conheço há muito Louise Bretton – ele murmurou. – Ela e eu somos, de fato, velhos amigos. Era outrora uma jovem menina doce, bonita e simpática. Miss Snowe fala de beleza! Ela era bonita, alta, esguia e florescia como uma rosa. Não era uma mera criança ou o elfo que a minha Polly me parece aos dezoito anos. Na mesma idade Louise tinha o porte e a estatura de uma princesa. Ainda é uma bela e boa mulher hoje. O rapaz é como ela. Sempre pensei assim e sempre lhe quis bem. E, agora, ele me paga com este roubo. O meu pequeno tesouro costumava amar o seu velho pai verdadeiramente. E, agora, está tudo acabado, sem dúvida, sou um empecilho.

A porta se abriu e o seu “pequeno tesouro” entrou. Ela estava vestida, posso assim descrever, da beleza da noite. Essa animação que vem, por vezes, com o fim do dia, pois o calor do verão havia avivado os seus olhos e as suas faces, dando a eles um brilho especial e a elas um rosado magnífico melhorando, ainda mais, a sua aparência. Os cachos caíam compridos e cheios em seu pescoço de lírio e o seu vestido branco era adequado ao calor de junho. Julgando-me sozinha, ela tinha trazido a carta que escrevera, dobrada, mas não lacrada. Eu deveria lê-la. Quando ela viu seu pai, o seu passinho saltitante vacilou um pouco, parou por um momento, o sangue subiu-lhe as faces.

– Polly – disse *Monsieur De Bassompierre*, em voz baixa, com um sorriso grave –, se envergonha de seu papai? Está corada. Isso é algo novo.

– Não coro, eu nunca me envergonho – afirmou ela, enquanto outro redemoinho do coração enviava à sua face uma cor escarlate. – Mas, pensei que papai estava na sala de jantar e eu queria falar com Lucy.

– Você pensou que eu estivesse com John Graham Bretton, eu suponho? Ele acabou de ser chamado, mas deve voltar em breve. Ele pode colocar a sua carta no correio para você.

– Eu não mando cartas para o correio – disse ela, rabugenta.

– O que você faz então com elas? Venha aqui e me diga.

Tanto a sua mente quanto os seus gestos pareceram hesitar por um momento, mas ela se aproximou.

– Há quanto tempo tornou-se uma escritora de cartas, Polly? Parece que ainda ontem fazia garatujas, agarrando a pena com as duas mãos.

– Não são cartas para enviar para o correio em seu saco de correspondências, papai. São apenas bilhetes que entrego, de vez em quando, nas mãos da pessoa.

– Suponho que a pessoa a que se refere seja Miss Snowe.

– Não, papai. Não é para Lucy.

– Para quem, então? Talvez para a senhora Bretton?

– Não, papai. Não é para a senhora Bretton.

– Para quem, então, minha filha? Diga a verdade para o papai.

– Oh, papai! – exclamou ela quase aos prantos. – Eu vou lhe contar toda a verdade. Estou contente por lhe dizer, embora eu trema.

E tremia. A excitação crescente, os sentimentos reprimidos e a falta de coragem a sacudiam.

– Odeio esconder as minhas ações do papai. Estimo-o, receio-o acima de tudo, abaixo de Deus. Leia a carta e olhe o nome do destinatário.

Paulina colocou-a sobre os joelhos do seu pai. Ele tomou a carta e leu-a com as mãos trêmulas e os olhos brilhantes.

Dobrou-a de novo e olhou a autora com certo espanto e, ao mesmo tempo, com ternura e tristeza.

– É capaz de escrever assim a pequena que ainda ontem se sentava em meu colo? É capaz de se sentir assim?

– Fiz mal, papai? Faço-o sofrer?

– Não há nada de errado nisso, minha pequena Polly, mas me dói.

– Mas, escute papai! Não deve ser ferido por mim. Eu renunciarei a tudo... a quase tudo (corrigiu-se). Eu preferia a morte a fazê-lo infeliz. Isso seria muito mau da minha parte – ela estremeceu. – Se a carta não lhe agrada, então não devo entregá-la. Deve rasgá-la. Farei o que me ordenar.

– Eu não ordeno nada.

– Ordene alguma coisa, papai! Expresse o seu desejo. Só lhe peço que não machuque Graham. Eu não poderia suportar isso. Eu te amo, papai, mas eu amo a Graham também, por que... porque é impossível evitá-lo.

– Esse esplêndido Graham é um bom malandro, Polly. É o que eu agora penso dele. Vai se surpreender ao ouvir que, de minha parte, eu não o amo

nem um pouco. Ah! Há anos eu vi qualquer coisa nos olhos daquele rapaz que eu nunca me aprofundei por completo. Algo que sua mãe não possui, uma profundidade que advertia um homem não percorrer aquela ribanceira. E, agora, de repente, eu me vejo com a cabeça afundada nessa ribanceira e dentro da água.

– Não, papai, não caiu em nenhuma ribanceira. Está seguro. Pode fazer o que lhe aprouver. O seu poder é despótico. Pode fechar-me em um convento e despedaçar o coração de Graham, amanhã mesmo, se quiser ser tão cruel. Agora, meu autocrata, meu czar, fará isso?

– Fora com ele para a Sibéria, com aquelas suíças encarniçadas e tudo. Digo que eu não gosto dele, Polly, e espanta-me que você goste!

– Sabe que está sendo mal, Papai – disse ela. Nunca o tinha visto tão desagradável, tão injusto e tão vingativo. Há uma expressão em seu rosto que não lhe pertence.

– Fora com ele – teimou *Monsieur* Home, que parecia, com efeito, zangado e aborrecido, até mesmo um pouco amargo. – Mas, creio, se Graham fosse mesmo embora, Polly iria fazer uma trouxa e correr atrás dele, pois o seu coração já estava conquistado, bem conquistado e afastado de seu velho pai.

– Papai, eu já lhe disse é impertinente e decididamente errado falar dessa forma. Não estou afastada do meu papai e nenhum ser humano e nenhuma influência mortal seria capaz de fazer tal coisa.

– Casar-se, Polly! Casar-se com aqueles bigodes ruivos! Vai deixar de ser filha e passar a ser uma esposa!

– Bigodes ruivos! Eu me pergunto o que você quer dizer, papai. Devia tomar cuidado com os seus preconceitos. O papai, às vezes, diz que todos os escoceses, seus compatriotas, são vítimas de preconceito. Está provado agora, creio eu, visto que não faz distinção entre ruivo e castanho-escuro.

– Deixe o velho escocês preconceituoso e vai embora.

Paulina ficou olhando para ele um minuto. Ela queria mostrar firmeza, superioridade diante dos seus sarcasmos. Conhecendo o caráter de seu pai, adivinhando as suas fraquezas, ela esperava uma cena do gênero da que se passava. Não a apanhara de surpresa e ela desejava suportá-la com dignidade, confiante na reação. De nada lhe serviu a dignidade. De repente, sua alma se derreteu em seus olhos e ela atirou-se no pescoço do pai.

– Eu não vou deixar você, papai! Nunca vou deixá-lo. Não quero que

sofra por minha causa! – era o seu grito soluçante.

– Meu cordeirinho! Meu tesouro! – murmurou o pai amoroso, embora áspero. Ele não disse mais nada no momento. As últimas palavras, na verdade, tinham saído um pouco roucas.

A sala estava completamente escura. Ouvi uns movimentos, uns passos lá fora. Pensei que poderia ser um criado com as velas e abri, gentilmente, a porta para evitar a intromissão. Na antessala não havia qualquer criado, um cavalheiro alto estava colocando o chapéu sobre a mesa. Não me chamou por sinais ou por palavras. Contudo, os seus olhos disseram:

– Lucy, venha aqui – e eu fui.

No seu rosto fluía um sorriso quando olhou para mim. Nenhum temperamento, exceto o seu, teria exprimido por um sorriso a agitação febril que tomava conta dele agora.

– *Monsieur* De Bassompierre está ali, não está? – perguntou ele, apontando para a biblioteca.

– Sim.

– Ele reparou em mim no jantar? Ele me entendeu?

– Sim, Graham.

– Vou então ser julgado e ela também?

– Senhor Home (nós continuamos a chamá-lo, por vezes, de senhor Home) está conversando com sua filha.

– Ah! Momentos perigosos, Lucy!

Estava muito agitado, sua mão jovem tremia de ansiedade (eu ia escrever mortalmente, mas essa palavra seria mal aplicada a alguém tão vivo como ele), uma ansiedade que ora lhe retardava, ora lhe acelerava a respiração. Nunca, porém, perdeu o sorriso.

– Está muito zangado, Lucy?

– Ela é muito fiel, Graham.

– O que será feito de mim?

– A sua estrela não o abandonará, Graham.

– Não? Amável profeta! Assim animado, seria realmente fraqueza da minha parte demonstrar um coração fraco. Creio que acho todas as mulheres fiéis, Lucy. Devo amá-las a todas e assim faço. A minha mãe é boa, é divina; e a Lucy é verdadeira como o aço, não é verdade?

– Sim, Graham.

– Então me dê a sua mão minha pequena irmã, pois sempre foi uma

mão amiga para mim. E, agora, para a grande ventura. Que Deus esteja conosco! Diga amém, Lucy.

Virou-se e esperou até que eu dissesse: “amém”, o que eu fiz para agradá-lo: voltava o velho encanto de fazer aquilo que ele me mandava. Desejei-lhe sucesso e eu sabia que ele o teria. Tinha nascido vencedor, como outros nascem vencidos.

– Venha comigo – disse ele, e eu o segui à presença do senhor Home.

– Qual é a minha sentença, senhor? – ele perguntou.

O pai olhou para ele e a filha manteve o rosto escondido.

– Muito bem, Bretton – disse o senhor Home. – Deu-me a recompensa habitual da hospitalidade. Eu o recebi bem e tomou o meu melhor. Eu sempre tive prazer em vê-lo e você estava feliz em ver a única coisa preciosa que eu tinha. Falou-me com bons modos e, enquanto isso, não direi que me roubou, mas sinto-me despojado. O que eu perdi, você, ao que parece, ganhou.

– Senhor, eu não posso me arrepender.

– Arrepender-se? Não, decerto! Você triunfou, sem dúvida. John Graham, você descende, em parte, de um montanhês da Escócia e de um chefe e há traços de celta em seu olhar, no falar e no pensar. Tem dele o encanto, a astúcia e o cabelo ruivo... (está bem, Polly, loiro), a língua e o cérebro astuciosos vieram-lhe por herança.

– Sinto que sou suficientemente honesto, senhor – disse Graham e um rubor, genuinamente inglês, cobriu-lhe a face com o seu caloroso testemunho de sinceridade. – E ainda – ele acrescentou –, não vou negar que há alguma justiça em suas acusações. Na sua presença tive sempre um pensamento que eu não ousei revelar-lhe. Olhei-o como possuidor da coisa mais valiosa do mundo para mim. Desejei-a. Procurei conquistá-la e, agora, a peço ao senhor.

– Pede muito, John.

– Muitíssimo, senhor. É preciso que ela venha da sua generosidade, como um presente, a partir da sua justiça, como uma recompensa. Eu nunca a poderei ganhar.

– Ah! Ouça a língua do celta! – disse o senhor Home. – Olhe para ele, Polly! Responda a este galanteador e mande-o embora!

Ela levantou os olhos. Olhou timidamente para o seu ansioso e bonito admirador e olhou com ternura para o rosto enrugado de seu pai.

– Papai, eu amo tanto os dois! – disse ela. – Eu posso cuidar dos dois. Darei conta. Eu não preciso mandar Graham embora. Ele pode viver aqui e

não será nenhum estorvo – alegou ela, com aquela simplicidade de fraseologia que, por vezes, costumava fazer o pai e Graham sorrirem. Ambos sorriram agora.

– Será um tremendo estorvo para mim – persistiu o senhor Home. – Eu não quero, Polly, ele é muito alto. Incomoda-me. Diga-lhe que vá embora.

– Há de se acostumar com ele, papai. No princípio, ele parecia excessivamente alto para mim, como uma torre, quando eu olhava para ele. Mas, afinal, eu não gostaria que ele fosse de outro modo.

– Oponho-me a ele completamente, Polly. Eu passo muito bem sem um genro. Eu nunca teria desejado que o melhor homem da terra tivesse comigo tal parentesco. Despeça este senhor, Polly.

– Mas, ele já o conhece há tanto tempo, papai, e se entendem tão bem.

– Com certeza! Sim, ele fingiu fazer seus os meus gostos e as minhas opiniões. Tinha boas razões para ser amável comigo. Creio, Polly, que é melhor que você e eu nos despeçamos dele.

– Até amanhã somente, papai. Aperte a mão de Graham, papai.

– Não, eu não sou amigo dele. Não pense em me persuadir e me colocar entre vocês.

– São amigos, sim. Na verdade, na verdade, vocês são amigos. Graham estenda a sua mão direita. Estenda agora a sua, papai. Vá assim. Deixe-as tocarem. Papai, não ponha a mão rígida, dobre os dedos... assim! Seja flexível, papai. Não! Mas, isso não é um aperto de mão... é uma tenaz! Aperte como um torno, papai! Assim, o senhor vai esmagar a mão de Graham e quebrar seus ossos, vai machucá-lo!

Deve, realmente, tê-lo machucá-lo, pois o senhor Home usava um anel maciço, com brilhantes em volta, cujas pontas afiadas cortaram a carne de Graham fazendo sangrar. Mas, a dor apenas fez Graham sorrir, assim como a ansiedade o tinha feito.

– Venha comigo ao meu escritório – disse o senhor Home ao médico. Eles se foram. A conversa não foi longa, mas eu suponho que foi conclusiva. O pretendente foi submetido a um interrogatório e a um exame minucioso sobre muitos pontos. Quer o doutor Bretton fosse, por vezes, enganador ou não, havia, por baixo, sólidos alicerces. As suas respostas, eu soube depois, revelaram sensatez, sabedoria e integridade. Saíra-se bem e a sua boa sorte se restabelecia. Mostrou-se em condições de se casar.

Uma vez mais o pai e o noivo apareceram na biblioteca. Senhor Home

fechou a porta e apontou para a filha.

– Leve-a – disse ele. – Leve-a, John Bretton. E que Deus possa tratá-lo da mesma forma que você a tratar.

Não muito tempo depois, talvez duas semanas, eu vi três pessoas: o conde De Bassompierre, sua filha e doutor Graham Bretton sentados em um banco, na larga sombra de uma árvore nos terrenos do palácio em *Bois L'Etang*. Tinham vindo desfrutar de uma tarde de verão. Fora dos majestosos portões, a carruagem os esperava para levá-los para casa. À sua volta entendia-se a relva escura; o palácio erguia-se a distância, branco, como um rochedo em *pentelicus*. Sobre eles brilhava uma estrela da tarde. Uma floresta de arbustos floridos embalsamava o ambiente. A hora era doce e tranquila. O cenário, excetuando aquele pequeno grupo feliz, era solitário.

Paulina sentava entre os dois senhores. Enquanto eles conversavam distraidamente, ela ocupava as suas pequenas mãos com algum trabalho. Julguei, no início, que ela estava ligando um ramo de flores. Não! Com uma pequenina tesoura ela cortava uma madeixa de cada uma das cabeças que a rodeavam e, agora, estava ocupada em entrançar os fios cinzentos com a mecha dourada. Feito a trança, como não havia qualquer fio de seda, ela a amarrou com um cacho de seu próprio cabelo, aconchegou-a em um medalhão e colocou-a em seu peito.

– Agora – disse ela. – Está feito um amuleto que tem a virtude de conservá-los sempre amigos. Nunca poderão se zangar um com o outro enquanto eu tiver isso comigo.

Estava, na verdade, feito um amuleto, arranjado o feitiço que tornava a inimizade impossível. Ela foi um vínculo para ambos, uma influência sobre cada um, um acordo mútuo. Deles ela tirava a sua felicidade e restituía com juros aquilo que tirava.

“Existe, de fato, tal felicidade na terra?”, eu perguntei, enquanto observava o pai, a filha, o futuro marido, agora unidos e abençoados.

Sim, assim é. Sem qualquer colorido de romance ou exagero de fantasia, assim é. Algumas vidas reais gozam antecipadamente – por alguns dias ou anos – a felicidade do céu. E creio que se tal perfeita felicidade é uma vez sentida pelas pessoas boas (para os ímpios ela nunca vem), o seu efeito doce nunca se perde por completo. Sejam quais forem as provações, sejam quais forem as dores da doença ou a sombra da morte, a anterior felicidade ainda brilhará através delas, animando a angústia e rosando a nuvem escura.

Irei mais longe. Creio que há seres humanos de tal modo nascidos, criados e guiados de um berço macio a uma calma e tardia sepultura, que nenhum sofrimento excessivo os atormenta, nenhuma escuridão tempestuosa perturba a sua jornada. E, muitas vezes, estes não são seres mimados e egoístas, mas os eleitos da Natureza, amáveis agentes dos atributos de Deus.

Mas, não quero ocultar por mais tempo a feliz verdade. Graham Bretton e Paulina De Bassompierre se casaram e o doutor Bretton provou ser um desses agentes. Não degenerou com o tempo: os seus defeitos murcharam, as suas virtudes amadureceram. Cultivou a sua inteligência, melhorou em benefícios morais. Filtrados todos os detritos, o vinho assentou, límpido e tranquilo. Brilhante também era o destino de sua doce esposa. Conservou o amor do marido, ajudou-o em seus progressos, foi a pedra angular da sua felicidade.

Este par foi, realmente, abençoado, porque os anos trouxeram-lhe grande prosperidade e bondade. Foram liberais ao fazer caridade, embora viessem a ter as suas cruces, desapontamentos e dificuldades. Contudo, souberam suportá-las bem, com sabedoria. Mais de uma vez, também, eles tiveram de pagar o seu tributo ao Rei dos Terrores. No peso dos anos, senhor Home foi levado; em idade, também partiu Louisa Bretton. Uma vez soou um grito entre os seus muros, o grito de Raquel chorando os seus filhos. Outros, porém, surgiram. Saudáveis e alegres para substituir o perdido. O doutor Bretton se viu, novamente, em um filho que herdou os seus traços e o seu temperamento. Tiveram filhas também, esplêndidas como ele. Criou esses filhos com a mão branda, porém firme. Eles cresceram segundo a herança e educação.

Portanto, digo apenas a verdade quando afirmo que estas duas vidas, de Graham e Paulina, foram abençoadas, como a do filho favorito de Jacó, com a “benção do Céu lá em cima, benção das profundezas que jazem aqui embaixo.” Assim aconteceu porque Deus viu que assim estava bem.

CAPÍTULO XXXVIII

Nuvem

Mas, não é assim para todos. O que fazer, então? Que a Sua vontade seja feita, como, certamente, será, quer nos humilhemos ou não até a resignação. O impulso da criação move essa vontade. A força dos poderes visíveis e invisíveis é encarregada do seu cumprimento. A prova de uma vida futura deve ser dada e, se necessário for, escrita com sangue e fogo. Em fogo e sangue é atravessada pela nossa própria experiência. Sofredor, não se desfaleça de terror diante dessa evidência ardente. Viajante fatigado, anime-se, olha para cima e marcha. Peregrinos e irmãos enlutados, juntem-se em companhia amigável. Através do deserto deste mundo estende-se um caminho escuro para a maioria de nós: que a nossa marcha seja igual e constante; que a nossa cruz seja a nossa bandeira. Por amparo, temos a Sua promessa, cuja “palavra está provada, cujo caminho é perfeito”; por esperança apresenta a Sua providência “que dá o escudo da salvação, cuja delicadeza engrandece”; por última habitação, o Seu seio que fica “nas alturas do Céu”; por recompensa suprema, uma glória eterna. Corramos para que possamos merecer; suportemos as dificuldades como bons soldados; acabemos a nossa carreira e guardemos a fé nessa saída que nos deixará partir mais do que vencedores: “Não és tu meu eterno santo desde a eternidade? Nós não morreremos!”

Numa quinta-feira de manhã, estávamos todas reunidas em classe à espera da aula de Literatura. Chegada a hora, faltava o mestre.

As alunas da primeira classe sentavam-se muito sossegadas, com suas composições apuradas, preparadas desde a última lição, à sua frente, primorosamente atadas com fitas, à espera de ser recolhidas pela mão do professor como ele fazia na volta rápida pelas mesas.

Era uma manhã esplêndida do mês de julho. Pela porta de vidro entreaberta entrava uma brisa fresca e as plantas que cresciam junto ao caixilho agitavam-se, curvavam-se, espreitavam-se, parecendo sussurrar novas notícias.

Monsieur Emanuel não era sempre pontual. Portanto, o seu atraso não era admirável, contudo, admiramos quando a porta se abriu e, em vez dele com sua rapidez e seu ardor, apareceu, calmamente, a cautelosa Madame Beck.

Aproximou da mesa de *Monsieur* Paul e parou diante dela, puxou a leve echarpe que lhe cobria os ombros e, começando a falar em voz baixa, porém firme, e com um olhar fixo, disse:

– Esta manhã não haverá aula da Literatura.

O segundo parágrafo do seu discurso seguiu-se depois de cerca de dois minutos de pausa.

– É provável que as lições sejam suspensas por uma semana. Devo precisar desse tempo, no mínimo, para encontrar um substituto eficiente para *Monsieur* Emanuel. Temos que arranjar algum estudo para preencher esse espaço vazio – pausa. – O professor das senhoritas – continuou ela –, pretende, se possível, despedir-se das alunas. No presente momento, ele não tem oportunidade para essa cerimônia, pois está se preparando para uma longa viagem. Uma súbita e urgente convocação do dever o chama para uma grande distância. Ele decidiu deixar a Europa por tempo indefinido. Talvez ele possa lhes dizer mais alguma coisa. Nesta manhã, em vez da lição de costume com *Monsieur* Emanuel, terão inglês com *Mademoiselle* Lucy.

Inclinou delicadamente a cabeça, aproximou mais as dobras de seu echarpe do seu ombro e saiu da classe.

Seguiu-se um grande silêncio, depois, um murmúrio percorreu toda a sala. Acredito que algumas alunas choraram.

Algum tempo se passou. O barulho, o sussurro, o ocasional soluço aumentou. Tornei-me consciente de um relaxamento da disciplina, uma espécie de desordem crescente, como se as minhas alunas sentissem que a vigilância fora retirada. O hábito e o sentido de dever permitiram refazer-me rapidamente, levantar-me na minha maneira usual, falar no meu tom de costume, pedir e, finalmente, estabelecer o silêncio. Fiz a leitura de inglês, longa e densa. Ocupei-as com ela toda a manhã. Lembro-me de ter tido um sentimento de impaciência para com as alunas que soluçavam. Na verdade, a sua emoção não era de grande valor: era apenas uma agitação histérica. Dessa forma, lhes disse claramente. Eu as ridicularizei. Fui severa. A verdade era que eu não podia suportar as suas lágrimas, o som ofegante daqueles soluços. Uma aluna bastante fraca e deprimida continuou depois das outras terem se

silenciado; implacável necessidade obrigou-me a abordá-la e dizer a ela que não podia continuar assim e que deveria se dominar.

Essa aluna teria todo o direito de me odiar, porém quando a aula acabou e as suas colegas partiram, eu pedi para que ela ficasse e fiz o que nunca fizera antes: abracei-a e beijei-a nas faces. Mas, depois de ceder a esse impulso, rapidamente, coloquei-a para fora da classe, pois, sob aquela tensão comovente, ela chorou mais amargamente do que nunca.

Preenchi com qualquer ocupação todos os minutos desse dia e gostaria de ter ficado sentada toda a noite se pudesse ter mantido uma vela acesa. A noite, no entanto, foi terrível e preparou-me mal para o insuportável suplício das fofocas do dia seguinte. Evidentemente, a notícia foi objeto de discussão geral. A pequena reserva que havia acompanhado a primeira surpresa, em geral, se fundiu. Todas as bocas se abriram; todas as línguas falaram: professoras, alunas, até as criadas murmuravam o nome de “Emanuel”. Ele, cujas relações com a escola datavam da sua fundação, retirar-se assim subitamente! Todos acharam aquilo muito estranho.

Falaram tanto, tanto tempo, tantas vezes, que, dentre a multidão de suas palavras e de rumores, nasceu, por fim, alguma claridade. Por volta do terceiro dia eu ouvi dizer que ele partiria dentro de uma semana, que iria para as Índias Ocidentais. Olhei para o rosto de Madame Beck, para seus olhos, em busca da refutação ou confirmação daquele boato. Examinei-a toda para obter alguma informação, mas nenhuma parte de seu ser revelou mais do que o corriqueiro. Ela estava imperturbável.

“Era uma perda enorme para ela”, havia declarado, acrescentando que a separação também seria dolorida, que não sabia como preencheria aquela vaga. Ela estava tão habituada ao primo que ele se tornara seu braço direito. O que ela faria sem ele? Ela havia se oposto àquele passo, mas *Monsieur Paul* a tinha convencido de que era o seu dever.

Madame Beck dissera tudo isso em público, à mesa do jantar, falando alto para Zélie St. Pierre.

Por que era o seu dever ir para o exílio? Eu podia ter lhe perguntado. Eu sentia tentada a agarrar a sua mão, quando passava por mim, e pedir uma explicação. Eram tantas as perguntas que eu desejava fazer, mas, Madame dirigia sempre a outra professora ou aluna e nunca olhava em meus olhos, nunca demonstrou perceber que eu tinha interesse nas respostas.

A semana foi passando e nada mais foi dito sobre a possibilidade de

Monsieur Emanuel vir se despedir das alunas. Ninguém também parecia ansioso pela sua vinda, nenhum questionamento se ele viria ou não; ninguém traía o receio de que ele partisse silencioso e invisível; falavam incessantemente, mas nunca em suas conversas tratavam deste ponto vital. Quanto a Madame, evidentemente, podia vê-lo quando quisesse. Dessa forma, pouco se importava se ele apareceria ou não na sala de aula.

A semana passou e me disseram que ele partiria em tal dia e que seu destino era *Basseterre*, em *Guadalupe*. O assunto que o levava para o exterior era relacionado ao interesse de um amigo, não seu próprio. Exatamente como eu tinha imaginado.

“*Basseterre*, em *Guadalupe*”. Eu tinha pouco sono nesse tempo, mas sempre que eu cochilava, infalivelmente despertava com um sobressalto, enquanto as palavras “*Basseterre*” e “*Guadaloupe*” pareciam pronunciadas sobre o meu travesseiro ou rodopiavam na escuridão à minha volta e diante de mim em caracteres de luz vermelha ou violeta.

Para aquilo que eu sentia não havia nenhum remédio e como eu podia deixar de ter aquele sentimento? *Monsieur Emanuel* tinha sido muito gentil comigo nos últimos dias; a cada hora se tornava mais bondoso e amável. Contudo, já fazia um mês desde que havíamos liquidado nossas diferenças teológicas e, desde então, não houvera mais brigas sem que a nossa paz fosse a fria filha do divórcio. Não tínhamos vivido distantes, pois ele vinha com frequência e falava comigo mais do que antes, havia passado horas comigo, com temperamento calmo, brilho nos olhos, modos familiares e suaves. Assuntos doces tinham saído de nossos lábios. Havia me perguntado sobre os meus planos de vida e eu lhe comunicara. O projeto da escola havia lhe agradado. Fez-me repeti-lo mais do que uma vez, embora ele o chamasse de “um sonho *Alnaschar*”.[\[343\]](#) O atrito entre nós passara completamente. A esperança, o entendimento mútuo, o sentimento de aliança nasciam no fundo do coração; a afeição, a profunda estima e a confiança tinham feito o seu laço ao redor de nós.

Que lições tão calmas eu tive nesse tempo! Tinham silenciado as provocações ao meu “intelecto”; as ameaças de irritantes exames públicos! Como foi doce para mim a substituição dos antigos escárnios e dos sarcásticos elogios por um auxílio indulgente e mudo, uma orientação amável e uma terna paciência que perdoava, mas nunca elogiava. Houve momentos em que ele se sentou e ficou durante muitos minutos em profundo silêncio e,

quando o anoitecer ou o dever trouxeram a separação, despedia-se com palavras como estas: – “*il est doux, le repos! Il est precieux Le calme bonheur!*” [344]

Certa noite, ele se juntara a mim enquanto eu caminhava em meu beco. Ele pegou a minha mão e olhou para a minha face. Eu pensei que ele queria prender a minha atenção.

– “*Bonne petite amie!*” – dissera docemente em voz baixa –, “*douce consolatrice!*” [345] Mas, com a pressão de seu toque e o tom das suas palavras, um novo sentimento e um estranho pensamento nasceram dentro de mim. Seria possível que ele se tornasse mais do que um amigo ou irmão? Será que o seu olhar falava de uma ternura que ia além da fraternidade ou amizade?

O seu olhar eloquente tinha mais a me dizer; a sua mão me puxou para frente, os seus lábios se moveram. Não! Agora não! Ali, naquele beco sombrio, surgiu uma interrupção, dupla e ameaçadora: vimos duas formas humanas agourentas, uma mulher e um padre, Madame Beck e *père* Silas.

Jamais esquecerei o que vi nos olhos do último. No primeiro impulso, exprimi uma sensibilidade a *Jean-Jacques*, ferida pelos sinais da afeição que acabava de surpreender. Então, imediatamente, obscureceu a icterícia do zelo eclesiástico. Falou-me com untuosidade. Olhou para seu antigo pupilo com severidade. Quanto a Madame Beck, essa, naturalmente, não viu nada, embora o seu parente mantivesse, na sua presença, a mão da herética estrangeira, não permitindo que ela se soltasse; antes a segurando com mais força e mais perto de si.

Após estes incidentes, o anúncio repentino de sua partida havia me impressionado de modo incrível. Na verdade, foi apenas a repetição frequente da notícia e o testemunho das cento e cinquenta mentes em volta de mim que me forçaram a aceitá-lo. Quanto a essa semana de suspense, com seus dias vazios e ardentes, que não trouxeram dele nenhuma palavra de explicação – lembro-me deste período, mas eu não consigo descrevê-lo – chegou o último dia. Agora ou ele viria dizer adeus ou desapareceria para sempre, em silêncio, para nunca mais ser visto por nós.

Esta alternativa parecia não estar presente na mente de uma única criatura daquela escola. Todas se levantaram à hora habitual; todas fizeram seu desjejum como de costume, todas, sem referência, ou aparente pensamento em seu antigo professor, dirigiam-se, com a sua habitual fleuma,

as suas funções normais.

Tão alheia estava a casa, tão indiferente, que eu mal podia respirar neste ambiente estagnado e sufocante. Será que ninguém levantaria voz para perguntar por ele? Ninguém teria um desejo, uma palavra, uma prece para que eu pudesse dizer “amém”? Eu as tinha visto, unânimes, exigindo a mais insignificante bagatela: uma festa, um feriado, o adiamento de uma lição, por que não podiam agora se juntar e assediar Madame Beck e insistir em uma última entrevista com um mestre que, certamente, tinha sido amado, pelo menos por algumas? – amado como elas sabiam amar. Mas, oh! O que era o amor de uma multidão? Eu sabia onde ele morava. Onde me comunicar com ele ou saber notícias dele. Era ali, a dois passos; ainda que fosse na sala ao lado, sem ser chamada, eu não poderia, jamais, utilizar aquele conhecimento. Seguir, procurar, fazer-me lembrar... para estas coisas eu não tinha faculdade.

Monsieur Emanuel poderia ter passado ao alcance do meu braço, se passasse em silêncio e sem reparar em mim, calada e imóvel, eu o teria deixado passar.

A manhã passou. Chegou a tarde e eu julguei que tudo havia acabado. O meu coração gemia. O meu sangue estava perturbado em sua circulação. Sentia-me muito doente e mal sabia como me manter no meu posto e fazer o meu trabalho. No entanto, o pequeno mundo à minha volta continuava a trabalhar indiferente. Todas pareciam alegres, livres de cuidados, de receios ou de pensamentos. As próprias alunas que, sete dias antes, haviam chorado histericamente ao receber a notícia, pareciam agora tê-la esquecido completamente, assim como a sua importância e suas próprias emoções haviam se esvanecido como fumaça.

Um pouco antes das cinco horas, à hora da saída, Madame Beck mandou me chamar ao seu quarto para ler e traduzir uma carta em inglês que ela havia recebido e escrever uma resposta. Antes de iniciar esse trabalho, percebi que ela, cautelosamente, fechou as duas portas de seu quarto. Trancou até mesmo a janela, embora estivesse um dia quente e a livre circulação do ar fosse, geralmente, considerada por ela indispensável. Por que tanta precaução? Uma via suspeita, quase feroz desconfiança sugeriu tais questões. Será que ela queria excluir qualquer ruído?

Prestei atenção a qualquer som como nunca fizera antes. Escutei como o lobo no inverno, farejando a neve e ouvindo lá longe os passos da presa, os passos do vagabundo viajante. No entanto, eu não podia ao mesmo tempo

escutar e escrever. Por volta da metade da carta, eu ouvi – o que deteve a minha pena – um passo no vestíbulo. A campainha da porta não tocara. Rosine, agindo sem dúvida sob ordens que recebera, tinha-se antecipado. Madame percebeu que eu parara. Ela tossiu, fez um alvoroço, falou mais alto. Os passos tinham passado para a direção das salas de aula.

– Continue – disse Madame, mas a minha mão estava acorrentada, os meus ouvidos subjugados, os meus pensamentos prisioneiros.

As classes estavam no outro prédio. O vestíbulo as separava da casa de habitação. Apesar disso e da distância, ouvi uma súbita agitação, toda uma divisão que se levantava ao mesmo tempo.

– Elas estão guardando os trabalhos – disse Madame.

Era, com efeito, hora de arrumar os trabalhos, mas por que, então, aquele súbito silêncio, aquela instantânea repressão do tumulto?

– Espere, Madame. Eu vou ver o que é.

Pousei a pena e deixei-a. Não! Ela não era pessoa que se deixasse. Impotente para deter-me, levantou-se e seguiu-me como minha sombra. Virei-me no último degrau da escada.

– Madame vem também? – eu perguntei.

– Sim – disse ela, encontrando meu olhar com um aspecto peculiar, velado, porém resoluto.

Descemos então, não juntas, mas ela atrás de mim.

Ele tinha chegado. Ao entrar na primeira classe eu o vi. Ali, mais uma vez estava aquele rosto familiar. Não duvido que tentaram mantê-lo afastado, mas ele viera.

As meninas formavam um semicírculo, ele estava passando em volta, despedindo-se, apertando cada mão, tocando com os lábios todas as faces. O costume estrangeiro permitia esta última cerimônia numa despedida solene, para durar tanto tempo.

Irritava-me o fato de Madame me seguir como um cão, vigiando-me de perto. Eu sentia o seu hálito no meu pescoço e nos meus ombros. Fiquei terrivelmente febril e instigada.

Ele aproximava-se. O semicírculo estava quase todo percorrido. *Monsieur* Paul se encaminhou para a última aluna. De repente, virou-se, mas Madame estava diante de mim. Ela avançava rapidamente e a sua estatura parecia ampliar-se em proporções inimagináveis, de forma que sua imensa roupagem escondeu-me. Ela conhecia a minha fraqueza e a minha deficiência

de estima; ela poderia calcular o grau de paralisia moral que me fazia como uma pedra – a incapacidade total de defesa que, numa crise, eu poderia ser facilmente subjugada. Dessa forma, eu fui moralmente atingida. Ela apressou-se para seu parente, monopolizou a sua atenção com volubilidade, dominou-o e levou-o até a porta de vidro que dava para o jardim. Creio que ele olhou em volta. Se eu, ao menos, pudesse interceptar o seu olhar, creio que a coragem teria vindo em auxílio dos meus sentimentos e, talvez, tivesse ocorrido um resgate. Contudo, a sala já era uma confusão, o semicírculo desfizera-se em vários grupos e a minha figura se perdera entre trinta mais importantes. Madame manipulara e fizera a sua vontade, sim, ela o levou para longe e ele não me viu. Julgou-me ausente. O relógio bateu cinco horas, a sineta para a saída tocou, as alunas separaram-se e a sala de aula ficou vazia.

Durante os minutos seguintes, a minha alma mergulhou numa escuridão profunda, numa dor inexprimível por uma perda insuportável. O que eu haveria de fazer? Oh! O que eu deveria fazer quando toda a esperança da minha vida era arrancada pela raiz deixando o meu coração dilacerado?

O que eu deveria ter feito, eu não sei, quando uma criança pequena – a menor da escola – rompeu com a sua simplicidade e inconsciência no centro efervescente e, contudo, silencioso, desse conflito interior e disse:

– *Mademoiselle* – balbuciou uma voz aguda –, tenho isto para lhe dar. *Monsieur* Paul disse que a procurasse por toda a casa, até no porão, no sótão, por toda a parte e, quando a encontrasse, lhe desse isto.

E a criança entregou-me um bilhete. A pombinha deixara cair nos meus joelhos o seu ramo de oliveira. Eu não encontrei nenhum nome e nem endereço, apenas estas palavras:

“Não era a minha intenção dizer-lhe adeus quando me despedi das alunas, mas esperava vê-la em classe. Fiquei decepcionado. A entrevista fica adiada. Esteja pronta para mim. Antes de partir, preciso vê-la e falar-lhe longamente. Os meus momentos estão contados e, mesmo agora, monopolizados. Além disso, tenho um assunto particular que não quero compartilhar com ninguém, nem sequer comunicar, nem mesmo com *Mademoiselle*. Esteja preparada. Paul.”

“Esteja pronta. Esteja preparada?” Então, deve ser esta noite, pois ele tem que partir amanhã. Sim, disso eu estou certa. Eu já tinha visto anunciada a data de partida de seu navio. Oh! Sim. Eu estaria pronta, mas poderia aquele ansioso encontro realizar-se de fato? O tempo era tão curto, os

intriguistas pareciam tão vigilantes, tão ativos e hostis; o caminho de acesso parecia estreito como uma ravina e fundo como um abismo – com *Apoliom* [346] montado sobre ele e vomitando chamas, poderia o meu coração superar? Poderia o meu guia me alcançar?

Quem poderia dizê-lo? No entanto, comecei a experimentar um pouco de coragem e algum conforto. Parecia que eu sentia o pulsar de seu fiel coração através do pulsar do meu.

Esperei o meu herói. *Apoliom* veio arrastando atrás de si o seu inferno. Creio que, se na eternidade houver tormentos, a sua forma não será uma fornalha ardente nem a sua natureza um desespero. Acredito que, em um determinado dia, entre aqueles dias que nunca nasceram e nunca findarão, um anjo entrará na morada dos mortos, parará, cintilará, sorrirá e pronunciará a profecia de um perdão condicional, acendendo assim a duvidosa esperança da felicidade, não presente, mas para dia e hora inesperados, revelando na sua própria glória e grandeza a altura e âmbito da sua promessa. Tendo assim falado, transformar-se-á em uma estrela e desaparecerá no seu próprio céu. O seu legado será o suspense – uma benção pior do que o desespero.

Toda aquela tarde esperei confiando na folha de oliveira que a pomba me trouxera. Entretanto, à medida que o tempo passava, eu receava terrivelmente e a minha confiança estremecia. Sentia-me oprimida. Um frio estranho – um companheiro que sempre acompanhava um pressentimento que raramente era desmentido me atormentava. As primeiras horas pareciam longas e lentas. Em espírito, agarrei-me aos últimos minutos. Eles passavam como a nuvem levada pelo vento, como um potro fugindo perante a tempestade.

Contudo, eles passaram. Todo o longo e quente dia de verão se consumiu como um tronco jogado à fogueira. O clarão carmesim do seu termo desapareceu. Eu fui deixada entre as frias sombras azuis, sobre as cintilações pálidas, cor de cinza, da sua noite.

As orações tinham terminado. Era a hora de deitar. Todas as minhas colegas haviam se retirado. Eu estava ainda na lúgubre primeira classe, esquecendo ou, pelo menos, transgredindo regras que nunca tinham sido esquecidas ou desconsideradas até então.

Não posso calcular quanto tempo eu andei de um lado para outro naquela sala, pois ignoro. Mas deve ter sido por muitas horas. Mecanicamente eu tinha afastado os bancos e as carteiras e abrira para mim

um caminho até o seu comprimento. Ali passei e ali, quando tive certeza de que todas estavam dormindo e não podiam me ouvir, eu, finalmente, chorei. Confiante na noite e na solidão, eu não reprimi as minhas lágrimas e meus soluços acorrentados. Eles, que pesavam no meu coração, rasgaram o seu caminho. Nesta casa, que sofrimento podia ser sagrado?

Logo após as onze horas – hora muito tardia na *rue* Fossette – a porta abriu-se vagarosa, mas não furtivamente. A chama de um candeeiro invadiu o luar. Madame Beck entrou com a mesma compostura como se viesse em uma ocasião comum. Em vez de se dirigir a mim, ela foi para a sua mesa, pegou as chaves e parecia procurar alguma coisa. Demorou nesta simulada busca por longo tempo. Ela estava calma, calma demais. O meu escasso humor a custo suportou aquele fingimento. Conduzida para além do meu estado habitual, deixara atrás de mim, havia duas horas, os costumados respeitos e receios. Eu, que em circunstâncias normais me deixava guiar por um leve toque, governar por uma palavra, não poderia agora suportar qualquer jugo.

– É mais do que tempo para se recolher – disse Madame –, o regulamento da casa já foi excessivamente transgredido.

Madame não encontrou resposta e eu não interrompi a minha caminhada. Quando ela interpôs em meu caminho, afastei-a.

– Deixe-me persuadi-la a acalmar-se, *meess*. Deixe-me conduzi-la ao seu quarto – disse ela, tentando falar com brandura.

– Não! – disse eu. – Nem a senhora nem ninguém pode me persuadir ou levar-me.

– Posso pedir para aquecerem a sua cama. Goton ainda está de pé. Ela tratará de *meess*, vai deixá-la confortável e deve dar-lhe um calmante.

– Madame é uma sibarita dada aos prazeres físicos, à voluptuosidade, à indolência – estourei. – Debaixo de toda a sua serenidade, da sua calma, do seu decoro, Madame é inegavelmente uma sensualista. Mande aquecer a sua própria cama, tome seus sedativos, comidas e bebidas, temperadas e doces, tanto quanto quiser. Se Madame tem qualquer tristeza ou desilusão e talvez tenha, ou melhor, eu sei que as tem, busque os seus meios paliativos. Mas, deixe-me. Deixe-me, eu digo!

– Tenho que enviar outra para vigiá-la, *meess*. Devo enviar Goton.

– Não! Deixe-me em paz. Mantenha as suas mãos longe de mim, da minha vida, dos meus desgostos. Oh, Madame! Em suas mãos há gelo e veneno. Madame envenena e paralisa.

– O que eu fiz, *meess*? Você não deve se casar com Paul. Ele não pode se casar.

– Invejosa. Cão na manjedoura – gritei eu, pois eu sabia que ela secretamente o queria e sempre o quis para si. Ela o chamava de insuportável, o criticava por ser um submisso. Ela não o amava, mas ela queria se casar com ele para prendê-lo aos seus interesses. Eu tinha penetrado profundamente em alguns dos segredos de Madame, não sei como. Por intuição ou por uma inspiração que veio a mim, eu não sei de onde. A convivência com ela ensinara-me também que, a não ser com uma inferior, ela havia sempre de ser uma rival. Ela era a minha rival, de alma e coração, embora secretamente, sob a influência mais suave e sem que ninguém sequer o suspeitasse, a não ser eu e ela.

Durante dois minutos dominei-a sentindo que toda aquela mulher estava em meu poder, porque em certas disposições de ânimo, como o presente, em alguns estados mais vivos de percepção, como o deste instante, o seu disfarce habitual, a sua máscara de dominó, eram para mim uma mera rede reticulada com furos. Eu via por baixo um ser sem coração, egoísta e ignóbil. Ela calmamente se retirou: branda e senhora de si, embora muito desconfortável e pouco à vontade, ela disse que, “se eu não me deixava persuadir a descansar, ela teria, embora relutantemente, de me deixar.” O que ela fez incontinentemente, talvez ainda mais feliz em ir embora do que eu estava em vê-la desaparecer.

Foi esta a única disputa que ocorreu entre mim e Madame Beck. A curta cena daquela noite nunca mais se repetiu e não mudou em nada os seus modos para comigo. Eu não sei por que ela não se vingou. Também não sei dizer se ela me odiava pela minha franqueza. Creio que escutou com a secreta filosofia da sua forte mente e resolveu esquecer aquilo que a irritava recordar. Sei que, até o fim de nossas vidas, não houve qualquer repetição nem alusão a essa cena desagradável.

Aquela noite passou: todas as noites, afinal, mesmo a noite sem estrelas antes do fim do mundo, passarão. Cerca de seis horas, hora de levantar, saí para o pátio e lavei o rosto com a água fria e fresca do poço. Entrando pelo vestíbulo, um pedaço de espelho situado em um armário de carvalho refletiu a minha imagem e disse-me que eu estava mudada: minhas faces e lábios estavam brancos, meus olhos estavam vidrados e minhas pálpebras, vermelhas e inchadas.

Ao juntar-me às minhas companheiras, eu sabia que todos os olhares estavam voltados para mim e que o meu coração parecia um livro aberto para elas. Traía-me e tinha a horrível certeza de que até a mais nova aluna da escola adivinhava o porquê e por quem eu me desesperava.

Isabelle, a criança que eu já havia tratado na doença, aproximou-se de mim. Será que ela também zombaria de mim?

– *Que vous êtes pâle! Vous êtes donc bien malade, Mademoiselle!* [347] – disse ela, colocando o dedo na boca e olhando-me com ansiosa estupidez que, naquele momento, me pareceu mais bela que a mais bela inteligência.

Isabelle não foi por muito tempo a única a mostrar ignorância. Antes do fim do dia, colhi razões de gratidão para com toda a casa. A multidão tem mais que fazer do que ler corações e interpretar negros enigmas. Quem quiser pode manter seus próprios conselhos, ser soberano de seus próprios segredos. No decorrer do dia, recebi prova após prova, não apenas que a causa da minha tristeza era desconhecida, mas de que toda a minha vida interior durante os últimos seis meses ainda era só minha. Ela não era conhecida, não tinha sido notada. As fofocas tinham passado por cima de mim; a curiosidade havia me ignorado. Nenhuma dessas sutis influências que sempre pairavam no ar nunca tinha se centrado em mim. Um organismo pode viver num hospital cheio de febres e escapar ao tifo? *Monsieur* Emanuel tinha vindo e partido. Eu tinha sido ensinada e procurada, em tempo habitual e fora dele, ele tinha me chamado e eu tinha lhe obedecido: “*Monsieur* Paul manda chamar Miss Lucy”; “Miss Lucy está com *Monsieur* Paul”, tal tinha sido o perpétuo boletim e ninguém comentava, muito menos condenava. Ninguém insinuava nem gracejava. Madame Beck decifrara o enigma, mas ninguém o resolvera. O que eu agora sofria fora chamado de doença, uma dor de cabeça, talvez, enxaqueca. Aceitei o rótulo.

Mas, que doença do corpo doía como esta dor? Esta certeza de que ele partira sem um adeus, esta cruel convicção de que o destino e as fúrias vingativas – a inveja de uma mulher e o fanatismo de um padre – não permitiriam que eu o visse mais? Que admira, pois, que a segunda noite me encontrasse como a primeira: inquieta, torturada, caminhando novamente em uma sala solitária em uma paixão inalterável de muda desolação?

Madame Beck não me chamou para a cama naquela noite, não se aproximou de mim, mas enviou Ginevra Fanshawe. Ela não podia ter

empregado agente mais eficiente para aquele propósito. As primeiras palavras de Ginevra:

– A sua dor de cabeça é muito forte esta noite? – Ginevra, como as outras, pensava que eu tinha uma dor de cabeça, uma intolerável dor de cabeça que me fazia assustadoramente branca e insanamente agitada. As suas primeiras palavras me inspiraram o ímpeto de fugir para qualquer lugar, contanto que fosse para fora do seu alcance. E, em breve, o que se seguiu – reclamações sobre as suas próprias dores de cabeça – completou o quadro.

Eu subi as escadas e pouco depois eu estava em minha cama – a minha miserável cama – desgraçada e assombrada por escorpiões. Não tinham passado cinco minutos que eu me deitara, quando outro emissário chegou: Goton trazendo-me algo para beber. Eu estava consumida pela sede, dessa forma eu bebi avidamente. A bebida era doce, mas era remédio.

– Madame disse que isso vai fazê-la dormir – disse Goton, ao receber o copo vazio.

Ah! O calmante tinha sido administrado. Na verdade, eles tinham me dado um forte opiáceo. Por uma noite, eu deveria ficar sossegada.

Todos se deitaram. A lamparina foi acesa, o dormitório emudeceu. Logo o sono reinou: sobre aqueles travesseiros, o sono tinha uma fácil hegemonia. Soberano satisfeito sob as cabeças e os corações que não doíam, o travesseiro silenciou minhas inquietudes.

A droga fez efeito. Eu não sei se Madame mandara sobrecarregar a dose ou não, mas o seu resultado não foi o que ela esperava. Em vez do estupor, veio a excitação. Tornei-me viva para novos pensamentos, para devaneios peculiares e coloridos. Uma chamada para uma reunião soou pelas minhas faculdades, convocando-as. A imaginação foi desperta do seu repouso e avançou impetuosa e ousada. Com desdém, olhou a matéria, sua companheira: “Levanta”, ela ordenou-me. “Preguiçosa! Esta noite farei a minha vontade. Não triunfarás.”

“Olha para frente e veja a noite”, ela gritou e, quando eu levantei a pesada cortina da janela mais próxima, mostrou-me, com gesto real, a lua suprema, num céu profundo e magnífico.

Para os meus sentidos ofegantes, a luz frouxa da lamparina tornou-se intolerável. Da mesma forma, os limites estreitos e o calor opressivo do dormitório. Ela me atraiu para fora dessa caverna e segui-a para o orvalho, para a fresca brisa e para a glória.

Mostrou para mim uma estranha visão de *Villette* à meia-noite. Especialmente o parque, o parque de verão, com as suas longas ruas silenciosas, solitárias e seguras. Entre estas, havia um grande tanque de pedra – aquele tanque que eu conhecia e junto do qual parara muitas vezes – mergulhado na sombra profunda das árvores, transbordando de água fresca, límpida, com o fundo verde de folhas de juncos. Os portões do parque estavam fechados, trancados, o lugar não poderia ser penetrado.

Não poderia? Este era um ponto que valia a pena considerar, e, enquanto refletia sobre isso, vesti-me mecanicamente. Absolutamente incapaz de dormir ou de ficar sossegada, excitada dos pés à cabeça, o que mais podia eu fazer senão me vestir?

Os portões estavam trancados, soldados postados diante deles. Então era impossível entrar no parque?

No outro dia, ao passar por lá, eu tinha reparado, sem nessa altura atentar à circunstância, numa lacuna na paliçada, uma estaca partida. Eu via agora a brecha muito distintamente na minha memória – uma abertura estreita e irregular entre as hastes das tílias plantadas ordenadamente como uma colunata. Um homem não poderia passar pela abertura, nem mesmo uma mulher corpulenta como Madame Beck, mas pensei que eu poderia. Imaginei que gostaria de experimentar e que, uma vez lá dentro, todo o parque seria meu: o parque enluarado da meia-noite!

Como todo o dormitório dormia profundamente! Que sonos tão pesados! Que respirações tão regulares! Como estava sossegada toda a casa! Que horas seriam? Estava inquieta para saber. Na sala de aula havia um relógio. Quem me impedia de consultá-lo? Com este luar, sua face grande e branca, os números negros deviam ser nitidamente distintos.

O único obstáculo para este passo era o ranger de uma dobradiça ou algum trinco. Contudo, nessas noites quentes de julho, a porta ficava escancarada, pois não podíamos tolerar a câmara fechada. Porém havia as tábuas do dormitório. Será que suportariam o peso dos meus passos sem me traírem? Sim. Eu sei onde há uma tábua mais solta e a evitarei. A escada de carvalho gemeu um pouco enquanto eu descia, mas não muito.

Encontrei-me livre no vestíbulo.

As grandes portas das salas estavam fechadas. Por outro lado, a entrada para o corredor estava aberta. As salas de aulas pareciam grandes prisões lúgubres, enterradas muito longe das ruas e, para mim, cheias de tristes

recordações, algumas intoleráveis, espectrais, miseravelmente deitadas entre a palha e suas algemas. Já o corredor oferecia uma vista animadora, levando-me diretamente à rua.

Silêncio! O relógio marca a hora. Apesar da profundidade fantasmagórica da quietude deste convento, são apenas vinte e três horas. Enquanto os meus ouvidos seguem para silenciar o zumbido do último golpe, percebo, debilmente, vindo lá de fora, um som como os de sinos ou de uma orquestra, um som em que a doçura, a vitória e o luto se misturam. Oh, quem me dera aproximar-me mais dessa música, ouvi-la sozinha, junto do tanque dos juncos! Deixe-me ir! O que me impede? Tudo me encoraja à liberdade!

Ali, no corredor, está o meu traje de jardim: meu grande chapéu de palha e o meu xale. Não há bloqueio na enorme e pesada *porte-cochère*. É fechada com um tricô de mola, que não se pode abrir de fora, mas que, da parte de dentro, abre sem fazer ruído. Posso lidar com isso? Ele cede à minha mão, cede com propícia facilidade.

Pergunto-me como aquela porta se abriu quase espontaneamente quando descii à rua pavimentada. Estranha facilidade com que aquela prisão podia ser vencida. Era como se eu tivesse sido invisivelmente guiada, que alguma força dissolvente me precedia, pois eu quase não fiz nenhum esforço.

Ah! A silenciosa *rue Fossette*! Encontrei-me neste pavimento como um errante cortejando a noite de verão. Vi a lua em cima de mim; senti no ar o seu orvalho. “Mas, aqui eu não posso ficar! Estou muito perto dos velhos fantasmas. Tão perto do calabouço que posso ouvir os gemidos dos prisioneiros em suas masmorras. Esta paz solene não é a que eu procuro; não é a que eu posso suportar. O parque também estará calmo – bem sei que uma tranquilidade mortal prevalece em toda parte”, ainda assim fui para lá.

Tomei um caminho bem conhecido e caminhei para o palácio real *Haute-Ville*, dali vinha por certo a música que eu tinha ouvido. Silenciara agora, mas poderia, de novo, recomeçar. Continuei: nenhuma música de orquestra ou de sinos veio ao meu encontro. Outro som a substituía, um som como de ondas gigantes, de um grande fluxo, que se aprofundava à medida que eu avançava. Agora havia luzes, movimento e repiques de sinos. Para onde eu estava indo?

Quando entrei numa grande praça, encontrei-me, com a rapidez de uma magia, mergulhada no meio de uma multidão alegre, vivaz e ruidosa.

Villette parecia uma chama tamanha a iluminação. O mundo inteiro

parecia que estava ali. O luar e o céu foram banidos. A cidade, à luz dos seus próprios archotes, contemplava seu próprio esplendor: vestidos luxuosos, grandes equipagens, belos cavalos e galantes cavaleiros lotavam as brilhantes ruas.

De repente, percebo dezenas de pessoas mascaradas. É uma cena estranha, mais estranha do que um sonho. Mas, onde está o parque? “Eu devo estar perto dele”, pensei. Em meio a esse fulgor, o parque me pareceu sombrio. Lá não havia tochas, nem multidão.

Fazia esta indagação, quando passou por mim uma carruagem cheia de rostos conhecidos. Através da multidão compacta, ela se movia vagarosamente. Os cavalos fogosos impacientavam-se no seu ardor reprimido. Eu vi bem seus ocupantes. Eles, contudo, não podiam me ver, ou, pelo menos, me reconhecer, pois eu estava praticamente embrulhada em um grande xale e coberta com o meu chapéu de palha (em meio àquela multidão heterogênea nenhum traje era visível, por mais estranho que fosse). Eu vi o conde De Bassompierre; vi a minha madrinha, elegantemente vestida, aprazível e alegre; vi, também, Paulina, cercada pela tríplice auréola da sua beleza, da sua juventude e da sua felicidade. Fiquei tão encantada com seu semblante que demonstrava alegria; por seus olhos em festa, que tive uma escassa lembrança da elegância do seu vestido. Sei apenas que a roupagem que flutuava à sua volta era toda branca, leve e nupcial. Sentado do lado oposto, vi Graham Bretton. Foi olhando para ele que Paulina ganhara aquele esplendor. A luz que refletia de seus olhos cintilava antes nos dele.

Deu-me um estranho prazer seguir estes amigos sem ser vista e acompanhei-os, como eu imaginava, até o parque. Vi quando eles desceram da carruagem, pois esta não era admitida, entre novos e imprevistos esplendores. Olhei o portão de ferro da entrada, entre as duas colunas de pedra fora colocado um arco incandescente feito de estrelas maciças. E, seguindo-os com cautela sob aquele arco, refleti, onde estavam eles e onde estaria eu?

Numa terra de encanto, num jardim maravilhoso, numa planície salpicada de meteoros coloridos, uma floresta com faíscas de púrpura, rubi e ouro, que brilhavam na folhagem como pedras preciosas. Uma região, não de árvores e sombras, mas de estranha riqueza arquitetônica – de altar e de templo, de pirâmide, esfinge e obelisco. Por incrível que parecesse, as maravilhas e os símbolos do Egito fervilhavam por todo o parque de *Villette*.

Não importa que dentro de cinco minutos eu descobrisse o segredo; que tivesse a chave do mistério e desvendasse a sua ilusão; não importava que eu reconhecesse rapidamente o material daqueles solenes ornamentos – a madeira, a pintura e o papelão. Estas descobertas, inevitáveis, não conseguiram destruir o encanto, não minaram a maravilha daquela noite. Não importava que eu compreendesse, agora, a explicação de toda a grande festa – uma festa que ninguém na conventual *rue Fossette*, tivera conhecimento, embora tivesse começado nessa madrugada e ainda estivesse em pleno entusiasmo já perto da meia-noite.

Em tempos passados, tinha havido – conta a história – um terrível perigo no destino de *Labassecour*, implicando eu não sei que riscos para os direitos e a liberdades dos seus valentes cidadãos. Houvera rumores de guerras; uma espécie de luta nas ruas, agitação, correria, criação de barricadas, revolta da burguesia, convocação de tropas, violência e até tiros. Dizia a tradição que tinham morrido patriotas. Na antiga *Basse-Ville* havia um recinto fechado, solenemente construído e afastado, que continha os ossos sagrados dos mártires. Fosse como fosse, este era o dia do ano em que se festejava a honra dos referidos patriotas e mártires de memória um tanto contestável. A manhã era consagrada a um ofício litúrgico solene a Deus na igreja de *St. Jean Baptiste*; a noite dedicada aos espetáculos, decorações e iluminações, como esses que eu via agora.

Enquanto eu olhava para a imagem de uma íbis branca fixada em uma coluna e contemplava a perspectiva de uma longa avenida, toda iluminada por tochas, no fim da qual foi construída uma esfinge, perdi de vista o grupo que eu seguira, ou melhor, o grupo havia se desvanecido como uma aparição.

Toda a cena parecia um sonho; todas as formas eram ondulantes; todos os movimentos pareciam flutuantes; todas as vozes pareciam ecoar – meio zombeteiras ou meio incertas. Uma vez desaparecidos Paulina e seus amigos, eu mal podia afirmar que os vira realmente, nem que me fizeram falta, e, muito menos lamentei a sua ausência como protetores no meio da noite.

Aquela noite festiva não oferecia perigo para uma simples criança. Metade dos camponeses dos arredores de *Villette* tinha vindo à cidade colorida e misturava-se aos decentes burgueses vestidos com seus trajes de gala. O meu chapéu de palha passou entre barrete e jaqueta, saiote curto e longo manto de chita, sem, talvez, atrair um único olhar. Apenas tomei a precaução de amarrar a larga aba cigana com uma fita complementar e então

me senti segura como se estivesse mascarada.

Confiante, desci pelas avenidas e misturei-me à multidão ainda mais profunda. Observei sossegada, gozei o cenário e bebi o ar elástico da noite. Deleitei-me com a música, com a luz dúbia que ora brilhava e ora esmorecia. Quanto à felicidade ou esperança, elas e eu tínhamos nos despedido. Neste momento eu ria do desespero desprezado.

O meu vago objetivo era encontrar o tanque de pedra, com a sua límpida profundidade e a sua guarnição verde. Meditava sobre esse lugar com a sede apaixonada da febre inconsciente. No meio da luz e da profusão, da turba e do barulho, eu desejava secretamente e, principalmente, ansiava por entrar naquele espelho circular de cristal e surpreender a lua, contemplando a sua fronte perolada.

Conhecia a minha rota, mas parecia que eu estava impedida de segui-la: agora uma visão, um som, desviavam-me fazendo com que eu descesse por um beco. Já via as árvores densas que cercavam o espelho trêmulo e ondulado, quando, ecoando de uma clareira à direita, vibrou um som que eu pensei que seria ouvido se o céu fosse aberto – um som, talvez, como o que foi ouvido na planície de Belém na noite da boa nova.

O canto e a música doce nasciam lá longe, mas correndo com asas velozes passaram por essas sombras tão cheias de harmonia que, se não houvesse árvores para que eu me apoiasse, creio que teria caído. Parecia que havia inúmeras vozes, numerosos e variados instrumentos como corneta, trompete, violino e tantos outros. O efeito era o de um mar entoando uma canção com todas as suas ondas.

A maré musical veio para este lado e recuou depois. Segui-a. Ela me levou a um edifício bizantino, uma espécie de quiosque perto do centro do parque. Em torno, milhares de pessoas escutavam um grande concerto ao ar livre. O que eu tinha ouvido, era, creio, um bárbaro coro de caça. A noite, o espaço, o cenário e o meu próprio estado de espírito haviam apenas melhorado os sons e a sua impressão.

Aqui estavam reunidas senhoras, que pareciam formosas vistas sob aquela luz. Alguns de seus vestidos eram de gaze, outros tinham o brilho do cetim. As flores e as rendas tremeluziam e os véus ondulavam em torno dos chapéus enfeitados, quando aquele coro de guerra agitava o ar em torno delas. A maioria dessas mulheres ocupava as pequenas cadeiras do parque e, atrás delas, estavam os cavalheiros guardiões. As fileiras exteriores da

multidão eram formadas por cidadãos, plebeias, plebeus e policiais.

Nesta fileira externa tomei o meu lugar. Eu gostava de me encontrar em silêncio, como uma vizinha desconhecida de saiote curto e tamanco. Conservava-me distante da espectadora de vestidos de seda, de manto de veludo e do chapéu de plumas. Em meio a tanta vida e alegria eu era grata por estar só, completamente sozinha. Não tendo nem desejo nem força para abrir caminho através de uma massa tão compacta, o meu lugar foi no extremo, mais afastado, de onde eu ouvia, mas pouco podia ver.

– *Mademoiselle* não está bem colocada – disse uma voz junto a mim. Quem ousava me abordar de maneira tão pouco delicada? Virei-me mais para repelir do que para responder. Vi um homem, um burguês, completamente estranho à primeira vista, mas que reconheci depois. Era o comerciante, o livreiro, cuja loja fornecia à *rue Fossette* os livros e artigos de papelaria. Homem notório em nosso *pensionnat* pela excessiva suscetibilidade de seu temperamento e frequente aspereza de maneiras, até mesmo para nós, suas principais freguesas, mas de quem, pela minha parte, eu sempre gostara e que sempre havia achado delicado, até, por vezes, amável. Certa vez, fizera-me um favor, trocando algum dinheiro estrangeiro. Era um homem inteligente e de bom coração sob aquela capa de aspereza. Algumas vezes eu tinha pensado que certos aspectos de sua natureza se pareciam com os de *Monsieur Paul Emanuel* – aliás, que ele conhecia muito bem, pois eu o tinha visto muitas vezes junto ao balcão do livreiro folheando as publicações do mês corrente – e, era nessa afinidade que eu encontrava explicação para o sentimento de simpatia que eu, instintivamente, sempre tivera por ele.

Estranho esse homem me reconhecer sob o meu chapéu de palha e o meu xale. Apesar da minha recusa, insistiu em me abrir caminho no meio da multidão até encontrar um lugar melhor. Levou mais longe a sua civilidade desinteressada e conseguiu para mim uma cadeira. Várias vezes tenho verificado que as pessoas mais intratáveis não são, de modo algum, as piores criaturas da humanidade, assim com as mais humildes de condição não são as menos delicadas de sentimento. Este homem, na sua gentileza, parecia não achar estranho que eu estivesse ali sozinha, mas apenas via razão para estender até a mim uma direta, porém eficiente solicitude. Tendo assegurado um lugar para mim e um assento, retirou-se sem fazer uma pergunta, sem uma observação, sem acrescentar uma palavra supérflua. Não era, portanto, de admirar que o professor Paul Emanuel gostasse de levar seu charuto e de

passar o seu tempo ocioso lendo folhetim na loja de *Monsieur* Miret – os dois, de fato, tinham afinidade.

Não estava sentada havia cinco minutos, quando me tornei consciente de que o acaso e a amabilidade de meu amigo burguês tinham me colocado de novo diante de um grupo familiar. Logo à minha frente, estavam os Bretton e os De Bassompierre. Ao alcance da minha mão, se eu quisesse estendê-la, estava uma figura de rainha e de fadas, cujo traje parecia ter sido sugerido pelos lírios e pelas suas folhas; tudo o que não era branco imaculado era verde-floresta. A minha madrinha estava igualmente tão próxima que, se eu tivesse me inclinado para frente, a minha respiração poderia ter agitado a fita do seu chapéu. Eles estavam muito perto. Tendo sido reconhecida por um quase estranho, senti-me desconfortável com esta vizinhança tão íntima.

Quase estremeci quando a senhora Bretton, voltando-se para o senhor Home e falando sob um impulso de uma amável recordação, disse:

– Estava agora mesmo a pensar o que diria a minha Lucy sobre tudo isso se ela estivesse aqui. Eu gostaria de tê-la trazido. Ela teria gostado muito.

– Decerto, decerto, no seu modo grave e sensato. É uma pena que não a tenhamos convidado – voltou o amável cavaleiro e acrescentou: – Eu gosto de vê-la sempre tão calma, mesmo nos seus prazeres. Tão calma e, contudo, tão satisfeita.

Ambos foram e ainda eram pessoas queridas para mim na sua generosa benevolência. Mal sabiam eles a dor que quase tinha enchido Lucy de febre e a trouxera para a rua, só e desgovernada, no extremo da excitação, drogada à beira da loucura. Fui tentada a me curvar para eles e responder a sua bondade com o agradecimento que resplandecia em meus olhos. *Monsieur* De Bassompierre não me conhecia bem, mas eu o conhecia, respeitava e admirava o seu caráter simples, a sua sinceridade, o seu afeto e entusiasmo inconsciente. Possivelmente eu tivesse falado, mas nesse momento, Graham Bretton virou-se, voltou-se com um de seus movimentos majestosos e firmes, tão diferentes dos de certo homem que, por hora, mesmo sem saber, era o responsável pela minha tristeza. Havia atrás dele uma multidão espessa de centenas de fileiras. Dessa forma, havia centenas de pessoas que podiam interceptar o seu olhar e sofrer o seu exame. Por que razões seus olhos azuis se concentravam em mim, oprimindo-me com toda a força daquela esfera? Se quisesse olhar, um só olhar não bastaria? Por que se voltou na cadeira, em cujas costas descansou o cotovelo e me estudou prazeroso? Ele não podia ver

meu rosto, que eu conservava baixo; decerto não poderia me reconhecer. Curvei-me ainda mais e me virei. Eu não queria ser reconhecida. Ele levantou-se e planejou uma abordagem. Dentro de dois minutos ele teria desvendado o meu segredo: a minha identidade teria sido apanhada pelas suas mãos, nunca despóticas, mas sempre poderosas. Só havia uma maneira de evitá-lo ou de contê-lo. Dei a entender, por uma espécie de gesto suplicante, que era a minha oração para ser deixada em paz. Se ele tivesse persistido, talvez tivesse visto o espetáculo de Lucy indignada. Nem tudo o que era grande, bom e amável nele (e Lucy sabia de seu valor total) teria bastado para me conservar dócil ou absolutamente inofensiva como uma sombra. Ele olhou, mas desistiu. Balançou a cabeça bonita, mas ficou mudo. Retomou ao seu assento e não voltou a olhar para trás, a não ser um único instante em que um relance de olhos, mais solícito do que curioso, me procurou dizendo qualquer coisa que me acalmou o coração como o vento sul acalma a terra. Os pensamentos de Graham para mim não eram, afinal, inteiramente de gelada indiferença. Eu acredito que naquela mansão agradável, o seu coração, conservava um pequeno lugar onde Lucy receberia hospitalidade se quisesse bater à porta. Não era tão bonito quanto os quartos que reservava aos seus amigos do sexo masculino; não era como a sala onde ele acomodava a sua filantropia, ou como a biblioteca onde guardava os tesouros da sua ciência e muito menos se parecia com o pavilhão onde se realizara a sua esplêndida festa de casamento, ainda, gradualmente, pela sua bondade, provou que mantinha para mim um pequeno quarto em cuja porta estava escrito: “Quarto de Lucy”, um lugar do qual nunca tomei. Eu também lhe guardava um lugar que eu nunca medi com régua ou compasso; creio que era como a tenda de *Peri-Banu*. Toda a minha vida eu a trouxera dobrada na palma da minha mão. Contudo, liberada dessa pressão, eu não sei se a sua capacidade inata de expansão não a teria ampliado até se tornar um tabernáculo, no qual, caberia um amontoado de gente.

Apesar de paciente, como ele demonstrava estar naquela noite, eu não poderia ficar em sua proximidade. Tinha que renunciar àquele assento perigoso. Esperei por uma oportunidade, levantei-me e fugi em meio à multidão. Ele poderia pensar, podia até mesmo estar convencido de que Lucy estava sob aquele chapéu, mas nunca teria certeza, pois não vira meu rosto.

Estaria o meu espírito inquieto agora apaziguado? Será que eu não tivera já o suficiente de aventura? Já começava a me sentir cansada,

desanimada e com desejo da segurança de um teto? De modo nenhum. Ainda detestava a minha cama no dormitório da escola mais do que as palavras podem expressar. Agarrava-me a qualquer coisa que pudesse distrair meu pensamento. De alguma forma eu sentia também que o drama da noite apenas havia começado; que mal passara o prólogo. Ao longo deste teatro de árvores e relva, reinava uma sombra de mistério; atores e incidentes inesperados esperavam por trás dos bastidores. Assim pensava eu, assim me dizia o meu pressentimento.

Vagueando a esmo, obedecendo ao impulso de cada cotovelada casual, fui levada para um lugar onde as árvores, plantadas em conjunto ou elevando-se solitárias, quebravam o denso amontoado da multidão e davam um caráter mais disperso. Este extremo estava muito longe da música e até mesmo um pouco distante das lâmpadas, mas havia ainda som suficiente para acalmar e, com a lua cheia, as lâmpadas eram dispensáveis. Tinham se instalado aqui, principalmente, grupos de famílias, os pais burgueses. Alguns deles, a despeito da hora tardia, viam-se rodeados por seus filhos, com os quais não parecera aconselhável se aventurar por entre a multidão mais compacta.

Três árvores altas e finas, que cresceram coladas uma na outra, com troncos retorcidos, quase gêmeos, erguiam como um dossel de sombra acima de uma colina verde, coroado com um banco – um banco que podia ter acomodado várias pessoas e parecia, contudo, abandonado a uma só, estando de pé, em círculo, o restante dos membros do grupo possuidor daquele assento. Entretanto, no meio do círculo reverente estava uma senhora, que segurava a mão de uma criança.

Era uma menina que rodopiava e balançava de um lado para o outro sobre o calcanhar, fazia travessuras e fantásticos rodopios, mas não largava a mão da senhora. Estes perversos movimentos chamaram a minha atenção, me impressionaram como tendo um aspecto terrivelmente familiar. Observando melhor, o menos pude dizer do vestido da criança. O casaquinho de seda lilás, seu chapéu branco enfeitado – toda a *toilette* de gala de um querubim bem conhecido, desse girino que era Désirée Beck ou um diabinho na sua semelhança.

Eu podia ter sido fulminada por essa descoberta como um trovão, mas semelhante hipérbole era prematura; a descoberta estava destinada a subir vários graus antes de chegar ao seu clímax, ao seu paroxismo.

De que mão poderia a gentil Désirée se balançar assim, egoisticamente,

que luva poderia ela rasgar assim de forma tão imprudente, que braço puxar assim impunemente, que vestido pisar assim com insolência, senão a mão, a luva, o braço e o vestido da senhora sua mãe? E ali, fresca, majestosa, jovial, em um xale indiano e um gorro de crepe verde-claro estava a corpulenta Madame Beck.

Curioso! Eu tinha certeza que Madame estava em sua cama e Désirée em seu berço àquela hora, ambas dormindo o sono dos justos dentro das paredes sagradas, na profunda solidão da *rue* Fossette. Certamente elas também não julgavam *meess* Lucy em situação bastante diferente. E aqui estávamos todas as três, divertindo-nos no parque em uma festa ardente à meia-noite!

A verdade é que Madame agia de acordo com o seu hábito bastante justificável. Lembrei-me, agora, que eu tinha ouvido dizer entre as professoras – embora, naquele momento, não desse particular atenção à fofoca – que, muitas vezes, quando julgávamos que Madame estava em seu quarto dormindo, ela tinha saído em traje de gala para se divertir em bailes, óperas ou peças de teatro. Madame não tinha nenhuma inclinação para a vida monástica, mantinha a discipulação, mas temperava a sua vida com o gosto do mundo.

Meia-dúzia de cavalheiros amigos estavam à sua volta. Entre eles, não demorei a reconhecer dois ou três. Um deles era o irmão dela, *Monsieur* Victor Kint. Havia outra pessoa de bigode e cabelos longos, um homem calmo, taciturno, mas cujos traços ostentavam uma semelhança que eu não podia notar sem comoção. Entre a reserva e a fleuma, entre os contrastes de caráter e feições, havia ainda, contudo, qualquer coisa que me lembrava um rosto – móvel, fervoroso e sensível – uma face mutável, ora sombria, ora alegre, um rosto arrebatado do meu mundo, perdido para os meus olhos, mas onde as melhores horas da primavera da minha vida tinham alternado entre sombra e claridade; uma face em que eu lera muitas vezes movimentos bastante semelhantes aos sinais do gênio, no qual eu não compreendia por que não brilhava plenamente o fogo incontestável, o espírito e o segredo do próprio gênio. Sim, este é Josef Emanuel – este homem de paz – lembrava-me o seu ardente irmão.

Além de *Messieurs* Victor e Josef, eu conhecia outro daquele grupo. Esta terceira pessoa estava atrás e à sombra, a sua atitude era humilde e, contudo, o seu traje e a cabeça calva e branca tornavam-no o mais importante

do grupo. Era um eclesiástico: era o *père* Silas. Não imagine o leitor que havia qualquer inconsistência na presença do padre nesta *fête*. Não era considerado um espetáculo ou uma feira de vaidades, mas uma comemoração do sacrifício patriótico. A Igreja apadrinhava, patrocinava-o sem ostentação. Havia muitos sacerdotes no parque naquela noite.

O *père* Silas se inclinava sobre o banco rústico e conversava com o seu único ocupante. Este era um volume estranho e sem forma, mas magnífico. Via-se, de fato, o contorno de um rosto, mas este era tão cadavérico e tão estranhamente colocado que se podia quase imaginar uma cabeça decepada de seu tronco e colocada, ao acaso, sobre uma pilha de mercadorias ricas. Os raios das lâmpadas distantes refulgiam sobre pingentes e largos anéis. Nem a pureza do luar nem a distância dos archotes podiam dominar completamente as cores do vestido. Salve, Madame Walravens! Creio que agora ela parecia mais com bruxa do que nunca. E, pouco depois, a boa senhora provou que não era de fato nenhum cadáver ou fantasma, mas uma mulher austera e resistente, pois, como se agravassem os ruidosos pedidos de Désirée Beck à sua mãe para ir ao quiosque e buscar doces, a corcunda, de repente, deu-lhe subitamente uma pancada sonora com a sua bengala de castão de ouro.

Então, eram as Madames Walravens, Beck e o *père* Silas, toda a conjuração, a junta secreta. Vê-los assim reunidos não me fez bem. Só posso dizer que me senti fraca perante eles, humilhada e desanimada, mas eu ainda não estava morta.

CAPÍTULO XXXIX

Velhos e Novos Conhecimentos

Fascinada como um basilisco de três cabeças, eu não podia deixar aquele lugar. Meus pés pareciam colados ao chão. As copas das árvores entrelaçadas faziam sombra sobre mim, a noite segredava uma promessa de proteção e uma lâmpada obsequiosa me enviou um feixe de luz para me mostrar um assento obscuro e seguro e depois desapareceu.

Deixe-me agora dizer ao leitor, sucintamente, tudo o que, durante a última quinzena, eu tinha em silêncio aprendido dos boatos a respeito da origem e do objeto da partida de *Monsieur* Emanuel. A história é curta e não é nova: o seu alfa é a ganância e o seu ômega, o interesse.

Se Madame Walravens era horrível como um ídolo hindu, parecia também possuir, na estima destes devotos, a importância de um ídolo. O fato é que ela tinha sido rica, muito rica e, embora, no presente, sem dinheiro, tinha probabilidade de voltar a ser rica novamente. Em *Basseterre*, *Guadalupe*, possuía uma grande propriedade recebida como dote pelo seu casamento há sessenta anos e confiscada desde a falência do marido. Agora, porém, supunha-se de novo livre de reivindicação e, capaz de se tornar, dentro de poucos anos, caso fosse devidamente cuidada por um agente competente e íntegro, altamente produtiva.

O *père* Silas interessou-se por essa melhoria em perspectiva, por amor à religião e à Igreja da qual Magliore Walravens era uma filha devota. Madame Beck, vagamente aparentada com a corcunda e sabendo que ela não tinha família, havia ruminado demoradamente este caso com a previsão calculista de uma mãe e, embora duramente tratada por Madame Walravens, nunca deixara de cortejá-la por interesse. Madame Beck e o padre estavam, assim, por razões de dinheiro, de forma igual e sinceramente interessados no tratamento da propriedade da Índia Ocidental.

Mas, a distância era grande e o clima, perigoso. O agente competente e honesto deveria ser um homem devoto. Era exatamente um homem assim que Madame Walravens tinha retido ao seu serviço por vinte anos, estragando-lhe

a vida e vivendo à custa dele como um velho fungo. Um homem assim tinha o *père* Silas educado, treinado e ligado a ele por laços de gratidão, do hábito e da crença. Tal homem Madame Beck conhecia e podia, de certo modo, influenciá-lo. “O meu discípulo”, disse *père* Silas, “se permanecer na Europa, corre o risco de apostasia porque se envolveu com uma herege”. Madame Beck fez também o seu comentário privado e encontrou, intimamente, uma razão secreta para desejar a expatriação. A coisa que ela não poderia obter, não desejava que fosse conquistada por outra; ela preferiu destruí-lo.

Quanto a Madame Walravens, ela queria o seu dinheiro e a sua terra e sabia que Paul, se quisesse, poderia ser o mais fiel mordomo e o melhor administrador. Assim, os três egoístas se associaram e assediaram o abnegado. Argumentaram, apelaram, imploraram misericórdia, lançando-se, em suas mãos, confiantemente os seus interesses. Eles pediram apenas dois ou três anos de devoção – e, depois disso, ele viveria para si mesmo. Um dos três desejava, talvez, que ele morresse, entretanto...

Ninguém jamais colocou, humildemente, as vantagens que *Monsieur* Emanuel teria. Ninguém se preocupou com a sua dor particular ou relutância em deixar a Europa; quais os seus cálculos para o seu próprio futuro. Ninguém lhe perguntou, ninguém queria saber. Tudo isso era um mistério para mim. As conferências com o seu confessor eu poderia adivinhar. O papel que o dever e a religião tinham foi usado nas persuasões, eu poderia conjecturar. Ele partira e não dera nenhum sinal. Aqui terminava o que eu sabia sobre o assunto.

Com a minha cabeça inclinada e a fronte descansando em minhas mãos, eu me sentei nos troncos das árvores em meio aos arbustos. Se desejasse, podia ouvir tudo o que diziam os meus vizinhos. Eu estava perto o suficiente, mas por algum tempo, não houve motivo para prestar atenção. Eles conversavam sobre os vestidos, a música, as iluminações e a bela noite. Eu escutei na esperança de ouvi-los dizer: “Está um tempo calmo para a viagem dele; o *Antigua* (seu navio) navegará sem novidade.” Contudo, não houve qualquer observação desse gênero. Nem o *Antigua*, nem a sua viagem foram mencionados.

Talvez a conversa interessasse a Madame Walravens menos ainda do que a mim. Ela parecia inquieta, voltando a cabeça ora para um lado, ora para outro, olhando através das árvores e por entre a multidão, como se esperasse alguém e a demora a impacientasse. “*Où sont-ils? Pourquoi ne viennent-ils*”,

[348] ouvi-a murmurar mais de uma vez. E, por fim, como que determinada a obter uma resposta a esta pergunta – de que, até aqui ninguém parecia se importar, ela proferiu alto esta frase, uma frase bastante curta, bastante simples, mas que me fez estremecer:

– Messieurs et mesdames – disse ela. – Onde está Justine Marie?

“Justine Marie?” O que foi isso? Justine Marie – a freira morta – onde estava ela? Metida em seu túmulo, é óbvio. O que queria dela Madame Walravens? “Ai, Madame Walravens, a senhora irá até ela, mas ela jamais virá até Madame!”

Assim eu teria respondido, se me competisse responder, mas ninguém parecia ter a mesma opinião. Ninguém parecia surpreso, perplexo, assustado ou impressionado. A frase mais natural e mais vulgar respondeu a esta perturbadora pergunta da corcunda, a esta consulta da *bruxa de Endor*.

– Justine Marie – disse um deles – está chegando. Ela está no quiosque e já vem já.

A esta pergunta e resposta operou-se uma mudança no assunto daquela conversa familiar, vaga e natural. Insinuações, alusões, comentários passaram em redor do círculo, mas tudo tão vago, tão dependente de referências a pessoas não mencionadas ou a circunstâncias não definidas, que, por mais atentamente que eu escutasse – e eu escutava, agora, com um enorme interesse – não consegui distinguir de que esquema se tratava, relativo a essa fantasmagórica Justine Marie – morta ou viva. Esta junta familiar parecia querer agarrá-la de qualquer modo, por algum motivo. Parecia tratar-se de um casamento, de uma fortuna. Para quem, não consegui distinguir. Talvez para Victor Kint, talvez para Josef Emanuel – ambos solteiros. Uma vez eu pensei que aquelas alusões e gracejos caíam sobre um jovem estrangeiro loiro do grupo, a quem chamavam de Heinrich Mühler. No meio de toda a brincadeira, Madame Walravens proferia, contudo, de tempos em tempos, frases azedas e exasperadas. A sua impaciência era apenas distraída por uma vigilância implacável sobre Désirée, que não podia se mexer sem que a velha a ameaçasse com a bengala.

– *La voilà!* – de repente gritou um dos cavalheiros. – *Voilà Justine Marie qui arrive!* [349]

Este momento foi peculiar para mim. Recordei a freira do retrato na casa da cidade velha; a triste história de amor ainda estava presente em minha memória. Remeti-me à visão do sótão, à aparição do beco. Senti um estranho

pressentimento de descoberta, uma forte convicção do desfecho. Ah! Quando a imaginação corre desenfreada aonde é que vamos parar? Que árvore há aí tão nua e sem ramos, que animal tão rude e rasteiro que a fantasia, graças a uma nuvem que passa e a um raio hesitante de luar, não seja capaz de vestir de espiritualidade e fazer dele um fantasma?

A expectativa da solução daquele mistério oprimia o meu coração. Até então eu tinha visto aquele espectro obscuramente. Agora, o veria face a face. Inclinei-me para frente, eu olhei.

– Lá vem ela! – exclamou Josef Emanuel.

O círculo se abriu como para receber um novo e bem-vindo membro. Neste instante, passava, por acaso, alguém com uma tocha. O seu clarão ajudou o luar a iluminar melhor o desfecho que se aproximava. Por certo, alguns membros do grupo deviam estar sentido um pouco da ansiedade que eu sentia. O mais calmo deve ter, por um momento, suspenso a respiração.

Tudo passou! O momento e a freira chegaram. A crise e a revelação tinham passado.

O archote erguido na mão de um guarda do parque ardia ainda a um metro de distância. A sua longa língua de fogo quase lambe a figura da esperada. Lá estava ela, bem à minha vista! Como é ela? O que veste? Quem é ela?

Há muitas máscaras no parque esta noite e, como a hora é tardia, sinto espalhar-se uma estranha sensação de mistério e folia. O leitor não duvidará de mim se eu disser que ela era como a freira do sótão, que ela usava saia preta e touca branca, que parecia a ressurreição da carne e que era um fantasma ressuscitado.

Tudo falsidade! Tudo ficção! Não usarei este processo. Sejam honestos e sirvamo-nos, como até aqui, da verdade acolhedora.

Acolhedora, contudo, é uma palavra mal escolhida. O que eu vejo não é precisamente singelo. Está ali uma jovem de *Villette* – uma menina doce recém-saída de um *pensionnat*. É muito graciosa, com a beleza natural deste país. Parece bem nutrida, bela e cheia de carne. Suas bochechas são redondas, os olhos formosos, cabelo abundante e elegantemente vestida. Ela não está sozinha, ela vem acompanhada de três pessoas, duas de certa idade. Dirige-se a estas lhes chamando de tio e tia. Parece entusiasmada, ri e fala alegremente – uma rechonchuda beldade burguesa, sob todos os aspectos.

Tal é Justine Marie. Tal o fantasma e o mistério. Não que este último

estivesse resolvido – esta menina certamente não era a *minha freira*. A que eu vi no sótão e no jardim parecia um palmo mais alta.

Olhei para a beldade da cidade, olhei rapidamente para os respeitáveis tios. Eu não podia deixar de olhar para a terceira pessoa.

Apertei as mãos convulsivamente e suspendi a respiração. Peço-lhe apenas um momento, caro leitor, para me acalmar, pois as minhas mãos estão trêmulas.

Não é a primeira vez que eu encontro essa pessoa. Contive um grito, engoli a exclamação, retive o sobressalto. Tal como uma pedra não falei e nem me mexi. Mas eu sabia o que via. Através da névoa deixada nos meus olhos por muitas noites de choro, reconheci-o. Ela tinha me dito que ele partira no *Antigua*. Madame Beck assim o dissera. Ela mentiu, ou ela havia dito o que era uma vez a verdade e não desmentira quando se tornou falsa. O *Antigua* tinha partido e lá estava Paul Emanuel.

Sentia-me feliz. Uma enorme carga deixara meus ombros. Era razão para justificar a alegria? Eu não sei. Perguntem-me primeiro quais as circunstâncias que provocaram aquele atraso? Até que ponto me dizia respeito aquele adiamento? Não estavam ali aqueles a quem ele podia tocar mais de perto?

Afinal, quem poderia ser aquele jovem, aquela Justine Marie? Não era uma estranha, leitor. Eu a conhecia de vista. Ela visitava a *rue Fossette*. Tomou parte muitas vezes nas reuniões dominicais de Madame Beck. Ela é parente tanto dos Beck, quanto dos Walravens. O seu nome de batismo veio-lhe da santa freira que teria sido sua tia. O seu sobrenome é Sauveur. É herdeira e órfã, e *Monsieur* Emanuel é seu tutor. Dizem alguns que ele é seu padrinho.

O conselho familiar deseja que a herdeira se case com alguém desse grupo. Com qual deles? Pergunta vital.

Sentia-me, agora, muito contente pela doce droga que me ministraram tornando o quarto e a cama intoleráveis para mim. Sempre, através de toda a minha vida, gostei de penetrar na verdade. Gosto de buscar a deusa em seu templo, levantar o seu véu e enfrentar o seu olhar desafiador e pavoroso. Oh, titã entre as divindades! O teu perfil obscuro desaparecerá, muitas vezes, pela sua incerteza.

O grupo dos Walravens, agora mais numeroso, tornou-se alegre e animado. Os cavalheiros foram buscar refresco no quiosque e todos se

sentaram na relva sob as árvores. Eles beberam e saudaram à saúde de todos da família. Riram. Gracejaram. *Monsieur* Emanuel suportou algumas piadas maliciosas, especialmente da parte de Madame Beck. Eu logo deduzi que a sua viagem tinha sido temporariamente adiada por sua própria vontade, sem a interferência e até contra a opinião de seus amigos. Ele tinha deixado partir o *Antigua* e tinha tomado a sua vaga no *Paul et Virginie*, que deveria partir quinze dias depois. Era sobre o motivo desse adiamento que eles o arrelivavam e para o qual ele apenas vagamente indicava a resolução de um pequeno negócio em que se tinha empenhado. O que era esse negócio? Ninguém sabia. Sim, havia um que parecia, pelo menos, parcialmente, dentro de seu segredo. Um olhar significativo cruzou-se com o de Justine Marie.

– *La petite va m’aider, n’est-ce pas?* [350] – disse ele. E a resposta foi rápida.

– *Mais oui, je vous aiderai de tout mon coeur. Vous ferez de moi tout ce que vous voudrez, mon parrain.* [351]

E aquele querido *parrain* pegou sua mão e levou-a aos lábios, agradecido. Após essa demonstração de afeto, eu vi o loiro jovem germânico, Heinrich Mühler, impacientar-se, como quem se enfada. Resmungou algumas palavras, o que fez *Monsieur* Emanuel rir na cara dele. Com o triunfo implacável do vencedor, puxou ainda mais para perto de si a sua pupila.

Monsieur Emanuel estava, realmente, muito alegre naquela noite. Ele não parecia nem um pouco subjugado pela mudança iminente na sua vida. Ele era a verdadeira vida daquele grupo. Um tanto déspota, talvez determinado a ser o chefe, tanto na alegria como no trabalho, mas provando, indiscutivelmente, a cada momento, o seu direito de liderança. Era sua a palavra mais espirituosa, a anedota mais agradável, o riso mais franco. Sempre ativo, segundo a sua maneira, multiplicava-se em atenções para com todos. Mas – oh! – Eu via qual era a sua favorita. Eu vi aos pés de quem ele se sentara na relva, a quem ele protegia cuidadosamente do ar da noite, a quem animava e velava como se fosse a menina dos seus olhos.

As insinuações e as zombarias continuavam a cair sobre *Monsieur* Paul e eu deduzi que, enquanto ele estivesse ausente, trabalhando para os outros, esses outros, não de todo ingratos, lhe guardariam o tesouro que ele deixara na Europa. Que ele lhes trouxesse uma fortuna indiana e eles lhe dariam em troca uma jovem noiva e uma rica herança. Quanto à santa consagração, ao voto de constância, eram esquecidos: o presente viçoso e encantador

prevalecia sobre o passado. E, por fim, a sua freira estava enterrada.

Assim deveria ser. A revelação viera, com efeito. O pressentimento não tinha sido enganado em seu impulso. Há uma espécie de pressentimento que nunca é enganado. Fora eu que, por um momento, me enganara.

Eu podia ter refletido um pouco mais sobre o que via antes de tirar quaisquer conclusões. Alguns, talvez, tivessem considerado as premissas duvidosas, teriam examinado, incrédulos, antes de admitirem o projeto de um casamento entre um homem pobre e desinteressado, de quarenta anos, e a sua rica pupila, de dezoito. Mas, longe de mim tal evasão temporária do real, essa fuga covarde do terrível, rápido e dominante fato; essa fraca loucura de submissão a ele, único soberano, essa hesitante e falsa resistência ao poder, cuja missão é ir conquistar e vencer a deserção como traidora da verdade.

Não. Apressei-me a aceitar todo o plano. Estendi a minha mão e o levei para dentro de mim. Com uma espécie de raiva apressada, enrolei-o em volta de mim, como o soldado ferido no campo de batalha enrolava a bandeira em volta do seu peito. Invoquei a convicção para que me convencesse e trouxesse sobre mim a certeza – abominada, embora abraçada –, para que a fixasse com os mais fortes pregos que os seus golpes pudessem introduzir. E, quando o ferro tinha penetrado bem na minha alma, levantei-me e julguei-me renovada.

Na minha paixão, exclamei: “Verdade, você é boa para os que te servem fielmente!” Enquanto uma mentira me dominava, como eu sofria! Mesmo quando a falsidade ainda era doce, ainda lisonjeira e quente para a fantasia, para os sentimentos, devorava-me como um tormento de hora em hora. A persuasão de que a afeição estava ganha não podia separar-se do receio de que, a outro giro da roda, ela se perdesse. A verdade, no entanto, expulsou a falsidade, a lisonja e a expectativa, e aqui estava eu, livre.

Nada mais restava do que levar a minha liberdade para o meu quarto, transportá-la comigo para a minha cama e ver o que eu poderia fazer com ela. O jogo não estava ainda completamente terminado. Eu poderia ter esperado um pouco e observar por mais tempo a cena de amor sob as árvores, aquele namoro silvestre. Ainda que não tivesse havido nada de amor naquela demonstração, a minha fantasia era tão generosa, tão criativa, que ela poderia ter modelado para ela as mais salientes feições; dado a ela uma vida mais profunda e as mais fortes cores da paixão.

Mas, eu não queria mais olhar. Eu tinha tomado a minha decisão, não

iria violar a minha natureza. E, então, algo me rasgou tão cruelmente sob o meu xale, qualquer coisa se dilacerou tão fundo no meu peito, como se um abutre com o bico e garras afiados tivesse me agarrado sem piedade, que eu necessitava da solidão para lidar com aquilo.

Creio que até então eu nunca sentira a dor do ciúme. Não era como suportar os carinhos de Paulina e do doutor John, contra os quais, quando eu selava meus olhos e ouvidos, quando retirava dali os meus pensamentos, o meu senso de harmonia reconhecia algum encanto. Contudo, era diferente, o que eu presenciei foi um ultraje. O amor nascido da beleza não era meu. Eu nada tinha em comum com ele. Eu não teria coragem de mexer com ele, mas o outro amor, aquele que se aventurou timidamente a nascer, após um longo período de familiaridade, que foi consolidado pela dor, marcado pela constância, cimentado pela liga da pura e durável afeição, submetido pelo intelecto às provas da própria inteligência e, levado, finalmente, pelos seus próprios meios, a um estado de integridade sem lacunas: esse amor que se ria da paixão, com os seus frenesis e delírios de rápidos fulgores, neste amor eu tinha grande interesse e tudo que tendesse ao seu desenvolvimento ou à sua destruição, não podia me deixar impassível.

Afastei-me das árvores e do grupo alegre que se abrigava sob elas. A meia-noite passara havia muito; o concerto acabara e a multidão estava se dispersando. Segui a maré vazante. Deixei o radiante e bem iluminado parque, pois *Villette* parecia estar sempre iluminada como uma noite branca e procurei o meu obscuro bairro. Talvez não devesse dizer obscuro, pois o luar, esquecido no parque, flutuava aqui de novo. A lua ia alta, calma e imaculada. A música e a alegria daquela festa, o fulgor e as cores brilhantes daquelas luzes tinham-na dominado durante uma hora. Mas, agora, de novo, a sua glória e o seu silêncio triunfavam. As lâmpadas rivais morriam. Ela continuava a sua carreira, como um destino feliz. Tambor, trompete, corneta haviam soado e foram esquecidos. Com os seus raios, ela escrevia no céu e na terra registros para arquivos eternos. Ela e as estrelas pareciam, simultaneamente, ser as testemunhas de toda a minha verdade. O céu noturno iluminava o seu reino: com o seu lento progresso avançava a sua vitória – movimento progressivo que tem sido e será de eternidade a eternidade.

Estas ruas, que parecem oleadas, são muito calmas: gosto delas por sua humildade e sossego. Burgueses de volta para casa passavam por mim, mas esses grupos andavam a pé, faziam pouco ruído e passavam depressa. Gosto

tanto de *Villette* sob este novo aspecto que não voltaria de bom grado para debaixo do telhado se não fosse obrigada a levar a minha estranha aventura a bom termo e a alcançar pacatamente o meu leito no grande dormitório antes de Madame Beck voltar.

Só há uma rua entre mim e a *rue Fossette*. Ao entrar nela pela primeira vez, o som de uma carruagem rompeu o silêncio profundo do bairro. Vinha para este lado e vinha muito rápido. Quão alto soa seu chocalho na rua pavimentada! A rua é estreita, eu afastei-me cautelosamente para a calçada. A carruagem passou, ruidosa. Mas, o que eu vi, ou imaginei ver, quando ela passou por mim? Certamente qualquer coisa branca acenou da portinhola – uma mão agitando um lenço. Foi para mim aquele aceno? Fui, então, reconhecida? Quem poderia me reconhecer? Aquela não era a carruagem de *Monsieur De Bassompierre*, nem da senhora Bretton. Além disso, nem o hotel *Crécy*, nem *La Terrasse* estavam nessa direção. Bem, eu não tinha tempo para conjecturas. Tinha que me apressar e entrar em casa.

Ao chegar à *rue Fossette* e ao *pensionnat*, tudo estava tranquilo. Assim, nenhum *fiacre* tinha ainda chegado com Madame e Désirée. Eu tinha deixado a porta grande entreaberta. Encontrá-la-ia assim? Talvez o vento ou qualquer outra coisa a tivessem atirado com força suficiente para fazer saltar o trinco de mola. Nesse caso, seria impossível a minha entrada; a minha aventura redundaria numa catástrofe. Empurrei levemente a pesada porta. Cederia?

Sim. Cedeu. Tão silenciosa e complacente como se algum gênio terno tivesse esperado, num encanto de sésamo, dentro do vestíbulo. Entrei com a respiração suspensa, fazendo tudo rápido e sem ruídos, subindo as escadas, descalça, procurei o dormitório e alcancei a minha cama. Mais uma vez contive a respiração. No momento seguinte, quase soltei um grito – quase, mas não completamente, graças a Deus!

Por todo o dormitório, por toda a casa, reinava àquela hora um silêncio de morte. Tudo dormia, e em tal silêncio, parecia que ninguém sonhava. Estendidos nas dezenove camas estavam dezenove vultos, estirados e imóveis. Na minha – a vigésima – não deveria ter nada, pois eu a deixara vazia e assim deveria encontrá-la. O que eu via então entre as cortinas meio erguidas? O que era aquela forma estranha, comprida, escura e usurpadora? Um ladrão que entrou pela porta aberta e estava ali à espera? Fosse o que fosse era muito escuro e não parecia humano. Seria um cão errante que viera da rua e se arrastara se aninhando ali? Saltaria se eu me aproximasse?

Coragem! Mais um passo!

Senti a cabeça girando; sob a luz fraca da lamparina, estendida na minha cama, eu vi o velho fantasma: a freira!

Um grito, neste momento, poderia ter me arruinado. Fosse qual fosse o espetáculo, eu não podia me permitir à consternação, nem gritos, nem a desmaios. Além disso, eu não estava vencida. Temperada pelos últimos incidentes, os meus nervos desdenhavam a histeria. Quentes das iluminações, da música, da multidão, completamente fustigada por uma nova ousadia, eu desafiava os espectros. Em um momento, sem uma exclamação, precipitei-me para a cama assombrada. Nada saltou e nada se mexeu; todo o movimento era meu, era assim toda a vida, toda a realidade, a substância, a força – tal como sentira o meu instinto. Arrastei o pesadelo. Segurei-o no alto, rasguei o duende! Sacudi o mistério! E a freira caiu em torno de mim, em tiras e fragmentos. Pisei em cima dela.

Ali, ainda, eis a árvore sem ramos, o cavalo sem cavalaria; o véu de nuvens, o clarão bruxuleante do luar.

A freira era um travesseiro vestido com um longo hábito preto e artisticamente coberto com um véu branco. As vestes, na verdade, por estranho que possa parecer, eram genuínos trajes de freira e alguma mão as tinha disposto de forma a causar a ilusão. De onde vêm essas vestes? Quem preparara esse artifício? Estas questões ficaram sem respostas. A touca estava pregada com um alfinete e um pedaço de papel estava fixado nela. Escrito a lápis estavam as seguintes palavras de zombaria:

“A freira do sótão lega a Lucy Snowe o seu guarda-roupa. Ela não será mais vista na rue Fossette.”

Quem é que tinha me assombrado? Quem é que eu vira por três vezes? Nenhuma das mulheres que eu conhecia teria a estatura daquele fantasma. Aquilo não tinha altura de fêmea. A nenhum dos homens que eu conhecia, nem por momento, poderia ser atribuída semelhante maquinação.

Ainda mais intrigada, mas também completamente aliviada de todo o receio espectral e sobrenatural; pouco disposta a fatigar meu cérebro com o traste de um trivial enigma, embora insolúvel, juntei o hábito, a touca e as faixas e atirei-os para debaixo do travesseiro, deitei-me e ouvi as rodas do *fiacre* de Madame. Voltei-me, esgotada por muitas noites de vigília, vencida talvez pelo narcótico que atuava agora, adormeci, profundamente.

CAPÍTULO XL

O Casal Feliz

O dia seguinte a esta notável noite de verão provou que não era um dia comum. Não quero dizer que ele trouxe sinais no céu, ou presságios sobre a terra; nem me refiro aos fenômenos meteorológicos: tempestades, inundações ou ciclones. Pelo contrário, o sol nasceu alegre com cara de julho. A manhã teve a sua beleza adornada com rubis, encheu de rosas o seu colo, que caíram em chuveiros, colorindo os caminhos. As horas acordaram frescas como ninfas e, vazando sobre as colinas as suas gotas de orvalho, avançaram sem manto de vapor, sem sombras, azuis e gloriosas, conduziram os corcéis do sol num curso ardente e sem nuvens.

Em suma, era um belo dia, como os mais belos de que o verão se pode orgulhar. Mas, duvido se não seria a única habitante da *rue* Fossette que se importava ou se lembrava de reparar nesse fato agradável.

Outro pensamento ocupava todas as demais cabeças. Um pensamento que, de fato, tinha também o seu lugar em minhas meditações. Contudo, como esse pensamento dominante não consistia para mim uma completa novidade, um imprevisto e, especialmente, um mistério tão denso para a maioria dos meus colegas, eu estava mais livre para qualquer observação ou impressão à margem.

Ainda assim, enquanto passeava no jardim, sentindo o sol e reparando no vigor das plantas, meditei no assunto que toda a casa discutia.

Que assunto?

Apenas isto: quando chegou o momento das rezas matinais havia um lugar vago na primeira fila das internas. Quando foi servido o café, havia ainda uma xícara não reclamada. Quando a criada fez as camas, encontrou numa delas uma almofada colocada longitudinalmente, vestida com uma touca e uma camisa de dormir. E, quando a professora de música de Genevra Fanshawe veio, cedo como de costume, para dar a lição da manhã, aquela jovem talentosa e promissora, sua aluna, não compareceu.

De alto a baixo procurou-se por Miss Fanshawe. A casa foi remexida

do sótão ao porão. Em vão. Nem um vestígio, nem uma indicação, nem sequer um bilhete recompensou a busca. A ninfa desaparecera, sumida na noite anterior como uma estrela cadente engolida pelas trevas.

Profunda foi a consternação das professoras vigilantes, mais profundo o horror da diretora inadimplente. Nunca tinha visto Madame Beck tão pálida e abatida. Aquilo foi um rude golpe no seu ponto fraco, um prejuízo para os seus interesses. Como sucedera o triste acontecimento? Por qual saída escapara a fugitiva? Nenhuma janela fora encontrada aberta, nenhum vidro partido. Todas as portas estavam fechadas e seguras. Nunca, até hoje, Madame Beck obteve uma explicação para este ponto, nem nenhuma outra pessoa, exceto Lucy Snowe, que não podia esquecer como, para facilitar certo empreendimento, certa porta grande fora suavemente encostada, sem fecho ou qualquer outra segurança.

O estrondoso barulho de uma carruagem numa noite de lua cheia; assim como um sinal intrigante, um aceno com um lenço.

A partir dessas premissas e mais uma ou duas, só a mim acessíveis, eu podia tirar uma conclusão: foi uma fuga. Moralmente certa disso e vendo o profundo constrangimento de Madame Beck, comuniquei-lhe, finalmente, a minha convicção. Tendo aludido à corte de *Monsieur De Hamal*, descobri, como esperava, que Madame Beck sabia perfeitamente desse romance. Há muito ela o discutira com a senhora Cholmondeley e depusera a sua própria responsabilidade sobre os ombros daquela senhora. Para a senhora Cholmondeley e para *Monsieur De Bassompierre* agora ela tinha recorrido.

Descobrimos que todos no Hotel Crécy já estavam sabendo do acontecimento. Genevra tinha escrito à sua prima Paulina, aludindo vagamente a intenções matrimoniais. Tinham também recebido notícias da família de De Hamal. *Monsieur De Bassompierre* estava na pista dos fugitivos. No entanto, alcançou-os muito tarde.

No decorrer dessa semana, o correio me trouxe uma carta. É melhor transcrevê-la, pois contém a explicação de vários pontos.

“Querida e Velha Tim (abreviação de Timon)

Como vê, parti como um raio. Alfred e eu pretendíamos nos casar quase desde o princípio. Nunca fizemos questão de fazê-lo com os rituais monótonos das outras pessoas. Alfred é uma pessoa interessante demais para isso e eu também, Dieu Merci! Sabe, querida Tim, o Alfred – que costumava

chamá-la de ‘o dragão’ –, viu-a tantas vezes nos últimos tempos que ele passou até a se sentir bastante seu amigo e espera que não sinta muito a sua falta. Agora que ele se foi, encarrega-me de lhe pedir desculpas por um pequeno incômodo que lhe tenha causado, pois receia ter-lhe pregado um grande susto, quando, certa vez, lhe apareceu no sótão, precisamente na altura em que, aparentemente, a querida Timon lia uma carta muito interessante. Mas, ele não pôde resistir à tentação de assustá-la quando a viu tão embevecida pela sua correspondência. Ele me diz que também a assustou, enquanto esperava por mim, numa ocasião em que ia buscar um vestido ou um xale. Aconteceu no momento em que ele acendia um charuto. Perdão, querida Timon! Por essa altura começa a compreender que o conde De Hamal era a freira do sótão e que ia ver essa sua humilde serva, não é? Deve estar se perguntando como ele conseguia entrar na fortaleza de Madame Beck. Vou lhe dizer como. Você sabe, decerto, que ele tem entrada no Athénée, onde estudam dois ou três de seus sobrinhos, filhos de sua irmã mais velha, Madame de Melcy. Você sabe que o pátio do Athénée é do outro lado do muro alto que delimita a sua amada allée défendue. O Alfred sabe escalar tão bem como dançar ou esgrimir. O seu divertimento era invadir o nosso pensionnat, subindo primeiro no muro, depois, com o auxílio daquela grande árvore que fica sobre o caramanchão, escalava os edifícios mais baixos das nossas instalações – ele conseguia escalar a sua primeira classe e a sala grande. A propósito, uma noite, por sinal, ele caiu da árvore, derrubou alguns ramos, levou um grande susto e quase quebrou o pescoço. Além disso, quase foi pego por duas pessoas que passeavam no jardim. A partir da grande Salle, a subida não é difícil para a parte mais alta do edifício que termina no sótão, lógico. A claraboia, como sabe, fica sempre meio aberta, dia e noite, para entrar o ar. Por aí ele entrava. Há cerca de um ano contei-lhe, por acaso, a lenda da freira. Isso sugeriu-lhe a ideia romântica do disfarce espectral, que, deve concordar, ele realizou habilmente. Mas, não fosse o hábito negro e o véu branco da freira, teria sido muitas vezes apanhado, tanto por você como por esse tigre jesuíta, Monsieur Paul. Alfred, no entanto, considera a ambos admiráveis videntes e corajosos. O que me espanta mesmo é a sua descrição. Isso, sim! Mais que a sua coragem. Como pôde suportar as visitas daquela alma do outro mundo, tantas vezes, sem nunca gritar, sem contar para ninguém e alarmar toda a casa e a vizinhança? Oh! Conte-me, Timon. O que achou de ter uma freira

como companheira de cama? Fui eu quem a vesti. Não a vesti bem? Você gritou quando a viu? Eu teria enlouquecido! Mas, não tenho os seus nervos que são de ferro. Naturalmente, eu acredito que você não sentiu nada. Você não tem a mesma sensibilidade que uma pessoa da minha constituição tem. Parece-me insensível tanto à dor, ao medo e à tristeza. É, realmente, um Diógenes! Pois bem minha querida avozinha! Não está com raiva da minha fuga ao luar e com o estilo do meu casamento, não é? Asseguro-lhe que é muito divertido, e eu fiz, em parte, para despeitar essa presumida Paulina e aquele asno do doutor John. Quis mostrar-lhes que, com todos os seus ares, eu podia me casar tão bem como eles. Monsieur De Bassompierre estava, a princípio, furioso com Alfred. Ameaçou-o com um processo por desvio de menor e não sei o que mais. Falava tão abominavelmente a sério que eu me vi forçada a fazer um pouco de melodrama – a cair de joelhos, soluçar, chorar e encharcar três lenços. É claro que ‘mon oncl’ logo cedeu. Na verdade, para que servia fazer tanto barulho? Estou casada e isso é tudo! Ele ainda diz que o nosso casamento não é legal porque eu sou menor de idade. Como se isso fizesse qualquer diferença! Estou tão casada como se tivesse cem anos. No entanto, vamos nos casar novamente e vou ter um enxoval doado pela senhora Cholmondeley. Há ainda alguma esperança de que Monsieur De Bassompierre me dê um dote decente, o que será muito conveniente, porque o querido Alfred não tem nada, a não ser a sua nobreza, natural e hereditária e o soldo. Apenas desejo que meu tio faça as coisas incondicionalmente, generosa e cavalheirescamente. Ele é tão desagradável que faz depender o dote a um documento da parte de Alfred, no qual ele dará a sua promessa de não tocar mais em cartas ou dados a partir do dia em que o receber. Eles acusam o meu anjo de tendência para o jogo. Eu não sei nada sobre isso, mas tenho certeza de que ele é uma criatura adorável. Não tenho palavras para elogiar, convenientemente, a genialidade com a qual De Hamal planejou a nossa fuga. Que inteligente da parte dele escolher a noite da festa, em que Madame (pois ele conhecia seus hábitos conforme me disse) estaria, infalivelmente, no concerto no parque. Suponho que você deve ter ido com ela, pois a vi se levantar e sair por volta das onze horas. Por que voltou a pé e sozinha? Eis o que eu não posso conjecturar. Fiquei surpresa quando nós a encontramos na rue St. Jean. Você me viu acenar o meu lenço da janela da carruagem? Adeus! Alegre-se com a minha felicidade, felicite-me pela minha suprema ventura e acredite em mim, querida cínica e

*misanthropia, Timon. Na melhor saúde e espírito, sua dedicada,
Ginevra Laura De Hamal, neé Fanshawe.”*

“P.S. Lembre-se de que agora sou uma condessa. O papai, a mamãe e as minhas irmãs vão ficar encantados quando souberem. ‘A minha filha, a condessa! A minha irmã, a condessa!’ Bravo! Soa melhor do que a senhora John Bretton, hein?”

Ao findar as memórias de Miss Fanshawe, o leitor esperará, sem dúvida, ouvir dizer que ela veio a expiar amargamente as suas leviandades. Evidentemente, grande quinhão de sofrimento lhe está reservado para o seu futuro. Direi em poucas palavras o que mais eu soube a seu respeito.

Encontrei-a no fim da sua lua de mel. Veio visitar Madame Beck e mandou-me chamar à sala de visitas, atirando-se para os meus braços, rindo. Ela parecia feliz e formosa: seus cachos estavam mais longos, a face mais rosada e mais otimista do que nunca. O chapéu branco, o véu de renda de Flandres, a flor de laranjeira e o vestido de noiva ficavam-lhe prodigiosamente bem.

– Já tenho o meu dote! – gritou imediatamente (Ginevra pendia sempre para as coisas materiais. Sempre pensei que havia nela um bom elemento comercial, por muito que ela desprezasse a burguesia) –, e o tio De Bassompierre está inteiramente reconciliado. Eu não me importo que ele chame Alfred de imbecil (disse sussurrando), com a sua grosseira educação escocesa. Acredito que Paulina me inveja e que o doutor John está morrendo de ciúmes. Sinto-me tão feliz! Creio, realmente, que não tenho quase mais nada a desejar, a não ser uma carruagem, um palacete e, ah! Tenho de lhe apresentar o meu marido. Alfred, venha aqui!

E Alfred apareceu do salão interno onde estava conversando com Madame Beck e recebendo as felicitações misturadas às reprimendas daquela senhora. Fui apresentada sob os meus vários nomes: o Dragão, Diógenes e Timon. O jovem coronel foi muito educado. Apresentou-me, numa frase burilada, as suas desculpas pelas visitas da freira e, apontando para Ginevra, concluiu dizendo que “a melhor desculpa para todas as suas iniquidades estava ali!”

E, então, Ginevra mandou-o de novo para Madame Beck, tomou-me para si e começou, literalmente, a me sufocar com seus disparates juvenis e desenfreados, a sua alegria destemperada, e me mostrava, radiante, o seu

anel. Chamava a si mesma de “condessa De Hamal” e perguntava vinte vezes se soava bem. Eu falei muito pouco. Mostrei-lhe apenas a crosta e a casca da minha natureza. Não importava: ela não esperava de mim nada melhor. Conheciam-me muito bem para não esperar elogios e as minhas secas ironias satisfaziam-na. Quanto mais impassível e prosaica estava a minha atitude, mais ela ria.

Pouco depois do casamento, *Monsieur* De Hamal foi persuadido a deixar o exército como a forma mais segura de separá-lo de certos companheiros e fazê-lo abandonar certos hábitos. Foi-lhe arranjado um posto de adido e partiu para o estrangeiro com a sua jovem esposa. Pensei, então, que ela me esqueceria, mas tal não sucedeu. Durante muitos anos, manteve uma espécie caprichosa e irregular de correspondência. Durante o primeiro ou os dois primeiros anos, era só dela e de Alfred que ela falava. Depois Alfred passou para o segundo plano: ela e um recém-chegado prevaleceram. Um Alfred Fanshawe De Bassompierre De Hamal tomou o lugar do pai. Havia grandes alardes sobre esse personagem, extravagantes amplificações sobre milagres de precocidade, misturadas com veementes censuras contra a fleumática incredulidade com que eu as recebia. Eu não sabia “o que era ser mãe; criatura insensível que eu era, as sensibilidades de um coração materno eram grego e hebraico para mim”, e assim por diante. No devido tempo, aquele jovem cavalheiro teve as perturbações da dentição, o sarampo, a tosse convulsiva. Foi uma época terrível para mim, pois as cartas de Genevra tornavam-se um autêntico grito de aflição. Jamais uma mulher ficou tão transtornada por uma calamidade; nunca um ser humano necessitou tanto de compaixão. No início, fiquei assustada e escrevi pateticamente. Mas, logo descobri que havia mais choro do que tudo naquele negócio e voltei à minha natural insensibilidade. Quanto ao jovem mártir, resistiu cada tempestade como um herói. Cinco vezes aquele valente esteve em estado de morte e cinco vezes reviveu milagrosamente.

No decorrer dos anos, levantaram sinistros rumores contra Alfred primeiro. Foi necessário apelar para *Monsieur* De Bassompierre pagar dívidas, algumas delas daquela ordem triste e sombria chamada “dívidas de honra”. Queixas ignóbeis e dificuldades tornaram-se frequentes. A cada nuvem, não importa de que natureza, Genevra, como antigamente, gritava vigorosamente por socorro e compaixão. Ela era incapaz de enfrentar qualquer angústia sozinha. De uma forma ou de outra, ela tinha certeza de

obter o que desejava e assim continuava travando a batalha da vida por procuração e, ao fim, sofria menos que qualquer outro ser humano que eu já conheci.

CAPÍTULO XLI

O Subúrbio Clotilde

Devo, antes de terminar, dizer alguma coisa sobre a liberdade e a renovação que conquistei antes da festa daquela noite. Deverei contar como eu e estas duas valentes companheiras, que eu trouxe do parque iluminado para casa, suportamos a prova do conhecimento íntimo.

Coloquei-as à prova logo no dia seguinte. Elas tinham se gabado abertamente da sua força, quando me recuperaram do amor e da escravidão, mas quando eu lhes pedi ações, não palavras exigentes, alguma evidência de maior conforto, alguma experiência de uma vida mais aliviada, a liberdade se desculpou, pois no presente estava empobrecida e impossibilitada de me ajudar. E a renovação nunca falou: morrera subitamente naquela noite.

Não me restava mais nada, senão confiar secretamente que a conjectura tivesse me levado muito longe e muito depressa, a fim de suportar a hora opressiva das recordações desfiguradas pela magia falsificadora do ciúme. Depois de uma luta curta e vã, encontrei-me novamente cativa da antiga ansiedade.

Ainda o verei antes de ele partir? Será que ele pensa em mim? Será que ele pretende me visitar? Será neste dia? A que horas vai aparecer se é que virá? Eu sofria de novo a dor que corroía a alma, longamente, por causa de uma grande expectativa. Essa cruel agonia da ruptura final; essa angústia muda e mortal, que, de uma só vez, arranca a esperança e planta a dúvida, abala a vida, enquanto a mão que comete a violência não pode ser aplacada por carícias, pois a ausência interpõe sua barreira.

Era a festa da Assunção e as aulas foram suspensas. As internas e as professoras, depois de assistir à missa da manhã, tinham saído para dar um longo passeio e merendar no campo numa fazenda qualquer. Eu não fui com elas. Tinha, ainda, esperança de vê-lo. Faltavam apenas dois dias para a partida de *Paul et Virginie* e eu agarrava à minha última chance como um náufrago se agarra ao último cabo ou jangada.

Havia qualquer trabalho de marcenaria para fazer na primeira classe,

alguns bancos ou mesa para reparar. Os feriados eram muitas vezes aproveitados para estas operações, que não podiam ser executadas com as salas cheias de alunas. Estava sentada solitária, com o propósito de passar para o jardim, mas muito apática para cumprir a minha própria intenção, quando ouvi os operários chegando.

Os operários estrangeiros fazem tudo aos pares. Eu acredito que seriam necessários dois carpinteiros *Labassecourien* para pregar um prego. Enquanto amarrava a fita do meu chapéu, que pendera da minha mão ociosa, pensei ter escutado vagamente outros passos. Notei, também, como os prisioneiros nas masmorras, que têm tempo de notar as coisas mais insignificantes, que aquela pessoa usava sapatos em vez de tamancos. Concluí que deveria ser o mestre-carpinteiro vindo para inspecionar o serviço antes de enviar seus artífices. Pus o lenço em volta de mim. Ele avançou, abriu a porta. Eu estava de costas e senti um pequeno estremeamento, uma sensação curiosa, muito rápida e transitória para ser analisada. Virei-me para falar com o mestre-carpinteiro, mas olhando para a porta, eu vi um vulto que e os meus olhos imprimiram em meu cérebro a imagem de *Monsieur Paul*.

Importunamos o céu com centenas de preces que ficam sem respostas. Mas, pelo menos uma vez na vida, cai no nosso colo, um presente dourado – uma benção cheia, brilhante e perfeita que vem dessa fábrica de prazer.

Monsieur Paul Emanuel usava o traje com que, provavelmente, se propunha a viajar: um casaco comprido e preto, com gola de veludo. Julguei-o preparado para partir imediatamente e sabia, contudo, que ainda faltavam dois dias antes de o navio zarpar. Parecia bem disposto. Olhou-me com alegria. Estava doce e amável, gentil e benigno. Tudo nele era amizade. Talvez fosse o seu noivado que o iluminasse daquela forma. Fosse qual a causa, eu não poderia ir encontrar aquele sol como uma nuvem. Se este era o meu último momento com ele, eu não iria desperdiçá-lo com uma frieza forçada, uma distância não natural. Eu o amava. Amava-o muito para não expulsar do meu caminho o meu próprio ciúme, se este viesse obstruir uma despedida cordial. Uma palavra amável dos seus lábios ou um olhar suave dos seus olhos me fariam bem para toda a vida que me restava; seria conforto no último aperto da solidão. Eu provaria daquele elixir e o orgulho não derramaria a taça.

A entrevista seria curta, é claro: ele me diria exatamente o que tinha dito a cada uma das alunas, ele iria tomar e segurar a minha mão durante dois

minutos, tocara a minha face com seus lábios pela primeira, última e única vez. Depois... nada mais. Então, de fato, a separação final, a longa ausência, o enorme abismo que eu não poderia transpor para ir até ele e através do qual, por acaso, ele não iria olhar para não se lembrar de mim.

Monsieur pegou na minha mão com uma das suas e com a outra ele afastou o meu chapéu. Olhou para o meu rosto, o seu sorriso luminoso desapareceu, os seus lábios exprimiram algo, quase como se fosse uma linguagem sem palavras de uma mãe que encontra inesperadamente um filho muito mudado, quebrado pela doença ou desgastado pela necessidade. Sobreveio, porém, um contratempo.

– Paul! Paul! – gritou uma apressada voz de mulher. – Paul, venha ao salão. Tenho, ainda, muitas coisas a lhe dizer. Conversa para um dia inteiro. O Victor também. Josef está aqui. Venha, Paul, venha para junto de seus amigos.

Madame Beck, trazida ali pela vigilância ou por um inescrutável instinto, quase se lançava entre mim e *Monsieur* Emanuel.

– Venha, Paul! –, ela insistiu, fitando-me com um olhar duro, como um raio ou um estilete de aço. E empurrava o seu parente. Eu pensei que ele fosse recuar. Pensei que ele iria com ela. Então, com uma dor mais funda do que eu poderia suportar, desafiei a supressão, chorei e gritei:

– O meu coração vai quebrar!

O que eu sentia naquele momento parecia, literalmente, que o meu coração iria se quebrar. Mas, o selo de outra fonte cedeu sob o peso. Uma palavra de *Monsieur* Paul, um sussurro, “confie em mim”, tirou-me uma carga, abriu uma válvula. Com muitos soluços, profundos, com comoção, com tremores e, ainda, com alívio, eu chorei.

– Deixe-a comigo. É uma crise! Vou dar-lhe um calmante e isso vai passar – disse a calma Madame Beck.

Ser entregue a ela e ao calmante pareceu-me o mesmo que ser deixada à envenenadora e sua taça. E quando *Monsieur* Paul respondeu, lacônico, porém profunda e duramente: – Deixe-me – senti nesse som áspero, duro, uma estranha música: forte e animadora.

– Deixe-me! – repetiu ele, de narinas dilatadas e todos os músculos faciais tremendo, enquanto falava.

– Mas, isto não tem jeito – disse Madame, com severidade. Porém, mais severamente voltou seu parente:

– Saia daqui. Agora.

– Vou mandar chamar o *père* Silas. Vou já mandá-lo chamar – ameaçou ela, pertinaz.

– *Femme!* – gritou o professor, não em tom grave, mas excitadíssimo. – *Femme! Sortez à l’instante!* [352] –. Ele estava exaltado e eu o amava assim, na sua ira, com uma paixão para além da que, até então, eu já tinha sentido.

– Você está errado, Paul – prosseguiu Madame –, o que está fazendo é característico de homens de seu temperamento imaginativo, pessoas em quem não se pode confiar. Isso é um passo impulsivo, imprudente, insensato e inconsistente. Um procedimento vexatório, que não merece o respeito das pessoas de caráter mais firme e resoluto.

– Você não sabe o que há em mim de firme e de resoluto – disse ele –, mas há de sabê-lo. Os fatos vão ensiná-la. *Modeste* – continuou, menos feroz – seja gentil, seja piedosa, seja humana. Olhe para este pobre rosto e compadeça-se. Você sabe que eu sou seu amigo e amigo de seus amigos; apesar das suas provocações, você bem sabe que pode confiar em mim. Não coloquei dificuldades em me sacrificar, mas o meu coração sofre pelo que vejo. Eu preciso ter e dar consolo. Deixe-me! Agora!

Desta vez, havia neste “*deixe-me*” uma entonação tão amarga, tão imperativa, que eu não supus que a própria Madame Beck pudesse, por um momento, tardar em obedecer. Mas, ela se manteve firme, olhou para ele, destemida. Suportou-lhe o olhar, dura como uma pedra. Ela estava abrindo os lábios para replicá-lo e eu vi levantar uma chama no rosto de *Monsieur* Paul. Mal posso dizer como ele conseguiu, mas, sem parecer violento, manteve a cortesia, estendeu a mão, que mal pareceu tocar-lhe. Mas, ela saiu da sala como um furacão. Em um segundo ela tinha partido e a porta estava fechada.

O fogo da cólera passara muito depressa. Ele sorriu quando me disse para enxugar os olhos. Esperou em silêncio até que eu me acalmasse, dizendo-me, de vez em quando, uma palavra de alívio e de consolação. Dentro em breve eu me sentei ao lado dele, mais calma e era eu novamente, sem desespero nem desolação; não mais me sentindo sem amigos, nem sem esperança, nem farta da vida e desejando morrer.

– Está muito triste em perder o seu amigo? – perguntou ele.

– Mata-me ser esquecida, *Monsieur* – disse eu. – Em todos esses fastidiosos dias não recebi uma palavra sua e estava desolada com a possibilidade, que se tornava uma certeza, de que partiria sem me dizer

adeus!

– Devo dizer o que eu disse a Madame Beck? Que você não me conhece? Quer que lhe mostre o meu caráter? Você precisa de uma prova de que eu posso ser um amigo fiel? Sem uma prova clara na mão não estará sossegada, nem confiará no meu ombro como um apoio seguro? Muito bem. Essa prova está pronta. Eu vim para me justificar.

– Diga-me o que quiser, mostre-me o que quiser, prove-me o que planejou, agora posso ouvi-lo, *Monsieur!*

– Então, em primeiro lugar, você deve sair comigo para a cidade, a uma boa distância daqui. Eu vim de propósito para buscá-la.

Sem questionar o que ele queria dizer, sem sondar o seu plano ou oferecer qualquer sombra de objeção, amarrei de novo o meu chapéu e estava pronta.

O caminho que ele tomou era pelas avenidas. Várias vezes me fez sentar nos assentos sob as árvores. Não me perguntava se eu estava cansada, mas olhava e tirava as suas próprias conclusões.

– Em todos estes fastidiosos dias – disse ele, repetindo as minhas palavras, imitando amavelmente a minha voz e sotaque estrangeiro, o que não era novo em seus lábios, mas cujo ar de gracejo não feria, nem mesmo quando acompanhado pela afirmação de que, por melhor que eu escrevesse a sua língua, falava e sempre falaria de modo imperfeito e hesitante. – Em todos esses dias fastidiosos não me esqueci um só minuto de você. As mulheres fiéis erram nisso, julgam-se as únicas criaturas fiéis. Para ser franco comigo mesmo, eu também até pouco tempo, mal ousava confiar em alguém. Mas... olhe para mim.

Ergui os meus olhos felizes. Eles eram felizes, agora, ou não teriam sido intérpretes do meu coração.

– Bem – disse ele, depois de alguns segundos de escrutínio –, não há como negar essa assinatura. Com constância a escreveu. A sua pena é de aço. Foi dolorosa a gravação? – ele indagou.

– Severamente dolorosa – disse eu, com a verdade. – Afaste a mão, *Monsieur*, eu não posso suportá-la mais.

– *Elle est toute pâle* – disse ele, falando para si mesmo: – *Cette figure là me fait mal.*[\[353\]](#)

– Ah! Não sou agradável de olhar?

Não pude deixar de dizer isso. As palavras vieram espontaneamente.

Eu não me lembro do tempo em que não me preocupava com qual pudesse ser o grau da minha deficiência exterior; esse medo oprimia-me, agora, com uma força especial.

Uma grande suavidade passou pelo seu semblante. Seus olhos cor de violeta brilharam rasos de lágrimas sob espessas pestanas.

– Vamos caminhar – disse ele, levantando-se.

– Desagrado muito aos seus olhos? – ganhei coragem para lhe perguntar. Este ponto era para mim de vital importância.

Ele parou, deu-me uma resposta curta e forte. Uma resposta que me silenciou, venceu-me e satisfez-me profundamente. Depois disso, fiquei sabendo para sempre o que eu era para ele. E o que pudesse ser para o resto do mundo deixou de me preocupar dolorosamente. Era fraqueza atribuir tanta importância a uma opinião sobre a minha aparência? Temo que possa ser, mas devo confessar que, neste caso, não era pequena a minha fraqueza. Devo confessar que possuía um grande temor de desagradar e um forte desejo de agradar moderadamente a *Monsieur Paul*.

Por onde vagueamos, mal sei. A nossa caminhada foi longa, mas pareceu-me curta. O caminho era agradável, o dia lindo. *Monsieur Emanuel* falava de sua viagem. Calculava que ficaria longe por três anos. Em seu retorno de *Guadalupe*, acreditava estar livre de todas as responsabilidades, tendo diante dele um caminho aberto.

O que eu fazia durante a sua ausência? Perguntou ele. Eu tinha falado a ele certa vez, e ele me lembrou naquele instante, que tentaria ser independente e que tinha o sonho de montar uma escola só minha. Ele perguntou se eu havia desistido daquela ideia?

Na verdade, eu não tinha desistido, respondi. Eu estava fazendo o meu melhor para economizar e colocar a ideia em prática. Ele disse que não gostaria de me deixar na *rue Fossette*. Ele temia que eu sentisse muito a sua falta, que me sentisse desolada... triste.

Era verdade, mas prometi fazer o meu melhor para suportar.

– Ainda assim – disse ele, falando baixo –, há outra objeção à sua residência atual. Eu gostaria de lhe escrever de vez em quando. E não suportaria qualquer incerteza sobre a garantia da entrega das cartas. Na *rue Fossette*... em suma, você conhece a forma de disciplina da diretora em certos assuntos... embora, às vezes, justificável e prudente. Bem, ela vai, possivelmente, interceptá-las. Eu sei que é um abuso, mas com você lá, eu

nada poderei fazer para evitá-lo.

– Mas, se me escrever – disse eu –, eu tenho que receber as suas cartas. Vou tê-las. Dez, vinte diretoras não as tirarão de mim. Eu não vou suportar esse tipo de disciplina. Isso, não, *Monsieur!*

– *Doucement – doucement* [354] – interrompeu ele. – Vamos arranjar um plano. Temos os nossos recursos: *soyez tranquille*. [355]

Assim falando, ele fez uma pausa.

Tínhamos chegado, agora, a um asseado subúrbio, onde as casas eram pequenas, porém pareciam agradáveis. *Monsieur* Paul detivera-se diante da porta de uma casa que parecia muito aconchegante.

– Vou aqui – disse ele.

Sem bater na porta, tirou um molho de chaves do seu bolso, abriu-a e entrou imediatamente. Fez-me entrar também e fechou a porta atrás de nós. Não apareceu nenhuma criada. O vestíbulo era pequeno como a casa, mas recém-pintado e com bom gosto e terminava numa porta de vidro, cujos painéis eram beijados por folhas de parreira. O silêncio reinava naquela habitação.

Abrindo uma porta interior, *Monsieur* Paul mostrou-me uma sala de visitas muito pequena, mas eu achei-a muito bonita. Suas paredes eram delicadas, estavam tingidas com uma cor rosada e o chão estava encerado. Ao centro, havia um tapete quadrado. A pequena mesa redonda brilhava como o espelho sobre a lareira. Havia um pequeno sofá, uma pequena *chiffonnière*, cuja porta, forrada de seda encarnada e meio aberta, mostrava porcelana nas prateleiras; um relógio francês, um candeeiro e vários ornamentos colocados com cuidado e amor. No vão da única e larga janela, havia uma mesinha verde, com três vasos, também verdes, cada um com uma planta e uma flor. Em uma esquina, via-se uma jardineira com tampa de mármore sobre a qual estavam uma caixa de costura e um copo com violetas. A janela da sala estava aberta e o ar circulava trazendo frescor, ao qual, as doces violetas emprestaram sua fragrância.

– Que lindo! Que lindo lugar! – exclamei eu. *Monsieur* Paul sorriu por me ver tão feliz.

– Devemos sentar e esperar aqui? – perguntei em um sussurro, meio impressionada com o silêncio profundo que permeava aquele agradável lugar.

– Primeiro vamos espreitar mais um ou dois cantos desta casa – ele respondeu.

– *Monsieur*, pode tomar a liberdade de andar pela casa toda? – eu perguntei.

– Sim, eu posso – disse ele, em voz baixa e indicou o caminho. Mostrou-me uma pequena cozinha com um fogareiro e forno; com louça de cobre brilhante, duas cadeiras e uma mesa. Num pequeno armário havia um também pequeno conjunto de louças.

– Há um conjunto de chá de porcelana na sala – disse *Monsieur* Paul, ao perceber que eu olhava para os seis pratos verdes e brancos, as quatro travessas, as xícaras, os jarros e todo o conjunto.

Conduzida ao andar superior por uma escada estreita, porém impecável, foi me permitido um vislumbre de dois bonitos quartos. Finalmente, descendo de novo, paramos com certa cerimônia diante de uma porta maior do que as demais e que, até então, não tinha sido aberta.

Pegando uma segunda chave do molho, *Monsieur* Paul abriu-a e colocou-me na sua frente.

– Aqui está! – exclamou.

Encontrei-me numa sala ampla, escrupulosamente limpa, embora nua, em comparação com aqueles cômodos que eu tinha visto até então. As tábuas bem esfregadas não tinham tapete. Continha duas fileiras de bancos verdes e mesas, com um corredor ao centro que terminava num estrado, com uma cadeira de professor e uma mesa; atrás delas, um quadro. Nas paredes pendiam dois mapas; nas janelas floriam algumas plantas viçosas, enfim, ali era uma miniatura de uma sala de aula: completa, limpa e agradável.

– É, então, uma escola? – perguntei. – Quem a dirige? Nunca ouvi falar de um estabelecimento neste lugar.

– Quer ter a bondade de aceitar alguns prospectos para distribuir em favor de um amigo meu? – perguntou ele, tirando do bolso do casaco alguns desses documentos e entregando-os na minha mão. Olhei e li o impresso em belos caracteres.

“*Externat de demoiselles. Numéro 7, Faubourg Clotilde, Directrice, Mademoiselle Lucy Snowe.*” [356]

E o que foi que eu disse a *Monsieur* Paul Emanuel?

Certos momentos da nossa vida são difíceis de recordar. Alguns pontos, crises, certos sentimentos, alegrias, dores e espantos, quando pretendemos revê-los, impressionam-nos como coisas confusas, rodopiando como uma roda célere.

Não posso lembrar-me melhor dos pensamentos ou das palavras dos dez minutos que se seguiram a esta surpresa do que da experiência do meu primeiro ano de vida. E, contudo, a primeira coisa distinta para mim é a consciência de que eu estava falando muito rápido, repetindo muitas vezes:

– Você fez isso, *Monsieur* Paul? Esta casa é sua? Mobiliou-a? Mandou imprimir estes papéis? É a mim que se refere? Eu sou a diretora? Existe outra Lucy Snowe? Diga-me. Diga-me algo!

Contudo, ele não falava. Seu silêncio era satisfeito; o seu olhar risonho, doce, meigo e realizado.

– Que é isto? Eu preciso saber de tudo, tudo... – e chorei.

O pacote com os papéis caíram no chão. Ele tinha estendido a mão para contê-lo, mas ele o agarrou para mim e esqueci-me de tudo o resto.

– Ah! Você disse que eu a tinha esquecido todos aqueles dias fastidiosos – disse ele, sorrindo. – Pobre e velho Paul Emanuel! São estes os agradecimentos que recebe por correr três extenuantes semanas do pintor para o estofador, do marceneiro para a mulher da limpeza, com Lucy e a casa para Lucy como únicos pensamentos em sua mente!

Eu mal sabia o que fazer. Acariciei primeiro o veludo macio de seu punho, depois a mão que ele rodeava. Era a sua visão, a sua bondade, a sua silenciosa, forte e eficaz bondade que me dominavam. Era a certeza de seu interesse infatigável que caía sobre mim como uma luz do céu. Era – por que não dizê-lo – o seu olhar terno e amigo que me abalava, agora, de maneira indescritível. No meio de tudo, forcei-me a olhar para a parte prática.

– O custo disso tudo? Eu não tenho dinheiro, *Monsieur* Paul! – exclamei.

– Tenho o dinheiro, Lucy – disse ele com entusiasmo. – A minha saída da conexão de ensino me deu posse de uma soma considerável. Com parte dela, tomei a decisão de lhe oferecer o maior prazer que jamais conheci ou conhecerei. Eu gosto disso! Eu esperava por este momento dia e noite ultimamente. Eu não queria me aproximar de você porque eu não seria capaz de guardar segredo. A reserva não é uma das minhas virtudes nem meu vício. Se eu tivesse arriscado, perante as suas perguntas e olhar: “Onde *Monsieur* esteve? O que tem feito? Qual é o seu mistério?” O meu segredo, o meu primeiro e último segredo para você, minha querida Lucy, teria caído em seu colo. Agora – ele prosseguiu – você deve morar aqui e ter uma escola, vai trabalhar enquanto eu estiver fora e pensará em mim de vez em quando.

Cuidará da sua saúde e da sua felicidade por amor a mim. E quando eu voltar...

Aqui ele fez uma pausa.

Prometi fazer tudo o que ele desejava. Prometi trabalhar duro e de bom grado. – Eu serei a sua fiel administradora – disse eu. – Espero que, à sua chegada, a conta esteja saldada. *Monsieur*, como é bom para mim!

Nesta linguagem inadequada os meus sentimentos lutavam para encontrar a expressão, mas não conseguia. O discurso frágil e rígido, frio como o gelo estalava ou fundia-se no esforço. Ele me observava calmamente. Levantou a mão e, gentilmente, acariciou os meus cabelos e tocou-me os lábios ao passar. Beije aquela mão, paguei-lhe o meu tributo. Ele era o meu rei; real tinha sido para mim a generosidade daquela mão. Prestar-lhe homenagem era, ao mesmo tempo, uma alegria e um dever.

As horas da tarde tinham passado e a hora mais sossegada do pôr do sol sombreava o calmo *faubourg*. *Monsieur* Paul reivindicou a minha hospitalidade: atarefado e de pé desde a manhã, precisava de descanso e estava faminto. Eu ofereci a ele chocolate no meu lindo conjunto de porcelana branca e dourada. Ele saiu e encomendou o que era necessário no restaurante. Depois, colocou a mesinha e duas cadeiras na varanda, embaixo da janela francesa. Com que tímida alegria eu aceitei o meu papel de dona de casa, arranjei a bandeja, servi o meu hóspede e benfeitor!

A varanda ficava na parte de trás da casa e à nossa volta estendiam-se os jardins do *faubourg*, campos mais para além. O ar estava tranquilo, suave e fresco. Acima dos álamos, dos loureiros, dos ciprestes e das roseiras espreitava uma lua tão linda e tão calma que o coração estremecia perante o seu sorriso. Perto dela, brilhava uma estrela com uma cintilação em que não havia inveja do puro amor. Em um grande jardim perto de nós, corria a água de uma fonte e uma estátua pálida inclinava-se sobre o jorro d'água.

Monsieur Paul falava comigo. A sua voz era de tal forma modulada, que se misturava, harmoniosa, ao murmúrio do vento, ao sussurro, ao suspiro musical em que a leve brisa, a fonte, as folhagens entoavam, embaladoras, as suas vésperas.

Hora feliz, fique por mais um momento! Abaixе essas penas, descанse essas asas; inclina para mim a sua frente celestial. Anjo branco! Deixe ficar a sua luz, deixe o seu reflexo sobre as nuvens que passam; lega a sua alegria ao tempo que lá vai.

A nossa refeição foi simples: chocolate, pão, cerejas e morangos sobre folhas verdes. Mas, foi para nós melhor do que um banquete e eu senti um prazer indescritível em servir *Monsieur* Paul. Perguntei-lhe se os seus amigos, o *père* Silas e Madame Beck, sabiam o que ele tinha feito, se tinham visto a minha casa.

– *Mon amie* – disse ele –, ninguém sabe o que eu fiz a não ser nós dois. O prazer é reservado a nós, sem que ninguém dele partilhe ou profane. Para falar a verdade, houve nisto, para mim, um prazer, tão requintado que não poderia torná-lo vulgar, comunicando-o. Além disso (sorrindo), eu queria provar a Miss Lucy que eu podia guardar um segredo. Quantas vezes ela zombou de mim, acusando-me da falta da digna reserva e da necessária discrição! Quantas vezes ela, atrevidamente, insinuou que tudo o que me dizia respeito era o segredo de *Polichinelo*!

Era bem verdade: eu não o tinha poupado naquele ponto nem, talvez, em nenhum outro em que ele fosse vulnerável. Que magnífico espírito, que grande coração o daquele homem imperfeito e querido! Merecia candura e, da minha parte, sempre a terá.

Continuando no meu interrogatório, perguntei a quem pertencia a casa, quem era o meu senhorio, quanto era o aluguel. Ele imediatamente me deu estas indicações por escrito. Ele havia previsto e preparado tudo.

A casa não era de *Monsieur* Paul – isso eu adivinhara. Ele não era homem que se tornasse proprietário. Suspeitava nele uma ausência lamentável da faculdade de economia. Era capaz de ganhar, mas não de guardar. Precisava de um tesoureiro. A casa pertencia a um cidadão na *Basse-Ville* – homem rico segundo *Monsieur* Paul e sobressaltou-me, acrescentando: – Um amigo seu, Miss Lucy, uma pessoa que tem por você o maior respeito.

E, para minha agradável surpresa, descobri que o proprietário era ninguém menos do que *Monsieur* Miret, o mal-humorado e bondoso livreiro que me arranjava tão gentilmente um assento naquela noite memorável no parque. Parece que *Monsieur* Miret era, na sua categoria, rico, além de muito respeitado e possuía várias casas neste bairro. O aluguel era modesto, talvez metade do que teria custado uma casa de igual tamanho mais perto do centro de *Villette*.

– E, então – observou *Monsieur* Paul –, se a fortuna não a favorecer, embora eu não creia que isso se suceda, a satisfação de pensar que você está

em boas mãos já é muita coisa. *Monsieur* Miret não é explorador. O aluguel do primeiro ano você o tem; depois, Miss Lucy deve confiar em Deus e em si mesma. Mas, agora, o que vai fazer para arranjar as alunas?

– Tenho que distribuir meus prospectos.

– Certo! Para não perder tempo, dei um ao *Monsieur* Miret ontem. Não se importa em começar com três burguesinhas, as *demoiselles* Miret? Elas estão ao seu dispor.

– Não se esquece de nada, *Monsieur*. É admirável e maravilhoso. Importar-me? Vou ter orgulho de receber as filhas de *Monsieur* Miret em minha escola.

– Além dessas – prosseguiu ele –, há outra aluna que virá diariamente para ter aulas de inglês e, como ela é rica, pagará bem. É a minha afilhada e pupila, Justine Marie Sauveur.

O que é um nome? O que são três palavras? Até este momento eu tinha escutado com viva alegria e respondido com animação. Aquele nome gelou-me. Três palavras me emudeceram. O efeito eu não podia esconder e, na verdade, nem tentei escondê-lo.

– Que há agora? – perguntou ele.

– Nada.

– Nada! Seu semblante mudou. Empalideceu. Nada! Você deve estar doente. Sente alguma dor? Diga-me o que é.

Eu não tinha nada para dizer.

Ele aproximou mais a cadeira. Não se zangou, embora eu continuasse silenciosa e gelada. Ele tentou me fazer falar; pediu com perseverança, esperou com paciência.

– Justine Marie é uma boa menina – disse ele –, é dócil e amável; não é muito inteligente... mas há de gostar dela.

– Creio que não. Acho que ela não deve vir aqui.

Esse foi o meu discurso.

– Você está me confundindo? Você a conhece? Mas, na verdade, há algo. Está de novo pálida como cera. Conte-me. Confie em Paul Carlos. Diga-me o que tem, o que a faz sofrer.

A sua cadeira tocou na minha; a sua mão avançou discretamente e tomou a minha: – Conhece Justine Marie? – perguntou ele novamente.

O nome, pronunciado de novo por seus lábios, impressionou-me inexplicavelmente. Não me prostrou, não foi isso, mas exatamente o oposto,

excitou-me, mexeu comigo e meu sangue correu ardente e célere em minhas veias, lembrando-me uma hora de dor cortante, muitos dias e noites de desespero. A despeito de ele estar, agora, sentado ao meu lado, a despeito de ele ter há muito tempo enlaçado a sua vida na minha, a despeito da assimilação que se operara nas nossas afeições e nos nossos espíritos, a simples sugestão de qualquer interferência, de qualquer separação, só poderia ser ouvida com uma excitação, um grito impetuoso, uma desdenhosa resolução, uma ira e uma resistência, cuja chama nenhum olho humano ou faces conseguiam esconder, cujo grito nenhuma língua habituada à verdade podia calar.

– Quero dizer-lhe uma coisa – disse eu. Quero dizer-lhe tudo.

– Fale, Lucy, chegue perto de mim e fale. Quem a estima mais do que eu? Além de mim, quem será seu amigo?

Falei. Tudo escapou dos meus lábios. Não me faltavam, agora, as palavras; contei rápido; narrei fluentemente a minha história. Voltei à noite no parque. Aludi à droga que me fora ministrada, pois me fora dada, o seu efeito, como me incitara, como ela tinha rasgado o meu descanso, tirado o travesseiro de debaixo da minha cabeça; abalado-me; levado-me à rua com o chamariz de uma vívida e solene fantasia – uma solidão de uma noite de verão, sentada na relva, sob as árvores, junto a um lago frio e profundo. Descrevi-lhe o cenário, a multidão, as máscaras, a música, as luzes, o esplendor, os sinos soando nas alturas. Pormenorizei tudo o que tinha encontrado, reconhecido, ouvido e visto. Como o tinha visto e observado, como tinha escutado, o que tinha ouvido e conjecturado; toda a história, em suma, verdadeira, literal, ardente e amarga.

Enquanto eu falava, em lugar de me interromper, ele incitava-me a prosseguir, encorajava-me com gestos, o sorriso e a meia-palavra. Antes que eu chegasse ao meio da narração, prendeu-me ambas as mãos, consultou os meus olhos com um olhar mais penetrante. Havia qualquer coisa nesse olhar que não tendia a me acalmar nem me fazer calar. Ele se esqueceu de sua própria doutrina, abandonou o seu sistema de repressão quando eu quase o desafiava a exercê-lo. Eu creio que eu merecia uma forte repreensão. Mas, temos nós tudo que merecemos? Eu merecia severidade, ele deu-me indulgência. A mim mesma, eu parecia arrogante e irracional, pois fechava a minha porta para Justine Marie, ele sorria, traindo prazer. Irritada, com ciúmes e altiva, nem eu sabia, até então, ser capaz de semelhantes paixões,

ele recolheu-me junto ao seu coração. Eu era cheia de defeitos, ele desculpou a todos e a mim. Para o momento de maior revolta, reservou a frase mais doce. Estas palavras acariciaram os meus ouvidos:

– Lucy, aceite o meu amor. Compartilhe um dia da minha vida. Seja para mim a mais querida, a primeira na terra.

Voltamos para a *rue* Fossette ao luar – o luar como o que iluminava o Eden – brilhando através das sombras do jardim do paraíso e dourando, talvez, um caminho glorioso para uns passos divinos – uma presença sem nome. Homens e mulheres, alguma vez na vida, voltam a esses primeiros dias que os nossos primeiros pais conheceram e provam desse glorioso orvalho da manhã, banhando-se no seu sol.

Durante a caminhada, *Monsieur* Paul disse-me como Justine Marie Sauveur tinha sido sempre considerada por ele como filha e como, com o seu consentimento, estava noiva há alguns meses de um rico comerciante alemão, um tal de Heinrich Mühler, e devia casar-se no decurso de um ano. Alguns dos parentes e amigos de *Monsieur* Emanuel teriam gostado, com efeito, que ele se casasse com ela, a fim de que a fortuna ficasse na família. Para ele, o plano era repugnante e a ideia totalmente inadmissível.

Chegamos à porta de Madame Beck. O relógio de *Ste. Jean Baptiste* marcava vinte e uma horas. A esta hora, nesta casa, há dezoito meses, este homem, ao meu lado, curvou-se para mim e leu o meu destino. Esta mesma noite ele havia novamente se curvado, olhara e decretara. Que diferente o olhar! Que diferente o destino!

Julgava-me nascida sob a sua estrela. Parecia ter espalhado sobre mim os seus raios como uma bandeira. Outrora desconhecido e não amado, achei-o duro, estranho: a baixa estatura, a magreza, seus traços, a pele trigueira, os modos, tudo nele me desagradou. Agora, penetrada pela sua influência e vivendo pelo seu afeto, sentindo o seu valor pela inteligência e pela sua bondade de coração, eu o preferia a toda a humanidade.

Separamo-nos: ele me fez a sua promessa e depois me disse adeus.

No dia seguinte, Paul Emanuel partiu.

CAPÍTULO XL

O Fim

O homem não pode profetizar e o amor não é um oráculo. Às vezes, o medo imagina coisas vãs. Aqueles anos de ausência, como eu sofri com a expectativa! A dor que eles deviam me trazer parecia-me tão certa como a morte. Eu conhecia a natureza de seu curso. Nunca duvidei de que me atormentariam enquanto passassem.

O rolo compressor erguia a sua horrenda carga. Ao vê-lo se aproximar, enterrando suas largas rodas no solo oprimido, eu sentia, antecipadamente, a pressão aniquiladora.

Por estranho que pareça – estranho, mas verdadeiro, e possuindo muitos paralelos na experiência da vida – a antecipação desse esmagamento provou, sim, quase uma tortura. O grande rolo compressor, em sua grande carruagem, aproximou-se imponente, ruidoso e mal-humorado. Passou calmamente como a sombra que varre o céu ao meio-dia. Além de uma escuridão arrepiante nada mais foi visto ou sentido. Eu olhei para cima. A carruagem e o demônio que a conduzia tinham passado, mas a devota ainda vivia.

Monsieur Emanuel esteve ausente por três anos. Leitor, estes foram os anos mais felizes da minha vida. O leitor rirá desse paradoxo? Ouça-me. Inaugurei a minha escola. Trabalhei duro. Considerava-me administradora da sua propriedade e, determinada, decidi, se Deus quisesse, prestar-lhe boas contas. As alunas vieram: burguesas no início; de classes mais elevadas, em breve. Em meados do segundo ano, uma chance inesperada me atirou cem libras nas mãos. Um dia recebi da Inglaterra uma carta contendo essa soma, vinda de *Mr. Marchmont*, o primo e herdeiro de minha querida patroa morta. Ele estava se recuperando de uma doença perigosa e o dinheiro era um sacrifício propiciatório à sua consciência que o reprovava, a propósito de não sei que papéis ou memorandos encontrados após a morte de sua parenta, nomeando ou recomendando Lucy Snowe. A senhora Barrett havia lhe dado o meu endereço. Até que ponto ele pecara contra a sua consciência, nunca

perguntei. Não fiz perguntas, mas guardei o dinheiro e o tornei útil.

Com aquelas cem libras, aventurei-me a alugar a casa adjacente à minha. Eu não queria deixar a que *Monsieur* Paul escolhera, onde me deixara e onde esperava me encontrar novamente. Dessa forma, a minha escola passou a ser também um *pensionnat*, que também prosperou.

O segredo do meu sucesso não estava tanto em mim, em qualquer dote pessoal, como num novo estado de circunstâncias, numa vida maravilhosamente mudada, num coração desoprimido e aliviado. A mola que movia a minha energia estava lá longe, para além dos mares, em uma ilha indiana. Na despedida, fora-me deixado um legado: tal pensamento para o presente, tal esperança para o futuro, tal motivo para um trabalho perseverante, ativo, laborioso, empreendedor, paciente e corajoso, que eu não podia desanimar. Poucas coisas podiam, agora, me abalar. Poucas coisas tinham importância para me irritar, intimidar ou deprimir. Quase tudo me agradava. Meras bagatelas tinham o seu encanto.

Não pense o leitor que essa chama genial se sustentava ou vivia inteiramente de uma esperança ou de uma promessa de despedida. Um provedor generoso fornecia abundante combustível. Foi-me poupado o frio, a escassez; não me deixara recear a penúria; não fui posta à prova com a ansiedade. Por todos os barcos, ele me escrevia. Ele escrevia dizendo como estava e como me amava, às mãos cheias, generosamente e completo de coração. Escrevia-me porque ele gostava de escrever. Não abreviava porque ele não gostava de abreviar. Sentava-se, pegava na pena e no papel porque ele amava Lucy e tinha muito a lhe dizer. Porque era fiel e atencioso, porque era terno e verdadeiro. Não havia nele embuste, nem impostura, nem oca fantasia. A desculpa nunca deixava sair dos seus lábios o seu óleo escorregadio, nunca proferia, pela sua pena, covardes hipocrisias e mesquinhas nulidades.

As suas cartas eram alimento verdadeiro que nutria, água viva que refrescava. Eu era grata a ele? Deus sabe! Creio que nenhum ente tão lembrado, tão amparado, tratado de um modo tão constante e tão nobre, poderia deixar de ser grato até a morte.

Agarrado à sua própria religião (não havia nele a matéria de que é feito o fácil apóstata) deixou-me livremente à minha própria fé. Ele não me provocou e nem tentou. Disse-me apenas: “Continue protestante, minha inglesinha puritana. Gosto do protestantismo em você. Eu gosto do seu

encanto severo. Há qualquer coisa no seu ritual que eu não posso aceitar, mas é o único credo de Lucy.” Ele tinha nascido honesto e não falso; simples e não astuto; homem livre e não escravo. A sua ternura o tornava matéria em mãos maliciosas. O seu afeto, a sua devoção, o seu sincero e piedoso entusiasmo cegavam, por vezes, os seus olhos benevolentes. Levavam-no a abandonar a justiça para consigo mesmo, para realizar o trabalho da astúcia e servir aos fins do egoísmo. Mas, são falhas que se encontram tão raramente e que custam tão caro àquele que as comete que não sabemos se um dia elas não serão contadas entre as pedras preciosas.

E, agora, os três anos se passaram. O retorno de *Monsieur* Emanuel está fixado. Estamos no outono, ele estará comigo antes dos nevoeiros de novembro. A minha escola prospera, a minha casa está pronta e eu arranjei-lhe uma pequena biblioteca, enchi suas prateleiras com os livros que ele deixara aos meus cuidados; cultivei por amor a ele (naturalmente não sou florista) as plantas que ele preferia e algumas delas estão em flor. Eu julgava que o amava quando ele partiu, eu o amo, agora, em um grau superior. De alguma forma, tornamo-nos íntimos. Ele, agora, me pertence mais.

O sol passa o equinócio, os dias encurtam, as folhas amarelecem, mas ele está vindo.

As geadas aparecem à noite; novembro enviou seus nevoeiros com antecedência, o vento geme, mas ele está vindo.

O céu estende-se pesado e negro – uma nuvem ligeira foge do Ocidente, as nuvens tomam formas singulares, estranhas, em forma de arcos e largas radiações; surgem manhãs resplandecentes, reais, claras como o rei com toda a sua pompa. Os céus são uma chama, tão ardentes que rivalizam com a batalha no seu auge, tão sangrentas que desonram a vitória no seu orgulho. Eu conheço alguns sinais do céu que me habituei a observar desde a infância. Meu Deus! Proteja aquela embarcação. Vele por ela. Oh! Proteja-o!

O vento se desloca para oeste. Paz! Paz! *Banshee*, por que lamenta à minha janela? Por que gritas que este vento vai aumentar? Por que geme longamente?

Por mais que eu vagueie pela casa esta noite, não consigo aplacá-lo. A sua força aumentava à medida que passavam as horas. À meia-noite, todos que velavam sem sono escutaram e receram uma brava tempestade.

Aquela tempestade rugiu furiosa por sete dias. Ela não cessou até que o Atlântico estivesse coberto de destroços. Só amainou quando as águas e as

profundezas se fartaram até a saciedade. O anjo destruidor não quis fechar as suas portas até ter atingido sua obra perfeita.

Paz! Silêncio! Oh! Mil carpideiras chorando em agonia sobre as praias ansiavam por aquela voz que não vinha e que só veio quando alguns já não a podiam ouvir. Só voltou o sol quando a sua luz era, para alguns, a noite eterna.

Aqui uma pausa: uma pausa de uma só vez. Já disse o bastante. Não perturbarei mais os corações bondosos. Deixemos a esperança às imaginações ensolaradas. Ele está vindo!

Deixe-me conceber a embriaguez da alegria que renasce bem fresca de um terror profundo; o êxtase perante a salvação do perigo; a paz maravilhosa, depois da angústia, a satisfação do regresso. Deixe-me aguardar uma união e uma vida feliz.

Madame Beck prosperou até o fim de sua vida. O *père* Silas também. Madame Walravens cumpriu seu nonagésimo ano antes de morrer. Adeus!

FIM

APÊNDICE / GLOSSÁRIO

Capítulo 6

I: Boue-Marine: Charlotte Brontë esconde alguns comentários ácidos, irônicos, humorísticos e até satíricos dentro de algumas das palavras francesas usadas em *Villette*. Como Lucy Snowe viaja para a França, ela está se dirigindo a dois confeccionados lugares franceses (que são, possivelmente, alegorias para lugares reais no país da Bélgica). “Boue-Marine”, significa “lama do mar”. Brontë quis injetar um pouco de humor e ironia, informando ao leitor (e esnobando os narizes de quem não conhece as palavras em francês, ou que deixam de procurar seus significados) que Lucy não está caminhando para a felicidade paradisíaca esperada.

II: Cabaça de Jonas: A autora se referiu ao profeta Jonas, da Bíblia (Jonas Cap: 4), quando Deus o mandou ir a Nínive falar ao povo dos seus pecados e, no regresso, ele estava em um deserto: “Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente, e ali fez uma cabana, e se assentou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade.” (vs. 5) O sol estava escaldante naquele dia, o Senhor fez uma cabaça crescer para dar sombra para Jonas, “E fez o Senhor Deus nascer uma aboboreira, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de livrá-lo do seu enfado; e Jonas se alegrou em extremo por causa da aboboreira.” (vs. 6).

III: Catedral anglicana de *St Paul’s Cathedral* foi construída no século XVII. Sua cúpula é a segunda maior do mundo e dela se tem uma visão ampla de Londres.

IV: *Devaneios são delírios do demônio*: Esta parte da obra mostra um lado de Charlotte Brontë, arraigado, valores aprendidos com o pai, o reverendo Patrick Brontë, sobre religião, Deus e o diabo. Referências desses valores estão por toda a obra. Não só neste, mas em todos os livros da autora.

V: Estige e em Caronte: Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro do Hades que carrega as almas dos mortos sobre as águas dos rios Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Quem não tinha dinheiro para pagar a travessia, geralmente, colocando-o dentro ou

sobre a boca dos cadáveres, de acordo com a tradição funerária da Grécia Antiga, não tinham seus corpos enterrados e tinham que vagar pelas margens por cem anos. A autora, provavelmente, fez uma referência aqui da “Descida aos Infernos”, Eneida, Canto VI, de Virgílio, no século I A.C.

VI: Estoicismo é uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas no início do século III A.C. Os estóicos ensinavam que as emoções destrutivas resultavam de erros de julgamento, e que um sábio, ou pessoa com “perfeição moral e intelectual” não sofreria dessas emoções.

VII: Margate: Estância costeira no condado de Kent no Sudoeste da Inglaterra.

VIII: “Paredes de pedra não fazem uma prisão, nem barras de ferro, uma jaula”: poema *To Althea from Prison* de Richard Lovelace (1618-1658).

IX: *Paternoster Row*: Rua estreita no sentido norte-sul da Rua Brushfield para Dorset Street. Na Era Vitoriana tinha um grande comércio de livros e era considerado o coração literário de Londres.

X: *Temple Gardens*: Um jardim, de três hectares, que se encontra no interior de um recinto com amplos gramados, uma coleção rara e incomum de árvores. É um paraíso no coração tumultuado de Londres.

XI: Quaker: Nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. São conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade.

Capítulo 7

I: *Albion*: Mais antigo nome conhecido da ilha da Grã-Bretanha. Hoje, ele ainda é usado, às vezes, de forma poética para se referir à ilha. Também pode ser usado para se referir à língua inglesa.

Capítulo 8

I: *Cockney*: A autora se referiu a um habitante da *East End* de Londres, também conhecida simplesmente por *East End*. Esta, no século XIX, era uma área localizada a Leste da muralha medieval e ao norte do rio Tâmesa. O uso do termo, em sentido pejorativo, começou no final do século XIX, quando a expansão da população de Londres levou à extrema superlotação de toda essa área e uma concentração de pobres e imigrantes. Na época em que a autora escreveu *Villette*, por volta de 1853, ser chamado de cockney era dizer que a pessoa tinha um dialeto distinto ou era ignorante de modos rústicos.

II: Senhora *Barbauld*: Anna Laetitia Barbauld, 20 de junho de 1743 a 09 de março de 1825. Foi uma proeminente poetisa inglesa, ensaísta, crítica

literária, editora e autora de livros infantis.

Capítulo 9

I: Zéfiro: Vento do Oeste, segundo a mitologia grega. É também considerado uma brisa suave e agradável, pois era o mais suave de que todos os ventos tidos por benfazejo, frutificante e mensageiro da primavera.

Capítulo 10

I: imagem de ouro do rei Nabucodonosor: O Rei Nabucodonosor fez uma estátua de ouro, cuja altura era de sessenta côvados, e a sua largura, de seis côvados; levantou-a no campo de Dura, na província de Babilônia. Fonte: Bíblia, livro de Daniel: Cap: 3:1.

Capítulo 12

I: Jael a Sísera: Juízes 4 e 5, da Bíblia, narra a história de uma mulher decidida e corajosa, cujo nome, Jael, significava “cabra selvagem ou montês”. E a própria Bíblia diz, em Juízes 5:24, que ela era bendita entre as mulheres nas tendas. Ela não era judia e, juntamente, com seu marido Héber, fazia parte de uma tribo nômade. “... Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda, e lançou mão de um martelo, e chegou-se mansamente a ele (Sísera), e lhe cravou a estaca na frente, de sorte que penetrou na terra, *estando* Sísera, porém, num profundo sono, e *já* muito cansado; e *assim* morreu” (Juízes 4:21). Segundo a Bíblia Israel estava em guerra contra Canaã e Jael exterminou o último representante dos inimigos do povo de Deus.

II: Nastúrcios: Gênero de plantas aquáticas, da família das Crucíferas, com talo suculento liso e flores brancas.

III: Saint-Jean-Baptiste: Como *Villette* é um livro, notavelmente, autobiográfico, Charlotte Brontë, provavelmente, estava se referindo à Catedral, Igreja, Mosteiro, St-Jean Baptiste du Béguinage, em Bruxelas

Capítulo 13

I: Conrad e Isabel da Hungria: Santa Isabel da Hungria, chamada também de Isabel da Turíngia. Nasceu em 1207, na Hungria. Casou-se com o duque da Turíngia e após a sua morte, em 1227, foi expulsa do castelo pelos dois cunhados, um deles chamado Conrado. A duquesa e filha de rei foi obrigada a passar a noite com seus quatro filhos num chiqueiro.

II: *Grisettes*: Mulheres da classe trabalhadora a partir do final do século XVII. Permaneceu em uso até a *Belle Époque*, embora com algumas modificações em seu significado. Derivou-se de *gris* (*cinza em francês*) e refere-se ao tecido cinza barato dos vestidos que essas mulheres

originalmente usavam. A edição de 1694 do Dicionário da Academia Francesa descreveu uma grisette simplesmente como “uma mulher de condição humilde”. Na edição de 1835, do mesmo dicionário, o seu estado tinha subido um pouco. Ela foi descrita como: “Uma jovem trabalhadora que é provocante e sedutora.”

III: Meribá: “*Provei-te nas águas de Meribá*” Sl 80:7. Meribá significa *contenda*, murmuração. No livro de Êxodo, cap 17, é citado como sendo um lugar, situado no deserto de Sim, a caminho para o monte Horebe. Também é chamado de Massá. Recebeu estes nomes, após terem acampado ali os israelitas. O lugar é muito seco, sem fontes de água, por esse motivo, “murmuraram e contenderam contra Moisés” (v.2).

IV: *Mause Headrigg*: A autora se refere a personagens do romance de Sir Walter Scott, *Old Mortality* ou Mortalidade Vellha, que se passa entre os anos de 1679 a 1689, no sudoeste da Escócia, e publicado em 1816. *Old Mortality* é considerado um dos melhores romances de Scott.

V: Sargento Bothwell: Personagem do romance de Scott.

Capítulo 14

I: Cabo Horn: É o ponto mais meridional da América do Sul. Encontra-se na Ilha de Hornos, no Chile. Até a abertura do Canal do Panamá era passagem obrigatória da rota dos navios que viajavam ao redor do globo. As condições de navegação são severas: fortes ventos e clima muito frio, média de 5 C. As condições locais são muito rudes, principalmente no inverno.

II: Epicuro: Filósofo Grego do período helenístico cuja filosofia era atingir a felicidade, estado caracterizado pela ausência de dor física, preocupações ou imperturbabilidade da alma. Ele buscou na natureza as balizas para o seu pensamento: o homem, a exemplo dos animais, busca afastar-se da dor e aproximar-se do prazer.

III: Expressão. “Mostrar ao pobre Caim um pouco do Paraíso e depois escorraçá-lo”. A autora se referiu a uma passagem bíblica na qual Caim mata seu irmão Abel: Gênesis 4:8 – “Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou.”

Capítulo 15

I: Fénelon: François Fénelon (1651 a 1715) foi um teólogo Católico Apostólico Romano, poeta e escritor francês, cujas ideias liberais sobre política e educação esbarravam nas leis da Igreja e do Estado. Pertenceu à

Academia Francesa de Letras. Graças à sua simplicidade, doçura e caridade, Fénelon obteve considerável sucesso na tarefa da conversão de grande número de fiéis. Não escapou, no entanto, de algumas críticas. É que as alas mais radicais da Igreja atacaram seus métodos de conversão, as quais ele ignorou.

II: Verão de São Martinho: Expressão que veio de uma lenda e teve influência na questão meteorológica, utilizada em alguns países da Europa, para designar a sucessão de dias mais quentes, que ocorrem na primeira quinzena de novembro, próximo ao dia de São Martinho. É normal que, em novembro, um anticiclone se instale na Europa Ocidental (vale lembrar que S. Martinho era Francês.)

Capítulo 16

I: *Bedreddin Hassan*: Personagem de *Mil e Uma Noites* – Noureddin Ali e Bedreddin Hassan (2). “O venerável ancião dirigiu a ele. – Meu filho – disse ele. – Você deve estar enganado, pois como poderia estar a noite passada no Cairo e esta manhã em Damasco?”

Capítulo 17

I: Benjamim: Do Hebraico: “Binyâmîn”, filho da mão direita, filho do Sul ou filho preferido. Segundo narra a Bíblia, o filho mais novo de Jacó, ou Israel, com sua mulher Raquel, que morre no seu parto. Benjamim foi o único irmão por parte de mãe de José, que se tornaria mais tarde governador do Egito. Foi da descendência de Benjamim que surgiu o primeiro rei de Israel, Saul.

II: Bottom: Personagem de “*Sonho de Uma Noite de Verão*”, de *William Shakespeare*, que veste uma pele de burro e por quem Titânia se apaixona.

III: Titânia: Rainha das fadas na peça: “*Sonho de Uma Noite de Verão*”, de *William Shakespeare*.

IV: John Bull: Originou-se do doutor John Arbuthnot, em 1712, e é uma personificação nacional da Grã-Bretanha, em geral, e da Inglaterra, em particular, especialmente em charges e trabalhos gráficos semelhantes. Ele é geralmente descrito como um forte, de meia-idade e alegre.

Capítulo 18

I: Cornucópia: Corno da abundância, símbolo da produtividade da natureza. Na mitologia grega, há duas histórias sobre sua origem. Em uma, Hércules e um deus fluvial tiveram uma disputa. Quando o rio assumiu a

forma de um touro, Hércules arrancou um de seus cornos e o encheu de flores para a deusa da abundância. Segundo outro relato, o menino Zeus teria se alimentado com o leite de uma cabra. Zeus deu um dos cornos da cabra para suas amas, como uma lembrança por seus cuidados. O corno era capaz de se encher de qualquer coisa que seu dono desejasse.

Capítulo 19

I: *Abre-te, Sésamo*: A frase mágica usada por Ali-Babá em “As Mil e Uma Noites” era a senha para que a porta do esconderijo dos 40 ladrões se abrisse automaticamente. Mais do que o mistério de como essa espécie de controle remoto das arábias funcionava, a frase guarda outro segredo: o que é sésamo? Na verdade, a expressão “abre-te, sésamo” é uma metáfora que significa “abre-te como um sésamo se abre”. O sésamo em questão é o gergelim, planta que se abre devagar liberando suas sementes. Assim, o que Ali dizia ao chegar em casa era: “Abre-te, gergelim”. A confusão acontece no Brasil porque as traduções da história que chegaram aqui, no século XIX, estavam em português europeu. E, de lá para cá, ninguém se lembrou de perguntar: afinal, quem é esse tal de “Sésamo?”

II: *Idiosincrasia*: Palavra de origem grega que designa um temperamento peculiar, um comportamento estranho ou diferente do usual e do comum.

III: Fornalha de Nabucodonosor: A autora se referiu ao livro de Daniel, da Bíblia, capítulo 3: de 19 a 26: “Então, Nabucodonosor se encheu de fúria e, transtornado o aspecto do seu rosto contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, ordenou que se acendesse a fornalha sete vezes mais do que se costumava. Ordenou aos seus homens... que os lançassem na fornalha de fogo ardente. Então, estes homens foram atados com os seus mantos, suas túnicas e chapéus e suas outras roupas e foram lançados na fornalha sobremaneira acesa... Estes três homens... caíram atados dentro da fornalha... Então, o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa, e disse aos seus conselheiros: Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei. Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses.”

IV: Hespérides: Jardim, na mitologia grega, que era a morada das deusas primaveris que levam o mesmo nome.

V: *Shetland*: Raça pônei originária das ilhas de *Shetland*, um

arquipélago da Escócia que fica ao Nordeste da Grã-Bretanha.

Capítulo 20

I: Cariátide: Figura humana, geralmente feminina que ornamentava as fachadas de edifícios da Grécia antiga, e tem a função de suporte da cornija (moldura que arremata o entablamento de uma coluna. Ornatos salientes na parte superior de parede, porta, pedestal.

II: Fídias: Maior escultor grego do período clássico sobre o qual existem pouquíssimas informações. Trabalhou entre os anos 490 e 430 A.C. em Atenas. Três princípios estéticos definem a sua obra escultórica: a majestade das figuras, a graça e a elegância das roupagens e a impressão de movimento. Fídias fez as três esculturas da deusa Atena: a Atena Prômacos; a Atena Lêmnia e a Atena Pártenos.

III: Jacó ou Esaú: A autora se referiu à história do livro de Gênesis, parte integrante da Bíblia. Trata da relação entre os filhos gêmeos de Isaque e Rebeca. Segundo a tradição, o filho primogênito tinha direitos exclusivos. Dentre os gêmeos, o que nascera primeiro fora Esaú. A mãe tinha preferência pelo mais novo, Jacó, chegando a planejar junto com ele, para enganar o pai que estava velho e já não enxergava bem. Jacó, por conselho de sua mãe, fugira para uma terra distante, para a casa de seu tio Labão. Esaú queria matá-lo por vingança. Quando chegou a Padã-Arã, encontrou-se com Raquel, filha de seu tio e a amou. “Depois disse Labão a Jacó: acaso por seres meu parente, irás servir-me de graça? Diga-me qual será teu salário?” Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha os olhos baços, porém Raquel era uma mulher bonita de porte e semblante. Jacó amava a Raquel, e disse: “Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel”. Respondeu Labão: “Melhor é que eu ta dê em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo”. Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos.

Capítulo 21

I: *Bas-bleu*: A expressão vem da palavra *bluestocking* (sabichona) século XIX, para descrever uma mulher letrada. A palavra é traduzida do inglês, *meia azul* e inicialmente prevista para os frequentadores de um salão literário dirigido por uma mulher, Elizabeth Montagu (1720-1800).

II: Nebo: Pelo contexto, a autora se referiu a um dos montes mais elevados da região montanhosa de Abarim, na terra de Moabe – este é o nome histórico de uma faixa de terra montanhosa ao longo da margem oriental do Mar Morto que, atualmente, é a Jordânia. Na Idade Antiga

pertencia ao Reino dos Moabitas, um povo que estava frequentemente em conflito com os seus vizinhos Israelitas, a Oeste. Os Moabitas são um povo histórico, cuja existência é atestada por diversas descobertas arqueológicas. Foi do monte Moabe que Moisés (patriarca bíblico), antes de morrer, pôde ver a terra de Canaã (terra prometida por Deus ao povo de Israel que era escravo no Egito). Quando Brontë menciona: “olhos atentos sobre a nuvem e sobre a coluna que subjagam enquanto guiam e, enquanto elas iluminam, inspiram também um respeitoso terror, reprimem o impulso para a louca idolatria e o ardente desejo de uma longínqua terra prometida...” ela se referia ao povo de Israel no deserto a caminho da terra prometida citado na Bíblia. (Deuteronômio 32.49; 34.1-6).

III: *Pas de Géant*: Calçada dos Gigantes, na Irlanda. A autora se referia a um tipo de pavimento hexagonal.

Capítulo 22

I: *Hebdomadário*: Relativo à semana; que se realiza toda semana.

Capítulo 23

I: *Cimitarra de Saladino*: Arma refinada, fina e leve. Sua origem é normalmente encontrada na Pérsia, mas também na Índia durante os séculos XIII e XIV. Sem dúvida, sua longa lâmina curva foi concebida para acabar com as investidas do inimigo e cortar profundamente. Saladino foi um dos grandes governantes do mundo islâmico (1138 a 1193). Foi sultão do Egito, da Síria e entre seus domínios estiveram a Palestina, Mesopotâmia, Iêmen, Líbia e outros.

II: *Hebe*: Deusa da juventude na Mitologia Grega.

III: *Paul Peter Rubens*: Importante pintor barroco do século XVII, considerado por muitos historiadores como um dos principais pintores do barroco europeu.

IV: *Rimom*: Um arcanjo decaído, um demônio inferior. [Fonte: “Dic. Dos Anjos”, Gustav Davidson (1967)].

V: *Sirius*: Estrela mais brilhante. Pode ser vista a partir de qualquer ponto da Terra.

VI: *Tofete*: Termo usado no Antigo Testamento da Bíblia Hebraica para designar um lugar onde se praticava ritos horríveis de sacrifício humano, da imolação de crianças ao deus pagão Baal e outros ídolos abomináveis. Também conhecido como: “lugar de assar” e “Inferno”.

VII: *Pítia*: A pítia ou pitonisa, cujo significado é *serpente*, era a

sacerdotisa do templo do Apolo na Grécia Antiga e era amplamente renomada por suas profecias.

VIII: *Phillis*: A autora se referia à *Phillis Wheatley*, uma negra que se tornou escritora. Nasceu na África, provavelmente Senegal, em 1753, e quando tinha oito anos foi sequestrada e levada para Boston. Lá, em 1761, John Wheatley lhe comprou para serva pessoal de sua esposa, Susanna. Como era o costume da época, foi dada a ela o sobrenome da família. Uma vez que *Phillis* demonstrou suas habilidades, os Wheatleys, claramente uma família de cultura e educação, permitiram que ela estudasse. Impressionados com o seu rápido aprendizado, eles também lhe ensinaram História, Latim, Mitologia e Literatura Clássica. Ela publicou vários poemas e, em 1773, uma coleção deles foi publicada em Londres.

IX: *Vashti*: Rainha e primeira esposa do rei Assuero no livro de Ester, da Bíblia Sagrada. Ela foi banida por sua recusa em aparecer no banquete do rei e Ester foi escolhida, entre o povo judeu, para sucedê-la como rainha.

Capítulo 24

I: *Antípoda*: Habitante de um lugar da Terra diametralmente oposto ao de outro lugar.

II: *Arganz*: Pequeno animal roedor arborícola, pertencente à família dos Glicerídeos, que habita na Europa, Ásia e África. Tem hábitos noturnos e se alimentam de frutas, sementes, flores e insetos. Durante o inverno costuma hibernar.

III: *Barmecidas*: Família de nobres persas de grande influência política durante o reinado dos califas. Charlotte Brontë se referia aqui em abundância.

IV: *Davi*: A autora se referiu ao maior rei de Israel, sucedendo o rei Saul por volta de 1050 A.C.

V: *Papoila*: Papoila ou papoula é uma flor vermelha cultivada para ornamento. Suas sementes são a fonte do ópio e dos seus derivados químicos: morfina e heroína.

VI: *Saul*: A autora citou o primeiro rei do antigo reino de Israel A.C.

Capítulo 25

I: *Caledônios e gaélicos*: Caledônia é a região setentrional da ilha da Grã-Bretanha e correspondente ao território atual da Escócia. A língua gaélica escocesa chegou à Escócia no século V D. C, quando os celtas, provenientes do norte da Irlanda, assentaram na costa ocidental, levando uma variedade do gaélico que substituiu a antiga língua dos pictos falada na região

até então (daí a semelhança com o gaélico irlandês). Os pictos eram antigos habitantes da Escócia que estabeleceram seu próprio reino e lutaram contra os romanos na Britânia.

Capítulo 26

I: *Aberdeen*: Cidade da Escócia e importante porto do Mar do Norte.

Capítulo 28

I: *Burel*: Tecido grosseiro de lã, cujos hábitos das religiosas eram feito, assim como as roupas de luto.

Capítulo 29

I: *Basilisco*: Serpente com uma coroa dourada e, no macho, uma pluma vermelha ou negra capaz de matar com um olhar.

Capítulo 31

I: *Dríade*: Ninfas da Mitologia Grega associadas aos carvalhos. Quando a sua árvore era cortada ou morta, a divindade também morria.

Capítulo 34

I: *Tadmor*: Prisão localizada em Tadmur nos desertos da Síria conhecida pela severidade, abuso e tortura.

Capítulo 38

I: *Apoliom*: Termo grego que significa destruidor.

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2016 by Pedrazul Editora.
Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.
Primeira edição: Londres, 1853.
Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa,
Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Diretora editorial: Chirlei Wandekoken
Direção de arte: Eduardo Barbarioli
Pitura da capa: George P. A. Healy
Revisão: Coluna Criativa Comunicação & Assessoria Ltda
Textos originais em domínio público.

Brontë, Charlotte, 1816-1855.
B869v Villette / Charlotte Brontë ; tradução de Fernanda Martins
e Anaximandro Amorim ; – 2. ed. – Domingos Martins, ES :
Pedrazul Editora, 2016.

Título original: Villette

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo I. Título.
II. Martins, Fernanda. III. Amorim, Anaximandro. IV. Pereira, Luiz
Carlos C.
CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte
desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo
fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora,
conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA
Caixa Postal: 645

AGF Fernando Ferrari – Vitória/ES – CEP: 29075-010
www.pedrazuleditora.com.br
contato@pedrazuleditora.com.br

-
- [1] - Asseio pessoal. [N.E]
- [2] - Referência ao profeta Jonas: “O Senhor fez uma cabaça crescer para dar sombra para Jonas”. Ver apêndices.
- [3] - Bonn é uma cidade alemã. [N.E]
- [4] - Belas garotas, em alemão. [N.E]
- [5] - Coisa. [Em francês do original. N.E]
- [6] - A cidade fictícia de *Villette* – diminutivo da palavra francesa para “cidade” – cidade de mentira ou de miniatura, com pretensões de ser uma cidade real, está no fictício reino “grande” de “Labassecour” – o que significa, ridiculamente, “curral” ou “terreiro”.
- [7] - Mestras. [Em francês do original. N.E]
- [8] - Professores. [Em francês do original. N.E]
- [9] - Alunas. [Em francês do original. N.E]
- [10] - Para o inferno ou ao diabo. [Em francês do original. N.E]
- [11] - Felizmente eu posso ir para o meu mundo. [Em francês do original. N.E]
- [12] - Inglesa. [Em francês do original. N.E]
- [13] - Estrada. [Em francês do original. N.E]
- [14] - Escritório, departamento. [Em francês do original. N.E]
- [15] - O que faz? Esta mala é minha. [Em francês do original. Nota da Editora] (O que você está fazendo? Essa mala é minha! [Em francês do original. N.E]
- [16] - Internato para meninas. [Em francês do original. N.E]
- [17] - Mestra. [Em francês do original. N.E]
- [18] - Só mesmo as inglesas para esse tipo de expediente. [Em francês do original. N.E]
- [19] - São assim, intrépidas estas mulheres! [Em francês do original. N.E]
- [20] - Lá vamos para a oração da noite. [Em francês do original. N.E]
- [21] - Meu primo. [Em francês do original. N.E]
- [22] - E você, que diz? [Em francês do original. N.E]
- [23] - Muitas coisas. [Em francês do original. N.E]
- [24] - Governanta, mucama, empregada doméstica. [Em francês do original. N.E]
- [25] - Bem! Minha prima, que é sempre um bom trabalho! [Em francês do original. N.E]
- [26] - Boa noite. [Em francês do original. N.E]

- [27] - Fatia de pão ou torrada. [Em francês do original. N.E]
- [28] - Oração da noite. [Em francês do original. N.E]
- [29] - Nome da atual preceptora. [Em francês do original. N.E]
- [30] - Pessoa que vive as custas de outros. Parasita. [Em francês do original. N.E]
- [31] - Um cashmere verdadeiro. [Em francês do original. N.E]
- [32] - Quarto das crianças. [Em francês do original. N.E]
- [33] - Espécie de criada de quarto, dama de companhia, copeira, arrumadeira. [Em francês do original. N.E]
- [34] - Nascida. O nome de solteira de Madame Beck era Kint. [Em francês do original. N.E]
- [35] - Inglaterra. [Em francês do original. N.E]
- [36] - As inglesas. [Em francês do original. N.E]
- [37] - Pai-Nosso (oração). [N.E]
- [38] - Suave. [N.E]
- [39] - Sapatos silenciosos. [Em francês do original. N.E]
- [40] - Para os pobres. [Em francês do original. N.E]
- [41] - Caramanchão. [Em francês do original. N.E]
- [42] - Dias de saída. [Em francês do original. N.E]
- [43] - Espécie de biscoito e vinho branco. [Em francês do original. N.E]
- [44] - Pão. [Em francês do original. N.E]
- [45] - Biscoito com manteiga. [Em francês do original. N.E]
- [46] - Patamar, vestíbulo, figura geométrica quadrada, espécie de praça. [Em francês do original. N.E]
- [47] - Diga, portanto. Você se sente, realmente, muito incompetente? [Em francês do original. N.E]
- [48] - Para frente. [Em francês do original. N.E]
- [49] - Essas labassecouriennes são grossas, rudes, toscas e meio rebeldes. “Labassecouriennes” vem do antigo francês “labassecour”, propriedade rural. [Em francês do original. N.E]
- [50] - De fato. [Em francês do original. N.E]
- [51] - Jovem. [Em francês do original. N.E]
- [52] - Babá. [Em francês do original. N.E]
- [53] - Com o ar de nada. [Em francês do original. N.E]
- [54] - Tudo bem. [Em francês do original. N.E]
- [55] - Vai dar certo. [Em francês do original. N.E]
- [56] - Eu menti várias vezes. [Em francês do original. N.E]
- [57] - Meu Deus, como é difícil! Eu não quero isso! Isso me chateia muito. [Em francês no original. N.E]

- [58] - Porque, quando a senhora morrer, vai queimar imediatamente no inferno. [Em francês do original. N.E]
- [59] - Você acha? [Em francês do original. N.E]
- [60] - Claro que sim. Todo mundo sabe e, além do mais, foi o padre que me disse [em francês no original. N.E]
- [61] - Para assegurar a sua vida lá em cima, seria melhor queimá-la viva aqui embaixo [Em francês no original. N.E]
- [62] - Apática. [Em francês do original. N.E]
- [63] - Como assim? [Em francês do original. N.E]
- [64] - É o bastante. [Em francês do original. N.E]
- [65] - Furiosamente. [Em francês do original. N.E]
- [66] - Eles dizem. [Em francês do original. N.E]
- [67] - Belo, o mais bonito homem, mais bonito do que qualquer rapaz. [Em francês do original. N.E]
- [68] - Acompanhante. [Em francês do original. N.E]
- [69] - Faixa azul-celeste. [Em francês do original. N.E]
- [70] - Conjunto de joias (broche, brincos e pulseira). [Em francês do original. N.E]
- [71] - O cocheiro está lá para pegar a senhorita *Fanshawe*. [Em francês do original. N.E]
- [72] - Ouça. [Em francês do original. N.E]
- [73] - Ouça, querida rabugenta. [Em francês do original. N.E]
- [74] - Estreia na sociedade. [Em francês do original. N.E]
- [75] - Calouro, novato, principiante, inexperiente. [Em francês do original. N.E]
- [76] - De modo nenhum. [Em francês do original. N.E]
- [77] - Eu sou sua rainha, mas ele não é o meu rei. [Em francês do original. N.E]
- [78] - Irritada, nervosa, colérica... [Termo inglês do original. N.E]
- [79] - Burguês. [Em francês do original. N.E]
- [80] - Não gosto de pensadores e homens profundamente apaixonados. [Em francês do original. N.E]
- [81] - Prefiro os belos pedantes e os malandros bonitos! Viva a alegria e os prazeres! Abaixo as grandes paixões e as virtudes severas. [Em francês do original N.E]
- [82] - Adoro o meu belo coronel. [Em francês no original. N.E]
- [83] - Nunca gostarei do seu rival. Nunca serei mulher de burguês. [Em francês no original. N.E]
- [84] - O futuro deles. [Em francês do original. N.E]
- [85] - Cuidado, minha filha! [Em francês do origina. N.E]
- [86] - Que praga aquela Desiree! [Em francês do original. N.E]
- [87] - É o veneno essa criança! [Em francês do original. N.E]
- [88] - Desiree precisa de uma vigilância especial. [Em francês do original. N.E]

- [89] - Essa criança está com um osso quebrado. [Em francês do original. N.E]
- [90] - ... e que vão, imediatamente, buscar uma carruagem de aluguel. [Em francês do original. N.E]
- [91] - Será melhor. [Em francês do original. N.E]
- [92] - Obrigada senhora, muito bem, muito bem. Eis um sangue frio muito oportuno e que vale mil impulsos de sensibilidade deslocada. [Em francês do original. N.E]
- [93] - Livro mofado. (Supomos que a escolha desse nome seja mais um dos sarcasmos de Brontë). [N.E]
- [94] - Avó. [Em francês do original. NE]
- [95] - Naturalidade e abertura de uma boa mulher. [Em francês do original. NE]
- [96] - Pobre doutor John! [Em francês do original. NE]
- [97] - Esse querido jovem! A melhor criatura deste mundo! [Em francês do original. NE]
- [98] - O resto. [Em francês do original. NE]
- [99] - Enxaqueca. [Em francês do original. NE]
- [100] - Isso é tudo! [Em francês do original. NE]
- [101] - Fresca, brisa e Veneza. [Em francês do original. NE]
- [102] - Boa demais. [Em francês do original. NE]
- [103] - Internas. [Em francês do original. NE]
- [104] - Beco proibido. [Em francês do original. NE]
- [105] - Vejam só! Como está limpo, menina Lucy? Gosta deste beco, Miss? [Em francês do original. NE]
- [106] - De fato. [Em francês do original. NE]
- [107] - Para o vestido cinza. [Em francês do original. NE]
- [108] - Uma verdadeira hipócrita puritana, britânica, como você diz – um tipo de monstro, afiada, dura, áspera como um cabo velho de granadeiros e grosseira como uma freira. [Em francês do original. NE]
- [109] - Vestido cinza e chapéu de palha. [Em francês do original. NE]
- [110] - Que história! [Em francês do original. NE]
- [111] - Ninguém esteve lá. [Em francês do original. NE]
- [112] - A brisa da noite. [Em francês do original. NE]
- [113] - Que noite linda! [Em francês do original. NE]
- [114] - Como está bom! Que ar fresco! [Em francês do original. NE]
- [115] - Boa noite, minha boa amiga, durma bem! [Em francês do original. NE]
- [116] - Estudo da noite. [Em francês do original. NE]
- [117] - A leitura piedosa. [Em francês do original. NE]
- [118] - Cama com cortinado ou dossel. Da época do Rei Luís XIV. [NE]

- [119] - A criança ainda tem um pouco de febre. [Em francês do original. NE]
- [120] - Doutor John não a tem visto ultimamente? Não é? [Em francês do original. NE]
- [121] - Vou sair para fazer algumas compras. [Em francês do original. NE]
- [122] - Chapéu verde-suave. [Em francês do original. NE]
- [123] - Apesar de a mãe e o médico. [Em francês do original. NE]
- [124] - A moleca não tem nada, não é? [Em francês do original. NE]
- [125] - Não muito. [Em francês do original. NE]
- [126] - Muito bem. [Em francês do original. NE]
- [127] - Grisettes refere-se às mulheres da classe trabalhadora a partir do final do século XVII e permaneceu em uso até a Belle Époque. [NE]
- [128] - Ah! Isso! [Em francês do original. NE]
- [129] - Então na há nada lá: nenhum mistério, nenhum flerte, por exemplo. [Em francês do original. NE]
- [130] - Nada além do que está na minha mão. [Em francês do original. NE]
- [131] - Que pena! [Em francês do original. NE]
- [132] - E eu que já estava cheia de ideias. [Em francês do original. NE]
- [133] - De fato. Faz parte dos seus honorários. [Em francês do original. NE]
- [134] - Sei muito bem que ela não tem princípios nem, talvez, modos. Sua postura em sala de aula é sempre conveniente e cheia até de uma certa dignidade. É tudo o que se precisa. Nem os alunos nem os pais olham além. Nem eu, conseqüentemente. [Em francês do original. NE]
- [135] - Mateus 4:8-9. Bíblia. [NE]
- [136] - Pois bem! Duas ou três colheres e o mesmo tanto de garfos de prata. [Em francês no original. NE]
- [137] - Fala de forma impressionista e carente de detalhes, teatral demais. [Dicionário Português. NE]
- [138] - Escute. [Em francês do original. NE]
- [139] - Vocês não passam, então, de bonecas? Vocês não têm paixões? Vocês não têm sentimentos? Vocês são frias como gelo, com um coração de pedra. Eu quero que tudo se incendeie, que haja uma vida, uma alma! [Em francês no original. NE]
- [140] - Cabeleireiro com uma pia ou bacia. [Em francês do original. NE]
- [141] - Batistério. [Em francês do original. NE]
- [142] - Costureira. [Em francês do original. NE]
- [143] - Tão triste. Quase imperceptível. [Em francês do original. NE]
- [144] - A conveniência e decência. [Em francês do original. NE]

- [145] - Mulheres maduras. [Em francês do original. NE]
- [146] - Quanto à senhorita Pierre, ela tem cara de velha cocota que se faz de ingênua [Em francês do original. NE]
- [147] - Devaneio. [Em francês do original. NE]
- [148] - É isso. Eu a conheço; é a inglesa. Por mais que ela seja inglesa e, conseqüentemente, pudica, ela vai fazer o serviço, ou eu saberei por quê. [Em francês do original. NE]
- [149] - Meios. [Em francês do original. NE]
- [150] - Afetações. [Em francês do original. NE]
- [151] - Peça de teatro de variedades. [Em francês do original. NE]
- [152] - Vil amor próprio. [Em francês do original. NE]
- [153] - Deus sabe que eu os odiava como a peste, normalmente. [Em francês do original. NE]
- [154] - Sim. [Em francês do original. NE]
- [155] - Rapidamente ao trabalho. [Em francês do original. NE]
- [156] - Assim será. [Em francês do original. NE]
- [157] - Eu ouvi tudo! Está muito bom. Mais uma vez! [Em francês do original. NE]
- [158] - E chega de cara feia. Abaixo a timidez! [Em francês do original. NE]
- [159] - Finalmente, ela sabe. [Em francês do original. NE]
- [160] - Está bem. O que há, senhorita? [Em francês do original. NE]
- [161] - Ah! De fato! [Em francês do original. NE]
- [162] - Que seja, melhor assim! [Em francês do original. NE]
- [163] - Ordem! Silêncio! [Em francês do original. NE]
- [164] - Minha querida amiga, inglesa bonita. [Em francês do original. NE]
- [165] - Coragem, minha amiga! Um pouco de sangue frio... alguma altivez, Lucien, e tudo ficará bem. [Em francês do original. NE]
- [166] - Essa magnífica jovem de olhos negros vivos. [Em francês do original. NE]
- [167] - Calem-se. Vocês não vão passar, a menos que seja sobre o meu cadáver, e não dançareis senão com a “freirinha” do jardim. [Em francês do original. NE]
- [168] - Saia, saia o mais rápido possível. [Em francês do original. NE]
- [169] - É o próprio. [Em francês do original. NE]
- [170] - Burguês. [Em francês do original. NE]
- [171] - Apenas isto: eu não o quero. [Em francês do original. NE]
- [172] - Assim... Vai sentar-se no trono como uma rainha amanhã... sentar-se no trono ao meu lado? Sem dúvida

já saboreia as delícias da autoridade. Creio que vejo um não sei o quê de radioso, sua pequena ambiciosa! [Em francês do original. NE]

[173] - Uma de suas belezas. [Em francês do original. NE]

[174] - Está difícil, Monsieur. [Em francês do original. NE]

[175] - The Sun, the moon and the stars: o Sol, a Lua e as estrelas. Monsieur pronunciou mal as palavras em inglês. [Em francês do original. NE]

[176] - Dá-me a tua mão. [Em francês do original. NE]

[177] - Coitadinha! [Em francês do original. NE]

[178] - Estrada. [Em francês do original. NE]

[179] - Cidade Baixa. [Em francês do original. NE]

[180] - Costeletas de carneiro. [Em francês do original. NE]

[181] - Comunidade religiosa de mulheres. [Em francês do original. NE]

[182] - Uma peça magnífica. [Em francês do original. NE]

[183] - Tão dignos, amigáveis e respeitáveis. [Em francês do original. NE]

[184] - Seu castelo, senhora minha mãe, digna castelã. [Em francês do original. NE]

[185] - Obra-prima. [Em francês do original. NE]

[186] - O que você está fazendo aqui? [Em francês do original. NE]

[187] - Senhor, eu estou me divertindo. [Em francês do original. NE]

[188] - Você está se divertindo? E com quê, por favor? Mas, primeiro dê a honra de se levantar daí; tome meu braço e vamos para o outro lado. [Em francês do original. NE]

[189] - Essas inglesas são mulheres singulares! [Em francês do original. NE]

[190] - Cale-se e sente-se lá. [Em francês do original. NE]

[191] - Mas, senhorita, sente-se e não se mexa, até que a venham buscar ou que eu lhe dê autorização, ouviu? [Em francês do original. NE]

[192] - A Vida de uma mulher. [Em francês do original. NE]

[193] - Realmente! Você vale pouca coisa. [Em francês do original. NE]

[194] - Isso não vale nada! Uma mulher estupenda, com postura de imperatriz, formas de Juno, mas alguém que eu não quereria nem como mulher, nem como filha, nem como irmã. Não olhe mais para esse quadro de Cleópatra! [Em francês do original. NE]

[195] - Um tipo voluptuoso. [Em francês do original. NE]

[196] - Para beneficiar os pobres. [Em francês do original. NE]

[197] - Robe, roupão. [Em francês do original. NE]

- [198] - Mulher magra, esbelta, do francês sylphide. [Em francês do original. NE]
- [199] - Rosa e branco. [Em francês do original. NE]
- [200] - Obra de Oliver Goldsmith (1728 a 1774), médico e escritor irlandês. [NE]
- [201] - Espécie de segundo café da manhã. [NE]
- [202] - Falsa Isabela. [Em francês do original. NE]
- [203] - Perverso. [Em francês do original. NE]
- [204] - Tapa. [Em francês do original. NE]
- [205] - Comerciante de vinhos. [Em francês do original. NE]
- [206] - Senhorita, você está triste? [Em francês do original. NE]
- [207] - Senhor, eu tenho o direito. [Em francês do original. NE]
- [208] - Você é doente do coração e do humor. [Em francês do original. NE]
- [209] - Como a senhorita é aplicada! [Em francês do original. NE]
- [210] - A expressão vem da palavra bluestocking (sabichona). [NE]
- [211] - Calçada dos Gigantes, na Irlanda. A autora se referia a um tipo de pavimento hexagonal. [NE]
- [212] - Anjo selvagem. [Em francês do original. NE]
- [213] - Filhote de urso, ursinho. [Em francês do original. NE]
- [214] - Indiferente. [Em francês do original. NE]
- [215] - Aqui para você. [Em francês do original. NE]
- [216] - Boudoir (boduár) [Fr] toucador; quarto de vestir adornado com requinte. Alcova [Em francês do original. NE]
- [217] - Supervisora, fiscal [Em francês do original. NE]
- [218] - Grã-Bretanha. [Em francês do original. NE]
- [219] - Você tem a intenção de me insultar? [Em francês do original. NE]
- [220] - Vamos, vamos! [Em francês do original. NE]
- [221] - Não é? [Em francês do original. NE]
- [222] - Juventude tem apenas uma vez. Eu entendo, eu entendo: ninguém sabe o que é ter um amigo. Boa tarde, senhorita. [Em francês do original. NE]
- [223] - Eu vejo você rindo de mim e das minhas coisas. [Em francês do original. NE]
- [224] - Certamente, querida, você terá duas, se quiser. [Em francês do original. NE]
- [225] - Cara amassada. [Em francês do original. NE]
- [226] - Relativo à semana; que se realiza toda semana. [Dic. Port. NE]
- [227] - Um astuto. [Em francês do original. NE]
- [228] - Lago, ou lagoa cercado por árvores. [Em francês do original. NE]

- [229] - Deusa da juventude na Mitologia Grega. [NE]
- [230] - Um arcanjo decaído, um demônio inferior. [Fonte: “Dic. Dos Anjos”, Gustav Davidson (1967). NE]
- [231] - “... estão à sua espera na sala.” [Em francês do original. NE]
- [232] - Estrela mais brilhante. Pode ser vista a partir de qualquer ponto da Terra. [NE]
- [233] - Acompanhante. [Em francês do original. NE]
- [234] - A autora se referia à *Phillis Wheatley*, uma negra que se tornou escritora. [NE]
- [235] - Ambiente. [Do francês no original. NE]
- [236] - “Em relação ao João Grande” [Do francês no original. NE]
- [237] - ... no lugar do gordo John? “John Anderson”! Oh meu Joe, John! [Em francês do original. NE]
- [238] - Cerveja com especiarias de maçãs e açúcar. Bebida dos dias festivos. [NE]
- [239] - Taça com a cerveja. [NE]
- [240] - Aos bons velhos tempos. [NE]
- [241] - Juntos na água do rio; tomamos o mesmo banho. Porém, o mar nos separou, desde os bons e velhos tempos. Hei de beber no teu copo. Eu no meu, que outro não tenho. Velhos amigos que somos. Desde então. [NE]
- [242] - Passos de fada ou de fantasia. [Em francês do original. NE]
- [243] - Pãezinhos. [Em francês do original. NE]
- [244] - Sim, sim, minha boa amiga: autorizo-a com sinceridade e agrado. O seu trabalho na minha casa tem sido sempre admirável, pleno de zelo e discrição; tem todo o direito a divertir-se. Saia quando quiser. Quanto à escolha das suas amigadas, estou satisfeita, é inteligente, digna e louvável. [Em francês no original. NE]
- [245] - Há qualquer coisa muito notável no caráter inglês. [Em francês do original. NE]
- [246] - Não saberia dizer-lhe como, mas, enfim, os ingleses têm as suas ideias, quanto à amizade, ao amor, quanto a tudo. Mas, pelo menos, não é preciso vigiá-los. [Em francês do original. NE]
- [247] - ... que é o que vou fazer. [Em francês do original. NE]
- [248] - Desagradável. [Em francês do original. NE]
- [249] - Cavaleiro. [Em francês do original. NE]
- [250] - Cidade da Escócia e importante porto do Mar do Norte. [NE]
- [251] - Nas nuvens, leviana. [Em francês do original. NE]
- [252] - Dedicção. [Em francês do original. NE]
- [253] - Recolhimento. [Em francês do original. NE]
- [254] - Praga. [Em francês do original. NE]
- [255] - Sagrado. [Em francês do original. NE]
- [256] - Antiga imprecação francesa, correspondente a maldição. [Em francês do original. NE]

- [257] - A Ação de Menina. [Em alemão no original. NE]
- [258] - ... Eu tenho vivido e amado. [Em alemão no original. NE]
- [259] - Ateneu. [Em francês do original. NE]
- [260] - O que achou? [Em francês do original. NE]
- [261] - Figurões [Em frances do original. NE]
- [262] - Gatinha dengosa e bonita! Está com um ar muito triste, submissa, sonhadora, mas você não é. Eu é que digo que é selvagem! O brilho dos seus olhos são como relâmpagos da chama da sua alma. [Em francês do original. NE]
- [263] - Sim, tenho a chama na alma e devo tê-la. [Em francês do original. NE]
- [264] - Esse inglês grande e presumido. [Em francês do original. NE]
- [265] - Perdoo-lhe, meu amigo. [Em francês do roriginal. NE]
- [266] - Bem, o dia vai, por fim, despontar! Diga, então, “meu amigo”. [Em francês do original. NE]
- [267] - Senhor Paul, eu o perdoo! [Em francês do original. NE]
- [268] - Meu Deus! Meu Deus! O que vai ser de mim? O senhor vai matar-me, tenho a certeza; ele está furioso! [Em francês do original. NE]
- [269] - A partir deste momento, a sala está interdita! A primeira que abrir essa porta ou passar por esta divisão será enforcada; nem que seja a própria Madame *Beck*! [Em francês do original. NE]
- [270] - Quero o impossível das coisas inauditas. [Em francês do original. NE]
- [271] - Pronto, eis-me viúvo dos meus óculos [Em francês do original. NE]
- [272] - Uma mulher forte, uma inglesa terrível, um lanchinho. [Em francês do original. NE]
- [273] - Grande imperador. [Em francês do original. NE]
- [274] - Não se mova. [Em francês do original. NE]
- [275] - Não me quer por vizinho? Dar-se ares de casta? Trata-me como um pária? Que seja! Vou arranjar as coisas! [Em francês do original. NE]
- [276] - Meninas, todas de pé! [Em francês do original. NE]
- [277] - A distância é suficiente? [Em francês do original. NE]
- [278] - O senhor é que sabe. [Em francês do original. NE]
- [279] - Sabe muito bem que não! Foi a menina que criou este vazio imenso: eu não tenho nada a ver com isso. [Em francês do original. NE]
- [280] - Um drama de William Shakespeare: o falso deus; dos ingleses, esses pagãos. Idiotas. [Em francês do original. NE]
- [281] - Acesso de fúria. [Em francês do original. NE]
- [282] - Calor. [Em francês do original. NE]

- [283] - Colarinho bordado. [Em francês do original. NE]
- [284] - Bugiganga a mais? [Em francês do original. NE]
- [285] - Maneiras mundanas. [Em francês do original. NE]
- [286] - Tecido grosseiro de lã, cujos hábitos das religiosas eram feito, assim como as roupas de luto. [NE]
- [287] - Poeira cinzenta. [Em francês do original. NE]
- [288] - Você pode manter a fita. [Em francês do original. NE]
- [289] - Para provar um pouco de prazer. [Em francês do original. NE]
- [290] - Serpente com uma coroa dourada e, no macho, uma pluma vermelha ou negra capaz de matar com um olhar. [NE]
- [291] - Isso é tudo? [Em francês do original. NE]
- [292] - Mapa do mundo. [Em francês do original. NE]
- [293] - Viva Inglaterra, história e heróis! Abaixo a França, ficção e canalhas... [Em francês do original. NE]
- [294] - Então eu não vou estar lá. [Em francês do original. NE]
- [295] - Que seja. [Em francês do original. NE]
- [296] - ... eu te odiava, meu menino. [Em francês do original. NE]
- [297] - Então, é um fato consumado. [Em francês do original. NE]
- [298] - *Mademoiselle*, que bonito é este jovem doutor! Que olhos, que olhar! Ufa! Ah! Meu coração bateu mais forte. [Em francês do original. NE]
- [299] - Esta moça descarada, esta criatura sem pudor. [Em francês do original. NE]
- [300] - Ela apenas disse a verdade. [Em francês do original. NE]
- [301] - Ah, acha que sim? [Em francês do original. NE]
- [302] - Mas, sem dúvida. [Em Francês do original. NE]
- [303] - Aberração em Latim. [NE]
- [304] - Isso não me diz respeito; não me preocupo com isso. [Em francês no original. NE]
- [305] - Pequena gulosa. [Em francês do original. NE]
- [306] - Orgulho dos diabos! [Em francês do original. NE]
- [307] - Eu posso te ver. [Em francês do original. NE]
- [308] - Costureirinha. [Em francês do original. NE]
- [309] - Eu aconselho você a rezar. [Em francês do original. NE]
- [310] - O que é? Você está me enganando? [Em francês do original. NE]
- [311] - Ah! É o vestido cor-de-rosa. [Em francês do original. NE]
- [312] - E a *Mademoiselle Lucy* é coquete como dez parisienses. [Em francês do original. NE]
- [313] - Onde já se viu uma inglesa assim? Olhem então para o chapéu, as luvas e para os sapatinhos dela! [Em

francês do original. NE]

[314] - Coragem! Na verdade, eu não estou zangado, talvez até esteja contente por estar bonita para a minha festinha. [Em francês do original. NE]

[315] - Mas o meu vestido não é bonito, Monsieur, está apenas limpo. [Em francês do original. NE]

[316] - Gosto da limpeza. [Em francês do original. NE]

[317] - Donas de casas avarentas. [Em francês do original. NE]

[318] - Dá-me a tua mão! [Em francês do original. NE]

[319] - Irmanzinha. [Em francês do original. NE]

[320] - No entanto, eu tenho sido muito duro com você, exigente. [Em francês do original. NE]

[321] - Onde está a senhorita Lucy? [Em francês do original. NE]

[322] - Ela está na cama. [Em francês do original. NE]

[323] - Confusão, intriga. [Em francês no original. NE]

[324] - Prisão localizada em Tadmur nos desertos da Síria conhecida pela severidade, abuso e tortura. [NE]

[325] - Quarto de uma senhora, quarto de vestir, sala de estar... [NE]

[326] - Ela é engraçada, não é? [Em francês do original. NE]

[327] - Oh! Oh, que magrelinha tão esquisita! [Em francês do original. NE]

[328] - Especialmente os professores. E boa noite! [Em francês do original. NE]

[329] - Eu não sei nada disso. [Em francês do original. NE]

[330] - Agimos no interesse da verdade. Não queremos magoá-la. [Em francês do original. NE]

[331] - Uma pequena trocista e sem coração. [Em francês do original. NE]

[332] - E a Mademoiselle é muita arrumadinha e fresquinha e, ainda por cima, horrivelmente insensível. [Em francês do original. NE]

[333] - Eu vivo em um buraco. [Em francês do original. NE]

[334] - Faço a minha cama e limpo a minha casa. [Em francês do original. NE]

[335] - Em seguida. [Em francês do original. NE]

[336] - O que é que há? [Em francês do original. NE]

[337] - Não é verdade? [Em francês do original. NE]

[338] - Desastrada. [Em francês do original. NE]

[339] - Então diga, irmanzinha. [Em francês no original. NE]

[340] - Ah, isso está me machucando! [Em francês no original. NE]

[341] - Maria Rainha do Céu! [Em francês do original. NE]

[342] - Espirituosa e graciosa. [Em francês no original. NE]

- [343] - O Príncipe, o Professor e a Águia, de Amina Shah. O terceiro volume da coleção “Contos da Arábia”, reúne cinco histórias. “O Sonho de Alnaschar” e “O Aprendiz de Alfaiate” que tratam de nossas relações com os sonhos. [Nota da Editora]
- [344] - O descanso é doce! A calma felicidade é preciosa. [Em francês no original. NE]
- [345] - Amiguinha querida! Doce consoladora! [Em francês no original. NE]
- [346] - Termo grego que significa destruidor e em hebraico [Apocalipse 9:11. NE]
- [347] - Como está pálida! Está doente, *Mademoiselle*! [Em francês do original. NE]
- [348] - Onde eles estão? Por que eles não vêm. [Do francês do original. NE]
- [349] - Aí vem ela! Justine Marie está chegando! [Em francês do original. NE]
- [350] - A menina vai me ajudar, não vai? [Em francês do original. NE]
- [351] - Mas, sim, eu vou te ajudar com todo o meu coração. Fará de mim o que quiser, meu padrinho. [Em francês do original. NE]
- [352] - Mulher! Mulher! Saia imediatamente! [Em francês no original. NE]
- [353] - Está muito pálida. Esse semblante deixa-me aflito. [Em francês no original. NE]
- [354] - Delicadamente, delicadamente. [Em francês do original. NE]
- [355] - Fique tranquila. [Em francês do original. NE]
- [356] - “Externato de meninas. Número 7, Faubourg Clotilde. Diretora, *Mademoiselle* Lucy Snowe.” [Em francês no original. NE]